U.PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

BIENAL DE CERVEIRA (1978 a 2007)

Memória e Singularidade

Margarida Maria Moreira Barbosa Leão Pereira da Silva

VOLUME I
DOUTORAMENTO EM ARTE E DESIGN

Orientadora
Professora Doutora Maria de Fátima Lambert Alexandrino Alves de Sá
Instituto Politécnico do Porto – Escola Superior de Educação

Coorientador
Professor Doutor João Adriano Fernandes Rangel
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO
Porto, 2018

ADVERTÊNCIA

Em seguida, mencionam-se os créditos fotográficos/vídeo das reportagens das diferentes BIAC abordadas nesta Tese, e de acordo com os elementos disponíveis em arquivo:

Encontros Internacionais de Arte e I, II, III, IV, V BIAC – reportagem fotográfica e de vídeo: Ursula Zangger;

VI BIAC – não existe em arquivo qualquer informação;

VII e VIII BIAC - reportagem fotográfica Jorge Coelho; reportagem vídeo Henrique Silva e Margarida Leão;

IX BIAC – reportagem fotográfica Jorge Coelho e Manuel Morais; reportagem vídeo Henrique Silva

X BIAC – reportagem fotográfica José Luís Braga; reportagem vídeo Henrique Silva

XI – BIAC – reportagem fotográfica Jorge Gandra; reportagem vídeo Henrique Silva

XII – reportagem fotográfica Tiago Assis; reportagem vídeo Benedita Camacho

XIII – reportagem fotográfica Benedita Camacho; reportagem vídeo Mariana Bacelar

XIV – reportagem fotográfica Manuel Morais; reportagem vídeo Vítor Pedrosa

PARTE II – reportagem fotográfica Henrique Silva e Margarida Leão; reportagem vídeo Henrique Silva e Paulo Soares

Os créditos fotográficos de todas as imagens respeitantes às obras premiadas que estão reproduzidas nesta Tese, pertencem a Jorge Coelho, que fotografou todo o espólio das BIAC.

AGRADECIMENTOS

No cumprimento deste desafio muitos contribuíram com a sua assistência, encorajamento e cooperação. Aos meus orientadores, Professora Doutora Maria de Fátima Lambert e Professor Doutor Adriano Rangel, o meu reconhecimento pelo interesse e empenho com que acompanharam este trabalho investigativo, pelas suas preciosas sugestões, comentários e críticas pertinentes. Não sendo possível nomear todos, um agradecimento muito especial aos artistas que generosamente se dispuseram a prestar os seus testemunhos, sem esquecer as minhas colegas Filipa Cruz, Maria Regina, Maria Adelina e Ângela, pelo companheirismo e apoio. Agradeço também à Fundação de Arte Bienal de Cerveira pelo apoio logístico que me dispensou. Um muito obrigada à minha família e aos meus amigos, pela preocupação e alento que sempre me demonstraram. Uma palavra em especial ao Henrique Silva, meu companheiro, pela sua compreensão, pelas muitas vezes em que necessitava de mim e eu, mesmo ao seu lado, estava ausente. Sem ele, não teria conseguido atingir este objetivo a que me tinha proposto. Finalmente, uma menção a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, foram testemunhas silenciosas no decorrer desta Tese.

RESUMO

Muitos investigadores nacionais e internacionais têm realçado a falta de interesse da Arte Portuguesa pela memória recente do nosso país. Entre outras, uma análise ao passado recente da produção artística nacional permite de imediato dar pela quase ausência de qualquer narrativa sobre a Bienal de Cerveira, apesar de se poder considerar esta como um marco da cultura artística contemporânea Portuguesa.

BIENAL DE CERVEIRA (1978-2007) – *Memória e Singularidade* pretende ser um estudo que revisita as edições da Bienal Internacional de Arte de Cerveira (a designar em todo o texto desta Tese pelo acrónimo BIAC) de 1978 a 2007, entendido este lapso de tempo como um ciclo, na medida em que, com a criação da Fundação Bienal de Arte de Cerveira, a organização do evento passa a ser da responsabilidade dessa fundação, onde a representação de artistas é muito reduzida.

O presente trabalho descreve a compilação de dados de vinte e nove anos da Bienal de Cerveira, contextualizando o evento no âmbito da arte contemporânea e caracterizando os fatores da sua singularidade, por comparação com eventos congéneres, analisados os seus aspetos distintivos, tais como modelo organizativo – uma organização por artistas – e a programação paralela com práticas oficinais, avaliando o impacto cultural, dentro e fora da região, nomeadamente através do que foi a constituição de um acervo, de acesso público.

Construiu-se uma narrativa que permita dar a conhecer uma panorâmica sobre a génese da Bienal e alterações na metodologia da sua organização e programação, integrando atividades paralelas (*ateliers* livres, *workshops* e simpósios), recorrendo a material de arquivo, testemunhos de artistas participantes e relatos de experiências pessoais, como evidências do rasto do trabalho na comunidade envolvente nesse período de tempo.

PALAVRAS CHAVE

BIAC, Memória, Singularidade

ABSTRACT

Many national and international researchers have highlighted the lack of interest of the Portuguese Art for the recent memory of our country. Among others, an analysis of the recent past of the national artistic production enables to immediately notice the almost absence of any narrative about the Biennial of Cerveira, although it can be considered as a landmark of the contemporary Portuguese artistic culture.

BIENNIAL OF CERVEIRA (1978-2007) – *Memory and Singularity* aims at being a study that revisits the editions of the International Art Biennial of Cerveira (to be referred to, throughout the text of this thesis, by the acronym BIAC) from 1978 to 2007, this period of time being understood as a cycle, since, with the creation of the Foundation Biennial of Cerveira Art, the organization of the event becomes to be of the responsibility of this foundation, with a very reduced representation of the artists.

This work describes the data compilation of twenty-nine years of the Biennial of Cerveira, setting the event in the context of the contemporary art and characterizing the factors of its singularity, by comparison with similar events, analyzing its distinctive features, such as its organizational model – an organization by artists – and its parallel programme with *workshops*, assessing the cultural impact, inside and outside the region, namely through the constitution of a collection of art works, of public access.

A narrative was created to provide an overview of the creation of the Biennial and the changes in the methodology of its organization and programme, including parallel activities (free workshops, workshops and symposia), resorting to material of archive, testimonies of participating artists and reports of personal experiences as evidence of the track of the work in the surrounding community in that period of time.

KEYWORDS

BIAC, Memory, Singularity

Ao Henrique e a alguém que não está cá

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO 17

I. ÂMBITO, OBJETO DE ESTUDO, OBJETIVOS,
METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO – BIENAIS 18

II. METODOLOGIA APLICADA – LIFE-WRITING 27

III. A MEMÓRIA HISTÓRICA COMO PARADIGMA DE PESQUISA 32

IV. ESTRUTURA E CONTEÚDOS DO DOCUMENTO 35

PARTE I 37

O ACONTECIMENTO BIENAL 38

PERSPETIVAS E MODOS DAS MOSTRAS INTERNACIONAIS DE ARTE – AS BIENAIS HISTÓRICAS – VENEZA E SÃO PAULO

1.0 NOTA INTRODUTÓRIA 41

1.1 A BIENAL DE VENEZA 41

1.2 A BIENAL DE SÃO PAULO E SEUS ANTECEDENTES 45

1.3 O FENÓMENO BIENAL E OS ANOS 70 50

1.4 AS ARTES PLÁSTICAS EM PORTUGAL – ANOS 50 e 60 54

1.5 DÉCADA DE 50 55

1.6 DÉCADAS DE 60/70 57

1.7 ANTES DA REVOLUÇÃO DE ABRIL:
Notícias de Fora 59

1.8 OS ENCONTROS INTERNACIONAIS DE ARTE:
Quando vieram os de fora 64

1.9 EM VILA NOVA DE CERVEIRA, PORQUÊ? 69

1.10 EGÍDIO ÁLVARO, JAIME ISIDORO, GRUPO ALVAREZ:
Contributos para a Bienal 71

1.11 SÍNTESE PARCIAL 74

PARTE II 75

HISTÓRICO CRONOLÓGICO

AS BIENAIS DE CERVEIRA 1978 A 2007 76

MEMÓRIA E SINGULARIDADE

2.0 I BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 79

2.1 NOTA PRÉVIA 80

2.2 NOTA INTRODUTÓRIA 81

2.3 ORGANIZAÇÃO 82

2.4 CONTEÚDOS 85

2.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 87
2.6 DADOS ESTATÍSTICOS 97
2.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 98
2.8 SÍNTESE PARCIAL 99

3.0 II BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 101
3.1 NOTA INTRODUTÓRIA 104
3.2 ORGANIZAÇÃO 105
3.3 CONTEÚDOS 109
3.4 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 114
3.5 DADOS ESTATÍSTICOS 122
3.6 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 123
3.7 SÍNTESE PARCIAL 123

4.0 III BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 125
4.1 NOTA INTRODUTÓRIA 128
4.2 ORGANIZAÇÃO 128
4.3 CONTEÚDOS 132
4.4 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 137
4.5 DADOS ESTATÍSTICOS 141
4.6 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 142
4.7 SÍNTESE PARCIAL 143

5.0 IV BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 145
5.1 NOTA INTRODUTÓRIA 148
5.2 ORGANIZAÇÃO 149
5.3 CONTEÚDOS 152
5.4 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 158
5.5 DADOS ESTATÍSTICOS 162
5.6 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 162
5.7 SÍNTESE PARCIAL 163

6.0 V BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 165
6.1 NOTA INTRODUTÓRIA 168
6.2 ORGANIZAÇÃO 169

6.3. CONTEÚDOS 175
6.4 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 180
6.5 DADOS ESTATÍSTICOS 182
6.6 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 183
6.7 SÍNTESE PARCIAL 183

7.0 VI BIENAL INTERNACIONAL 185
7.1 NOTA INTRODUTÓRIA 188
7.2 ORGANIZAÇÃO 188
7.3 CONTEÚDOS 193
7.4 DADOS ESTATÍSTICOS 196
7.5 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 196
7.6 SÍNTESE PARCIAL 197

8.0 1990 – PRIMEIRO ADIAMENTO 199

9.0 VII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 209
9.1 NOTA INTRODUTÓRIA 212
9.2 PREPARAÇÃO 212
9.3 ORGANIZAÇÃO 215
9.4 CONTEÚDOS 219
9.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 226
9.6 DADOS ESTATÍSTICOS 230
9.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 231
9.8 SÍNTESE PARCIAL 231

10.0 1994 – SEGUNDO ADIAMENTO 233

11.0 VIII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 245
11.1 NOTA INTRODUTÓRIA 248
11.2 PREPARAÇÃO 249
11.3 ORGANIZAÇÃO 250
11.4 CONTEÚDOS 259
11.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 262
11.6 DADOS ESTATÍSTICOS 268

11.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 270
11.8 FLAGRANTES DA BIENAL 271
11.9 SÍNTESE PARCIAL 271

12.0 IX BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 273
12.1 NOTA INTRODUTÓRIA 276
12.2 PREPARAÇÃO 276
12.3 ORGANIZAÇÃO 279
12.4 CONTEÚDOS 289
12.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 291
12.6 DADOS ESTATÍSTICOS 314
12.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 316
12.8 FLAGRANTES DA BIENAL 317
12.9 SÍNTESE PARCIAL 317

13.0 X BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 319
13.1 NOTA INTRODUTÓRIA 322
13.2 PREPARAÇÃO 323
13.3 ORGANIZAÇÃO 330
13.4 CONTEÚDOS 339
13.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 347
13.6 DADOS ESTATÍSTICOS 365
13.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 367
13.8 FLAGRANTES DA BIENAL 368
13.9 SÍNTESE PARCIAL 369

14.0 XI BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 371
14.1 NOTA INTRODUTÓRIA 374
14.2 PREPARAÇÃO 375
14.3 ORGANIZAÇÃO 377
14.4 CONTEÚDOS 384
14.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 385
14.6 DADOS ESTATÍSTICOS 411
14.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 414
14.8 FLAGRANTES DA BIENAL 414
14.9 SÍNTESE PARCIAL 415

15.0 XII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 417
15.1 NOTA INTRODUTÓRIA 420
15.2 PREPARAÇÃO 421
15.3 ORGANIZAÇÃO 426
15.4 CONTEÚDOS 433
15.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 436
15.6 DADOS ESTATÍSTICOS 457
15.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 459
15.8 FLAGRANTES DA BIENAL 460
15.9 SÍNTESE PARCIAL 461

16.0 XIII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 463
16.1 NOTA INTRODUTÓRIA 466
16.2 PREPARAÇÃO 467
16.3 ORGANIZAÇÃO 470
16.4 CONTEÚDOS 488
16.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 492
16.6 DADOS ESTATÍSTICOS 513
16.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 515
16.8 FLAGRANTES DA BIENAL 516
16.9 SÍNTESE PARCIAL 517

17.0 XIV BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE 519
17.1 NOTA INTRODUTÓRIA 522
17.2 PREPARAÇÃO 522
17.3 ORGANIZAÇÃO 525
17.4 CONTEÚDOS 539
17.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES 548
17.6 DADOS ESTATÍSTICOS 588
17.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO 590
17.8 FLAGRANTES DA BIENAL 591
17.9 SÍNTESE PARCIAL 592

PARTE III 593
18.0 UM OLHAR SOBRE OS WORKSHOPS E SIMPÓSIOS 595
18.1 NOTA INTRODUTÓRIA 597
18.2 *WORKSHOP* DE DESENHO 598
18.3 *WORKSHOP* GRAVURA / LITOGRAFIA 599
18.4 SIMPÓSIO "ENCONTRO COM O GRANITO" 602
18.5 SIMPÓSIO ESCULTURA CERÂMICA 607
18.6 *WORKSHOP* DE PINTURA TAYLORS 617
18.7 *WORKSHOP* DESENHO MODELO VIVO 619
18.8 *WORKSHOP* DE FOTOGRAFIA 621
18.9 *WORKSHOP* GRAVURA DIGITAL GRAVURA TRADICIONAL 622
18.10 *WORKSHOP* DE RESINAS – em Cerveira as vacas são cervos 626
18.11 SÍNTESE PARCIAL 630

PARTE IV 631
19.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS 633
BIBLIOGRAFIA 643
ÍNDICE DE ABREVIATURAS 665
ÍNDICE DE FIGURAS 666
ÍNDICE DE GRÁFICOS 682
ÍNDICE DE QUADROS 683

LISTA DE SIGLAS

AICA	Associação Internacional de Críticos de Arte
AJHLP	Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto
ARCA	Associação Regional de Cultura e Arte
ARCA – EUAC	Escola Universitária das Artes de Coimbra
ArCo	Centro de Arte e Comunicação Visual
ASF- INT	Arquitetura sem Fronteiras Internacional
BIAC	Bienal Internacional de Arte de Cerveira
BPA	Banco Português do Atlântico
BPI	Banco Português de Investimento
BSP	Bienal de São Paulo
BV	Bienal de Veneza
CAPC	Circulo de Artes Plásticas de Coimbra
CCG	Centro de Computação Gráfica
CFC	Comissão de Festas do Concelho
CMVNC	Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira
CPF	Centro Português de Fotografia
CRTAM	Comissão Regional de Turismo do Alto Minho
CTT	Correios, Telegrafos, Telefones
DST	Domingos da Silva Teixeira, S.A
EIA	Encontros Internacionais de Arte
EPOA	Escola Profissional de Artes e Ofícios
ESAD	Escola Superior de Artes e Design – Matosinhos
ESAD-CR	Escola Superior de Artes e Design – Caldas da Rainha
ESAP	Escola Superior Artística do Porto
ESBAL	Escola Superior de Belas Artes de Lisboa
ESBAP	Escola Superior de Belas Artes do Porto
ESE/IPVC	Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Viana do Castelo
ESG	Escola Superior Gallaecia
ESMAE	Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo
ETAP	Escola Profissional
FAOJ	Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis
FBAB	Faculdade de Belas Artes de Bucareste
FBAC	Fundação Bienal de Arte de Cerveira

FBAPV	Faculdade de Belas Artes de Pontevedra
FBAUL	Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
FBAUP	Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
FCG	Fundação Calouste Gulbenkian
FDTI	Fundação para a Divulgação das Tecnologias de Informação
FECml	Frente Eleitoral de Comunistas Marxista – Leninista
FIL	Feira Internacional de Lisboa
GNR	Grupo Novo Rock
IAC	Instituto de Arte Contemporânea
INEGI	Instituto de Ciência e Inovação em Engenharia Mecânica e Gestão Industrial
IPDJ	Instituto Português do Desporto e Juventude
IPJ	Instituto Português da Juventude
ITP	Instituto do Turismo de Portugal
JN	Jornal de Notícias
LAVNC	Liga dos Amigos de Vila Nova de Cerveira
MRPP	Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado
MTC	Museu dos Transportes e Comunicações
OTL	Ocupação dos Tempos Livres
PIDE/DGS	Polícia Internacional e Defesa do Estado/Direção Geral de Segurança
PNDC	Projecto - Núcleo de Desenvolvimento Cultural
QCA	Quadro Comunitário de Apoio
RTAM	Região de Turismo do Alto Minho
SEC	Secretaria de Estado da Cultura
SNBA	Sociedade Nacional de Belas Artes
STCP	Sociedade de Transportes Colectivos do Porto
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UTAD	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
VHS	Video Home System
VNC	Vila Nova de Cerveira

INTRODUÇÃO

A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes.
O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.[1]

[1] s.d.
Fernando Pessoa. *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Vol.II. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1982. p. 133. Disponível online em arquivopessoa.net/textos/4283

I. ÂMBITO, OBJETO DE ESTUDO, OBJETIVOS, METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO – BIENAIS

Esta Tese analisa as edições da Bienal Internacional de Arte de Cerveira, a designar ao longo do texto pelo acrónimo BIAC, de 1978 a 2007. Propõe-se que esta investigação seja um contributo para preservar a memória do conhecimento da ação singular que esta Bienal desenvolveu ao longo de três décadas junto dos artistas e do contexto social, com o seu consequente impacto cultural.

Optou-se por determinar o período delimitado, que se considera corresponder a um ciclo, iniciado por Jaime Isidoro (1924-2009) e o Grupo Alvarez[2], em 1978, com a criação da I BIAC, em simultâneo com os V Encontros Internacionais de Arte, e termina no momento em que a BIAC começa a ser gerida por uma Fundação, onde um reduzido número de artistas tem assento.

Ao contextualizar o evento no âmbito da arte contemporânea remete-se a fundamentação para o conceito de Danto[3], segundo o qual, a arte contemporânea deixou de ter uma narrativa, assim como para Agamben[4] que, afirma:

> *(...) Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual: mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo*. (Agamben, 2009, pp.58-59).

e são caracterizados os fatores da singularidade da BIAC, em relação a eventos congéneres (São Paulo e Veneza) e analisados os seus aspectos distintivos, tais como o modelo organizativo — uma organização assegurada por artistas — e a programação paralela com práticas oficinais.

Finalmente, pretende-se analisar o impacto cultural, dentro e fora da região, nomeadamente através do que foi a constituição de um acervo de acesso público e ainda a construção de um arquivo, em suporte digital, que permita dar a conhecer uma panorâmica sobre a génese da BIAC e alterações na estrutura organizativa e respetiva programação, integrando as exposições e as atividades paralelas (*ateliers*

---

[2] Grupo formado por: *"Galeria Alvarez, (na cidade do Porto), Casa da Carruagem (em Valadares), Revista ARTES PLÁSTICAS"* In Ferreira, A. 2017. *Jaime Isidoro A ARTE SOU EU.* Porto: Edições Afrontamento, p. 14.

[3] Danto, A. (2010) *Después Del Fin del Arte* Recuperado de http://www.felsemiotica.org/site/wp-content/uploads/2014/10/Danto-Arthur-C.-Después-del-fin-del-arte.-El-arte-contemporáneo-y-el-linde-de-la-historia.pdf (Acesso mai. 2016).

[4] Agamben, G. (2009). *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos Editora.

livres, *workshops* e simpósios). Incluem-se testemunhos de artistas participantes e população.

Sendo a BIAC objeto fulcral de estudo desta investigação, o conteúdo da frase de Gilbert & George "*Queremos que a nossa arte fale através das barreiras do conhecimento diretamente com as pessoas acerca da sua vida e não acerca do seu conhecimento sobre a arte"*[5] parece ser da maior pertinência, ajustando-se e adquirindo todo um sentido, pois na sequência desta investigação, a recolha de informação pôde ser legitimada na medida em que recorreu à memória/conhecimento de agentes que participaram ou como intervenientes diretos (no caso de artistas participantes) ou como meros espetadores (no caso do público).

O objetivo deste trabalho reside, pois, numa recolha que conduza a uma organização de memória, pois, neste caso particular, a ausência de estudos científicos sobre o impacto das ações paralelas à BIAC, os *ateliers/workshops* (abertos ao espetador) e os simpósios, bem como o acervo que se foi constituindo, são por si só razão da necessidade de proceder a uma reflexão, através de uma investigação que pretende justificar a singularidade deste acontecimento, considerando:

O fenómeno internacional das Bienais e o posicionamento da BIAC nesse contexto;
O aparecimento da BIAC no contexto da arte em Portugal;
A natureza e o carácter colaborativo das atividades programadas pela BIAC;
A necessidade de construir um documento de memória através de uma narrativa documental com testemunhos pessoais.

Nesta Tese aborda-se a tradição programática das primeiras Bienais, já fruto do que se fazia nos Encontros Internacionais de Arte, a designar ao longo de todo o texto pelo acrónimo EIA, a cargo de Egídio Álvaro, Crítico de Arte residente em Paris e de Jaime Isidoro, pintor e proprietário da Galeria Alvarez, no Porto.

[5] Gilbert & George in *Público,* P2, p. 2, 14.08.2008.

Ocorreram os seguintes Encontros Internacionais de Arte [EIA]*:*

Quadro nº 1

ENCONTROS INTERNACIONAIS DE ARTE

LOCAL	EIA Nº	ANO
Valadares – Casa da Carruagem	I	1974
Viana do Castelo	II	1975
Póvoa de Varzim	III	1976
Caldas da Rainha	IV	1977
Vila Nova de Cerveira	V	1978

Nessa perspetiva, faz sentido referenciar o modo como as primeiras Bienais em Vila Nova de Cerveira (1978) resultaram do esforço de um grupo de artistas portugueses no pós-25 de abril de 1974, artistas ligados a Jaime Isidoro e à sua Galeria Alvarez, e que, anteriormente, já tinham integrado os EIA, promovidos pela Revista *ARTES PLÁSTICAS*[6], dirigida pelo crítico de arte Egídio Álvaro e secretariada pelo pintor Jaime Isidoro.

Abordar a memória histórica implica mencionar todos aqueles que construíram esta iniciativa — de onde se parte e o que se pretende — com a recolha documental de materiais diversos (fotografias, entrevistas, catálogos, imprensa, testemunhos, entre outros), que constituirá o lastro que virá a fundamentar a memória onde radica a singularidade dos seus objetivos diferenciadores.

Foram mapeados vários tópicos que se vão abordar enquanto temas, nomeadamente os artistas convidados, exposições que integraram as Bienais, júris de seleção e premiação, artistas galardoados, temas das Bienais, as atividades desenvolvidas em paralelo, críticos de Arte e jornalistas que passaram por Vila Nova de Cerveira e cuja opinião é demonstrativa das várias opções de acordo com o gosto de cada um.

Reafirme-se que esta Tese se propõe ser um contributo para a memória, entendida como conhecimento da ação singular que a BIAC desenvolveu ao longo de quatro décadas, junto dos artistas e da envolvente social, com o seu consequente impacto cultural.

Mas este pressuposto de investigação assenta, para além da pesquisa efetuada, também na memória pessoal, na medida em que se conviveu de muito perto com a realização das Bienais de Cerveira, como membro ativo de uma

[6] Esta publicação voltará a ser referida nas pp. 35, 56, 58, 62, 63 e 64 desta Tese.

associação de artistas, criada em 1994, com o objetivo de as organizar: a associação Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural (a designar ao longo do texto desta Tese pelo acrónimo PNDC).

Esta investigação aborda as questões da memória e do património histórico material e imaterial que é a BIAC, recorrendo a este propósito a Borelli quando cita Walter Benjamin na sua obra Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson "*onde existe experiência restaurada existe a conjunção inevitável entre passado individual e referenciais coletivos*" (Borelli: 1992, p.90), referenciais esses que formatam de modo diferente, tanto os agentes como os espetadores da experiência. Trata-se não só de património material, tal como o espólio do Museu, o arquivo, documentação, imagens, vídeos, entre outros, mas também do olhar da memória coletiva onde estão consubstanciadas todas as pessoas que por lá passaram (património imaterial), os serviços educativos (simpósios, *workshops, ateliers* livres, visitas guiadas).

Francoise Choay, a propósito do conceito de património histórico, refere:

> (...) *Patrimonio historico. La expresión designa un fondo destinado al disfrute de una comunidad ampliada a las dimensiones planetarias, y constituido por la acumulación continua de una diversidad de piezas vinculadas por su común pertenencia al pasado: objetos y obras maestras de las bellas artes y de las artes aplicadas, trabajos y productos de todos los saberes y habilidades del ser humano.*[7] (2006, p. 11).

Trata-se pois do olhar da autora sobre a BIAC, considerada como património cultural nas suas componentes materiais e imateriais, incluindo as problemáticas socioculturais que lhe estão associadas nos seus acervos da coleção do Museu da Bienal e espalhados na própria Vila, o arquivo, documentos, imagens, vídeos, gravações, como parte da memória individual e coletiva, onde estão consubstanciadas todas as pessoas que por lá passaram e os Serviços Educativos como património cultural de acesso à comunidade.

A BIAC será abordada como um evento na história da Arte Contemporânea em Portugal, atendendo à memória coletiva e individual e a várias componentes do património que nela estão contidas.

---

[7] "Património histórico. A expressão designa um meio destinado ao desfrute de uma comunidade ampliada às dimensões planetárias e constituída pela acumulação contínua de uma diversidade de peças vinculadas pela sua pertença comum ao passado: objetos e obras primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e competências do ser humano.". Tradução livre da autora.

Vila Nova de Cerveira, criada em 1320 por foral do Rei Dom Diniz, situa-se no Minho, norte de Portugal. Debruçada sobre o rio com o mesmo nome, faz fronteira com a vila de Goyan, na Galiza, hoje ligadas pela Ponte da Amizade, sendo conhecida, graças à BIAC, como "Vila das Artes".



Figura 1 - Mapa das regiões de Portugal[8]

Até à iniciativa criada por Jaime Isidoro e o Grupo Alvarez, era uma vila quase desconhecida, mas, graças à criação das Bienais de Arte, começou a ser local obrigatório de peregrinação dos artistas e gentes ligadas à cultura. Por ventura, também esta programação terá estimulado, a par das belezas naturais da região, a que "muita gente de fora" tenha construído casa de veraneio no concelho de Vila Nova de Cerveira e concelhos limítrofes. Aí passam férias e aproveitam a animação de verão que a vila lhes proporciona. Diversos artistas, como consequência das Bienais, fixaram-se nas redondezas, uns em permanência, outros como visitantes de fim de semana.

É o caso da aldeia de Gondar[9], onde residem em permanência quatro artistas que estiveram ligados à BIAC e o escultor israelita Zadok Ben-David que construiu habitação, pretendendo alargar a sua permanência com a construção de um grande *atelier*.

Antes de referir a institucionalização da BIAC, é pertinente uma breve referência às políticas culturais em Portugal que iam sendo permanentemente

[8] O ponto encarnado assinala a localização de Vila Nova de Cerveira.

[9] Ver Anexo I Vol. III p. 4.

alteradas, num ambiente de grande instabilidade, onde "a ignorância e arrogância de muitos responsáveis públicos, assim como a falta de capacidade dos agentes culturais…" (Xavier, 2012: p.144) levaram a caracterizar tal iniciativa (a BIAC) como promovida por um certo aventureirismo, onde não se falava de orçamentação, planificação ou objetivos e respetivo impacto no meio, ou seja, tudo aquilo que permitisse contabilizar os resultados esperados.

A institucionalização da BIAC surge assim, através da associação de artistas PNDC, o que obrigou à criação de uma equipa de trabalho capaz de responder às exigências do processo de integração no ambiente sociocultural para que estava vocacionada.

Requeria esta, ainda, além do comissariado responsável pelas propostas de execução no âmbito da cultura (os artistas), os tecnólogos da economia, isto é, técnicos especializados em programas europeus e outros, de apoio às artes.

No âmbito da produção e da execução, os acontecimentos deram lugar a uma sucessão de fenómenos que permitiram obter resultados inesperados e propostas inovadoras, capazes de contribuir para a evolução de uma certa forma de pensar que, finalmente, não é confortável ou adaptável ao pensamento tecnocrático.

Salvaguardando as respetivas especificidades, comparada com outras Bienais de Arte, como por exemplo as Bienais de Veneza, São Paulo e as extintas Bienais de Chaves e Lagos, a Bienal de Vila Nova de Cerveira marca a diferença, na medida em que não foi considerada nunca, apenas, uma simples exposição de obras de arte.

Oportuno será referir as ditas ''atividades paralelas'' desta Bienal naquela época, em relação a eventos congéneres. Na realidade, a BIAC, além das exposições, programava outras atividades que se consubstanciavam em *ateliers* livres, *workshops* ou simpósios e sobretudo sendo um lugar de encontro, convívio e debate de ideias entre os artistas, daí a sua singularidade.

Houve também a considerar o exercício de distância crítica que a investigadora, enquanto elemento participante e presença ativa na Bienal, deveria exercer para poder analisar os factos de forma aberta, atenta, criteriosa e crítica, sendo do conhecimento geral, que a ligam à BIAC fatores de ordem intelectual, artística, afetiva e vivencial.

Para a investigadora, depois de ter encontrado uma casa abandonada na freguesia de Gondar, pertença de Henrique Silva, longe estava uma futura ligação à BIAC. Abraçar esse projeto de 1992 a 2007 e, mais tarde, integrar uma estrutura capaz de assegurar a continuidade e rejuvenescimento da Bienal (daí o nome Projecto, Núcleo de Desenvolvimento Cultural), foi o início de um percurso enriquecedor que proporcionou momentos de muita angústia, mas, também, de elevada satisfação.

A PNDC assume-se então como uma estrutura dialogante, aberta e sem espartilhos partidários, onde os criadores deveriam encontrar um local onde eram recebidos e acarinhados, desenvolvendo um trabalho colaborativo entre si.

Partilhar a experiência com Henrique Silva, reorganizando um evento que garantisse, de alguma forma, uma estrutura capaz de dialogar a tempo inteiro com os agentes culturais, criadores, patrocinadores e a própria Autarquia, foi toda uma aventura. Efetivamente, uma relação de afetos é transversal ao objeto de estudo e a quem se propôs esta investigação.

Porém, é precisamente a natureza desse mesmo objeto que sobreleva e tem por obrigação questionar e fornecer às gerações vindouras a diversidade de elementos que construíram e formataram a BIAC.

Este ponto aborda as circunstâncias que deram origem às Bienais de Veneza e de São Paulo, na medida em que estas foram criadas com o intuito de trazerem para os seus países a arte que se fazia nesse tempo por todo o mundo e, por outro lado, dar visibilidade internacional aos seus artistas, estabelecendo as suas cidades como centros culturais ou como capitais culturais a nível mundial.

Neste contexto, vem a propósito a questão: O que é uma Bienal? Edgardo Xavier, em texto publicado num desdobrável durante a I BIAC, e referido no jornal *Cerveira Nova*, define o que é uma Bienal, da seguinte forma:

> *(...) À palavra Bienal estão, necessariamente, associados muitos e diversos conceitos. Uns, reportam-se à periodicidade nela explícita, já que o termo se aplica a acontecimentos destinados a repetirem-se cada dois anos; outros, dizem respeito à envergadura desse mesmo acontecimento, regra geral, importante.*[10]

A propósito da Bienal de Veneza e da Bienal de São Paulo, refere-se um artigo do Jornal *O Primeiro de Janeiro*, de 27/08/1982, s/p, da autoria de Filomena Cabral, e as palavras de Jaime Isidoro, em resposta à questão "Quer falar-me da II Bienal?":

> *(...) houve a preocupação em que nela participassem valores internacionais porque o meu objectivo é que cada vez mais nos aproximemos do que se faz nas Bienais de Veneza, Paris, S. Paulo.*[11]

Acerca de "Bienais", um recorte do *Diário de Lisboa* de 31 julho 1990, p.16, intitulado "O que eles pensam"[12] e assinado por Jorge Fallorca, aborda o tema

---

[10] In Desdobravél 1 Bienal de Arte, Vila Nova de Cerveira, 1978, p.1. Anexo II Vol. III p. 132.

[11] Anexo I Vol. III p. 5.

[12] Anexo I Vol. III p. 6.

"Bienais" na perspetiva de Fernando de Azevedo (1923-2002), Fernando Pernes (1936-2010) e Rui Mário Gonçalves (1934-2014), com o intuito de "darem elementos que nos permitam refletir sobre a eventual decadência – ou não – das Bienais."

Fernando de Azevedo refere-se à época das Bienais em Portugal e aos tempos de crise das mesmas, sublinhando que as Bienais de Veneza e São Paulo, bem como, eventualmente, a quinquenal de Kassel serviram de exemplo a estas.

Fernando Pernes, por sua vez, referindo-se à Bienal de Cerveira sublinha que foi a primeira Bienal importante, mas alerta para a proeminência das feiras de arte em relação às Bienais.

Rui Mário Gonçalves aponta Vila Nova de Cerveira como sendo um caso especial, mas também refere o mercado da arte onde as feiras ganham terreno às Bienais.

Refere-se nesta parte as Bienais históricas: em 1895 e, por iniciativa de Ricardo Selvatico, Prefeito de Veneza, é fundada a Bienal de Veneza, começando a adquirir o estatuto de internacional nas primeiras décadas do século XX.[13]

Seguiu-se a Bienal de São Paulo, cuja primeira edição se realizou em 1951 por iniciativa do industrial Francisco Matarazzo Sobrinho (1898-1977), seguindo o modelo da Bienal de Veneza, isto é, com representações oficiais dos países convidados e exposições paralelas de artistas convidados pela organização.

Em 1955 surge a Documenta, em Kassel, fundada por Arnold Bode, na qual participaram, entre outros, os artistas[14] Pablo Picasso e Vasily Kandinsky. O objetivo do seu fundador era o de aproximar a arte dos trabalhadores, com obras do tempo do nacional-socialismo, oprimidas pelo regime nazi que a designava por *entartete Kunst (arte degenerada),* com referência à arte moderna.

Ao contrario das Bienais, a Documenta realiza-se de cinco em cinco anos, enquanto que uma Bienal, tal como o nome indica, é um evento que se realiza de dois em dois anos.

André Malraux, Ministro da Cultura de França, em 1959, funda a primeira Bienal de Paris *(…with the purpose of creating a meeting place for those who would define the art of the future. After a hiatus of several years, the Biennale was relaunched in 2000).*[15]

---

[13] Di Martino, E. (2005). *The history of the Venice Biennale 1895-2005*, Veneza: Papiro Arte.

[14] http://es.wikipedia.org/wiki/Documenta (acesso abr. 2013).

[15] ... com o objetivo de criar um local de encontro para aqueles que irão definir a arte do futuro. Após um hiato de vários anos, a Bienal foi relançada em 2000. Tradução livre da autora. In http://www.biennialfoundation.org/biennials/biennale-de-paris/ (acesso abr. 2013).

É também Malraux que, face à precariedade dos artistas em termos de segurança social, cria em 1952 a Maison des Artistes[16] com o intuito de lhes proporcionar assistência social, entre outras coisas.

> *(...) La gageure, c'est de les rassembler pour leur offrir des services ! Tel était à l'origine l'objectif ambitieux de la Maison des Artistes, un organisme créé après la guerre pour fournir à ses membres un lieu d'entraide, de rencontres sociales et de chaleur humaine. Sur l'initiative d'André Malraux, la Maison des Artistes s'est rapidement institutionnalisée, devenant un organisme agréé traitant principalement de l'affiliation des artistes au régime général de la Sécurité Sociale.*

[16] https://lentreprise.lexpress.fr/creation-entreprise/statuts/maison-des-artistes-un-statut-privilegie_1509077.html (acesso abr. 2013). Tradução livre da autora: O desafio é reuni-los para oferecer-lhes serviços! Este foi originalmente o objetivo ambicioso da Maison des Artistes, uma organização criada após a guerra, para fornecer aos seus membros um lugar de assistência mútua, encontros sociais e calor humano. Por iniciativa de André Malraux, a Casa dos Artistas rapidamente se institucionalizou, tornando-se um organismo acreditado que se ocupava principalmente da afiliação de artistas ao sistema geral de segurança social.

II. METODOLOGIA APLICADA – LIFE-WRITING

Investigar significa promover o conhecimento (Allison: 1974) e também recuperar a memória, procedimento básico para quem se preocupa com questões culturais e artísticas.

No caso presente, considera-se que esta investigação apresenta-se como um Estudo de Caso que incide sobre particularidades sem a intenção de fazer generalizações (Yin, 2003), abordado através de *Life-Writing*[17], que implica uma contextualização sócio-histórica e cultural, em que os acontecimentos culturais e artísticos vão ser sistematizados em quadros e gráficos com uma preocupação em dados quantitativos que permitem desenvolver uma análise qualitativa de modo a se poder verificar os resultados obtidos.

Por que motivo se escolhe *Life-writing* como área metodológica de pesquisa?

> *(...) Life-writing involves, and goes beyond, biography. It encompasses everything from the complete life to the day-in-the-life, from the fictional to the factional. It embraces the lives of objects and institutions as well as the lives of individuals, families and groups (...).*[18]

Life-writing recorre à analise documental, (Albarello, 1997 e Bardin, 2015) memórias, cartas, diários, revistas (escritas e documentais), os dados antropológicos, o testemunho oral e os relatos de testemunhas oculares. Não é apenas uma especialidade literária ou histórica, mas é relevante através das artes e ciências e pode envolver especialistas de vários campos como filósofos, psicólogos, sociólogos, etnógrafos e antropólogos.

É uma abordagem interdisciplinar, beneficiando simultaneamente de fortes tradições de pesquisa nos campos quer das humanidades como das ciências. *Life-writing* é uma forma muito pessoal de escrever sobre a nossa vida ou a vida de outra pessoa ou de uma instituição.

É uma forma de escrita não-ficcional, feita com base na observação e na experiência pessoal.

A *Life-writing*, sendo uma combinação de diferentes géneros num só, é uma poderosa ferramenta que tem capacidade para aumentar o desenvolvimento e

---

[17] (o conceito de) *Life-Writing Research*, legitimado pelo King's College London, University of Sussex e Oxford Centre for *Life-Writing – Academic Study*.

[18] A escrita da vida envolve, e vai além, da biografia. Abrange tudo, desde a vida completa até o dia-a-vida, do fictício ao faccional. Abrange a vida de objetos e instituições, bem como a vida de indivíduos, famílias e grupos. Tradução livre da autora.
In https://www.wolfson.ox.ac.uk/what-life-writing (acesso fev. 2015)

crescimento de uma pessoa e dos assuntos que ela aborda. No entanto, este modo de pesquisa depara-se com alguns problemas que questionam, por vezes, a viabilidade organizativa de um trabalho com esta metodologia, nomeadamente:

Existência de muito material (em arquivos);
Distinção no material existente do que é relevante para a própria investigação, tarefa que se apresenta morosa, carecendo de uma reflexão rigorosa sobre os possíveis resultados;
Sentido de frustração por parte do investigador na realização da destrinça entre material essencial e material dispensável, se se atender ao facto de a sua ligação emocional ser sempre de um nível elevado;
Encontro de "lacunas" no material de arquivo que pode fazer sentir que a pesquisa está incompleta ou não passível de comprovação;
Problema de interpretação, isto é, até que ponto pode a autora refletir e interpretar os seus resultados de fonte primária? (Uma interpretação, em forma crítica, é indispensável para estabelecimento de um argumento. Mas a forma como se montam os factos para criar uma narrativa é uma forma de interpretação tão subjetiva como experimental).

Daí que o pequeno excerto do texto de Fernando Pessoa tenha estabelecido um patamar para a narrativa em *Life-writing* que se pretende fazer:

L. do D.

Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre iguais e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são.

Se imagino, vejo. Que mais faço eu se viajo? Só a fraqueza extrema da imaginação justifica que se tenha que deslocar para sentir.[19]

[19] *«Qualquer estrada, esta mesma estrada de Entepfuhl, te levará até ao fim do mundo.» Mas o fim do mundo, desde que o mundo se consumou dando-lhe a volta, é o mesmo Entepfuhl de onde se partiu. Na realidade, o fim do mundo, como o princípio, é o nosso conceito do mundo. É em nós que as paisagens têm paisagem. Por isso, se as imagino, as crio; se as crio, são; se são, vejo-as como às outras. Para quê viajar? Em Madrid, em Berlim, na Pérsia, na China, nos Pólos ambos, onde estaria eu senão em mim mesmo, e no tipo e género das minhas sensações? A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.* Fernando Pessoa. *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Vol.II. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1982. p. 133. Disponível online em arquivopessoa.net/textos/4283

O facto de esta Tese assentar numa corrente de investigação de *Life-Writing*[20] pressupõe o recurso à memória desses artistas intervenientes e da envolvente social, através de relatos orais e escritos. Para atingir este objetivo, recorreu-se a entrevistas (Ghiglione, 1997) feitas pela autora a artistas que tiveram papel relevante na BIAC, e a outras feitas pelos Serviços Educativos da Fundação Bienal de Arte de Cerveira – FBAC a habitantes da vila que acompanharam as primeiras Bienais, recolhendo o seu testemunho acerca desse evento, entrevistas essas que fazem parte do arquivo de Henrique Silva.

Analisar entrevistas para um trabalho que utiliza a metodologia de *Life-Writing* é desafiador. Não existe, nas entrevistas, uma linha de tempo, mas emergem (apesar de em constante mudança) temas que são abordados por todos os entrevistados.

No trabalho empírico realizou-se um conjunto de entrevistas, conforme o Quadro nº 2 ilustra.

As entrevistas a Cândido Malheiro, Diamantino Costa e Né (Nazaré) foram feitas pelos Serviços Educativos (Cristina Ribeiro) da Fundação Bienal de Arte de Cerveira (FBAC), na Associação Poética de todas as Artes (Porta XIII), enquanto que a de Né (como é conhecida na vila) foi feita no Restaurante Marinelo, do qual é proprietária. As restantes foram realizadas na residência da autora.

Quadro nº 2

ENTREVISTAS

Nº	ENTREVISTADO	ENTREVISTADOR	LOCAL	DATA	TEMPO VÍDEO
1	Eurico Gonçalves	Autora	Fórum Cultural	2013	24:55
2	Albuquerque Mendes	Autora	Leça da Palmeira	2015	20:28
3	Cândido Malheiro	Serv. Educ. FBAC	Porta XIII V.N.C.	2015	01:22:26
4	Diamantino Costa	Serv. Educ. FBAC	Porta XIII V.N.C.	2015	01:22:26
5	Né (Nazaré)	Serv. Educ. FBAC	Marinel	2015	27:23
6	Ana Maria	Autora	Fórum Cultural	2016	22:51
7	Carlos Nogueira	Autora	FBAUP	2017	11:40
8	Augusto Canedo	Autora	Gondar	2017	02:23:33
9	Cabral Pinto	Autora	Gondar	2017	01:25:47
10	Henrique Silva	Ana Maria	Gondar	2017	47:06

[20] A apresentação e desenvolvimento das metodologias pelas quais se optou encontram-se na Parte II Metodologia Aplicada – *Life-Writing*, pp.27-29.

O quadro que se segue corresponde às entrevistas indiretas, realizadas através de um guião enviado aos entrevistados e devolvido por escrito, conforme Apêndice XVI Vol. III pp.403-408.

Quadro nº 3

ENTREVISTAS

Nº	ENTREVISTADO	ENTREVISTADOR	DATA
1	Henrique do Vale	Autora	2017
2	Júlia Pintão	Autora	2017
3	Susana Bravo	Autora	2017

Uma das questões pertinentes ao fazer pesquisa através destas entrevistas é que as pessoas, geralmente, querem refletir sobre as suas próprias vivências e transmiti-lo nas entrevistas, o que significa que alguns entrevistados "podem estar muito ansiosos" para dar sentido aos eventos, para contar uma história boa e coerente para o seu sentido de vida, para o tema que desejam ressaltar ou pelo qual se sentem atraídos. As entrevistas lidas, sem as querer "organizar", podem tornar-se relatos básicos e lineares, cheias de propósito e significado para o entrevistado; mas o entrevistador, que tem como questão abordar um tema, vê-se face a versões riquíssimas, mas que, de *per si*, só apresentam um ponto de vista.

Neste caso, considera-se que o problema não são os testemunhos dos entrevistados, mas a maneira como os factos relatados podem ser usados. Deve-se reconhecer os pontos fortes e limitações destas entrevistas: são perspetivas de um acontecimento, orientadas pelos seus atores, no seu tempo e espaço.

As entrevistas são um relato e o interesse reside em como a história é contada, o tipo de eventos que o entrevistado escolhe e o caminho que percorreu num mesmo tempo histórico.

O entrevistado faz sentido desses eventos. No entanto, a sua entrevista, em si, pode não dizer o suficiente sobre o contexto social, político e ambiental mais amplo que se quer abordar.

As entrevistas foram complementadas com outro tipo de recolha de informação: a análise documental (Bardin, 2015). Quando se trata de fazer entrevistas estruturadas para recolha de informação, utilizando o método da linha do tempo ou linha temática, estas podem ser um instrumento útil, pois é uma organização de princípio para acontecimentos. É uma oportunidade para vincular a entrevista com o contexto político e ambiental do acontecimento que se quer retratar.

Esta é a primeira tentativa para encontrar temas comuns. A riqueza do material recolhido merece ser apresentada com uma orientação temática para se perceber a dimensão tão abrangente do acontecimento em análise – a Bienal de Cerveira. A organização de *clusters* vai facilitar a inserção de excertos das entrevistas no texto principal.

Recorreu-se à análise documental que se constitui num instrumento de recolha de informação imprescindível, nomeadamente pela diversidade de documentos e fotografias em arquivo que suportaram basicamente esta pesquisa.

Apesar da memória histórica presente, este trabalho será sempre o relato de um percurso pessoal na vida da BIAC*,* que se tornou na pessoa que hoje se é e por isso se faz o referido relato.

III. A MEMÓRIA HISTÓRICA COMO PARADIGMA DE PESQUISA

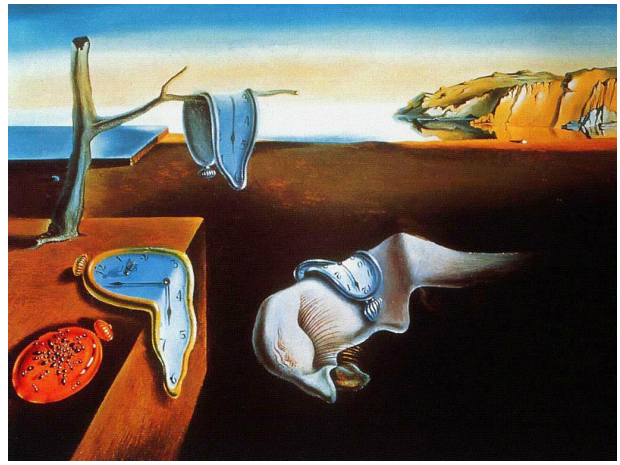


Figura 2 - Salvador Dali "Persistance de la mémoire, 1931"
óleo sobre tela, 24 x 33 cm, Nova Iorque, The Museum of Modern Art[21]

A memória é a capacidade humana de reter factos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, entre outros).

Bergson[22] refere que a utilidade da memória passa por recorrer à experiência do passado visando, para tal, que essas experiências possam refletir-se no presente.

> *(…) Mais alors, l'opération pratique et par conséquent ordinaire de la mémoire, l'utilisation de l'expérience passée pour l'action présente, la reconnaissance enfin, doit s'accomplir de deux manières. (...) tantôt elle impliquera un travail de l'esprit, qui ira chercher dans le passé, pour les diriger sur le présent, les représentations les plus capables de s'insérer dans la situation actuelle.*

Um homem sem memória é como um relógio que se derrete... Há alguma imagem do século XX mais significativa sobre a perda da memória do homem contemporâneo que o genial quadro do pintor catalão apresentado?

---

[21] In https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Persist%C3%AAncia_da_Mem%C3%B3ria (Acesso Mai. 2013).

[22] Bergson, H. (1939). Matière et mémoire– Essai sur la relation du corps à l'esprit. (*em linha*). (Acesso mai. 2016). In http://classiques.uqac.ca/classiques/bergson_henri/matiere_et_memoire/matiere_et_memoire.pdf (Mas, então, a operação prática e por consequência normal da memória, portanto, comum, usando a experiência passada para a ação presente, enfim, o reconhecimento, deve ser feito de duas formas. (...) às vezes vai envolver um trabalho da mente, que irá procurar no passado para as trazer para o presente, as representações mais capazes de se encaixarem na situação atual). Tradução livre da autora.

Existe também uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e que se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspetos da memória do grupo social onde ele se formou.

Há a memória coletiva formada pelos factos e aspetos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. É formada pelos lugares da memória (monumentos, hinos, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade), como refere Pierre Ansart, na obra "Mémoire Collective":[23]

> *(...) En rapprochant ces deux termes : mémoire et collectif, Halbwachs se propose, tout d'abord, de démontrer que tout groupe organisé crée une mémoire qui lui est propre. Il poursuit sa réflexion en démontrant que la mémoire individuelle s'appuie, dans les processus de remémoration et de localisation, sur des formes, sur des « cadres » issus du milieu social (...).*

O ritmo da sociedade atual e a facilidade e rapidez dos meios de comunicação[24] produzem uma quantidade avassaladora de informações, o que cria uma forma acrítica de consumir informação sem cuidado seletivo, isto é, a capacidade de poder escolher entre aquilo que deve ser preservado como lembrança importante e entre aqueles factos e vivências que podem e devem ser abandonados. Vivemos assim numa sociedade de esquecimento.

Nas sociedades da memória, esta era organizada e retida pelo conjunto de seus membros, os quais se incumbiam de a transmitir às novas gerações. Esse papel social dos idosos foi sendo gradativamente perdido ao longo da história das sociedades ocidentais.

Hoje, a existência de inúmeros meios tecnológicos para registo permanente da memória histórica e a sua realização por técnicos especializados não impedem que o trabalho com a memória do passado seja realizado por quem esteve próximo de factos a preservar. A sua pesquisa e arquivo não aprisionam quem os realiza no passado, mas permite uma maior segurança na transformação da consciência das pessoas.

---

[23] (...) Ao aproximar estes dois termos : memória e coletivo, Halbwacks propunha-se, em primeiro lugar, demonstrar que qualquer grupo organizado cria uma memória própria. Ele continuou a sua reflexão demonstrando que a memória individual apoia-se nos processos de rememoração e de localização, em formas, em « quadros » provenientes do meio social. Tradução livre da autora.
URL: http://www.universalis.fr/encyclopedie/memoire-collective/ Pierre ANSART, "MÉMOIRE COLLECTIVE", *Encyclopædia Universalis* (en ligne) (acesso mai. 2016).

[24] Referindo-se às tecnologias de informação, Maria A. N. Vieira diz-nos que "Por isso, ao longo deste nosso trabalho, a opção vai no sentido de interpretar a sociedade da informação como uma expressão que designa um determinado contexto e/ou processo de intensa inovação tecnológica, no qual as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e a Internet proporcionam outras formas de acesso à informação e outras formas de comunicação" (Vieira:2005, p. 3). In http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3276/1/Tese_Educacao_Sociedade_Informacao_AV.pdf- (acesso jun. 2016).

O uso da memória histórica irá proporcionar o conhecimento do evento de uma região e o seu impacto baseado numa metodologia científica e no compromisso de fazer com que, através do produto de recolha, se crie ou se restabeleçam laços de pertença com a comunidade numa sociedade composta por cidadãos cada vez mais alheados do seu passado. A este propósito refere-se João Fernandes: "*Raros são os momentos no contexto artístico português em que a memória é resgatada do seu passado para a partir dela se estudarem situações muitas vezes esclarecedoras de um presente".*[25]

[25] Fernandes, J. (1997). "*Alternativa Zero – Vinte Anos Depois"* – in Catalogo da Exposição *Perspectiva: Alternativa Zero* – Coordenação João Fernandes e Maria Ramos, Porto: Fundação de Serralves. pp. 15-35.

IV. ESTRUTURA E CONTEÚDOS DO DOCUMENTO

O presente documento investigativo está estruturado em quatro partes, para além da sua introdução, que funcionam como âmbitos sequenciais do processo de investigação:

A contextualização da natureza do objeto de estudo;
A caracterização do objeto de estudo;
O contributo para a memória do objeto investigado;
Considerações finais.

e apresenta-se em três volumes, Volume I para o corpo da Tese, Volume II para o Currículo da autora e Volume III que inclui Anexos e Apêndices.

PARTE I – O ACONTECIMENTO BIENAL
Perspetivas e Modos das Mostras Internacionais de Arte – Bienais Históricas – Veneza e São Paulo

A Parte I começa pela abordagem ao conceito do termo Bienal com recurso às palavras de Edgardo Xavier, prosseguindo com o pensamento de Fernando de Azevedo, Fernando Pernes e Rui Mário Gonçalves sobre as Bienais de Arte em Portugal e uma referência a André Malraux, fundador da Bienal de Paris em 1959. Nesta parte da Tese, abordam-se as Bienais de Veneza e de São Paulo, com recurso a autores como Enzo Di Martino, Mário Pedrosa, Ivo Mesquita, entre outros.

Refere-se também o fenómeno Bienal e os anos 70, com alusão ao período das reformas marcelistas, ao aparecimento de várias Galerias de Arte até 1978, ano em que se realiza a I BIAC, à situação das Artes Plásticas entre as décadas de 50 a 80, destacando-se a Revolução de abril e suas consequências no panorama artístico, terminando com os Encontros Internacionais de Arte. Entre os autores citados estão Alexandre Melo, Ernesto de Sousa, Isabel Nogueira, Rui Mário Gonçalves, entre outros, além da Revista *ARTES PLÁSTICAS*.

PARTE II – AS BIENAIS DE CERVEIRA 1978 a 2007
Memória e Singularidade

A Parte II aborda o histórico cronológico da BIAC, desde a sua primeira edição em 1978 até à décima quarta, em 2007. No decorrer do histórico, recorreu-se ao arquivo

de Henrique Silva, do qual foram extraídos documentos, recortes de imprensa, fotografias, vídeos, consultados catálogos das vários edições da BIAC, bem como ao arquivo virtual da Fundação Bienal de Arte de Cerveira – FBAC. Para melhor ilustrar as várias situações utilizaram-se mapas, quadros e gráficos.

Procurou-se atender à organização dos eventos culturais da BIAC ao longo de vinte e nove anos (1978-2007) e incluíram-se excertos de entrevistas a artistas, membros da organização das Bienais e da comunidade cerveirense, com comentários sobre a sua percepção relativamente às suas prioridades, numa perspetiva artística e histórica, como justificativos da metodologia *Life-Writing.*

A partir da VIII BIAC, apresenta-se uma nova estrutura de texto em relação às anteriores Bienais, uma vez que a partir desta edição a PNDC passa a ter arquivo organizado com mais informação, incluindo mais imagens das atividades, dados estatísticos mais completos e dados financeiros.

PARTE III – UM OLHAR SOBRE OS WORKSHOPS E SIMPÓSIOS

A Parte III refere os *workshops* e simpósios organizados nos anos de não--Bienal pela PNDC, fundada em 1994, a pedido do então presidente da Câmara Municipal, no sentido de esta associação organizar as Bienais de Cerveira, mas com a obrigação de desenvolver. nos anos intercalares, ações culturais que envolvessem a participação de artistas e membros da comunidade. Também nesta parte se conseguiram testemunhos de alguns artistas que participaram nessas ações.

PARTE IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta parte aponta para um balanço/reflexão sobre o trabalho desenvolvido que permitiu materializar esta Tese, avaliando e melhor compreendendo o fenómeno do evento BIAC, sua abrangência a nível artístico-cultural, inserido numa comunidade do norte de Portugal, mas que extravasa esses limites através do seu relacionamento com a comunidade artística a nível nacional e internacional, apontando para o objetivo proposto de fornecer dados que possam contribuir para alargar este estudo a desenvolvimentos de futuras investigações.

Por último, apresentam-se os Índices de: Abreviaturas, Quadros, Gráficos, Figuras, bem como os Anexos, que compreendem todo um arquivo documental no qual assentam informações relevantes: recortes de imprensa, documentos internos das diferentes Bienais e Apêndices, nos quais constam documentos da autora e CD.

PARTE I

O Acontecimento Bienal
Perspetivas e modos das mostras internacionais de arte - as bienais históricas – Veneza e São Paulo

1.0

NOTA INTRODUTÓRIA

1.0 NOTA INTRODUTÓRIA

Neste ponto abordam-se as Bienais históricas, nomeadamente a Bienal de Veneza e Bienal de São Paulo e faz-se ainda uma referência à Documenta de Kassel.

O contexto social e político que antecede a Revolução do 25 de Abril de 1974 é referido bem como as consequências que daí advieram para o desenvolvimento de ações culturais, com a realização dos Encontros Internacionais de Arte como percursores da primeira Bienal de Cerveira, em 1978, dando relevo ao papel desempenhado por Egídio Álvaro e Jaime Isidoro.

1.1 A BIENAL DE VENEZA

Veneza dominou durante muito tempo a atividade comercial e cultural entre o Extremo Oriente e a Europa, até ao domínio napoleónico que colocou um fim a um passado glorioso, na medida em que "*a Sereníssima*" deixou de ter a hegemonia de uma república marítima.

Lord Byron, em 1897, na sua *Ode a Veneza,* quando refere que *"três séculos de riqueza e glória transformam-se em pó e lágrimas"* (Di Martino, 2005, p. 7), dá-nos conta dessa situação. Apesar disso, Veneza sobrevive apoiando-se no mito de um passado glorioso irrepetível.

Muitos pintores europeus já tinham visitado Veneza, entre os quais Turner, Corot, Renoir, Manet, Moreau e muitos outros atraídos pela beleza da cidade e pela sua luz.

A Exposição Nacional de 1887, que se realizou em Veneza, incluía já na sua mostra, pintura e escultura, ao contrário do que acontecia em outras cidades que se limitavam a mostrar o artesanato local. O sucesso desta exposição de Veneza consubstanciou-se no número de visitantes, assim como na quantidade de vendas de obras de arte (Di Martino, 2005, p. 9).

Na sequência do prestígio alcançado com este acontecimento, Riccardo Selvatico, Prefeito de Veneza, coloca a questão da oportunidade de se criar um grande evento artístico, que se realizasse de dois em dois anos. Entretanto, as discussões sobre este assunto decorriam quase diariamente no Café Florian, na Praça de S. Marco. (Di Martino, 2005, p. 9).

Como é referido na publicação *Salon to Biennial – Exhibitions That Made Art History*, Volume I: 1863 – 1959, p.13:

> *(...) By the turn of the century, significant international exhibitions were being regularly presented in major European cities, with artwork selected by national juries and installed by country, and prizes awarded by international juries. The most famous and enduring of these is the Venice Biennale, founded in 1895.*[26]

A 30 de março de 1894, o conselho municipal aprova a criação da Bienal de Veneza e logo de seguida, no dia 6 de abril, Selvatico anuncia formalmente a criação da Fundação da Bienal, da qual seria o primeiro presidente, afirmando perante a audiência: *"Venice has taken the initiative with the dual purpose of affirming its faith in the moral energies of the nation and of gathering around a great concept of art as the most noble activity of the modern spirit no matter from which country"*[27]*,* (Martino, 2005, p. 10).

A primeira Bienal inaugura a 30 de abril de 1895, com a presença do Rei Umberto I e Margherita de Savoia, com um número de 224.327 espetadores que puderam apreciar 516 obras em exposição, das quais 186 foram vendidas.





Figura 3 e Figura 4 - Cartaz da I Bienal de Veneza – Edifício da exposição no Giardini[28]

A esta primeira edição está ligado o primeiro escândalo, protagonizado pela obra do pintor Giacomo Grosso, intitulada "Supremo Convegno" (Supremo Encontro), acabando por se tornar a maior atração da Bienal, apesar das investidas clericais

---

[26] No virar do século, exposições internacionais significantes foram regularmente apresentadas nas maiores cidades europeias, com obras de arte selecionadas por júris nacionais e apresentadas por países, e os prémios atribuídos por júris internacionais. A mais famosa e duradoura é a Bienal de Veneza fundada em 1895. Tradução livre da autora.

[27] *V*eneza tomou a iniciativa com o duplo propósito de afirmar a sua fé nas energias morais da nação e de reunir à sua volta um grande conceito de arte como a atividade mais nobre do espírito moderno, independentemente do país de origem. (tradução livre da autora).

[28] In Di Martino, E. (2005). *The History of the Venice Biennale 1895-2005.* Veneza: Papiro Arte. pp.7-11.

para que a obra fosse retirada. No final da exposição, acabou por obter o primeiro prémio, atribuído através de um referendo popular.



Figura 5 - Giacomo Grosso, *Supremo convegno.* Óleo sobre tela[29]

Em Veneza, continuam as representações oficiais dos países convidados que selecionam os artistas que vão estar representados. Em 2013 realizou-se da XVII BIAC e a 55.ª Bienal de Veneza, sendo a presença portuguesa aí representada pela artista plástica Joana Vasconcelos e o Cacilheiro Trafaria Praia.

Estiveram representados 37 países, com obras de 150 artistas, sendo a primeira vez que Angola se fez representar, arrecadando o Prémio Leão de Ouro.[30]



Figura 6 - Trafaria Praia, de Joana Vasconcelos.
Fonte: http://www.vasconcelostrafariapraia.com/

[29] In Di Martino, E. (2005). *The History of the Venice Biennale 1895-2005.* Veneza: Papiro Arte. p. 13.

[30] http://www.publico.pt/cultura/noticia/cacilheiro-vai-mostrar-vitalidade-do-pais-na-Bienal-de-veneza-1596090 (acesso jun. 2013).

Em 2015, João Louro representou Portugal na 56.ª edição da Bienal, comissariado por María de Corral, com a exposição "I will be your mirror / Poems and problems".



Figura 7 - Pormenor da exposição de João Louro na 56.ª Bienal de Veneza[31]

Na 57.ª Bienal de Veneza, José Pedro Croft representou Portugal, com a obra "Medida Incerta" e curadoria de João Pinharanda.

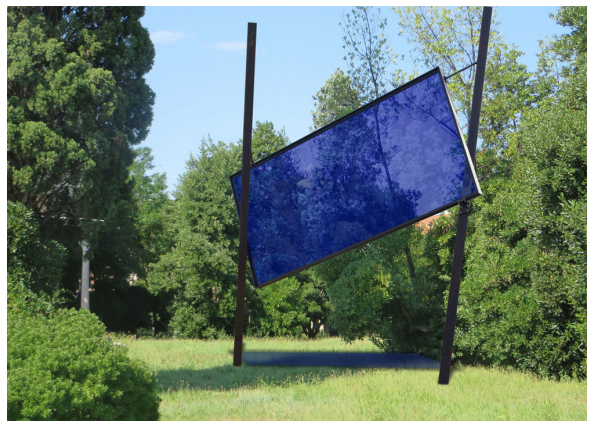


Figura 8 - "Medida Incerta" de José Pedro Croft[32]

A obra foi adquirida em 2017 pela Câmara Municipal de Matosinhos e está patente na recém inaugurada Casa da Arquitetura, naquele concelho.

Na Parte II – HISTÓRICO CRONOLÓGICO e ao longo do texto, enunciam-se os artistas portugueses que estiveram representados na Bienal de Veneza e também em algumas das edições da BIAC, conforme comentário anterior.

---

[31] In http://joaolouro.com/i-will-be-your-mirror-poems-and-problems/ (acesso mai. 2016).

[32] in https://static.globalnoticias.pt/storage/DN/2017/medium/ng8501026.jpg (acesso set. 2017).

1.2 A BIENAL DE SÃO PAULO E SEUS ANTECEDENTES

Nas duas primeiras décadas do século XX, intelectuais e artistas começam a sentir a necessidade de renovação no campo das artes, embora sem esquecer as suas raízes culturais. Ao mesmo tempo, chegavam notícias da Europa sobre as vanguardas, o que precipitou, no meio cultural jovem paulista, a necessidade de romper com o tradicionalismo, procurando-se uma renovação. Já em 1913, Lasar Segall na sua exposição vem ao encontro das vanguardas alemãs. Mas decisiva foi a exposição de Anita Malfatti, em 1917. Os artistas organizam-se como grupo para promoverem a arte moderna nacional. Anita Malfatti e Victor Becheret são determinantes para a chamada Semana de Arte Moderna 22[33], marco do movimento modernista brasileiro, rompendo com uma tradição burguesa, sobretudo prevalecente no Rio de Janeiro.

> *"... seria uma semana de escândalos literários e artísticos, de meter os estribos na barriga da burguesiazinha paulista."* – DI CAVALCANTI[34]





Figura 9 e Figura 10 - Cartazes Semana Arte Moderna[35]

Patrocinada no início pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, a I Bienal realizou-se em 1951, por iniciativa de um industrial, Francisco Matarazzo Sobrinho, de origem italiana, e cujo modelo foi inspirado na Bienal de Veneza.

---

[33] Teve como promotores Mário de Andrade, Rubens Borba de Moraes , Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Víctor Brecheret, Plínio Salgado, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos,Tácito de Almeida, Di Cavalcanti, entre outros.

[34] https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/a-semana-de-arte-moderna-de-1922,200823d6c76da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html (acesso mai. 2013).

[35] In https://www.revistaprosaversoearte.com/95-anos-da-semana-de-arte-moderna-de-1922/ (acesso mai.2013).

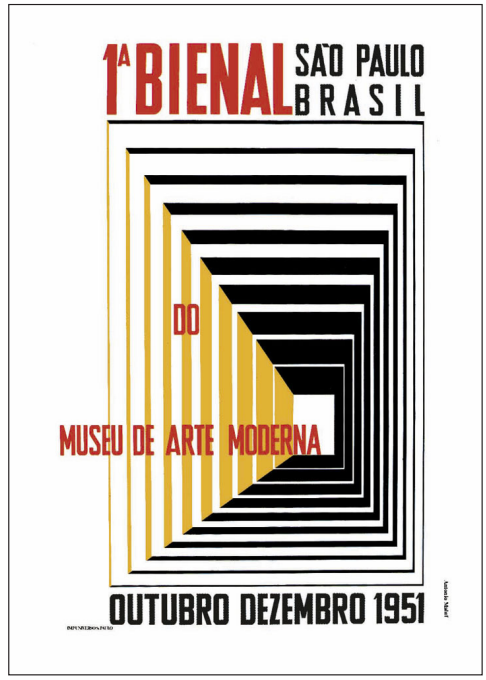


Figura 11 – Cartaz 1.ª Bienal São Paulo[36]

Mário Pedrosa, no artigo intitulado "A Bienal de Cá para Lá", destaca o facto de a Bienal de São Paulo ter seguido o mesmo padrão da Bienal de Veneza, bem como ter aproximado a comunidade brasileira do que de mais atual se fazia no mundo artístico, como se pode depreender das suas palavras:

> *(...) Antes de tudo, a Bienal de São Paulo veio ampliar os horizontes da arte brasileira. Criada literalmente nos moldes da Bienal de Veneza, seu primeiro resultado foi o de romper o círculo fechado em que se desenrolavam as atividades artísticas do Brasil, tirando-as de um isolacionismo provinciano.*[37]

Rita Alves Oliveira, por sua vez, destaca a atitude rebelde da militância política em relação ao poder instituído:

> *(...) Em 20 de outubro de 1951 a Av. Paulista vivia um dia marcante na sua história. A festa de abertura da primeira Bienal de São Paulo reunia a nata da elite política, econômica e cultural do país. Do lado de fora do Edifício Trianon (onde hoje, coincidentemente, encontra-se o Masp) militantes*

[36] http://www.bienal.org.br/exposicao.php?i=2266 (acesso mai. 2013).

[37] Pedrosa, M. A Bienal de cá para lá. *apud* Arantes, Otília (org) 1995. *A política das Artes*. São Paulo: Edusp. pp.256-271.

políticos e sindicalistas bradavam contra aquilo que chamavam de manobra imperialista e verdadeira farra de tubarões.[38]

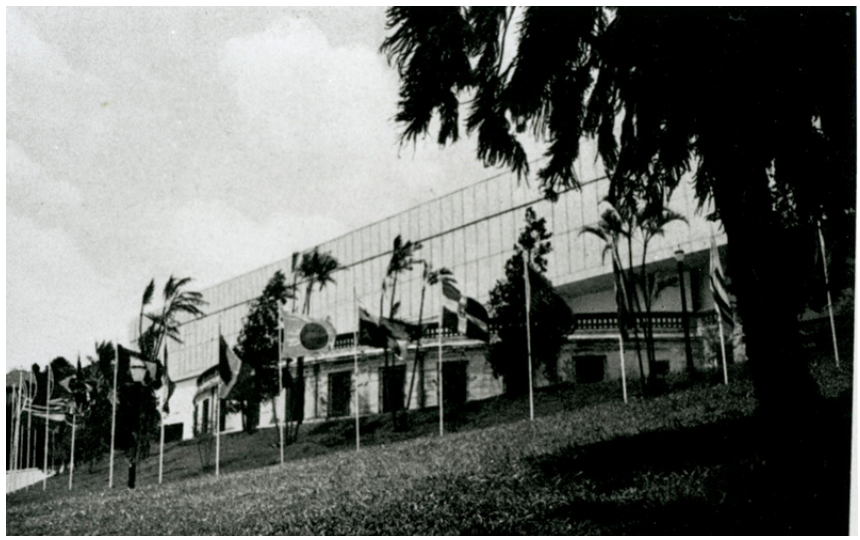


Figura 12 - Pavilhão da I Bienal – Esplanada do Trianon – Av. Paulista[39]

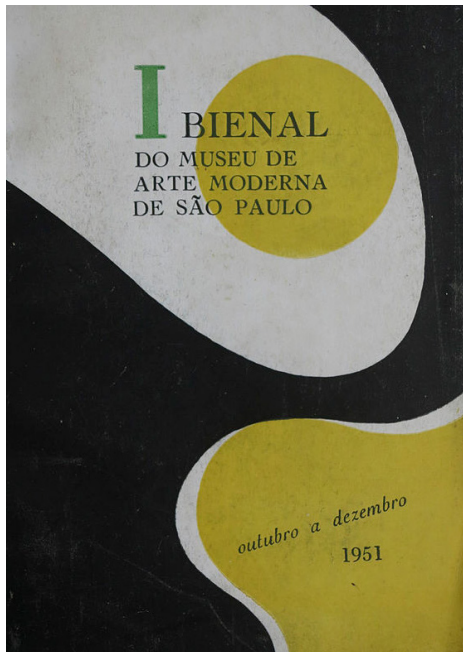


Figura 13 - Capa catálogo I Bienal[40]

[38]in http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300004 (acesso jun. 2016).

[39] in http://www.Bienal.org.br/exposicao.php?i=2266#fotos (acesso mai. 2016).

[40] in http://www.Bienal.org.br/publicacoes.php#e:2267 (acesso mai. 2016).

A imagem seguinte representa o prémio máximo de escultura outorgado ao artista suíço Max Bill, cuja linguagem artística viria a ser referencial para muitos artistas brasileiros da época**.**



Figura 14 - Obra "Unidade Tripartida" (1948-1949), do suíço Max Bill[41]

No artigo 28.ª Bienal de São Paulo – Projeto: "Em vivo contato", Ivo Mesquita, curador desta edição, em 2008, referia as palavras de Lourival Gomes Machado, diretor artístico do Museu de São Paulo:

> (...) *Por sua própria definição, a Bienal deveria cumprir duas tarefas principais: colocar a arte moderna do Brasil, não em simples confronto, mas em vivo contato com a arte do mundo, ao mesmo tempo em que, para São Paulo se buscaria conquistar a posição de centro artístico mundial (...)*[42]

---

[41] in http://www.Bienal.org.br/exposicao.php?i=2266#fotos (acesso mai. 2016).

[42] http://www.artecapital.net/perspetiva-71-ivo-mesquita-28ª-Bienal-de-sao-paulo (acesso jul. 2013).

e acrescenta:

> *(...) Outro caminho importante será a recuperação das memórias das Bienais de São Paulo para o público. Serão desenvolvidos uma série de atividades que mostrem as contribuições dessas mostras para a formação do meio artístico brasileiro e para a história da arte.*

Ainda em relação à Bienal de São Paulo, na sua II edição, em 1953, conhecida como a Bienal de Guernica, o crítico alemão Wolfgang Pfeifer, como conta Leonor Amarante num artigo intitulado "A Vinda da Guernica à 2.ª Bienal", comentou:

> *(...) Houve quem debochasse de algumas obras. Mas normalmente esse deboche partia de pessoas da burguesia, aquelas que se consideravam entendidas em arte e que, pretensiosamente, queriam julgar a produção contemporânea movidas pelo mesmo entusiasmo com que compravam arte académica (...)*[43]

concluindo:

> *(...) Vi moços bem nascidos fazerem chacotas diante da Guernica, de Picasso, e gente simples do interior, trazida de ônibus, a convite do governo, deslumbrar-se diante da tela.*



Figura 15 - "Guernica", de Pablo Picasso, na II Bienal de São Paulo[44]

[43] in http://abca.art.br/n26/memoriadacritica.html (acesso mai. 2013).

[44] n http://www.Bienal.org.br/exposicoes_fotos.php?i=2315 (acesso mai. 2013).

Vem a propósito o texto da XIV Bienal de Arte de Cerveira (2007), da autoria do seu diretor, Henrique Silva, e referindo-se à homenagem a Júlio Resende:

> *(...) Esta homenagem é uma justiça que a Bienal de Cerveira não podia deixar de fazer através da sua obra 'Ribeira Negra', marco incontestável da condição social humana.*[45]

tendo-se referido, no discurso de abertura da Bienal, a essa obra como a "Guernica Portuguesa"[46]

1.3 O FENÓMENO BIENAL E OS ANOS 70

Uma guerra colonial prolongada e inconclusiva; uma abertura pouco eficaz do sistema político; o desgaste das estruturas institucionais do Estado Novo; a insatisfação geral; as dificuldades económicas e sociais da população caracterizavam um país isolado que se revia ainda na expressão de "orgulhosamente sós".

A relativa abertura do sistema no final do regime vigente reforça a noção de abismo que muitos tinham sobre a realidade social e artística nacional e a dinâmica internacional.

O período de transição ideológica e política que atinge Portugal na década de 70 contribui para uma nova etapa na atividade artística e cultural. Mas, se as pequenas reformas marcelistas nos aproximaram da situação internacional, por outro lado, a política cultural de base mantinha uma ineficácia institucional expressa na falta de museus e centros de arte, na debilidade do mercado e na quase total ausência do apoio do Estado às tendências estéticas contemporâneas.

O mercado de arte começa a dinamizar-se com as medidas económicas de abertura tomadas por Marcelo Caetano, pelas encomendas para a sede da Fundação Gulbenkian e pela criação dos Prémios Soquil (1968-1972).

Mas em 1973, o período especulativo do valor dos objetos de arte permite concluir que existe um despertar para o consumo da arte modernista, mas não que existe uma dinâmica efetiva e consistente de mercado.

Juntando-se às galerias inauguradas na década de 60 surgem: a Quadrum (1973), o segundo espaço do Módulo (1979) e a Ogiva (1970). As Galeria Quadrum e Galeria Ogiva (Óbidos) desenvolvem uma estratégia de descentralização, onde

---

[45] in catálogo da XIV Bienal Internacional de Arte "As Novas Cruzadas", p. 17, 2007.

[46] In Flash Art, Vol. XL, no. 255, July-September 2007, p. 25 e JN – Notícias de Viana, 19 de julho 2007, p. 7.

o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra – CAPC – tem um papel importante na experimentação e promoção de novas atitudes estéticas: *Minha Nossa Coimbra Deles* (1973), *Arte na Rua* ou *1000001º Aniversário da Arte* (1974)[47] que, como atos que podem ser considerados dentro da linha dos "*happenings*" e da "*performance art*", despertam a comunidade para o atraso das instituições, tentando alertar para a urgência de mudar mentalidades.

O ano de 1973 é marcante para a arte portuguesa ainda pelos seguintes acontecimentos:

Em abril, realizou-se a exposição *26 Artistas de Hoje*, na Sociedade Nacional de Belas Artes, reunindo trabalhos dos artistas distinguidos pelos Prémios Soquil;

Em setembro, é inaugurado o monumento a D. Sebastião de João Cutileiro (Lagos), um dos casos mais polémicos da escultura portuguesa que questiona o mito imperial dos portugueses.

A revolução de abril interrompe o ritmo das exposições de artes plásticas e o trabalho da crítica, desaparecendo da comunicação social as referências a eventos de arte apesar da crescente participação cultural.

Desses anos, pode-se relembrar os *cartoons* de João Abel Manta, os gritantes murais do Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP) e da Frente Eleitoral de Comunistas Marxista-Leninista (FEC m-l), quase todos destruídos.



Figura 16 - Mural de Rosário Félix e Teresa Faria
Fonte: http://casacomum.net/cc/visualizador?pasta=09634.001.002.001

[47] http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-70.html#.VrS9g2SLTm0 (acesso mar. 2013).

Os artistas reviam os seus alinhamentos estéticos, a dialética entre figurativismo e abstração, entre pintura e arte concetual, libertos da censura, do surrealismo e do neorrealismo portugueses. A exposição *Alternativa Zero – Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea* (1977), comissariada por José Ernesto de Sousa**,** representou, nas palavras de Alexandre Melo, "*um balanço dos trabalhos que em Portugal se mostraram mais sintonizados com as tendências da evolução da arte contemporânea a nível internacional"*[48] a partir do final da década de 1960.

Cintando ainda Alexandre Melo:

(...) As propostas conceptuais de Alberto Carneiro, ou de Clara Menéres com Mulher-Terra-Vida, e o vídeo de João Vieira, comprovam e exemplificam a linha plural orientadora da exposição, numa altura em que o vazio do mercado de arte não permitia uma verdadeira visibilidade das obras nacionais (...) [49]



Figura 17 - Clara Menéres, Mulher-terra-vida, 1977[50]

Daqui vai surgir um grupo de artistas que viriam a desempenhar um papel do maior relevo na década de 80.

Em 1978, na sequência dos Encontros Internacionais de Arte, realiza-se a I Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira e possivelmente influenciada pelo seu sucesso, a Secretaria de Estado da Cultura, em 1979, cria a I Bienal Internacional de Desenho, em Lisboa. A este propósito, Alexandre Melo na sua obra "Arte e Artistas em Portugal", refere-se à Bienal de Cerveira:

---

[48] In http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-70.html#.WlDoa5OFgUQ (acesso em mar. 2013).

[49] Melo, A. (2007). *Arte e Artistas em Portugal*. Lisboa: Instituto Camões.

[50] Vista da instalação na exposição *Alternativa Zero*, Galeria de Belém,
in http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-70.html#.V0XlEpMrIUQ (acesso em mar. 2013).

> *(...) Em 1978 realizou-se a I Bienal de Artes Plásticas de Vila Nova de Cerveira, iniciativa que, privilegiando a contemporaneidade durante as primeiras edições, promoveu a descentralização artística, revelando curiosas assimetrias culturais, numa temporária coexistência entre a tradição da expressão regional própria da localidade e a novidade das formas artísticas apresentadas(...).*[51]

Nas entrevistas nº 3 e nº 4 a dois membros da comunidade de Vila Nova de Cerveira, Cândido e Diamantino, surge, de forma clara e explícita, o impacto da Bienal na região:

> *(...) Entretanto o Jaime Isidoro começou a influenciar o Eng. Lemos Costa, que eles eram amigos, para que se fizesse uma experiência aqui a nível de cultura mais erudita, não é…? Artes plásticas. Isto vem na sequência do festival de Vilar de Mouros. Foi um abanão também que aconteceu no nosso país, e portanto, acontecimentos que vieram, que trouxeram aqui à nossa região, uma região abandonada e nem vinha no mapa, Vila Nova de Cerveira (…).*

e prossegue o Diamantino:

> *(...)E as Bienais começam-se a enraizar, pela forma como a imprensa, rádio, televisão, e os jornais – o jornal Expresso que é um semanário de referência--vinham fazer reportagens, fotografias. Porque, como acabou de dizer o Cândido, reiterando o que ele disse e complementando o que ele disse, a nossa população, é uma população rural. Vive da pesca, vive da agricultura, um bocadinho de comércio, pouca indústria e emigração. De maneira que a população começou-se a aperceber que isto promovia Cerveira.*

concluindo:

> *(...) Porque nós não entendíamos nada de Artes plásticas, artes eruditas, não é…? E não foi fácil implantar a Bienal em Cerveira, como o Cândido disse, houve muitas resistências, pessoas ultraconservadoras, nomeadamente gente ligada à igreja, posso dizê-lo, que não se reviam naquelas performances onde apareciam nus, às vezes, onde a linguagem gestual era um bocadinho erótica, sensual, e portanto houve uma resistência muito grande.*

---

[51] In http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-70.html#.WlDk4pOFgUQ (acesso mar. 2013).

A década de 70 continuou o traçado de muitas das linguagens plásticas das décadas anteriores, mas extrema as soluções dos anos 60 consagrando Júlio Pomar (1926-2018), Paula Rego (n.1935), Joaquim Rodrigo (1912-1997), Mário Cesariny (1923-2006), António Sena (n.1941), Álvaro Lapa (1939-2006), José de Guimarães (n. 1939) e Eduardo Batarda (n. 1943).

1.4 AS ARTES PLÁSTICAS EM PORTUGAL – ANOS 50 e 60

Mais do que a técnica – os saberes racionais – a arte remete-nos para as sensações pelo que se introduz aqui o poema de Alberto Caeiro "O guardador de Rebanhos" que, de alguma forma, nos transporta para o mundo dos sonhos e da felicidade; para o poeta a perceção real e objetiva da realidade imediata, faz-se através das sensações.

Alberto Caeiro
IX

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,

Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

s/d. "O Guardador de Rebanhos".[52]

[52] In Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993) p.39.

1.5 DÉCADA DE 50

Salazar protagonizou a ditadura, quer se considere ou não que foi uma ditadura fascista. Pode caracterizar-se como tendo sido menos espetacular que outras ditaduras europeias, mas foi a mais longa (1926-1974) e castradora ao desenvolvimento económico, social e cultural de Portugal, predominando uma atitude oficial de isolamento em relação às correntes que, a nível internacional, iam fazendo a história da modernidade no meio artístico e criativo.

Artistas emigrados e alguns momentos de ligeira abertura permitiram alguma atualização e revitalização do meio artístico de forma restrita, não alterando, no entanto, um contexto geral caracterizado pelo muito baixo nível de formação escolar da população, pela desinformação maciça da opinião pública, pelo conservadorismo da cultura oficial e pelo crescente anacronismo cultural da oposição.

A Segunda Guerra Mundial vai criar, na sociedade progressista que se forma, um meio excelente de progresso nas artes e, nessa linha, o Movimento de Unidade Democrático, entre 1946 e 1956, apresenta as Exposições Gerais de Artes Plásticas, marcadas pela aproximação ao neorrealismo. Porto, Lisboa, Coimbra eram cidades envolvidas nessa elevada preocupação formal, como se pode verificar no Almoço do Trolha (1947-50) de Júlio Pomar.



Figura 18 - O Almoço do Trolha – 120 x 150 cm, 1947-1950
Fonte: https://www.wikiart.org/en/julio-pomar/o-almo-o-do-trolha-1950

Em 1949, Carmona é eleito presidente da República, apoiado pela União Nacional, e Salazar mantém o cargo de primeiro-ministro, saindo derrotado Norton de Matos. Este mobilizou dezenas de milhares de portugueses afirmando publicamente, com o seu prestígio de general, republicano e colonialista, há vinte e dois anos em oposição ao regime de Salazar, que não pensava em outra coisa que não "fazê-lo desaparecer para sempre" [a Salazar] do seu país.

A falta de apoio dos artistas a Salazar e ao seu candidato levam-no a demitir o modernista António Ferro (1895-1956), diretor do Secretariado de Propaganda Nacional que marcou o processo de criação artística nacional de uma forma discutível.

Portugal vivia entre uma clandestinidade de pessoas que viviam oprimidas e que só ocultando as suas ideias as podiam expressar e um outro grupo de pessoas parcialmente envolvidas no regime. A produção artística passível de retorno ficava-se pela escultura e a tapeçaria, e reportava-se essencialmente a temáticas patrióticas, tais como o império ultramarino e os heróis nacionais.

Num país analfabeto no que concerne à formação estética[53], que devorava a coleção Vampiro, cheio de convenções, dificilmente poderiam compreender António Pedro, Dacosta, Cândido Costa Pinto ou Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992). Foram estes quatro os pintores mais modernos do início da década de 50.

Para a Bienal de São Paulo em 1951, o governo português enviou obras puramente naturalistas, o que teve como consequência o desagrado da entidade anfitriã, levando a nossa cultura ao ridículo.

Destaca-se nesta década, o grupo KWY (as três letras que não existiam à altura no alfabeto português e que permitem uma transcrição para "Ká Wamos Yndo") e que é fruto da amizade entre seis artistas portugueses [René Bertholo (1935-2005), Lourdes Castro (n.1930), Costa Pinheiro (1932-2015), Gonçalo Duarte (1935-1986) , José Escada (1934-1980), João Vieira (1934-2009) e dois estrangeiros, o alemão Jan Voss (n.1936) e o búlgaro Christo Javacheff (n.1935) – que produz 12 números de uma revista *ARTES PLÁSTICAS* e literatura, quatro exposições em quatro cidades europeias e edita livros--catálogos. Largando as convenções que dominavam o panorama nacional, renova e equaciona determinadas questões estéticas, desde logo substituindo a questão: "isto é belo?" por outra ainda mais angustiante: "isto é arte?" .

As décadas de 40 e 50 foram decisivas para o rumo das artes nos anos 60. A década de 50 foi um período de continuidade de soluções estéticas anteriores, centradas na persistente dialética figuração/abstração, cujos protagonistas se dividiam, *grosso modo*, entre neorrealistas, surrealistas e defensores do abstracionismo. Maria Helena Vieira da Silva, numa combinação original de figuração e abstração, com um pesado cunho pessoal, é uma das expressões maiores deste período.

---

[53] Mais lentamente do que seria necessário, sempre amarrados ao pressuposto da segurança do regime, a verdade é que o Ministério da Educação Nacional e o aparelho corporativo iam substituindo o objetivo de criar um «homem novo» pelo de o preparar para fazer crescer a produção e a produtividade da economia. As prioridades da acumulação e do mercado, silenciosamente, iam substituindo as do «espírito». Velhos rótulos em garrafas novas.
Rosas, F. (2001). *Análise Social, vol. XXXV (157),* pp. 1031-1054 in http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218725377D6jFO4wy1Oi67NG6.pdf (acesso mar. 2017).

1.6 DÉCADAS DE 60/70

A sociedade portuguesa, no início da década de 60, permanecia afastada dos circuitos internacionais de produção e circulação artísticas, sem acesso a exposições e iniciativas suscetíveis de dar à opinião pública uma formação artística básica e de fornecer ao público especializado uma informação atualizada e uma experiência direta da contemporaneidade.

Politicamente via-se florescer a desilusão face à continuidade do regime através do governo de Marcelo Caetano e aumentar a revolta contra uma guerra colonial absurda e sem solução.

Frustração e contestação marcavam a sociedade portuguesa face às grandes viragens sociais e culturais que caracterizavam aqueles anos.

Kennedy e a sua ascensão e morte, as batalhas políticas e ideológicas do Vietname, a invasão da Checoslováquia e Hungria pelas tropas soviéticas, os hippies, a revolução pop ou o maio de 68 chegam a Portugal, mas marcados pela censura, distorcidos e percetíveis por minúsculas elites culturais urbanas.

A *Pop Art* era o movimento que se vinha afirmando e que influenciou de forma notória o panorama artístico nacional: uma enorme quantidade de artistas que emigram para a Europa; dá-se a abertura de novas galerias e a Sociedade Nacional de Belas Artes – SNBA começa a ser permeável, permitindo exposições de alguns artistas modernos (até então impossíveis de enquadrar).

Grande estímulo para a arte nacional foi a atribuição, em 1961, do prémio da Bienal de São Paulo a Vieira da Silva.

Nas artes plásticas, os anos 60 são um período de experimentação e de confluência de vários movimentos e correntes estéticas: *Pop Art*, o *Nouveau Réalisme*, a *Op Art*, o minimalismo, a arte concetual, a arte povera, a arte vídeo, a *Performance Art*, a *Body Art* ou a *Land Art*.

A década de 60 forma uma nova conjuntura artística, com a emergência de uma nova geração de artistas; com a afirmação de novas tendências na produção artística nacional que refletem a necessidade de sintonia com as linguagens internacionais; com a emigração de um vasto número de artistas num movimento que se prolonga até meados da década de 70.

Os artistas que emigravam, o programa de bolsas da recente Fundação Calouste Gulbenkian, as primeiras grandes exposições coletivas (caso da II Exposição de Artes Plásticas na Fundação Gulbenkian) e a abertura de novas galerias dinamizaram o meio artístico português.

Em relação ao mercado de arte, só a Galeria do Diário de Notícias (em Lisboa), a Divulgação (em Lisboa e Porto, dirigida por Fernando Pernes), a Alvarez e a associação de artistas Árvore (no Porto) iniciaram o comércio público de artes plásticas.

Marcante nesta década e ligado à Escola de Belas Artes e à Cooperativa Árvore é o grupo Os Quatro Vintes [Ângelo de Sousa (1938-2011), Jorge Pinheiro (n.1931), José Rodrigues (1936-2016) e Armando Alves (n.1935)] que, entre 1968 e 1972, tenta alertar para a debilidade do ambiente cultural da cidade nortenha, mas não cria um programa plástico coerente e de conjunto.

A década de 60 é referida para alguns historiadores como um período de rotura, um momento de mudança. No entanto, pode-se dizer que é uma mudança numa certa continuidade. É, também, o momento em que os artistas portugueses conseguem – de acordo com os movimentos internacionais – definir e criar pesquisas e formulações estéticas que vão resultar em trabalhos maduros e percursos individuais reconhecidos.

É nesta década que nasce a carreira de muitos artistas que assumem lugar de destaque no panorama da arte portuguesa contemporânea.

Em 1973 surge a Revista *ARTES PLÁSTICAS,* com publicação mensal, dirigida pelo crítico de arte Egídio Álvaro e editada por Jaime Isidoro, dedicada à divulgação das Artes Visuais, tanto a nível nacional como internacional, com particular ênfase na arte portuguesa. Foram publicados oito números, com textos de vários colaboradores, nomeadamente: Albuquerque Mendes, Alfredo Queiroz Ribeiro (1939-1974), Egídio Álvaro, Henrique Silva, Roland Miller, Rocha de Sousa, Shirley Cameron, entre outros, sendo que a última publicação, em 1977, abrangeu os números 7 e 8.[54]

Fátima Lambert e João Fernandes, no Catálogo Porto 60/70: os Artistas e a Cidade, ponto 5. *Pós-25 de Abril: Acre, Puzzle e Encontros Internacionais de Arte*... (p. 33), referem que os EIA iniciaram em 1974 na Casa da Carruagem, em Valadares, prosseguindo nos anos seguintes por Viana do Castelo, Póvoa de Varzim e Caldas da Rainha.

Fernando Pernes, por sua vez, neste mesmo catálogo (p.43), no texto intitulado *Memórias Imprecisas*, aludindo à Casa da Carruagem de Jaime Isidoro, afirma, "*Daí nasceram aliás, em colaboração com o crítico de arte Egídio Álvaro, os "Encontros Internacionais de Arte Contemporânea", criados já após o 25 de Abril de 1974, juntamente com a Revista de Artes Plásticas, também dirigida pelo mesmo crítico*".

Este tema dos EIA está abordado com mais detalhe, nas pp. 64-69 desta Tese.

Em 1976, realizam-se os III Encontros Internacionais de Arte, promovidos por Egídio Álvaro e Jaime Isidoro, na Póvoa de Varzim. Uma das ações desenvolvidas foi a pintura de um painel coletivo na Pousada do Monte de S. Félix.

---

[54] Barão, A. *Egídio Álvaro: O Crítico como Comissário* Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume 2, p. 284-299. In http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8175.pdf (acesso mai. 2013).



Figura 19 - Pintura de painel coletivo (III Encontros Internacionais de Arte)
Fonte: Galeria Alvarez

Em 1978, Michael Tannock publica "Portuguese 20th Century Artists A Biographical Dictionary", como elemento de propagação da Arte Contemporânea Portuguesa. (Tannok, 1978).

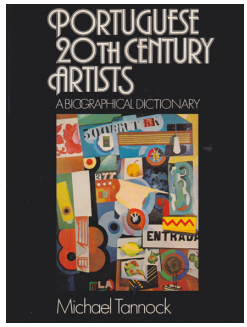


Figura 20 - Capa
Fonte: Arquivo Henrique Silva

1.7 ANTES DA REVOLUÇÃO DE ABRIL:

Notícias de Fora

Ernesto de Sousa afirma:

(...) a história da cultura portuguesa moderna é (continua a ser) uma história sem história, sem verdadeira evolução interna, sem continuidade. (....). A história da vanguarda em Portugal é a história de uma ausência, onde o ascetismo e a heroicidade-sem-sentido se misturam a um epigonismo inevitável, e de resto – nos melhores casos – de nenhuma importância. (Sousa, 1998: 134-135).[55]

[55] Sousa, E. (1998). "Esclarecimento acerca de um dos meus 'projectos' de 1968/1969", in catálogo da Exposição Ernesto de Sousa – Revolution My Body, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Desde 1933 que Portugal estava dominado por um regime repressivo, de cariz fascista e totalitário como se assinalou anteriormente. E mesmo os tempos anteriores não se revestiram de maior clareza ideológica ou de impulsionamento das artes plásticas. Portugal viveu sempre subsidiário dos ecos do que se passava lá fora. "Orgulhosamente sós" não é frase que identifica um regime, define Portugal e os portugueses.

A Constituição de 1933 passa para o papel o aparato legal que protegerá o regime no ano em que cria a Direção Geral de Censura. Esta instaura a censura prévia e a polícia política do regime, criando os meios militares e repressivos que controlarão o país. Sem a possibilidade de criar sindicatos, formar partidos ou outras organizações culturais que não pactuassem com o regime vigente, os portugueses ficam submetidos ao poder da União Nacional dirigida diretamente por António Oliveira Salazar.

O regime do Estado Novo, um dos regimes fascista que mais tempo dura, vai estabelecer um regime corporativista baseado no culto do nacionalismo e de uma propaganda constante, que controla o ensino e os meios de comunicação.

Os mecanismos de propaganda, repressão e censura vão sendo aperfeiçoados e a polícia política vai controlar a vida pública. A censura proibirá espetáculos teatrais se considerados subversivos, controlará todo o tipo de publicações, alterando e selecionando toda a informação. A informação era deturpada.

Pior ainda: Portugal isola-se do contexto internacional e inicia uma guerra colonial que vai manter durante 14 anos com a Guiné Bissau, Moçambique, Angola e Cabo Verde.

Assim, os intelectuais, os artistas, a classe operária emigravam em busca da diferença e é, desse modo, que Portugal (aqui dentro) vai lutar contra o esquema estabelecido.

Os ecos do que se fazia chegava-nos pela voz do intelectual e pelas ações dos que emigravam em busca de melhorias financeiras.

No meio artístico, artistas emigrados, curtas viagens aos centros artísticos mais importantes, revistas estrangeiras especializadas, contactos diretos ou indiretos de jornalistas e de críticos com eventos importantes internacionais e uma ou outra exposição de artistas estrangeiros no nosso país mantiveram aceso o interesse e o conhecimento sobre o que se passava.

Artistas portugueses emigraram em número considerável para a Europa e mesmo para os EUA, sobretudo entre os finais da década de 50 e meados da década de setenta.

Atente-se nas palavras de Henrique Silva na entrevista nº10 em que refere as condições e motivações dos artistas emigrados:

> *(...) Fui para Paris…na altura, fui para Paris para trabalhar, numa fábrica, não tinha dinheiro nenhum… Ainda trabalhei quase um ano lá numa fábrica de cabos elétricos... saí de lá com o certificado de operário especializado. E depois conheci a Vieira da Silva, e ela então chamou-me para trabalhar com eles. Primeiro a lavar os pincéis, depois preparar as telas, conduzir o carro, enfim, aquelas coisas mesmo de aprendiz, e trabalhava no ateliê do Arpad (...)*

e prossegue,

> *(...) O meu grande professor foi o Arpad em Paris. Foram muitos anos ali também. Vinha cá no verão, dois meses ou três, e depois ficava lá. Mas foi essa aprendizagem, que me deu…o grande salto, para poder ter ideias novas, e projetos novos na minha vida. Porque nunca tinha pensado de empregado de escritório, ser pintor… Nunca me passou pela cabeça, não é…? Foi uma coisa que deu de repente. Vou para Paris, vou aprender a pintar.*

A Fundação Calouste Gulbenkian,' criada em julho de 1956, com sede em Lisboa, por testamento de Calouste Sarkis Gulbenkian (1869-1955), datado de 18 de junho de 1953, vai destacar-se no apoio financeiro a muitos artistas. Outros partem sem qualquer apoio e apreendem tudo o que se passa no mundo da arte. As ideias circulavam através de revistas da especialidade, tais como:

Pintura & Não (Secção Portuguesa da Associação Internacional de Críticos de Arte, 1969-1970);
Jornal de Letras & Artes (Lisboa, 1961-1970);
Colóquio: Revista Artes e Letras (1959-1970), editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, dirigida por Reynaldo dos Santos (1880-1970) e Hernâni Cidade (1887-1975), com a direção gráfica sucessiva dos artistas Bernardo Marques (1898-1962), Marcelino Vespeira (1925-2002) e Fernando de Azevedo.

Dos artistas emigrados podem-se citar:
Alberto Carneiro (1937-2017);
Ângelo de Sousa (1938-2011);
António Costa Pinheiro (1932-2015);
António Dacosta (1914-1990);

António Quadros (1923-1993);
Bartolomeu Cid (1931-2008);
Eduardo Luís (1932-1988);
Fernando Lemos (n.1926);
Graça Pereira Coutinho (n.1949);
Henrique Silva (n.1933);
João Cutileiro (n.1937);
João Vieira (1934-2009);
Jorge Martins (n.1940);
Jorge Pinheiro (n.1931);
José Barrias (n.1944);
Júlio Pomar (1926-2018);
Lourdes Castro (n.1930);
Manuel Alves (1939-2009);
Paula Rego (n.1935);
René Bertholo (1935-2005);
Vieira da Silva (1908-1992), que em 1956 se naturaliza francesa.

Antes da Revolução do 25 de abril de 1974, segundo Couceiro, G. (2004), a arte sofria da conjuntura condicionada pelo poder político, o que se traduziu*, "(...) numa certa inércia e afastamento do público face às artes."*[56]

Apesar disso, assistiu-se, no período pré-revolucionário, ao aparecimento de várias Galerias de Arte e de um interesse pelo colecionismo que promoveu em grande parte os artistas, quer pela divulgação da sua obra, quer pela sua aquisição por parte de colecionadores que apostaram na nova pintura portuguesa.

Graças à dinâmica de Egídio Álvaro e Jaime Isidoro, em 1973, surge o número 1 da publicação *Revista ARTES PLÁSTICAS*[57] dirigida por Egídio Álvaro e secretariada por Jaime Isidoro, a qual plasmava o panorama das artes plásticas em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente num artigo da autoria de Egídio Álvaro "Kassel-5ª Dokumenta"[58] e um outro artigo "Carta de Milão"[59] de Luigi Carluccio onde nos é referida a obra de um jovem artista, Sergi Sarri.

---

[56] Couceiro, G. (2004) *Artes e Revolução 1974-1979*. Lisboa: Livros Horizonte, p.11.

[57] Nogueira, I. (2009). *As Artes Plásticas e o Pensamento Crítico em Portugal nos anos setenta e oitenta: problemática de operacionalidade dos conceitos de vanguarda e pós-modernismo",* Tese Doutoramento FBAULCS. p. 32.

[58] Revista *ARTES PLÁSTICAS* I -1973, p.16-21.

[59] Revista *ARTES PLÁSTICAS* I, p.30.

Neste primeiro número da *Revista ARTES PLÁSTICAS,* além de Egídio Álvaro, colaboram Rocha de Sousa, Alberto Carneiro (1937-2017) e Lima de Freitas (1927-1998). Desta revista publicaram-se apenas sete números, sendo que o último abarcava a sétima e oitava edições (dezembro/janeiro 77), com capa de Albuquerque Mendes e com referência aos Terceiros Encontros Internacionais de Arte na Póvoa de Varzim.

Por sua vez, tanto a Sociedade Nacional de Belas Artes, como a Secção Portuguesa da AICA[60], em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian, desempenharam no campo das artes plásticas um papel que não pode ser ignorado, promovendo bolsas para os artistas irem para o estrangeiro, nomeadamente França; e exposições, entre as quais se destaca a exposição "Pintura Portuguesa de Hoje" projetada para ser mostrada em Barcelona durante a Semana de Portugal[61] que ali decorreu, exposição essa que teve como cabeça de cartaz a obra de Amadeo de Souza-Cardoso.

É aqui que se deve inserir uma pequena reflexão sobre o artista e o mercado. Os artistas não tinham mercado para além da existência de algumas galerias e o mercado internacional estava num horizonte impossível de atingir. As palavras de Eurico Gonçalves na entrevista nº1 que, de uma forma dura e clara, quase cruel, clarifica a situação dos artistas portugueses no mercado da arte:

> *(...) Toda a gente sabe, que o grande artista é aquele que consegue vencer todas as crises. Isto é, todos os obstáculos. O artista que tem a papa toda feita, não é grande artista…! O artista vale, pela sua capacidade de vencer todos os obstáculos. (…) É uma característica da política cultural em Portugal. Portugal tem uma política cultural praticamente nula…! Porquê…? Porque a maior parte dos artistas portugueses, escritores e tudo…não…ninguém os conhece lá fora (…)*

e na continuação:

> *(...) Eu perguntei uma vez ao meu irmão, porque é que o Amadeo de Souza Cardoso, que foi o primeiro modernista português, é tão mal conhecido lá fora…? E ele diz: – Porque não chegou a entrar no Mercado Internacional…! E agora é cada vez o Mercado que comanda tudo…! Quem não entra no Mercado Internacional…! Enchem a boca com o Mercado Internacional.*

---

[60] Associação Internacional de Críticos de Arte.

[61] Revista *ARTES PLÁSTICAS I*, p.27.

1.8 OS ENCONTROS INTERNACIONAIS DE ARTE:
Quando vieram os de fora

A Bienal de Cerveira, a mais antiga do país, é um evento dirigido à promoção da arte contemporânea, sustentado por uma notoriedade e reputação nacional e internacional erigida há 40 anos. O evento alia a arte nas suas várias expressões a um espaço territorial caracterizado pela sua qualidade de vida.

Com quatro décadas de existência, a Bienal de Cerveira detém um passado histórico. Falar dos seus inícios implica contextualizar um período que engloba a transição democrática de 1974.

Na sequência da abertura política que se vivia em Portugal na chamada Primavera Marcelista, e já depois da Revolução de abril, os artistas residentes em Portugal, em conjunto com outros artistas que tinham emigrado com bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian, aderiram com entusiasmo às iniciativas dos Encontros Internacionais de Arte.

> *(...) Depois do 25 de Abril, muitos artistas residentes no estrangeiro voltaram a Portugal. Destes, uma minoria ficou: a daqueles que tinham emigrado por motivos estritamente políticos. A maioria ficou em Portugal por pouco tempo, o que mostra que a mudança de regime não basta para uma imediata criação de estruturas de apoio à vida artística. Esta criação é difícil e demorada. Exige vontade política e programação.*[62]

É neste contexto que surgem os EIA, cuja organização estava a cargo do Grupo Alvarez do Porto e de Jaime Isidoro. Ambicionava-se estabelecer a criação de espaços livres de intervenção de rua, elevando o diálogo arte/população ao seu máximo expoente, mediante um contacto presencial com o artista.

Os primeiros Encontros realizam-se em Valadares, na Casa da Carruagem, propriedade de Jaime Isidoro, em 1974, promovidos pela revista *ARTES PLÁSTICAS* e sob a orientação de Egídio Álvaro,[63] que, num artigo desta revista, afirma:

> *(...) Durante um mês, entre Julho e Agosto de 74, a Casa da Carruagem em Valadares serviu de quadro aos primeiros Encontros Internacionais de Arte, promovidos pela revista Artes Plásticas (...).*

---

[62] Gonçalves, R. (2004). *Vontade de Mudança: cinco décadas de artes plásticas.* Alfragide: Editorial Caminho, p.103.

[63] *Revista ARTES PLÁSTICAS* VI, 1975, p. 8.

prosseguindo:

> *(...) A intenção inicial foi a de reunir artistas nacionais e estrangeiros em torno de Colóquios, Intervenções e Exposições centrados num Espaço Livre no qual o diálogo se pudesse estabelecer sem os intermediários habituais. Estava previsto um debate em cada semana.*

Cartazes dos Encontros Internacionais de Arte



Figura 21 - Cartazes
Fonte: Cortesia Daniel Isidoro

Carimbos dos Primeiros, Segundos e Terceiros Encontros Internacionais de Arte



Figura 22 - Carimbos
Fonte: Cortesia Daniel Isidoro

As imagens que se seguem reportam-se a momentos diversos dos Encontros na Casa da Carruagem.



Figura 23 - Primeiros Encontros – Valadares – Casa da Carruagem – 1974
Fonte: Cortesia Daniel Isidoro

À semelhança dos Primeiros Encontros realizados na Casa da Carruagem, em Valadares, outros se seguiram em Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Caldas da Rainha e Vila Nova de Cerveira, de alguma forma diferenciados em função dos contextos sociais e culturais locais.



Figura 24 - Segundos Encontros em Viana do Castelo – 1975
Fonte: Cortesia Daniel Isidoro



Figura 25 - Terceiros Encontros em Póvoa de Varzim – 1976
Fonte: Cortesia Daniel Isidoro



Figura 26 - Quartos Encontros nas Caldas da Rainha – 1977
Fonte: Cortesia Daniel Isidoro

Contava Jaime Isidoro: *"...quando escolhemos Vila Nova de Cerveira para os realizar, o presidente da Câmara, Lemos Costa pediu-me uma grande exposição ... uma grande exposição... não, não, então, uma Bienal..."*, terá respondido.

Estava-se em 1978, período pós revolucionário, já com grande abertura ao que se realizava no estrangeiro em termos artísticos. Eram conhecidas as Bienais de Veneza e São Paulo.

Conforme se pode ler no desdobrável[64], escrito em português e francês, os Quintos Encontros formulavam a seguinte proposta:

Convite a um trabalho criativo
Ativação das potencialidades criadoras
Posição crítica
Estudo de esquemas de ensino
Panorama da Arte Portuguesa
Descentralização artística

[64] Desdobrável Quintos Encontros em Portugal – Arte ao Vivo – Vila Nova de Cerveira 5 a 12 agosto 1978.

Trabalho coletivo
Trabalho individual
Confronto de experiências
Diálogo com as populações
O presente voltado para o futuro
A vanguarda na arte
O previsto e o imprevisto

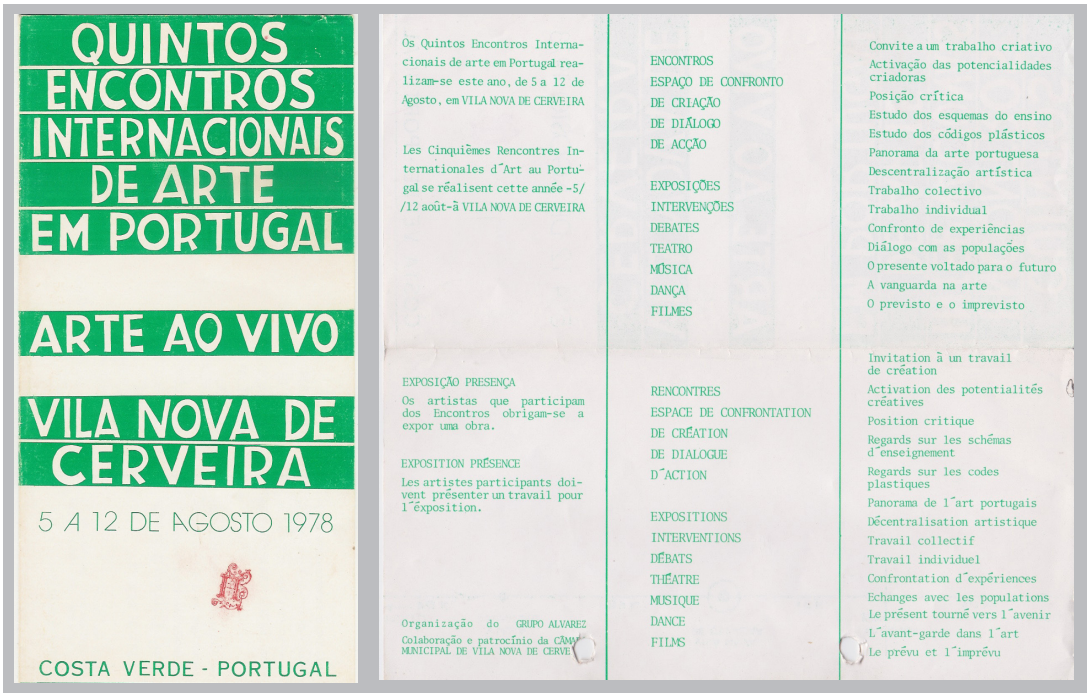


Figura 27 - Desdobrável Quintos Encontros Internacionais de Arte
Fonte: Arquivo Henrique Silva

1.9 EM VILA NOVA DE CERVEIRA, PORQUÊ?

Em Portugal, pela mão de Jaime Isidoro e do Grupo Alvarez surge a I Bienal Internacional de Arte.

Seguem-se outras Bienais no país, como a Bienal de Lagos, em 1982, que entretanto deixou de se realizar, a Bienal de Chaves, em 1983, e a Exposição de Arte Ibérica, em Campo Maior, em 1981, manifestações estas com preocupações na

descentralização cultural e desenvolvimento local (Idalina Conde: 1985),[65] tal como acontecia em Vila Nova de Cerveira.

Lemos Costa (1915-2001), presidente da autarquia de Vila Nova de Cerveira na altura, consciente do valor da interferência da arte no desenvolvimento social, proporcionou um ambiente excecional para a realização da sua V edição, dando assim origem à I Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira.

Tendo ocorrido entre os dias 5 e 12 de agosto de 1978, esta *Gala da Arte portuguesa e estrangeira* visava o intercâmbio de ideias como um impulsionador de transformações e uma urgente mudança económica, social e cultural. Sob o mote de levar a arte à rua, a BIAC afirmou-se como um evento de referência, dos mais marcantes das artes plásticas no país.

Em documento de 12 de setembro de 1978 da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, *Considerações Sobre A 1ª Bienal De Vª. Nª. De Cerveira* , lê-se:

> *(...) A Câmara teve como ideia inicial efetuar uma exposição de pintura, mas a felicidade de poder contar com a amizade e interesse manifestado pelo Jaime Isidoro e galerias Alvarez, fomos levados até aos V Encontros Internacionais e Bienal de Vila Nova de Cerveira, que ultrapassaram tudo quanto inicialmente tínhamos previsto.*[66]

Como conta Eurico Gonçalves na entrevista nº1, foi decisivo o desafio feito a Jaime Isidoro pelo então presidente da Câmara, Eng. Lemos Costa.

> *(...) Não tinha praticamente história…! Nem cultural…! Nem nada que valesse a pena sublinhar. E o Jaime Isidoro inventou a Bienal de Cerveira, que faz agora 35 anos de existência, e em consequência disso, hoje Cerveira é conhecida pela Vila das Artes.*

Após quatro décadas de existência, a Bienal de Cerveira é hoje uma marca com notoriedade nacional e internacional. Cultivando e estimulando a criatividade da região, tem vindo a atrair o público a um ritmo crescente e a alargar a sua incidência geográfica

---

[65] Conde, I. "*Bienais e Artistas em Cerveira",* apresentação pública da sua pesquisa no Seminário de Ciências Sociais da Faculdade de Economia do Porto, em maio 1985 in https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/968/1/4.pdf (acesso jun. 2013).

[66] Ver Anexo II Vol. III p.133.

ao promover exposições em espaços culturais localizados noutros concelhos do Vale do Minho e da Galiza. Este fenómeno de descentralização cultural e internacionalização tem vindo a proporcionar um espaço de encontro, interação, divulgação de ideias e uma oportunidade de projeção para artistas nacionais e internacionais.

Novamente se recorre às entrevistas nº 3 e nº 4 a membros da comunidade cerveirense para reforçar a importância do fenómeno "Bienal":

> *(...) A Bienal esteve para Vila Nova de Cerveira como o 25 de Abril esteve para Portugal. Enquanto no 25 de Abril os soldados saíram dos quartéis e foram fazer campanhas de alfabetização, abrir estradas com as máquinas de engenharia (...), a Bienal veio trazer para Vila Nova de Cerveira uma coisa diferente (…).*

acrescentando ainda:

> *(...) Pessoas diferentes, que se vestiam diferente, pensavam diferente, só isso causou um choque cultural, bastante grande aqui... E a Bienal, só por isso começou a ser falada nos meios de comunicação social, nos jornais, no Noticias todos os dias e só por isso, começou a tirar Cerveira, Vila Nova de Cerveira, do anonimato que até ali se mantinha.*

1.10 EGÍDIO ÁLVARO, JAIME ISIDORO, GRUPO ALVAREZ:
Contributos para a Bienal

Jaime Isidoro ficou conhecido como pintor e aguarelista, com uma obra que teve no Porto um tema recorrente, brindando-nos com mais de mil quadros dos recantos e recortes do casario, da cidade.

Mas a sua ação de divulgador da arte e dos artistas, numa época, numa cidade e num país em que estes eram vistos como algo menor, foi igualmente importante. Foi por isso que fundou a Galeria Alvarez, em 1954, e mais tarde, em 1978, criou a Bienal de Artes de Cerveira que, durante anos, transformou esta pequena vila do Alto Minho na capital das artes no país.

Foi um grande animador do movimento artístico nacional chamando a atenção para as obras de nomes como Amadeo (1987-1918) e Alvarez (1906-1942), e impulsionando uma geração de jovens artistas: José Rodrigues, Jorge Pinheiro, Armando Alves ou Ângelo de Sousa, cujo grupo se autodenominou "Os quatro vintes".[67]



Figura 28 - Os Quatro Vintes e Jaime Isidoro
Fonte: José Martins

Num tempo de obscurantismo político e social, foi um divulgador inconformista do movimento artístico numa cidade como o Porto, que era então um deserto cultural.

São relevantes as palavras de Augusto Canedo sobre a personalidade de Jaime Isidoro na entrevista nº8:

> *(...) Jaime era aquela…sabes aquele ditado que diz "querer é poder"? Pois o Jaime para mim personificava esta ideia de popular, não é? Este dito que é "querer é poder". Porque o Jaime, quando queria uma coisa, ele tinha tanta convicção naquilo que fazia, que ele acabava por convencer metade das pessoas e por outro lado, ser tão persistente que as coisas acabavam… e conseguia trazer, uma certa dignidade e uma certa importância aos eventos (...)*

---

[67] *... Esta é a última fotografia em que os 4 Vintes estiveram juntos, acompanhados pelo galerista que os acompanhou na apresentação pública do Grupo em 1968. A fotografia, de José Martins, foi feita no dia 18 de Junho de 2008, no Museu Teixeira Lopes, em Vila Nova de Gaia, na homenagem que o CCT/TEP lhes prestou, na sequência de nomeação dos Cinco como Sócios Honorários da instituição, e na abertura da Exposição 4+1 Artistas No Teatro Experimental Do Porto." In* https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1388805508052899&set=a.1381627692104014.1073741828.100007703 88677 (acesso abr. 2016).

e numa referência aos Encontros Internacionais de Arte, acrescenta:

> *(...) Para isso é preciso acreditar neles, não é? Porque senão, não tinha decorrido. Porque, vamos a ver…porque é que aqueles Encontros tinham naquela altura a seu favor? Quer dizer: não tínhamos meio recetivo para isso, que entendesse. Por onde se passava só dava problemas…! Por isso é que aquilo não se repetia…! Primeiro, não tinha essa ideia e, depois, também não havia oportunidade de repetir, na mesma Vila ou na mesma cidade, um segundo encontro…! Porque aquilo era complicado, não é…?*

Antes da Revolução do 25 de abril de 1974, segundo Couceiro, G. (2004:11), a arte sofria da conjuntura condicionada pelo poder político, o que se traduziu, *(..).numa certa inércia e afastamento do público face às artes*.

A Jaime Isidoro junta-se Egídio Álvaro, Crítico de Arte, nascido em Coimbra e que foi diretor da Diagonale/Espace Critique, em Paris (anos 80-90), integrando a Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA).

Egídio foi um dos principais promotores da Arte Contemporânea, mormente da Poesia Experimental Portuguesa nos Festivais Alternativos de Arte – ALTERNATIVA, 1981, 82, 83 (apresentando a obra de Ana Hatherly, E. M. de Melo e Castro, António Barros, Silvestre Pestana, António Campos Rosado, Fernando Aguiar e ANIMA); e na EXPO/AICA 85, na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa (António Areal (1934-1938), António Barros, Silvestre Pestana, entre outros).

A obra de Egídio foi objeto de estudo da investigadora Ana Luísa Barão que surgiu formulando abordagens diversas, desde o "Crítico como Comissário"[68] às "Heterodoxias Performativas".[69]

A primeira Bienal em Vila Nova de Cerveira (1978) resultou do esforço de um grupo de artistas portugueses no pós-25 de abril, quando as políticas culturais em Portugal iam sendo permanentemente alteradas, num ambiente de grande instabilidade, onde "*a ignorância e arrogância de muitos responsáveis públicos, assim como a falta de capacidade dos agentes culturais…"*[70]. Tal iniciativa caracterizou-se por um certo aventureirismo onde não se falava de orçamentação, planificação ou objetivos e impacto no meio, que permitissem contabilizar os resultados esperados.

---

[68] in ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8175.pdf.

[69] in performa.web.ua.pt/pdf/actas2009/05_Ana_Luisa_Barão.pdf.

[70] Xavier, J. (2012). *As artes e a cultura no fio da navalha*, Fundação Francisco Manuel dos Santos (2012) XXI TER OPINIÃO, vol. 1 pp.140-147

Ainda a propósito da Bienal de Cerveira, Eurico Gonçalves escreveu um texto que se encontra no site oficial da Fundação Bienal de Cerveira e do qual se cita um excerto, passando-se na íntegra para apêndice, pois o seu relato expressa melhor que qualquer outro a obra realizada na BIAC.

E, se no início desta Tese se falou da necessidade de manter a memória histórica, nesse texto fica um exemplo brilhante dessa memória de ações, de espaços e de criação. É uma síntese perfeita do que, aos olhos de um crítico de arte brilhante e integrado em processos semelhantes realizados noutros países, se realizou na BIAC*:*

> *(...) Ao carácter experimental e improvisado das primeiras Bienais de Cerveira, pioneiros da performance na praça pública, o que chocou e escandalizou a população local, as posteriores Bienais acabaram por se organizarem em espaços mais apropriados para exposições, conferências, debates, espetáculos, workshops, ateliers de gravura, cerâmica, pintura, fotografia, vídeo, computador e artes digitais.*[71]

1.11 SÍNTESE PARCIAL

À medida que se foi desenvolvendo esta pesquisa, muitos aspectos tornaram-se mais claros; enquanto novas perspetivas chamaram a atenção, muitas outras foram revistas através de uma perspetiva diferente, recorrendo para tal ao estado da arte.

Esta primeira parte abrange de um modo geral o(s) conceito(s) de uma Bienal, com particular ênfase nas Bienais históricas, nomeadamente a Bienal de Veneza, a primeira Bienal de arte a nível mundial, e a Bienal de São Paulo, referindo os respetivos antecedentes.

No que respeita a Portugal, abordou-se a situação sociopolítica, bem como alguns acontecimentos marcantes da vida artística, abrangendo as décadas de 50, a emigração de artistas para Paris e Londres na sequência do regime autoritário que se vivia em Portugal, a década de 60 já com Marcelo Caetano no poder, mas ainda com a guerra colonial, e finalmente a década de 70, período pré e pós revolucionário, com o regresso dos muitos artistas que tinham emigrado e os Encontros Internacionais de Arte, percursores da Bienal Internacional de Arte de Cerveira.

---

[71] Gonçalves, E. (2011) *Bienal de Cerveira – 33 Anos de existência (1978-2011) Exemplo de Descentralização Cultural.* Recuperado em 20 de junho, 2013, de http://Bienaldecerveira.org/historia-da-Bienal-de-cerveira/33-anos-de-existencia-1978-2011/

PARTE II

Histórico Cronológico
As Bienais de Cerveira 1978 a 2007
Memória e Singularidade

2.0

I BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

2.0 I BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

Vila Nova de Cerveira

5 a 31 de agosto 1978

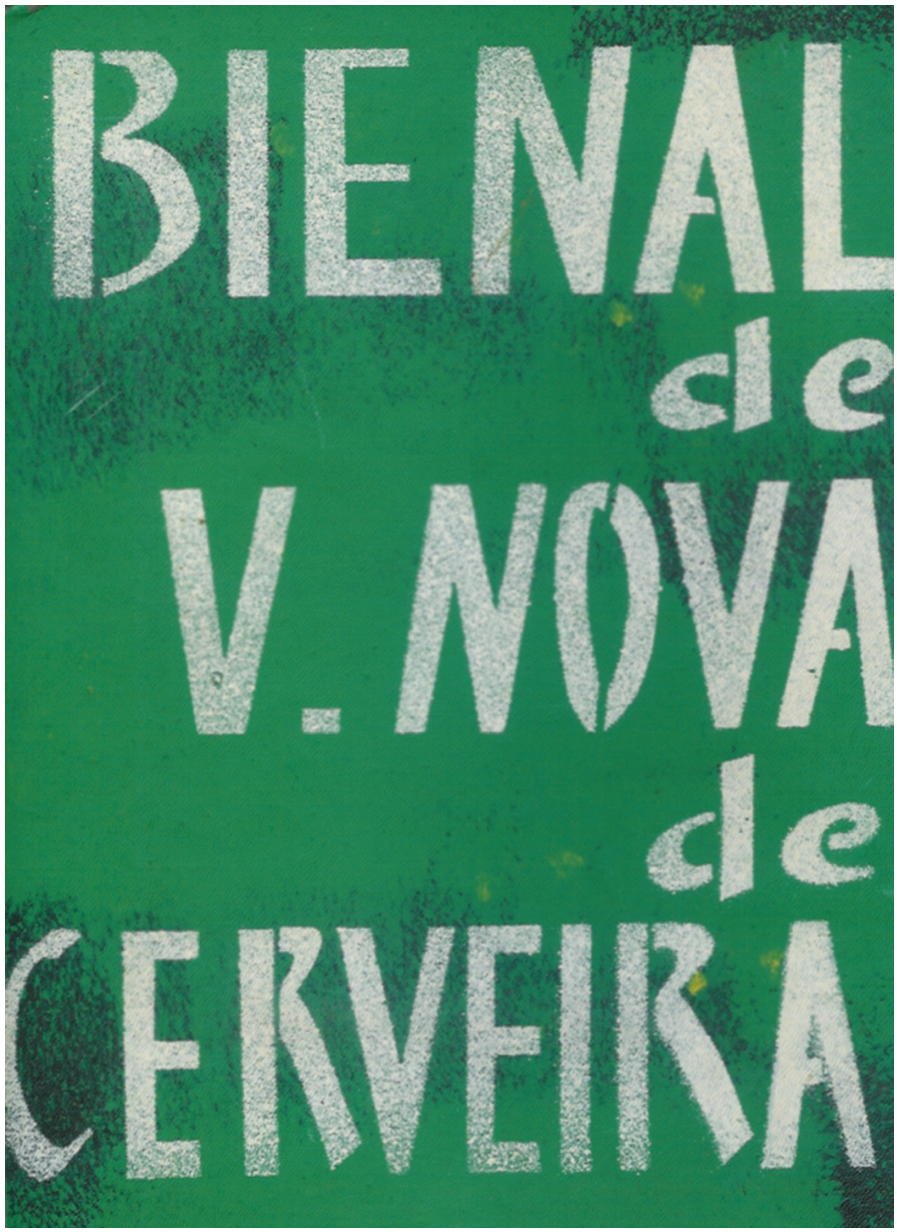


Figura 29 - Capa do catálogo – autoria Henrique Silva
Fonte: Arquivo Henrique Silva

2.1 NOTA PRÉVIA

Abordam-se as catorze edições da BIAC, objeto de estudo desta Tese, no seu sentido histórico, com as suas caraterísticas singulares e vivências próprias de um evento numa zona periférica do país.

Recorre-se a uma análise de documentos, catálogos, relatórios elaborados sobre as várias edições, recortes de imprensa escrita, local e a nível nacional, e que dão testemunho do que por Vila Nova de Cerveira se passava, assim como a algumas passagens de entrevistas feitas pelos Serviços Educativos da Fundação Bienal de Arte de Cerveira, em 2015, e de entrevistas de carácter autoral, justificativas da metodologia *Life-Writing*, na medida em que Vila Nova de Cerveira e toda a sua vida refletem as posturas dos entrevistados em dois sentidos: o que a vila ganhou e mudou e como se refletiu também na vivência dos entrevistados.

Incluem-se alguns quadros e gráficos que possibilitem uma imediata compreensão do conteúdo de cada edição, passando para apêndice listagens mais completas sobre os intervenientes, nomeadamente: participantes, países, comissão de honra, patrocínios, apoios, reportagem, impressão, agradecimentos, entre outros.

Complementando este estudo, introduzem-se imagens que se consideram significativas das variadas ações que decorriam durante as várias edições da BIAC.

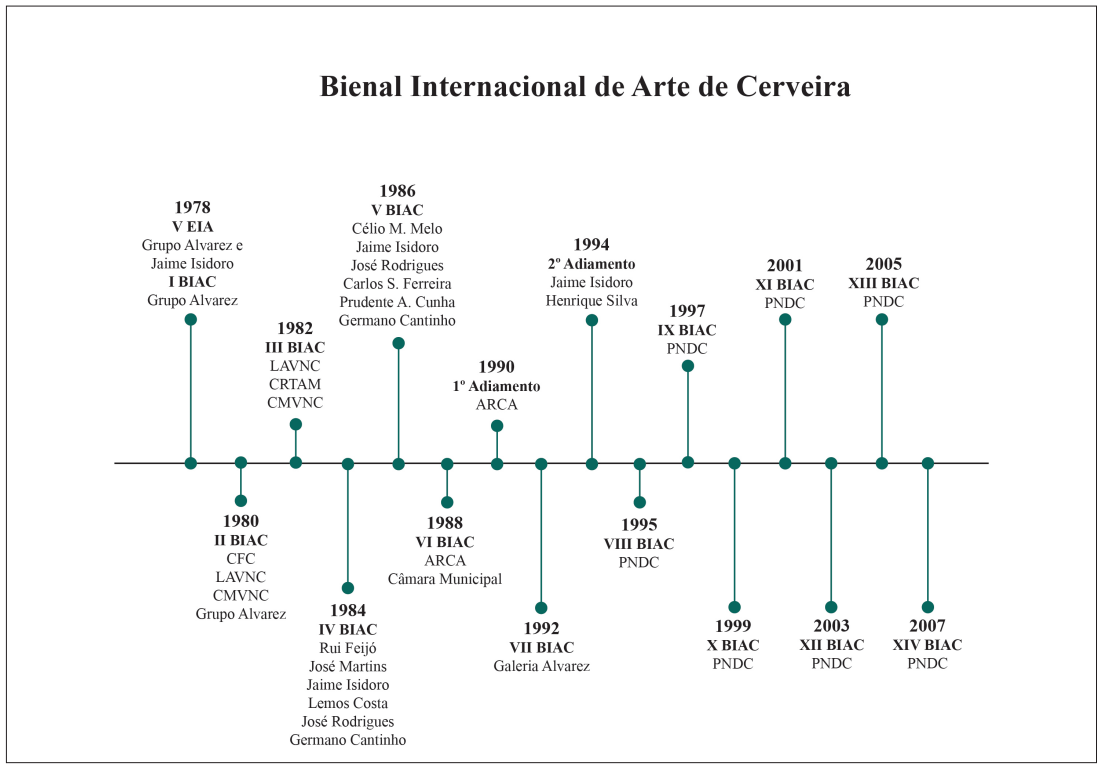


Figura 30 – Datas de realização das BIAC de 1978 a 2007, incluindo dois adiamentos.

Fonte: Autora

2.2 NOTA INTRODUTÓRIA

Na sequência de informações recolhidas sobre a I BIAC, como resultado de pesquisa de documentação pessoal de Henrique Silva e Jaime Isidoro , em recortes de imprensa da época e em extratos de entrevistas, feita uma seleção, apresenta-se o conteúdo do evento.

Havia, nesse mesmo ano de 78, uma forte dissidência entre Egídio Álvaro e Jaime Isidoro, o que levava a pensar que os Encontros Internacionais de Arte (EIA) teriam acabado.

Com o aparecimento de João Lemos Costa, presidente da Câmara de Vila Nova de Cerveira, frequentador assíduo da Galeria Alvarez-Dois (Porto), surgiu a proposta de realizar uma exposição em Vila Nova de Cerveira, e daí, nasceu a ideia de Jaime Isidoro de realizar os V Encontros Internacionais de Arte, sem Egídio, querendo comprovar com isso (e segundo entrevistas exploratórias a Henrique Silva) que prescindia bem da sua ajuda. Assim, os V Encontros Internacionais de Arte realizaram-se em Vila Nova de Cerveira, incluídos já na I Bienal.

Albuquerque Mendes a este propósito, na entrevista nº2, refere a pré-história da BIAC, como uma sequência dos Encontros Internacionais de Arte:

> *(...) e que foi a primeira Bienal de Cerveira, mas no fundo o espírito ainda vinha daí. Já não tinha o Egídio Álvaro, quando foi a Bienal de Cerveira, que eu me lembre... Portanto, Cerveira foi uma coisa muito da ideia do Jaime Isidoro... com o presidente da Câmara da altura e que deu depois exatamente o seguimento de Vila Nova de Cerveira (..)*

considerando que:

> *"(...) no fundo a Bienal de Vila Nova de Cerveira, foi quase uma espécie de idade adulta, se quisermos, de Valadares".*

2.3 ORGANIZAÇÃO

O quadro que segue representa a visão geral da organização da Bienal.

Quadro nº 4

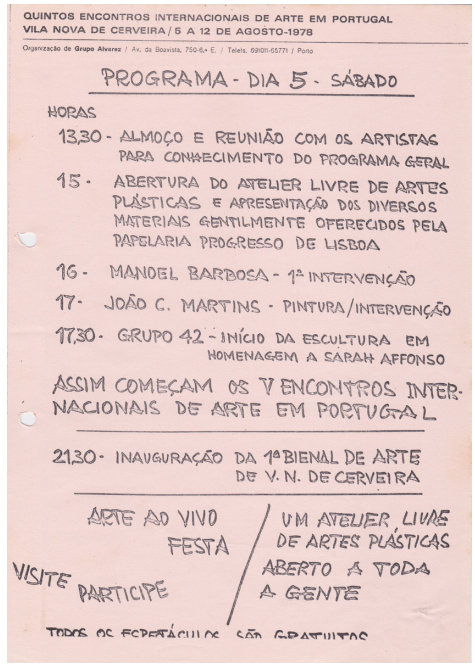
ESTRUTURA ORGANIZATIVA[72]

ORGANIZAÇÃO	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
Grupo Alvarez	Jaime Isidoro	G.Chromski Jorge Fallorca	Jaime Isidoro Henrique Silva	Edgardo Xavier Jaime Isidoro	Almada Negreiros Sarah Affonso (1899-1983)

O modelo das BIAC, nascido da forma organizativa dos Encontros Internacionais de Arte, serviria de mote à I Bienal e seguintes, com os aspetos já evidenciados nos referidos Encontros, como *ateliers* livres, debates, colóquios, intervenções, *performance art*, entre outras manifestações artísticas.

A esse modelo acrescentou-se uma secção de homenagem, bem como a participação de bandas de música locais e, mais tarde, o artesanato, visando uma relação de maior proximidade com a população.

Segue-se o programa da Bienal:


QUINTOS ENCONTROS INTERNACIONAIS DE ARTE EM PORTUGAL
VILA NOVA DE CERVEIRA / 5 A 12 DE AGOSTO-1978

PROGRAMA - DIA 5 - SÁBADO

HORAS

13,30 - ALMOÇO E REUNIÃO COM OS ARTISTAS PARA CONHECIMENTO DO PROGRAMA GERAL

15 - ABERTURA DO ATELIER LIVRE DE ARTES PLÁSTICAS E APRESENTAÇÃO DOS DIVERSOS MATERIAIS GENTILMENTE OFERECIDOS PELA PAPELARIA PROGRESSO DE LISBOA

16 - MANOEL BARBOSA - 1ª INTERVENÇÃO

17 - JOÃO C. MARTINS - PINTURA/INTERVENÇÃO

17,30 - GRUPO 42 - INÍCIO DA ESCULTURA EM HOMENAGEM A SARAH AFFONSO

ASSIM COMEÇAM OS V ENCONTROS INTERNACIONAIS DE ARTE EM PORTUGAL

21,30 - INAUGURAÇÃO DA 1ª BIENAL DE ARTE DE V. N. DE CERVEIRA

ARTE AO VIVO
FESTA
VISITE PARTICIPE

UM ATELIER LIVRE DE ARTES PLÁSTICAS ABERTO A TODA A GENTE

TODOS OS ESPETÁCULOS SÃO GRATUITOS

Figura 31 - Programa V Encontros e I Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[72] Listagem completa em Apêndice I Vol. III pp. 257-260.

Sarah Affonso[73], que esteve presente na inauguração desta Bienal, tendo passado parte da sua infância no Minho (Viana do Castelo), foi autora de uma pintura, intitulada "O Casamento", cedendo-a para cartaz das festas de Vila Nova de Cerveira, que decorreram durante esta Bienal.



Figura 32 - "O Casamento", Sarah Affonso
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Almada Negreiros, figura incontornável do modernismo português, personagem polifacetada, não só pintor, mas também poeta, conferencista irreverente, desenhador exímio e atento à evolução das correntes estéticas de vanguarda, como é retratado no desdobrável desta I Bienal, p. 4, realizou trabalhos de pintura mural, tapeçarias, painéis cerâmicos e vitrais.

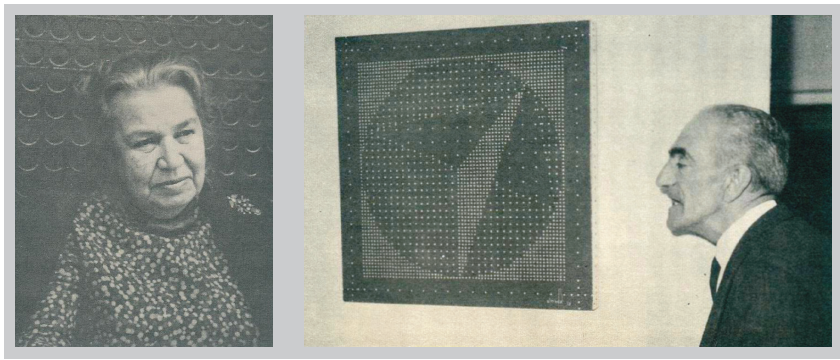


Figura 33 - Sarah Affonso e Almada Negreiros
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[73] "...Expôs individualmente em 1932 e 1939. Participou na Exposição do Mundo Português, 1940. Em 1944, recebeu o Prémio Amadeo de Souza-Cardoso (8.ª Exposição de Arte Moderna, SPN). Em 1953, participou na Bienal de S. Paulo, Brasil." – in https://pt.wikipedia.org/wiki/Sarah_Afonso (acesso mai. 2016).



Figura 34 - Vista geral da exposição
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Não se esperava, nesta edição, implementar um programa fechado pré-elaborado para preencher o espaço e tempo do evento e a prova disso é o catálogo, elaborado em folhas soltas, preenchido à medida que os acontecimentos se desenrolavam, fosse nos *ateliers* livres ou nas intervenções e espetáculos que nasciam do convívio e das discussões que duravam, por vezes, toda a noite, segundo relatos recolhidos.

Ou, como afirma Eurico Gonçalves, na entrevista nº1:

> *(...) e estas primeiras Bienais, é curioso dizê-lo…eram muito improvisadas, muito experimentais e…nós parece que andávamos com a tenda às costas (…) Montávamos a barraca, desmontávamos a barraca e andamos assim anos e anos (...).*

2.4 CONTEÚDOS

Neste item, apresenta-se o conjunto de atividades da I Bienal realçando a sua variedade e o seu número.

Quadro nº 5

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	ORIENTAÇÃO / PARTICIPAÇÕES NO *ATELIER* LIVRE DE ARTES PLÁSTICAS
Aguarela	Jaime Isidoro
Atelier de Crianças	Riuko Ishida
Caligrafia sobre papel	Riuko Ishida Kunio Iezumi
Cerâmica	José Rodrigues
Debates	Lima de Freitas – "Esoterismo na Pintura" Lima de Freitas – "Almada e o Número"
Desenho	Júlia Ventura Sebastião Resende
Escultura	Clara Menéres – "Granito – Ritmo", escultura dedicada à Cultura Minhota Grupo 42 – "Cadavre Esqui" – Homenagem a Sarah Affonso Marília Torres – Escultura em madeira
Espetáculos	Concerto / Pintura "Cinestesia" Música: Richard Marachin; Pintura: Nadir Afonso (1920-2013) Concerto / Pintura (Música: Venusia; Pintura: Carlos Barroco, Romualdo, Fernando Pinheiro) "O *Atelier* de Artes Plásticas vai para a Praça da Liberdade" – (Orientação: Henrique Silva e Jaime Isidoro; Colaboração: Venusia) Pierre-Alain Hubert – "Contes de L´ Île Nuageuse" (2) Rancho Folclórico da Casa do Povo (Inauguração) Rancho Folclórico das Lavradeiras de Reboreda (Inauguração)
Exposições	I Bienal de Arte Exposição Presença
Gravura	Fernando Pinheiro Henrique Silva Leão Lopes Romualdo
Intervenções	Carlos Barreira – "Intervenção da Máquina de bater palmas" Carlos Barroco – Intervenção "O Verde" Gracinda Candeias – Intervenção "Teste-se" Intervenção Coletiva (Paulo Soromenho, Mané, Durval Lucena, Manoel Barbosa): "Hora" Interv. Coletiva (Elisabete Mileu, Manoel Barbosa): "Os Outros" Lori-Laura Cesana – Intervenção Manoel Barbosa –"Intervenção Ultra Rápida seguida de Ultra-morosa"; Início da fase libertadora de "Os Outros" Painel Coletivo (Pintura) – 6 artistas (Artur Bual, Eurico Gonçalves, Júlia Ventura, Justino Alves, Kunio Iezumi, Sebastião Resende) Visita à Feira – Intervenção
Litografia	Lima de Freitas Gracinda Candeias José Rodrigues Sebastião Resende Henrique Silva

Música	Banda de Música da Casa do Povo (Inauguração I Bienal) Hubert e Ishida – "Concerto na Torre da Igreja" Richard Marachin "Concerto de Piano no Teatro dos Bombeiros" (2 concertos) Venusia (Jeff Sicart, Gerard Nassoy, Olavo Tengner, Luís Monteiro) "Música no Coreto" "Música na Praça da Liberdade" – (2 concertos)
Olaria	Álvaro Torres
Pintura	António Sampaio Artur Bual Dalila D'Alte Eurico Gonçalves Gracinda Candeias Henrique Silva Ishida e Iezumi João C. Martins Júlia Ventura Justino Alves Sebastião Resende
Projeções	Passagem de Filmes / Diapositivos e Vídeo-tape
Serigrafia	Fernando Pinheiro Henrique Silva João C. Martins Romualdo
Teatro	Grupo de Teatro Anima – "Relatório sobre Atlântida"; "Exercício Corporal" Pé de Vento, Coletivo de Animação Teatral – "Ventolão (o maior intelectual do mundo)" (2 atuações)
Visitas Guiadas	Edgardo Xavier
Visita ao Concelho	Oferta da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira aos participantes dos V Encontros Internacionais de Arte

Nesta edição, foram homenageados os artistas: Sarah Affonso e Almada Negreiros, este falecido oito anos antes, e que fizeram parte do grupo dos primeiros modernistas em Portugal.

Das atividades também fizeram parte as Visitas Guiadas por Edgardo Xavier, não havendo em arquivo qualquer imagem.

Nesta Bienal, não foram atribuídos prémios, embora tenham ficado obras doadas pelos artistas participantes nos vários *ateliers* e que hoje fazem parte do espólio da BIAC.

2.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Houve intervenções polémicas, tais como a de Gracinda Candeias, autora da intervenção "TESTE-SE".



Figura 35 - *Performance* de Gracinda Candeias
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Sobre a *performance art* ficam as palavras de Né que, na entrevista nº5, refere a apreciação e o sentido de participação da população face a esses episódios:

> *(...) Sim, teve um impacto grande. Sabe que nós não estávamos habituados àquelas performances que eles faziam, era engraçado. (…) Os artistas a fazerem teatro (...) Quer dizer, era muito engraçado. E as pessoas acolheram muito bem. Era muito bonito. E depois, sabe como é? Muitos artistas por aqui e davam obras. Nós pronto, às vezes dávamos de comer.*

Entre as várias manifestações denominadas "Arte ao Vivo", destaca-se o Grupo 42, com a execução da escultura de homenagem a Sarah Affonso,



Figura 36 - Grupo 42 – Homenagem a Sarah Affonso
Fonte: Arquivo Henrique Silva

e a pintura de um painel coletivo, por vários artistas,

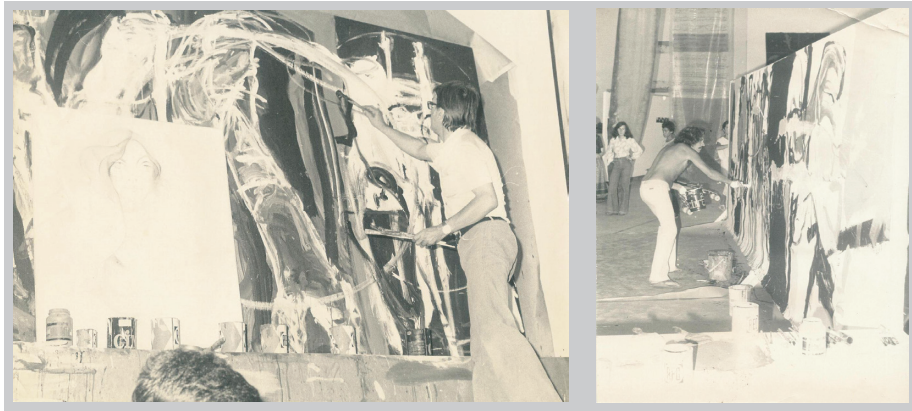


Figura 37 - Artur Bual e Eurico Gonçalves
Fonte: Arquivo Henrique Silva

também o *Atelier* de Crianças com origamis, dirigido por Riuko Ishida.



Figura 38 - Riuko Ishida e as crianças
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Foi dada grande atenção às crianças e, por vezes, alguns dos trabalhos eram posteriormente impressos e introduzidos no catálogo, como é o caso de um desenho de uma criança com 9 anos, assinado por Maria Virgínia da Silva Fernandes Barbosa, e que vai em anexo a esta Tese.[74]

[74] Anexo II Vol. III p.134.

O Coletivo Pé de Vento iniciou a sua atividade como grupo de teatro, no qual se inscrevem atividades performativas, vocacionado sobretudo para as crianças, e neste caso apresentou o "Ventolão – o maior intelectual do mundo", espetáculo de fantoches para miúdos e graúdos, a par de animação cultural da sua própria autoria.



Figura 39 - O Ventolão – O maior Intelectual do Mundo
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O Grupo de teatro Anima, coordenado pelo ator e encenador brasileiro Seme Lufti, apresentou-se com sessões de expressão corporal e representou a peça "Relatório sobre Atlântida", de Rui Mesquita, que foca o drama do homem dividido entre a realidade e o sonho.



Figura 40 - Intervenções do grupo de teatro Anima (Expressão corporal)
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Ao longo do evento, decorreram ainda outras atividades tais como: música no Coreto pelo Grupo Venusia[75]; uma escultura dedicada à cultura minhota de Clara Menéres, intitulada "Granito-Ritmo";



Figura 41 - Clara Menéres – Implantação da escultura "Granito-Ritmo"
Fonte: Arquivo Henrique Silva

um concerto por Hubert e Ishida acompanhado com fogo de artifício na torre da igreja; uma *performance* de Elizabete Mileu e Manoel Barbosa; um concerto de piano por Richard Marachin; um *atelier* de Serigrafia orientado por Henrique Silva e uma intervenção da "Máquina de Bater Palmas" de Carlos Barreira.



Figura 42 - *Atelier* de Serigrafia – Henrique Silva
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[75] do qual faziam parte Jeff Sicard, Gerard Nassoy, Olavo Tengner e Luís Monteiro.

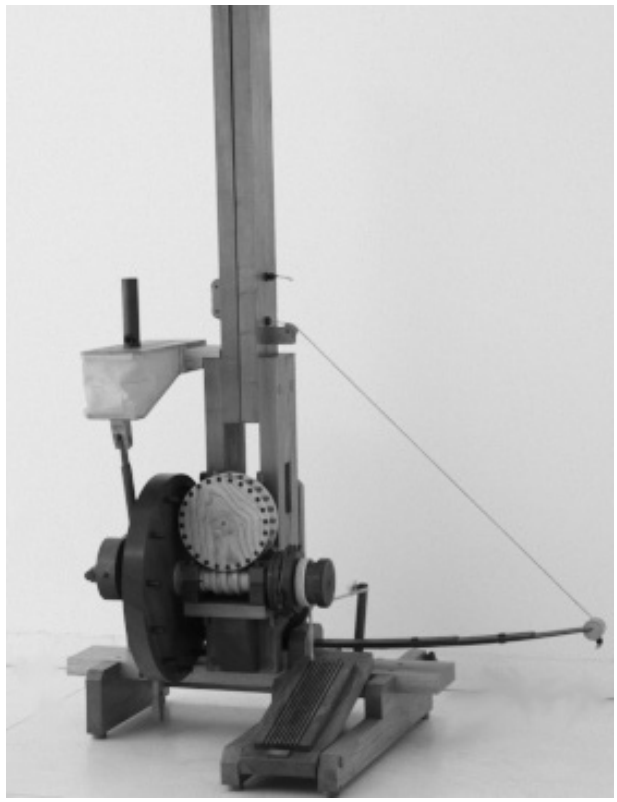


Figura 43 - Máquina de bater palmas, de Carlos Barreira
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Cerâmica



Figura 44 - *Atelier* de Cerâmica – José Rodrigues e *Atelier* de Crianças
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atividades Infantis e *Performance Art*





Figura 45 e Figura 46 - *Atelier* de crianças – *Performance* Michel Roubaix
Fonte: Arquivo Henrique Silva

As Crianças e os Papagaios



Figura 47 - *Workshop* de papagaios[76] – *Atelier* de crianças
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[76] Na consequência deste *workshop*, fez-se uma largada de papagaios na ilha da Boega, no rio Minho.

Mais Pintura



Figura 48 - *Atelier* de Pintura – Riuko Ishida
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Teatro de Rua



Figura 49 - Teatro no Largo do Terreiro
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Conferência /Debate



Figura 50 - Joaquim Matos Chaves
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Entre os V Encontros Internacionais de Arte e a I Bienal, as atividades confundem-se e deram azo ao projeto da Câmara Municipal de construir a Casa do Artista e o Museu de Arte Moderna[77].

Arlindo Rocha (1921-1999), num artigo publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro* de 9 de setembro 1978[78], comentava: *"(...) dizia-se no Porto ... são coisas de comunas"* e que em Vila Nova de Cerveira, quando perguntou a um cerveirense a sua opinião, a resposta foi: *"(...) é a direita a enganar o povo"* e de regresso ao Porto, questionando uma família que tinha estado nesta vila, responderam-lhe: *"(...) estivemos próximo, mas não fomos ver – aquilo é mais uma dos comunistas".*

Num outro artigo do mesmo jornal, de 12 de setembro, intitulado "Encontros em 3.º Grau...", escreveu a propósito de uma intervenção de Gracinda Candeias:

[77] Nunca foi concretizado o museu, embora haja espólio de todas as Bienais, quer procedente dos prémios atribuídos em cada edição da BIAC, quer de doações, e que se encontra atualmente depositado no Fórum Cultural de Cerveira.

[78] Anexo I Vol. III p.7.

(...) com alguma ironia, quiçá alguma agressividade, uma pintura presente nestes V Encontros, depois de sarapintar uma espécie de grande lençol, que pendurou alto na parede, ainda a estender-se pelo chão fora, metendo-se-lhe por detrás, nele fez dois buracos à altura dos seios, que por eles despontaram luz.[79]

Luís Pacheco, no jornal *O Diário Popular* de 14 de setembro 1978, escrevia:

(...) Conhecia Vila Nova de Cerveira há uns bons 20 anos atrás. Lembrava um buraco provinciano, lugarejo de passagem para Valença, para a fronteira. Onde acho, matutava, iriam instalar as dezenas de participantes? Enganei-me, e para bem."[80]

Nesta I BIAC foi editado um Boletim[81] 1 BIENAL DE ARTE, e na p. 15 faz-se referência à Papelaria Progresso de Lisboa, que patrocinou o evento com materiais para os *ateliers* (desenho, pintura, cerâmica, litografia, gravura e batik) e até para o público, pois este intervinha desde que manifestasse interesse. E a propósito da participação da Papelaria Progresso, com material para o *atelier* livre, Henrique Silva recorda, em conversa informal com a autora:

(...) o funcionário da papelaria encarregue de apresentar e salvaguardar os materiais expostos passava o dia na praia com algumas meninas e, quando chegava para jantar, já muito material exposto tinha desaparecido...As refeições faziam-se no Lau em perfeito convívio.

Sobre o Lau,[82] muitas histórias poderiam ser referidas, mas colocam-se em confronto a opinião de Cabral Pinto na entrevista nº9, que refere a importância do Lau e o espírito inovador em contacto humano da BIAC:

(...) Eu vou-me lembrar do nome do gajo. Porque ele era muito castiço, porque contava anedotas e a gente passava ali a noite toda, até às tantas…? Até que o Lau mandava-nos embora, não é…? era assim para o… Ó pintor, ó escultor, eu já tenho que me ir embora, que amanhã tenho que me levantar…? Mas o Lau é que deve ter histórias.

---

[79] Anexo I Vol. III p. 8.

[80] Anexo I Vol. III p. 9.

[81] Anexo II Vol. III p.135.

[82] Estasnilau (Lau), proprietário do restaurante com o mesmo nome, onde os artistas comiam e conviviam, desde que apresentassem as senhas, que, depois, a Câmara lhe pagava diretamente.

bem como as palavras de Augusto Canedo na entrevista nº8 que afirma:

> *(...) Depois descobri que almoçava e jantava no Lau, debaixo daquela ramada e de facto, aí, foi o ponto em que permitiu que muitos artistas e outras pessoas do mundo da Arte se conhecessem melhor. Porque senão, as pessoas cruzam--se na rua e não têm uma oportunidade para se conhecer (...) E ali à mesa, durante umas largas horas, acabava por se conhecer muita gente e isso foi o que eu recordo como mais atrativo da Bienal de Cerveira.*

As intervenções dos artistas nesta BIAC são um referencial deste acontecimento e as palavras de Eurico Gonçalves na entrevista nº1 são explícitas e consensuais:

> *(...) De maneira que as performances eram todas elas no espaço público, na praça pública, o que chocou, chocou e até escandalizou a população local. É claro que o povo acabou por se habituar à ideia da Bienal. Acabou por considerar que a Bienal é uma manifestação artística e acabou por reconhecer que, graças à Bienal, Cerveira não só está no mapa, como diz o povo (…)o povo das feiras diz: «– não acabem com a Bienal, que traz cá muita gente». Portanto a Bienal foi uma motivação forte para trazer muita gente, além de prestigiar culturalmente a região.*

Retomando a referência da p. 48 desta Tese, Parte I, sobre a Bienal de São Paulo e as palavras de Gomes Machado: "*para São Paulo se buscaria conquistar a posição de centro artístico mundial",* vem a propósito as palavras de Jaime Isidoro, quando refere a necessidade da internacionalização da BIAC:

> *(...) houve a preocupação em que nela participassem valores internacionais porque o meu objectivo é que cada vez mais nos aproximemos do que se faz nas Bienais de Veneza, Paris, S. Paulo.*[83]

Considerou-se de interesse investigar quais os artistas que estiveram representados nesta edição da BIAC e que, em determinada época, também integraram as delegações nacionais e internacionais à Bienal de São Paulo, a designar no Quadro nº 6 pelo acrónimo BSP e à Bienal de Veneza por BV, considerando que esta presença representava contributos/conteúdos para as artes.

---

[83] Anexo I Vol. III p. 5.

Quadro nº 6

ARTISTAS EM VILA NOVA DE CERVEIRA E SÃO PAULO

I BIAC – 1978	BSP – ANO	BV – ANO
Angelo de Sousa[84]	1975	
Alberto Carneiro		1976
Amadeo de Souza-Cardoso[85]	1951-1953	
António Soares[86]	1959	
Artur Bual[87]	1951/53/55/57	
Carlos Botelho[88]	1959	1950
Eduardo Luís	1955	
Eduardo Viana	1953/55/59	
Fernando Lanhas[89]	1951/59	
Júlio Resende	1953	1960
João Hogan (1914-1988)	1973	
José Rodrigues[90]	1953	
Lima de Freitas	1959	
Lourdes Castro		
Noronha da Costa[91]	1959	
Nuno Siqueira	1959	
René Bértholo	1953	
Sarah Affonso[92]	1953	
Vieira da Silva[93]	1953/1961	1978

2.6 DADOS ESTATÍSTICOS

No que respeita ao número de participantes, num total de 147, e ao número de países representados, apresenta-se o Gráfico 1 que inclui já a participação de artistas estrangeiros e, para melhor se perceber a relevância e impacto da I BIAC, ficam as palavras de Eurico Gonçalves na entrevista nº1:

---

[84] Prémio Internacional na 13.ª Bienal de S. Paulo, 1975 in https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%82ngelo_de_Sousa (acesso jun. 2016 - para o ano 1953).

[85] https://issuu.com/Bienal/docs/name24c514 (acesso jun. 2016 – para o ano 1953).

[86] https://issuu.com/Bienal/docs/namec311d4 (acesso jun. 2016 – para o ano 1951).

[87] https://issuu.com/Bienal/docs/named458a4 (acesso jul. 2016 – para o ano 1959).

[88] https://issuu.com/Bienal/docs/named27014/1 (acesso jul. 2016 – para o ano 1955).

[89] http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/artistas/ver/52/artists (acesso jun. 2016).

[90] https://issuu.com/Bienal/docs/namee1bdf4 (acesso jun. 2016).

[91] http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/artistas/ver/119/artists (acesso jun. 2016).

[92] https://issuu.com/Bienal/docs/name24c514 p. 281 (acesso jun. 2016).

[93] https://www.escritoriodearte.com/artista/maria-helena-vieira-da-silva (acesso jun. 2016).

(...) Foi em 1978 que se realizou a primeira Bienal de Cerveira. Já agora conto que o então presidente da Câmara de Cerveira, que é o Eng. Lemos, pediu ao Jaime Isidoro: "– Vê lá se arranjas um acontecimento que ponha Cerveira no mapa", porque Cerveira, até essa época, era um sítio de passagem. Não tinha praticamente história...! Nem cultural...! Nem nada que valesse a pena sublinhar.

Gráfico 1

PARTICIPANTES/PAÍSES

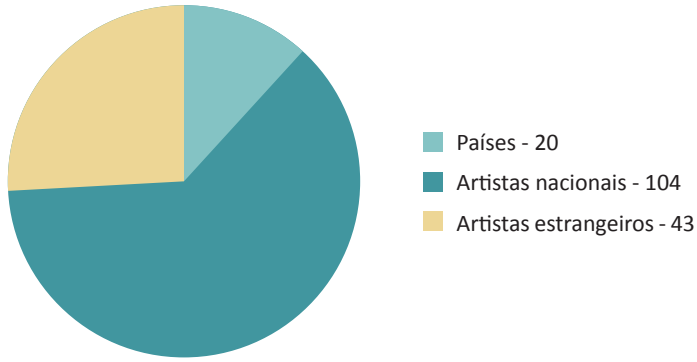


Figura 51 - Artistas e países representados

2.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Apresenta-se de seguida a localização da exposição e das intervenções em Vila Nova de Cerveira.

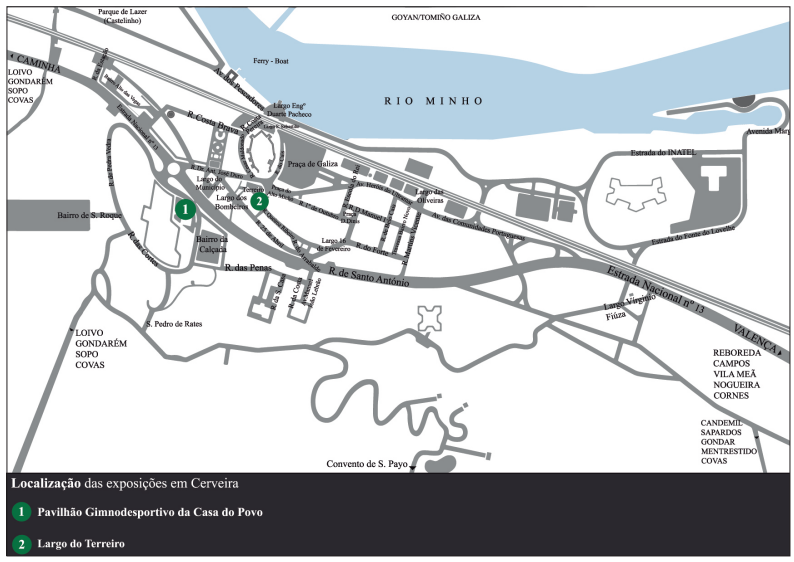


Figura 52 - Mapa dos locais de intervenção da I BIAC

2.8 SÍNTESE PARCIAL

Nesta edição da BIAC, regista-se por um lado, o grande entusiasmo da parte dos artistas participantes, também visível pelos relatos de alguns dos entrevistados pela autora e pelos Serviços Educativos da FBAC, mas, por outro lado, alguma desconfiança por parte da comunidade cerveirense, sobretudo devido às intervenções na praça pública de *performance art* que envolviam o nu.

A adesão dos "grupos de esquerda" trouxe o beneplácito que permitiu ir além do imaginário do próprio conceito da arte contemporânea, cujos exemplos importados da Europa foram ultrapassados, só comparados com o próprio conceito do "existencialismo", movimento internacional nascido no pós-guerra.

A euforia da libertação do jugo da PIDE/DGS levava muitas vezes a excessos que se confundiam entre "arte-não arte" e que baralhavam a população local, levando a comentários como "*isto parece um manicómio"*,[94] ou mesmo a confrontos com a extrema-esquerda local.

Na sequência da leitura de alguns recortes de jornais, sabe-se que esta Bienal teve, na sua origem, uma contestação muito forte da parte de grupos da esquerda política, que apelidavam os artistas de "fascistas". Porém, a relação com os elementos da Organização foi-se atenuando e apaziguando graças à diplomacia de Jaime Isidoro que, contornando os problemas surgidos pelos "nus" e outras manifestações "ousadas", tornou esse grupo um grande apoiante da Bienal.

Realizada na sequência dos V Encontros Internacionais de Arte, esta Bienal teve como novidade em relação a estes, o facto de haver *ateliers,* atividades para as crianças e visitas guiadas, constituindo-se como uma ação singular.

É de salientar que parte do catálogo desta edição da BIAC foi impresso em serigrafia, à medida que os acontecimentos iam decorrendo.

Não foram atribuídos prémios nesta edição, embora tenham ficado obras doadas pelos artistas participantes nos vários *ateliers* e que, hoje, fazem parte do espólio da BIAC.

---

[94] In *Jornal Voz do Povo*, de 5 setembro 1978, artigo de Filipe Rocha da Silva – Anexo I Vol. III p. 10.

Vila Nova de Cerveira
2 a 31 de agosto 1980

3.0

II BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

3.0 II BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE
Vila Nova de Cerveira
2 a 31 de agosto 1980

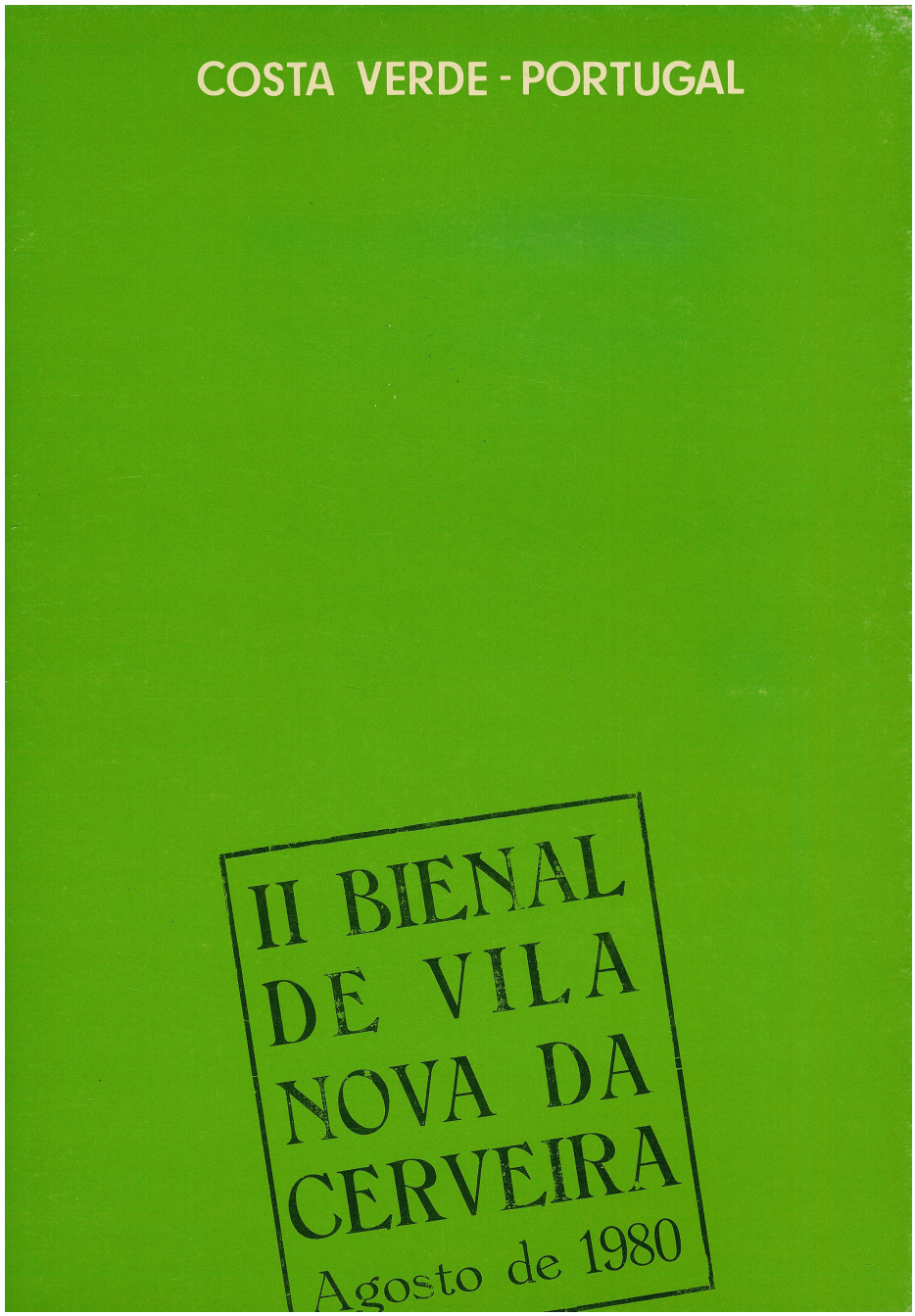


Figura 53 - Capa de catálogo – Grafismo de Carlos Barreira
Fonte: Arquivo Henrique Silva

3.1 NOTA INTRODUTÓRIA

No caso da II BIAC já se pretendeu imbuí-la de um cariz mais planeado. Face ao sucesso da I BIAC, a Câmara Municipal, ainda presidida por Lemos Costa, decidiu abrir mais os *cordões à bolsa* para custear as deslocações e seguros, assim como estabelecer um leque alargado de prémios.

Uma vez que em 1980 se celebrava o quarto centenário da morte de Camões, a organização decidiu homenagear o poeta e, embora não contemplado no regulamento o prémio para a modalidade da *performance art*, o júri premiou Carlos Nogueira, cuja *performance*, consistiu em distribuir a 400 pessoas flores brancas e panfletos com a frase de Camões "Todo o Mundo é composto de Mudança", frase essa que também foi escrita a *spray* num painel exposto no recinto da Bienal. Esta *performance* poderia não ter acontecido como conta Carlos Nogueira na entrevista nº 7:

> *(...) um trabalho que esteve para não acontecer, porque eu vim num comboio com uma grande mala de cartão, com os materiais para fazer o trabalho. Num comboio superlento, como agora penso que já não há e adormeci e, em determinada altura, parei num sítio e a minha mala não estava! Estava cá fora. Eu saí a correr, nem perguntei quem a tirou, peguei na mala, pus lá dentro, já com o comboio em andamento. (...) ou seja, se eu não tivesse acordado, eu não tinha estado em Cerveira.*

Esta edição da BIAC contou com a colaboração a nível institucional da Cooperativa de Actividades Artísticas – Árvore, da Casa do Povo de Vila Nova de Cerveira, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Galeria Tempo (Lisboa) e individualmente de Carlos Barreira, Escultor; Henrique Silva, Pintor; José Rodrigues, Escultor e Raimundo Lemos Pereira, para a montagem.

Nas entrevistas nº3 e nº4 a Diamantino e Cândido, atente-se na riqueza de observações apresentadas e que se podem crer como registos históricos legítimos:

> (…) *Sala Camões, há de aparecer nos catálogos, e então, espalharam aqui pela Vila e colaram lá e tal, "Todo o mundo é composto por mudança". Enfim, um poema de Camões, um versículo de Camões, " Todo o mundo é composto por mudança". E então vão logo ali à Câmara, alguém a dizer ao presidente: "– Olhe, estão aí os comunistas, isto é para mudar. Você prepare-se, mudanças há." E então, alguém manda apagar aquilo tudo lá em cima, e pintarem lá o que havia escrito "Todo o mundo é composto por mudança", por acaso estava lá nessa altura e perguntei ao pintor, que era aquela malta velha, como é que se chama…? (…). (…) Não... era um pintor, mas era da construção civil.*

Mas este embaraço foi de imediato reparado, como conta Cândido:

(...) O que é que o senhor vai fazer (...) Vou pintar isto, que me ligaram da Câmara, para pintar isto…que mudança, não sei quê (...) Não pinte nada até eu dizer. Que eu andava por ali também, eu e o Chico Dias e tal (...) E venho à Câmara "– Você vai matar o Camões (...) Vai truncar um poema de Camões." (...) "– Ai não sabia (...) Disseram-me que mudança pá, esses gajos andam por aí (...)" e pronto, ficou assim (...) E as coisas ficaram por ali e abafou-se aquilo (...) Está a ver as incongruências que isto causava.

A situação acima relatada resultou de um mal entendido, a propósito da frase de Carlos Nogueira, "Todo o mundo é composto de mudança". Alguém da Câmara mandara pintar por cima da frase para a apagar (considerada provavelmente provocatória), mas, alertado o presidente da Câmara para o facto de "ir matar o Camões", o assunto ficou arrumado e a frase continuou escrita no painel.

3.2 ORGANIZAÇÃO

O quadro que segue serve como introdução ao esquema a que a Bienal obedeceu, para melhor compreensão da sua planificação, do *staff* da organização do evento, a respetiva direção artística, quem fazia os contactos com a imprensa, o arranjo gráfico do catálogo, cartaz e outros suportes de divulgação, bem como as pessoas envolvidas na escrita de textos e referência ao artista homenageado.

Quadro nº 7

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[95]

ORGANIZAÇÃO[96]	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
CMVNC LAVNC Grupo Alvarez CFC	Jaime Isidoro	Jorge Fallorca	Carlos Barreira	Edgardo Xavier Jaime Isidoro	Barata Feyo (1899-1990)

[95] Listagem completa em Apêndice II Vol. III pp. 261-265.

[96] Câmara Municipal Vila Nova Cerveira – CMVNC.
Liga Amigos Vila Nova Cerveira – LAVNC.
Comissão de Festas do Concelho – CFC.

Foram nomeados nove elementos para o júri de premiação, abrangendo as várias disciplinas artísticas: pintura, escultura, desenho, gravura e instituído o Prémio Revelação e estabelecido o Prémio Camões, galardão atribuído a Carlos Nogueira.

Segundo o Regulamento do Concurso, o Prémio Revelação destinava-se a premiar artistas jovens, até aos 30 anos, decisão criticada por Eurico Gonçalves num artigo publicado no *Diário Popular*[97] de 4 de setembro:

> *(...) Relativamente ao Prémio Revelação, para artistas com menos de trinta anos, o regulamento não admite que a revelação se verifique aos quarenta anos de idade, pelo que calculo o embaraço do júri em não poder assinalar a revelação de obras bem mais significativas de autores igualmente desconhecidos, mas mais velhos de idade.*

Quadro nº 8

JÚRI DE PREMIAÇÃO

ELEMENTOS DO JÚRI	INSTITUIÇÃO
Edgardo Xavier	Organização II BIAC
Fernando de Azevedo (1923-2002)	Fundação Calouste Gulbenkian
Fernando Calhau	Secretaria de Estado da Cultura
Fernando Pernes	Associação Inter. de Críticos de Arte – AICA
Gil Teixeira Lopes	Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses – GRAVURA
Gustavo Bastos	Escola Superior de Belas Artes do Porto – ESBAP
Joaquim Matos Chaves	Cooperativa de Actividades Artísticas – ÁRVORE
Justino Alves	Escola Superior de Belas Artes de Lisboa – ESBAL
Lima Carvalho	Sociedade Nacional de Belas Artes – SNBA

Num artigo publicado no *Jornal de Notícias*[98] de 21 de outubro 1980, s/p, o crítico Fernando Pernes refere:

> *(...) Em despretensiosa "instalação" de flores, papéis e palavras, Carlos Nogueira abria a leitura camoniana a inéditos campos imaginativos, melhor, senão única maneira de revitalizarmos os patrimónios culturais (...) lembrando as mudanças trazidas pelo 25 de Abril como associando-se a subtil lirismo do efémero e do erótico.*

[97] Anexo I Vol. III p. 11.

[98] Anexo I Vol. III p.12.

A fim de recolher a opinião geral dos visitantes, foi-lhes distribuído um inquérito do qual constavam as seguintes questões:

Que viu e ouviu? Gostou? Não gostou? Indiferente? Vale a pena uma Bienal de Arte em Vila Nova de Cerveira? Sugestões, conforme se pode ver no anexo a esta Tese.[99]



Figura 54/1-2 - *Performance* de Carlos Nogueira
Fonte: http://carlosnogueira.com/pt/trabalhos/a-camoes-e-a-ti-1.html

Carlos Nogueira, em 1981, participa na exposição "25 Artistas Portugueses Hoje", no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, em Ibirapuera, repetindo, com ligeiras alterações, a *performance* "A Camões e a ti; 99 pombas de brincar para os outros tantos usadores", constituída por onze elementos fotográficos p/b.



Figura 55/1-2 - Carlos Nogueira no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo
Fonte: http://www.artecapital.net/exposicao-375-carlos-nogueira-o-lugar-das-coisas

Os prémios Revelação, atribuídos a artistas com idades até 30 anos, mostra a preocupação do júri em incentivar as novas gerações.

[99] Anexo II Vol. III p. 136.

Quadro nº 9

PRÉMIOS, ARTISTAS GALARDOADOS E OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA[100]
Carlos Nogueira	Prémio Camões "A Camões e a Ti"	
Mário Américo	Desenho	
José Rodrigues	Escultura	
Costa Pinheiro	Gravura	
Ângelo de Sousa	Pintura	
Pedro Casqueiro	Revelação (Desenho)	
Amaral da Cunha	Revelação (Escultura)	
Leonor Ferrão	Revelação (Escultura)	Sem registo fotográfico
Alberto José	Revelação (Gravura)	
Rui Pimentel	Revelação (Pintura)	

[100] In http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all



Figura 56 - Pormenor da exposição
Fonte: Arquivo Henrique Silva

3.3 CONTEÚDOS

O escultor Mestre Barata Feyo foi o artista homenageado e esteve presente na inauguração da Bienal.



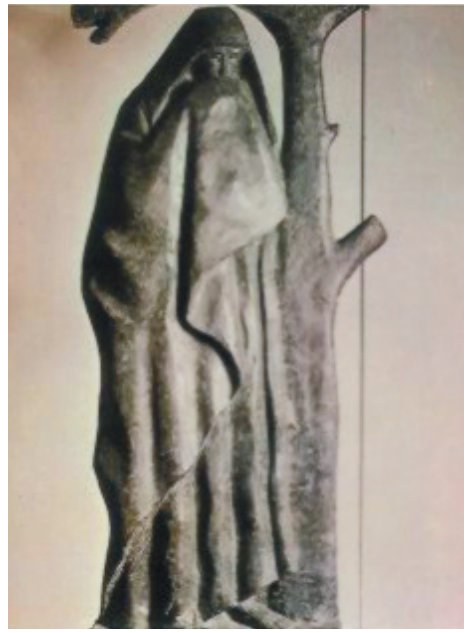


Figura 57 e Figura 58 - Barata Feyo e escultura "Mulher e Árvore"
Fonte: Arquivo Henrique Silva

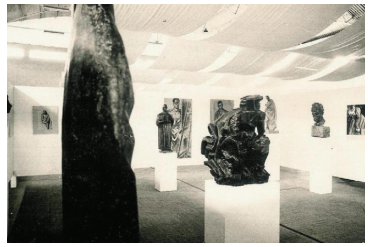



Figura 59 e Figura 60 - Sala de Homenagem a Barata Feyo
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Pela diversidade de manifestações artísticas, entre o teatro, a dança, a música e a pintura de grandes painéis, esta Bienal foi reconhecida pelos profissionais da imprensa escrita, conforme se verifica em alguns dos títulos da época[101]:

"Bienal de Cerveira – A Arte Comanda a Rua" (*Correio da Manhã*);
"Grande afluência à Bienal de Cerveira" (*Diário de Notícias*);
"Grupo de Intervenção Infantil "domina" a Bienal de Cerveira" (*Jornal de Notícias – Lisboa)*;
"Bienal de Cerveira – Exemplo a seguir" (*País (O) – Lisboa*);
"História de uma Bienal" (*Espaço Magazine*, nº3-Edição em Português);
"Cultura, Turismo e Descentralização" (*Diário Popular)*;
"Uma Bienal à procura de sentido" *(Diário de Notícias*);
"Em torno da expressão do artista aproximando-se o final do século" (*Diário de Notícias*);
"Grandes Painéis Estão a Surgir no "Atelier Livre" de Cerveira" (*Jornal de Notícias*);
"Depois do Insólito e do Polémico surge a Serenidade e a Reflexão" (*Jornal de Notícias*);
"Acontecimento de Arte insólito e polémico no coração do Minho" (*Correio da Manhã*).

No *Jornal de Notícias*, de 13 de agosto[102], referindo os episódios classificados pelos cerveirenses de insólitos, dá conta da aceitação deste mesmo público que serenou e refletiu sobre os mesmos:

(...) Com efeito, ultrapassando todas as expectativas, o público desta região não só revelou o seu alto sentido de tolerância crítica como soube estar à altura da categoria dos autores presentes (...) De destacar no último fim de semana Gracinda Candeias, pela magnífica pintura sobre um corpo nu.

[101] Anexo I Vol. III p. 13-22

[102] Anexo I Vol. III p. 21.



Figura 61 - Performance de Michel Roubaix pintado por Gracinda Candeias
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Ainda no jornal *Correio da Manhã*[103] de 14 de agosto sobre o "insólito e polémico", pode ler-se:

> *(...) O insólito e a polémica não podem desligar-se de uma forma de criação e comunicação, como a que, predominantemente, sublinhou esta fase do programa que, agora, se canalizará para outros aspectos de mais serenidade.*

E mais adiante, continua o artigo, chamando a atenção também para o efeito pedagógico do contacto do público com os criadores:

> *(...) Começará o período destinado ao cômputo de todas estas vivências em reflexões que surgiriam nas conferências, debates ou até nos diálogos que as pessoas estabelecem com os autores que criam num atelier livre já a funcionar em pleno. (ibidem)*

A frequência de debates e palestras dirigidas por Joaquim Matos Chaves sob o tema: "Arte/Anos 80 – Que sentido?" e a de Lima de Freitas: "O ritmo na lírica de Camões", referenciada no jornal "*O Primeiro de Janeiro*"[104], de 23 de agosto, s/p, sob o título "Lima de Freitas fala do épico Camoniano" e uma outra sobre ilustração,

---

[103] Anexo I Vol. III p. 22.

[104] *"(...) Dotado de uma fértil capacidade de análise e movimentando-se dentro de um universo muito próprio, Lima de Freitas cita Almada a propósito de Número, lembrando a etimologia da palavra que se apresenta com a mesma, mas de "Numen" (Deus) e relacionando-a com ritmo, a cadência das sucessivas sístoles e diástoles cardíacas e a importância que este facto pode assumir na produção de obra de cariz universal."* in *Primeiro de Janeiro*, 23 agosto 1980, s/p (Anexo I Vol. III p.23).

levaram a população a render-se completamente à descoberta da linguagem artística e da sua representação, além das visitas guiadas/serviços educativos, nesta Bienal a cargo de Edgardo Xavier e Fernando Pernes.

Nesta Bienal, a polémica continuou, basta referir o artigo de Jaime Ferreira no jornal *Diário Popular* de 28 de agosto de 1980, onde Lima de Freitas , afirma a esse jornal:

> *(...) a atribuição de prémios entregues à decisão de um júri discutível mostra-se errónea, com prejuízo da Bienal, que está inocente desse desaire.*[105]

referindo-se a dois dos elementos do júri que também participaram na exposição.

Enquanto se desenrolavam estas polémicas, assiste-se a uma grande afluência da população cerveirense, alheia às discórdias, como se pode constatar na imagem que segue.



Figura 62 - Audiência popular
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[105] Anexo I Vol. III p. 25.

Quadro nº 10

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Conferências	Lima de Freitas – "O Ritmo nas Produções de Camões" Lima de Freitas – "Os problemas da Ilustração na Europa e no Mundo"
Comemorações	Quarto Centenário da Morte de Luís de Camões – (Sala com trabalhos de Artistas Portugueses em homenagem Luís de Camões)
Debates	Eurico Gonçalves Edgardo Xavier
Fotografia	Grupo & Arte/Cooperativa: "Série fotográfica TV (I, II, III) " Eduardo de Freitas Fernando Correia José António Dantas
Gravura	Cooperativa de Actividades Artísticas – Árvore - "6 Serigrafias 65 x 50" da autoria de: Ângelo de Sousa Armando Alves Domingos Pinho João Dixo (1941-2012) Júlio Resende Tito Reboredo A Arte Gráfica Moderna Dinamarquesa, representada por obras de: Povl Christensen Svend Wiig Hansen Egill Jacobsen Per Kirkeby Richard Mortensen Jane Muus Rasmus Nellemann Palle Nielsen Soren Hjort Nielsen Arne Haugen Sorensen
Intervenções	Angel Geneviève. M. Ção Pestana - "Vénus" Carlos Nogueira - "Todo o Mundo é composto de mudança" Grupo Neon - "Espetáculo Audiovisual" Grupo Neon e Carlos Barroco - "New York Experience" Jean Pierre Giovanelli - "Intervenção sobre Objecto Antropomórfico" Manuel Dias - Intervenção Painel Colectivo "Desenho" – 9 artistas (Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, Artur Bual, Eurico Gonçalves, Gracinda Candeias, Henrique Silva, José Rodrigues, Maria José Aguiar) Silvestre Pestana - Intervenção
Música	ANAR BAND - "Música contemporânea improvisada, Concerto – Homenagem a José Conduto" Dom Lino – bateria, percussão Luís Carlos – teclados Jorge Lima Barreto – teclados Rui Reininho – guitarra dupla Serge III Oldenbourg - Concerto: "Fluxos"
Performance Art	Calibre 33 / Nice (*performance*) Farioli – "Segment" Gungi – "Poesie, Son et Diapositives" Pedinielli – "Action / Peinture" Serge III Oldenbourg – "*Performance* continue" Manuel Barbosa – "HOX" Banda Sonora: Jean Michel Jarre Efeitos Especiais: Elisabete Mileu Texto: De Onde, Onde, Para quê, As Nossas Energias, O Nosso Oxigénio. "O Significado é o Uso" Wittgenstein. Os Nossos Prazeres, Fruições, Lutas, Lutos, Ar. Revolução E Paz – Revolução.

Pintura	Gracinda Candeias – "Pintura sobre um corpo nu." Grupo Pukta: "S/Título, Técnica Mista 100 x 70" António Pacheco Carlos Magalhães Elsa Mendes Vítor Marques
Publicações	Durante a Bienal, é editado um Jornal Diário por "Calibre 33" is it art? (Associação de Artistas que gerem uma Galeria *Ateliers* e um Jornal Cooperativo em Nice). Todos os Artistas ou visitantes que desejassem participar na sua elaboração, ou simplesmente publicar um texto sobre a Bienal, ou dar uma informação, eram convidados a entregar o texto, no Espaço de "Calibre 33". Informação ou desenho (de preferência pronto a imprimir). Para problemas técnicos, contactar-se-ia um membro da Associação. Um condensado destes textos seria publicado mais tarde no Jornal do "Calibre 33", em Nice.
Teatro	Grupo Anima: "Três Igual a Um – (A Vanguarda é só uma) " João Lagarto Seme Lufti Grupo de Teatro Gruta – Viana do Castelo – "Todo o Mundo e Ninguém" de Gil Vicente Pé de Vento: "O Homem do Saco" António Fonseca Isabel Roxo João Luís Jorge Matos Jorge Paupério Manuel António Pina Rosa Ramos
Vídeo Tape	Abel Mendes Graça Martins Paulo Maia Silvestre Pestana Henrique Silva Ursula Zangger
Visitas Guiadas	Edgardo Xavier, Fernando Pernes

3.4 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Dança



Figura 63 - Grupo de dança
Fonte: Arquivo Henrique Silva

De salientar a perseverança de Maria Marcelina (1921-2005)[106] mentora do grupo "Os Bifrost"[107] ao promover a participação de um grande número de crianças em atividades lúdicas e de intervenção cívica, como se constata na imagem que segue. As crianças "exigem" uma passadeira na estrada devido aos frequentes acidentes, por vezes, até mortais.

Os Bifrost



Figura 64 - "Bifrost"[108]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

No *Jornal de Notícias*[109] de 20 de agosto, é relatada a atuação do Grupo Bifrost que integrava crianças de Vila Nova de Cerveira e filhos dos artistas participantes:

> *(...) Pensando na importância de preparar a permeabilização aos novíssimos fenómenos artísticos, foi criado um Grupo de Intervenção Infantil, que se designa Bifrost e que realizou o seu primeiro trabalho, participando na construção do objecto de Arte Sociológica de Giovanelli.*

---

[106] Página 13 do Livro *POEMAS DE "NINGUÉM" PINTURAS DE JAIME ISIDORO*, lê-se: "*A autora dos Poemas desde jovem os escrevia pelo gosto de escrever. Não se interessava pela sua publicação. Há quatro anos pensamos nesta edição quis o seu nome por "NINGUÉM", cumpre-se a sua vontade neste livro".* Edição Projecto-Núcleo de Desenvolvimento Cultural, Vila Nova de Cerveira, 2007.

[107] Manifestação organizada por Maria Marcelina para a implantação de uma passadeira na estrada nacional.

[108] Na mitologia nórdica, **Bifröst** é uma ponte de arco-íris que conecta Midgard (o mundo dos homens) e Asgard (o reino dos deuses). In http://jesulink.com/fanwiki/index.php?title=Bifrost (acesso mai. 2013).

[109] Anexo I Vol. III p. 20.

e prossegue:

> *(...) O Grupo Infantil leu uma mensagem a Giovanelli, sintetizando a sua vontade de evolução rumo às múltiplas potencialidades da criação da criança, agradecendo ao pintor francês a sua arte em palavras muito aplaudidas.*

A personalidade de Marcelina marcou a Vila e ainda hoje Né, em entrevista nº5 recorda-a:

> *(...) Sim, sim. Porque ela conversava muito com as pessoas. Ela sentava-se, por exemplo, aqui, no café, e ela conversava com toda a gente. E depois, ela fazia tudo aqui. Por exemplo, ela tinha que ajeitar o cabelo, ia a um bom cabeleireiro aqui de Cerveira. Sei lá (...) Tinha que comprar às vezes uma coisa qualquer, ou porque é muito calor, ou muito frio, às vezes eu fui com ela à feira (...) Quer dizer, ela é uma pessoa que a gente não sentia aquela distância. Agora é diferente. É verdade. Estes artistas de agora (...) Não sei. São mais intelectuais.*

Performance Art



Figura 65 - *Performance* de Manoel Barbosa
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 66 - *Performance* de Silvestre Pestana
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Uma passagem do artigo do *Jornal de Notícias*[110] de 20 de agosto, intitulado "II Bienal entrou numa nova fase – Grandes Painéis estão a Surgir no "Atelier Livre" de Cerveira", refere um painel coletivo Cadavre Esquis, técnica muito utilizada pelos surrealistas, resultante de um trabalho colaborativo de vários artistas.

> *(...) Com efeito enormes painéis estão a entusiasmar o público que acorre todos os dias em número elevado ao local do certame (...) Aí um colectivo (...) domina as atenções dos visitantes e serve de pano de fundo para dissertações sobre o surrealismo em Portugal.*

Cadavre Esquis



Figura 67 - Painel Coletivo - Cadavre Esquis[111]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[110] Anexo I Vol. III p. 20.

[111] Autores: Artur Bual, Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, Henrique Silva, José Rodrigues, Justino Alves, Gracinda Candeias, Eurico Gonçalves e Maria José Aguiar.

Também o Grupo Diapositivos, do qual faziam parte José Fabião, Adelaide Colher, Gracinda Candeias, Michel Roubaix e João D'Ávila, fez várias intervenções no espaço expositivo da Bienal.



Figura 68 - Grupo Diapositivos
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 69 - Lima de Freitas
"O Ritmo nas produções de Camões"
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Outro dos pontos altos desta Bienal foi a presença do grupo Calibre 33[112]- uma associação sediada em Nice, França, constituída por Angel, Farioli, Pedinielli, Serge III e Geneviève Martin, além dos convidados, J.P. Giovanelli e Yoko Guji, também de Nice. Durante a sua estadia na Bienal, este grupo editou um jornal denominado *Calibre*

[112] Anexo II Vol. III p. 137-139.

33, em quatro números, onde se relatavam as atividades que estavam a decorrer e se convidava à participação de todos com textos para publicação em francês e em português. Na edição do dia 12 de agosto, o grupo apresenta um balanço das suas atividades.



Figura 70 - Capa de um dos jornais *Calibre* 33
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Nesta Bienal, congregaram-se diferentes expressões artísticas com estreias, como a de Rui Reininho (GNR) que deu aqui os primeiros passos, integrado no grupo ANAR BAND, fundado em 1969 por Jorge Lima Barreto.[113]



Figura 71 - Rui Reininho - Grupo ANAR BAND, Atuação de homenagem a José Conduto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Na Revista *Espaço Magazine*, nº 3, setembro 1980, pp. 66-67, no artigo escrito por Maria João Rocha de Carvalho, pode ler-se: "*CERVEIRA É UMA TERRA*

[113] citado com fotografia do Grupo, in *Jornal Expresso*, de 14 de agosto 1980 s/p por Maria João Rocha de Carvalho, Anexo I Vol. III p. 25.

DE FANTASIA! [...] *diz-nos o presidente da Câmara, explicando-nos o mistério da vila desencantada, da terra onde tudo é possível"*. O sonho e a ambição eram grandes perante o entusiasmo de participantes, público e população. De tal modo que, já nessa altura, o presidente da Câmara fez referência ao futuro da Bienal.

Segundo ele, iria ter um Museu de Arte Moderna, instalado no antigo hospital (Rua César Maldonado), uma Casa da Cultura com uma biblioteca a instalar no Solar dos Castros, além de uma Casa do Artista a instalar no antigo quartel dos Bombeiros. Tal só viria a acontecer muitos anos mais tarde e num outro local.



Figura 72 - Antigo Quartel do Bombeiros, na Praça do Terreiro
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Diversas tendências estéticas integraram a mostra, como escreve Eurico Gonçalves no *Diário Popular* de 4 de setembro 1980:

> *(...) O abstracionismo geométrico de Nadir Afonso, Jorge Pinheiro, (...) o gestualíssimo figurativo em Pedro Chorão; convulsivo e dramático em Artur Bual, tenso e compartimentado em Rocha Pinto (...) espacial e lírico em Teresa Magalhães, caligráfico em Eurico (...) informal em Matos Cardoso (...) vibrante e conceptual em Manuel Dias.*[114]

[114] Anexo I Vol. III p.11.

Esta Bienal também foi objeto de críticas negativas como se pode ler num artigo de Nelson Di Maggio, na revista *SE7E*, de 3 de setembro, p. 13, em que acusa a Bienal de:

> *(...) arbitrariedade desconcertante, qual pugilato de estruturas formais e da falta de coerência no júri integrado por individualidades a mais (nove no total) entre as quais de contavam duas, que por sinal, estavam representadas na exposição. Mal podia haver, pois, garantia de isenção.*[115]

Mas, por outro lado, acrescenta:

> *(...) mesmo com as fraquezas e limitações sugeridas, a II Bienal de Cerveira surge, no entanto, como algo positivo no contexto geográfico no qual se insere.*

Cabral Pinto, diretor da escola local, na entrevista nº9, refere uma outra vertente da II BIAC: o relacionamento, por vezes complexo, com a população:

> *(...) Lembro-me perfeitamente da revolta do pessoal. Sabes que eu tinha reuniões com os pais. Fazíamos reuniões de pais na escola. E depois, surgia sempre à baila, o resto que se fazia na Bienal. E como a Bienal. no caso da I, e da II, se fez na escola. Tinha salas da escola, muita gente não gostava que a escola participasse na Bienal. É muito interessante. Porque nalgumas vezes, via-me assim... um bocado apertado, para tentar dar-lhes a ideia de que: "Não senhora, nós todos temos que colaborar com a Bienal". Não era fácil.*

Considerou-se de interesse investigar quais os artistas que estiveram representados nesta edição da BIAC e que, no ano seguinte, integraram a delegação nacional à Bienal de São Paulo, numa seleção feita por Sommer Ribeiro (1925-2006), Diretor do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão.

José de Guimarães apresentou 10 guaches, sendo reproduzida a obra intitulada "O Caminho Marítimo para a Índia" no catálogo da Bienal de São Paulo, e Jorge Pinheiro expôs 10 telas (tinta acrílica), constando no catálogo a obra "Penélope".

---

[115] Referência a Lima de Carvalho e Justino Alves que participaram na exposição.

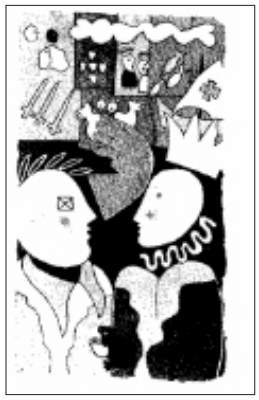


Figura 73 - O Caminho Marítimo para a Índia
José de Guimarães

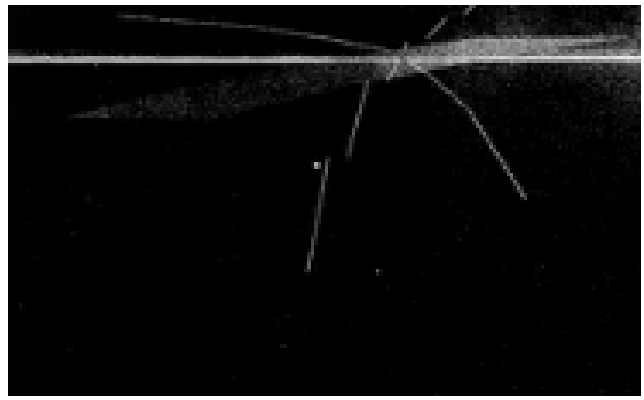


Figura 74 - Penélope
Jorge Pinheiro

Fonte: issuu.com/bienal/docs/nameafc024

3.5 DADOS ESTATÍSTICOS

Apresenta-se de seguida o Gráfico 2 referente a países (12) e participantes nacionais e estrangeiros (num total de 206).

Verifica-se que, depois do sucesso dos V Encontros e da I BIAC em 1978, após análise do Gráfico 2, o número de países e artistas estrangeiros participantes diminuiu, respetivamente 37,2% e 40% em relação à I BIAC, embora o total de participação de autores portugueses tenha aumentado sensivelmente (72%).

Gráfico 2

PARTICIPANTES/PAÍSES

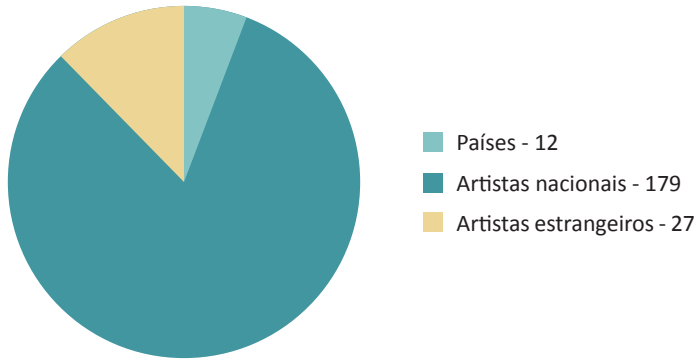


Figura 75 - Artistas e países representados
Fonte: Arquivo Henrique Silva

3.6 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Apresenta-se de seguida a localização da exposição e das intervenções em Vila Nova de Cerveira.

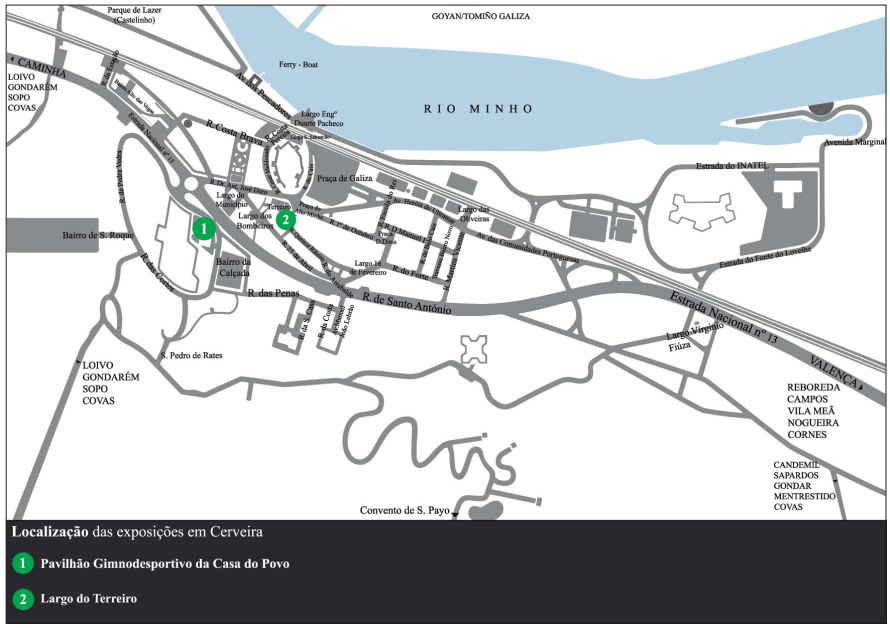


Figura 76 - Mapa dos locais de intervenção da II BIAC

3.7 SÍNTESE PARCIAL

Vivia-se uma época conturbada, política e socialmente falando, em que não havia uma bitola capaz de analisar objetivamente os fenómenos artísticos e onde, depois de uma ditadura feroz, tudo parecia maravilhoso e prometedor de uma sociedade mais aberta e rica de promessas.

Pela primeira vez, são atribuídos prémios, distribuídos pelas disciplinas de Desenho, Escultura, Gravura e Pintura, assim como o Prémio Camões, intitulado "A Camões e a ti" (homenagem pelo tricentenário da morte de Camões) e prémios Revelação para artistas até à idade de 30 anos. Nesta edição da Bienal, o catálogo já foi impresso em tipografia com arranjo gráfico de Carlos Barreira.

Com ampla cobertura da imprensa escrita, esta Bienal também gerou algumas polémicas, mas, em simultâneo, a adesão popular foi maior, como conta Maria João Rocha de Carvalho, na *Revista Espaço T Magazine*, nº 3, de setembro 1980, pp. 66-*67 "Festa, encontro, uma Bienal de Arte onde todos se movimentam, todos desempenham um papel"*, expressando manifesto impacto na população local.

De salientar a atuação do Grupo Bifrost como um dos fatores da singularidade da Bienal de Cerveira.

Vila Nova de Cerveira
24 de julho a 31 de agosto 1982

4.0

III BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

4.0 III BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

Vila Nova de Cerveira

24 de julho a 31 de agosto 1982[116]

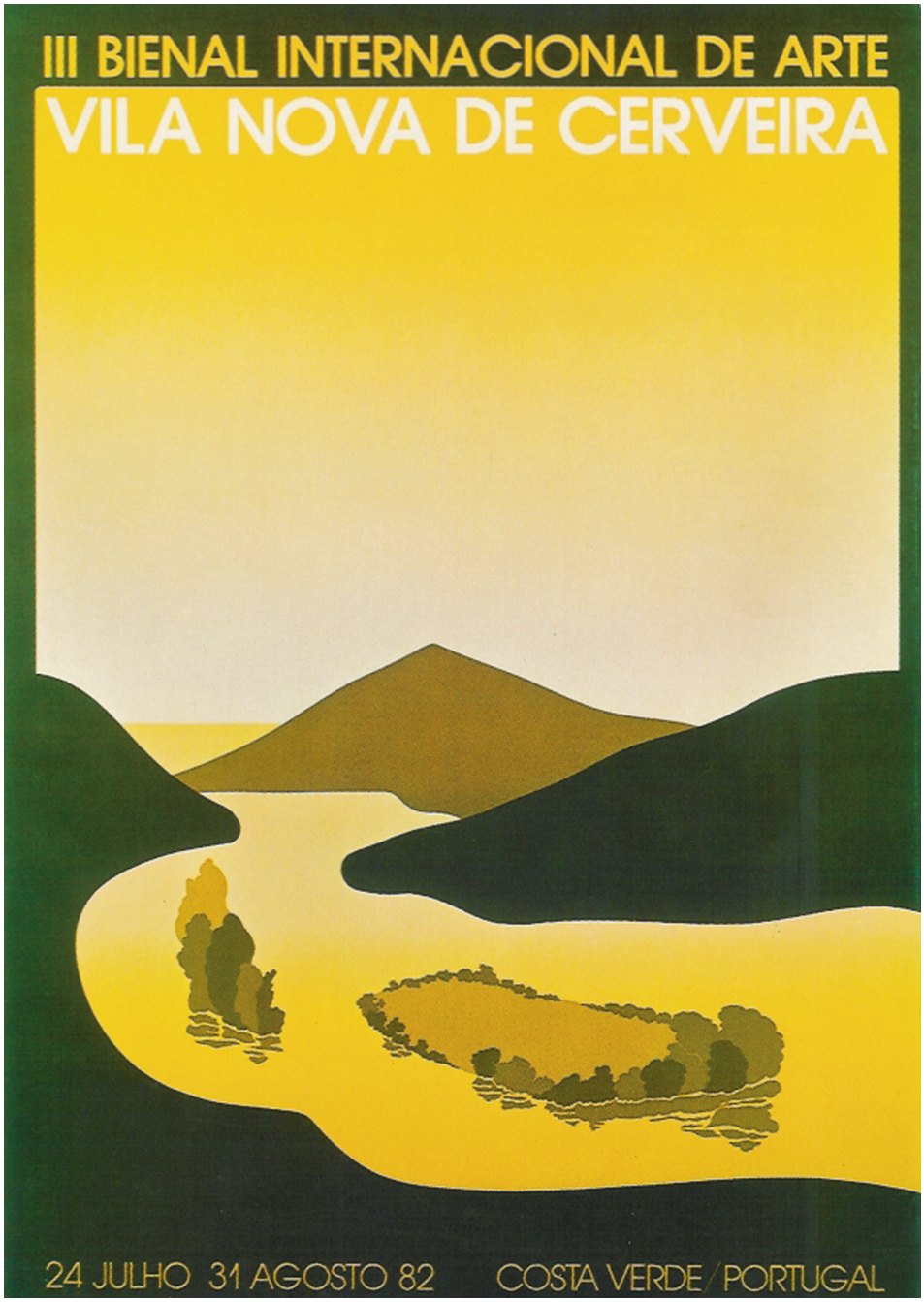


Figura 77 - Capa do catálogo - Autoria de Armando Alves
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[116] Por insistência do público o encerramento da III Bienal foi adiado para 5 de setembro de 1982.

4.1 NOTA INTRODUTÓRIA

O ano de 1982 foi rico para as Artes Plásticas portuguesas. Segundo Sílvia Chicó, no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, s/p, de 4 de janeiro de 1983[117], com a descentralização cultural de Vila Nova de Cerveira a Lagos, verificou-se uma grande participação da iniciativa privada e pouca responsabilidade do governo da época.

Neste artigo, embora criticando a Bienal por achar *"...um pouco confusa e carecendo de grandes acertos no seu regulamento e merecendo uma outra atenção na sua montagem...",* também acrescenta a respeito de Vila Nova de Cerveira: *"... onde a presença dos artistas atuando junto do público, influenciou a programação da Bienal de Lagos de 1984".*

4.2 ORGANIZAÇÃO

A base do planeamento e metodologia organizativa desta Bienal foi assente nos itens inscritos no quadro que segue.

Quadro nº 11

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[118]

ORGANIZAÇÃO[119]	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
CMVNC CRTAM LAVNC	Jaime Isidoro	Edgardo Xavier Jorge Fallorca	Armando Alves Carlos Barreira Jaime Isidoro	Agustina Bessa Luís	Vieira da Silva

A organização desta BIAC contou com o apoio da Cooperativa de Actividades Artísticas - Árvore, da Casa do Povo, do Instituto Alemão, da Sociedade Nacional de Belas Artes e, a nível individual, do escultor José Rodrigues. Na montagem da exposição participaram os pintores Domingos Pinho, Jaime Isidoro, Victor Belém (1938-2015) e os escultores José Rodrigues, Manuel Dias e Zulmiro de Carvalho.

---

[117] Anexo I Vol. III p. 26.

[118] Listagem completa em Apêndice III Vol. II pp.266-272.

[119] Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira – CMVNC.
Comissão Regional de Turismo do Alto Minho – CRTAM.
Liga dos Amigos de Vila Nova de Cerveira – LAVNC.

Pela primeira vez, membros do Governo visitam a Bienal, tendo o encerramento sido feito por Pinto Balsemão, então Primeiro Ministro, que referiu "a disponibilidade do governo para o diálogo e a necessidade de se pôr termo às lutas institucionais".[120]

Nas entrevistas nº 3 e nº 4 a Cândido e Diamantino, refere-se a reação à visita de Pinto Balsemão e ao carácter ainda provinciano da Vila das Artes:

> *(...) A feira de artesanato passou para o outro lado, o pavilhão da Casa do Povo, ali do gimnodesportivo, também estava na Bienal, mas depois espalhou-se também para a escola secundária que era constituída por barracões de madeira, que foi a primeira escola que houve aqui, escola secundária. E então, veio cá o primeiro-ministro, o Balsemão. Vocês não queiram crer. Um helicóptero a aterrar no campo da feira. Era uma multidão!(...).*

Visitaram ainda esta Bienal Francisco Lucas Pires (1944-1998), Ministro da Cultura, e o Ministro do Trabalho, Luís Morales, que demonstrou especial interesse pelo artesanato.



Figura 78 - Francisco Lucas Pires na exposição
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Nesse ano, foi oficialmente inaugurada a Pousada D. Dinis, como aldeamento turístico, instalada no Castelo de Vila Nova de Cerveira, projeto do Arq. Alcino Soutinho (1930-2013) e projetada a instalação da Escola de Formação Agrária. De realçar a reabertura da fronteira, encerrada desde a Guerra Civil de Espanha (reportagem de J. Lopes Gonçalves, no jornal *Cerveira Nova*).[121]

---

[120] *Jornal Povo Livre*, 22 de setembro 1982, s/p Anexo I Vol. III p. 27.

[121] Anexo I Vol. III p.28.

Nesta edição é notória a intenção de criar um evento com impacto de alcance maior, conforme se pode verificar pelo número e variedade dos prémios atribuídos. Pela primeira vez, foi constituído um júri de seleção além do júri de premiação. Estes júris permitiram uma análise mais criteriosa das obras expostas, pela sua diversidade e formação, e pela sua especialidade, uns como críticos de arte e outros como artistas e professores, além de serem todos reconhecidos como especialistas de arte contemporânea. Esta diversidade permitiu premiar artistas já com currículo reconhecido e outros ainda em início de carreira, que mais tarde viriam a ser igualmente reconhecidos no meio artístico.

Quadro nº 12

CONSTITUIÇÃO DOS JÚRIS

JÚRI DE ADMISSÃO	JÚRI DE PREMIAÇÃO[122]
Armando Alves (Pintor)	Ângelo de Sousa (ESBAP)
Jaime Isidoro (Pintor)	Domingos Pinho (Coop. Árvore)
Joaquim Matos Chaves (Crítico de Arte)	Fernando de Azevedo (FCG)
José Rodrigues (Escultor)	Fernando Calhau (SEC)
Domingos Pinho (Pintor) (ESBAP)	Fernando Pernes (AICA)
	Lagoa Henriques (ESBAL)
	Sílvia Chicó (SNBA)

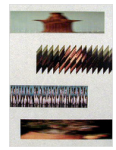
Jaime Isidoro, conhecedor da digressão em Portugal da *Footsbarn Travelling Theatre Company*, convenceu o presidente da Câmara a contratar esta companhia de circo, levando a uma grande articulação com os artistas da Bienal. Estes participaram ativamente nos espetáculos que decorriam muitas vezes de improviso e numa grande animação com o público, como aconteceu com a *performance* de Michel Roubaix, referida na página 139.

Esta presença, muito contestada pelos especialistas das artes, foi no entanto fundamental para aumentar a adesão do público da região do Minho, às restantes atividades da Bienal. A peça de teatro "O Diabo, o Doutor e o Louco" foi o ponto de partida para o envolvimento não só da população, mas também dos artistas presentes que interagiram com o grupo Footsbarn noutras representações.

[122] Escola Superior de Belas Artes do Porto – ESBAP; Fundação Calouste Gulbenkian – FCG; Secretaria de Estado da Cultura – SEC; AICA – Associação Internacional de Críticos de Arte; Escola Superior de Belas Artes de Lisboa – ESBAL; Sociedade Nacional de Belas Artes – SNBA.

Quadro nº 13

PRÉMIOS, ARTISTAS GALARDOADOS E OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA[123]
Zulmiro de Carvalho (n. 1940)	Escultura	
Jiri Kolár (1914-2002)	Pintura	
Robert Schad (n. 1953)	Desenho	
Eduardo Nery (1938-2014)	Fotografia	
David Almeida (1945-2014)	Gravura	
Ana Vidigal (n. 1960)	Revelação	
Artur Bual (n. 1926-1999)	Câmara Municipal Atividade *Atelier* Livre	
Grupo Anar Band	Música	
Performance Multimédia Paul St. Jean –Direção	Câmara Municipal Prémio Audiovisual-Diaporama	Sem registo fotográfico

[123] In http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all

A estes nove prémios há ainda a acrescentar três menções honrosas e cinco medalhas atribuídas a participantes e uma especial a Jaime Isidoro. O próprio presidente da Câmara, Lemos Costa, defendeu no seu discurso da entrega de prémios:

> *(...) grande parte do encanto das nossas Bienais reside muito na não adopção de esquemas rígidos, de requintes de Organização que impeçam a fluência natural das actividades artísticas, a espontaneidade dos actos criativos, a liberdade que faz nascer o progresso.*[124]

Uma pequena mostra da exposição desta BIAC esteve patente no Porto, na Galeria "Dois", como desafiou Bernardo Pinto de Almeida, no jornal *Diário de Lisboa*, de 25 de novembro [125]*:*

> *É, a todos os títulos, proibido não ir ver os quadros que constituem a exposição actual da Galeria Dois, à Av. da Boavista. Em nome da Vieira da Silva, de Jiri Kolar, da Bienal de Cerveira e em meu próprio."*

4.3 CONTEÚDOS

Nesta Bienal foi feita uma homenagem a Maria Helena Vieira da Silva (1908 -1992), nome prestigiado no estrangeiro e com representação nos maiores museus mundiais, mas ainda pouco conhecida em Portugal. Da autora foram expostas vinte obras originais (óleos, guaches e desenhos), patentes na figura seguinte:



Figura 79 - Pormenor da homenagem a Vieira da Silva
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

[124] Anexo I Vol. III p. 29.

[125] Anexo I Vol. III p. 30.

Esta edição contou com a presença de cinquenta artistas estrangeiros, indo ao encontro da pretensão de Jaime Isidoro em tornar a Bienal num evento internacional como as Bienais de Veneza e São Paulo, conforme se pode constatar na entrevista de Filomena Cabral:

> *(...) houve a preocupação em que (nela) participassem valores internacionais porque o meu objectivo é que cada vez mais nos aproximemos do que se faz nas Bienais de Veneza, Paris, S. Paulo.*[126]

Das atividades desenvolvidas durante a mostra, apresenta-se de seguida um quadro síntese.

Quadro nº 14

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Ateliers	*Atelier* de Crianças – Criação e Direção: Maria Marcelina *Atelier* de Comunicação áudio–visual – Produtor: Paul St. Jean *Atelier* Livre (Cerâmica, Desenho, Escultura, Fotografia, Gravura, Pintura, Serigrafia)
Audiovisual Diaporama/ Multimédia	Carlos Barroco - "Homenagem a Cavellini (1914-2014) " Carlos Barroco - "Os anos 40 Portugueses" (Cenografia de José Rodrigues. Texto de Luís Francisco Rebelo); Grupo Néon: Carlos Barroco e José Fabião; João Vieira Paul St. Jean e Jacques Collin - "Écrain Humain" Ursula Zangger – Exibição diária do vídeo que regista todas as atuações de *performance*, teatro e música realizadas desde a abertura da Bienal
Cerâmica	Mário Pereira da Silva – Demonstração da técnica Raku em cerâmica.
Cinema	Ângela Costa – "Cada um vê o que lhe apetece – era o meu dia de folga"
Convívios	Mário Pereira da Silva – Demonstração da técnica Raku em cerâmica. Ângela Costa – "Cada um vê o que lhe apetece – era o meu dia de folga"
Cursos	Seme Lufti – Curso de expressão dramática, corporal e plástica Teresa Couto Soares – Iniciação à Pintura para Jovens
Desenho	Leonor Ferrão – "Máscara, Março 82"; "Mulher, Janeiro 82" Robert Schad
Escultura	Amaral da Cunha, Carlos Marques, Manuel Inácio, Rui Anahory. - Recuperar o granito como matéria escultórica e simultaneamente regionalizá-la. (Durante toda a Bienal trabalharam na criação de uma peça utilizando tecnologia sofisticada (como o ar comprimido) Robert Schad

[126] (in *O Primeiro de Janeiro*, 27 de ago. 1982) – Anexo I Vol. III p.5.

Espetáculos	Aldo Brizzi (Compositor italiano, audições de piano) e Mineo Aayamaguchi (Japonês, espetáculo de movimentos simples e básicos do corpo e de um objeto) Borges Brinquinho: "Brincomania" (O brinco não é apenas um objeto decorativo) Footsbarn Travelling Theatre Company "Circus Tosov" - Show Palhaço do Footsbarn (4 espetáculos) Footsbarn Travelling Theatre Company: "Footsbarn Baile" Henrique Richard (11 anos) "Quem sou eu?" Ken Gill – "Cave" – Espetáculo de Vídeo – som (Foca aspetos político-sociais que envolvem o Ser Humano) Seme Lufti - "Galaxi" (Teatro-poesia com projeção de slides)
Fotografia	Ursula Zangger
Intervenções	Carlos Barroco, Cyntia Borges Brinquinho e Dalila Rodrigues: "Art Mail" (Mostra de forma de comunicação comum – o envelope – Plantas dos pés cheias de tinta verde, deixavam-nas marcadas em folhas estendidas no chão) Grupo DIAPOSITIVOS (Adelaide Colher, Gracinda Candeias, João D´Ávila, José Fabião, Michel Roubaix) - "Poesia Erótica Portuguesa" (Leitura pelo ator João D'Ávila. Projeção de diapositivos de José Fabião, Gracinda Candeias e Adelaide Colher. Música de Michel Roubaix. Imagens de corpos nus na Praia da Costa da Caparica. Poemas de Bocage, António Nobre, Fernando Pessoa, António Boto, Jorge de Sena, Pedro Homem de Melo, José Régio, António Gedeão, Melo e Castro, Herberto Helder e Teresa Horta) Grupo DIAPOSITIVOS - "A Arte Arde", GNAM-ARTARDE espetáculo." (Projeção de diapositivos sobre o incêndio da Galeria de Arte Moderna de Belém. Imagens sublinhadas com a expressão corporal de João D´Ávila, Silvestre Pestana, Brinquinho e outros. Construção - destruição de uma estrutura em ferro, envolvida de panos queimados. Suporte musical do Grupo Anarband) Fernando Ribeiro (Um piano, uma cadeira, um pianista, ele mesmo, todos amarrados com cordas, duas velas sobre o piano. Em lento movimento simbolizava certa frustração e desespero.) Michael Jäger – Ação (sala em cor vermelha e pano branco) Michel Roubaix – Acordeonista, toca espontaneamente pela Vila Miguel Ângelo D´Alte Rodrigues: "Intervenção Pictórica na Natureza" (Pintura de rochas no monte da Nossa Senhora da Encarnação) Miguel Yeco – Intervenção "GREENS 3" – As potencialidades teatrais da figura e da obra de Fernando Pessoa (Sai do Largo da Igreja e vai até à beira-rio, termina em sete quadros onde os temas centrais de Pessoa foram abordados no que poderia chamar-se "espírito prelúdico": homenagem a Fernando Pessoa). Mineo Aayamaguchi – (Ligado a toda a Filosofia Oriental, nunca se distanciou das influências de Zen e Buda, apresentou os movimentos básicos do corpo ou dos objetos simples como: deitar, levantar, encostar a uma parede num ângulo de 45º. Controlo e transmissão de atitudes) Seme Lufti - "Fazer Teatro"
Música	ANARBAND – (António Luís Machado, Jorge Lima Barreto, José Ferreira, Miguel Megre, Rui Reininho) Footsbarn Travelling Theatre Company - Música Folk, Jazz e Rock diariamente GNR – (Jorge Lima Barreto, Vítor Rua) Trabalho com artistas plásticos e concertos independentes. Preparação do LP "CTUTFLECTV"

Performance Art	Ção Pestana – "A condição da Mulher" (A artista envolvida em panos, arame farpado e outras limitações sociais e biológicas, como o sangue menstrual e a procriação.) Ção Pestana – "Alter-âncias" - Música do italiano Aldo Brizzi. (O seu corpo como suporte, a posição ambígua da mulher quer na sociedade agro-precadora, quer na sociedade industrial. Utiliza sangue obtido num matadouro com produto anticoagulante, arame farpado e gazes. A carne encontra-se no todo como elemento simbólico de regeneração.) Carlos Barroco – *Performance* sobre um acidente de trânsito para anunciar a Projeção de diaporamas sobre "Os anos 40 Portugueses" Elisabeth Morcellet – "Ex-Ange" (Foca a destruição do discurso sentimental criando um espaço entre o artista e outra pessoa qualquer. Elimina tudo o que está no corpo: roupa, bijutaria e por fim corta o cabelo que também não é essencial). Elisabeth Morcellet – "Tríptico Feminino" José Almeida – "Noite" Paul St. Jean, Jacques Collin, Jacqueline Lemieux – Dança-*Performance* nas ruas da vila. Rui Orfão – "A Serpente Verde, 1982" Serge III Oldenbourg - "Homenagem a Humpty Dumpty" (Trabalho entre o movimento, a pintura e a destruição – sobre um pano de 2 metros quadrados, parte 12 ovos cheios de tinta de guache de várias cores, espalhadas ritmadamente). Serge III Oldenbourg – "No País dos Obstipados os Peidómanos são reais" (Sátira ao poder estabelecido) Silvestre Pestana - " Limite d´Ar-te", séc. XX" (O Homem na sua nudez integral, liberto de roupagens e outras fronteiras físicas e mentais) Victor Belém – " Os sonhos da Mãe-Pátria-Prenha na Lixeira"
Palestra	Carlos Lança – "A problemática da criatividade" – Destaque para a ligação entre teorias filosóficas com origem na cultura oriental e a sua repercussão na cultura ocidental. Carlos Lança – "Pintura de conteúdo abstracto" Carlos Lança – "Espaço, o Habitáculo da Mente" Edgardo Xavier – "Picasso" Viriato Barros da Silveira – "A Perspectiva Curvilínea"
Pintura	Paulo Ossião; D'Alte Rodrigues – Pintura em Pedra
Poesia	João D´Ávila – "O Mundo de Portugal no Mundo"
Serigrafia	Dalila D'Alte Rodrigues
Tapeçaria	Anne Arnolt (Alemanha)
Teatro	Footsbarn Travelling Theatre Company – Peça de Teatro "O Doutor o Diabo e o Louco" (8 espetáculos) Footsbarn Travelling Theatre Company – Companhia de Teatro Inglesa (Teatro, Música, Improvisações, Circus, Mímica, Magia e Malabarismo) Grupo Infantil de Teatro "Bifrost": "Um Amor de Passadeira" Pé de Vento – Teatro Infantil : "A Arca do Não É."
Videotape	Ângela Costa – Apocalipse, Circo Grupo VIDEOPORTO – Abel Mendes, Adriano Rangel, António Barros, Borges Brinquinho, Ção Pestana, Fernando Ribeiro, Henrique Silva, Manuel Durão, Mineo Aayamaguchi, Rui Órfão, Silvestre Pestana, Tulia Saldanha
Visitas Guiadas	Edgardo Xavier Eurico Gonçalves

No *Correio da Manhã*, do dia 27 de agosto, em artigo intitulado "BIENAL DE CERVEIRA FAZ UMA ADVERTÊNCIA AO SEXO SOCIALIZADO", faz-se referência à francesa Elisabeth Morcelet, com várias *performances*, entre as quais o "Tríptico Feminino", acentuando a desigualdade de géneros, e no qual a artista afirma:

> *(...) A virgem, ponto de partida do ser humano, desloca-se na natureza em toda a sua inocência, sensualidade e pureza. Por isso, vai-se tornando num objecto de troca e mediação, vindo a dar lugar ao seu lado de prostituta que se nota nos gestos, no vestir, despir, meio social íntimo, fetichismo e erotismo.*[127]



Figura 80 - Elisabeth Morcelet - *Performance*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Pode-se constatar mais uma inovação nesta terceira edição em relação à anterior: a introdução de gravação em Vídeo VHS, já que nas Bienais anteriores e nos Encontros Internacionais de Arte todas as gravações foram feitas em fita magnética de 1/2 polegada.

Os registos em vídeo das várias atividades desenvolvidas eram realizados diariamente por Ursula Zangger e exibidos durante o dia.

Além disso, eram apresentados trabalhos pelo grupo Videoporto constituído pelos artistas portugueses Abel Mendes, Adriano Rangel, António Barros, Borges Brinquinho, Ção Pestana, Fernando Ribeiro, Henrique Silva, Rui Orfão, Silvestre Pestana e Mineo Aaymaguchi.

---

[127] Anexo I Vol. III p.31.

É de partilhar uma passagem do discurso proferido pelo presidente da Câmara Municipal quando, referindo-se à Organização da Bienal, afirmou:

> *(...) sei que há gente para quem o espelho das virtudes humanas é o passo certo, o esquema rígido (...) a simetria. Faço votos para que nas Bienais que hão-de vir não se perca o sentido da liberdade dos artistas... se aceite que ser diferente não é ser indecente. Esta será (...) a via certa, o caminho correcto para as Bienais de Cerveira.*

o que contraria a noção vigente da obrigatoriedade de um programa pré estabelecido e rigorosamente planeado.

4.4 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Esculturas Gigantes

Outro evento de relevo consistiu na produção de esculturas gigantes por Clara Menéres, instaladas nas torres do Castelo, ainda Pousada de Portugal à data.



Figura 81 - Clara Menéres - Preparando a instalação das esculturas
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

Miguel D'Alte (1944-2007), então com 28 anos de idade, pintou rochas graníticas no Monte da Encarnação, a pedido de Jaime Isidoro, facto aplaudido por uns e criticado por outros, que o viam como sendo uma agressão paisagística a este local quase sagrado para os cerveirenses. O que hoje resta desta intervenção na paisagem são apenas registos fotográficos e artigos em jornais da época.[128]

[128] Anexo I Vol. III p.32.

Pintura de rochas graníticas

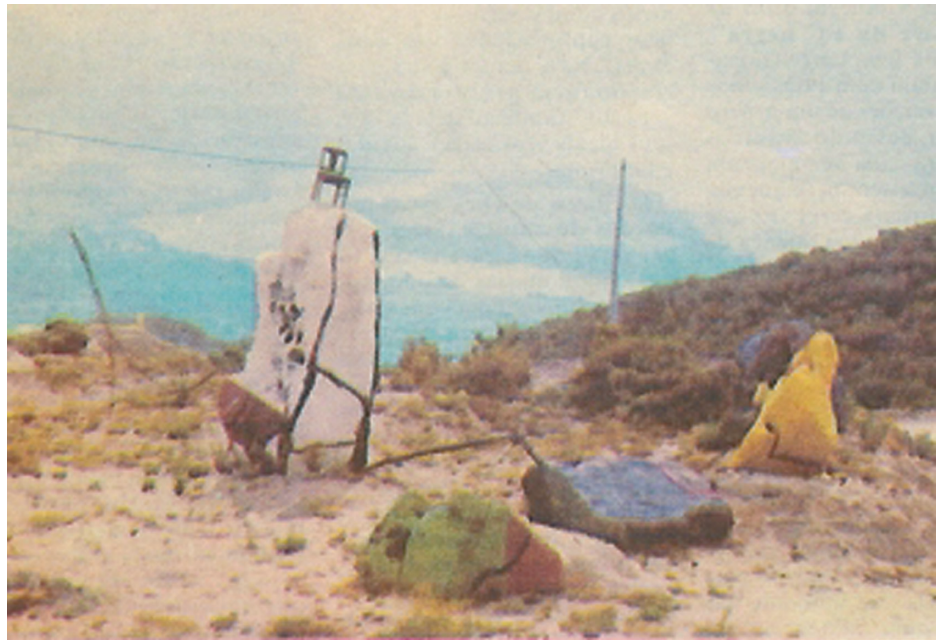


Figura 82 - Intervenção na paisagem, pintura de pedras, por Miguel D'Alte
Fonte: *Jornal Expresso*, de 28 agosto 1982, p. 30-R - foto Rui Ochoa

E Né, na entrevista nº5, refere-se ao facto com as seguintes palavras:

(...) Aquela gente ali não gostou, é verdade. Não foi muito grave. Quer dizer, é assim, as pessoas, sabe como é. É o Miguel D'Alte e até acabam por (...) Mas claro, aquela população dali não entendeu bem. Que andava a sujar as pedras (...) Que não tinha nada que pintar aquilo." Aquela gente lá da beira. É natural, não é (...) Cada um!

Desenrolaram-se ações vídeo e multimédia, precursoras destas modalidades em Portugal, tais como a ação vídeo de João Vieira e a *performance* de Ção Pestana; os diaporamas multimédia dos canadianos Paul St. Jean e Jacques Collin e dos portugueses Carlos Barroco e José Fabião (Grupo Néon), e ainda as intervenções do Grupo Diapositivos. Estes dois grupos atuaram com o suporte musical do Grupo Anar Band de Jorge Lima Barreto e do grupo "punk-rock" GNR.[129]

[129] In "*O Jornal*" de 10 setembro 1982 – Anexo I Vol. III p. 33.

Poesia Erótica

Do Grupo Diapositivos, integrado por Gracinda Candeias, João d'Ávila, José Fabião, Adelaide Colher e Michel Roubaix, escreve-se na imprensa que *"além da apresentação da poesia teatralizada Erótica, relembraram, numa intervenção, o episódio do incêndio do Museu de Arte Moderna em Belém"*[130].



Figura 83 - Grupo Diapositivos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Performance Art

Michel Roubaix apresentou a sua *performance* na tenda do Footsbarn Travelling Theatre Company.



Figura 84 - Michel Roubaix
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[130] in *Diário Popular*, de 5 de agosto, p. 16. (Anexo I Vol. III p.34).

Artesanato

Sobre a presença de Rosa Ramalho e dos artesãos, nas entrevistas nº3 e nº4 a Cândido e a Diamantino, explica-se a importância da presença de outras formas "artísticas" para o sucesso da BIAC, no sentido de levar a população a visitar a Bienal.

> *(...) Então, fez-se um rastreio aqui dos artesãos, aqui do norte mais qualificados, e foi um sucesso. Trouxeram linhos. Trouxeram tamancaria. Rosa Ramalho (...) de maneira que foi um sucesso. E como o Cândido disse, trouxe à Bienal a população, que era capaz de não ir visitar uma exposição de artes plásticas.*



Figura 85 - Rosa Ramalho de visita à Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Teatro

O grupo Footsbarn Travelling Theatre Company realizou oito espetáculos da peça de Teatro "O Diabo, o Doutor e o Louco".

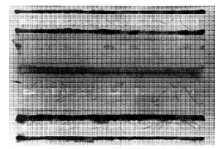
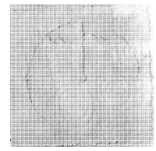
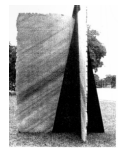




Figura 86 e Figura 87 - *"O Diabo, o Doutor e o Louco"*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Cinco artistas que participaram nesta edição da BIAC, estiveram presentes na Bienal de São Paulo no ano seguinte.[131]

Quadro nº 15

ARTISTA	OBRA[132]
Emerenciano	
Eurico Gonçalves	
David Almeida	
Graça Morais	
Zulmiro de Carvalho	

4.5 DADOS ESTATÍSTICOS

Nesta edição, estiveram representados 248 artistas e, em comparação com a II BIAC, verificou-se um aumento de participantes, quer nacionais (9,5%), quer estrangeiros (46%) e de países representados (36,8%), conforme gráfico que segue.

[131] In https://issuu.com/Bienal/docs/namea77ef4.

[132] Emerenciano – "Aproximação à escrita", acrílico sobre linho, 110 x 140 cm.
Eurico Gonçalves – "Desdobragem 4-2-78-A", pintura sobre tela, 162 x 240 cm.
David Almeida – "Exercício Lítico", 114 x 114 cm (gravura).
Graça Morais – "Sem título", carvão, pastel e óleo, 150 x 250 cm.
Zulmiro de Carvalho – "Fragmento", granito sobre madeira, 200 x 100 cm.

Gráfico 3

PARTICIPANTES/PAÍSES

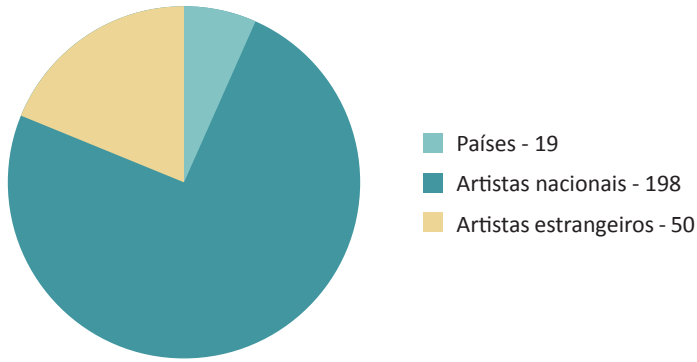


Figura 88 - Países e artistas representados

4.6 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Apresenta-se de seguida a localização das exposições e das intervenções em Vila Nova de Cerveira.

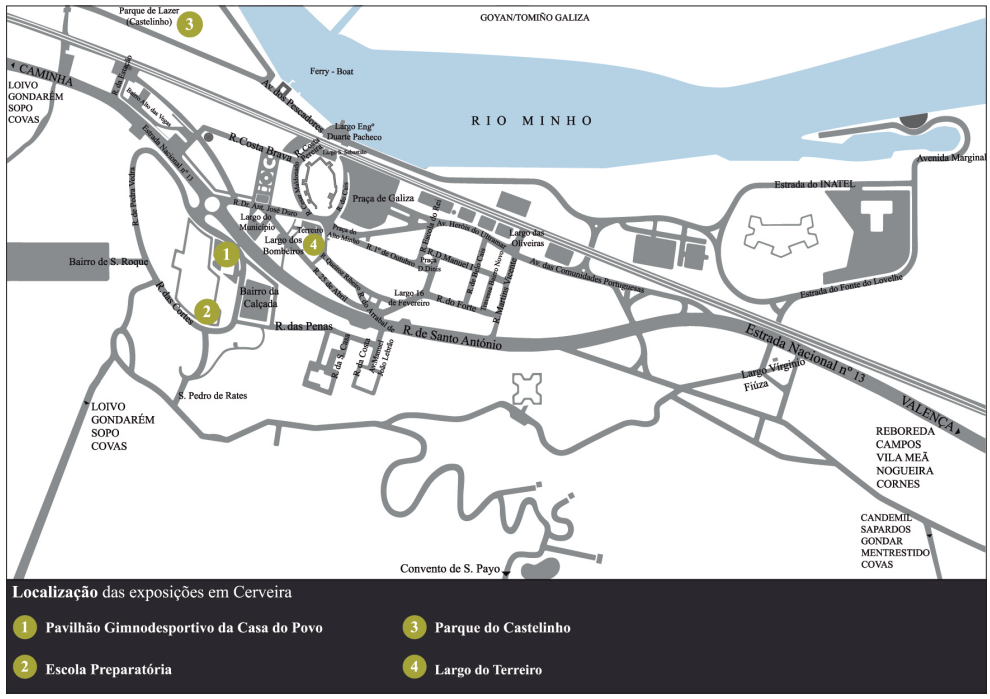


Figura 89 - Mapa dos locais de intervenção da III BIAC

4.7 SÍNTESE PARCIAL

Esta edição da Bienal apresentou uma diversidade e quantidade de atividades muito grande relativamente às anteriores; introduziram-se aspetos novos, traduzidos em manifestação de natureza cultural, tais como: uma feira de artesanato, referida pelo jornal *O Primeiro de Janeiro* de 26 de maio[133] e um arraial minhoto, numa perfeita união entre a população local e os artistas presentes.

De destacar a abertura da fronteira com a Galiza, a inauguração da Pousada D. Dinis e a expansão da mostra por quatro locais da vila, bem como a visita de membros do Governo, pela primeira vez, como uma manifestação do caráter global que o evento vinha adquirindo.

E nessa medida, relembre-se a frase de Milton Santos *"cada lugar é, ao mesmo tempo, objecto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente"* (Santos, 1996, p. 273).

[133] Anexo I Vol. III p. 35.

Vila Nova de Cerveira
4 de agosto a 2 de setembro 1984

5.0

IV BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

5.0 IV BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

Vila Nova de Cerveira

4 de agosto a 2 de setembro 1984

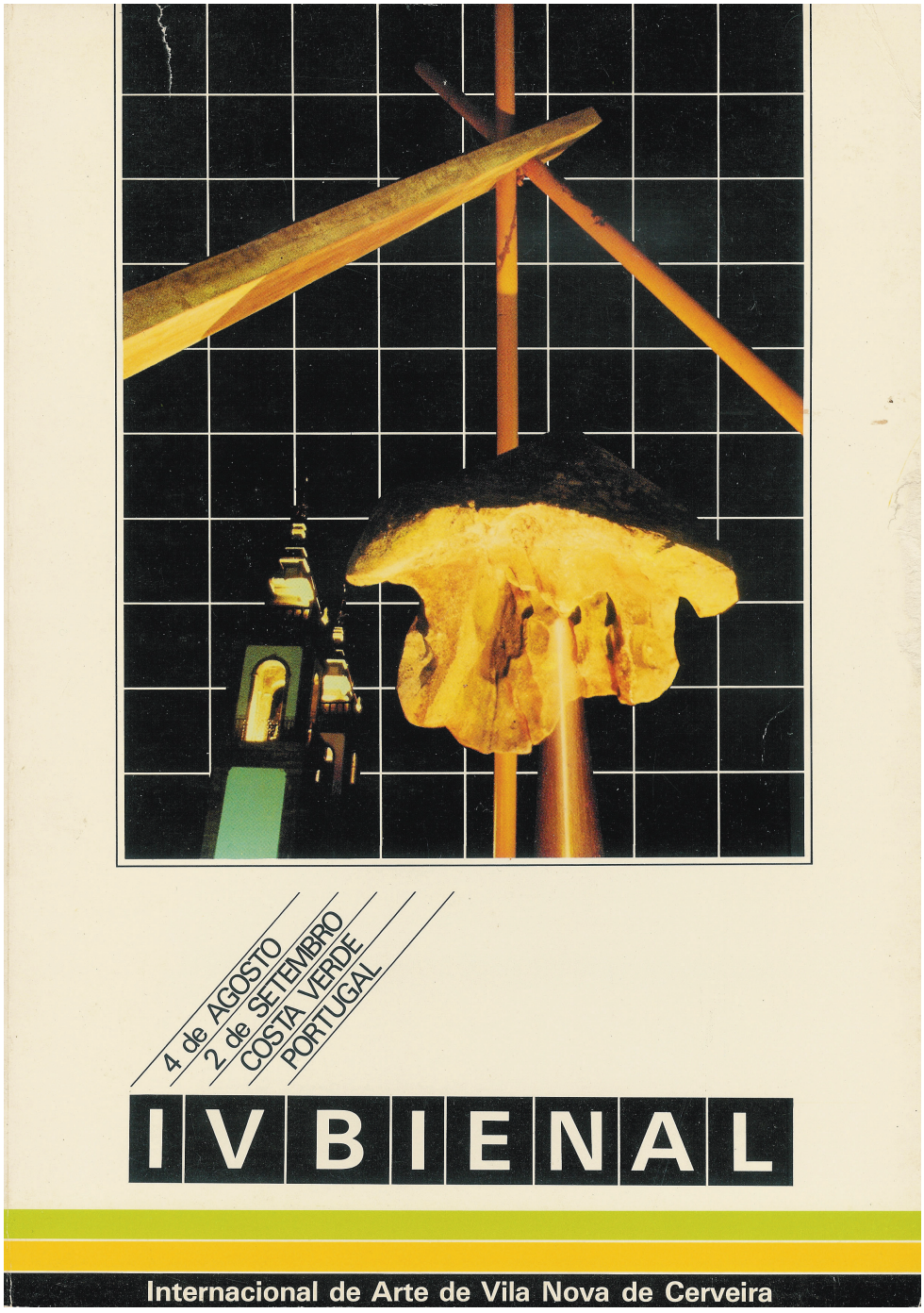


Figura 90 - Capa do Catálogo – autoria João Nunes
Fonte: Arquivo Henrique Silva

5.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Esta edição da Bienal marca a mudança da Presidência da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. Passa a ser gerida por Germano Cantinho, também ele um entusiasta das Bienais, e Lemos Costa, presidente da Assembleia Municipal.

Pela primeira vez, foi constituída uma Comissão Organizadora da Bienal, ficando a direção artística a cargo de Jaime Isidoro / Grupo Alvarez.

> *(...) Pretendemos que seja um espaço de liberdade para a criatividade artística e isso tem acontecido.*

Esta frase foi proferida por Jaime Isidoro, numa entrevista de Inês Pedrosa, na altura estagiária do *Jornal Expresso*, iniciando na Bienal a sua carreira de jornalista, hoje prestigiada e com reconhecido mérito.[134]

A imprensa nacional continua a fazer referência à BIAC, por vezes com opiniões divergentes, como o caso que se apresenta de seguida:

Viale Moutinho, no *Diário de Notícias* de 14 de agosto, assaz mordaz, dá-nos conta de que a Bienal se repete e que precisa de se reinventar:

> *(...) Começa a atingir um certo cansaço a fórmula das Bienais Internacionais de Arte de Vila Nova de Cerveira. E nesta quarta edição, em linguagem diplomática e elegante a expressão "déjà vu" serve a preceito e não choca tanto como aconteceria com aqueloutra do "visto e revisto.*[135]

Sílvia Chicó, no *Jornal de Letras* de 14 a 20 de agosto, intitulado "Cerveira Bienal para todos os gostos" [136] refere:

> *(...) e daqui, as artes são como coelhos em cartolas de tudo. Artes Mágicas, da barriguinha ao sono, de artistas e jornalistas: Cerveira é um imenso colo materno com cantinhos quentes para todos: que as imaginações não definhem por falta de alimentação ou de guarida, malas abaixo ou mais acima: desculpe, esta cama é minha (...)*

e mais adiante:

---

[134] Anexo I Vol. III p. 36.

[135] Anexo I Vol. III p. 37.

[136] Anexo I Vol. III p. 38.

(...) Raros são os autarcas que, nos seus discursos de abertura de exposições, referem a importância do vídeo, da performance e de outras modalidades mais ou menos recentes da prática artística contemporânea e raras são as autarquias que apostam definitivamente na cultura artística como faz a de Vila Nova de Cerveira.

Jaime Ferreira, no *Comércio do Porto* de 5 de setembro, intitulado "A presença das Artes Plásticas na Bienal de Cerveira"[137], refere a presença do Ministro Rosado Correia, que mais tarde foi o fundador da Escola Superior Gallaecia – ESG, em 1995, sediada em Vila Nova de Cerveira.

5.2 ORGANIZAÇÃO

No decorrer desta pesquisa ao consultar os arquivos, deu-se conta de correspondência travada entre a Comissão Organizadora e a Fundação Bienal de São Paulo, solicitando o envio dos seus estatutos. Estes foram remetidos em anexo em carta datada de 3 de maio de 1984, endereçada à Comissão Organizadora.[138] Pressupõe-se que, possivelmente, se pretenderia, já nessa altura, a criação de uma fundação para a Bienal de Cerveira.

É feito um balanço público dos custos da Bienal, na sequência da primeira apresentação de contas realizada na Bienal anterior, e que, segundo o que foi publicado, rondaria os 4.200 contos, acrescidos os custos indiretos como alojamentos e alimentação, conforme informação recolhida nos arquivos de Henrique Silva.

A organização foi assegurada por uma estrutura, conforme Quadro que segue, por dois júris, atribuição de prémios, galerias de arte e respetivos artistas representados.

---

[137] Anexo I Vol. III p.39.

[138] Carta da Fundação Bienal de São Paulo, assinada pelo seu presidente Roberto Muylaert – Anexo II Vol. III p.140.

Quadro nº 16

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[139]

COMISSÃO ORGANIZAÇÃO	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
G. Cantinho Lemos Costa Jaime Isidoro José Martins[140] José Rodrigues Rui Feijó	Jaime Isidoro/ Grupo Alvarez	Margarida Botelho Jorge Fallorca	João Nunes Jaime Isidoro (coordenação)	Agustina Bessa Luíz	Amadeo de Souza-Cardoso

Na mesma linha da edição anterior da BIAC, foram designados um júri de seleção e premiação.

Quadro nº 17

CONSTITUIÇÃO DOS JÚRIS

JÚRI DE ADMISSÃO[141]	JÚRI DE PREMIAÇÃO[142]
Bernardo Pinto de Almeida	Eduardo Paz Barroso
Eduardo Paz Barroso	Fernando de Azevedo
Fernando Pernes	Fernando Pernes
Joaquim Matos Chaves	Rui Mário Gonçalves
	Sílvia Chicó
	José Rodrigues

Nesta edição foram atribuídos seis prémios:

Grande Prémio IV Bienal de Cerveira (250.000$00);
Prémio IV Bienal de Cerveira (150.000$00);
Prémio Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira (100.000$00);
Prémio Intervenção [a atribuir a qualquer modalidade, ao trabalho que se salientasse no decurso da IV Bienal] (50.000$00);
Prémio Revelação (a atribuir a qualquer modalidade de um artista com menos de 26 anos) (50.000$00);

---

[139] Listagem completa em Apêndice IV Vol. III pp. 273-279.

[140] Comandante dos Bombeiros.

[141] Críticos de Arte.

[142] Eduardo Paz Barroso – Crítico de Arte.
Fernando Azevedo – Pintor e Critico de Arte.
Fernando Pernes – Crítico de Arte.
Rui Mário Gonçalves – Crítico de Arte – Associação Internacional de Críticos de Arte – AICA.
Sílvia Chicó – Crítica de Arte – Associação Internacional de Críticos de Arte – AICA.
José Rodrigues – Representante da Organização.

Prémio do Ministério do Equipamento Social (Subsídio conseguido pelo Arq. Rosado Correia, Ministro do Equipamento Social, para assegurar o Prémio Escultura, atribuído a Jaime Azinheira (1944-2016).

Quadro nº 18

PRÉMIOS, ARTISTAS GALARDOADOS, OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA[143]
Manuel Baptista	Grande Prémio (pintura)	
Clara Menéres	Prémio IV Bienal – *ex-aequo* (escultura)	
Jaime Azinheira (1944-2016)	Prémio Ministério do Equipamento Social – *ex-aequo* (escultura)	
Augusto Canedo	Revelação (pintura)	
Helena Almeida	Prémio Câmara Municipal (fotografia)	

Nesta edição, estiveram representados, com obras extra concurso, oito artistas portugueses: Arlindo Rocha, Fernando Lanhas (1923-2012), João Hogan (1914-1988), Joaquim Rodrigo (1912-1997), Jorge Vieira (1922-1998), Júlio Pomar, Júlio Resende (1917-2011) e Nadir Afonso, e aos quais foi destinada a "Sala 8 Artistas Portugueses".

Pela primeira vez numa BIAC, estiveram representadas oito Galerias de Arte, do Porto, Coimbra e Cascais, que trouxeram a esta Bienal vários artistas (Quadro nº 19), sendo o responsável por esta representação Edgardo Xavier.

[143] In http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all

Quadro nº 19

GALERIAS DE ARTE

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Galeria Alvarez – Porto	Artur Bual, Lima de Freitas, Relógio (1926-1997)
Círculo de Artes Plásticas de Coimbra – CAP	Exposição Documental 1958-1984
Galeria Dois – Porto	Noronha da Costa, Vítor Fortes
Espaço Lusitano – Porto	Envolvimento /*Performance*
A Galeria / Cascais	João Ayres, Ema Berta, Artur Bual, Carlos Carreiro, Emelde, Arnaldo Figueiredo, Jorge Gamito, Fernando Gil, Lagoa Henriques, Jaime Isidoro, Artur José, Lázaro Lozano, Maluda, João Mourão, Raquel Oliveira, Paulo Ossião, Raul Perez, Luís Rodrigues, António Santiago, Cruzeiro Seixas, Manuel da Silva, Francisco Simões, António Viana.
Galeria Interforma – Porto	Mário Ferreira da Silva, Jorge Barradas
Cooperativa Árvore – Porto	Alberto Carneiro, Albuquerque Mendes, Ângelo de Sousa, António Modesto, Armando Alves, Carlos Carreiro, Domingos Pinho, Emerenciano, Jaime Azinheira, José Rodrigues, Júlio Resende, Mário Américo, Pedro Rocha, Rui Paes, Zulmiro de Carvalho
Roma e Pavia – Porto	Ana Marchand, António Olaio, António Sampaio, Emerenciano, Fernando Marques de Oliveira, Fernando Pinto Coelho, Isabel Pavão, Jaime da Silva, João Paulo Sotto Mayor, Pedro Tudela, Ruth Rosengarten

5.3 CONTEÚDOS

Filomena Cabral, do jornal *O Comércio do Porto*, em artigo de 2 de agosto de 1984, p. 9, intitulado "IV BIENAL: Homenageado Amadeo de Sousa Cardoso",[144] acompanhou o desenrolar desta Bienal e faz referência às várias atividades, como Arte Vídeo, Galerias de Arte e *Performance Art*, afirmando a dada altura:

> *(...) o artista torna-se alguém que procura: a câmara e o magnetoscópio substituem o tubo de tinta e os pincéis e, sob o impacto da imaginação criadora o artista de vídeo estimula-se pela tecnologia (...)*

acrescentando:

> *(...) a ideia de introduzir na Bienal uma feira de arte com espaço para Galerias de Arte, distribuídas por casas antigas, cedidas pelos seus proprietários, tem por objecto proporcionar o maior contacto do público com a arte actual (...)*

[144] Anexo I Vol. III p. 40.

e a propósito da *performance art* refere:

> *(...) como actividade artística não catalogada levanta problemas. Ao estruturar-se nas relações entre o corpo e a natureza, bem como o meio ambiente, não escolhe nunca um sentido formal, sim antes produz uma criação de correspondências e de relações com a natureza.*

Escreve ainda sobre o Teatro na Bienal, referindo o I Encontro Luso-Galaico, com a participação do Grupo de Teatro de Vila Nova de Cerveira, o Pataco; de Viana do Castelo, o Realejo; do Porto, o Teatro Art'Imagem; do Tai-Teatro de Animação e Intervenção, também do Porto. Da Galiza vieram dois grupos: o Caritel e o Monicreques.

A participação dos críticos conceituados Eduardo Paz Barroso, Fernando Pernes, Rui Mário Gonçalves e Sílvia Chicó num colóquio sobre arte, que se realizou durante esta Bienal, reitera a importância deste evento no panorama das artes em Portugal.

Uma nota para o artigo publicado no jornal *A Aurora do Lima*, de 17 de agosto, com o título "O Centro Cultural do Alto Minho e a IV Bienal de Cerveira", da autoria de Carlos Subtil, sobre a forma como estiveram presentes artistas de Viana do Castelo, em representação do Centro Cultural do Alto Minho, numa sala "às escuras, sem luz" só visível de dia. Que seria das Bienais sem alguns percalços que deem azo a notícia?

> (...) *passamos dois dias a observar a mostra de trabalhos de artistas de Viana do Castelo, escolhidos por um pseudo júri da responsabilidade do Centro Cultural do Alto Minho, que foi convidado pela organização daquela Bienal.*

Também Aníbal Alcino teceu algumas considerações sobre esta Bienal no Jornal *A Aurora do Lima*,[145] de 17 de agosto, onde se pode ler:

> *(...) pintores, escultores, gravadores, ceramistas, fotógrafos, etc., etc., gastam milhares de escudos, em tintas, grades de madeira, telas, pincéis, fotografias de quadros, encaixotamento e transporte, etc., deslocando-se a Cerveira para contemplar os seus trabalhos que serão, por vezes, alvo de risota"?", da incompreensão? (...)*

[145] Anexo I Vol. III p. 41.

acrescentando ainda,

> *(...) pintar e esculpir, desenhar – para quê e para quem?, numa altura em que se oferecem centenas de milhares de contos pela transferência de alguns atletas que se dedicam ao pontapé à bola.*

Eduardo Paz Barroso no *Jornal de Notícias*, de 17 de agosto, num artigo intitulado "Um retrato da arte no presente"[146], refere as revelações nesta Bienal, em especial do prémio atribuído a Augusto Canedo, intitulado "Viva a Estética", Gingeira, João Ribeiro, entre outros:

> *(...) onde se conjuga uma certa brutalidade pictórica com a valorização do corpo a João Ribeiro, com General em Cavalo de Pau, servindo-se de meios que podem ter a ver com a infância, com perdidos brinquedos de madeira e com o prazer destes objectos vividos na experiência da pintura.*

Cita ainda António Olaio como aquele,

> *(...) que incluiu cada vez com mais maturidade, elementos de uma iconografia pessoal nas suas peças Maria Deolinda reminds me Gingers Rogers. Neste grupo há que falar de uma artista com um "curriculum" maior, autora de um acrílico e carvão sobre tela: O Rapto: Europa e o Touro. Este é, certamente, um dos melhores quadros de Ruth Rosengarten (...)*

Amadeo de Souza-Cardoso foi o artista homenageado por ser um dos primeiros modernistas portugueses e por ter falecido aos 31 anos de idade – 66 anos antes da I Bienal – visto a BIAC, desde sempre, se ter vindo a afirmar como uma Bienal de Jovens.

No texto de abertura do catálogo, assinado por Agustina Bessa Luís, lê-se:

> *(...) A IV Bienal vai abrir, e abre com a homenagem a Souza Cardoso. Uma pessoa comum é aquela que, graças aos esforços da gente deste mundo, aprende a andar e a falar. Mas um artista nunca aprende a falar e a andar como os outros. É manco e gagueja, e as pessoas dizem: "Olhem como é manco e gagueja!*[147]

transcrevendo-se o texto na íntegra em anexo.

---

[146] Anexo I Vol. III p. 42.

[147] Anexo II Vol. III p.141.

Segue-se um conjunto de imagens refentes a Amadeo.

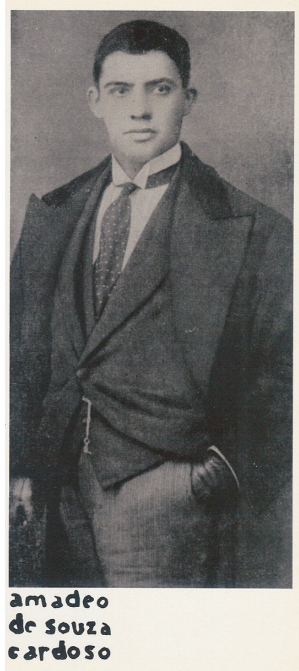


Figura 91 - Fotografia de Amadeo, publicada no Catálogo da IV BIAC

Imagem do *atelier* de Amadeo em Paris



Figura 92 - Reprodução no Catálogo da IV BIAC

Imagem de uma pintura



Figura 93 - "Máscara do olho verde", 1915
obra presente na Bienal
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

De destacar que Júlio Pomar, presente nesta edição da Bienal, participou, no ano seguinte (1983), na 18.ª Bienal de São Paulo, com seis telas, das quais a obra "Triplo retrato de Fernando Pessoa e o Corvo"[148] foi reproduzida no respetivo catálogo.



Figura 94 - Pintura de Júlio Pomar

O Quadro seguinte apresenta o conjunto de atividades que decorreram ao longo da Bienal. Foi dada continuidade ao que vinha sido feito em Bienais anteriores, ou seja, a realização de outras atividades de natureza cultural.

[148] In https://issuu.com/Bienal/docs/namee40bd4 acrílico sobre tela, 116 x 89 cm. (acesso ago. 2016).

Quadro nº 20

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Cinema	Alberto Valente – "Endogenia" Cinema sp/8
Colóquio	"A Arte Portuguesa e a atribuição de Prémios". Moderadores: Fernando Pernes, Sílvia Chicó, Rui Mário Gonçalves e Eduardo Paz Barroso "Amadeo de Souza-Cardoso: sua obra e seus reflexos na pintura do Séc. XX em Portugal". Moderador: Edgardo Xavier "Estéticas de Teatro". Moderador: José Coutinho e Castro / Organização: AJHLP
Dança	Grupo de Dança Atitudes e Movimento – "Hífen – Ou traço de União"
Diaporama	Ângela Costa – "Diaporama" Grupo Neon – "Lisbolandy-a-bye-bye Tollan" (Carlos Barroco, Nadia Baggioli, José Fabião, Maria João-Mayer (bailarina), Adelaide Coller, Rui Filipe, Fernando Pinheiro) Leão Lopes – "O Arquipélago Experimental" – Diaporama com *Performance* José Fabião e Silva Paul St. Jean – Diaporama / Fotomontagem
Exposição	IV Bienal Internacional de Arte Sala Artistas Portugueses: 8 artistas (Arlindo Rocha, Fernando Lanhas, João Hogan, Joaquim Rodrigo, Jorge Vieira, Júlio Pomar, Júlio Resende, Nadir Afonso)
Instalação	António Barros – "Câncer-Vultus-Câncer" Michael Wiedemann – "Kleines Deutschland Projekt" Richard Greck – "Zebra" – Objecto Envolvimento Rolf Gölbel – "Taillet Instalatin"
Intervenção	Ana Parreira – "Ciclo da Roupa Estendida" Carlos Teles Rodrigues – "O Fogo" Escultura coletiva – António Matos, António Quina, Clara Menéres, José Esteves, Rui de Matos. Grupo Bifrost – "A CASA" – Luz e sombra, Objecto Grupo Bifrost – "Convergência" Grupo Bifrost – "Arco-Íris" (Luta de almofadas coloridas forradas de cetim, suaves e não agressivas apesar do arremesso. *Performance* cheia de cor e movimento, símbolo de infância e inocência.) Jean-Pierre Giovanelli – Intervention sur le Monochrome Artitude: 01 – (António Barros, Isabel Carlos, Isabel Pinto, João Torres, José Louro, Rui Órfão) "Acqua Planning" Multimédia Paulo Ossião – Pintura ao ar livre
Música	José Oliveira Telectu (Jorge Lima Barreto e Victor Rua)
Performance Art	António Viana – "Os Descobrimentos Portugueses" (Encenação nas crateras do ex-lago, sob luz forte, dois estranhos homens-rã circulando em câmara lenta de profundos rituais) Elisabete Mileu – Performance Portugaise Fernando Aguiar – "Trilogia Portuguesa" (Abordagem à "Lei de Segurança Interna", expõe a sua crítica ao período pós-revolucionário, exaltando as atitudes antidemocráticas de que tem sido fértil a atuação de alguns construtores da nossa liberdade.) Ícaro – "O voo de Ícaro" Manoel Barbosa – "Dismgr" (Partindo de problemas concretos da sua própria vida e da vida política portuguesa, o artista chegou à criação de "*performances*" que se assemelham a sinfonias, paradoxalmente majestosas e discretas, numa repetitiva série de imagens de duração infinita e que terminaria apenas quando o último espectador saísse da sala.) Colaboração: Telectu Mineo Aayamaguchi – "INNER" Pedro Garhel – "OK / OK" Plank – "Quarantaine" Plank – "Scan Lines" Silvestre Pestana – "Biovirtual" Station House Opera Viriato da Silveira – "S. Cristovão" Happening Xose Maria Estraviz – "Eclipses"

Poesia	Antón Reixa – Espetáculo de Poesia Experimental "A Ilha dos Amores" – Colectânea de 74 poemas inéditos, apresentação de Óscar Lopes, editada pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto para a IV Bienal. Maria da Graça Varella Cid – "Vem Serenidade"e Raul de Carvalho, secundada por José Oliveira José Viale Moutinho – Recital de Poesia Apresentação do Livro de Poemas: "Os dias e a partilha dos fogos" de Adelino Ínsua (AJHLP) Apresentação do Livro de Poemas: "Em sombra acesa"de Ana Mafalda Leite (Vega)
Teatro	José Manuel Coutinho e Castro Grupo Pé de Vento – "O Amigo Dedicado"
Vídeo	Adriano Rangel – "INDEX" Adriano Rangel – "Para Além de" Alberto Pinto – "Vídeo Relations" Alberto Pinto – "Ratio" Carlos Teixeira – "W B – 45" Cão Pestana – "Experiências" Inge Ulrich – "Contos para Europa" Inge Ulrich – "Beber e Correr" Alunos I.A.D.E. – "Textura em Movimento" Jorge Torres – "Glass I" Jorge Torres – "Glass II" José Ferrão – "Audy Wharol" Mineo Aayamaguchi – INNER Pedro Garhel – "ETCETERA" Plank – "Quarantaine" Rolf Lobeck – "Português TV • Mistura • Timex • 1000 Passagem • Mar • Gente • Cidade" Silvestre Pestana – "Biovirtual" Tóli – "Vídeo Eyes" Zé Quife" – "Noção Feno" Video-Porto (Ção Pestana, Jorge Lopes, Henrique Silva, Silvestre Pestana) – "Vídeo – Betamax" Centro de Vídeo (Rolf Lobeck, Silvestre Pestana) – Em circuito fechado de (1/2 polegada) com transmissões por via cabo de Teletexto.
Visitas Guiadas	Edgardo Xavier

5.4 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Diaporama



Figura 95 - José Falcão e Silva
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

Instalação

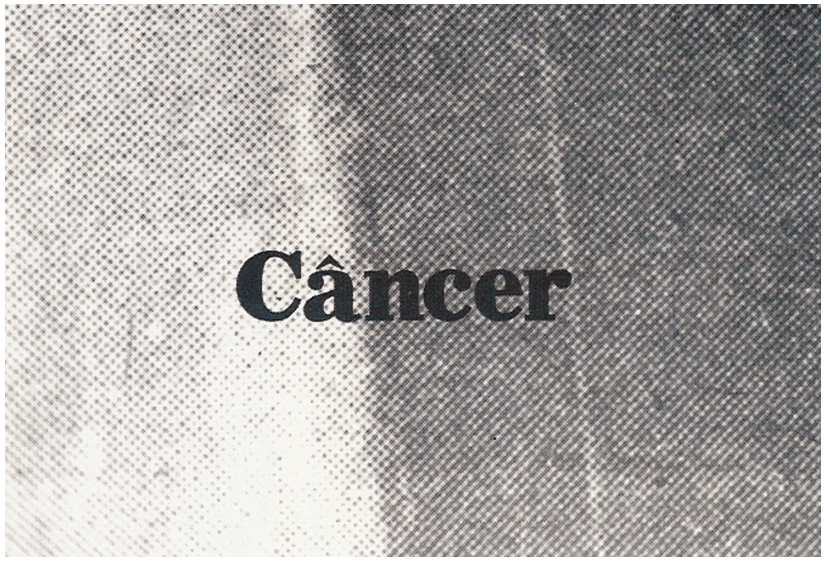


Figura 96 - António Barros
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

Telectu



Figura 97 - Jorge Lima Barreto ,Vítor Rua
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

Performance Art



Figura 98 - António Bronze (1935-2003) e João Nunes passeio a cavalo na exposição da Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 99 - "Bio-Virtual" – Silvestre Pestana
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

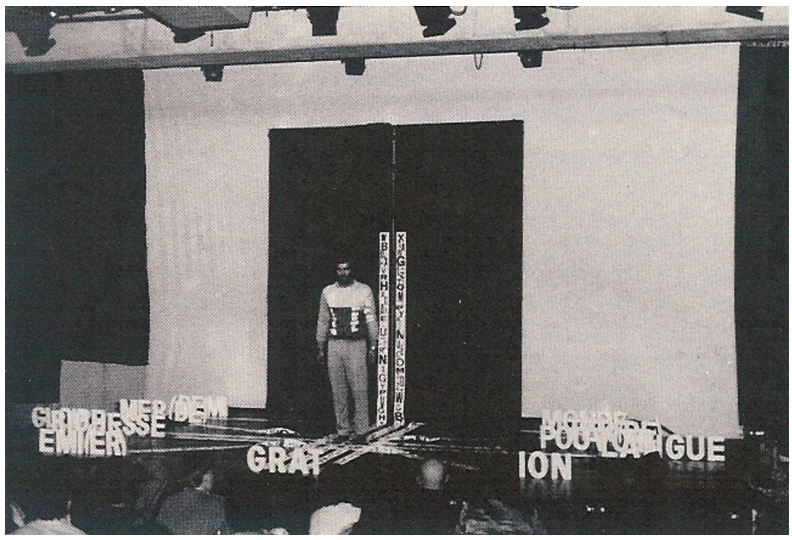


Figura 100 - "Trilogia Portuguesa" – Fernando Aguiar
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

Dança



Figura 101 - Grupo de Dança Atitudes e Movimento – "Hífen – Ou traço de União"
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

5.5 DADOS ESTATÍSTICOS

Nesta BIAC, estiveram representados 324 artistas, tendo-se verificado um aumento das participações nacionais (39,4%) e uma ligeira descida na representação dos artistas estrangeiros (4%), em relação à Bienal anterior.

Gráfico 4

PARTICIPANTES/PAÍSES

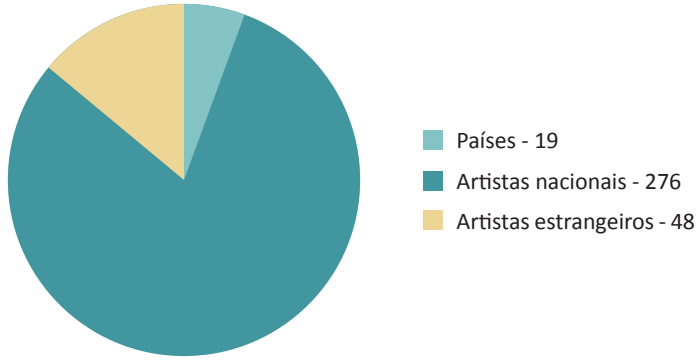


Figura 102 - Gráfico de países e artistas participantes

5.6 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Apresenta-se de seguida a localização das exposições e das intervenções em Vila Nova de Cerveira.

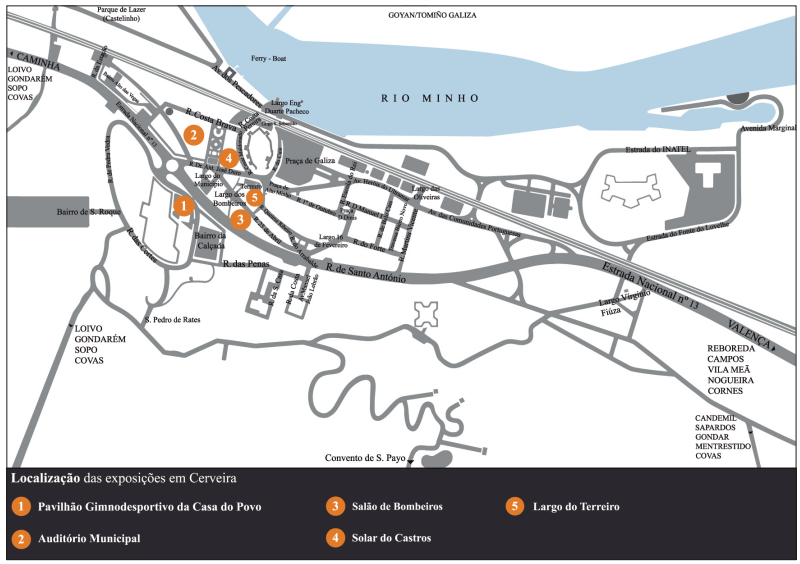


Figura 103 - Mapa dos locais de intervenção da IV BIAC

5.7 SÍNTESE PARCIAL

Nesta edição da BIAC, os prémios já não são atribuídos por disciplinas artísticas, passando a designar-se por: Grande Prémio Bienal de Cerveira, Prémio IV Bienal de Cerveira, Prémio Câmara Municipal, Prémio Intervenção, Prémio Revelação e Prémio do Ministério do Equipamento Social.

De salientar a presença de galerias de arte de Cascais, Coimbra, Lisboa e Porto e a ousadia de António Bronze e João Nunes a passearem a cavalo dentro do recinto da exposição principal, no Pavilhão Gimnodesportivo.

Esta Bienal foi ainda o início de um contencioso entre Jaime Isidoro e José Rodrigues, pela apropriação deste último do título de "criador" da Bienal de Cerveira, como se depreende da entrevista nº 8 a Augusto Canedo, quando afirma:

> *(...) embora nessa IV Bienal... já havia uma zanga entre o José Rodrigues e o Jaime Isidoro... eu lembro-me até que o Jaime encontrou o José Rodrigues e disse: "olha que tu ainda vais gastar a tua imagem com tanta fotografia na imprensa..." porque o José Rogrigues aparecia na entrevistas, na IV Bienal, como grande criador... digamos, o responsável por o acontecimento Bienal de Cerveira, e o Jaime corrigia sistemáticamente (...)*

acrescentando ainda:

> *(...) ainda hoje, há pessoas que têm uma certa saudade e um grande carinho pela Bienal de Cerveira, por causa desse tempo e dessa situação, que era muito particular... era muito hippie essa Bienal (...)*

Nesta mesma entrevista é também referida a singularidade da Bienal de Cerveira, pelo facto de receber os artistas, alojá-los, alimentá-los, promovendo o convívio e a troca de experiências entre eles, em simultâneo com a interação com a população, apesar de se sentirem "vigiados" frequentemente pelas funcionárias da Câmara.

Vila Nova de Cerveira
26 de julho a 7 de setembro 1986

6.0

V BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

6.0 V BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

Vila Nova de Cerveira

26 de julho a 7 de setembro 1986



Figura 104 - Capa do Catálogo – João Machado
Fonte: Arquivo Henrique Silva

6.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Neste ano, em que foi nomeado um novo executivo camarário, ficou na Presidência Germano Cantinho, tendo transitado para a Câmara do Porto o Eng. Lemos Costa. O primeiro projeto para a revalorização do Solar dos Castros (hoje Biblioteca Municipal) previa a criação de um Centro Cultural nesse local.

Em reunião do executivo, o presidente da Câmara, Germano Cantinho, salientou *"...o facto de esta vila do Alto Minho, quase ignorada até há bem poucos anos, dever muito da sua actual projecção à Bienal"*.[149]

Foi ainda projetada a criação de *ateliers* e residência para artistas no antigo matadouro, imóvel em S. Gonçalo, ainda ocupado à época por talhantes do açougue.[150] Mais tarde, em 2001, esta ideia foi concretizada, pela associação PNDC, passando a designar-se Casa do Artista Pintor Jaime Isidoro.



Figura 105 - "Casa do Artista Pintor Jaime Isidoro" – reabilitação do Matadouro
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Esta edição contou com duas exposições sob os temas "Arte Portuguesa Anos 80" e "Arte Galega Anos 80". A seleção dos artistas portugueses foi da responsabilidade de quatro jovens críticos: Alexandre Melo, Bernardo Pinto de Almeida, Eduardo Paz Barroso e João Pinharanda,[151] que escreveram textos introdutórios às suas escolhas, plasmados nos anexos a esta investigação. Antón Castro foi o responsável pela seleção doa artistas galegos.

---

[149] in *O Comercio do Porto,* 13 de maio 1986, s/p Anexo I Vol. III p. 43.

[150] in Jornal *O Primeiro de Janeiro*, 16 de abril, s/p Anexo I Vol. III p. 44.

[151] "Arte Portuguesa Anos 80" textos, Anexo II, Vol. III pp. 142-155.

Foram homenageados Santa-Rita Pintor, Arlindo Rocha e Fernando Lanhas.

6.2 ORGANIZAÇÃO

Coube à Câmara Municipal a organização desta BIAC, com direção artística de Jaime Isidoro e José Rodrigues, e apoio de uma Comissão Organizadora, cujo quadro referente à "Estrutura Organizativa" se apresenta.

Quadro nº 21

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[152]

COMISSÃO ORGANIZADORA [153]	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
Germano Cantinho Carlos S. Ferreira Prudente A. Cunha Célio M. Melo Jaime Isidoro José Rodrigues	Jaime Isidoro José Rodrigues	Castro Guerreiro	João Nunes João Machado Jaime Isidoro (coordenação)	Fernando Pernes J. Matos Chaves X. Anton Castro Bernardo Pinto de Almeida Eduardo Paz Barroso João Pinharanda	Santa-Rita Pintor Arlindo Rocha Fernando Lanhas

A edição desta BIAC foi inaugurada por Aníbal Cavaco Silva, Primeiro Ministro, acompanhado de Eurico de Melo, Ministro de Estado e da Administração Interna e de Teresa Gouveia, Couto dos Santos e Fernandes Marques, respetivamente Secretários de Estado da Cultura, da Juventude e do Emprego e Formação Profissional.

Em entrevista ao *O Primeiro de Janeiro*, de 27 de julho, Cavaco Silva afirmou *"Massa cinzenta é a mais rendível das matérias-primas de Portugal...Vila Nova de Cerveira pode ser um ponto avançado no turismo regional".*

[152] Listagem completa em Apêndice V, Vol. III pp. 280-287.

[153] Germano Cantinho – presidente da Câmara Municipal
Carlos Seixas Ferreira – presidente da Assembleia Municipal
Prudente Avelino da Cunha – vereador da Cultura
Célio Menezes e Melo – adjunto do presidente da Câmara Municipal
Jaime Isidoro – pintor
José Rodrigues – escultor

Apresenta-se uma visão geral do pavilhão gimnodesportivo onde decorreu a V Bienal.



Figura 106 - O Pavilhão da Bienal
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

Foram várias as individualidades políticas que visitaram esta, nomeadamente, Mário Soares, Valente de Oliveira, o casal Ramalho Eanes, Embaixador da Zâmbia, como está patente nas figuras seguintes:



Figura 107 - Mário Soares de visita à V Bienal
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez



Figura 108 - Valente de Oliveira de visita à V Bienal
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez



Figura 109 - Embaixador da Zâmbia de visita à V Bienal
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez



Figura 110 - Casal Ramalho Eanes
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

Em janeiro de 1986, o Município de Vila Nova de Cerveira homenageou o Eng. Lemos Costa pelo seu empenho no desenvolvimento desta região e pela criação das Bienais de Arte.

Nesta mesma data, foi assinado um acordo de geminação entre esta vila e Tomiño (Galiza) e projetada a construção de um *ferryboat* a unir as duas margens do rio Minho, prevendo-se um aumento substancial de turistas que viajavam pela Europa e, por arrasto, o aumento de visitantes nas Bienais de Vila Nova de Cerveira, além do impacto do consumo no comércio local, promovendo assim o desenvolvimento económico da vila.

Em 1986 também se comemoraram os 10 anos do Poder Local, por unanimidade das bancadas da Assembleia da República, cuja representação era configurada por Álvaro Cunhal (1913-2005), Mário Soares (1924-2017), Sá Carneiro (1934-1980) e Freitas do Amaral[154] (in *A Capital*, de 27 de fevereiro, s/p), facto que permitiu o desenvolvimento de atividades culturais como a Bienal de Cerveira.

É nessa altura que nasce a Associação Regional de Cultura e Arte – ARCA, formada por alguns elementos vindos da Cooperativa Árvore, como José Rodrigues, Eduardo Calvet de Magalhães, João Nunes e Manuel Trindade (1938-2013). A ARCA propõe-se organizar as futuras Bienais de Cerveira, marcando uma rotura com a organização anterior, muito embora o nome de Jaime Isidoro figure ainda como coorganizador.

O primeiro conflito/rotura do grupo Alvarez/Jaime Isidoro com a ARCA está patente num artigo de Isabel Jones publicado no *Comércio do Porto*, de 21 de agosto de 1987, s/p, e intitulado "Arca: Ponto final ao amadorismo"[155], rotulando de "amador" o Grupo Alvarez/Jaime Isidoro. É neste contexto que se dá a inevitável separação de Jaime Isidoro das Bienais de Cerveira.

Também é lançada pela ARCA a ideia de construção de um Centro Cultural, com projeto do Arq.º Viana de Lima, "...megalómano, cuja grandiosidade seria fatal para o futuro das Bienais**,** já que, como se veio a verificar mais tarde, a autarquia não teria meios de sustentar tal projeto, o que a levaria a transformar esse espaço em mais uma dependência municipal.", segundo declarações de Henrique Silva, na entrevista nº10.

---

[154] in *A Capital*, de 27 de fevereiro, s/p, Anexo I Vol. III, p. 45.

[155] In Anexo I Vol. III p.46

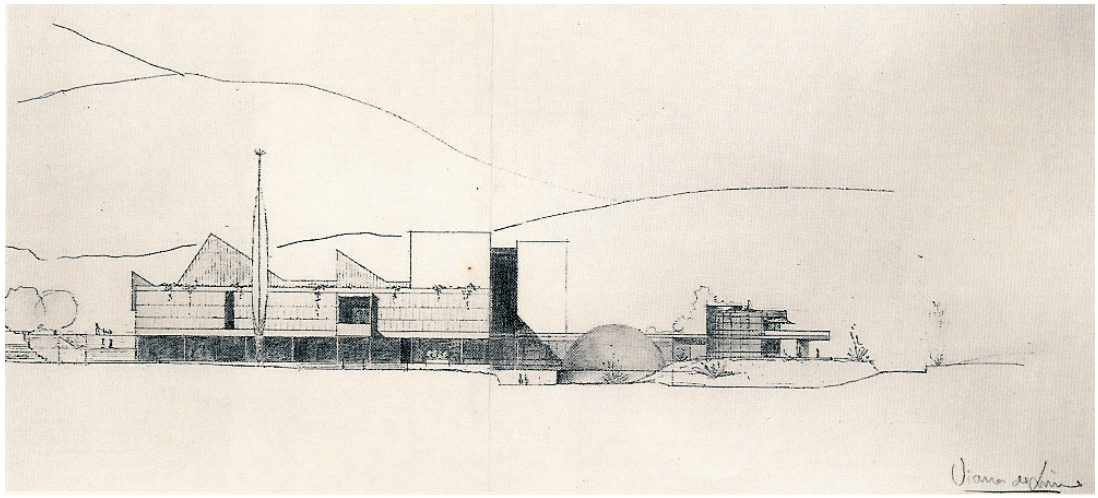


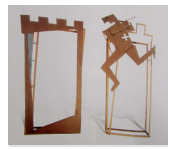
Figura 111 - Projeto do Arq. Viana de Lima para o Centro Cultural
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

Nesta edição, os prémios foram substituídos por aquisições, graças ao empenho do então presidente da Câmara, Germano Cantinho, elemento da Comissão Organizadora (integrando pela primeira vez um político), que conseguiu angariar os fundos necessários, desejando equiparar esta Bienal às grandes Bienais internacionais.

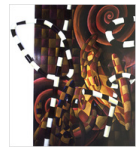
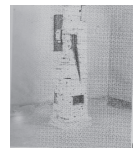
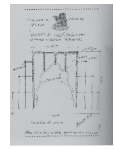
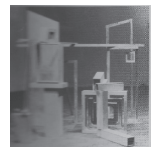
Foram adquiridas obras de treze autores que integram o espólio da Bienal de Cerveira, conforme quadro seguinte.

Quadro nº 22

AQUISIÇÕES

ARTISTA	PRÉMIO AQUISIÇÃO	OBRA[100]
António Dacosta	Sem título Tinta acrílica sobre tela 125 x 73 cm	
Fernanda Fragateiro	Sem Título Escultura em madeira 250 x 250 cm	

156 In http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all

Gerardo Burmester	"Com armas e bagagens" Técnica mista sobre madeira 265 x 255 cm	
Jorge Molder	"Waiters" Gelatine Silver Print 35 x 26 cm	
José Pedro Croft	"Sem título" Escultura – mármore e ferro 190 x 60 x 50 cm	
Manuel Dias	"Triunfo do Arco I" Escultura – Notubo + Lona 600 x 600 cm	
Manuel Rosa	"S. Sebastião" Escultura em pedra de Ançã 210 x 50 x 50 cm	
Pedro Cabrita Reis	"Da ordem ao caos IX" Técnica mista sobre tela 197 x 100 cm	
Pedro Calapez	"Sem título" Tinta acrílica sobre madeira 200 x 160 cm	
Pedro Casqueiro	"Sem Título" Técnica mista sobre tela 186 x 178 cm	
Rui Pimentel	"Sem título" Tinta acrílica sobre tela 175 x 150m cm	
Rui Sanches	"Flauta de Pan" Escultura em madeira Dimensões variáveis	
Vitor Pomar	"Gafanhoto" Serigrafia sobre papel 77 x 55 cm	

Quadro nº 23

JÚRIS DE SELEÇÃO E AQUISIÇÕES

JÚRI DE ADMISSÃO	JÚRI DE PREMIAÇÃO / AQUISIÇÃO
Fernando de Azevedo, Pintor/Crítico de Arte	Alexandre Melo, Crítico de Arte
Fernando Pernes, Crítico de Arte	Bernardo Pinto de Almeida, Critico de Arte
Jaime Isidoro, Pintor	Eduardo Paz Barroso, Critico de Arte
Joaquim Matos de Chaves, Prof. ESBAP	Fernando de Azevedo, Pintor/Crítico de Arte
José Rodrigues, Escultor	Fernando Pernes, Crítico de Arte
Júlio Resende, Pintor/ Prof. ESBAP	Jaime Isidoro, Pintor
	João Pinharanda, Crítico de Arte
	Joaquim Matos de Chaves, Professor ESBAP
	José Rodrigues, Escultor
	Júlio Resende, Pintor/ Professor ESBAP

6.3. CONTEÚDOS

Santa-Rita Pintor (1889-1918) foi um dos artistas homenageados, além de Fernando Lanhas e Arlindo Rocha. A representação foi escassa já que, por vontade do artista, após a sua morte, foram destruídas quase todas as suas pinturas, como refere o comissário da exposição, Joaquim Matos Chaves, no catálogo desta Bienal:[157]

> *(...) Uma obra escassa que é suficiente para permitir a conclusão de que o artista é uma referência indispensável. À sua ânsia de criar, como se de uma fúria se tratasse, sucedeu, sentindo a morte, a necessidade de destruir. Permanece, todavia, um testemunho incomparável.*



Figura 112 - Vista da exposição de homenagem
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

[157] in catálogo da V BIAC, texto *A poesia não é o poema,* Homenagem a Santa-Rita Pintor Anexo II, Vol. III p. 156.

Figuraram na V Bienal apenas três trabalhos: "Cabeça" (obra do acervo do Museu de Arte Contemporânea do Porto), uma cópia de "Olympia" de Manet, que Santa-Rita tinha enviado para a academia de Lisboa e "Retrato de Camponesa", trabalho realizado ainda quando aluno em Lisboa.



Figura 113 - "Cabeça" [158]
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez



Figura 114 - "Olympia" e "Retrato de camponesa"
obras expostas na V BIAC
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

[158] "A pintura pertence à Coleção da Secretaria de Estado da Cultura / Ministério da Cultura de Portugal e encontra-se em depósito no Museu do Chiado, Lisboa." In https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabe%C3%A7a_(Santa-Rita) (acesso em mai. 2016).



Figura 115 - Colóquio sobre a obra de Santa-Rita Pintor
Fernando Pernes, Eduardo Paz Barroso e João Pinharanda
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

Esta Bienal também contou com a representação dos artistas Pedro Calapez, José Pedro Croft, Teresa Magalhães, Rui Sanches e Joaquim Bravo, que, por sua vez, também estiveram presentes na 19.ª Bienal de São Paulo, em 1987, numa seleção feita por Sommer Ribeiro e intitulada "Três Pintores e Dois Escultores".

Três Pintores e Dois Escultores
na 19.ª Bienal de São Paulo

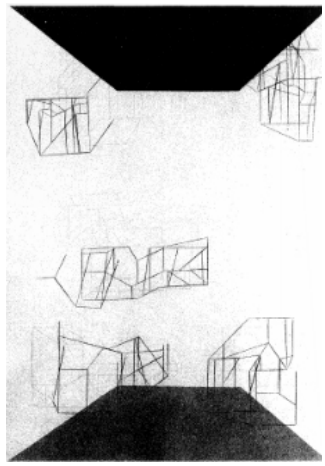


Figura 116 - Pedro Calapez 1987
Acrílico e grafite s/tela
250 x 174 cm

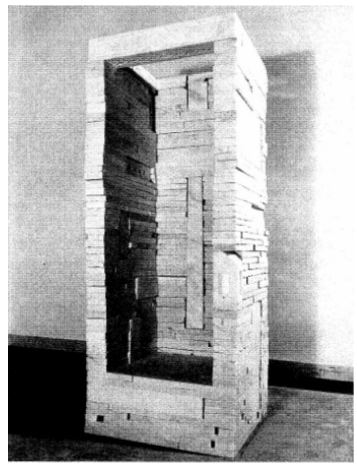


Figura 117 - José Pedro Croft 1986
Mármore
180 x 58 x 58 cm

Fonte: issuu.com/bienal/docs/name0e6614

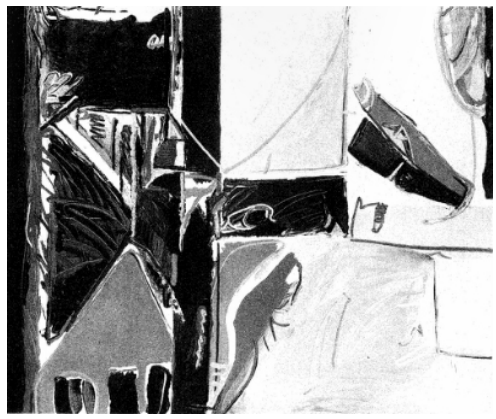


Figura 118 - Teresa Magalhães
Sem Título
1987 Acrílico s/tela 150 x 180 cm

Fonte: issuu.com/bienal/docs/name0e6614

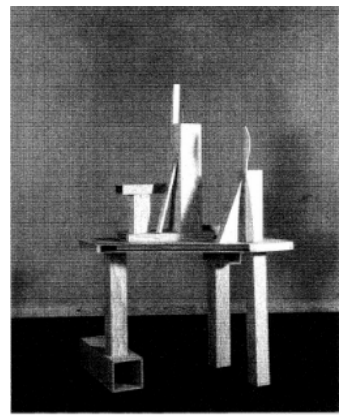


Figura 119 - Rui Sanches "Q.B."
Escultura em madeira
180 x 125 x 120cm Base: 300 x 300 cm

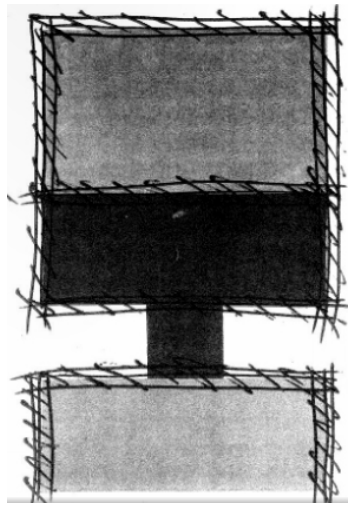


Figura 120 - Joaquim Bravo
Sem Título, 1987
Acrílico s/tela 160 x 110 cm

Fonte: issuu.com/bienal/docs/name0e6614

Foi criado o primeiro *atelier* livre de Informática Artística, que permitia aos jovens artistas e público em geral o conhecimento desta nova tecnologia como ferramenta para a produção da obra de arte.

De referenciar o artigo de Alexandre Pomar no Jornal *Expresso* de 9 de agosto p. 34-R, que dá relevo a uma "Sala dos Primeiros Artistas Abstractos Portugueses", onde estão representados Fernando Lanhas e Arlindo Rocha, uma seleção de Joaquim Matos Chaves, artistas homenageados nesta BIAC.

No decorrer do evento realizaram-se atividades de diversas áreas artísticas, à semelhança dos eventos anteriores, como reflexo da abrangência cultural das Bienais.

Quadro nº 24

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Arquitetura	Prof. Arq. Viana de Lima – Três desenhos do estudo referente ao projeto para o Centro de Arte da "Bienal de Cerveira".
Atelier	I *Atelier* Livre: Informática Artística Responsáveis: Anna Rachel Silva e César Augusto T. Nunes *Atelier* de TV local (emissões diárias entre as 23h e as 24h)
Colóquio	"O Computador e a Arte" – Oradores: César Nunes, Pereira da Costa Arlindo Rocha, José Rodrigues, Costa Santos - Local: Pousada D. Dinis.
Dança	Mário Viegas - Ballet da Companhia Nacional, Lisboa (Manifesto Dantas)
Encontros	Encontro subordinado ao tema: "Os Jovens e a Arte" – 2 a 3 de agosto de 1986 Organização: Delegação do FAOJ em colaboração com a Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira e a Comissão Organizadora da V Bienal de Arte. Participantes: Jovens da "Escola Aberta", do Campo de Trabalho da Cividade, em Melgaço, do Campo de Trabalho de Lamas de Mouro, Associações e Movimentos Juvenis do Distrito, e ainda grupos informais de jovens Programa: Recepção na Câmara Municipal; Almoço Regional; Encontro com Artistas; Visita à V Bienal e Atividades Culturais.
Espetáculos	Grupo portuense de Teatro: Laboratório de Arte do Movimento - "Lágrimas e Sorrisos" (Espetáculo de pantomina de rua que tem por base um sonho e assenta num conflito de sentimentos: o medo, a alegria, a ansiedade, a tristeza). Autoria: António Calvet de Magalhães. Intervenientes: Isabel Meneses e Manuela Espírito Santo
Exposição	Arte Anos Oitenta Arte Galega Anos 80 / Seleção de Antón Castro Artistas Representados: Antón Lamazares, Anton Patiño, Correa Corredoira, Din Matamoro, Francisco Leiro, José Freixanes, Manuel Moldes, Manuel Paz Mouta, Menchu Lamas. Arte Portuguesa Anos 80 / Seleção de Alexandre Melo, Bernardo Pinto de Almeida, Eduardo Paz Barroso, João Pinharanda. Artistas Representados: Albuquerque Mendes, Alda Nobre, Cabrita Reis, Fernanda Fragateiro, Fernando Pinto Coelho, Gerardo Burmester, Jorge Molder, José Pedro Croft, Julião Sarmento, Luís Torres Fontes, Marrucho, Pedro Calapez, Pedro Casqueiro, Pedro Portugal, Pedro Proença, Pedro Tudela, Pereira de Sousa, Rui Aguiar, Rui Pimentel, Xana, J. L. Darocha Homenagem: Santa-Rita Pintor Sala Primeiros Artistas Abstractos Portugueses (Homenagem) (Arlindo Rocha / Escultura; Fernando Lanhas / Pintura) Organização: Joaquim Matos Chaves, Crítico de arte Grupo Teatral Portuense "Pé de Vento" – Exposição de figurinos, adereços, máscaras, maquetas e painéis pintados dos seus espetáculos desde 1978. (Iniciativa que visa promover o Teatro Infantil e inclui obras de pintores como Rosa Ramos, Rui Aguiar, Rui Pimentel e Augusta Araújo). Mostra de trabalhos da escultora Carvalheira da Silva relativa a trabalhos que estão no Santuário de Fátima e nos Valinhos". Local: Igreja Matriz de Vila Nova de Cerveira "Passado, Presente e Futuro da Justiça em Portugal" – Exposição do Ministério da Justiça. Local: Solar dos Castros Ana Vilante – Exposição de objetos decorativos e de adorno (Artesanato, tecelagem e ourivesaria). Local: Pousada D. Dinis
Instalação	Alexander Leonard Elsevier – "Project for 'Musis Sacrum' Arnhem – 1985 – Used Timber" Rui Mendes – Instalação: "Drive-in-play" – 1986 – 200 x 200 cm Silvestre Pestana – Instalação / Intervenção – "Verbo Visual"

Intervenção	Alexander Leonard Elsevier – "Studie for sculpture in the folder" – 1985 – Acrílico / Madeira – 200x70 cm Alexander Leonard Elsevier – "Music Sacrum" – 1985 – Madeira Bifrost – Grupo de Arte de Intervenção – Intervenção "Objecto" Bifrost – Grupo de Arte de Intervenção – Intervenção "Jardim à beira da Câmara plantado" Leonor Ferrão – Escultura modelada / Intervenção "Escultura ao Vivo" – *Atelier* Richard Greck – Intervenção / Escultura Mineo Aayamaguchi – Intervenção "Coulour" – 1986 – 15 mm. Zadok Ben-David – Escultura – Intervenção - "Attitude I" – Pigmentos / metal – 1986 – 200 cm
Multimédia	Artitude 01 / Progestos Visuais – "A:01 / RA" – 1986 Ingle Ulrich – "101.ª Maneira de cozinhar bacalhau" Rui Mendes – Multimédia "Auto - Energetic - Play" – 1986 Isabel Valverde – Intervenção Multimédia Susana de Sousa Dias, Maria José Camecenha, João Nuno, Adriano, Teresa Estrela "Onde o vento se deita" - Espetáculo Multimédia que integra vídeo, leitura de poemas e música ao vivo (textos criados a partir de obras da "Beat Generation")
Música	Banda da Guarda Nacional Republicana Agrupamento Artístico de Tomiño (Grupo coral, Conjunto de Gaitas de foles, Rancho folclórico e Banda de música) "Venham Mais Cinco" - Grupo de música antiga e tradicional luso-holandesa.
Nova Media	Vídeo / Emissor TV / Computadores Ana Paula, Carlos Teixeira, César Nunes, Inge Ulrich, Jorge Lopes, Ursula Zangger.
Performance Art	Isabel Valverde – "After The White Shower – Depois Do Duche Branco" Sérgio – *Performance* "Kórporeonov" - 1986 Sérgio – *Performance* "Dancsdtchy" - 1986
Poesia	Joaquim Castro Caldas – "Poesia Portuguesa XX" Rui Mendes – Poesia Visual / Fotomontagem "A Pro-poser" – 1986 – 4 x 25 x 25 cm
Teatro	José Estraviz – "Fantasma Malabar" – Teatro luz negra – 1985
Vídeo	Giovanelli Jean Pierre – "Intervention sur le Dialogue" – Vídeo VHS, 34 min. – 1985 Mineo Ayamaguchi – "Sumer out coulour" – Vídeo Art -10 min. Silvestre Pestana – "Ex. Face" – Vídeo 8 min. – 1985

6.4 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Apresentam-se de seguida algumas imagens representativas das atividades desenvolvidas.

Medalha comemorativa

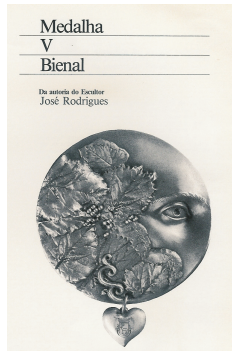


Figura 121 - Medalha V Bienal - autoria de José Rodrigues
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

Performance Art



Figura 122 - Performance de Isabel Valverde "After de White Shower"[159]
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

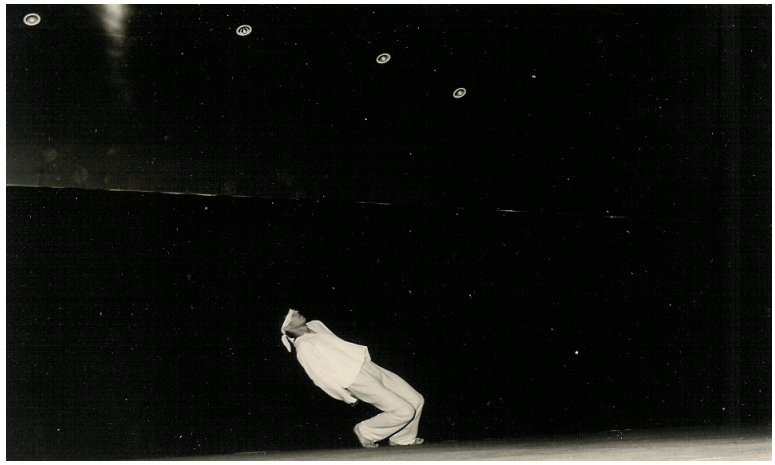


Figura 123 - Performance de Sérgio
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

[159] "After The White Shower – Depois Do Duche Branco"- Numa sala lentamente revestida de tela plástica preta, tendo como suporte, em banda magnética, música minimal, Isabel Valverde cobriu o cabelo e depois todo o corpo de tinta branca. E começou a dançar. A superfície negra foi ficando salpicada, a seguir molhada, até se chegar à dominância do branco.



Figura 124 - Atuação da Companhia Nacional de Dança
Fonte: Arquivo Galeria Alvarez

6.5 DADOS ESTATÍSTICOS

Estiveram representados nesta edição da Bienal, um total de 236 artistas, entre artistas portugueses e estrangeiros, procedentes de países como Alemanha, Angola, Brasil, Canadá, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Israel, Itália, Japão, Moçambique e Suécia.

Comparando com edições anteriores, a V BIAC apresentou um decréscimo da participação dos artistas nacionais (25,4%), internacionais (37,5%) e dos países representados (26,3%).

Gráfico 5
PARTICIPANTES/PAÍSES

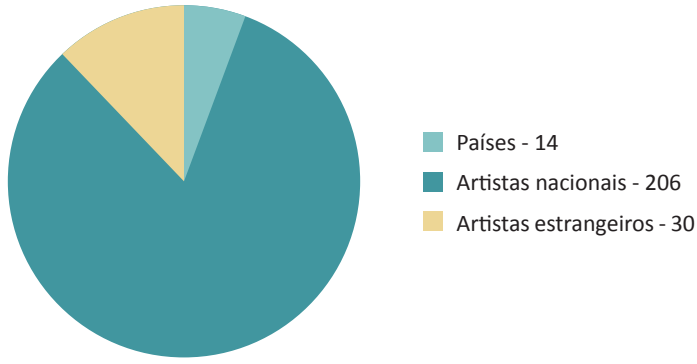


Figura 125 - Gráfico de países e artistas participantes

6.6 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Apresenta-se de seguida a localização das exposições e das intervenções em Vila Nova de Cerveira.

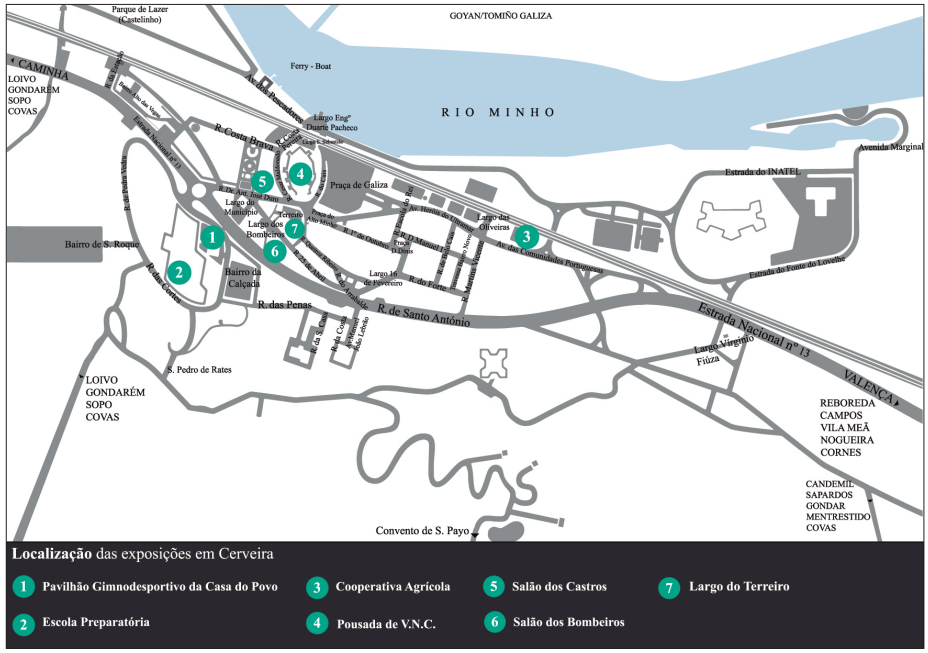


Figura 126 - Mapa dos locais de intervenção da V BIAC

6.7 SÍNTESE PARCIAL

Neste ano foi criada a Associação Regional de Cultura e Arte, que viria a organizar a VI Bienal.

Pelos relatos da imprensa, nomeadamente o artigo assinado por Isabel Jones e como anteriormente referido (vide pág. 172 desta Tese), notava-se uma acentuada divergência entre José Rodrigues e Jaime Isidoro. A Autarquia, na pessoa do seu presidente, Germano Cantinho, deu todo o apoio, o que permitiu a aquisição de obras de arte de grande vulto, não só pelos nomes dos autores, como pelo seu valor, como se veio a verificar com o tempo.

Além do habitual concurso lançado a nível nacional e internacional, realizaram-se, nesta edição da BIAC, mostras dedicadas à arte galega e à arte portuguesa dos anos 80. Por outro lado, ao contrário das edições anteriores, os prémios foram substituídos por aquisições que iriam integrar a coleção do futuro museu Bienal de Cerveira e, pela primeira vez, foi criado um *atelier* de Informática Artística e nessa medida, de novo constata-se a continuidade das ações singulares, inovadoras, relativamente às anteriores edições da Bienal.

Vila Nova de Cerveira
30 de julho a 4 de setembro 1988

7.0

VI BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

7.0 VI BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

Vila Nova de Cerveira

30 de julho a 4 de setembro 1988

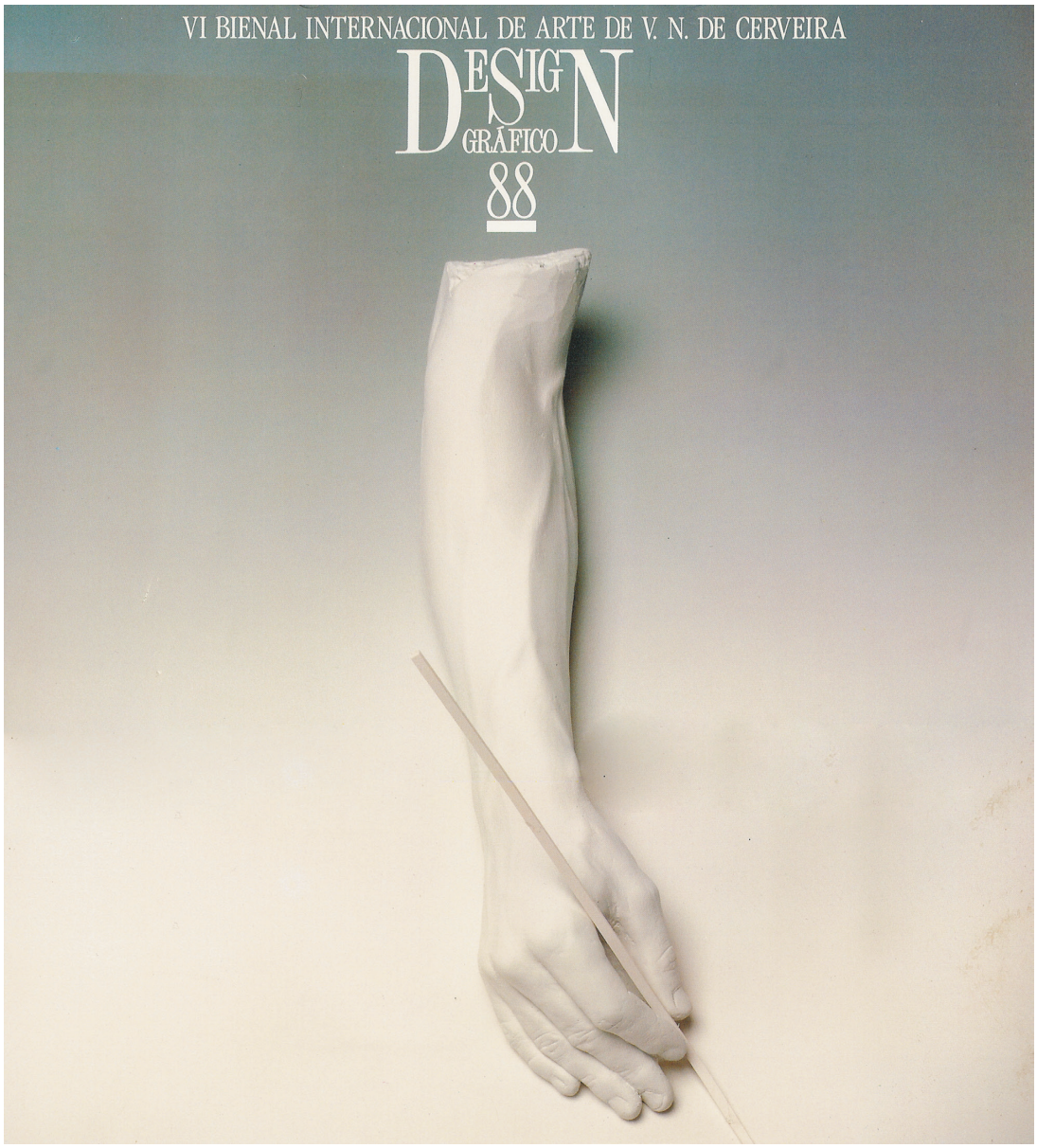


Figura 127 - Capa Catálogo – Design de João Machado / João Nunes
Fonte: Arquivo Henrique Silva

7.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Constata-se a mudança de direção artística da Bienal que passa a ser exclusivamente dirigida por José Rodrigues, com organização da Câmara Municipal e da Associação ARCA. Na imprensa da época, começam a surgir artigos/entrevistas a Jaime Isidoro, nos quais este denuncia a atitude de José Rodrigues de chamar a si a criação da Bienal de Cerveira.

Entrevistado por Luís Barroco no jornal *O Comércio do Porto* em 29 de maio de 1988, Jaime Isidoro manifesta a sua tristeza por ser atribuída a criação da Bienal de Cerveira a José Rodrigues:

> *(...) É curioso que desde as últimas edições da Bienal que as pessoas pensam que este acontecimento é obra do José Rodrigues, isso magoa-me um pouco principalmente se atentarmos que Cerveira é criação do Grupo Alvarez. O que me choca mais é saber que o José Rodrigues não desmente as pessoas.*[160]

embora no jornal *Cerveira Nova* de julho do mesmo ano, numa entrevista com o título "Jaime Isidoro ("Pai" das Bienais)", este afirme em jeito de desabafo: *"Cerveira, os artistas, o país perdem a Bienal."* [161]

Esta edição foi exclusivamente dedicada ao *Design* Gráfico e foi homenageado Abraham Moles [1920-1992] pela dedicação ao seu trabalho no domínio da teorização e estudo nos fenómenos sociais na área do *design*.

É também por essa altura fundada a EPOA- Escola Profissional de Artes e Ofícios, com os mesmos diretores da ARCA e que, dirigida por Calvet de Magalhães (1922-2017), se tornou um centro de aprendizagem bastante eclético e inovador, mas cuja gestão danosa não deixou que sobrevivesse muito tempo. Graças aos conhecimentos do escultor José Rodrigues, originário de Angola, a EPOA recebeu muitos alunos daquele país, que, mais tarde, ingressaram no Ensino Superior em Portugal e se tornaram posteriormente figuras de destaque na cultura angolana.

7.2 ORGANIZAÇÃO

De seguida apresenta-se o quadro referente à estrutura organizativa desta Bienal.

---

[160] Anexo I Vol. III p.47.

[161] Anexo I Vol. III p.48.

Quadro nº 25

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[162]

ORGANIZAÇÃO [163]	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
Câmara Municipal ARCA	José Rodrigues	Jorge Cordeiro Leonor Ribeiro da Silva	João Machado João Nunes	ARCA Abraham Moles Oswaldo Miranda Mário Vaz	Abraham Moles

Da organização fizeram parte Calvet de Magalhães, Manuel Trindade, João Machado, João Nunes, Henrique Cayatte, Mário Vaz e Evaldo Sheder Filho.

José Rodrigues, como diretor da Bienal, convidou seis artistas gráficos portugueses: Sebastião Rodrigues (1929-1997), José Brandão, Henrique Cayatte, Armando Alves, João Machado e João Nunes. De notar que Henrique Cayatte, João Machado e João Nunes faziam parte da Comissão Organizadora da Bienal.

Da imprensa da época destacam-se os seguintes testemunhos: no jornal *O Comércio do Porto*, de 29 de maio, s/p, Jaime Isidoro afirma:

> *(...) Não fiquei muito satisfeito com o facto da Bienal ficar naquele sítio; a Bienal devia ser ambulante, ir ao Alentejo, Traz-os-Montes, Algarve.*[164]

e no jornal *Cerveira Nova,* de 20 de julho, s/p, num artigo assinado por José Lopes Gonçalves, Jaime Isidoro comenta:

> *(...) Cerveira, os Artistas, o País perdem a Bienal (...) a Bienal de Cerveira era um Festival aberto a todas as tendências da arte, como se especificava no regulamento. Portanto a inclusão do Design Gráfico está certo. O que não está certo é que se imponha um erro de designação a favor do Design Gráfico – aproveitamento infeliz do prestígio da Bienal. Um artista da craveira do*

---

162 Listagem completa em Apêndice VI, Vol. III pp. 288-294.

163 Germano Cantinho – presidente Câmara Municipal.
Carlos Seixas Ferreira – presidente da Assembleia Municipal.
Prudente Avelino da Cunha – Vereador da Cultura.
Célio Menezes e Melo – Adjunto do presidente da Câmara Municipal.
Jaime Isidoro – Pintor.
José Rodrigues – escultor.

164 Anexo I Vol. III p.47.

escultor José Rodrigues não precisa de se arvorar em criador da Bienais Internacionais de Arte de Cerveira, porque não o foi. Não é.[165]

Na *Revista* do semanário *Expresso*, de 6 de agosto, pp. 48R-52R, José Mendes, autor do artigo, destaca:

(...) Sendo uma clara solução de recurso, o "design gráfico" domina a VI Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira, procurando clarificar dúvidas e cimentar posições."[166]

Do programa desta edição constaram as seguintes exposições:

Design Gráfico/88 – Mostra do Concurso;
Exposição individual de seis artistas gráficos portugueses,
convidados pela Direção – Sebastião Rodrigues, José Brandão,
Henrique Cayatte, Armando Alves, João Machado, João Nunes;
Exposição de Pintura "Vanguardas e Silêncios" – Artistas Galegos;
Obras de artistas galegos: Altraforma (Alonso/Ayguade); America Sanchez; Ricard Badìa; Juli Capella/Quim Larrea; Onesim Colavidas; Alberto Corazon; Albert Cullere; Pere Duran; Elias/Santamarina; Mario Eskenazi; Fermin Garbayo; Pepino Garcìa; Daniel Gil; Enric Huguet; Albert Isern; La Nave (Nebot/Lavernia); Eloy Lozano; Javier Mariscal, Lluis Morillas; J.Pla Narbona; Manuel Outomouro; Peret; Alberto Permuy; Agusti Puig; Quod (J.M. Trias); Carlos Rolando; R. Rousselot; Antonio Salichs; Enric Satue; Saura/Torrente; Taula de Disseny (J.M. Civit); Xose Maria Torne; R. Turegano; Vallbona/Moradell; Tomas Vellve; Pilar Villuendas/Jose Ramon Gomez; Yves Zimmerman;
Exposição de Gravuras – Bartolomeu Cid dos Santos;
Mostra de Design Gráfico Galego e outras regiões autónomas de Espanha;
Exposição do acervo da Revista Brasileira "Gráfica" – Dedicada a Portugal e outros acontecimentos;
Memória do Grafismo Português dos Anos 20/30;
Mostra do livro e vídeos galegos;
Mostra de "Lettering" do Type Directors Club (Nova Iorque).

[165] Anexo I Vol. III p.49.

[166] Anexo I Vol. III p.50.

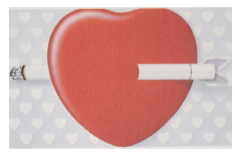
Nesta edição da BIAC, foi possível a aquisição de obras premiadas graças a patrocinadores, nomeadamente a Comissão Instaladora do Museu de Arte Moderna do Porto e Secretaria de Estado da Cultura, com a garantia de que estas obras viessem a integrar o futuro Museu de Arte de Vila Nova de Cerveira, bem como o Museu de Arte Moderna do Porto, ainda em formação.

Beatriz Horta Correia, Antero Ferreira, José de Almeida, Manuel Peres, Jorge Barros, Cristina Reis, Carlos Rocha, Miguel Anjel Vigo e Né Santelmo foram os *designers* galardoados.

A atribuição de "Prémios"/Aquisições a artistas é apresentada no quadro seguinte.

Quadro nº 26

ARTISTAS, AQUISIÇÕES, OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA[167]
José de Almeida	Jovem	
Né Santelmo	Embalagem	
Jorge Barros	Ilustração	
Manuel Peres	Ilustração	
Antero Ferreira	Cartaz/Linha Gráfica	

[167] In http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all

Carlos Rocha	Logótipo	
Manuel Angel Vigo	Paginação	
Beatriz Horta Correia	Revelação	

Itinerância de Exposições desta Bienal.

Posteriormente à VI Bienal, houve uma itinerância com representações de várias das exposições desta BIAC:

Círculo de Artes Plásticas de Coimbra – CAPC, de 7 a 31 de janeiro de 1989;
Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas;
Galeria Almada Negreiros, Lisboa – Exposição de Artistas Galegos, setembro de 1989;
FIL – 1ª Feira de Atividades Culturais – Lisboa, dezembro de 1988;
Salão de Exposições do Centro de Juventude, Viana do Castelo, de 12 a 30 de janeiro de 1990.

7.3 CONTEÚDOS

Foi homenageado Abraham Moles (1920-1992) pela dedicação ao seu trabalho e estudo no domínio da teorização e nos fenómenos sociais na área do *design*.



Figura 128 - Abraham Moles - Fotografia reproduzida no catálogo

Fonte: Arquivo Henrique Silva

Na página 14 do catálogo desta BIAC, um texto de Abraham Moles[168] começa deste modo:

> *"O designer é um engenheiro do meio envolvente. Os seu campos de acção determinam-se por:*
>
> *a) O ou os tipos sensoriais que ele privilegia na sua acção-visão, mobilidade, audição, manipulação, etc.*
> *b) A escala pela qual os esconsos onde se encerrou: esconsos do gesto, esconsos do olhar, zona de mobilidade, etc...."*

A propósito do *design*, Oswaldo Miranda, Diretor da revista *Gráfica* e Mário Vaz, escreveram textos, que anexamos a esta investigação.[169]

---

[168] Anexo II Vol. III pp. 157 e p158.

[169] Anexo II Vol. III pp.159 e p. 160.

À semelhança das Bienais anteriores, realizaram-se atividades de natureza diferenciada no sentido de conjugar formas de expressão mais alargadas.

Quadro nº 27

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Concerto	"MISO EMSEMBLE" - Música de Câmara (sécs. XVIII e XIX) "1 + 1 = 3" – Flauta e Percussão "Passing Roams" – Flauta e 2 Tom-Tom "Arcano IX" – Solo de Tambor de Madeira "4 Estações" – Flauta amplificada e Percussão amplificada "Cantique pour une ame" – Câmara de reverberação *tape loop* e flauta Todas as composições por: Paula Azguine e Michel Azguine Local: Igreja da Misericórdia / Pousada D. Dinis Academia de Música de Viana do Castelo FELIX – Canções acompanhadas ao violão Escola de Jazz do Hot Club de Portugal Grupo Galego Na Lua Grupo Novo Rock/GNR JIG – Grupo de Música Celta Orquestra das Escolas de Música Particulares Paulinho Noronha e Márcia Vera – Interpretação de temas brasileiros de Tom Jobim, Baden Powell, Milton Nascimento e Egberto Gismonti Quarteto de Jazz de Paul Stocker
Conferência	Pelo Prof. Abraham Moles
Dança	Companhia de Dança de Lisboa
Exposição	Design Gráfico/88 – Mostra do Concurso Exposição individual de seis artistas gráficos portugueses convidados pela Direção – Sebastião Rodrigues, José Brandão, Henrique Cayatte, Armando Alves, João Machado, João Nunes. Exposição de Pintura "Vanguardas e Silêncios" – Artistas Galegos Obras de artistas galegos: Altraforma (Alonso/Ayguade); America Sanchez; Ricard Badìa; Juli Capella/Quim Larrea; Onesim Colavidas; Alberto Corazon; Albert Cullere; Pere Duran; Elias/Santamarina; Mario Eskenazi; Fermin Garbayo; Pepino Garcìa; Daniel Gil; Enric Huguet; Albert Isern; La Nave (Nebot/Lavernia); Eloy Lozano; Javier Mariscal, Lluis Morillas; J.Pla Narbona; Manuel Outomouro; Peret; Alberto Permuy; Agusti Puig; Quod (J.M. Trias); Carlos Rolando; R. Rousselot; Antonio Salichs; Enric Satue; Saura/ Torrente; Taula de Disseny (J.M. Civit); Xose Maria Torne; R. Turegano; Vallbona/ Moradell; Tomas Vellve; Pilar Villuendas/Jose Ramon Gomez; Yves Zimmerman. Exposição de Gravuras – Bartolomeu Cid dos Santos Mostra de Design Gráfico Galego e de outras autonomias de Espanha Exposição do acervo da revista brasileira *Gráfica* – Dedicada a Portugal e outros acontecimentos Memória do Grafismo Português dos Anos 20/30 Mostra do livro e vídeos galegos Mostra de "Lettering" do Type Directors Club (Nova Iorque)
Festival	Festival de Jazz – Músicos das Escolas Portuguesas e Estrangeiras. De 30 de julho a 4 de setembro
Livraria	Livraria Leitura – Mostra e venda de livros de Arte

Mesa Redonda	"*Design*" Orientador: Abraham Moles Moderador: Francis Ribey Convidados: Oswaldo Miranda (Miran), Mário Vaz, Alberto Permuy. "*Design* Gráfico / Industria Gráfica" Moderador: João Machado Convidados: João Nunes, Henrique Cayatte, Américo Areal, Cristina Malaquias e um representante da Administração da Texto Editora e das Edições ASA. Local: Solar dos Castros. "*Design* do Ambiente – *Design* do Quotidiano" Moderador: Henrique Cayatte Convidados: Tomás Taveira, Alexandre Alves Costa, Paulo Vaz Gomes, Nuno Teotónio Pereira. "O Ensino do *Design*" Moderador: Eduardo Calvet de Magalhães Convidados: Alcino Soutinho, Daciano Costa (1930-2005), Mário Vaz e António Sena da Silva. Local: Solar dos Castros "Problemática da Criação Poética" Moderador: José Nogueira Gil
Poesia	"Recital Rosália de Carmo" – Filomena Cabral Recital de Poesia - Encontro literário entre poetas portugueses e galegos Poetas: Albano Martins, Fausto, Fernando Guimarães, Diogo Alcoforado, Filomena Cabral, Natália Correia. Local: Claustros do Solar dos Castros
Teatro	Companhia de Teatro Galego Medusa - "Espetáculo Mullieribus" Companhia Seiva Trupe – "Antígona" Companhia de Teatro Galego Artello – "Gran Venta 10º Aniversário" Dupla Óscar Branco e Jorge Paupério – "Sketches teatrais" Grupo de Teatro O Bando - Lisboa Grupo de Teatro Mímico "O Silencioso" – Porto Grupo de Teatro "Pé de vento" – Porto
Workshop	"Escola Itinerante" - *Workshops* promovidos pela VI Bienal e organizados pela Escola de Jazz do Hot Club de Portugal. O objetivo consiste em estender a atividade para além da cidade de Lisboa. Sessões dedicadas à guitarra, teclas, baixo e bateria. Docentes: Sérgio Plágio, Tó Mané Neves da Silva, André Sousa Machado e Zeca Neves Datas: de 29 de agosto a 2 de setembro.

Não são apresentadas imagens das atividades por não existirem em arquivo.

7.4 DADOS ESTATÍSTICOS

Nesta edição, participaram 118 artistas/*designers* entre convidados e em concurso e 42 artistas galegos integraram a exposição "Vanguardas e Silêncios". Os valores apresentados nesta edição são mais baixos em comparação com a Bienal anterior, sendo que os artistas nacionais tiveram um decréscimo de 51,4%, internacionais de 40% e os países representados de 87,7% .

Gráfico 6[170]

PARTICIPANTES/PAÍSES

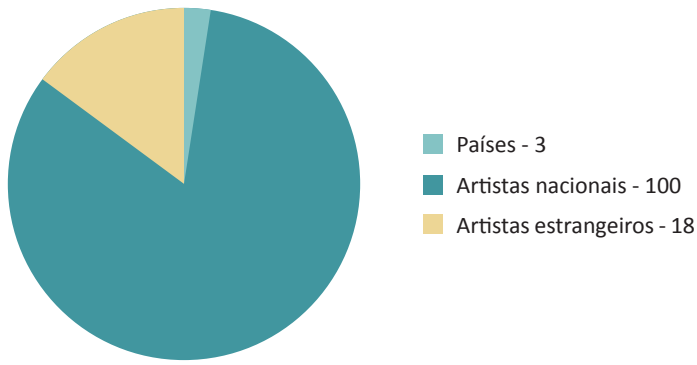


Figura 129 - Gráfico de países e artistas representados

7.5 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

O mapa seguinte reflete a distribuição das atividades e intervenções pelos espaços em Vila Nova de Cerveira.

[170] Dados obtidos dos arquivos disponíveis.

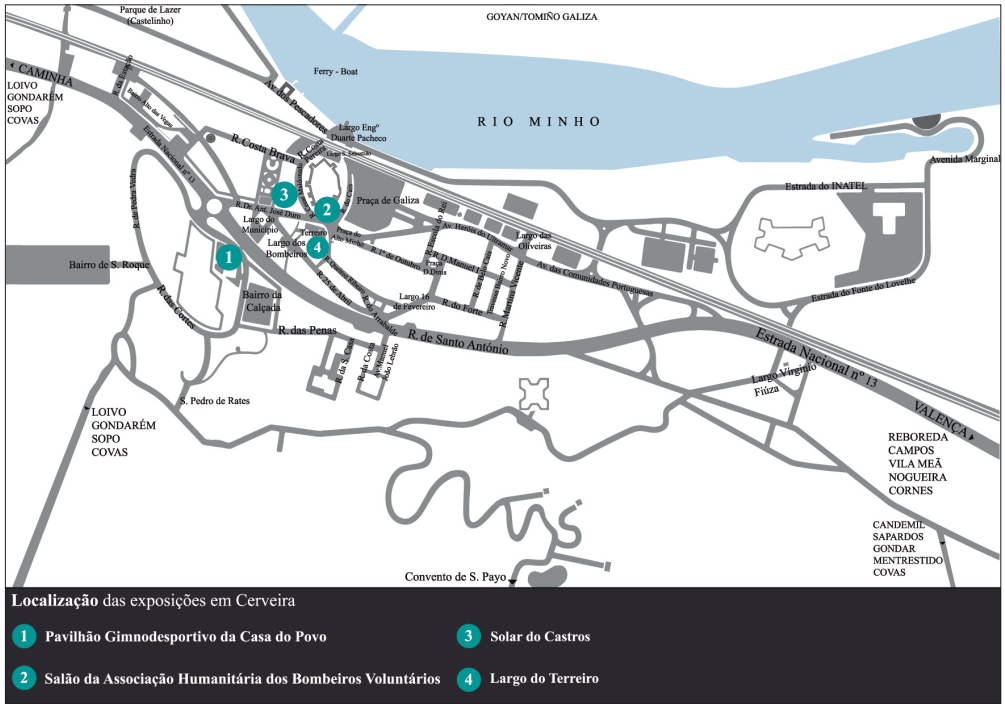


Figura 130 - Mapa dos locais de intervenção da VI BIAC

7.6 SÍNTESE PARCIAL

Organizada pela recente criada associação ARCA e com direção artística de José Rodrigues, já não esteve presente Jaime Isidoro, que declinou o convite para comissário, conforme carta em Anexo II, Vol. III p. 254.

Pela primeira vez na história da BIAC, esta edição foi dedicada apenas a uma disciplina, o *Design*, com homenagem a Abraham Moles, exposições e mesas redondas sobre *Design*, *Design* Gráfico / Indústria Gráfica, *Design* do Ambiente – *Design* do Quotidiano, moderadas respetivamente por Francis Ribey, João Machado e Henrique Cayatte, conforme Quadro nº 27.

No entanto, à semelhança de edições anteriores, houve manifestações artísticas no campo da dança, música, poesia, teatro e *workshops* promovidos pela Escola de Jazz do Hot Club de Portugal.

Novidade nesta edição foi a itinerância de várias exposições em Coimbra, Lisboa e Viana do Castelo.

Como se verá mais adiante nesta Tese, a Bienal de Cerveira acabou quando encerrou esta VI BIAC e só seria retomada em 1992, após um adiamento em 1990, a seguir referido.

Espólio
Seis Bienais de Arte
em Vila Nova de Cerveira

8.0

1990 – PRIMEIRO ADIAMENTO

8.0 1990 – O 1.º ADIAMENTO

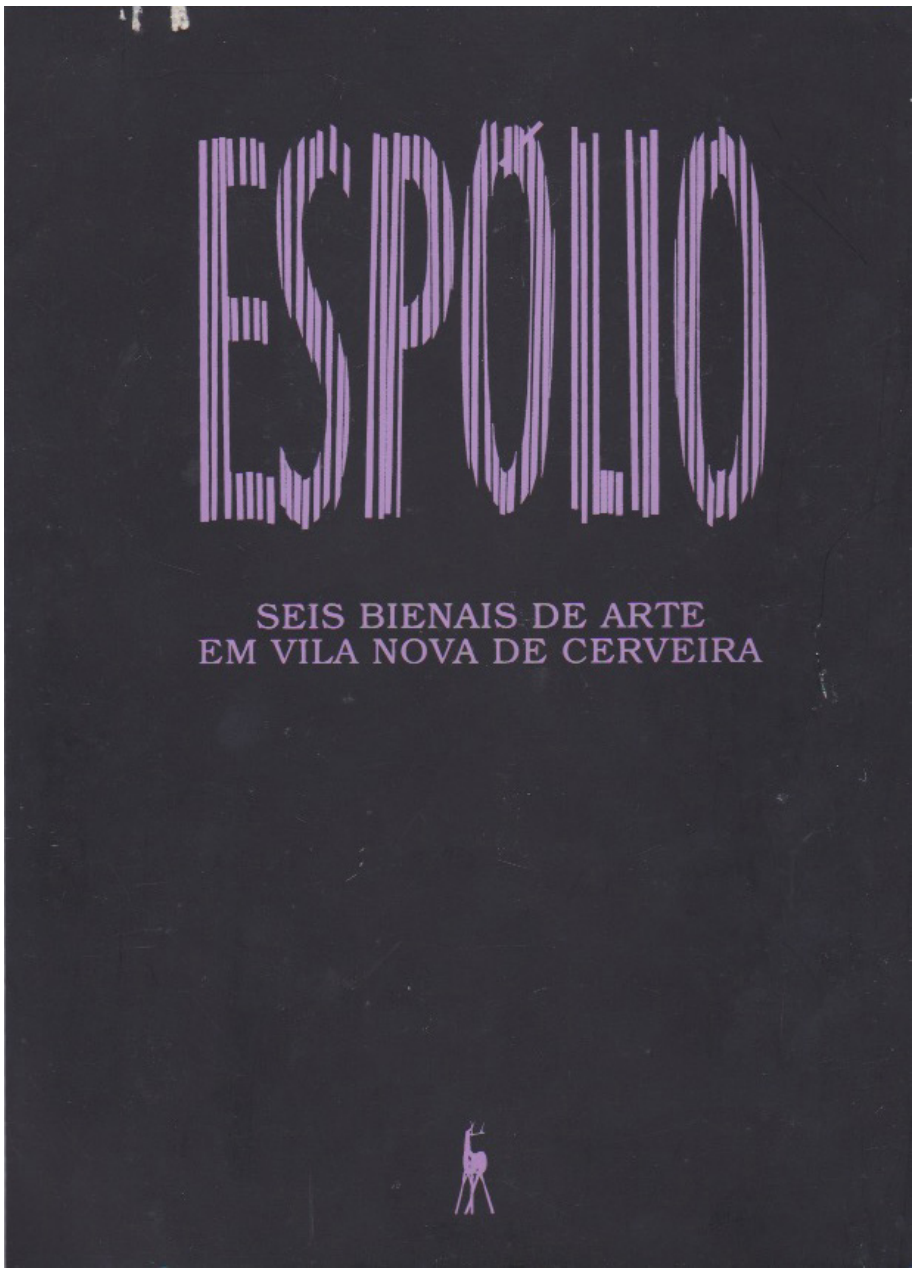


Figura 131 - Capa Catálogo ESPÓLIO Seis Bienais – Design João Nunes
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Foi apenas no ano de 1992 que se realizou a VII Bienal de Cerveira, quatro anos após a VI edição.

Apesar do propósito da ARCA em realizar a edição de 1990, sob o tema "À descoberta de nós", tal não foi possível por razões financeiras.

Com efeito, a ARCA pretendia organizar a VII Bienal mas, por falta de financiamento para a organização que exigia 40.000 contos, para pagamento de ordenados (nove diretores e uma secretária) e despesas com ações de divulgação, reuniões de trabalho, júris, alojamentos, aluguer de instalações, viagens ao estrangeiro, o orçamento foi aumentando quase para o dobro e esta edição não se realizou como previsto.

Maria Manuel Pinto Barbosa, Diretora-geral de Ação Cultural, da Secretaria de Estado da Cultura, num artigo publicado no *Diário de Lisboa*[171] (DL) de 31 de julho de 1990, intitulado "O Sabor do Dinheiro" p.17, faz referência a esta situação:

> *(...) Falo da Árvore porque interessa saber que o seu diretor, que nos pede um subsídio de 30 mil contos para a Cooperativa, é a mesma pessoa que assina o projecto da Bienal de Cerveira, que neste momento já orça os 40 mil contos.*

E à questão que lhe é colocada pelo DL: *" estamos a falar da Árvore, e não da Bienal?"*, a então Diretora-geral de Ação Cultural responde:

> *(...) Sim, mas o escultor José Rodrigues é a mesma pessoa que está por trás de tudo isto. Obviamente continuaremos a apoiar a Árvore, assim como a Bienal. Recebemos vários pedidos, chegaram até nós diversos projectos, sempre bastante megalómanos (...)*

e termina a entrevista afirmando:

> *(...) É natural que a SEC exija algum detalhe e não, como se afirma, que perdeu a papelada. Encontrando-se a Bienal já na sua sétima edição, precisava de ser melhor organizada, e mais realista naquilo que pretende em vez de apontar para um sem-fim de direcções.*

---

[171] Anexo I Vol. III p. 50.

Não tendo sido possível angariar as verbas pretendidas pela organização, a VII Bienal foi anulada, apesar da sua divulgação na imprensa escrita, como é o caso do *Diário de Notícias*[172] (DN) de 25 abril, s/p com a parangona "*Bienal de Cerveira à descoberta de apoios*", e onde, no artigo escrito por David Rodrigues, José Rodrigues afirma:

> *(...) a Bienal de Cerveira tem mesmo de continuar. Nem que para tanto seja preciso pegar em canhões.*

Também no *Diário de Lisboa*[173] de 13 de julho, num artigo de Jorge Fallorca intitulado "O vira do Minho", subtitula uma frase de José Rodrigues:

> *(...) Se alguém disser que este ano não vai haver Bienal de Cerveira, é mentira.*

Mas, de facto, não houve. Também no jornal *O Primeiro de Janeiro*[174] de 21 de julho de 1990, s/p, o jornalista José Guimarães, num artigo com o título *Aventuras e Desventuras da Bienal de Cerveira*, cita Silvestre Pestana:

> *(...) Mataram o espírito da Bienal de Cerveira... foi o fim de um sonho bonito.*

Já sob a égide do novo presidente da Câmara, José Manuel Vaz Carpinteira, este afirmou:

> *(...) Sem dinheiro não será possível concretizar o projecto do escultor José Rodrigues para a Bienal deste ano. Só a Câmara é que puxa os cordões à bolsa (...).*

Decorreram, no entanto, algumas atividades, como foi o caso de um ciclo de conferências, subordinado ao tema geral " À Descoberta de Nós 'Portugal: O Ser, O Servir e o Sonhar'", com Agostinho da Silva, de patrono, e a quem coube a intervenção final.

Este ciclo de conferências foi organizado pela Árvore, no Porto, "fazendo o contraponto nas Artes Plásticas na VII Bienal Internacional de Cerveira"[175], e versaram os seguintes temas:

---

[172] Anexo I Vol. III p. 51.

[173] Anexo I Vol. III p. 52.

[174] Anexo I Vol. III p. 53.

[175] In *Flyer* À Descoberta de Nós – Ciclo de Reflexão.

I – O Ser
O Ser da Terra – "Fundação de uma Identidade Nacional"
O Ser do Homem – "Ficcionar a Portugalidade"
O Ser da Vida – "Dados para uma Antropologia Cultural Portuguesa" .

II – O Serviço
O Serviço do Mar – "Descobrir: uma Arte dos Portugueses"
"Uma Viagem: uma Determinante na Cultura Portuguesa"
O Serviço da Europa – "CEE: Integração e Identidade Nacional"
O Servir do Mundo – "Descobertas e Evolução do Pensamento"
"Os Mundos Descobertos na Literatura Portuguesa"
"Arte e Descobrimentos"
"A Língua Portuguesa no Mundo"
"Portugal e o Mundo: o Papel das Fundações"

III – O Sonho
O Sonho da Pluralidade / Unidade – "Num País Uno e Plural"
O Sonho do Paradoxo – "Que Cultura Portuguesa?"
Música Portuguesa: "Ontem e Hoje"
"Portugal e o Sagrado"
"Que Ciência Portuguesa?"
"Falta Cumprir Portugal"

Foram oradores, entre outros, Vasco Graça Moura, Baquero Moreno, Adriano Moreira, José Saramago, Jacinto Nunes, Rui Loureiro, Armando Castro, Leonor Xavier, Helena Vaz da Silva, Maria Leonor Beleza.

À Descoberta de Nós – Ciclo de Reflexão.



Figura 132 - *Flyer* de divulgação do ciclo de conferências
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Em consequência do adiamento da VII Bienal, a ARCA organizou, ainda em 1990, uma exposição do espólio, ainda que incompleta, no Solar dos Castros.

No entanto, só em 1992 é que foi editado pela Câmara o catálogo "ESPÓLIO – Seis Bienais de Arte em Vila Nova de Cerveira", já maquetado em 1990, segundo se depreende da data dos textos nele inscritos – no então designado "Livro Branco das Bienais" e no texto de abertura intitulado "A Propósito das Bienais", onde o presidente da Câmara, José Carpinteira, afirma:

> *(...) Como é do conhecimento público a falta de cumprimento, a tempo e horas, do compromisso formal assumido pela Secretaria de Estado da Cultura, levou a comissão que tinha a seu cargo a responsabilidade da VII Bienal se realizar em 1990, a adiar o referido certame, e a efectuar em sua substituição, a exposição do espólio das Seis Bienais (...)*

prosseguindo:

> *(...) que desde 1978 a 1988, foram promovidas constituindo um acervo que, em termos de qualidade, assinala as razões que deram o nome nacional e internacional às Bienais de Arte de V. N. Cerveira e tornaram esta vila do rio Minho um caso ímpar de referência cultural.*

Aproveitando a visita do Presidente da República Dr. Mário Soares à VII Bienal em 1992, já sob a direção artística de Jaime Isidoro e Grupo Alvarez, é então editado o catálogo atrás mencionado, afirmando o presidente da câmara nesse mesmo texto[176]:

> *(...) Na data da segunda visita de S.Exª o Presidente da República, Dr. Mário Soares, em Setembro de 1992, a Vila Nova de Cerveira, foi considerado oportuno dar-lhe conhecimento do Livro Branco das Bienais e editar este catálogo.*

Em texto publicado nesse mesmo catálogo, "Razões de um Adiamento", da autoria da Direção da Bienal, ARCA, datado de meados de julho de 1990, pode constatar-se a indignação pela falta de apoio à realização da Bienal:

> *(...) No dia 15 de Fevereiro de 1989 o Professor Agostinho da Silva aceitou a provocação contida no tema "À descoberta de Nós", proposta pelo Escultor José Rodrigues para a VII Bienal de Artes de V.N. de Cerveira.[177]. Ousar pensar, ousar ser diferente e não poder realizar agora o projecto bem alicerçado e constituído com o apoio profético e generoso do professor Agostinho da Silva não significa desistir. Só desistem os fracos (...)*

---

[176] In p. 3 do catálogo "ESPÓLIO – Seis Bienais de Arte em Vila Nova de Cerveira".

[177] E prossegue: *(...) Em 28 de fevereiro de 1990 iniciou-se o ciclo de reflexões "À descoberta de Nós", organizado pela Cooperativa Árvore, no Porto, que assim se quis associar ao tema da VII Bienal. Não obstante se ter, em 6 de setembro de 1988, oficiado e solicitado à Secretaria de Estado da Cultura o apoio indispensável à VII Bienal e, ao longo de ano e meio, insistido por seis cartas, não foi recebido, até meados de julho de 1990, qualquer confirmação de patrocínio ou sequer uma carta de recusa, o que inviabilizou a realização do projecto no ano de 1990, apesar das promessas verbais de apoio da anterior Secretaria de Estado e do empenho do actual Secretário de Estado, mais recentemente. A organização viu-se, assim, forçada a adiar a Grande Bienal projectada, pois considerou que passou o tempo de pendurar nas paredes alguns quadros de qualidade e colocar sobre plintos algumas peças de esculturas interessantes.* – in p.4 do Catálogo "ESPÓLIO – Seis Bienais de Arte em Vila Nova de Cerveira".

e mais adiante:

> *(...) Mas chegou o momento de alertar o Governo e o Secretário de Estado da Cultura da nossa indignação cívica, não só pela forma como Cerveira foi tratada, mas sobretudo por até agora, meados de Julho, nem sequer se ter recebido uma carta confirmativa de apoio ou recusa. Assim não se pode fazer Portugal!*

Da entrevista nº10 a Henrique Silva as sua palavras concluem, de forma clara, o ritmo de um certo marasmo que se vivia por esta altura na BIAC:

> *... De maneira que na V Bienal, já o José Rodrigues, já estava a aparecer como coorganizador, e depois na VI foi o José Rodrigues e o Calvet Magalhães, sobretudo os organizadores da Bienal, que era uma Bienal de design ... E muito curta... De maneira que foi uma transição, depois para a VII Bienal, que entretanto parou. A Bienal parou. Acabou o consenso da Bienal…um grande problema… Digamos, não só financeiro, mas também de gestão… Eram mais diretores que artistas, quase... de maneira que parou tudo.*

Vila Nova de Cerveira
15 de agosto a 21 de setembro 1992

9.0

VII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

9.0 VII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

Vila Nova de Cerveira

15 de agosto a 21 de setembro 1992



Figura 133 - Capa do Catálogo da autoria de Carlos Barreira
Fonte: Arquivo Henrique Silva

9.1 NOTA INTRODUTÓRIA

José Manuel Vaz Carpinteira, presidente da Câmara Municipal, decidiu retomar a Bienal de Cerveira, interrompida em 1990, chamando para a organização desta edição Jaime Isidoro.

Da p. 7 do catálogo, retira-se do texto do presidente da Câmara, o seguinte excerto:

> *(...) Assim, ultrapassadas algumas dificuldades e com o rigor que se impõe, é intenção da Câmara Municipal reatar as Bienais e recuperar o prestígio conseguido por este certame, razão pela qual decidiu viabilizar a realização da VII Bienal Internacional de Arte, tendo convidado para o efeito o mentor e organizador da 1.ª Bienal, o Pintor Jaime Isidoro.*

Tendo sido reabilitado o piso do pavilhão desportivo para uso exclusivo da prática do desporto, não era possível continuar a ocupar este espaço com a Bienal de Cerveira. Desse modo, colocou-se o problema de instalações condignas para o evento.

Depois de várias diligências entre a Câmara e Jaime Isidoro, foi decidido alugar um insuflável com cerca de 1500 metros quadrados e construir um outro pavilhão em lona, um projeto do Arq. Manuel Taborda, onde funcionaram as atividades paralelas.

9.2 PREPARAÇÃO

Para apresentação do projeto da VII BIAC, Jaime Isidoro, em texto seu: "Que Bienais? Agora"[178] fez referência aos objetivos da Bienal e à mudança de calendário do evento para anos ímpares:

> *(...) As Bienais tiveram como princípio: Estimular a criatividade de jovens artistas, mostrando as novas tendências da Arte e também divulgar nesta região obras dos grandes mestres da pintura portuguesa(...) As Bienais irão ser realizados por conveniência em anos ímpares e deverá discutir-se o preenchimento, nos anos pares com exposições de impacto e de interesse nacional e na realização de ateliers que contribuam para a fixação de artistas na região.*

[178] Anexo II Vol. III pp. 161-162.

bem como ao tempo necessário para a preparação atempada das Bienais:

> *(...) pois, por experiência própria, cada Bienal tem sido apressadamente realizada, ocasionando gasto que, só por razões de falta de tempo não se podem evitar e obrigam a improvisos que por vezes levam a resultados menos satisfatórios, dificultando aquele profissionalismo que – nós profissionais – gostaríamos de satisfazer*.

No rescaldo desta BIAC, no Jornal *O Primeiro de Janeiro* de 27 de setembro, Jaime Isidoro e a propósito do discurso de encerramento do então presidente da República, Mário Soares, que erradamente atribuiu ao Escultor José Rodrigues e ao Pintor Jaime Isidoro, as iniciativas das Bienais de Cerveira, afirmou:

> *(...) o José Rodrigues "apoderou-se do meu trabalho"(...)"o Zé Rodrigues traiu-me!*[179]

num desabafo em que se declara como o criador das Bienais de Arte de Cerveira.

Renova a sua ideia de uma Bienal de confronto, estéticas e correntes, razão pela qual a Bienal é e será sempre polémica, onde não são contempladas razões políticas e de poderes pessoais.

Nesta mesma publicação, ainda acrescenta:

> *(...) devido a todos os antecedentes a esta edição, ao interregno, às diversas forças que pretenderam criar um clima de bloqueio, era impositivo vencer e fazer uma Bienal com grande impacto e com grande dignidade. E 120.000 pessoas que a percorreram é um número a ter em conta. Por isso, acho que venci."*

A organização da VII Bienal esteve ainda sujeita a uma certa polémica que é noticiada no Jornal *Público* de 28 de dezembro, e que refere a afirmação do presidente da Câmara, José Manuel Carpinteira:

> *(...) as faltas de apoio e problemas financeiros da autarquia, que levaram à suspensão da Bienal a partir de 1988, altura em que se realizou a sua VI edição dedicada ao design gráfico....a Bienal é apenas um dos objectivos da autarquia na área cultural muito importante na projeção do concelho.*[180]

---

[179] Anexo I Vol. III p. 54.

[180] Anexo I Vol. III p. 55.

O mesmo jornal afirma, por um lado, estarem em preparação os estatutos de uma Sociedade Anónima (S.A.) e, por outro, a fim de garantir a realização e gestão financeira das próximas edições, terem sido dirigidos convites às Fundações Gulbenkian, Oriente, Luso-Americana, Casa de Serralves e Federação dos Empresários Galegos, para integrarem esta S.A.

Nogueira Gil, jornalista no mesmo jornal, dia 29 de dezembro, p.27, a dada altura, escreve:

> *(...) José Carpinteira, presidente da Câmara de Cerveira, referiu ao Público que a única razão que levou a autarquia a não convidar José Rodrigues para a organização da próxima Bienal se fica a dever ao facto de este ter condicionado a sua participação à constituição de uma sociedade anónima para organizar em termos profissionais o certame (...)*

Na sequência destas declarações, torna-se confusa a posição do presidente da Câmara que, não querendo assumir sozinho a escolha do Diretor da Bienal, faz declarações controversas sobre a nomeação do mesmo, sabendo, de antemão, o contencioso que existia entre os dois artistas, segundo entrevista exploratória de Henrique Silva.

Por outro lado, Jaime Isidoro ao assumir esse cargo, quis repor a verdade e retomar os ideais que presidiram à criação da Bienal.

No jornal *O Comércio do Porto*, de 10 de janeiro 1992, entrevistado por Sérgio Mourão, Jaime Isidoro afirmou:

> *(...) No momento atual a arte contemporânea está num impasse que considero gritante (...) neste momento o grande objectivo que orienta a minha atitude cultural no sector plástico, resume-se em poucas palavras: trabalhar, reorganizar e projetar novos caminhos para a arte contemporânea portuguesa.* [181]

acrescentando ainda:

> *(...) nota-se que os factos políticos aceleraram em todo o mundo, causando mudanças surpreendentes. No entanto, se é certo que a geopolítica e a estratégia militar, social e económica foi abanada em todo o mundo, o campo cultural acentuou uma profunda estagnação. Vou mais longe: os políticos da actualidade, salvo raras excepções, pouco ou nada ligam à arte. Quase que têm medo de falar dela (...)*

---

[181] Anexo I Vol. III p. 56.

9.3 ORGANIZAÇÃO

O quadro seguinte apresenta o aspeto geral da organização da Bienal.

Quadro nº 28[182]

ESTRUTURA ORGANIZATIVA

ORGANIZAÇÃO	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
Galeria Alvarez [183]	Jaime Isidoro	Margarida Botelho	Carlos Barreira António Barros (Cartaz)	José Carpinteira Robert Filliou Joaquim M. Chaves Luís Bernardo João Santos Isabel Azevedo Rosa Oliveira Celeste Cerqueira Silvestre Pestana Egídio Álvaro Jorge L. Barreto Manuel Taborda Daniel Quintas Paz Vilariño Iago S. Morales	Robert Filliou (1926-1997)

Para a seleção das obras a concurso e para a premiação, foi designado apenas um júri, conforme Quadro nº 29:

Quadro nº 29

JÚRI DE SELEÇÃO E PREMIAÇÃO

Fernando de Azevedo – Fundação Calouste Gulbenkian
Fernando Pernes– Diretor Artístico da Fundação Serralves
Henrique Silva – Diretor da Cooperativa de Actividades Artísticas – ÁRVORE
Joaquim Matos Chaves – Professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto
José Fernando Guimarães – Crítico de Arte / Jornalista.

[182] Listagem completa em Apêndice VII pp. 295-302.

[183] Grupo formado por: *"Galeria Alvarez, (na cidade do Porto), Casa da Carruagem (em Valadares), Revista ARTES PLÁSTICAS"* In Ferreira, A. 2017. *Jaime Isidoro A ARTE SOU EU.* Porto: Edições Afrontamento, p. 14.

Com o regresso de Jaime Isidoro à liderança da Bienal, voltou o sistema de premiação: Grande Prémio Pintura, Prémio Revelação e Prémio Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, sendo também atribuídas Menções Honrosas que foram propostas para aquisição pelo respetivo júri.

Quadro nº 30

ARTISTAS GALARDOADOS, PRÉMIOS E OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA[184]
Rui Aguiar	Grande Prémio Pintura	
Elisa Queiroz	Revelação	
Francisco Trabulo	Prémio Câmara Municipal	
Jorge Llopis	Menção Honrosa Aquisição	
Florbela Silva	Menção Honrosa Aquisição	
Fátima Mendonça	Menção Honrosa Aquisição	
Ana Maria	Menção Honrosa Aquisição	

184 In http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all

Conta Ana Maria, na entrevista nº6 a propósito da Menção Honrosa que recebeu:

(...) um dos momentos que eu me lembro, que gostei muito de estar cá. Quando eu recebi uma menção honrosa, porque eu era uma pintora muito recente, e como não tinha o curso de Belas Artes, quando soube que tinha ganho, isto foi assim, uma grande alegria…nunca mais me esqueço (…)

Este prémio marcou a vida desta artista em termos de reconhecimento no panorama das artes plásticas. Foram ainda atribuídas Menções Honrosas às seguintes participações:

Adelaide Teixeira – Menção Honrosa – Teatro; "A Noiva";
Grupo 3º Ordem – Menção Honrosa – *Performance Art*;
"Dourai" – Constituído por 3 atuações – *Performance Art*.

e o Prémio Intervenção ao Grupo DIAGONAL, constituído por:

António Olaio, Bruno Maisons, Carlos Gordilho, Catherine Meziat, Isabel Valverde, Marie Kawazu e Silvestre Pestana.

Ainda durante a VII BIAC, realizou-se, no Centro Cultural de Vila Praia de Âncora, uma exposição dos Prémios das Bienais anteriores, comissariada por Henrique Silva, e numa organização conjunta Câmara Municipal/Galeria Alvarez 2, da qual foi produzido um catálogo.



Figura 134 - Capa do Catálogo da exposição
em Vila Praia de Âncora
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Quadro nº 31

DISTRIBUIÇÃO DAS EXPOSIÇÕES EM DIVERSOS ESPAÇOS

LOCAIS A VII BIAC	CONTEÚDOS / ATIVIDADES
Pavilhão Central	Concurso, Galerias, Música, Vídeo, *Performance*, Laser
Pavilhão dos *Ateliers* livres	Pintura, Desenho, Gravura, Holografia, Música e Poesia
Solar dos Castros	Exposição Robert Filliou e Surrealistas
Casa do Brasão	Arquitetura Luso-Galaica
Mercado do Peixe	Instalação de Angelo Staedi + Davix
Pousada D. Dinis	Estereoscopia e Cartazes
Terreiro	Intervenção Adelaide Teixeira e Música – Grupo AER 7E

Galerias de Arte

Quadro nº 32

GALERIAS PORTUGAL

GALERIAS	ARTISTAS REPRESENTADOS
Galeria Alvarez – Jaime Isidoro	Ângelo de Sousa, Arlindo Rocha, Arpad Szenes, Artur Bual, Gillian Ayres, Bengt Lindström
Árvore – Laura Soutinho	Rui Anahory, Armanda Passos, Henrique Silva
GE Galeria de Arte do Casino Estoril – N. Lima de Carvalho	Carlos Santos Marques, Francisco Neto, Gabriel Seixas
EG Galeria Associados	Ana Maria, António Modesto, Armando Azevedo, Dario Alves, João Dixo, Mário Bismarck
Galeria Gilde – Teixeira da Mota	António Rego, Cruzeiro Seixas, Cruz Rosa, Dibski, Lev Tabenkin, Manuel Casimiro, Medvedev, Minoru Nizuma, Nikias Skapinakis, Paiva Raposo, Rocha da Silva, Rodrigo Ferreira, Shutov
ImagoLucis Fotogaleria – Manuel Magalhães (1945-2018)	Aníbal Lemos, Manuel Magalhães
Pedro Oliveira – Pedro Marques de Oliveira	António Olaio, Gabriela Albergaria, Pedro Proença
Galeria Quadrado Azul – Joaquim Matos Chaves	Ângelo de Sousa, António Charrua, Manuel Baptista, Marta Seixas, Nadir Afonso, Rui Aguiar
S. Mamede – Francisco Pereira Coutinho	António Matos, Gonzalez Bravo, João Mesquita e Carmo
Galeria 5 – Rui Cunha	David Almeida, José Luís Tinoco, Fátima Mendonça, Rocha de Sousa, Rui Cunha

Quadro nº 33

GALERIAS ESPANHA

GALERIAS	ARTISTAS REPRESENTADOS
Galeria de Arte HAURIE – Magdalena Haurie	Rosa Conde, Justo Girón, Cesar Lorente, Ana Piñas Roche, Immaculada Gómez – Alvarez Salinas.
Moriarty – Lola Moriarty	Javier Utray, Joaquin Risueño.
Rita Garcia – Rosa Garcia	Victor Blasco, Sebastiá Miralles, Javier Charpa.
Sala Gaspar – Miguel Gaspar/Juan Gaspar	Albert Gonzalo, Alfaro, Antóni Clavé, Carlos Velilla, Vila Decans.
Windsor Kulturgintza – Roberto Sàenz de Corbea	Juan Mikel Euva, Albert Gonzalo, Sonia Rueda Pardo.

Quadro nº 34

GALERIA FRANÇA

GALERIA	ARTISTA REPRESENTADO
Galerie Eterso – J. Lambert	Cecile, Recondo, Scarpa.

9.4 CONTEÚDOS

Nesta edição, foi homenageado o artista francês Robert Filliou.



Figura 135 - Robert Filliou – artista homenageado
Fonte – Arquivo Henrique Silva

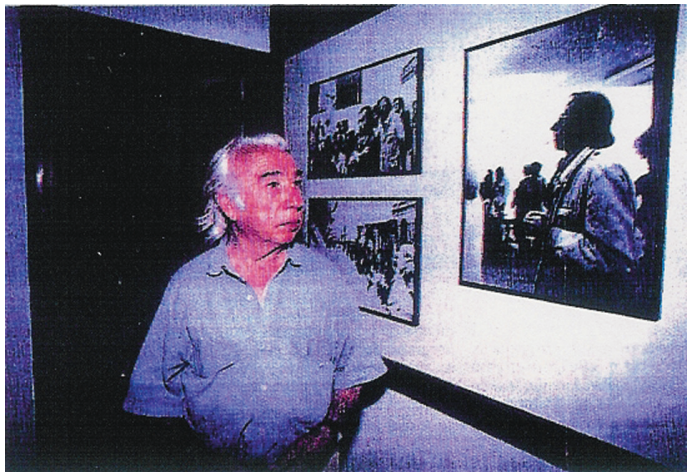


Figura 136 - Jaime Isidoro e exposição Robert Filliou
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Do programa pode-se destacar a participação de sessenta e três artistas estrangeiros e cento e setenta e nove artistas portugueses, além dos tradicionais *ateliers*, a presença de Galerias nacionais e internacionais e de grupos coletivos de música e intervenção.

Nesta Bienal, foi feita ainda uma referência a Agostinho da Silva, que teria sido mote da Bienal de 1990, caso se tivesse realizado, e que a organização considerou por bem recriar num recital, ilustrando as múltiplas facetas da obra deste humanista, levado a cabo por Estrela Novais, Amélia Videira, Júlio Cardoso, Henrique de Sousa, Vitorino de Almeida e o guitarrista clássico Paulo Vaz de Carvalho.

Apesar de instalações precárias dos *Ateliers* Livres desta Bienal, o público assistiu a intervenções de pintura, instalação, música, gravura e poesia por Joaquim Castro Caldas (1956-2008).

O polo central desta BIAC foi o insuflável à beira rio, denominado Pavilhão Central, onde tiveram lugar as exposições do concurso internacional, a representação das galerias nacionais e estrangeiras, instalações de vídeo, espetáculos de música e *performance*, incluindo ainda um espetáculo de *laser* no recinto exterior.

Henrique Silva, sobre a utilização de um insuflável como polo central da BIAC, afirma na entrevista nº10:

> *(...) Era um grande balão de ar, que era preciso as portas sempre fechadas, para não perder o ar. Pronto. Aquilo foi um bocado complicado, porque depois, fizeram um pavilhão, para as oficinas em paralelo, mas a lona do pavilhão foi feita de propósito, era muito pesada, não subiu, ficou a meio, e andava tudo ali a bater com a cabeça no teto (...) Foi o Arq. que já faleceu também (…) mas foi assim realmente, uma Bienal um bocado de improviso, também (…) Porque o Jaime, já não estava assim muito entusiasmado com a ideia, já não…para ele, já chegava (…) Realmente foi um período (…)primeiro período em que a Câmara, é que geria as Bienais.*

Albuquerque Mendes, na entrevista nº2 , sobre o uso do insuflável, apresenta-se mais condescendente. Atendendo a todos os acontecimentos anteriores refere:

> *(...) Por exemplo, eu achei imensa graça a coisas mesmo que foram um disparate (…) Como aquela uma, em que era num pavilhão, que depois choveu e não sei quê, e o pavilhão foi-se embora (…) Mas apesar de todos os contratempos logísticos a* BIAC *é um êxito que ultrapassa conflitos e divergências e apresenta uma larga participação de diferentes entidades.*

Entre as galerias de arte representadas, destacam-se as galerias espanholas provenientes de Madrid, Valencia, Sevilha e Bilbau e ainda uma galeria francesa de Cannes.[185]

Foi reeditada, nesta Bienal, uma versão dos EIA que tinham terminado em 1978, dando lugar a um *Atelier* Livre denominado "Outro diálogo". Dirigido pelo crítico de arte Egídio Álvaro, já de boas relações com Jaime Isidoro, contou com artistas portugueses e estrangeiros: António Olaio (PT), Catherine Meziat (FR), Marie Kawazu (FR), Elisabeth Morcelt (DE), Carlos Gordilho (PT), Miguel Yeco (PT), Grupo Diagonal[186], Grupo "3ªOrdem", Isabel Valverde (PT) e Peter Bitte (PT), AER 7E, GRUPO U-NU, de acordo com a notícia do Jornal *Correio da Manhã* de 29 de julho de 1992 p.29.

O Grande Prémio foi atribuído a Rui Aguiar, o Prémio Revelação a Elisa Queiroz, o Prémio Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira a Francisco Trabulo e o Prémio Cartaz a António Barros.

A exposição "Surrealismo e Surrealizações"[187], comissariada pelo crítico de arte Joaquim Matos Chaves e que integrava obras de Mário Cesariny, António Dacosta, Paula Rego, Mário Américo e Carlos Carreiro, entre outros, teve inicialmente alguns problemas devido à escassez de meios provocada pelas promessas da então Secretaria de Estado da Cultura. Com efeito, embora estivesse prometido um subsídio entre 5.000 e 7.500 contos acabou por ser atribuído um montante de apenas 2.000 contos, o que provocou alguma irritação ao comissário desta exposição, tal como escreveu João Pinharanda no jornal *Público*, num artigo intitulado "VII Bienal, quatro anos depois – Cerveira, as águas correm para o mar":

> *(...) Este não via resolvidos problemas técnicos de montagem e, intransigentemente, gesticulava, esguio, sugerindo que se levasse o Secretário de Estado de Turismo, (na altura Alexandre Relvas) a comer gambas, em vez de o arrastar para enfadonhas exposições.*

Mas, mais tarde, no jornal *Público* de 17 de agosto de 1992, Jaime Isidoro pediu desculpa por estas declarações.[188]

De referir o relevo dado pelo jornal *Faro de Vigo*, de 26 de agosto, à presença de artistas galegos nesta Bienal, considerando-os "*destacados artistas de nuestro país"* como Albert Gonzalo, Andreu Alfaro, Antoni Clavé, Carlos Velilla e Viladecans.

---

[185] Augusto Canedo foi o Comissário desta representação das Galerias de Arte.

[186] Anexo I Vol. III p. 57.

[187] Anexo II Vol. III pp. 163-167.

[188] Anexo I Vol. III p. 58.

No artigo intitulado "O destino da descentralização Artística", publicado no Jornal *Público* de 21 de agosto 1992, João Pinharanda, a respeito da Bienal de Cerveira, refere esta como o destino da "descentralização artística":

> *(...) A presente edição da mais importante Bienal Nacional (em Vila Nova de Cerveira) pode servir de exemplo ao destino que parece estar reservado às boas intenções dos projetos de descentralização cultural que proliferaram pelo país.*[189]

Apesar de todos os esforços da Comissão Organizadora e da Câmara Municipal, continuava a haver alguma resistência à Bienal, depois do interregno que teve lugar entre 1988 e 1992, como diz Leonor Nazaré num artigo no semanário *Expresso*, de 22 de agosto:[190]

> *(...) A Vila divide-se entre os que apoiam Jaime Isidoro, os que prefeririam ver José Rodrigues na organização e os que se opõem de todo à existência da Bienal (...) questões de alternância política camarária (PSD antes, PS agora).*

e continua:

> *(...) O grupo dinamizador da Bienal pretende que ela constitua um espaço de encontro entre artistas (...) este foi um dos pontos principais em que discordaram Jaime Isidoro e José Rodrigues quando, há seis anos, surgiram dissidências.*

destacando ainda:

> *(...) Durante as primeiras Bienais houve intervenções consideradas chocantes pela população, que levaram José Rodrigues a colocar-se do seu lado e a defender uma Bienal mais pacífica, só com exposições.*

Foi polémica a *performance* de Adelaide Teixeira, vestida de noiva, que passeava pela vila, ostentando uma fotografia de "Neuzinho Marreca", um prestigiado membro da comunidade cerveirense, e lamuriando-se de ter sido abandonada por ele há 30 anos. Alguns dos assistentes, que não gostaram da cena, acabaram por lhe arrancar a fotografia das mãos.

---

189 *Público,* 21 agosto 1992, s/p Anexo I Vol. III p. 59.

190 Anexo I Vol. III p. 60.



Figura 137 - *Performance* "A noiva" – Adelaide Teixeira
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Na entrevista nº3 e nº4 a Cândido e Diamantino, estes consideram, como natural, a reação "à noiva":

(...) Junto ao ferry-boat (…) Então, estava ali uma noiva, e provocava as pessoas que passavam. O marreco ia a passar, " Então, Filho, Deixaste-me(…) Estou aqui(…) Como é(…) E não sei quê(…)" e as pessoas ficavam assim um bocadinho atónitos(…) Eu(…) Eu não(…)

A *performance* deu origem, para além da animação de rua, a um cartaz.

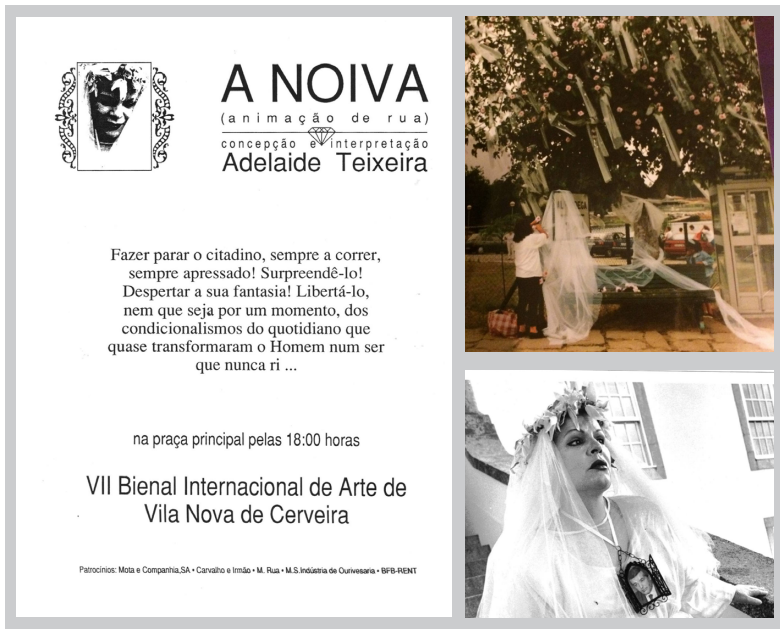


Figura 138 - Cartaz/Manifesto e imagens da "Noiva" e árvore enfeitada, no Castelinho
Fonte: Adelaide Teixeira e Henrique Delga

Das atividades desenvolvidas no decorrer desta VII Bienal, destacam-se as apresentadas no Quadro nº 35:

Quadro nº 35

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Arquitetura	Arquiteturas contemporâneas Galaico – Duriense ARQUITECTAR na VII Bienal de Cerveira 1992 Arq.: CHAVES: José Augusto Gomes Teles Grilo, Manuel Graça Dias, Egas José Vieira. GUIMARÃES: Eduardo António Neves Pereira Ribeiro, Manuel Augusto Ramalho Antunes. VIANA DO CASTELO: Rui Barreiros Duarte, Ana Paula Pinheiro. VILA REAL: Carlos Baptista, Graça Campolargo, António Belém Lima, Carlos Santelmo Jr., Ricardo Santelmo, Albino Costa Teixeira Exposição: Galicia Tradicion e Deseño Arq.: António Palacios, Alejandro De La Sota, Xosé Bar Bóo, Andrés F. Albalat, Cesar Portela, Manuel Gallego, R. Baltar / J. A. Bartolomè / C. Almúiña, Andrés Reboredo, Xosé Manuel Casabella, Alberto Nogueroi, Jacobo R. Losada, A. Freixedo / I. Seara, Iago Seara Morales, Fernando Casqueiro, Xosé M. Rosales. Exposição: Design e Deseño Industrial Arq.: Moncho Amigo, Pg. Bellas, Xan Casabella, José Antonio Santiso.
Atelier	*Atelier* Livre: Pintura, Gravura, Litografia, Serigrafia, Escultura, Vídeo – Arte, Desenho / Computador, Cerâmica, Desenho Colaboração: Cooperativa Árvore Animação Cultural por: Henrique Silva/Pintor, Jaime Isidoro/Pintor, Margarida Leão/Pintora, Augusto Canedo/Pintor, Sobral Centeno/Pintor; Acácio de Carvalho/Pintor Manuela Bronze/Pintora; Cabral Pinto/Pintor
Concurso	Concurso do Cartaz da VII Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira 1º Prémio – António Barros Menções Honrosas – Manuel Mourão, Rui Cunha, Ana Lagarto – Palmira Lopes Selecionados: Manuel Carvalho, Artur Leite, Luís Reis – Mário Lopes, Elisabete Nogueira, António Rodrigues, Alexandre Braga, José Pilar – Paula Santos, Jorge Letria, Rúben Gonçalves. Júri de Classificação: Carlos Barreira / Professor Escultura da ESBAP; Henrique Silva / Diretor das Oficinas Gráficas da Cooperativa Árvore; Emília Alírio / Curso de Pintura da ESBAP; Silvestre Pestana / Curso de *Design* da ESBAP; Augusto Canedo / Curso de Pintura da ESBAP
Dança	António Ferro / Mário Calisto "Centelhas" – concerto para um músico e um bailarino ao vivo Isabel Valverde – "Fundamental Texto" – 1992
Debates	Conversa e Debate: "A Representação das Galerias de Arte" Debate: "Reflexão sobre as obras a concurso" Egídio Álvaro – "O Efémero no Século XX" Egídio Álvaro – "Perspectiva Crítica da VII Bienal de Cerveira"
Design	Cartazes de Exposições de Arte executados, a partir dos fins do século passado, por artistas como Toulouse-Lautrec, Picasso, Braque, Miró, Vieira da Silva e outros grandes nomes das Artes Plásticas (Os cartazes atingem considerável relevo gráfico e adquirem valor psicológico e sociológico, passando a ser uma forma indispensável na publicidade de exposições no meio artístico universal. Eles tornam-se numa das importantes facetas do *Design*. A descoberta da arte abstrata trouxe às Artes Gráficas, em geral, novas expressões e novas formas de persuasão. Com a nova técnica da serigrafia (introduzida em Portugal nos anos 50, por René Bertholo, Lisboa, e Jaime Isidoro, Porto), os cartazes passaram a oferecer aos artistas a aliciante perspetiva de os executarem eles mesmos, publicitando as próprias exposições e outras.) O cartaz de Costa Pinheiro – 1958 e o de D´Assumpção para a exposição de Siza Vieira – 1959 (serigrafias originais).

Espetáculos	Telectu – Multimédia António Palolo – Instalação, Vídeo, Diaporama e Luz Vídeo – Arte
Estereoscopia	Estereoscopia Artistas: António Barros, Celeste Cerqueira, Silvestre Pestana
Exposição	Exposição "Surrealismo – Surrealizações" Artistas: Alberto Carneiro, Alexandre O´Neil, António Areal, António DaCosta, António Domingues, António Maria Lisboa, António Pedro, António Quadros, Armanda Passos, Cândido Costa Pinto, Carlos Calvet, Carlos Carreiro, Cruz Filipe, Cruzeiro Seixas, Dante Júlio, D´Assumpção, Dominguez Alvarez, Eduardo Luiz, Eduardo Nery, Emília Nadal, Eurico Gonçalves, Fernando de Azevedo, Fernando Lemos, Gonçalo Duarte, Isabel Meireles, Jorge Vieira, Júlio, Lima de Freitas, Maria Keil, Mário Américo, Mário Botas, Mário Cesariny, Mário Henrique Leiria, Moniz Pereira, Nadir Afonso, Paula Rego, Pedro Oom, Raul Perez, René Bertholo, Santa-Rita Pintor, Vespeira
Festivais	Festival Internacional de *Performance Art* e Palestras Organização: Egídio Álvaro Data: De 26 de agosto a 1 de setembro / A partir das 18 horas
Holografia	Hologramas Planos, Hologramas Estereográficos e Estereogramas Holográficos Artistas: Luís Bernardo, Rosa Maria Oliveira, José Prieto, Isabel Azevedo, José Buitrago, Rámon Benito, Máximo Alda
Instalação	Mineo Aayamaguchi, "Foot", 1992 – Vídeo instalação VHS Teresa Prata, "L´Hallucinacion de Marie Paul" Silvestre Pestana, "Instalação-Néon", Alumínio, 450x250x200cm
Intervenção	Isabel Cabral/Rodrigo Cabral – Esboço para escultura para trabalho de *atelier* Angel Stäldi + Davix
Mesa Redonda	Mesa Redonda de Críticos de Arte: "A Situação Atual da Arte"
Música	Telectu – Jorge Lima Barreto, Vítor Rua António Ferro / Mário Calisto "Centelhas" – Concerto para um músico e um bailarino ao vivo. Adriano Manuel Alves Pereira – "Mãe Terra" – 1941 – Gen Medieval "À Beira do Sonho" – 1991 – Género Clássico AER 7E – "Música Ambiental" – 1992 – Rafael Toral, José Oliveira e Silva, Sapo e Jorge Pinheiro Grupo U-NU – Música Contemporânea Portuguesa Filipe Mendes Group – "Show-Deep Heat"
Palestras	Joaquim Matos Chaves – "Movimento Surrealista" Silvestre Pestana – "Estereoscopia" Arq. Manuel Taborda Pereira – "Arquitetura Luso – Galaica" Luís Bernardo e Olivério – "Holografia"
Performance Art	António Olaio – "Il faut danser Portugal" Festival de *Performance* Portuguesa – Centre Pompidou 1984 Catherine Meziat – Festival Multimédia de REIMS 1988 Marie Kawazu – "Diagonale à Babogo", Paris 1985 Elisabeth Morcelet – "Art is Action", Kassel 1984 Carlos Gordilho – Festival de *Performance* Portuguesa, Makkom Amesterdam 1984 Miguel Yeco – Festival de *Performance* Portuguesa, Makkom Amesterdam 1984 Grupo "Diagonal" – António Olaio; Bruno Maisons; Carlos Gordilho; Catherine Meziat; Isabel Valverde; Marie Kawazu; Silvestre Pestana Grupo "3ª Ordem" – Nuno Miguel Esteves (Performer); Sandra Simões (Performer); Eduardo Sousa (Performer/Produtor); Paulo Moreira e Silva (vídeo-Som); Rosa Veloso (Performer) "DOURAI" (constituído por 3 atuações) 1ª Atuação – «… ou do amor.» – Nascimento 2ª Atuação – «…é para ti ó morte.» – Morte 3ª Atuação – «… que possuímos.» – Contemplação Peter Bitte – "Action – Directe"

Poesia	Recital de Poesia: Seleção de Textos em Prosa e Verso do Prof. Agostinho da Silva. Grupo de Intérpretes do Porto e Lisboa: Estrela Novais, Amélia Videira e Júlio Cardoso, António Reis, António Assunção Supervisão Literária: Henrique de Sousa Músicos: António Vitorino de Almeida e Paulo Vaz de Carvalho Colaboração: Juiz Jorge Lima
Teatro	Adelaide Teixeira – "A Noiva" – 1992 Paulo Castro – "A espera de Beckett" – 1992 Representação e encenação de Paulo Castro Desenho e operação de Luzes de Paulo Santos Conceção plástica de Tiago Dias
Vídeo	Cecília Melo e Castro, "Inforritmos (1, 2, 3, 4)" 1987 VHS, 27min. Eduardo Abrantes, "El Robot", 40min. 40s; "Inquietações", 11min. José Alberto Pinto, "S. João", U-Matic LB-cor, 19m; "Analepse", VHS-cor, 10m; "S/Título", VHS-cor, 5min. Mário Augusto, "Mãos em Agonia", cor, 5min. Nuno Teixeira, "Eu + Eu", 1989; "Arterio – Esclerose Fascista", 1992 Paulo Alexandre Silva, "One Time, One Place", 1992 – VHS-4m; "X – Rated", 1992 – VHS-6min. Pedro de Castro, "L´eau, la lumière et la Caméra", VHS-9min. 25s Rui Rasquinho, "Wellcome", 1992 – VHS-26m.; "Inner – Brain", 1992 – VHS-20 min. Teresa Prata, "Canto Teogónico", VHS-23 min.
Visitas Guiadas	Joaquim Matos Chaves – Exposição "Surrealismo–Surrealizações" Edgardo Xavier – Exposição Arquitetura Luso – Galaica Arq. Manuel Taborda Pereira – "Exposição Surrealismo-Surrealizações" Silvestre Pestana – Exposição Estereoscopia

9.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Apresenta-se de seguida um conjunto de figuras representativas de várias atividades.

Exposição Escultura

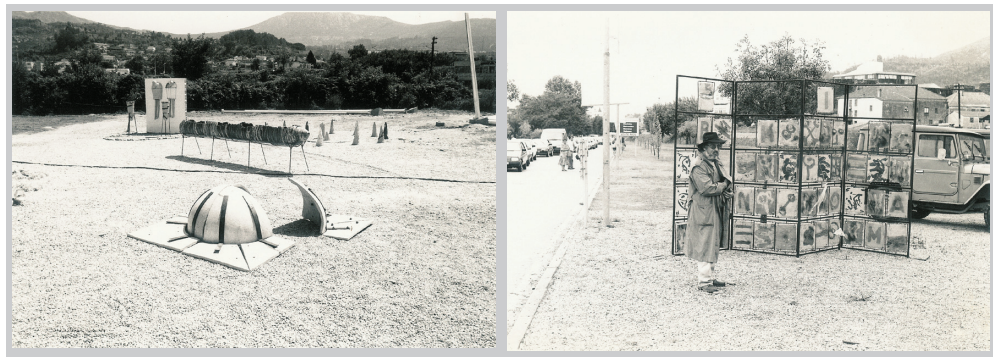


Figura 139 - Exposição escultura cerâmica no exterior do Pavilhão Central
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Pintura painel coletivo

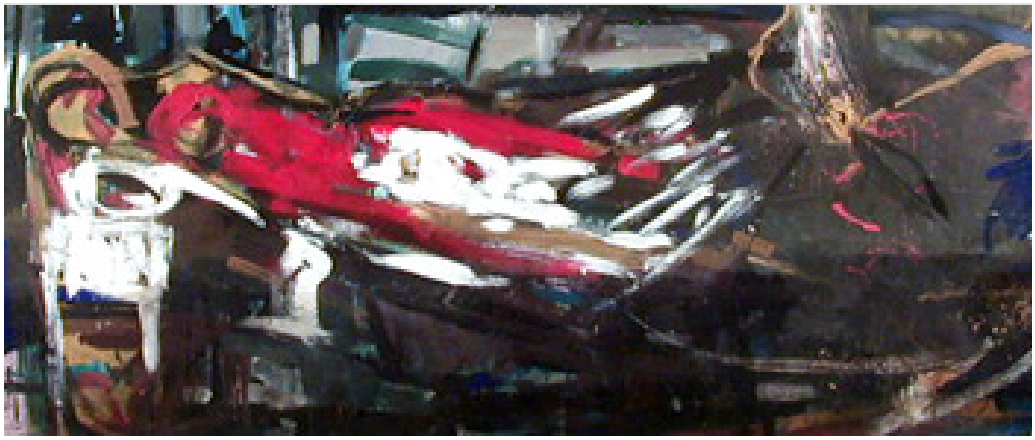


Figura 140 - Pintura coletiva – *Atelier* livre pintura[191]
120 x 270 cm – Acrílico sobre platex
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Bodypainting



Figura 141 - *Atelier* Livre Pintura
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[191] Artur Bual; Henrique Silva; Jaime Isidoro; Henrique do Vale; Margarida Leão; Augusto Canedo e faz parte do espólio da Bienal de Cerveira.

Performance Art



Figura 142 - *Performance* António Olaio
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 143 - *Performance* Grupo 3ª Ordem
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Dança



Figura 144 - Dança – Isabel Valverde
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Teatro



Figura 145 - Cena de teatro – Paulo Castro
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Concerto



Figura 146 - Concerto Jorge Lima Barreto e Vítor Rua
Fonte: Arquivo Henrique Silva

9.6 DADOS ESTATÍSTICOS

Estiveram representados nesta edição da BIAC 242 artistas. Em relação à Bienal anterior, verifica-se um aumento de 79% na participação de artistas nacionais, de 250% na participação de artistas estrangeiros e de 750% de países representados, conforme gráfico que segue.

Gráfico 7

PARTICIPANTES/PAÍSES

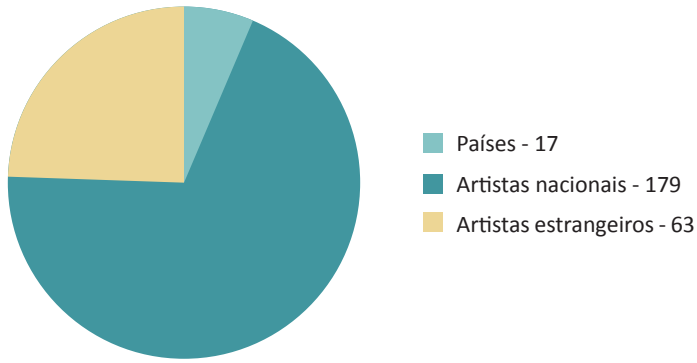


Figura 147 - Países e artistas representados

9.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Apresenta-se de seguida a localização das exposições e das intervenções em Vila Nova de Cerveira.

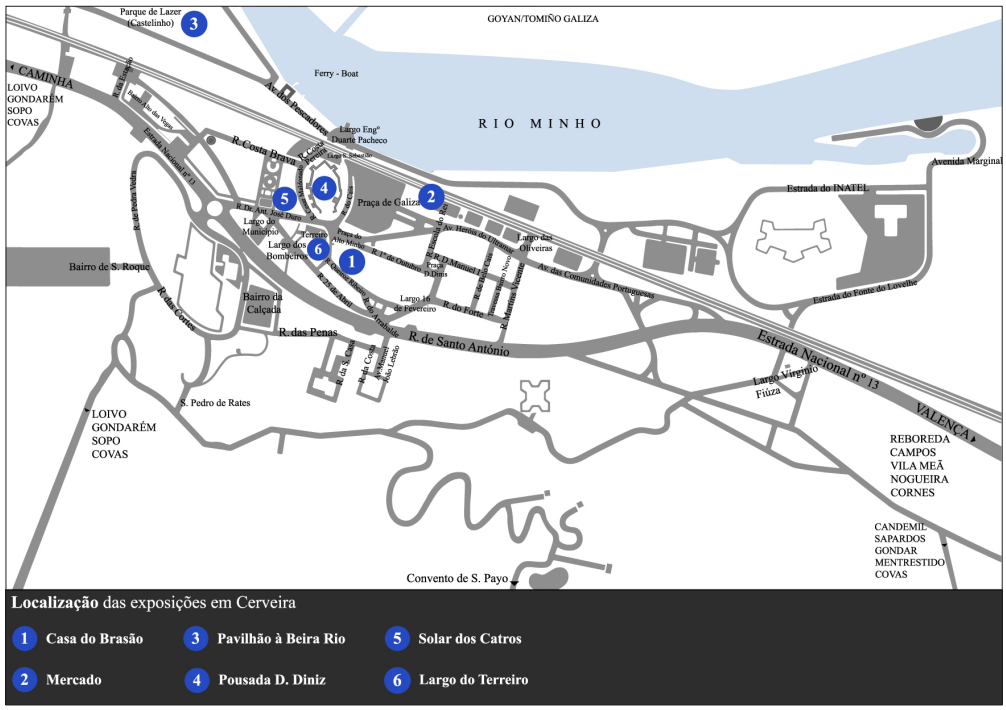


Figura 148 - Mapa dos locais de intervenção da VII BIAC

9.8 SÍNTESE PARCIAL

Jaime Isidoro retoma a direção artística desta Bienal, com a colaboração de Henrique Silva, e a partir desta edição, deixa de ser o pavilhão gimnodesportivo a albergar a exposição e passa a ser utilizado um espaço na zona ribeirinha, o Castelinho, onde são montados um pavilhão insuflável e uma tenda para o *atelier* livre.

Há também espaços novos ocupados pela Bienal, nomeadamente o Solar dos Castros, Casa do Brasão, Mercado do Peixe e Pousada D. Dinis.

Retoma-se o modelo inicial com: homenagem, concurso, artistas convidados e a presença de Galerias de Arte, de Portugal, Espanha e França.

Nos prémios, além do Grande Prémio de Pintura, Prémio Revelação e Prémio Câmara Municipal, incluem-se Menções Honrosas que se consubstanciam em aquisições.

Por conveniência da autarquia, a partir desta data, a BIAC passa a realizar-se em anos ímpares, pelo que a VIII Bienal realizar-se-á em 1995, coincidindo com as eleições autárquicas.

16 Anos – Exposição
Premiados. Espólio. História

10.0

1994 – SEGUNDO ADIAMENTO

10.0 1994 – SEGUNDO ADIAMENTO



Figura 149 – Capa Catálogo Exposição Premiados . Espólio . História
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Por solicitação do presidente da Câmara, José Manuel Carpinteira, foi adiada mais uma vez a realização da Bienal, de modo que as suas inaugurações coincidissem com os anos de eleições autárquicas, como pode ler-se no Jornal *Cerveira Nova*, de 20 de julho de 1994, p.7, no artigo intitulado "Documentos Cerveirenses – Bienal – Razões para o Adiamento":

> *(...) As verdadeiras razões para o adiamento da Bienal para 95 nada têm a ver com a falta de dinheiro, mas sim com o seu ajustamento ao calendário eleitoral e com o facto de a Câmara achar que ainda é cedo para trabalhar para as próximas eleições.*

Em substituição da VIII Bienal, foi realizado o inventário e restauro de todo o espólio das Bienais anteriores por Jaime Isidoro e Henrique Silva, conforme contrato

de prestação de serviços estabelecido com a Câmara Municipal,[192] e que incluía também a exposição "16 Anos da Bienal de Arte de Cerveira", realizada no Solar dos Castros, de 6 a 28 de agosto de 1994.

Esta exposição foi objeto de um catálogo que inclui os Premiados, Espólio e História. No texto assinado pelo presidente da Câmara, pode ler-se:

> *(...) Decidimos então, promover uma ampla reflexão pública sobre o passado e o futuro das Bienais. Desta opção decorreu a necessidade de dar um tratamento adequado e sério a este património, ou seja, restaurar, organizar e catalogar todas as suas obras, para além de uma exposição.*[193]

E assim aconteceu. À época, as obras do espólio encontravam-se dispersas no Solar dos Castros (hoje Biblioteca Municipal), muitas em mau estado, e sem estarem inventariadas. A este propósito, transcreve-se em seguida a terceira cláusula do contrato celebrado:

> *(...) Quanto à Recuperação e Organização do Espólio das Bienais ---TERCEIRA: – o 2.º e 3.ºoutorgantes comprometem-se a efectuar todo o restauro das obras do espólio, promover à catalogação, com fotografia a cores e indicação do respectivo valor pecuniário, das obras do espólio e organizar um ficheiro individual de cada uma das obras referidas.*

Fase de obras de restauro



Figura 150 - Aspeto de uma sala do Solar dos Castros com obras do espólio antes do início dos trabalhos de recuperação
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[192] Anexo II Vol. III pp. 168-170.

[193] in p. 3 Catálogo "16 Anos Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira".

Foram restaurados 38 trabalhos e recuperada a quase totalidade das molduras, efetuado o registo fotográfico e organizadas 232 fichas do espólio de todas as Bienais até à data, com classificação e identificação das peças. Para o efeito foi desenhada uma ficha própria.



Figura 151 - Registo na ficha de espólio elaborada pela ocasião
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Ficha nº 1 do Espólio

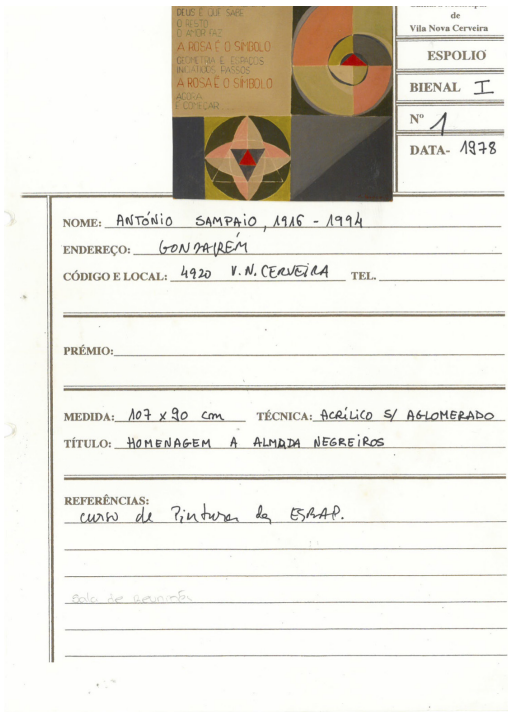


Figura 152 - Ficha do espólio
Fonte: Autora

Restauro de obras do espólio da Bienal



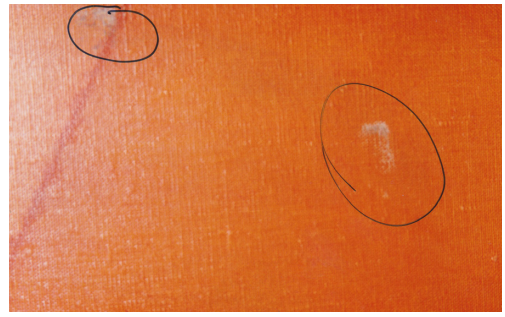


Figura 153 e Figura 154 - Jaime Isidoro: restauro da obra de Ângelo de Sousa – dois pormenores dos estragos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Registo fotográfico das obras do espólio





Figura 155 e Figura 156 - Daniel Isidoro e Henrique Silva – Henrique Silva fotografando obras
Fonte: Arquivo Henrique Silva

As figuras 157 a 160 representam fases da exposição das obras do espólio que foram restauradas.

Detalhes da Exposição




Figura 157 e Figura 158 - Pormenor Exposição Sala 1 e Sala 2
Fonte: Arquivo Henrique Silva




Figura 159 e Figura 160 - Pormenor Exposição Sala 3 e Sala 4
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Esculturas no Jardim



Figura 161 - Pormenor exposição – jardim Solar dos Castros
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Foi também montada uma exposição documental de todas as Bienais. A exposição incluiu:

Painéis com recortes de imprensa e fotografias;
Vídeos;
Catálogos das Bienais;
Outra documentação.

Exposição documental



Figura 162 - Conjunto de pormenores da exposição documental
Cartazes, fotografias, recortes imprensa da I à VII BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Do contrato acima referido, fazia parte a organização de um Colóquio, sob os temas:

Que Bienal?
Que Organização?
Que Programação?
Que Meios possíveis para a sua realização?

Este colóquio teve lugar no dia 13 de agosto, pelas 18 horas, na Pousada D. Dinis. Estiveram presentes como oradores os críticos de arte Sílvia Chicó; Eurico Gonçalves; Rui Mário Gonçalves; Fernando Pernes e Maria João Fernandes, da Fundação Serralves; Doroteo Arnaíz, da Bienal da Corunha; Antón Castro, da Bienal

de Pontevedra; a escritora Agustina Bessa Luís, bem como público assistente.[194] Convidado pela organização, o Escultor José Rodrigues declinou o convite. Os trabalhos foram presididos pelo presidente da Câmara, José Carpinteira, e Jaime Isidoro, tendo sido moderador Henrique Silva. Este colóquio encontra-se gravado e transcrito para papel na sua íntegra.[195]



Figura 163 - Intervenção de Jaime Isidoro
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 164 - Aspeto da assistência
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[194] In Jornal *Público*, de 13/08/1994, p. 64.

[195] Transcrição da gravação magnética do colóquio Anexo II Vol. III pp. 171-191.

Na sequência do encerramento da ARCA e da desistência de Jaime Isidoro como Comissário da Bienal de Cerveira, fruto de controvérsia entre este e o presidente da Câmara, entendeu José Carpinteira propor a Henrique Silva a criação de uma figura jurídica que assegurasse, no futuro, a realização da Bienal e de atividades artísticas e culturais em Vila Nova de Cerveira.

Para o efeito, Henrique Silva promoveu reuniões com alguns artistas já participantes nas Bienais anteriores, na galeria de Jaime Isidoro "Café des Arts", no Hotel Méridien, no Porto. Nestas reuniões foi decidida a criação de uma associação de artistas e discutidos os objetivos e ideologias que deveriam pautar a organização. Estiveram presentes Jaime Isidoro, Manuela Bronze, Acácio Carvalho, Augusto Canedo, Silvestre Pestana, Sobral Centeno, Jaime Azinheira, Elsa César, Margarida Leão, entre outros artistas. Foram elaborados os respetivos estatutos e adotada para a Associação a denominação "Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural", cuja escritura foi lavrada em 11 de agosto de 1994, com sede no Lugar da Espinheira, freguesia de Gondar, Vila Nova de Cerveira. Nesse mesmo mês foi realizada a primeira Assembleia Geral no salão paroquial de Gondar.



Figura 165 - Assembleia Geral – Salão Paroquial de Gondar
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O relato em primeira pessoa de Henrique Silva, na entrevista nº10, é claro e evidencia o espírito inovador que sempre caraterizou as BIAC:

> *(...) Depois a partir da VII, é que numa conversa que tive, o Jaime saiu e o Carpinteira disse-me: "– Porque é que vocês não fazem uma associação, para assumir a Bienal, etc.?" E foi aí que foi criada, a associação Projecto, com 10 ou 12 artistas, há aí até uma fotografia do grupo. Estava o João Dixo também na altura, estava o Acácio, a Manuela Bronze (...) e criamos essa associação. A Câmara subsidiava. Nós arranjávamos mais uns dinheiros por fora, e arrancamos portanto com o projeto, de exclusiva responsabilidade da Projecto. Quer dizer, foi cortar, digamos, a relação da gestão da Bienal, com o poder político. E isso manteve-se até à XIV, mais ou menos.*

Vila Nova de Cerveira
29 de julho a 27 de agosto 1995

11.0

VIII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

11.0 VIII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

Vila Nova de Cerveira

29 de julho a 27 de agosto 1995

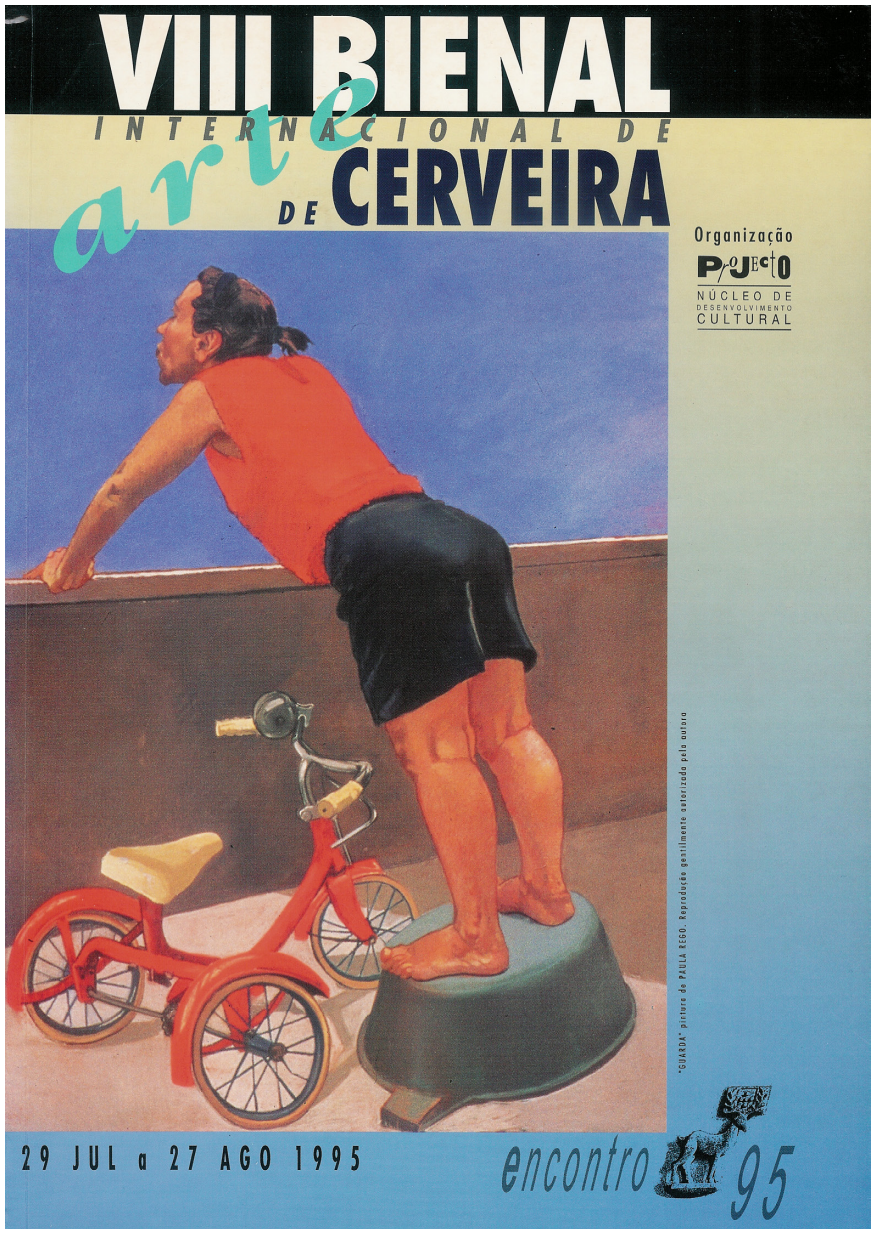


Figura 166 - Capa do Catálogo – *design* de Jaime Azinheira
Fotografia cedida por Paula Rego
Fonte: Arquivo Henrique Silva[196]

[196] Foi intencional a frase que consta da capa do catálogo "Encontro 95", numa alusão aos Encontros Internacionais de Arte (EIA), uma vez que o espírito desses encontros entre artistas e público continuou a ser privilegiado pela organização da BIAC.

11.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Em 1994, a instância do presidente da Câmara de Vila Nova de Cerveira, José Manuel Carpinteira, foi criada a associação "Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural" *(*PNDC)[197] que durante 15 anos iria estar à frente, não só das Bienais, como também de um vasto programa cultural nos anos intercalares. Seria esta a primeira BIAC organizada por esta associação com escritório provisório numa das salas do Solar dos Castros. Pela ocasião foi enviado à redação da imprensa escrita um comunicado, dando conta da criação da associação e dos objetivos a que se propunha.[198]

Continuando com instalações precárias, foram alugadas duas lonas com um total de 2.000 metros quadrados, colocadas no mesmo espaço do insuflável da VII BIAC, no parque do Castelinho, onde tiveram lugar não só todas as exposições de concurso e convidados, como *ateliers* de pintura, papel artesanal, litografia e gravura, *atelier* de crianças, *art car*, escultura, concertos de piano e cantina/bar.



Figura 167 - Montagem das duas lonas no Castelinho
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 168 - Vista geral do pavilhão central
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[197] Anexo II Vol. III p. 192.

[198] Anexo II Vol. III p. 193.

Foram também ocupados outros espaços, tais como o piso superior do mercado municipal, ainda em obras, onde foram apresentadas instalações, e o Solar dos Castros, com obras de artistas convidados e Galerias. Contou-se com a participação da então Pousada D. Dinis que promoveu "Almoços Bienal" a preços reduzidos.

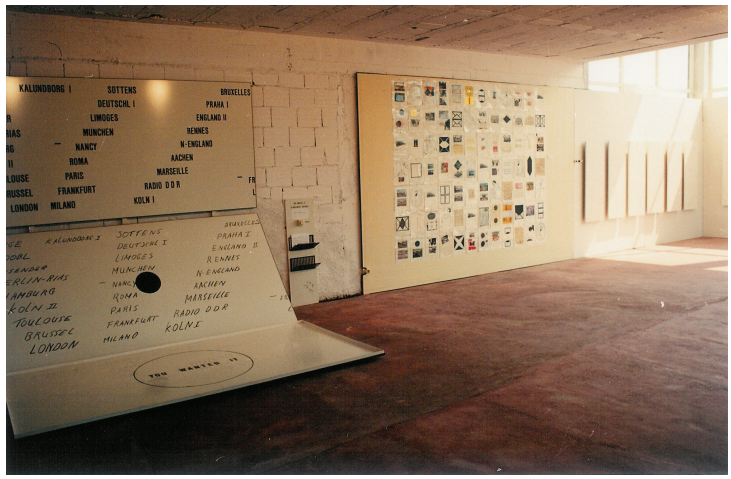


Figura 169 - Pormenor da mostra no edifício do mercado
Fonte: Arquivo Henrique Silva

11.2 PREPARAÇÃO



Figura 170 - Henrique Silva e a autora nos preparativos da VIII BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Esse programa foi diversificado com conferências, colóquios, simpósios, *workshops*, exposições, cursos, bem como a comparticipação em vários programas de desenvolvimento cultural e social, conforme é relatado no artigo da autora, realizado no ano curricular do doutoramento em Arte & Design da FBAUP.[199]

199 Apêndice VIII, Vol. III pp. 303-330.

Um novo ciclo se iniciou, com a direção geral de Henrique Silva, que, no relatório final de contas apresentado à Câmara Municipal, afirma ter tido como objetivo: *"respeitar a caracterização das primeiras Bienais".*[200]

Constituiu-se ainda um *staff* abarcando técnicos de todas as áreas do programa, entre os quais, Augusto Canedo, Daniel Isidoro, Sobral Centeno, Carlos Cancelinha, Dacos (1940-2012), Doroteo Arnaiz, Elsa César, Henrique do Vale, Jaime Azinheira, Margarida Leão, José Manuel Simões, Luís Carreira, Jorge Coelho e o apoio de Maria da Graça Spratley.

11.3 ORGANIZAÇÃO

Referem-se neste item a organização, artistas convidados e galardoados, júris de seleção e de premiação, prémios e galerias.

Quadro nº 36

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[201]

ORGANIZAÇÃO	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
PNDC	Henrique Silva	José Manuel Simões Luís Miguel Carreira	Jaime Azinheira Lino César Elsa César	José Carpinteira Eurico Gonçalves Henrique Silva Jaime Isidoro Adriano de Gusmão José Augusto França Miguel von Hafe Pérez Rui Mário Gonçalves Fátima Lambert Maria João Fernandes Sílvia Chicó João Pinharanda	António Soares António Sampaio

[200] Ver Anexo II Vol. III p. 193.

[201] Listagem completa em Apêndice IX Vol. III pp.331-338.

Quadro nº 37

ARTISTAS CONVIDADOS POR COMISSÁRIOS

COMISSÁRIO	ARTISTAS CONVIDADOS
Fernando Pernes	Miguel Leal; Rui Aguiar
Miguel von Hafe Pérez	Cristina Mateus; Ana Rainha
Eurico Gonçalves	Cruzeiro Seixas; Mário Cesariny
Rui Mário Gonçalves	Fernando de Azevedo; Paula Rego
Fátima Lambert	Albuquerque Mendes; Augusto Canedo
José Rodrigues	Francisco Trabulo; José Emídio
Maria João Fernandes	Paulo Neves; Isabel Pavão
Sílvia Chicó	Rui Matos; Ana Vidigal
João Pinharanda	JOH; Tiago Estrada
Alexandre Melo	Fátima Mendonça; Patrícia Garrido

Na inauguração, Manuel Frexes, de acordo com o relato do jornal *O Comércio do Porto*, afirmou ser:

> *(...) o certame, um estímulo para os artistas e criadores nacionais, e sublinhou os esforços realizados pela Câmara de Cerveira e Região de Turismo do Alto Minho para a concretização da mostra(...).*[202]

Manuel Frexes, Secretário de Estado da Cultura, presidiu à inauguração



Figura 171 - Pormenores da inauguração
Secretário de Estado da Cultura, Manuel Frexes
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[202] in *O Comércio do Porto* de 30 julho 1995, s/p Anexo I Vol. III p. 61.

De salientar ainda a visita de Jorge Sampaio, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, que viria a ser candidato à Presidência da República, com a sua família, Maria José Ritta e seu filho Daniel Sampaio, a quem lhes foi proporcionada uma visita guiada pelo pintor Fernando de Azevedo, presidente da Direção da Sociedade Nacional de Belas Artes.



Figura 172 - Jorge Sampaio, em visita à VIII BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Outras individualidades visitaram esta Bienal, das quais se destaca a vinda de Francisco Lucas Pires, acompanhado por Francisco Sampaio, à época deputado do Parlamento Europeu e presidente da Região de Turismo do Alto Minho, respetivamente.



Figura 173 - Pormenor da visita de Francisco Lucas Pires
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A organização da Bienal contou com a colaboração de críticos de arte, a saber, Alexandre Melo, Eurico Gonçalves, Fátima Lambert, Fernando Pernes, João Pinharanda, Maria João Fernandes, Miguel von Hafe Pérez, Rui Mário Gonçalves e Sílvia Chicó, e de artistas proeminentes na época, como José Rodrigues.

A seleção das obras a concurso, pela primeira vez, foi feita em três locais diferentes, com vista a facilitar a proximidade com os jovens artistas. Assim, reuniu um júri em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes, composto por:

Clara Menéres;
Jaime Azinheira;
José Mouga;
Lagoa Henriques;
Henrique Silva.

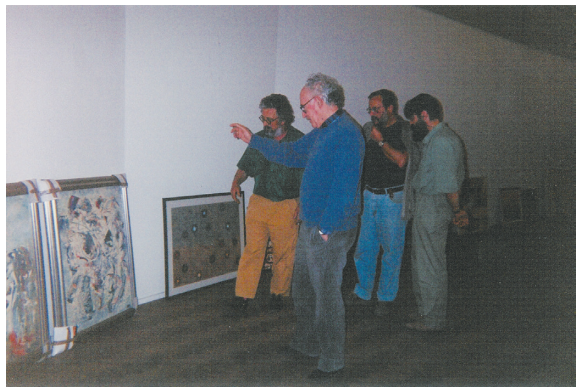


Figura 174 - Reunião do júri na SNBA[203]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[203] Sociedade Nacional de Belas Artes – SNBA – Lisboa. Na fotografia Lagoa Henriques, Henrique Silva, José Mouga e Jaime Azinheira.

No Porto, reuniu em instalações cedidas no Centro Comercial Capitólio, Av. da França, e integraram o júri:

Carlos Barreira;
Domingos Pinho;
Fátima Lambert;
Jaime Azinheira;
João Dixo.



Figura 175 - Reunião do júri no Porto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

E, em Vila Nova de Cerveira, o júri foi constituído por:

Jaime Isidoro;
Augusto Canedo;
Seara.

Da reunião do júri de seleção em Vila Nova de Cerveira, não existem registos fotográficos.

Do júri de premiação fizeram parte:
Doroteo Arnaiz (Galiza);
Fernando Pernes, Fundação Serralves;
Fernando de Azevedo (SNBA);
Maria João Fernandes, crítica de arte;
Jaime Isidoro, Galeria Alvarez;
Frederico D'Orey – Baviera S.A., patrocinadora o prémio BMW.



Figura 176 - Júri de premiação
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Quadro nº 38

ARTISTAS GALARDOADOS, PRÉMIOS E OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA[204]
Gerardo Burmester	Grande Prémio "Maria VII"	
Elsa César	Prémio Revelação "Tríptico com seis bolsas"	
Jorge Humberto Marques	Prémio Aquisição "Momentum estético I"	
Tiago Estrada	Prémio Aquisição "Iluminações"	
John Lavelle	Prémio Aquisição	
Manuel Patinha	Prémio BMW "Avecristo"	

[204] in http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all (acesso ago. 2014).

Seguem-se imagens de alguns momentos da cerimónia da entrega dos prémios, que se realizou no Solar dos Castros, pela ocasião do encerramento da Bienal, com a presença dos artistas galardoados, com exceção de John Lavelle e Tiago Estrada, representados respetivamente por Sobral Centeno e pelos seus pais.

Entrega dos Prémios
Solar dos Castros



Figura 177 - Detalhes da entrega de Prémios no Solar dos Castros[205]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[205] Jaime Isidoro, Henrique Silva, Jaime Azinheira (pela Organização), Fernando Nogueira (Câmara Municipal) e Belmiro Couto (Baviera S.A. – Patrocinadora).

Esta edição da Bienal teve uma cobertura notável por parte da imprensa e começou a ser anunciada em março desse ano de 1995, cobrindo quase todos os periódicos nacionais e alguns da Galiza, como é exemplo o *Atlántico Diario*, periódico independente da Galiza, que refere Vila Nova de Cerveira como *"Meca das Artes".*[206]

O *Jornal de Notícias*[207] de 14 de julho refere também "*O regresso da "MECA" das Artes"*, num título de um artigo não assinado.

José Manuel Simões, contratado pela organização como assessor de imprensa, publicou no *Notícias Magazine* de 6 de agosto, um artigo intitulado *"Aqui ninguém se mascarava de intelectual"*[208], no qual aborda a filosofia inerente à Bienal.

Muito embora o esforço da Organização fosse enorme, as dificuldades que antecederam esta Bienal não abonaram a confiança dos críticos e personagens eminentes das Artes, como titula Nogueira Gil no artigo no jornal *Público* de 27 de julho "*Entre a esperança e a incerteza".*[209]

Já no artigo de Rodrigo Affreixo do *Diário de Notícias* [210]de 29 do mesmo mês, dá uma nota mais optimista num artigo intitulado "*Uma espécie de confronto*" e no qual refere o "*estatuto de local de encontro que o certame nunca descurou*".

Por sua vez, o *Diário de Notícias* de 29 do mesmo mês, e intitulado "Diferentes maneiras de olhar um encontro de cultura descentralizado – Cepticismo e optimismo"[211], refere como pontos altos, entre outros, a presença das Galerias e dos artistas representados.

Quadro nº 39

GALERIAS GALIZA

GALERIAS	ARTISTAS REPRESENTADOS
Abel Lepina – Vigo	Din Matamoro; Lois Corvera; Xavier Toubes
Ad Hoc – Vigo	Angel Cerviño; Carlos Barros
Marisa Marimón – Orense	Alfonso Albacete; Ignacio Basallo; Alberto Datas
Galeria Sargadelos – Santiago de Compostela	Maria Xosé Diaz; Salvador Cidras

[206] Anexo I Vol. III p. 62.

[207] *Jornal de Notícias*, Anexo I Vol. III p. 63.

[208] Anexo I Vol. III p. 64-66.

[209] Anexo I Vol. III p. 67.

[210] Anexo I Vol. III p. 68.

[211] Anexo I Vol. III p. 69.

Quadro nº 40

GALERIAS PORTUGAL

GALERIAS	ARTISTAS REPRESENTADOS
Módulo – Lisboa	Pedro Casqueiro; João Salema; Miguel Ângelo Rocha
Fernando Santos – Porto	José de Guimarães; René Bertholo; Darocha; Sobral Centeno
Pedro Oliveira – Porto	Gabriela Albergaria; Pedro Proença
Por Amor à Arte – Porto	Cristina Leite; Seara
Quadrado Azul – Porto	Ângelo de Sousa; Avelino Sá; José de Guimarães; Manuel Baptista
Alvarez – Porto	Jaime Isidoro; Gillian Ayres; Jorge Martins; DaCosta; Darocha; Rolf Casamada; Paula Alexandra Cunha; Carlos Barreira
Árvore – Porto	José Rodrigues; Henrique Silva; Cláudia Amandi; Joana Rego; Rita Carreiro

O Boletim Nº1 VIII Bienal de julho 1995 apresenta vários depoimentos. Júlio Resende, aludindo ao carácter universal da BIAC, afirma:

> *(...) hoje ninguém tem dúvidas que a Bienal é, no espaço certo, o baluarte de uma cultura, confundindo-se e envolvendo-se, em comunhão perfeita num dialogo universal (...)* [212]

e por sua vez, Fernando Pernes mais reservado, refere:

> *(...) Tenho muitas dúvidas, mas quero manter alguma esperança, receando, porém, ir deparar com mais uma dita grande exposição, nem boa nem má, antes pelo contrário.*

José Rodrigues, confessa:

> *(...) Lutei para que esta Bienal fosse profunda e abrangente e isso foi conseguido (...)*

enquanto que Jaime Azinheira aponta para o que considera "*duas faces da Bienal":*

> *(...) A Bienal tem duas faces. Uma a do forasteiro, artista ou, de algum modo, agente da instituição artística. Outra a da população local, que se vê invadida*

[212] Anexo II Vol. III pp. 194-197.

por uma chusma de gente com hábitos esquisitos, com frequência violadores dos seus valores mais interiorizados (...)

Preocupada acerca do novo modelo de gestão da BIAC por uma associação de artistas, Agustina Bessa Luís afirma:

(...) *não estou muito optimista, mas os meus votos vão para que tudo corra de uma forma extraordinária para os artistas presentes e para os organizadores (...)*

Por sua vez, Albuquerque Mendes na entrevista nº2, mais otimista, refere:

(...) E nessa evolução, eu acho que nesse caminhar, agora na idade já adulta da Bienal, acho que foi, é sempre essa ligação. Acho que a Bienal, que não perde, pelo menos as que eu tenho visto, que não perdeu exatamente esse lugar de contestação, e de às vezes irreverência, e de as pessoas gostarem, e discutirem e não sei quantos (…) Acho que não perdeu.

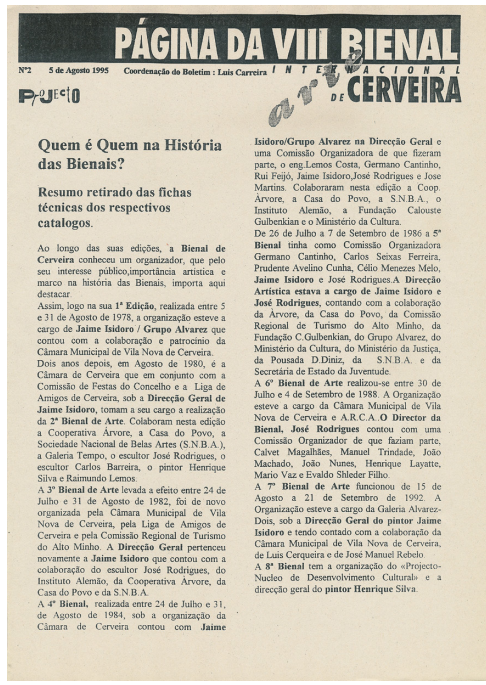
11.4 CONTEÚDOS

Durante a Bienal foram editados quatro jornais, sob a responsabilidade de Luis Carreira, dando conta da programação das atividades e intitulado "*PÁGINA DA BIENAL",* com textos de diversas personagens, organização e convidados. No número 2, todos os responsáveis pela organização das sete Bienais anteriores foram referenciados, num artigo da autoria de Henrique Silva, intitulado "Quem é quem na História das Bienais"[213]. Luís Carreira auscultou a população de Vila Nova de Cerveira, através de um inquérito de opinião[214] com oito questões, tendo concluído que:

(...) a população que aceitou responder é maioritariamente interessada por este tipo de eventos, habitualmente visita exposições de arte, é frequentador habitual das Bienais, entende como importante a sua realização, e no seu concelho. Gostaríamos de realçar o facto interessante da importância que os Cerveirenses dão à fixação de residência de artistas no seu Concelho (...)

[213] Anexo II Vol. III pp. 198-201.

[214] Anexo II Vol. II p. 202.



PÁGINA DA VIII BIENAL

Nº2 5 de Agosto 1995 Coordenação do Boletim : Luis Carreira

PROJECTO

VIII BIENAL INTERNACIONAL DE CERVEIRA

Quem é Quem na História das Bienais?

Resumo retirado das fichas técnicas dos respectivos catalogos.

Ao longo das suas edições, a **Bienal de Cerveira** conheceu um organizador, que pelo seu interesse público,importância artística e marco na história das Bienais, importa aqui destacar.

Assim, logo na sua **1ª Edição**, realizada entre 5 e 31 de Agosto de 1978, a organização esteve a cargo de **Jaime Isidoro / Grupo Alvarez** que contou com a colaboração e patrocinio da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.

Dois anos depois, em Agosto de 1980, é a Câmara de Cerveira que em conjunto com a Comissão de Festas do Concelho e a Liga de Amigos de Cerveira, sob a **Direcção Geral de Jaime Isidoro**, tomam a seu cargo a realização da **2ª Bienal de Arte**. Colaboram nesta edição a Cooperativa Árvore, a Casa do Povo, a Sociedade Nacional de Belas Artes (S.N.B.A.), a Galeria Tempo, o escultor José Rodrigues, o escultor Carlos Barreira, o pintor Henrique Silva e Raimundo Lemos.

A **3ª Bienal de Arte** levada a efeito entre 24 de Julho e 31 de Agosto de 1982, foi de novo organizada pela Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, pela Liga de Amigos de Cerveira e pela Comissão Regional de Turismo do Alto Minho. A **Direcção Geral** pertenceu novamente a **Jaime Isidoro** que contou com a colaboração do escultor José Rodrigues, do Instituto Alemão, da Cooperativa Árvore, da Casa do Povo e da S.N.B.A.

A **4ª Bienal**, realizada entre 24 de Julho e 31, de Agosto de 1984, sob a organização da Câmara de Cerveira contou com **Jaime Isidoro/Grupo Alvarez na Direcção Geral** e uma Comissão Organizadora de que fizeram parte, o eng.Lemos Costa, Germano Cantinho, Rui Feijó, Jaime Isidoro,José Rodrigues e Jose Martins. Colaboraram nesta edição a Coop. Arvore, a Casa do Povo, a S.N.B.A., o Instituto Alemão, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Ministério da Cultura.

De 26 de Julho a 7 de Setembro de 1986 a **5ª Bienal** tinha como Comissão Organizadora Germano Cantinho, Carlos Seixas Ferreira, Prudente Avelino Cunha, Célio Menezes Melo, **Jaime Isidoro** e José Rodrigues.**A Direcção Artística estava a cargo de Jaime Isidoro e José Rodrigues**, contando com a colaboração da Arvore, da Casa do Povo, da Comissão Regional de Turismo do Alto Minho, da Fundação C.Gulbenkian, do Grupo Alvarez, do Ministério da Cultura, do Ministério da Justiça, da Pousada D.Diniz, da S.N.B.A. e da Secretária de Estado da Juventude.

A **6ª Bienal de Arte** realizou-se entre 30 de Julho e 4 de Setembro de 1988. A Organização esteve a cargo da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira e A.R.C.A..**O Director da Bienal, José Rodrigues** contou com uma Comissão Organizador de que faziam parte, Calvet Magalhães, Manuel Trindade, João Machado, João Nunes, Henrique Layatte, Mario Vaz e Evaldo Shleder Filho.

A **7ª Bienal de Arte** funcionou de 15 de Agosto a 21 de Setembro de 1992. A Organização esteve a cargo da Galeria Alvarez-Dois, sob a **Direcção Geral do pintor Jaime Isidoro** e tendo contado com a colaboração da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, de Luis Cerqueira e de José Manuel Rebelo.

A **8ª Bienal** tem a organização do «Projecto-Nucleo de Desenvolvimento Cultural» e a direcção geral do **pintor Henrique** Silva.

Figura 178 - Página da VIII Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Nesta edição foram homenageados os artistas António Sampaio e António Soares

Homenagem a António Sampaio



Figura 179 - Exposição Homenagem António Sampaio – Solar dos Castros
Fonte: Henrique Silva

Homenagem a António Soares



Figura 180 - Pormenor da exposição
"Senhora no café" Guache sobre papel
Fonte: Henrique Silva

Das atividades desenvolvidas no decorrer desta Bienal, destacam-se as apresentadas no Quadro nº 41.

Quadro nº 41

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Ateliers	*Atelier* Livre (várias modalidades): Participação de 13 alunos da Escola de Belas Artes de Pontevedra; 16 alunos das Escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto e alunos das Escolas Profissionais do Concelho, Caminha e Viana do Castelo Orientação: Augusto Canedo / Pintor; Carlos Cancelinha / Pintor; Dacos / Gravador; Participantes: Doroteo Arnaiz / Pintor; Elsa César / Escultora; Henrique do Vale / Pintor; Jaime Azinheira / Escultor; Margarida Leão / Pintora; Sobral Centeno / Pintor *Atelier* de Crianças / Orientação: Dalila D'Alte *Atelier* de fabrico de papel artesanal / Orientação: Elsa César
Escultura	Zadok Ben-David – "Horse Power"
Espetáculos	Espetáculo na Inauguração oficial / Local: Auditório Municipal

Instalação	Arno Neufeld – "Uma parte da Aldeia" Augusto Vasconcelos – "O som é como que a sombra de um silêncio" Celeste Cerqueira – "4 Silhuetas" Charly Rood – "Horizontal Sentence" Luís Nobre – "SCAN – 632 – L" Cristina Guerreiro – "Proposta 1"; "Proposta 2" Silvestre Pestana – "Nove Padrões" Susana Leão – "M2IS" Victor Belém – "Labirinto"
Intervenção	Marcos Pinheiro de Sousa; Eduardo Garrido – "Movimento Expressivo do Bordado" (Bordar o movimento de Viana através de gestos em que o corpo reflete formas e mistura-se com gestos. Projeção em espaços indeterminados.) Fátima Martins – "Projeto de Instalação" Paula Albertina Oliveira Ferreira – "Painel de Pintura"
Música	Recital de Piano: Francisco Monteiro Concerto LixoLuxo Poético 1995: João Ricardo
Performance Art	António Barros / Filipe Pereira – ACTO: Instituto de arte dramática (É uma academia cuja vocação é o desenvolvimento criativo do atuante e a procura de novas linguagens artísticas. Foi fundada em Aveiro em 1992 por dois antigos estagiários a longo termo do Workcenter of Jerzy Grotowski.) – "O Pescador e a Alma" – a partir do conto de Oscar Wilde. (Livremente inspirado em Oscar Wilde, é uma criação que parte do domínio dramático para a aventura da descoberta de novos territórios. Surge na sequência de uma pesquisa progressiva enraizada nas vivências individuais e coletivas dos criadores.)
Pintura	*ART CAR* BMW – Artistas intervenientes: Adriano Mesquita; Augusto Canedo; Charly Rood; Dacos; Dalila D´Alte; Débora Pereira; Doroteo Arnais; Dulce Barata Feyo; Eurico Gonçalves; Graça Tavares; Henrique do Vale; Henrique Silva; Jaime Azinheira; Jaime Isidoro; José Emídio; Margarida Leão; Sílvia Carreira; Sobral Centeno; Zadok Ben-David.
Visitas Guiadas	Eurico Gonçalves Fátima Lambert

11.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Ateliers Livres



Figura 181 - Aspeto geral *Atelier* Livre
Fonte: Arquivo Henrique Silva

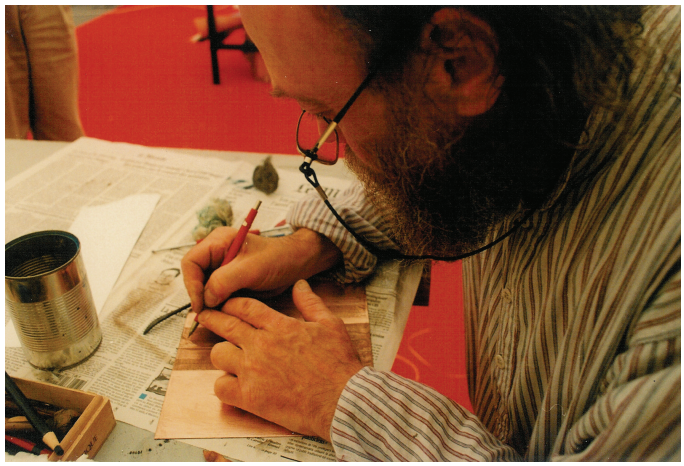


Figura 182 - *Atelier* de Gravura orientado por Dacos
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 183 - *Atelier* escultura – Zadok Ben-David
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 184 - Vista geral *Atelier* de Gravura
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 185 - Dacos, gravador belga que orientou o atelier de gravura
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 186 - *Atelier* de Litografia – orientado por Carlos Cancelinha
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 187 - Ação "*Art Car*"[215]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[215] Patrocinio da Baviera, SA que forneceu um modelo BMW para ser pintado por artistas.



Figura 188 - *Atelier* de papel – Orientado por Elsa César
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 189 - *Atelier* de crianças – Orientado por Dalila D'Alte e Elsa César
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Intervenções



Figura 190 - Intervenção de Fátima Martins
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 191 - Instalação de Víctor Belém (1938-2015) – edifício do mercado
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Música



Figura 192 - Concerto "Lixo Luxo Poético 95" – João Ricardo
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 193 - Concerto piano – Francisco Monteiro
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Visitas Guiadas



Figura 194 - Visita guiada por Maria de Fátima Lambert
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 195 - Visita guiada por Eurico Gonçalves
Fonte: Arquivo Henrique Silva

11.6 DADOS ESTATÍSTICOS

Com um número de entradas registadas de 14.991, estiveram representados 237 artistas, tendo-se registado um ligeiro decréscimo no número de artistas nacionais (2,7%), internacionais (1,6%), e países representados, 16, incluindo Portugal, menos do que na edição anterior (5,9%), conforme gráfico que segue:

Gráfico 8

PARTICIPANTES/PAÍSES

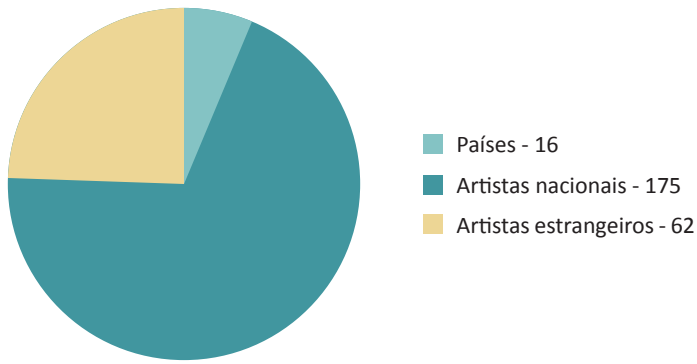


Figura 196 - Gráfico dos participantes da VIII BIAC

Gráfico 9

ALOJAMENTOS

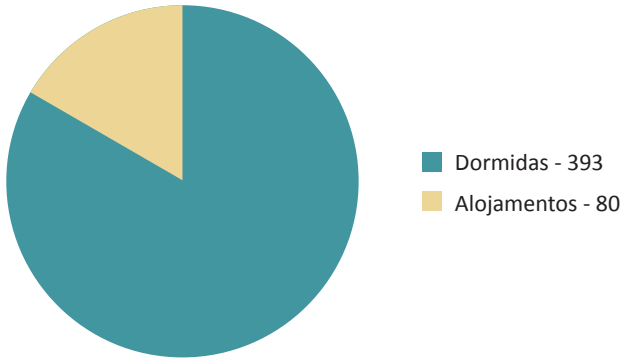


Figura 197 - Alojamentos/dormidas durante a VIII Bienal

Gráfico 10

REFEIÇÕES

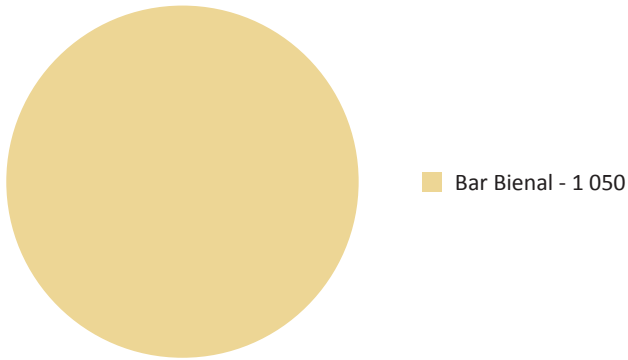


Figura 198 - Refeições servidas na VIII BIAC

Gráfico 11

VISITANTES

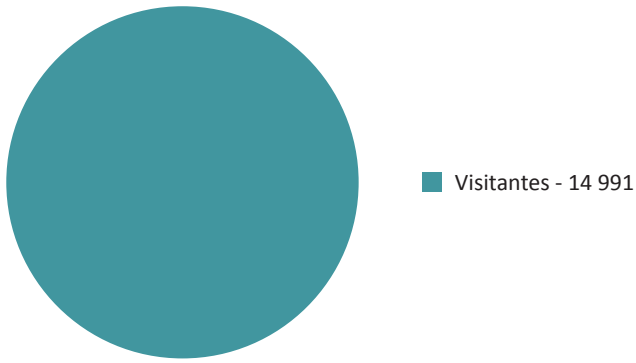


Figura 199 - Visitantes durante a VIII BIAC

Percentagem de Participação Financeira

De referir ainda que, com uma gestão "criteriosa e independente do poder central", a PNDC apresentou as contas da Bienal, pela primeira vez, com um saldo positivo de cerca de 2.200 (dois mil e duzentos contos), de uma receita de 26.000 (vinte e seis mil contos), proveniente de:

Câmara Municipal – 38,5 %
Secretaria de Estado da Cultura – 19 %
Empresas privadas – 23 %
Região de Turismo do Alto Minho – 4 %
Receita própria – 15,5 %

11.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Apresenta-se de seguida o mapa com a localização das exposições e Intervenções em Vila Nova de Cerveira.

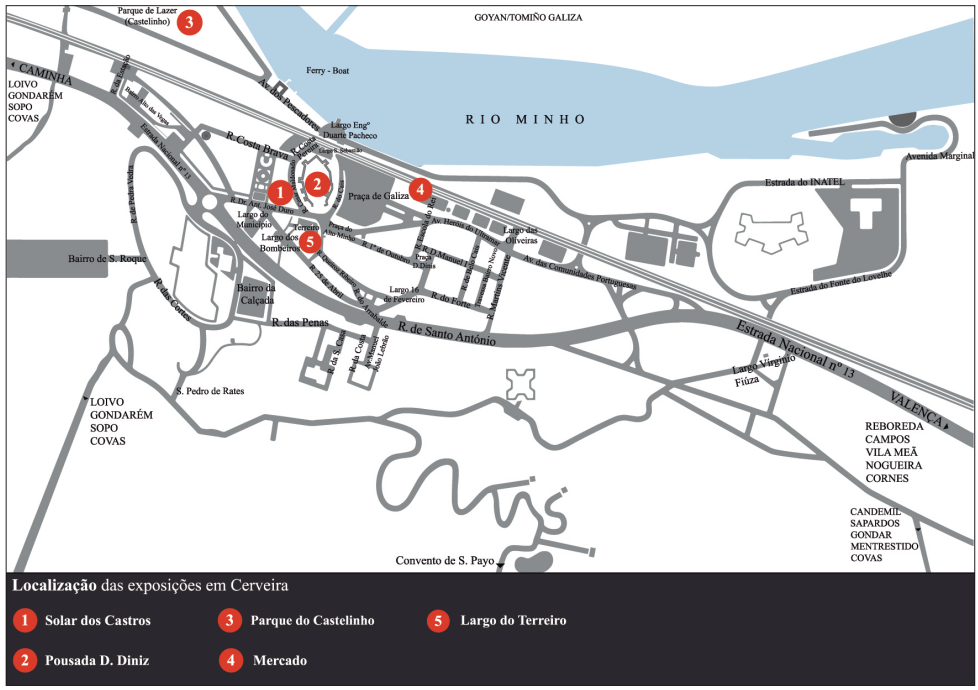


Figura 200 - Mapa dos locais de intervenção da VIII BIAC

11.8 FLAGRANTES DA BIENAL

Momentos ocasionais registados



Figura 201 - Flagrantes de uma Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

11.9 SÍNTESE PARCIAL

Esta foi a primeira Bienal organizada pela PNDC, que pretendia que este fosse um local de encontro, conforme está visível na capa do catálogo "encontro 95", ainda na lógica dos Encontros Internacionais de Arte.

Com a preocupação de "poupar" despesas aos concorrentes, a organização decidiu fazer três júris de seleção, em locais diferentes: Lisboa, Porto e Vila Nova de Cerveira, contando com a colaboração da Sociedade Nacional de Belas Artes e do Centro Comercial Capitólio para recolha das obras a concurso.

A imprensa portuguesa e galega deu grande relevo a esta edição da Bienal, tendo sido mesmo apelidada Vila Nova de Cerveira como a "Meca das Artes".

Ainda de salientar que foi galardoado mais um artista estrangeiro, John Lavelle (EUA).

No relatório de contas, foi apresentado um saldo positivo.

Vila Nova de Cerveira
9 a 31 de agosto de 1997

12.0

IX BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

12.0 IX BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

Vila Nova de Cerveira

9 a 31 de agosto de 1997



Figura 202 – Capa dos Catálogos – *Design* ABC e SLM[216]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[216] Foram impressos três catálogos incluindo homenagem, convidados, galerias e atividades no Catálogo Geral, um outro para o Concurso e um para *Art Car*.

12.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Esta Bienal apresentou-se com algumas novidades em relação às anteriores, mas ainda em construções precárias, em tendas de lona, à beira rio. Destacam-se a participação da Baviera S.A. com um carro pintado pelo artista Carlos Carreiro, uma exposição de miniaturas de automóveis *BMW* pintados por 25 artistas e a presença de galerias nacionais e estrangeiras.

Nesta BIAC, foram ainda projetados doze documentários pelo cineasta Lauro António, seguidos de debate com a assistência.

A vasta programação que teve lugar durante o evento foi objeto de uma publicação pós-Bienal, intitulada *1001 imagens da IX Bienal Internacional de Arte de Cerveira – 1997*,[217] onde se conta a história, em imagens,*"do quotidiano de uma Bienal de encontro e trabalho de artistas".*[218]

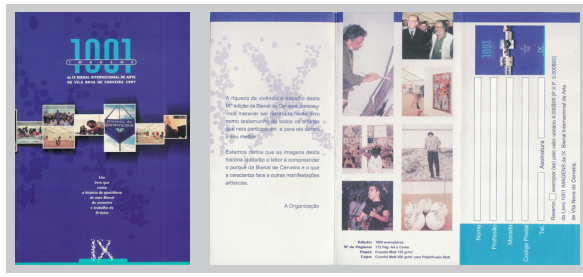


Figura 203 - Capa livro *1001 Imagens* e *flyer* para pedido de aquisição do mesmo, *Design* Rui Cunha
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Nesse ano, foi atribuído pelo Ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, o Estatuto de Instituição de Utilidade Pública à Associação Projecto.[219]

12.2 PREPARAÇÃO

Uma intervenção de Henrique Silva na entrevista nº10, abrange todo o espírito de criatividade e criação artística que se vivenciava na BIAC:

(...) E realmente foi uma época heróica, digamos, de trabalho e de colaboração. Até por exemplo, o caso do Zadok, que é um

---

[217] Créditos fotográficos do livro e de todas as imagens desta edição da BIAC – de Manuel Morais.

[218] "Um livro que conta a história do quotidiano de uma Bienal de encontro e trabalho de artistas" – frase da capa do livro.

[219] Anexo I Vol. III p. 70.

homem que é conhecido internacionalmente, que expõe em todo o mundo e que vende para todo o mundo.(...) Que se apaixonou também por Cerveira, de tal forma, que oferecia esculturas dele. Há aquela escultura que está na entrada de Cerveira, que é um Cervo, que ofereceu também.(...) E depois, acabou por vir cá morar, agora atualmente tem cá casa.(...) Portanto, quer dizer que houve realmente uma internacionalização muito grande, porque nós tínhamos uma grande capacidade de autodeterminação. Não estávamos à espera de autorização de ninguém. Decidíamos e andávamos para a frente.

Os títulos da imprensa sucedem-se: "Baluarte de Cultura Vivo e Dinâmico" do jornal *Correio da Manhã*[220] de 8 de agosto; "A Meca das Artes e dos Artistas" do *Jornal de Notícias*[221] de 8 de agosto; "A Arte Está na Rua", na revista Visão[222] de 7 de agosto; "Cerveira, Vila de todas as Artes", no *Diário Económico*[223] de 7 de agosto; "Vários Mundos, uma Arte" no jornal *A Capital*[224] de 9 de agosto.

Também merece referência a voz discordante de Óscar Faria que diz, no jornal *"Público"*[225] de 15 de agosto, com o título "Cerveira tradicional":

(...) Existe um claro desfasamento entre as obras mostradas no Alto Minho e os trabalhos realizados nos últimos anos por um assinalável conjunto de operadores estéticos...a intenção manifestada pelos organizadores do evento está demasiado voltada para uma noção de arte centrada no objecto, quando, desde há muito, este é alvo de um contínuo processo de desmaterialização.

No mesmo artigo, afirma: "*as obras levadas a concurso são globalmente medíocres"*, no entanto, ao referir-se aos artistas galardoados, nomeadamente a Nuno da Silva sobre a obra "Capela imperfeita" salienta:

(...) um protótipo de um espaço de reflexão que estabelece uma relação irónica como os espaços homónimos do Mosteiro da Batalha.

---

220 Anexo I Vol. III p.71.

221 Anexo I Vol. III p.72.

222 Anexo I Vol. III p.73.

223 Anexo I Vol. III p.74.

224 Anexo I Vol. III p.75.

225 Anexo I Vol. III p.76.

e a propósito da obra de Joana Rego, "Senses or Divided Painting", diz:

(...) consagra uma artista que tem vindo a realizar um trabalho consequente.

destacando ainda, nas obras a concurso, os nomes de Augusto Canedo, Charley, Luís Melo, Nana Oriishi e Patrícia Guerreiro. O artigo apresenta uma certa ambiguidade que poderá sugerir uma certa rivalidade entre os mentores das artes de uma "capela" que dominou a imprensa durante o final do século passado. No jornal *O Comércio do Porto*[226] de 19 de agosto, Domingos Araújo refere ainda:

(...) Mas, à parte as obras das galerias representadas, os jovens artistas a concurso não demonstram grande criatividade; antes uma falta de experimentalismo (...)

Estas são certamente as provas de que a Bienal de Cerveira estava a mexer, como diz Alexandre Pomar, no artigo do semanário *Expresso*[227] "*Um polo a Norte – Cerveira volta a impor a sua Bienal como festival de Verão e espelho de novas circulações artísticas descentralizadas*".

No *Jornal de Notícias*[228] de 28 de setembro, intitulado "Bienal de Cerveira – Fronteira de Futuro", César Príncipe escreve:

(...) da estrada da inquietação e consagração entre Porto e Galiza...Vila Nova de Cerveira cumpre um papel, no entanto, codificador de pluritendências e de fusões estéticas. Cumpre simultaneamente a função de porta entreaberta para o devir.

Por sua vez, o jornal *La Voz de Galicia,* de 7 de agosto de 1997, p. 45, refere, num artigo intitulado "Importante presencia de las galerias galegas en la Bienal de Vila Nova de Cerveira", "*(...) Este año la organización pretende acentuar las relaciones con la comunidad gallega, homenajeando a un pintor que residió en Portugal, de origem galego, Dominguez Alvarez, un artista paisagista urbano que llevó al lienzo rincones de ambos países.*"

Como referido anteriormente, foram publicados três catálogos: Catálogo Geral, Catálogo Concurso e Catálogo Art Car. Neste último, destaca-se o texto[229] da

[226] Anexo I Vol. III p. 77.

[227] Anexo I Vol. III p. 78.

[228] Anexo I Vol. III p.79.

[229] Anexo II Vol. III pp. 203-204.

responsabilidade da Baviera S.A. que faz referência ao que já era tradição na Alemanha com pintura sobre modelos BMW. Inicialmente, na Alemanha, foi pintado o carro de corrida do piloto francês Hervé Poulan e, mais tarde, por iniciativa da marca, numa proposta inovadora, participaram, desde os meados dos anos 70, Alexander Calder, Andy Warhol, Robert Rauschenberg, Penck, Esther Mahlangu, David Hockney, entre outros, e agora com a Baviera Portugal, Carlos Carreiro acrescentou mais uma obra à coleção.

12.3 ORGANIZAÇÃO

Referem-se neste item a organização, inauguração, artistas convidados e galardoados, os júris de seleção e premiação, os prémios e as galerias, bem como registos fotográficos.

Quadro nº 42

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[230]

ORGANIZAÇÃO	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
PNDC	Henrique Silva	Cláudia Leão	ABC/SLM	Henrique Silva (Prefácio) José M. Vaz Carpinteira (Prefácio) Fernando Calhau (Prefácio) L. Dórdio Gomes (Homenagem a Dominguez Alvarez) Jaime Isidoro (Homenagem a Dominguez Alvarez) Miguel Torga (Poema) Rui Marques Teixeira (Novas Tecnologias Artísticas) Lauro António (Cinema, Vídeo e Artes Plásticas) Organização Baviera S.A. César Príncipe (*Livro 1001 Imagens*)	Dominguez Alvarez

[230] Listagem completa em Apêndice XI Vol. X pp. 339-347.

Inauguração

Jorge Sampaio, Presidente da República, presidiu à inauguração.



Figura 204 - Receção ao Presidente da República
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 205 - Aspetos da cerimónia da inauguração e visita à IX BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Na inauguração, também estiveram presentes patrocinadores, entidades oficiais e particulares, bem como a população local. A visita iniciou-se com um concerto da Orquestra do Norte, que interpretou um excerto da IX Sinfonia de Beethoven, numa alusão ao número desta edição da BIAC, a IX.

Ao longo da Bienal, as exposições e *ateliers* receberam a visita de várias personalidades da vida política, como foi o caso de Marcelo Rebelo de Sousa.



Figura 206 - Marcelo Rebelo de Sousa de visita à exposição e *atelier* livre da Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A organização optou por três júris de seleção, Lisboa, Porto e Vila Nova de Cerveira, de modo a evitar que os concorrentes tivessem de enviar os trabalhos diretamente para Vila Nova de Cerveira, evitando assim despesas de transporte, tal como já tinha sido feito na edição anterior.

Júri de Seleção

Área de Lisboa:
Fernando de Azevedo;
Filipe Rocha da Silva;
Henrique Silva;
Rogério Ribeiro (1930-2008);
Rui Mário Gonçalves.



Figura 207 - Reunião na SNBA – Lisboa
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Área do Porto:
Fátima Lambert;
Jaime Isidoro;
Laura Soutinho;
Rui Anahory,
Sobral Centeno.



Figura 208 - Reunião no Porto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Área de Vila Nova de Cerveira:
Alberto Gonzalez-Alegre;
Henrique Silva;
Luísa Gonçalves;
Silvério Rivas;
Silvestre Pestana.

Da reunião deste júri não existem registos fotográficos.

Júri de Premiação



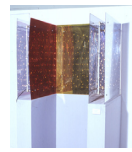
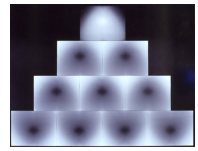
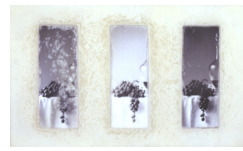
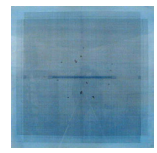
Figura 209 - Reunião do Júri de Premiação (Vila Nova de Cerveira)
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Este júri foi formado por:
José Rodrigues;
José Manuel Vaz Carpinteira;
Nuno Faria;
Jaime Isidoro;
Fernando de Azevedo.

O quadro seguinte apresenta os artistas galardoados e respetivas obras.

Quadro nº 43

ARTISTAS GALARDOADOS, PRÉMIOS E OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA[231]
Joana Rego	Grande Prémio Pintura "Senses or divided painting"	
Nuno da Silva	Grande Prémio Escultura "Capela Imperfeita"	
1Berto Castro	Prémio Revelação "Sem título"	
Isabel Padrão	Prémio Aquisição "Impressão tua"	
Alberto Pinto	Prémio Aquisição "Inactual"	
Scoditti	Prémio Aquisição "Sem título"	

Nesta edição da Bienal, foram ainda atribuídos mais dois prémios, nomeadamente o Prémio para Arte Eletrónica, do Instituto Português da Juventude, e o Prémio de Gravura "A Urtiga", promovida pela Confraria da Urtiga de Juprelle, Bélgica.

[231] in http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all (acesso ago. 2014).

Prémio Arte Eletrónica atribuído a:
Gilberto Oliveira e Rogério Costa: “The Brack Heart”;
Célia Teles de Meneses e Melo e Renato Morgado: “Matemática”;
Sandra Mónia e Manuela Teixeira de Campos: “Videobike”;
Luís Calau: “R2”;
Luís Calau e Pedro Leão: “After Hours”;

Prémio de Gravura “URTIGA”, atribuído pela Confraria da Urtiga DE JUPRELLE, Bélgica, atribuído a:

Atelier 3 (Manuel Henriques, Catarina Sousa e Filipa Tomaz);
Henrique do Vale;
Margarida Leão.



Figura 210 - Pormenor da sala com exposição de gravura – Prémio da Urtiga
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Galerias de Arte

A Organização convidou um número restrito de artistas nacionais, dando antes prioridade às representações de galerias alemãs, portuguesas e galegas, conforme quadros que seguem.

Quadro nº 44

GALERIAS ALEMÃS

GALERIAS	ARTISTAS REPRESENTADOS
Albert Baumgarten	Thomas Kitzinger, Werner Pokorny
Claudia Böer	Irene Andessner, Robert Schad, Edgar Gutbub, Rolf Juliusm Pavel Schmidt
Erhard Witzel	Camil Leberer
Manus Presse	Dieter Krieg, Walter Kutz
Seippel	Ansgar Skiba, Clemens Weiss

Quadro nº 45

GALERIAS ESPANHOLAS

GALERIAS	ARTISTAS REPRESENTADOS
Abel Lepina	Soledad Penalta, Tono Carbajo
Ad Hoc	Thomas Jocher, Xurxo Oro Claro
Atlantica	Eva Carrera, Tono-Antonio Galan
Bacelos	Rosalia Pazo Maside, Jesus Valmaseda
Marisa Marimón	Ignacio Basallo, Salvador Cidras
Sargadelos	Alvaro Negro, Manuel Vásquez

Quadro nº 46

GALERIAS PORTUGUESAS

GALERIAS	ARTISTAS REPRESENTADOS
Afinsa Trindade	Luís Silva Carvalho, Teresa Silva
Alvarez	Eduardo Luíz, Júlio Resende, Da Rocha, Gillian Ayres
Árvore	Augusto Canedo, Sobral Centeno
Canvas & Companhia	Dionísio Souto Abreu, Victor Arruda
Fernando Santos	João Vieira, Rita Carreiro
Gilde	Filipe Rocha da Silva, João Motta, Manuel Casimiro, Nikias Skapinakis
Módulo – Centro Difusor de Arte	Manuel Botelho
Palmira Suso	Inês Teixeira, Domingos Rego
Por Amor à Arte	Carmen Berenguer, Eugénio Vizuete, Mavi Escamilla, Pedro Oliver
Quadrado Azul	Ângelo de Sousa, Avelino Sá

Galerias



Figura 211 - Galeria Baumgarten – Freiburg – Alemanha
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 212 - Galeria Ad Hoc – Vigo – Espanha
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 213 - Galeria Sargadelos – Santiago de Compostela – Espanha
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 214 - Pormenor da galeria Árvore
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Estiveram envolvidos, além de, aproximadamente 60 jovens do programa Ocupação de Tempos Livres (OTL), do Instituto Português do Desporto e Juventude, 28 auxiliares de áreas diversas, como: montagem, alojamentos, alimentação, apoio administrativo e às oficinas, transportes e ainda a equipa da organização, os elementos dos júris, comissários e secretariado da Bienal.



Figura 215 - Duas jovens do programa OTL
Fonte: Arquivo Henrique Silva

12.4 CONTEÚDOS

Domingos Alvarez foi o artista homenageado. A exposição, comissariada por Jaime Isidoro, decorreu na Casa do Brasão[232], no centro da vila.



Figura 216 - Detalhe exposição Homenagem a Domingos Alvarez
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A Bienal pretende ser um lugar de encontro e experiências. Este objetivo está bem explícito quando se observa a variedade de *workshops*, concertos, debates e oficinas/*ateliers* que decorreram ao longo desta edição, e dos quais se destacam: o ciclo de cinema e vídeo da responsabilidade de Lauro António; o recital de António Vitorino D'Almeida; o *atelier* de escultura com Zadok Ben-David; as oficinas de gravura, serigrafia, cerâmica; uma instalação musical de Rolf Julius, no Moinho Velho, em Loivo;

[232] Esta casa foi cedida à PNDC pelo seu proprietário, Flávio Amorim, com a condição de a associação entregar por mês obras dos *ateliers* livres e *workshops*, de um valor equivalente a 100.000 Escudos.

espetáculos como "Som depois da Vanguarda" de Francisco Monteiro; o concerto Multimédia de Rui Azul; o concerto de Piano-Trompete-Percussão de José Augusto Carneiro, Norma Silva e Pedro Carneiro; o concerto de Música por Computador de Paulo Raposo; o concerto de Guitarra clássica, Percussão, Violino e Vozes pelo Grupo Cápio; a *Performance* de Joaquim Castro Caldas; o *Workshop* de cerâmica por João Carqueijeiro e as visitas guiadas por Fátima Lambert e Eurico Gonçalves.

Quadro nº 47

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Ateliers	Coordenação Geral: Dacos e Henrique do Vale *Atelier* de Crianças – Orientação: Dalila D´Alte *Atelier* de Cerâmica Raku / Orientação: João Carqueijeiro, escultor ceramista, e Pedro Gil responsável pela oficina de cerâmica da Cooparativa Árvore *Atelier* de Gravura – Orientação: Dacos *Atelier* de Pintura – Orientação: Débora Pereira, pintora, e Henrique do Vale, pintor *Workshop* Cinema e Vídeo – Orientação: Lauro António Arte Gelatina – Orientação: Rui Ferro e Marta Lima
Colóquios	"O Homem Fantástico: As Novas Tecnologias na Arte" – Participantes: António Vitorino d´Almeida; Cândido Lima; Henrique Silva; Lauro António; Manuel Pina e Rui Marques Teixeira. "Festival de Cinema e a Bienal de Cerveira" – Orientação: Cineasta Lauro António.
Debates	"A Arte Contemporânea" Participantes: Artistas plásticos convidados e Henrique Silva. "Arte Eletrónica" Participantes: António Vitorino d'Almeida; Cândido Lima; Eurico Gonçalves; Henrique Silva; Manuel Pina; Rui Marques Teixeira
Documentários	"Les Années Romantiques" – Pintura Francesa dos anos 1815 a 1850 – Orientação: Cineasta Lauro António. "La porte de l´Enfer d´Auguste Rodin" – Pintura década de 90 – Orientação: Cineasta Lauro António. "Pierre Puiget" – Pintura década de 90 – Orientação: Cineasta Lauro António. "Delacroix, Le Voyage au Maroc" – Orientação: Cineasta Lauro António. "Corot – La Nature dans l´Atelier2 – Orientação: Cineasta Lauro António. "Poussin – Les Partis-pris d´une Exposition par Pierre Rosenberg" – Orientação: Cineasta Lauro António. "Van Gogh" – Orientação: Cineasta Lauro António. "Manet, Gauguin, Rodin… Obras-primas de Ny Carlsberg Clyptotek de Copenhague" – Orientação: Cineasta Lauro António. "Lobo Indomável" – Orientação: Cineasta Lauro António. "O Encanto das Sereias" – Orientação: Cineasta Lauro António. "Sonhos" – Orientação: Cineasta Lauro António. "A Paixão de Camille Claudel" – Orientação: Cineasta Lauro António. "O Sol do Marmeleiro" – Orientação: Cineasta Lauro António.
Escultura	Zadok Ben-David – Talking Head
Instalação	Albano Martins, Amélia Mano, Ângelo Vaz, Félix Lozano, Glória Ortega, Iraida Cano, Joan Abelló, Joan Simó, José Maria Calisto, Mª das Graças Mano, Mª da Paz Amorim, Marita Setas Ferro, Regina Lamares, Sirma Keleç, Teresa Silva, Thomas Falk. – Arte Efémera 'MARÉS' Rolf Julius – "Instalação sonora no Moinho Velho" – Loivo
Intervenções	Ação Direta – Orientação: Pedro Leão

Música	Francisco Monteiro: Som-Depois da Vanguarda" – Poesia e Música Contemporânea Vitorino de Almeida: Maestro – Concerto de Piano. Grupo Cápio: (José Eduardo, Cláudia Neves, Luís Martins, Phillip Nunes, Paulo Menezes, Pedro Studer) – Lembrar; Não vai; Sessenta; Concerto Guitarra Clássica, Percussão, Violino, Vozes Grupo de Alunos do Curso de Música da E.S.E. Porto – *Workshop* de Música de Câmara Rui Azul Index: Concerto Multimédia (Rui Azul, Hugo Raro, José Eduardo Al´Vesh, Hugo Machado, Isabel Branco – Concerto Musical Multimédia José Augusto Carneiro – Norma Silva – Pedro Carneiro Concerto de Piano – Trompete – Percussão Orquestra do Norte (Maestro José Ferreira Lobo): Beethoven, Fantasia para Piano, Coro e Orquestra, Opus 80. Orquestra do Norte (Maestro José Ferreira Lobo): 5ª Sinfonia de Schubert. Orquestra do Norte (Maestro José Ferreira Lobo): Valsa Tristede Sibelus. Orquestra do Norte (Maestro José Ferreira Lobo): Duas Danças Húngaras de Brahms. Paulo Raposo –Insula Dulcamara – Concerto de Música controlada por computador Blasted Mechanism Astonishing Urbana Fall
Performance Art	Joaquim Castro Caldas – Paulo Campos dos Reis: Sem Vergonha na máscara para Bienal de Cerveira – Ode ao espaço marinho – Pablo Neruda. Antecipação aos oceanos da EXPO 98. Poesia, pintura e música. Pavel Schmidt – Ação no espaço da Vila a propósito da abertura
Pintura	*ART CAR* BMW – Artistas intervenientes: Acácio de Carvalho; Adriano Mesquita; Ana Maria; Aníbal Remo; António Bronze; Armanda Passos; Carlos Carreiro; Fernando Pinto Coelho; Filipe Rocha da Silva; Francisco Trabulo; Henrique Silva; Henrique do Vale; Isabel Padrão; Jaime Isidoro; Joana Rego; João Dixo; Luís Melo; Manuela Bronze; Margarida Leão; Mário Bismarck; Miguel D´Alte; Pedro Tudela; Rui Aguiar; Sobral Centeno.
Visitas Guiadas	Eurico Gonçalves Fátima Lambert

12.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Apresentam-se, de seguida, registos fotográficos de algumas das atividades desenvolvidas ao longo desta Bienal.

Conferência e Debate – Lauro António



Figura 217 - Conferência – Lauro António
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 218 - Debate numa das sessões de cinema/vídeo de Lauro António
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Workshop Escultura – Zadok Ben-David



Figura 219 - Zadok Ben-David – assistentes Marta Lima e Rui Ferro
Colocação da escultura na fachada da Escola Profissional ETAP
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Gravura



Figura 220 - *Workshop* de Gravura orientado por DACOS
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Arte Eletrónica



Figura 221 - *Workshop* Arte Eletrónica – orientado por Rui Marques
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Cerâmica



Figura 222 - *Workshop* Cerâmica – orientado por João Carqueijeiro
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 223 – Medalha IX BIAC – em cerâmica
executada por Pedro Gil
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Pintura



Figura 224 - *Workshop*/*Atelier* Pintura
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Raku



Figura 225 - *Workshop* de Raku – orientação João Carqueijeiro
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Arte-Gelatina



Figura 226 - "Arte-Gelatina"
Intervenção de Rui Ferro, Marta Lima,
Pedro Leão – assistente Pedro Gil
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier livre



Figura 227 - Atelier Livre no Bar/Cantina da Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Concertos



Figura 228 - Pormenor da assistência ao concerto de Vitorino D'Almeida
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 229 - Concerto Grupo CAPIO
"Lembrar", "Não Vai", "Sessenta"
Percussão, violino e vozes
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 230 - Paulo Raposo – Concerto de Música Eletrónica – Insula Dulcamara
Fonte: Arquivo Henrique Silva

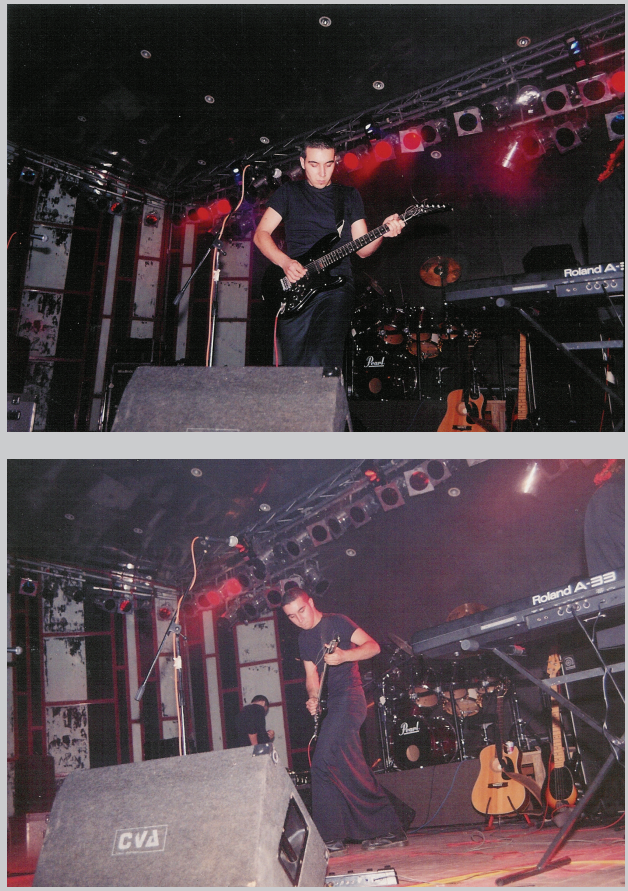


Figura 231 - Concerto de encerramento
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Concerto Multimédia



Figura 232 - Concerto Musical Multimédia – Rui Azul Index[233]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Música



Figura 233 - Workshop de música de câmara
Francisco Monteiro e alunos da ESE[234] – Porto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

---

233 e participação de Hugo Raro, José Eduardo Al'Vesh, Tiago Al'Vesh, Hugo Machado, Isabel Branco.

234 Escola Superior de Educação – ESE (Porto).



Figura 234 - Francisco Monteiro – Som – Depois da Vanguarda
Poesia e Música contemporânea
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Crianças



Figura 235 - *Atelier* De Crianças – Orientação Dalila D'Alte Rodrigues
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Ação Direta



Figura 236 - Ação Direta – Pedro Resende Leão e participação de público
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Performance Art



Figura 237 - *Performance* de Rui Anahory no bar da Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

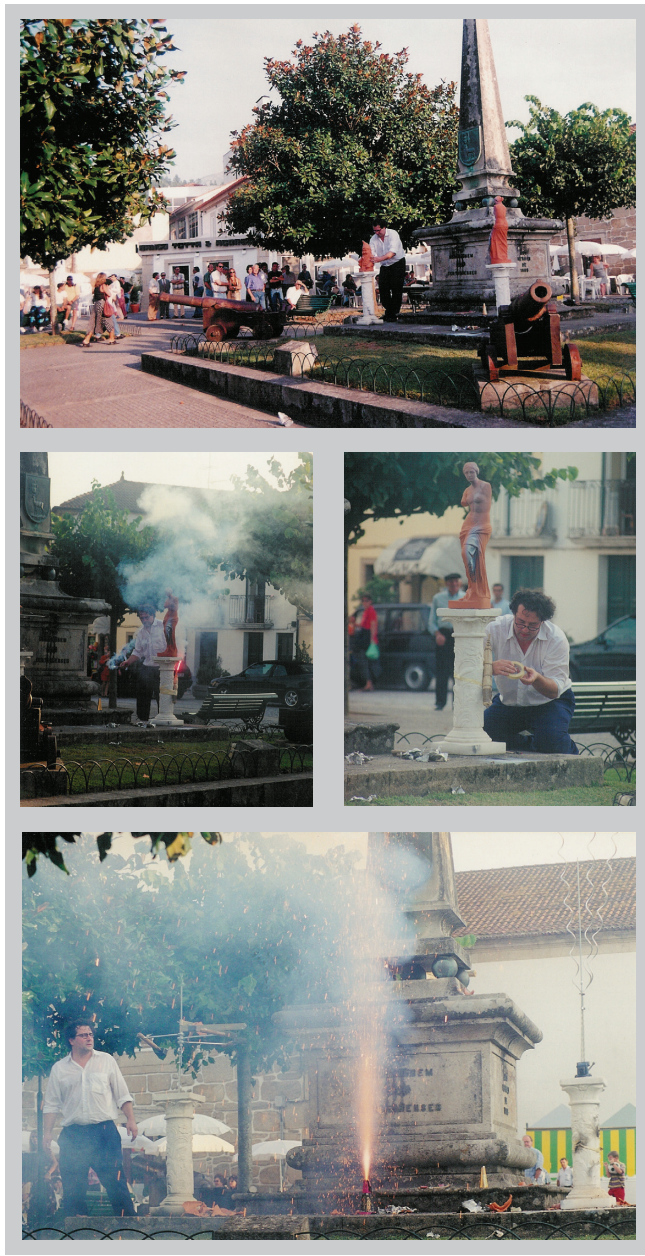


Figura 238 - *Performance* de Pavel Schmidt – Largo do Terreiro
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Debates/sessões de esclarecimento



Figura 239 - Debate sobre Arte Eletrónica
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 240 - Debate sobre cinema – Lauro António
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 241 - Debate encerramento da IX BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A Secretaria de Estado da Juventude esteve presente com um veículo equipado com computadores, promovendo sessões de esclarecimento junto dos jovens.



Figura 242 - Sessões de esclarecimento para jovens
Fonte: Arquivo Henrique Silva

ART-CAR

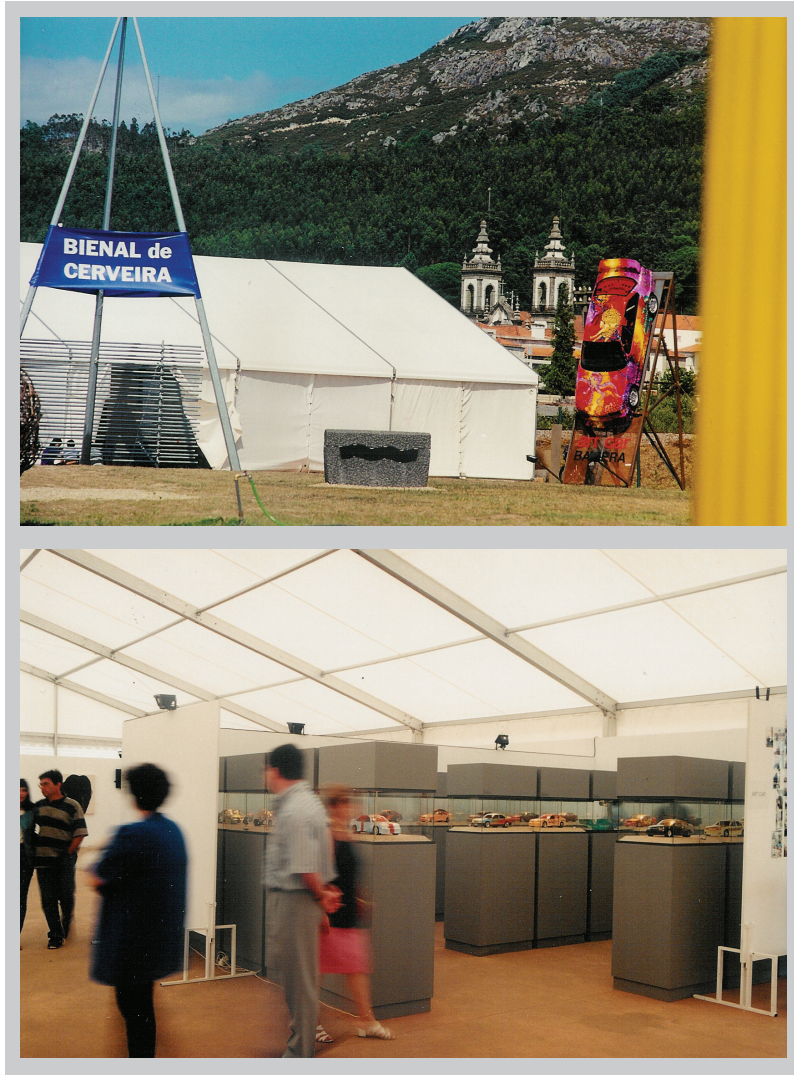


Figura 243 - Ação *ART-CAR* – Patrocínio BAVIERA – BMW Portugal
BMW (real) pintado por Carlos Carreiro e miniaturas por diversos artistas convidados
Pertença do Museu Baviera
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Na revista VISÃO, de 7 de agosto, secção cultura, p. 85, pode ler-se:

(...) as relações entre arte e indústria também não estão ausentes, como prova o "art car" da BMW, em exposição, e as 24 miniaturas pintadas, ao vivo, por outros tantos artistas (...)



Figura 244 - BMW pintado por Carlos Carreiro nas oficinas da Baviera S.A.
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Na coleção de miniaturas expostas nesta Bienal, participaram Acácio Carvalho, Adriano Mesquita, Ana Maria, Aníbal Remo, António Bronze, Armanda Passos, Carlos Carreiro, Fernando Pinto Coelho, Filipe Rocha da Silva, Francisco Trabulo, Henrique Silva, Henrique do Vale, Isabel Padrão, Jaime Isidoro, Joana Rego, João Dixo, Luís Melo, Manuela Bronze, Margarida Leão, Mário Bismarck, Miguel d'Alte, Pedro Tudela, Rui Aguiar e Sobral Centeno, cuja coleção ficou propriedade da entidade promotora.



Figura 245 - Miniaturas em resina fornecidas pela Baviera S.A.
e pintadas por artistas convidados
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Além desta ação, a Baviera disponibilizou uma viatura "MEGA", que serviu para as deslocações da organização entre os vários espaços da Bienal em Vila Nova de Cerveira.



Figura 246 - A viatura "MEGA" cedida pela Baviera S.A.
posta à disposição da Organização para deslocações
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Visitas Guiadas



Figura 247 - Visita guiada – Fátima Lambert
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 248 - Visita guiada – Eurico Gonçalves
Fonte: Arquivo Henrique Silva

No Relatório final[235] apresentado à Câmara Municipal, após o fecho da IX BIAC, na Introdução, Henrique Silva escreveu:

> *(...) Caracterizada pela persistência em resistir à evolução de critérios estéticos e conceptuais, a Bienal de Cerveira não deixa, nem deixará de ser uma referência das propostas plásticas, cuja evolução (muitas vezes sujeita a mercados ou modas), procura retratar de uma forma isenta, com a seriedade e honestidade que caracterizam os grandes acontecimentos que fazem história (...).*

e conclui:

> *(...) A Organização responsabiliza-se pelo cumprimento desses critérios e está convicta de ter feito o seu trabalho com qualidade, como diria Diderot "...no melhor dos mundos possíveis (...).*

[235] Anexo II Vol. III p. 205.

12.6 DADOS ESTATÍSTICOS

Nesta edição, em relação à Bienal anterior, registou-se um decréscimo nos artistas nacionais (1,7%), nos países representados (12,5%) e um aumento nos artistas estrangeiros (54,8%).

Gráfico 12

PARTICIPANTES/PAÍSES

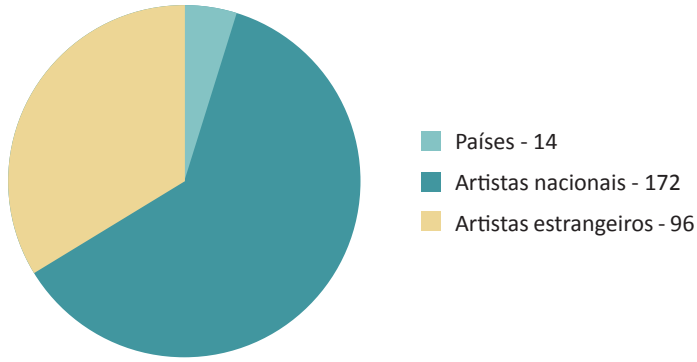


Figura 249 - Gráfico de Países e Artistas participantes

Participaram nos *workshops/ateliers*, 120 artistas, distribuídos pelas seguintes áreas: Cerâmica (19), Gravura (28), Pintura/Desenho (30), Arte Eletrónica (43).

Gráfico 13

VISITANTES

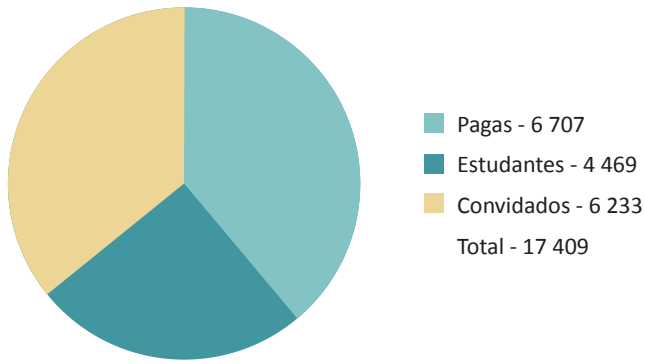


Figura 250 - Gráfico de Visitantes da IX BIAC

Foram contabilizadas 17.409 entradas, das quais 6.707 pagas, 4.469 de estudantes e 6.233 de convidados e população do concelho.

Gráfico 14

ALOJAMENTOS

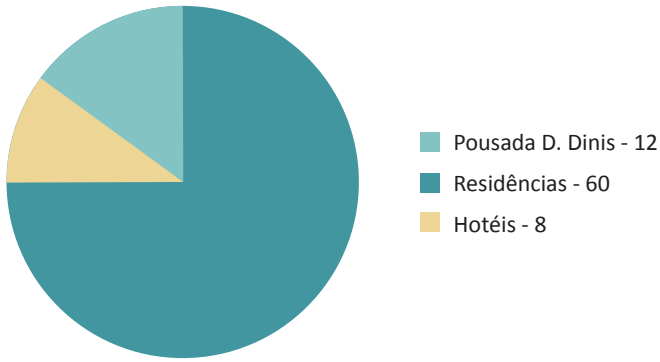


Figura 251 - Gráfico dos alojamentos da IX BIAC

Gráfico 15

REFEIÇÕES

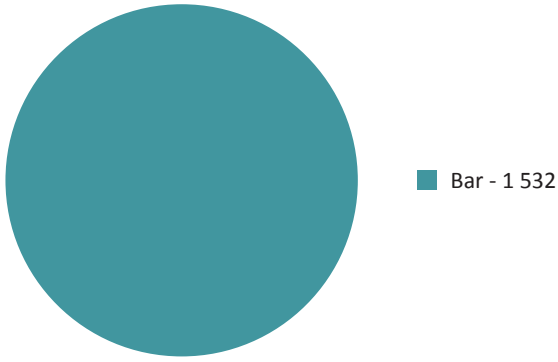


Figura 252 - Gráfico das refeições servidas no bar da IX BIAC

Esta edição contou com a participação financeira das entidades que se referem de seguida:

Câmara Municipal – 26%

Ministério da Cultura – IAC[236] – 19%

Governo Civil de Viana do Castelo – 0,5%

Fundação Calouste Gulbenkian – 2,5%

Região de Turismo do Alto Minho – 1,5%

Pronorte – 22%

Empresas e Instituições Privadas – 18,5%

Receita própria – 10%

12.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Segue o mapa com a localização das exposições e intervenções em Vila Nova de Cerveira.

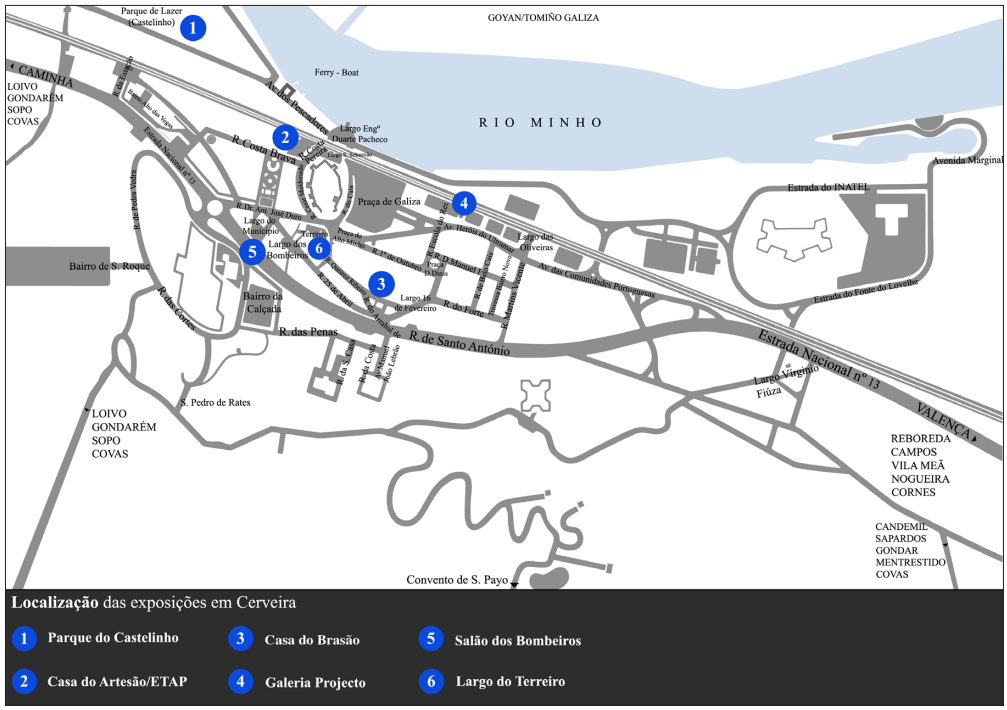


Figura 253 - Mapa dos locais de intervenção da IX BIAC

236 Instituto de Arte Contemporânea

12.8 FLAGRANTES DA BIENAL

O conjunto de imagens resulta de momentos ocasionais registados.



Figura 254 - Flagrantes da IX BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

12.9 SÍNTESE PARCIAL

Ainda nas construções precárias à beira-rio, em tendas de lona, esta Bienal apresentou algumas novidades, sobretudo a nível da participação da Baviera S.A. com um carro pintado pelo artista Carlos Carreiro, uma exposição de miniaturas de automóveis *BMW* pintados por 25 artistas, e pela presença de galerias nacionais e estrangeiras.

Nesta BIAC, foi dado especial relevo ao cinema com a projeção de doze documentários pelo cineasta Lauro António, seguidos de debate com a assistência.

A vasta programação que teve lugar durante o evento foi referenciada numa publicação pós-Bienal, intitulada *1001 imagens da Bienal Internacional de Arte de Cerveira – 1997*[237], onde se conta a história, em imagens *"do quotidiano de uma Bienal de encontro e trabalho de artistas".*

Pela segunda vez, fizeram-se três júris de seleção (Lisboa, Porto e Vila Nova de Cerveira).

Os prémios e aquisições para o futuro museu foram diversificados, sendo de realçar a sua atribuição sobretudo às camadas mais jovens nas Artes e, mais uma vez, um artista estrangeiro, Scoditti (Itália), foi galardoado.

[237] Créditos fotográficos do livro e de todas as imagens desta edição da BIAC – Manuel Morais.

Vila Nova de Cerveira
14 de agosto a 1 de setembro 1999

13.0

X BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

13.0 X BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE
Vila Nova de Cerveira
14 de agosto a 1 de setembro 1999



Figura 255 - Cinco Catálogos
Design *Atelier* RuiCunha
Fonte: Arquivo Henrique Silva

13.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Sob o tema "Arte – Natureza – Ambiente – Propostas para o Novo Milénio – esta Bienal deveria decorrer de 4 de agosto a 12 de setembro, mas, ironicamente, devido a uma forte tempestade que destruiu parte das instalações, foi encerrada no dia 1 de setembro, ocasionando elevados prejuízos.

Face a este acontecimento, a autarquia decidiu que o certame não voltaria a realizar-se no Castelinho, estando já a ser elaborado um projeto para o futuro local que abrigaria a Bienal, como relata o Jornal *Notícias de Viana* do dia 12 de agosto, em notícia intitulada "Última Bienal no Parque do Castelinho – O Parque do Castelinho, na área ribeirinha da vila de Cerveira, vai receber, pela última vez, a X Bienal Internacional de Arte, a decorrer desde sábado, 14, e 12 de Setembro."[238]

Além deste lamentável episódio, esta edição da Bienal ficou marcada pelo triste desfecho de um dos membros do Júri de Premiação, Guy Weelen (1919-1999), que, no dia 16 de agosto, morre inesperadamente, vítima de ataque cardíaco, no aeroporto Francisco Sá Carneiro, quando se preparava para embarcar de regresso a Paris, onde residia.

Crítico de Arte, poeta, ensaísta, desenhador, Guy Weelen dedicou parte da sua vida ao casal Arpad Szenes-Vieira da Silva com a organização de inúmeras exposições destes artistas. Foi ainda responsável pela realização de uma série sobre "Écrits de peintre" para a France Culture; de 1971 a 1978, foi secretário-geral da Associação Internacional dos Críticos de Arte, AICA, e foi autor de obras sobre vários pintores, tais como Sonia Delaunay, Poliakoff, Hartung, Arpad Szenes e Vieira da Silva. Era, na altura, membro da administração da Fundação Arpad Szenes/Vieira da Silva, em Lisboa.

Conviveu de perto com Henrique Silva, quando este trabalhou como assistente do casal Arpad-Vieira, a partir de 1958, motivo pelo qual lhe foi endereçado o convite para vir a Vila Nova de Cerveira.

Esta edição da BIAC contou com uma participação muito diversificada de atividades, tendo resultado numa edição de um catálogo em cinco volumes sob os temas: "Geral", "Concurso", "Homenagem a Jaime Isidoro", "País Convidado – Brasil" e "Ações Baviera/BMW".

António Guterres, Primeiro-Ministro, numa visita relâmpago a esta Bienal, no dia 20 de agosto, fez o percurso a correr, pouco ou nada olhando para as obras expostas, fazendo recordar a frase *"Quando ouço falar de cultura, puxo logo da pistola"*. Aliás, a organização foi previamente avisada que o Primeiro-Ministro só dispunha de um quarto de hora para fazer a visita.

---

238 Anexo I Vol. III p. 80.



Figura 256 - Visita relâmpago de António Guterres à X Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

13.2 PREPARAÇÃO

A primeira iniciativa anterior à Bienal, mais concretamente em maio, consistiu no arranque da 1.ª travessia em balões de ar quente, lançados no espaço da Feira, e que atravessou Portugal até Loulé com um símbolo da Bienal de Cerveira[239].



Figura 257 - 1.ª travessia em balões de ar quente de Portugal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Também antes do início da Bienal, realizou-se um *workshop* sobre as necessidades locais a nível de planeamento urbanístico, no qual participaram trinta jovens arquitetos de Portugal, Espanha, Itália, Argentina e Brasil. Durante três semanas, trabalharam nas instalações da Escola Superior Gallaecia, em Vila Nova de Cerveira, por cedência da sua diretora Delmira Calado e sob a orientação do Arq. Pedro Resende Leão. Do programa deste *workshop* fez parte uma viagem pelo rio Minho, permitindo aos participantes fotografar a paisagem envolvente de Vila Nova de Cerveira. Do trabalho realizado pelo grupo resultou, além de uma exposição na Bienal, um catálogo com as propostas de intervenção urbanística para Vila Nova de Cerveira.

[239] Como em maio ainda não existiam os autocolantes da X BIAC, o símbolo que está no balão é o da edição anterior da BIAC.



Figura 258 - Catálogo
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 259 - Proposta de intervenção sob o muro de suporte à linha férrea, no recinto da feira
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 260 - Outras propostas para a zona ribeirinha
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 261 - Participantes no *workshop*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A controvérsia que sempre se gerou em torno das opções das Bienais de Cerveira, não só durante a orientação de Jaime Isidoro como de Henrique Silva, levou a organização desta edição a pedir o testemunho de personalidades marcantes da crítica de arte, da literatura, do teatro e da política, sobre o papel deste evento na promoção e investigação das artes em Portugal, tendo em conta a sua situação geográfica, a escassez de meios (já que o seu sucesso sempre dependeu sobretudo de um município com não mais de 10.000 habitantes) e o contexto sociocultural (trata-se de uma região conhecida pela sua cultura tradicional e hermética à mudança).

Transcrevem-se em seguida os referidos depoimentos, conforme constam no Catálogo Geral da X BIAC, pp. 8 e 9.

> *(...) A propósito da realização da X Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira, que terá lugar no Verão de 1999, quero referir que a vida cultural do nosso país terá que passar por uma prática constante e consequente de projectos que, promovidos ao longo de* todo o território congregam a atenção dos cidadãos, aproximando-os dos fenómenos da cultura e *da arte, estimulando a fruição e melhorando a qualidade de vida.*

É assim que entendemos que a Bienal de Vila Nova de Cerveira se enquadra, melhorando-se em cada nova edição e servindo os objectivos que pretende atingir.

Fernando Calhau
Diretor do Instituto de Arte Contemporânea

(...) Com 20 anos de existência, a X Bienal de Cerveira presta uma justa homenagem ao seu criador e principal impulsionador: o Pintor Jaime Isidoro. Como exemplo positivo de descentralização cultural, a Bienal de Cerveira destaca-se, desde 1978, como espaço de experimentação, revelação e consagração, com exposições, instalações, intervenções, performance, espectáculos e ateliers de arte ao vivo. Com a participação activa de numerosos artistas portugueses e estrangeiros, a Bienal de Cerveira promove um saudável ambiente de festa e convívio, proporcionando o diálogo com o público e o esclarecimento de aspectos pertinentes de Arte actual, através de visitas guiadas, conferências, debates e colóquios.

Eurico Gonçalves
Crítico de Arte

(...) No nosso país o que não faltam são Bienais. Todas as instituições as querem organizar, todas as cidades as procuram promover. Mas quando falta um verdadeiro sentido de empenhamento cultural e uma vontade teimosa de partilhar com terceiros aquilo que a arte nos pode oferecer, então fica-se pelo meramente superficial, e as iniciativas caem, porque o brilho das inaugurações acaba por não compensar o investimento humano e material imprescindível nestas ocasiões. A Bienal de Cerveira é um exemplo de persistência e de empenhamento que só pode resultar do respeito que os seus organizadores têm vindo a demonstrar perante os criadores, do mais conceituado ao mais desconhecido. E esse é um exemplo que para o qual muitos deveriam olhar.

Miguel von Hafe Pérez
Crítico de Arte

(...) A Bienal definiu o seu território em Cerveira e foi definindo o seu projecto, alargando e mobilizando participações e propostas. Tornou-se um posto de diálogo internacional. Tornou-se um centro descentralizador. Tornou-se um templo do nosso Tempo, onde os oráculos interpelam o futuro. Arte e Cerveira casaram-se há vinte anos. A união promete duração e criação. Uma agenda cultural que vai na 10ª edição obteve pleno direito à sobrevivência.

César Príncipe
Jornalista

(...) Levantas-te de manhã cedo, muito cedo, emborcas um café e escapas-te no teu carro em direcção à serra. Lá em cima, olhas, vives a serra, as árvores queimadas, as rochas, o mar, quase a teus pés, os coelhos que fogem, e acreditas até que vês traços de fósseis nas rochas, sentes os cheiros e ouves o ruído de passos duma velha que vai, com a sua vaca e a sua sachola, em direcção ao seu campo.
Uma buzina de tractor chama-te à realidade, é a altura, Dacos, de tornar a descer, a Bienal não é aqui é lá em baixo, mesmo à beira do rio e deves abrir o atelier de gravura. Não esqueças que ainda só estás na tua terceira Bienal. Eles já estão na décima. É importante não perder tempo, então, apressa-te.

Dacos
Gravador

(...) O festival de Cerveira, é um encontro de escolas e uma decisão de vida pública com as artes.
O festival de Cerveira, não resolve os vossos problemas mas desarma-os.

Agustina Bessa Luís
Escritora

(...) Sente-se a Natureza
Sente-se a Frescura
Sente-se a Península
Sente-se a Europa e o Mundo
Sente-se o país que gostaríamos
Vive-se o conhecimento no seu expoente mais transformador e futurista – A Arte

Jorge Levi
Fundador e Diretor do Leviteatro

(...) A Bienal de Cerveira é exemplo da arte de bem fazer pela Arte – estimável e fecundo exemplo, que a mesquinhez embaraça mas que a lucidez e a persistência consentem.

Miguel Cadilhe
Administrador do Banco Português do Atlântico

(...) Ao longo dos seus 20 anos de existência, a "Bienal de Cerveira" conseguiu adquirir, graças ao espírito de iniciativa, imaginação e criatividade dos seus organizadores, um prestigio indiscutível.
A Bienal internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira é, hoje, uma manifestação pujante e um marco incontornável que muito prestigiam Portugal e os seus artistas no panorama das artes contemporâneas.
Considero particularmente feliz o tema central escolhido para celebrar o seu 20º aniversário – as "Sete propostas para o novo milénio" do grande escritor italiano Italo Calvino, associados ao tema "Arte-Natureza-Ambiente" – e é com sincero regozijo que me congratulo com a escolha do Brasil como país convidado para participar activamente na X Bienal. Quero também associar-me à justíssima homenagem que será prestada ao pintor Jaime Isidoro, quer pela importância da sua obra, quer pelo papel que desempenhou na criação das Bienais.

Mário Soares
Presidente da Fundação Mário Soares

(...) Pólo de uma descentralização que se conquistou a golpes de liberdade exaltada, a Bienal de Cerveira é o lugar de diálogo, encontro, confraternização e confronto da Arte Contemporânea em Portugal.
Sensível, humana, internacional e polémica, a Bienal de Cerveira é a voz credível dos artistas portugueses nos pleitos mundiais.
Preservá-la é obrigação de quem pugna pelos valores culturais no País de Abril.

Edgardo Xavier
Crítico de Arte

(...) A Bienal de Cerveira hoje continua a gerar expectativas. Institui uma nova intenção no panorama das manifestações de arte em Portugal. Passados vinte anos a expectativa consolidou-se, sem se ter esgotado.
A polémica que inicialmente esta série de acontecimentos quis edificar, tem tomado novas, outras configurações, ao nível da produção, dos âmbitos, da extensão, enfim… a Bienal consiste em pensar e agir atendendo às componentes mais exigentes: Social, ideológica, estética e artística.
Os compromissos que os artistas assumem, encaminham-se para a conciliação da sua actividade pessoal mais íntima – conceptual e actuante – com o espectáculo visível para o público que as Artes Plásticas também são.
Presume-se que a cumplicidade, a proximidade estabelecida entre alguns artistas e o público durante a duração de cada edição da Bienal seja algo marcante, que altera a forma das pessoas em geral se relacionarem com a Arte. Durante semanas, ciclicamente, Cerveira torna-se a ficção da Cultura que tem de ser a realidade factual de desenvolvimento regional, de raízes e amplitudes vastas.

Fátima Lambert
Crítico de Arte

(...) A Bienal de Cerveira está de parabéns.
Ainda é jovem, por um lado. Por outro, chegou à idade de assumir certas responsabilidades.
Espero sinceramente que as cumpra.

Bernardo Pinto de Almeida
Diretor da Fundação Cupertino de Miranda

"(...) A V Bienal, aquela a que directamente me liguei (Como co-produtor de um evento central) pode ser considerada, na micro-história de uma geração, como a data de reunião de vontades que até aí se desconheciam. Nas acesas discussões que conduziram à selecção dos artistas do núcleo " A Arte dos anos 80" o Sul (Alexandre Melo e eu próprio) encontrou-se com o Norte (Bernardo Pinto de Almeida e Eduardo Paz Barroso), baralhou-se a geografia das terras, das obras e das amizades, (re)unificaram-se os circuitos artísticos nacionais e, desde logo, se tornou obsoleta a ideia de qualquer regionalização!"

João Lima Pinharanda
Crítico de Arte

Uma política cultural autêntica e eficaz só se concretiza quando aos elementos qualidade e quantidade se acrescenta ainda o factor continuidade – pois de boas intenções prematuramente interrompidas está o nosso país cheio.
A Bienal de Cerveira é efectivamente uma excepção exemplar na cultura portuguesa, pois é presente, aponta para o futuro e conta com um passado que já é História.

António Vitorino D'Almeida
Maestro

Um depoimento de Cândido e Diamantino na entrevista nº3 e 4 refere também as consequências deste evento no meio em que se insere.

(...) Nós estávamos na fase de pré-construção ainda, na idade da pedra. Da pedra lascada. E depois as pessoas, pronto, há aí uns jovens, por exemplo, o Rui Aguiar Cunha é um produto da Bienal, o que tem o gabinete lá em baixo do atelier, e outros que foram por esse mundo fora. Que já levavam essa percepção que o mundo não se esgotava nas festas do concelho e neste pequeno retângulo que é Cerveira, ou nesta pequena povoação que é Cerveira. Agora a Bienal, tem que promover espetáculos, que levem as pessoas a apreciar o que lá se faz. Porque muitas vezes, lá está, essas performances, com o devido respeito também. Pelo que os promovem. A gente não entende muito bem aquilo! E saem de lá, um bocado defraudadas e frustradas.

13.3 ORGANIZAÇÃO

Referem-se neste item a organização, inauguração, artistas convidados e galardoados, os júris de seleção e premiação, os prémios e as galerias.

O quadro que se segue representa a estrutura da organização desta Bienal.

Quadro nº 48

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[240]

ORGANIZAÇÃO	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
PNDC	Henrique Silva	Maria Caldeira Paula Carreira	*Atelier* Rui Cunha	Henrique Silva (Prefácio) José M. Vaz Carpinteira (Prefácio--Homenagem) Edgardo Xavier (Homenagem) Carlota Álvarez Basso (Arte Eletrónica) Filmógrafo[241] Augusto P. Brandão (Fortificações Portuguesas no Brasil) TEXTOS – HOMENAGEM Jaime Isidoro Bernardo Pinto de Almeida Agustina Bessa-Luís Lima de Freitas Egito Gonçalves José Augusto Seabra Corregedor da Fonseca Fernando Lanhas BRASIL – País Convidado Reila Garcie George Kornis Irma Arestizábal BAVIERA SA (Ações Baviera/ BMW)	Jaime Isidoro

Sem aviso prévio, pelas 19h00 horas do dia 1 de setembro, fortes trovoadas, chuva intensa e ventos superiores a 100 Km/hora destruíram parte das precárias tendas que albergavam a exposição, num total de 2.500 m^2. Além da destruição de parte das tendas, de obras de arte danificadas, ocorreram inundações devido à água que atingiu mais de 10 cm de altura.

[240] Listagem completa em Apêndice XI Vol. III pp. 348-356.

[241] Estúdio de Cinema de Animação do Porto (Cinema de Animação).

A imprensa[242] deu conta do ocorrido, expressando a gravidade da situação, através de títulos bem elucidativos, como:

"Tempestade leva a destruição ao norte do país";
"Mau tempo fecha Bienal de Cerveira";
"Vento e chuva encerram encontro de artes em Cerveira";
"Temporal acaba com Bienal de Arte em Cerveira";
"Norte faz contas a prejuízos da tempestade";
"Temporal destrói recinto da Bienal de Cerveira";
"Será a última Bienal realizada em tendas";
"Obras já foram retiradas da Bienal de Cerveira";
"Obras por catálogo – Bienal nos Bombeiros";
"Temporal causa danos em três obras de arte";
"A chuvia pecha a arte em Cerveira";
"Bienal de Cerveira acaba mais cedo".

No dia 2 de setembro, o *Correio da Manhã* anunciou o encerramento prematuro da Bienal: "Tempestade leva a destruição ao Norte do País"[243] seguindo-se por toda a imprensa, como titula *O Primeiro de Janeiro* de 3 de setembro, "Pavilhão foi pelos Ares – Temporal acaba com a Bienal de Arte de Cerveira".[244]Atenda-se ao estado em que ficaram as tendas, painéis e obras expostas, documentado em registos fotográficos no rescaldo do temporal/tufão.



Figura 262 - Algumas imagens do resultado da tempestade
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[242] Anexo I Vol. III pp. 81-92.

[243] Anexo I Vol. III p. 81.

[244] Anexo I Vol. III p. 82.

A propósito deste triste episódio, na entrevista nº2 realizada ao artista Albuquerque Mendes, este ironiza:

> *(...) Ah! Não gosto deste ano. Então vou mandar para aí uma, do género da Arca de Noé. Deus não gostou da Bienal, mando um tufão, e levou aquilo tudo. Assim coisas que houve, que aconteceram, que eu acho imensa graça e que eu acho que, sei lá. Parece uma voz divina, sobre a Bienal.*

Deste desastre resultou algo há muito prometido e desejado pelas várias organizações da Bienal: a Bienal não voltaria a ter como espaços expositivos as tendas. Chegara a hora de um local fixo e digno, há muito reclamado. "Não voltará a ser no Castelinho" garantia o presidente da Câmara.[245]

A programação de ações a decorrer durante os primeiros quinze dias da Bienal foi cumprida, à exceção da *performance* de Miguel Rondon, que, à última hora, apresentou algumas exigências que a organização não pode assumir. O dia 31 de agosto encerrou com um concerto pelo Maestro Vitorino D'Almeida.

Devido ao encerramento prematuro desta BIAC, ficou por realizar a intervenção, prevista para os dias 5 a 9 de setembro, do Grupo Alternativa 1 "Earth". Este grupo, composto por Birgitta Jonsdottir (IE), Anne Brown (UK), [Emília Lopes, Graça Martins, Anabela Lacerda, Teresa Torres, Carlos Gomes (PT)], Oleg Ter Martirosod (AZ), Ron Whitehead (IE), Wilfried Hildonen (FI) e Vasco Accioli (BR), tinha por objetivo a sensibilização do público para questões emergentes como Paz, Ecologia, Direitos Humanos e Feminismo.

---

[245] Anexo I Vol. III p. 93.

Esta Bienal foi iniciada com uma caminhada até ao pavilhão central junto ao rio Minho e a inauguração foi presidida por Elisa Ferreira, Ministra do Ambiente. Este convite a Elisa Ferreira teve como base o tema desta Bienal " Arte – Natureza – Ambiente – Propostas para o Novo Milénio".



Figura 263 - Pormenores da caminhada e exterior do recinto da Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 264 - Inauguração – Visita à Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Quanto às participações foram novamente convidadas galerias da Galiza e de Portugal (Quadros n.º 49 e n.º 50) a estarem presentes, podendo afirmar-se que essa representação galega foi aumentando de Bienal para Bienal, aproximando mais culturalmente as duas regiões fronteiriças (Minho e Galiza).

Galerias de Arte

Quadro nº 49

GALERIAS GALIZA

GALERIAS	ARTISTAS REPRESENTADOS
Galeria Abel Lepina	Diego Santomé, Ignácio Pérez-Jofre, Pablo Orza
Galeria Ad-Hoc	Maurizio Lanzillotta, Mercedes Lence, Norberto Olmedo, Simon Pacheco
G. Atlántica – Centro de Arte	Moncho Borrajo, Tono-Antonio Galán
Galeria Bacelos	Caxigueiro, Pablo Sánchez Corral
Galeria Sargadelos	Alberto Barreiro, Manuel Vázquez, Vicente Blanco

Quadro nº 50

GALERIAS PORTUGAL

GALERIAS	ARTISTAS REPRESENTADOS
Galeria Alvarez	Joseph Beuys
Galeria Arte Periférica	Carlos No, Isabelle Faria, Paula Rito
Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas, C.R.L.	Cristina Valadas, Luís Melo
Galeria Canvas	Inês Lousinha
Galeria Fernando Santos	Joana Rego
Galeria Palmira Suso	Susana Campos
Por Amor à Arte	Carmen Berenguer, Catarina Machado, Daniela Steele, Francisco Laranjo, Francis Naranjo, Mavi Escamilla, Pedro Oliver, Pepo Hernando, Raquel Gralheiro, Rui Pimentel, Santiago Castro-Novo, Seara, Sobral Centeno, Xurxo Oro Claro
Galeria Quadrado Azul	Ângelo de Sousa, Avelino Sá, Tamarga
Galeria Trindade	Adriano Mesquita, Delfim Rodrigues, João Viana



Figura 265 - Pormenor da Galeria Árvore
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A seleção das obras a concurso foi feita em Vila Nova de Cerveira, reunindo o júri no salão dos Bombeiros Municipais e constituido por:

Graça Costa Cabral (ArCo);
Luís Mendonça (ESAD);
Mónica Oliveira (ESAP);
Alípio Pinto (FBAUL);
António Quadros Ferreira (FBAUP).

Desta reunião não existem registos fotográficos.

O Júri de Premiação, reunido nas vésperas da inauguração da Bienal, integrou um crítico de arte, três artistas plásticos e o presidente da Câmara, nomeadamente:

Guy Weelen;
Jaime Isidoro;
José M. Vaz Carpinteira;
José Rodrigues;
Henrique Silva.

A figura que segue representa a visita do Júri de Premiação à exposição, antes da atribuição dos prémios.



Figura 266 - Júri de Premiação
Fonte: Arquivo Henrique Silva

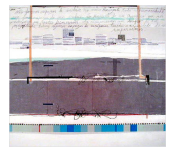
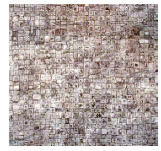
Uma vez que foi aberto concurso específico para Arte Eletrónica, foi nomeado outro júri formado por:

Engrácia Rodrigues (FDTI);[246]
Mário Moutinho (Comissário *Atelier* de Arte Eletrónica);
Henrique Silva (Comissário X BIAC*).*

[246] Fundação para a Divulgação das Tecnologias de Informação.

Quadro nº 51

ARTISTAS GALARDOADOS, PRÉMIOS E OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA[247]
Carlos Barreira	Grande Prémio Bienal "Escada X"	
Márcia Luças	Prémio Revelação "Mulher de Ferro"	
Hélder Mendes	Prémio Aquisição Baviera "A Destruição"	
Ana Pimentel	Prémio Aquisição Baviera "Uma janela aberta para o Horizonte"	
Inez Wijnhorst	Prémio Aquisição Baviera "Sem título"	
Reneé Gagnon	Prémio Aquisição Atlântico – BPA "Grito II"	
Din Matamoro	Prémio Aquisição Atlântico – BPA "El color del tiempo"	
Tiago Morgado	Prémio Arte Eletrónica – Criatividade "Estado do vento" Vídeo eólico	
Zé Paulo	Prémio Arte Eletrónica – Eletrónica	Não existe registo fotográfico

[247] in http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all (acesso ago. 2014).

Entrega dos Prémios – Galeria Projecto[248]



Figura 267 - Carlos Barreira, Hélder Mendes e Renné Gagnon
Belmiro Couto (Baviera/BMW), presidente da Câmara, Henrique Silva e representante da FDTI
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Foram atribuídos prémios num valor total de 7.250 contos.
Grande Prémio Bienal de Cerveira – 2000 contos
Prémio Revelação – 500 contos
Prémios de Aquisição "Baviera" – 2000 contos
Prémios de Aquisição "Atlântico – BPA" – 1500 contos
Prémio Arte Eletrónica – Criatividade – 750 contos
Prémio Arte Eletrónica – Eletrónica – 500 contos

[248] A entrega dos prémios realizou-se no edifício por cima do Mercado Municipal que, depois de uma breve adaptação, foi entregue à PNDC, onde conservou o seu "Gabinete Bienal" até 2014, funcionando no rés-do-chão a Galeria Projecto. Como habitualmente, os prémios foram entregues após o encerramento da Bienal, embora os certificados dos mesmos tenham sido entregues na abertura.

13.4 CONTEÚDOS

A exposição de Homenagem a Jaime Isidoro esteve patente no Solar dos Castros, por onde se iniciou a inauguração.



Figura 268 - Inauguração da Homenagem a Jaime Isidoro – Solar dos Castros
Fonte: Arquivo Henrique Silva

No catálogo dedicado a esta homenagem, Agustina Bessa-Luís[249] define Isidoro como um "inventor de paisagens":

> *(...) Jaime Isidoro, há muito tempo estimado e admirado, por mim e por muita gente boa (que me excede em graças do coração e do entendimento). Jaime Isidoro é um pintor, um personagem e um amigo. Três pessoas e todas completas no seu teor. Não sei se é cidadão ou parente dele. Mas é, com certeza, um inventor de paisagens.*

Neste catálogo, encontram-se textos de vários autores, que seguem em anexo a esta investigação devido ao seu elevado interesse.[250] Estão também reproduzidas diversas cartas, entre as quais uma de Lucie de Sousa Cardoso, datada de 1956; de Vieira da Silva; Arpad Szenes; Almada Negreiros e António Areal.

---

[249] Texto na íntegra em Anexo II Vol. III pp. 206-207.

[250] Textos de Jaime Isidoro, Henrique Silva, Bernardo Pinto de Almeida, Lima de Freitas, José Augusto Seabra, Egito Gonçalves, Corregedor da Fonseca, Edgardo Xavier, Anexo II Vol. III pp. 208-216.

Isidoro fecha este catálogo com um texto sobre "Os Painéis da Boavista", fixado na parede dos antigos STCP[251], e no qual intervieram, a título individual, além do próprio, Fernando Lanhas, Carlos Carreiro, João Dixo, Albuquerque Mendes, Carlos Lança, Ângelo Dona, Pol Gachon, Serge III, estes últimos três de nacionalidade francesa. A este propósito, seguem dois excertos do texto de Jaime Isidoro:

> *(...) Os painéis da Boavista – assim denominados – foram organizados pela Galeria Alvarez no momento mais quente da política nacional, antes das primeiras eleições livres após a revolução de 1974 (...)*

e concluia:

> *(...) A cidade habituou-se às pinturas das paredes com sentido político--panfletário dos variados partidos. A nós perguntavam-nos de que partido éramos. Respondíamos: Somos do partido da cultura. Fica-nos a mágoa de esses murais não terem resistido ao tempo.*

Relacionado com o tema desta Bienal, escultores, arquitetos e paisagistas apresentaram esculturas ambiente, *workshop* de arquitetura e hortas ecológicas. Seguem-se alguns registos fotográficos relacionados com estas atividades.



Figura 269 - Hortas ecológicas e escultura ambiente
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[251] Sociedade de Transportes Colectivos do Porto – STCP.



Figura 270 - Exposição, apresentação propostas "Estratégias grande escala"
do grupo de 30 Arq.s participantes no *workshop*
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 271 - Mesa Redonda sobre Arquitetura – Planeamento urbano
Grupo de 30 Arquitetos participantes no *workshop*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Os pavilhões em lona foram dispostos em retângulo, com uma só entrada, por forma a criar um espaço exterior onde foram colocadas esculturas em exposição e umas hortas biológicas, em sintonia com o tema da Bienal: o entrecruzar entre a Natureza e a Arte.



Figura 272 - Disposição das tendas.
Na imagem escultura "Catedral", de Isabel Cabral e Rodrigo Cabral
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Num panorama diversificado como o que caracterizou esta edição da BIAC, é de destacar a vídeo instalação de Pierrik Sorin (FR), intitulada "Spectacle de qualité", vinda para esta Bienal uns meses depois de estar exposta no Museu Reina Sofia, Madrid. O autor projeta em tempo real a sua imagem dentro de uma banheira ao mesmo tempo que assiste a uma série de *performances* executadas também pelo próprio.

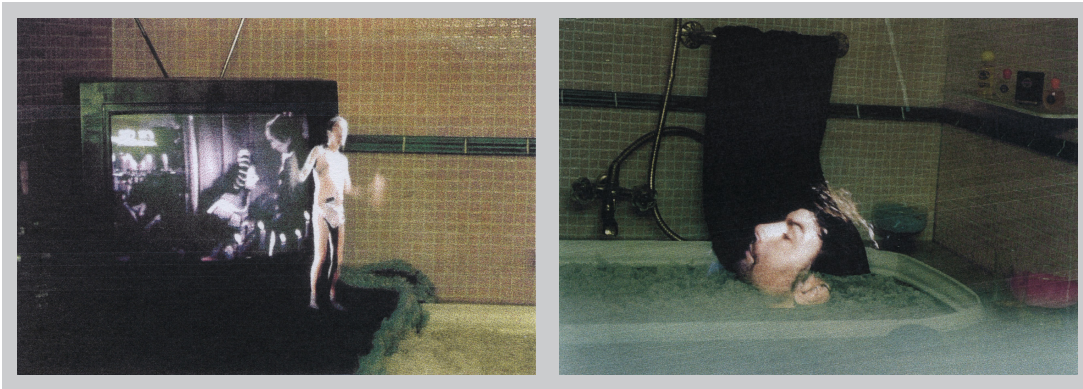


Figura 273 - "Un spectacle de qualité" Holograma – Pierrik Sorin
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A representação do Brasil, "Impressões Itinerantes", país convidado, foi comissariada por Reila Garcie, editora de obra gráfica radicada no Rio de Janeiro, e que apresentou uma coleção de gravuras e serigrafias originais de 15 artistas brasileiros de renome, entre eles: Lygia Pape, Roberto Magalhães e Artur Barrio, este último de origem portuguesa, mas radicado no Brasil há longos anos .

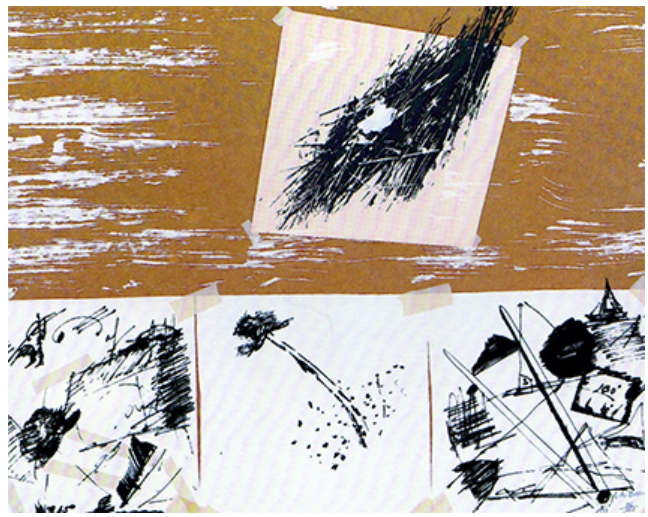


Figura 274 - Serigrafia, colagem – Artur Bárrio (PT)
Curadoria de Reila Garcie
Fonte: Arquivo Henrique Silva

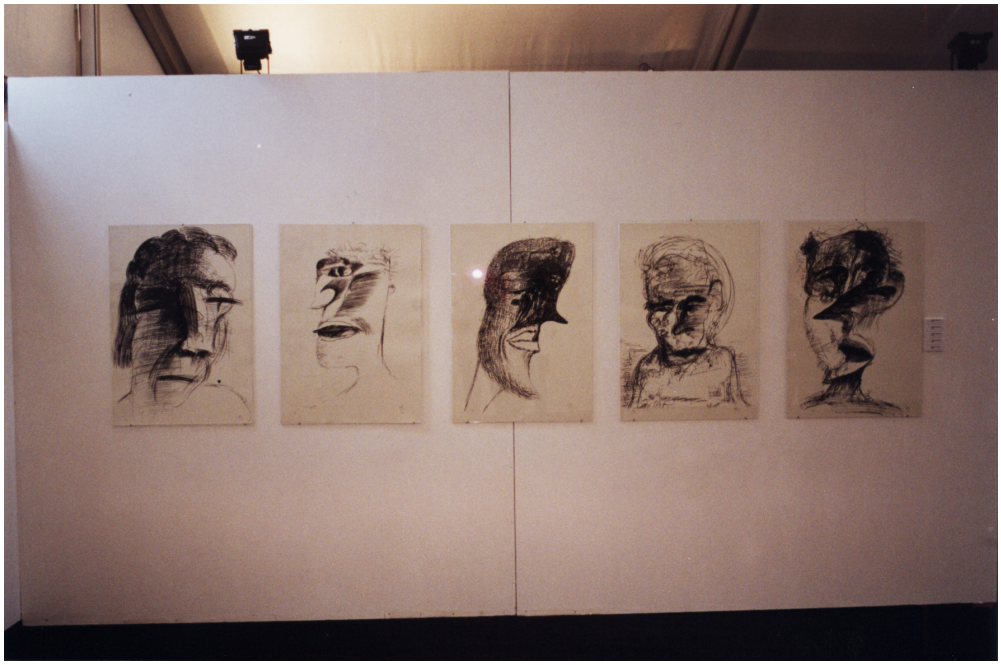


Figura 275 - Serigrafias de Roberto Magalhães (BR)
Curadoria de Reila Garcie
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A Imprensa fez largas referências ao evento como o jornal *24 Horas*, num artigo de Patrícia Guimarães, de 12 de agosto, "*Bienal Minhota festeja 20 anos – Cerveira virada para o ano 2000"*[252] e a revista *Visão*, de 12 de agosto, chama-lhe "*O arco-íris do Minho"*[253], fazendo referência ao autor da expressão, o pintor Francisco Relógio (1926-1997).

Já em 14 de agosto, o *Jornal de Notícias*, num artigo de Carla Teixeira, titulava "*Cruzamento de Culturas em Cerveira – Bienal arranca hoje e rende homenagem ao pintor Jaime Isidoro, seu fundador"*[254] e *La Voz de Galícia*[255], em 18 de agosto, chama a atenção para a participação de cinco galerias galegas.

Inserido na temática desta edição da BIAC, foi apresentado o projeto do Aquamuseu e exposta a respetiva maqueta. Segundo o presidente da Autarquia tratava-se de *"...uma obra que tem a ver não só com a natureza e o ambiente, mas também com questões pedagógicas"* (citação do *Correio da Manhã*[256] de 18 de agosto).

---

[252] Anexo I Vol. III p. 94.

[253] Anexo I Vol. III p. 95.

[254] Anexo I Vol. III p. 96.

[255] Anexo I Vol. III p. 97.

[256] Anexo I Vol. III p. 98.



Figura 276 - Maqueta do futuro Aquamuseu
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Acrescentou ainda, referindo-se à Bienal (e parecendo premonitório):

(...) Um evento que, no entanto, continua a debater-se com uma dificuldade: a falta de um espaço físico que possa acolher convenientemente todos os trabalhos. A autarquia cerveirense, contudo, já tem em mãos um projecto, praticamente terminado, com vista à concretização do Centro de Artes e da Bienal.

Prosseguindo a filosofia das Bienais anteriores, durante os primeiros quinze dias do evento, os artistas e o público puderam usufruir de *ateliers* livres, participar em colóquios, debates, seminários, intervenções, espetáculos de música, *performance* e serviços educativos direcionados sobretudo para os *ateliers* e as visitas guiadas.

No quadro que segue, mencionam-se, em detalhe, essas ações, das quais se incluem imagens que existem em arquivo.

Quadro nº 52

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Ações Baviera / BMW	*Art-Baby Racer* (Alexandre Baptista, Cláudia Amandi, Cristina Valadas, Débora Pereira, Isabel Padrão, Jaime Baptista, Luís Melo, Márcia Luças, Nazaré Alvares, Sílvia Carreira, Teresa Gil) Pintura Monumental (Acácio de Carvalho, Adriano Mesquita, Ana Cristina Leite, Augusto Canedo, Francisco Trabulo, Henrique do Vale, Jaime Isidoro, Miguel D´Alte, Rui Aguiar, Sobral Centeno) Escultura Ambiente (Carlos Barreira, Carlos Marques, Isabel Cabral / Rodrigo Cabral, Pedro Leão)

Ateliers	Arte Eletrónica / Orientação: Mário Moutinho Convidado: Pierrick Sorin Participação: Pedro Machado, Miguel Estima, Colectivo da FDTI (Pedro, Conceição, Maria João, Albertina), Zé Paulo, Tiago Morgado, Joaquim Pereira, Luís Calau, Sílvia Rocha, Marco Oliveira, Francisco Lança, Nuno Antunes / Manuel Orga, Pedro M. Gonçalves Coelho do Amaral, A. Rodrigo Canhão, Ana Mª da Silva Barros Quintas, Mª Raquel Canedo de Sousa Morais, Juan Ramon Guimenez *Atelier* de Escultura / Compósitos (Resinas, Polímeros) Colaboração e Apoio Técnico: INEGI – Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial – Eng.º António Nicolau e Eng. António Torres Marques / Comissário: Álvaro Queirós Convidados: Albano Martins, Alice Prata, Alice Tavares, Álvaro Queirós, Carlos Dias, Isaque Pinheiro, José Maria Calisto, Marta Lima, Pedro Leão, Rui Ferro, Pedro Pires, Albert Casañe, Matilde Grau *Atelier* de Gravura / Orientação: Dacos Convidados: Ana Michaela Adams, Anick Dubisy, Luigi, Mari Takino, Marta Mabel, Michel Barzin, Paz de la Calzada *Atelier* de Crianças / Orientação: Dalila D´Alte
Colóquios	Colóquio sobre Arquitetura – Apresentação de propostas pelo grupo de trabalho do seminário Estratégias de grande escala Colóquio sobre a Bienal de Cerveira – Debate sobre o conteúdo da X Bienal e perspectivas para as próximas Bienais Orientação: Eurico Gonçalves, Crítico de Arte
Debates	Debate sobre Arquitetura Metodologias e tecnologias – Planeamento Urbano Mesa Redonda sobre Arquitetura – Apresentação das conclusões dos debates anteriores
Espaços Exteriores	Escultura Ambiente Hortas Ecológicas
Instalações	Bosco Caride – Instalação – Colagem de Rua Catarina Campino – Instalação de Vídeo Blind Fate João Sotero – Instalação de Escultura Juan Ramon Gimenez – Vagar por un proyecto escultorico Karl Von Grafenstein – Black crown Luis Pera / Monserrat López – Casa Meva/Casa Teva Maria Manuela Lopes – Vídeo Still Mês Eternidade II Maria Manuela Lopes - Instalação fotográfica em Vila Nova de Cerveira (São colocadas fotografias em diversos pontos da Vila estando assinalados num mapa, que será entregue aos visitantes da Bienal. Ao chegarem aos diversos sítios, os visitantes, encontrarão um placard com uma foto desse mesmo local num tempo passado e remoto) Marta Mabel – Jardim Urbano – Instalação fotográfica que pretende consciencializar as pessoas para a importância de integrar a natureza e a arquitetura. Miguel Duarte – Buga.; Nuno da Silva – Reflexão #1 Teresa Correia Martins – Heart Beat.Tiago Morgado – Vídeo eólico Estado do Vento Instalação de Maria Marcelina – Pavilhão Multiusos
Intervenções/ *Performance Art*	"Expresso Oriente - Uma Babel Eólica… à procura de um sorriso de fim de Século" – (A estrutura representa um engenho eólico para elevação de água) Elementos: Fernando Galrrito, Paulo Raposo, Marília Figueiredo, Sandra Machado, Rui Viana Pedro Pires – "Pegadas na Calçada" (As pegadas cravadas na pedra serão como um fóssil e simbolizarão a passagem do Homem pela terra e a sua ligação à Natureza, da qual faz parte. Por um lado, é óbvio que o Homem não existe há tempo suficiente para deixar uma marca tão forte numa pedra, mas, em cada um de nós, há uma marca genética que provém da nossa evolução, que começou no ser mais simples, há milhões de anos. Na pedra, o Homem irá fazer parte da Natureza "passiva". Passiva porque a pedra não pode fazer nada em relação ao que nós podemos fazer pelo Ambiente, pela Natureza e por nós…

Música	Trio de Carlos de Azevedo – Piano, Contrabaixo e Bateria – Carlos Azevedo, pianista e compositor, tem-se distinguido como um virtuoso do Jazz, apresentando-se frequentemente com diversas formações em festivais de Jazz nacionais e internacionais. A sua atividade reparte-se pela *performance* em diversas formações, pela gravação de CD, pela composição e pelo ensino, sendo professor na Escola Superior de Música do Porto Orquestra de Jazz de Matosinhos – Constituída por 18 elementos, esta orquestra pretende dar a conhecer e desenvolver o rico repertório especialmente norte-americano para esta formação. Atuou já em diversos Festivais Nacionais, preparando-se para uma carreira internacional TRIO LOV – Elementos: Pedro Couto Soares (flauta); Jed Barahal (violoncelo); Francisco Monteiro (piano); Astor Piazzola – Grande Tango (violoncelo e piano); Jorge Peixinho – LOV II (flauta, violoncelo, piano, percussão e fita magnética); Carlos Azevedo – Intermezzo (flauta, violoncelo e piano); Heitor Villa-Lobos – Assobio a Jacto (flauta e violoncelo); George Crumb – Vox Balaenae (flauta, violoncelo e piano amplificados) AL´VESH RHYTHM MACHINE – Inclui os temas do CD MENSAGEM e arranjos de temas de "Fusão" de Miles Davis, John Coltrane, John McLouglin, John Scofield, etc., ambientes com percussões, vozes e efeitos especiais de som Quarteto de Jazz FeeFiFoFum – O quarteto "FeeFiFoFum" baseia o seu repertório no Latinjazz, como uma acentuada influência dos ritmos brasileiros, nomeadamente de Sérgio Mendes, Edu Lobo, Luís Bonfá, evidenciando o swing dos Jazzstandards com arranjos próprios de Kenny Barron, Mal Waldron, Horace Silver, entre outros Grupo luso alemão constituído por: Carla Furtado (voz); Michael Kotzian (piano); Ricardo Cruz (contrabaixo); Carlos Vieira (bateria) Grupo de Capoeira de Lagoa de Saldanha MILLADOIRO – Sons da História Sons da História – Orquestra de Câmara da Universidade de Vigo Maestro Vitorino D´Almeida - Uma política cultural autêntica e eficaz só se concretiza quando aos elementos *qualidade e quantidade* se acrescenta ainda o factor *continuidade* – pois de boas intenções prematuramente interrompidas está o nosso país cheio… A Bienal de Cerveira é efetivamente uma exceção exemplar na cultura portuguesa, pois é presente, aponta para o futuro e conta com um passado que já é História. Vitorino D´Almeida Calentura – Calentura é um projeto de realização musical. Referências sonoras pessoalizadas e intuitivas, combinadas em grupo numa interação de elementos e ambientes de carácter e proveniência própria, resultam em criaçõesde formato canção e bandas sonoras de texturas, cores, ritmos; em formas minimais, expressionistas e outras
Performance Art	Alternativa 1 - Earth – O objetivo das intervenções é a sensibilização de um público largo para questões emergentes como Paz, Ecologia, Direitos Humanos, Feminismo entre outros Elementos: Birgitta Jonsdottir (Irlanda), Anne Brown (Inglaterra), Emília Lopes, Graça Martins, Anabela Lacerda, TT, Carlos Clara Gomes (Portugal), Oleg Teg Martirosod (Azerbeijão), Ron Whitehead (Kentuky/Irlanda), Wilfred Hildonen (Finlândia), Vasco Accioli (Brasil). NOTA: *Performance* não realizada dado o encerramento prematuro da Bienal João Bragança - Fotografia / Heliografia (Pretende-se sensibilizar o público para a sua responsabilização na transformação criativa da qualidade do meio em que estão inseridos. Mais do que apresentar um produto acabado, pretende-se implicar ativamente o público na construção da obra fazendo de cada um, um produto / fruidor de arte) Miguel Rondon – *Performance* – *Performance* baseada em Italo Calvino "Propostas para o próximo Milénio". (Tapete, mesa, banco, candeeiro, 2 blusões de fato de treino, óculos, livro, areia, cinzeiro, folha de papel vegetal, isqueiro, maço de tabaco). NOTA: *Performance* não realizada dadas as exigências de última hora do artista, as quais a organização não pode assumir. Paz De La Calzada "Como es arriba es abajo" Vítor Joaquim – "wORLD PATERNS" - Música – wORLD PATERNS um espaço ocupado… entrando nele, jogando e interferindo com os elementos alguém gera sons e processa o resultado mudando o ambiente por regeneração, amplificando, desafinando, modulando, atrasando, somando, mascarando som, ampliando a perspetiva através de imagens em movimento de nós e dos outros, lentamente, rapidamente,através, durante e acima de tudo, tocando, movendo, transformando o que pode ser transformado, norte, sul, este e oeste *Performance* "A Cerimónia do Elefante Dourado" – Recorrendo a estímulos visuais (projeções), luzes e sons (criando, por vezes, sensações cinestésicas) jogando estas com a presença do espetador que, para além de estar inserido na própria obra, é convidado desde o início a interagir com o próprio esquema performativo montado

Projetos	Aquamuseu do Rio Minho "*Houve um tempo em que o rio foi compartilhado por aqueles que enfrentavam o perigo, que entendiam cada maré, que sabiam escutar cada vento, que conheciam a linguagem da lua. Hoje, a necessidade de entender o pensamento de outrora, obriga-nos a manter o rio vivo. Haverá um tempo em que este rio, com a nostalgia das memórias guardadas, levará a sabedoria a um povo dando-lhe a conhecer cada maré, os sons que o vento tem e que língua fala a lua.*" Equipa técnica: Graça Reis (Arq.); Carlos Antunes (Biólogo); Vítor Araújo (Eng.º Civil); João Nina (Eng.º. Electrónico) Consultores: Mike Weber (Biólogo); Honório Rodrigues (Pintor) Seminário/ *workshop* de Vila Nova de Cerveira - arquitetura e urbanismo - arte – natureza - ambiente - propostas para o novo milénio Projeto: "espaço arquitetura" na Bienal. Manipulação gráfica para produção de material de exposição, catálogo, ensaio da base cartográfica de um sistema de informação geográfica como matéria de estudo e intervenção multidisciplinar. Organização: PROJETO , Arq. Pedro Leão e Arq. Luís Calau. Arte Eletrónica: Pierrick Sorin - Un spectacle de qualité Arte Eletrónica: Maciel Estima – "*A arte antiga e a arte sacra estão muito desprotegidas. Este trabalho deseja mostrar uma fusão entre o verde Minho e a arte. Uma arte sob o impacto dos meios audiovisuais. Uma arte viva! Uma arte diferente!*" Maciel Estima Cinema de Animação: Abi Feijó - Fado Lusitano Fortificações Portuguesas no Brasil
Seminários	Seminário de Arquitetura / Passeio pelo Rio Minho
Visitas Guiadas	Edgardo Xavier Eurico Gonçalves Fátima Lambert

13.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Apresentam-se de seguida registos fotográficos das diversas atividades desenvolvidas.

Ações Baviera/BMW

Art-Baby Racer



Figura 277 - *Art-Baby Racer*[257] – Casa do Turismo/ Ação Baviera/BMW
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[257] Esta ação Baviera/BMW *Art-Baby Racer* foi para o Museu do patrocinador.

Pintura Monumental



Figura 278 - Ação Pintura Monumental[258]/Ação Baviera/BMW
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Escultura Ambiente

As esculturas foram realizadas por Isabel Cabral/Rodrigo Cabral, “Catedral”; Carlos Marques, “Por cada árvore interrompida, uma floresta”; Carlos Barreira, “Energia Repartida; Pedro Resende Leão, ”bauhaushartwig@v2k”, especificamente para esta Bienal, com o patrocínio da Baviera/BMW e encontram-se espalhadas por Vila Nova de Cerveira.

[258] As telas 4x2 m patrocinadas, também, pela Baviera/BMW ficaram no espólio da Bienal.



Figura 279 - ”Catedral”, “Por cada árvore interrompida o crescimento de uma floresta” “Energia Repartida”, “bauhaushartwig@v2k” [259]/ Ação Baviera/BMW
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier Arte Eletrónica



Figura 280 - *Atelier* Arte Eletrónica – Galeria Projecto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[259] Autores: “Catedral” - Isabel Cabral/Rodrigo Cabral; “Por cada árvore interrompida, uma floresta” - Carlos Marques; “Energia Repartida” - Carlos Barreira e ”bauhaushartwig@v2k” - Pedro Resende Leão.

Atelier Escultura[260]/ Compósitos[261]



Figura 281 - *Atelier* Resinas / Compósitos – Antigo Mercado do peixe
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Gravura-Cerâmica

Este *atelier* funcionou nas instalações da antiga Escola Profissional de Ofícios Artísticos - EPOA, tendo como orientador o gravador belga DACOS e cuja proposta que apresentou aos participantes consistia em fazerem azulejos em pasta cerâmica, nos quais seriam impressas imagens por meio de transporte serigráfico. Estes azulejos foram colocados numa forma paralelepipedal, resultando numa escultura que se encontra no Parque de Merendas, da freguesia de Gondar, com o apoio financeiro da PNDC.

[260] Orientado por Álvaro Queirós.

[261] Com a colaboração do INEGI – Instituto de Ciência e Inovação e Mecânica e Engenharia Industrial-UP.



Figura 282 - Gravura em pasta cerâmica e escultura colocada no Parque de Merendas, em Gondar
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Pintura



Figura 283 - *Atelier* de pintura – Miguel D'Alte e Jaime Isidoro
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Crianças



Figura 284 - *Atelier* de Crianças orientado por Dalila D'Alte
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Colóquios/Debates



Figura 285 - Debate sobre a Bienal de Cerveira, moderado por Eurico Gonçalves
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Instalações/Intervenções

Segundo Paz de la Calzada,

(...) A poética surge do inesperado, do diálogo que há realmente entre o céu e a terra (ying-yang, masculino-feminino, sublunar-supralunar), questionando estas dualidades, e partindo do pressuposto que só existe um movimento, que como é em cima é em baixo, e que não há bater de uma folha que não esteja em sintonia com o fluir de uma nuvem.[262]

[262] In Programa da X BIENAL p.3. Anexo II Vol. III pp. 217-220.



Figura 286 - "Como es arriba, es abajo" de Paz de la Calzada – Lavadouro público
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Nas instalações expostas no edifício dos bombeiros municipais, participaram Augusto Canedo, Daniela Steele, Margarida Leão, Jaime Isidoro, Pedro Oliver, Xurxo Oro Claro, Mavi Escamilla, Carmen Berenger, Seara, Raquel Gralheiro, Catarina Machado.



Figura 287 - Pormenores de instalações no salão dos Bombeiros Municipais
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 288 - Algumas instalações no salão dos Bombeiros Municipais
Projeto de Augusto Canedo - realização do Grupo Por Amor à Arte
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Pretendendo consciencializar as pessoas para a importância de integrar a natureza na arquitetura, Marta Mabel apresentou "jardim urbano", com colagem de flores impressas pelas ruas da vila.



Figura 289 - "Jardim urbano" – Marta Babel
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Tendo sido colocadas fotografias em diversos pontos da vila, os quais se encontravam assinalados num mapa entregue aos visitantes da Bienal, estes encontravam um *placard* com uma fotografia desse mesmo local num tempo passado e remoto.



Figura 290 - Fotografias de Rua – Manuela Lopes
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Maria Marcelina, adepta da preservação do ambiente, concebeu uma intervenção constituída pela acumulação de objetos de plástico, tais como garrafões e garrafas de água e outros objetos recolhidos por ela.



Figura 291 - Intervenção de Maria Marcelina – pavilhão multiusos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Música

O espetáculo AL'VESH RHYTHM MACHINE que incluiu temas do CD "Mensagem" e arranjos de temas de Miles Davis, John Coltrane, John McLauglin, John Scofield, decorreu em ambientes com percussões, vozes e efeitos especiais de som.



Figura 292 - AL'VESH RHYTHM MACHINE – Pavilhão multiusos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O grupo Calentura fez referências sonoras pessoalizadas e intuitivas, numa interação de elementos e ambientes de carácter de proveniência própria que resultam em criações de formato canção e bandas sonoras.



Figura 293 - Grupo Calentura – Pavilhão multiusos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O grupo Capoeira fez várias intervenções no espaço público e a seguir transcreve-se uma breve descrição sobre essa dança.

> *(...) A Capoeira é uma luta disfarçada em dança que foi criada no Brasil por um grupo de escravos Bantos de origem africana que, assim se fizeram respeitar pelos mais fortes. Devido ao seu uso indevido, a Capoeira foi marginalizada e perseguida pelas forças da ordem, mas, com o passar dos anos, ela voltou de novo à sociedade.*[263]



Figura 294 - Grupo Capoeira de Lagoa de Saldanha – frente ao Solar dos Castros
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Presença habitual nas edições da BIAC, o maestro Vitorino D'Almeida deu um concerto com temas improvisados.



Figura 295 - Concerto Maestro Vitorino D'Almeida – Pavilhão multiusos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[263] In Programa X BIAC, p.3 - Anexo II Vol. III pp. 217-220.

Constituída por 18 elementos, a Orquestra de Jazz de Matosinhos apresentou um repertório norte-americano para esta formação. Tendo atuado já em diversos festivais nacionais, preparava-se para uma carreira a nível internacional.



Figura 296 - Orquestra de Jazz de Matosinhos – Pavilhão multiusos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O quarteto FeeFiFoFum baseava o seu repertório no Latinjazz, com uma acentuada influência dos ritmos brasileiros, nomeadamente de Sérgio Mendes, Edu Lobo, Luís Bonfá, evidenciando o *swing* dos Jazzstandards com arranjos próprios de Kenny Barron, Mal Waldron, Horace Silver, entre outros.



Figura 297 - Quarteto de Jazz FeeFIFoFum – pavilhão multiusos
Carla Furtado, Michael Kotzian, Ricardo Cruz e Carlos Vieira
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Carlos Azevedo, pianista e compositor, um *virtuose* do Jazz, apresentava-se frequentemente com diversas formações, em festivais de Jazz nacionais e internacionais. A sua atividade repartia-se pela *performance* em diversas formações, pela gravação de CD, pela composição e pelo ensino, sendo professor na Escola Superior de Música do Porto.



Figura 298 - Trio Carlos Azevedo – Pavilhão multiusos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O Grupo LOV (flauta – Pedro Couto Soares, Carlos Alves – clarinete, violoncelo – Jed Barahal, piano – Francisco Monteiro) apresentava-se frequentemente em duos, trios e quartetos, ou ainda integrado no grupo Oficina Música LOV – o título de uma obra do compositor Jorge Peixinho. Dedicava-se em especial à música contemporânea e à música portuguesa, tendo realizado concertos em Portugal, Alemanha e Itália, assim como em festivais de música contemporânea (Gulbenkian, Essen). Os seus membros integram diversas formações (Orquestra Nacional de Porto, Segréis de Lisboa, Música Nova) e apresentavam-se frequentemente como solistas.



Figura 299 - Trio LOV – Pavilhão multiusos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Performance Art

O conceito de wORLD PATERNS consiste em criar um ambiente sonoro e visual com objetos reciclados e gravações locais que funcionem simultaneamente com geradores de som e, de alguma maneira, enquanto representação de padrões do habitat humano.



Figura 300 - Vítor Joaquim – wORLD PATTERNS – Música
Fonte: Arquivo Henrique Silva

João Bragança pretendeu sensibilizar o público para a sua responsabilização na transformação criativa de qualidade do meio em que estão inseridos.



Figura 301 - João Bragança – Fotografia / Heliografia
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Em "A Cerimónia do Elefante Dourado", Alexandre Costa e Jorge Santos recorrendo a estímulos visuais através de projeções e a luzes e sons, convidaram o público a interagir com o esquema performativo por eles montado.



Figura 302 - "A Cerimónia do Elefante Dourado"
Alexandre Costa e Jorge Santos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A Escola Superior Gallaecia fez-se representar através de uma exposição documental a propósito do livro *Fortificações Portuguesas no Brasil*, organizada pelo Arq. Rosado Correia (1936-2002).



Figura 303 - Representação da Escola Superior Gallaecia
Fonte: Arquivo Henrique Silva

No catálogo desta Bienal, é publicado um texto[264] da autoria do Professor Arquiteto Augusto Pereira Brandão, retirado do livro *Fortificações Portuguesas no Brasil*, edição do Centro de Estudos Lusófonos da Fundação Convento da Orada, em que refere:

> *(...) O interesse pelo Património Português no Mundo é um fenómeno cultural que tem poucos anos de existência. Durante muitos séculos e até à independência das ex-colónias, de estados, foram poucos os que olhavam para aqueles velhos baluartes, seteiras e estátuas como um património a estudar e a meditar.*

[264] In Catálogo Geral X Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira, p. 103.

Visitas Guiadas



Figura 304 - Visita guiada por Fátima Lambert no pavilhão central
Escultura de Sofia Barreira
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 305 - Visita guiada por Eurico Gonçalves – Pavilhão das Galerias
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 306 – Programa para distribuição gratuita aos visitantes
Fonte: Arquivo Henrique Silva

13.6 DADOS ESTATÍSTICOS

Verifica-se, em relação à Bienal anterior, um aumento de 93% no número de países representados e de 19,8% no número de artistas estrangeiros, mas um decréscimo de 2,9% nos artistas nacionais.

Gráfico 16

PARTICIPANTES/PAÍSES

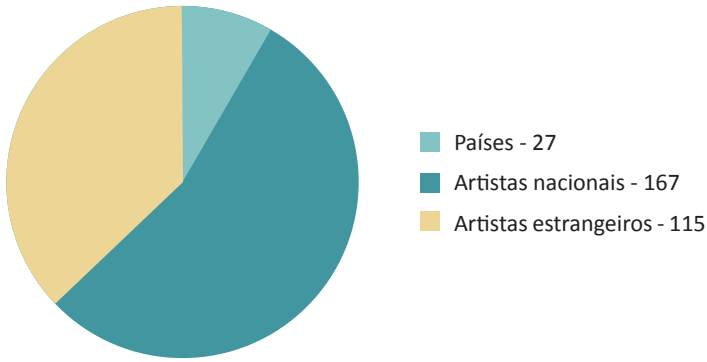


Figura 307 - Países e artistas participantes
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Os Gráfico 17 e 18 apresentam dados relativos a refeições e alojamentos (casas particulares e hotéis) do grupo de arquitetos, artistas, convidados e pessoal de montagem e desmontagem. As refeições foram distribuídas pelo restaurante LAU (para o *Workshop* de Arquitetura que se realizou antes da abertura da Bienal e pessoal de montagem, de 1 a 13 de agosto e desmontagem, de 1 a 15 setembro) e pelo bar/cantina da Bienal que funcionou de 14 a 31 de agosto.

Gráfico 17

REFEIÇÕES

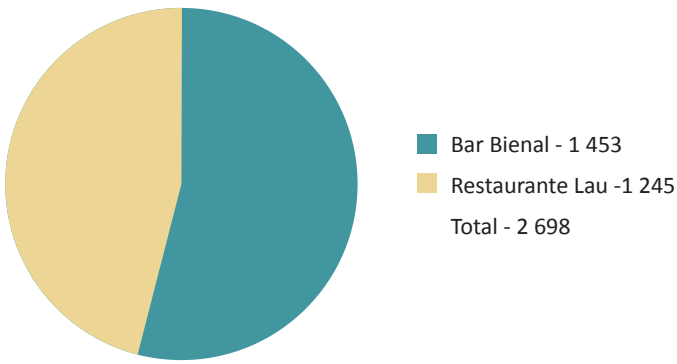


Figura 308 - Refeições distribuídas na X BIAC

Gráfico 18

ALOJAMENTOS

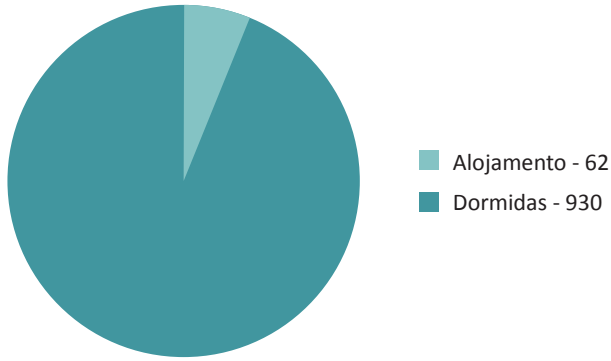


Figura 309 - Alojamentos durante a X BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O Gráfico 19 refere o número de visitantes aos espaços das exposições, num total de 23.565, em períodos diferentes.

Gráfico 19

VISITANTES

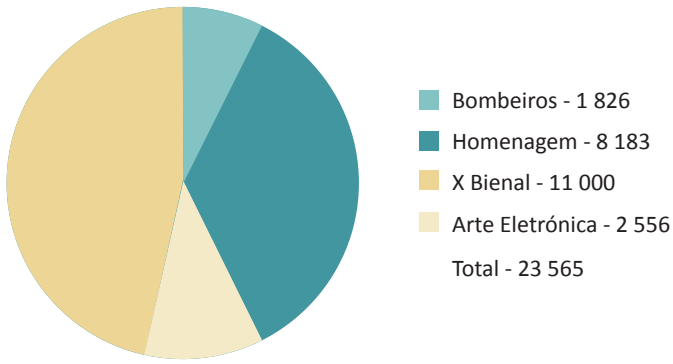


Figura 310 - Número de visitantes na X BIAC

Verifica-se um aumento do número de visitantes em relação à IX BIAC, na ordem dos 26,1%.

Esta edição contou com a participação financeira das entidades que se referem de seguida:

Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira – 17%
Fundação Calouste Gulbenkian – 0,7%
Governo Civil – 0,4%
IAC – 10%
IPJ (Subsidio à Arte Eletrónica) – 0,7%
LEADER (Subsídio ao Catálogo) – 6%
PRONOTRTE (Subsídio á Arquitetura) – 9%
Empresas e Instituições Privadas – 50,2%
Recitas Próprias - 6%

13.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Dos cinco espaços disponíveis para exposições/atividades desta Bienal, após o encerramento prematuro a 1 de setembro, apenas ficaram abertos ao público até 12 de setembro o Solar dos Castros, com a exposição de homenagem a Jaime Isidoro, e a *Art-Baby Racer*, na Casa do Turismo. Tal se deveu a que todas as obras expostas no pavilhão central e no multiusos foram recolhidas para o salão dos Bombeiros e para o edifício por cima do mercado municipal, onde estava a mostra de Arte Eletrónica, entretanto desmontada.

Localização das exposições e intervenções em Vila Nova de Cerveira.

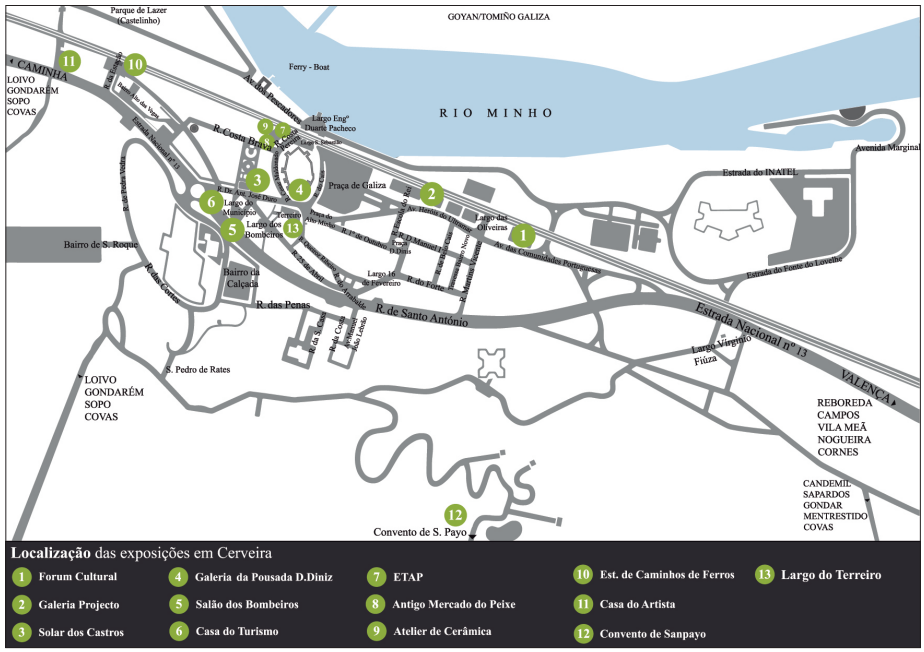


Figura 311 - Mapa dos locais da exposição da X BIAC

13.8 FLAGRANTES DA BIENAL

O conjunto de imagens resulta de uma seleção da autora e representa momentos ocasionais registados.



Figura 312 - Flagrantes de uma Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

13.9 SÍNTESE PARCIAL

Das Bienais anteriores organizadas pela PNDC geraram-se controvérsias (que se referiram no item PREPARAÇÃO) e que levaram a organização desta Bienal a solicitar a várias personalidades o seu testemunho, no sentido de recolher dados, reunir opiniões e extrair perspetivas para orientar as Bienais seguintes. Controvérsias que de certo modo comprometeriam a organização.

No relatório final desta Bienal, elaborado em novembro do mesmo ano, Henrique Silva faz menção à forma como foi planeada a Bienal e as fases por que passou. Na primeira fase, com os associados da PNDC, foi estabelecido o objetivo a atingir, a definição das condições físicas disponíveis e uma estratégia para angariação de fundos. Na segunda fase, com os seus colaboradores, negociou-se a contratação de comissários para cada área que, segundo afirma Henrique Silva, são o maior flagelo destas iniciativas por, muitas vezes, não cumprirem com o acordado. Numa terceira fase, foi acordado entrar em contacto com eventuais patrocinadores, tendo em conta contrapartidas a oferecer. Destacou, finalmente, o facto de a Câmara Municipal ter respeitado os compromissos assumidos.

A morte inesperada de Guy Wellen e o fenómeno natural do tufão ensombraram esta edição, apesar de este episódio ter provocado a aceleração do processo há muito reclamado para que a Bienal tivesse um edifício próprio.

Pela primeira vez, foi atribuído um prémio dedicado à Arte Eletrónica, como era designada nessa altura, e foi lançado aos artistas um tema catalisador: *Arte – Natureza – Ambiente.*

Mais uma vez foram galardoados artistas estrangeiros, nomeadamente Inez Wijnhorst, Renée Gagnon e Din Matamoro.

Vila Nova de Cerveira
18 de agosto a 15 de setembro de 2001

14.0

XI BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

14.0 XI BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

Vila Nova de Cerveira

18 de agosto a 15 de setembro de 2001



Figura 313 - Capa do Catálogo
Design *Atelier* RuiCunha
Fonte: Arquivo Henrique Silva

14.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Dedicada à "Arte, Ciência e Tecnologia", esta XI Bienal de Cerveira teve uma representação muito diversificada, desde a presença do Museu da Física da Universidade de Coimbra ao grupo uTUTU/eARTH, com artistas vindos do Japão e de outros países e com a introdução de um sistema de videoconferência em ligação direta com S. Francisco permitindo sincronizar as ações em simultâneo dos dois lados dos continentes.

Esta foi também a primeira Bienal a beneficiar do novo espaço físico de mais de 2.000 metros quadrados, restaurado a partir dos antigos armazéns camarários, e que permitiram, a partir dessa data continuar a realizar atividades durante todo o ano e todos os anos. O projeto de remodelação foi da autoria do Arq.Pedro Resende Leão, a expensas da PNDC. A firma Salvador Caetano patrocinou, por sua vez, a instalação de uma estrutura em ferro colocada no primeiro pavilhão, permitindo criar um piso superior.



Figura 314 - Pormenor da fachada do Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Foi também, graças aos esforços do Arq.Pedro Resende Leão, que a empresa FRISOMAT forneceu, a preços reduzidos, estruturas metálicas industriais para a criação de mais dois pavilhões, um destinado à receção, exposições e outro a espetáculos e conferências, *ateliers*, bar, cantina. A inauguração do novo pavilhão, que se passou a chamar "Fórum Cultural de Cerveira", foi amplamente noticiada na imprensa nacional, como escreve Maria José Oliveira no jornal *Público*, de 9 de agosto "*Nova casa acolhe Bienal de Cerveira – Tendas dão lugar a Fórum Cultural*"[265].

[265] Anexo I Vol. III p. 100.

Num artigo do Jornal *Correio de Cerveira*, de 16 de agosto pp. 20-21, intitulado *"Associação Projecto e Henrique Silva"*[266], referindo o jornalista "os pavilhões desmontáveis e as desgraças conhecidas", Henrique Silva respondeu:

> (...) *bem abençoado vendaval. Foi o que permitiu forçar a situação e criar realmente uma estrutura física. Claro que a situação das carpas criava muito más condições para os objetos expostos (...)*

justificando que, só assim, foi possível trazer uma exposição do Museu de Física da Universidade de Coimbra que integrava uma vasta coleção de máquinas dos sécs. XVIII e XIX, de muito valor histórico, científico e tecnológico, o que obrigou a que fosse instalado, no recinto, um termo-higrómetro.

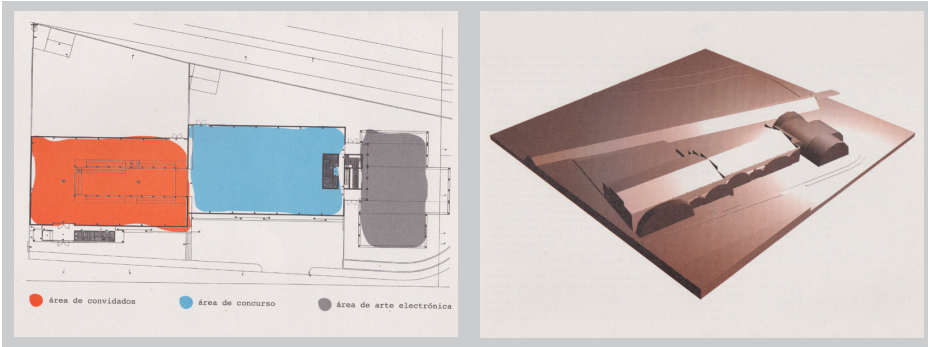


Figura 315 - Croquis do novo espaço, publicado na brochura do regulamento do Concurso
Fonte: Arquivo Henrique Silva

14.2 PREPARAÇÃO

Graças ao novo espaço, foi possível, pela primeira vez desde que a PNDC em 1995 organizou as Bienais, preparar e montar atempadamente todas as secções, e conseguir que entidades anuíssem ao convite para integrarem a XI BIAC, como por exemplo, o Museu de Física da Universidade de Coimbra ou o Grupo de Arquitetos Designers & Alessi.

Também a Casa do Artista permitiu albergar artistas, convidados e *ateliers*, tendo estado prevista também para lá, uma exposição de Augusto Alves da Silva, por intermédio do CPF[267] , mas que acabou por não se verificar, uma vez que o autor

[266] Anexo I Vol. III p. 100.

[267] Centro Português de Fotografia.

desistiu uma semana antes da inauguração da Bienal, embora figure na catálogo desta BIAC a sua participação (pp. 40-41).

O *Jornal de Notícias*[268], em 12 de fevereiro noticiava já: "Desafiar os criadores para a ciência na Arte – XI Bienal de Cerveira lança rapto aos artistas e homenageia Artur Bual ..." e prossegue:

> *(...) A aposta da Bienal de Cerveira na ciência e nas novas tecnologias deve-se, de acordo com Henrique Silva, às novas formas plásticas que apontam para um desenvolvimento científico nestas áreas, por isso é importante cada vez mais fazer-se a ponte entre os artistas, os técnicos e os cientistas.*

O jornal *Comercio do Porto*[269] noticiava também, dia 23 de julho, no artigo assinado por Carla Sofia Martins, intitulado *" Um retiro para artistas no coração do Minho"*, a abertura da Casa do Artista no antigo matadouro da vila, com quatro quartos e oficinas de trabalho.

O *Primeiro de Janeiro*[270] também noticiava, em 1 de agosto: *"Casa do Artista Abre Portas – fitas serão cortadas dia 18 pelo Ministro Mariano Gago".*

A 3 de agosto, o jornal *Vida Económica,* no artigo não assinado, titula: *"21 anos depois da primeira edição – Arte, Tecnologia e Ciência, aliam-se na Bienal de Cerveira*".[271]

As palavras de Henrique Silva na entrevista nº10 sintetizam as mudanças verificadas na BIAC:

> *(..) E foi construído depois também o pavilhão. Foi na XI, porque entretanto, havia aquele espaço que estava disponível, as oficinas saíram de lá, o Carpinteira queria deitar aquilo tudo abaixo e fazer terrenos de construção. Mas depois, tivemos uma conversa com ele e conseguimos que ele não deitasse abaixo e recuperasse para se criar um Fórum Cultural. Que é o que está lá hoje. Com um projeto do Arq. Pedro Leão. Foi remodelado, com algumas empresas que também participaram. Construiu o resto do pavilhão em metal. Houve realmente uma grande colaboração. Havia um espírito colaborativo grande, e não era um mercantilista, ainda (...) Era muito aberto e muito cooperante.*

---

[268] Anexo I Vol. III p. 101.

[269] Anexo I Vol. III p. 102.

[270] Anexo I Vol. III p. 103.

[271] Anexo I Vol. III p. 104.

14.3 ORGANIZAÇÃO

Na mesma linha do histórico da Bienal anterior, apresentam-se dois quadros, o primeiro referente à estrutura geral e o segundo onde estão elencados os locais por onde a Bienal se expandiu na vila e respetivas atividades.

Neste item, refere-se a estrutura organizativa desta BIAC, assim como a distribuição das exposições pelos locais, inauguração, homenagens e atribuição de prémios.

Quadro nº 53

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[272]

ORGANIZAÇÃO	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
PNDC	Henrique Silva	Maria Caldeira Paula Carreira	*Atelier* Rui Cunha	José M. Vaz Carpinteira (Prefácio) Henrique Silva (Prefácio) Jaime Isidoro (Homenagem a Artur Bual) Quirino Teixeira (Homenagem a Artur Bual) Armando Ponce de Leão Policarpo (Museu de Física) Arq. Designers Alessi Jacinto Rodrigues (A Conspiração solar do Padre Himalaia) Adriano Ramos Pinto (Arte Publicitária) Fátima Ponte (Puti Club)	Artur Bual

[272] Listagem completa em Apêndice XII Vol. III pp. 357-366.

O Quadro nº 54 representa a distribuição das diferentes atividades pelos espaços expositivos.

Quadro nº 54

DISTRIBUIÇÃO DAS EXPOSIÇÕES EM DIVERSOS ESPAÇOS

LOCAIS DA XI BIAC	CONTEÚDOS / ATIVIDADES
Fórum Cultural	Convidados / Concurso / arte eletrónica /*Ateliers* livres/Cantina / Espetáculos / Conferências / Mesa redonda/ Convívio
Escola Etap	*Atelier* de Compósitos, Serigrafia, Gravura
Galeria Pousada D. Dinis	Exposição – Instituto Padre Himalaya
Casa do Turismo	Instalação Águas do Minho e Lima
Galeria Projecto	Homenagem a Artur Bual
Mercado do Peixe	*Atelier* cerâmica
Estação Caminho de Ferro	Instalação "Europa2" – João Baeta e Sílvia Carreira
Salão dos Bombeiros	Instalações de Concurso e de Convidados
Casa do Artista	*Atelier* de Escultura / Residência de Artistas
Convento de S. Paio	Projeto Padre Himalaya

Mariano Gago (1948-2015), Ministro da Ciência e Tecnologia, presidiu à inauguração, acompanhado de José Conde Rodrigues, Secretário de Estado da Cultura e Gestor do Programa Operacional da Cultura (Fundos QCA[273] III).

O primeiro local inaugurado pela comitiva oficial foi o Centro de Acolhimento e Livraria, localizado na Solar dos Castros, seguindo-se a "Casa do Artista – Jaime Isidoro" assim designada em homenagem ao seu mentor. Com efeito, Jaime Isidoro idealizou esta "casa", desde a primeira Bienal em 1978, como é referido no *Diário de Notícias,* em artigo assinado por Marcos Cruz, p. 25, em que é mencionado o nome Jaime Isidoro "... que ficará associado à Casa do Artista e a quem se deve esta iniciativa". Na mesma ocasião, o grupo "Bifrost", agora já adultos, homenagearam também Maria Marcelina, companheira do percurso de Isidoro nas Bienais de Cerveira, com a plantação de uma árvore no jardim da Casa. Parte do percurso da comitiva foi feito a pé, outra parte num comboio turístico com as individualidades convidadas.

No discurso que proferiu já no Fórum Cultural, Mariano Gago destacou uma maior aproximação entre artistas e cientistas, afirmando a dada altura:

[273] Quadro Comunitário de Apoio.

(...) Apesar do esforço em colocar a componente científica na criação artística, entendo que é fundamental reforçar esta parceria. Vejo peças com muitos movimentos mecânicos feitos com recurso a materiais de uso corrente.[274]



Figura 316 - O percurso da inauguração pelos espaços da Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[274] in *O Caminhense*, de 24 agosto, pp.8-9.



Figura 317 - Inauguração Casa do Artista e Homenagem a Maria Marcelina[275]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Nesta edição, homenageou-se o artista Artur Bual, falecido nesse ano, e companheiro de estrada em todo o percurso da Bienal e que contribuiu generosamente com obras que executava nos *ateliers* livres para o futuro Museu.

Mário Pires Cordeiro no *Semanário Económico* e a propósito da homenagem a Artur Bual, refere:

> *(...) Artur Bual, juntamente com Fernando Lanhas, Paula Rego, Lima de Freitas, Nadir Afonso, Manuel Cargaleiro entre muitos outros artistas, participou na primeira Bienal de Cerveira sob a direção de Jaime Isidoro, em 1978.*[276]



Figura 318 - Exposição de homenagem a Bual – Galeria Projecto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[275] Plantação uma árvore oferecida por Maria Marcelina, no jardim da Casa do Artista.

[276] in *Semanário Economico*, de 24 de agosto, s/p Anexo I Vol. III p.105.

O *Diário de Coimbra*[277] de 15 de agosto faz referência à presença nesta Bienal do Museu da Física da Universidade de Coimbra, titulando *"Arte e Ciência de mãos dadas no Minho"* descrevendo, em seguida, instrumentos expostos:

> *(...) contam-se peças de Joaquim José Reis (séc. XVIII), dos grandes construtores nacionais, ou de George Adams, do mesmo século e o mais conhecido em todo o mundo, de acordo com o físico Armando Policarpo.*

Para esta mostra, foi editada uma brochura que abre com um texto do Diretor do Museu de Física, Prof. Doutor Armando Ponce de Leão Policarpo.

> (...) *A Casa, as Máquinas, os Armários, laboratório vivo à época, são agora o Museu Pombalino de Física. É pelo seu todo considerado unanimemente como um dos grandes museus do mundo de instrumentos científicos dos séc. XVIII e XIX.*



Figura 319 - Brochura da exposição Museu de Física
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A brochura, distribuída gratuitamente aos visitantes (o que permitiu alcançar um maior número de público), incluía a reprodução dos 23 instrumentos expostos, devidamente legendados, e um texto do Diretor do Museu de Física.

[277] Anexo I Vol. III p.106.



Figura 320 - Pormenores da exposição do Museu de Física
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Fizeram parte do Júri de Premiação Armanda Passos, Jaime Isidoro, José Manuel Vaz Carpinteira, José Rodrigues e Casal Aguiar, sendo o valor dos prémios de 8.500 contos, na sua totalidade, distribuídos conforme segue:

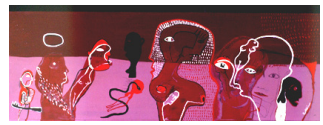
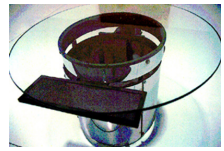
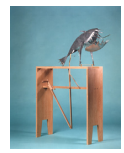
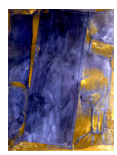
Grande Prémio Bienal de Cerveira	2.000 contos
Prémio Revelação	500 contos
Prémios Aquisição Baviera/BMW	2.000 contos
Prémio Aquisição "BCP"	1.500 contos
Prémio Aquisição Águas do Minho e Lima	1.000 contos
Prémio Clipóvoa	1.000 contos
Prémio Jovem (IPJ)[278].....	500 contos

Quadro nº 55

ARTISTAS GALARDOADOS, PRÉMIOS E OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA PREMIADA
Xurxo Oro Claro	Grande Prémio Bienal "Escada X"	
Luís Melo	Prémio Revelação "Sem Título"	
PERVE	Prémio Jovem "Máquina Cromática"	

[278] Instituto Português da Juventude.

Agostinho Santos	Prémio Aquisição Baviera/BMW “Confissões de Santo António. Segundo Agostinho Santos	
Américo Silva	Prémio Aquisição Baviera/BMW “Projecto XI New York”	
DACOS	Prémio Aquisição Baviera/BMW “Avril au Portugal”	
Heberlein	Prémio Aquisição Baviera/BMW “Projecto Ciber”	
Heitor Figueiredo	Prémio Aquisição Baviera/BMW “Nós as Três”	
Paulo Hernani	Prémio Aquisição Baviera/BMW “Figuras”	
Virgínio Moutinho	Prémio Aquisição Baviera/BMW “Peixe”	
Augusto Canedo	Prémio Aquisição Clipóvoa “Milagre das Rosas” (pormenor)	
Acácio	Prémio Aquisição “BCP” “Tampa Net I”	
Rosa Ubeda	Prémio Aquisição “Águas do Minho e Lima” “Erro Tecnológico”	
Jaime Baptista	Prémio Aquisição “Águas do Minho e Lima” “Aluga-se Chalé à Beira-Mar”	

O Prémio Aquisição "Clipóvoa" e os dois Prémios "Águas do Minho e Lima" não ficaram no espólio da Bienal, tendo sido entregues aos patrocinadores, conforme solicitado pelos mesmos à Organização.

Além dos "Prémios Baviera/BMW", esta empresa patrocinou a Bienal com a cedência de uma moto C1/BMW para que os elementos da Organização se deslocassem na vila entre os vários locais de exposições.



Figura 321 - C1/BMW cedida pela Baviera/BMW
Fonte: Arquivo Henrique Silva

14.4 CONTEÚDOS

Salienta-se o voluntarismo dos atores e a generosidade com que aderiram e participaram nesta edição da BIAC, resultando num grande número e diversidade de atividades, certamente porque havia ainda um sopro de descoberta subjacente ao pós 25 de abril e que fazia com que os artistas e atores nos eventos sentissem a necessidade de dizer: "*eu estou vivo e sei mostrar do que sou capaz".*

Embora só tivesse durado 31 dias, esta diversidade de ações que pautou o evento, também se deveu à dinâmica dos participantes e aos apoios arrecadados de mecenas e entidades abertas a este evento pluridisciplinar.

Apresenta-se, em seguida, um quadro com as atividades realizadas durante esta BIAC.

Quadro nº 56

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Ateliers	Arte Eletrónica/Comissário: Pedro Resende Leão Cerâmica / Comissário: Álvaro Queirós Crianças / Comissário: Conceição Conde Escultura /Comissários: Resinas – Albano Martins, Alice Tavares, José Maria Calisto Granito – Ana Efe, Carlos Marques Fotografia / Comissário: Jorge Coelho Gravura / Comissário: Dacos Pintura / Comissário: Henrique do Vale Serigrafia / Comissário: Joana Paradinha
Colóquios	O Museu, a Ciência, a Arte e a Dúvida" – Prof. Dr. Armando Ponce de Leão Policarpo "Arte e Sociedade" – O Museu como mediador – Dr. Adília Alarcão "A Fábrica de Sonhos" – Arq. Nuno Ladeiro Mesa Redonda – "O papel da Bienal de Cerveira na Cultura Portuguesa" Prof. Dr. António Cardoso, Prof. Dr. Fátima Lambert, Prof. Carlos França
Música	Maestro Victorino D'Almeida / Concerto de Piano acompanhado por uma intervenção plástica pelo pintor Jaime Isidoro Grupo de Música Contemporânea de Lisboa Rui Azul Index : Concerto Multimédia (Rui Azul, Filipe Mendes, José Eduardo Al'Vesh, Teresa Gil) Cantando Mantra / Grupo Yoga
*Performance Art/*Espetáculos	GRUPO UTUTU/eARTh/R2001 – Espetáculo digital interativo (Seiji Ueoka – Japão, Shari Ezzat – USA, TT – Portugal Umana – *Performance* audiovisual Vitriol – Apresentação audiovisual (Jeremy Bernstein – Live-video, Koji Asano – Sidecar) Colectivo Multimédia Perve – "Arte Global" – imagem, som e multimédia
Visitas Guiadas	Paulo Vasques – Turma de 7 alunos do curso de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Workshops – *Atelier* de Arte Eletrónica	*Workshop* de dança/captura de movimento para animação de modelos virtuais (participação do coreógrafo Ruben Marks e das bailarinas Isabel Almeida, Anabela Lisboa e Susana Rösler) *Workshop* Áudio-Vídeo(dirigido por Carlos Santos) *Workshop* "9 = 1 nove sinais igual a uma roda" (Três artistas suecos, três artistas belgas e três artistas portugueses criam umaobra comum com a participação dos habitantes e visitantes da Bienal de Cerveira)

14.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Atelier de Arte Eletrónica[279]

Constou da instalação de uma oficina de arte eletrónica, laboratório híbrido com consolas PC e MAC, onde se podia criar, manipular e exportar dados como matéria para manifestações artísticas nos campos da multimédia interativa, áudio/midi, vídeo, modelação 3D e animação 3D. Com ênfase na experimentação sobre o som e a imagem, houve lugar a processamento de dados produzidos por convidados nas *performances* e nos *workshops*, explorando a multiplicidade da matéria prima digital.

[279] A funcionar numa *mezanine* no Pavilhão 3 do Fórum Cultural, espaço aberto que também dava para o Pavilhão 2, onde estava a exposição do Concurso. Este atelier teve como função registar e arquivar toda a informação produzida durante a Bienal que mais tarde foi compilada e editada em suportes digitais.



Figura 322 - Trabalho no *atelier* – preparação do espetáculo
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A equipa deste *Atelier* foi convidada a apresentar o seu trabalho em S. Francisco, Califórnia, num certame, em dezembro desse ano (2001), com o comissariado de Pedro Resende Leão e constituída por Rui Monteiro, *designer* gráfico; Luís Girão, especialista de som e Rudolfo Quintas, aluno do Curso de Som e Imagem da Universidade Católica, conforme noticia o jornal *Correio do Minho*[280], de 2 de setembro.

Atelier de Cerâmica



Figura 323 - Cerâmica
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[280] Anexo I Vol. III p.107.

Atelier de Crianças



Figura 324 - Pormenores do *atelier* a funcionar no Pavilhão 3/ Polivalente
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Resinas/Compósitos

Albano Martins, Alice Tavares e José Maria Calisto orientaram este *atelier* na Casa do Artista, que teve como convidado o escultor Artur Moreira. Foi produzido um painel da autoria do referido escultor, num trabalho colaborativo com os seus ex--alunos/assistentes, mas que foi colocado apenas em 2003, durante a XII BIAC.



Figura 325 - Detalhes do *atelier* de Resinas
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Granito

Ana Efe e Carlos Marques animaram o *atelier* de Escultura, também na Casa do Artista, com ajuda do escultor Carlos Barreira para a movimentação da pedra de granito.



Figura 326 - Carlos Marques, Carlos Barreira e ajudante
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Posteriormente, a escultura foi colocada numa área relvada, na zona ribeirinha do rio Minho, mais conhecida por Castelinho.



Figura 327 - Escultura de Carlos Marques – Doação do artista
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Zadok Ben-David também trabalhou neste espaço, não com granito, mas chapa de alumínio. A obra final, "Figura" (185 x 100 x 27 cm), foi oferecida para o espólio da Bienal.





Figura 328/ Figura 329 - Zadok Ben-David – **atelier** Casa do Artista – "Figura"
Fonte: Arquivo Henrique Silva, http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/

Atelier de Gravura

Orientado por DACOS, que, desde 1995, colaborou com a PNDC em *workshops* e nas Bienais, funcionou um *atelier* livre de gravura nas instalações da Escola Profissional – ETAP.

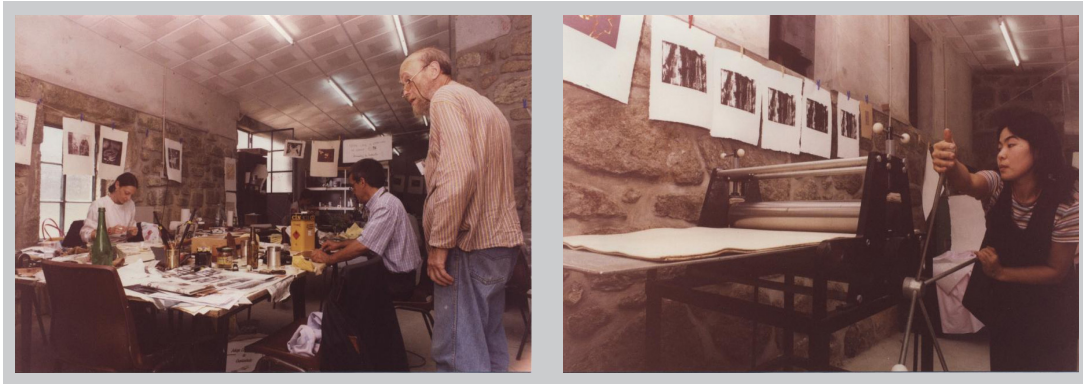


Figura 330 - Pormenor do *Atelier* de Gravura a funcionar na ETAP
Fonte: Arquivo Henrique Silva

De cada gravura feita neste *atelier*, um exemplar ficava sempre para o acervo da PNDC/Bienal de Cerveira. Este acervo, por vezes, integrava exposições da Galeria Projecto e, em caso de venda, as verbas revertiam para a Associação PNDC, permitindo desse modo apoiar o esforço financeiro que era despendido, quer com materiais, quer com alojamentos na Casa do Artista, com artistas residentes durantes os anos de não-Bienal. Acontece que muitas dessas gravuras, aquando da passagem da organização da BIAC para a Fundação Bienal de Arte de Cerveira, passaram a integrar o seu espólio, como é o caso das gravuras de DACOS.

Atelier de Pintura

Dinamizado pelo pintor Henrique do Vale, este *atelier* funcionou no Pavilhão 3/ Polivalente do Fórum Cultural e destinava-se não só a artistas, mas também ao público interessado, proporcionando experimentação no âmbito da pintura, colagem, desenho, num ambiente de espírito colaborativo.



Figura 331 - Pormenores do *atelier* de pintura
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Serigrafia

Joana Paradinha orientou este *atelier* que funcionou na Escola Profissional – ETAP, em Vila Nova de Cerveira.



Figura 332 - *Atelier* de Serigrafia a funcionar nas instalações da ETAP[281]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[281] Mariana Castillo Deball (MX), à esquerda na Figura 332, esteve em residência artística na Casa do Artista 2000/2001, com uma Bolsa da UNESCO (United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization) Aschberg/ Bursaries for Artists, ao abrigo de uma parceria entre essa organização e a PNDC, desde 1997.

Conferências / Colóquios

Adília Alarcão, Diretora do Museu Monográfico das Ruínas de Conímbriga e Museu Nacional de Machado de Castro; Armando Ponce de Leão Policarpo, diretor do Museu de Física da Universidade de Coimbra e Nuno Ladeiro proferiram conferências sobre temas relacionados com as exposições comissariadas para esta Bienal. A 19 de agosto, teve lugar a conferência "O Museu, a Ciência, a Arte e a Dúvida", proferida por Armando Ponce de Leão Policarpo, que, no texto do catálogo da XI BIAC (p. 28), afirma:

> *(...) É pelo seu todo, que parece continuar a pulsar ao fim de séculos, e pela sua riqueza museológica, considerado unanimemente como um dos grandes museus do mundo de instrumentos científicos dos Séc. XVIII e XIX. Aqui, nesta XI Bienal de Vila Nova de Cerveira, estão expostas cerca de 2% das Máquinas do seu espólio*.



Figura 333 - Conferência de Armando P.L.Policarpo
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Adília Alarcão versou o tema "Arte e Sociedade – O Museu como mediador"



Figura 334 - Conferência de Adília Alarcão
Fonte: Arquivo Henrique Silva

No dia 20 de agosto, realizou-se o Colóquio "A Fábrica dos Sonhos", pelo Arq.Nuno Ladeiro, que apresentou a história da Alessi, fundada em 1921 por Giovanni Alessi. Do texto do catálogo da XI BIAC , transcreve-se[282]:

> *(...) A cidade de Crusillano, em Itália, é o lugar mágico onde se encontra uma das mais importantes fábricas de sonho do design italiano. A década de oitenta é, sem dúvida uma das mais significativas para Alessi.*



Figura 335 - Vista geral da mostra Arq. *Designers* Alessi[283] na XI BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[282] In p. 38 do Catálogo XI BIAC.

[283] Foi possível trazer esta exposição à Bienal graças ao intermédio da DIMENSÃO – Arquitetura + Design.



Figura 336 - Arq. Nuno Ladeiro "A Fábrica dos Sonhos"
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A história da Alessi remonta ao início do século, quando Giovanni Alessi Angnini deu início à manufatura de objetos em metal. Do texto publicado no catálogo[284] desta BIAC, destaca-se a referência a Alberto Alessi, neto de Giovanni:

> *(...) Olhando para muitos dos desenhos originais dos arquitectos convidados por Alberto Alessi, verificamos que a Alessi soube converter sonhos em realidade.*

Segundo Nuno Ladeiro, em Portugal, a arquitetura estava preferencialmente ligada à construção e que era altura de "...encontrar novas formas de expressão, de que o *design* faz parte, indiscutivelmente."[285]

Mesa Redonda

"O Papel da Bienal na Cultura Portuguesa" foi tema de um debate com a participação dos críticos de arte Fátima Lambert e Carlos França, acompanhados dos

[284] in p. 38 doCatálogo da XI BIAC.

[285] in *Correio do Minho*, de 21 de agosto, p. 1.

coordenadores dos vários *ateliers* livres, bem como de Jaime Isidoro e Henrique Silva.

Das várias intervenções concluiu-se que a opinião geral dos intervenientes foi unânime, ao afirmarem que a Bienal de Cerveira sempre teve o mérito de dar a conhecer o trabalho de jovens artistas, que, mais tarde, vieram a ser reconhecidos pela crítica de arte, tornando-se muitos deles referências nas Artes Plásticas, tanto a nível nacional como internacional.

De assinalar também as referências feitas à estrutura da BIAC, nomeadamente no que se referia à "Homenagem" que, desde a primeira Bienal, em 1978, até à data, sempre incluiu artistas com reconhecimento nacional e internacional, referindo em particular o caso de Maria Helena Vieira da Silva e também o carácter de "provocação entre os artistas" do evento, na medida em que nunca ter constado apenas de uma mera exposição, mas, pelo contrário, congregar artistas e público, um lugar de encontro e confronto de ideias.



Figura 337 - Mesa Redonda "O papel da Bienal na cultura portuguesa"
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Outra das atividades marcantes desta Bienal foi o concerto de piano pelo Maestro Vitorino D'Almeida, que acompanhou uma intervenção plástica de Jaime Isidoro. Ambos aceitaram o desafio e, enquanto Isidoro pintava um painel de 247 cm x 205 cm, o maestro

ia improvisando, ao piano, não se sabendo bem quem seguia ou era seguido nos ritmos compassados das teclas do piano e nos movimentos do pincel e das cores. No final, também Vitorino D'Almeida interveio na pintura, que foi doada para o acervo do Museu da Bienal.



Figura 338 - Intervenção de Jaime Isidoro e Vitorino D'Almeida
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Grupo de Música Contemporânea de Lisboa

Este grupo, formado na década de 70 por Jorge Peixinho, tinha como principal objetivo a divulgação deste autor e de outros compositores contemporâneos portugueses, de entre os quais se mencionam apenas uns poucos: António Laertes, Cândido Lima, Eurico Carrapatoso, Francisco Monteiro, João Madureira, Lino Guerreiro, Tomás Borralho e Vítor Rua.



Figura 339 - Concerto Grupo de Música Contemporânea de Lisboa
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Concerto Rui Azul Index

Grupo constituído por Rui Azul (saxofone tenor, midisax, flauta, sintetizador e composição); Filipe Mendes (guitarra elétrica); José Eduardo Al'Vesh (bateria e percussões diversas) e Teresa Gil (Vídeo-Arte e diaporama).



Figura 340 - Concerto Rui Azul Index
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 341 - Concerto Rui Azul Index
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Intervenção do Grupo uTUTU/eARTH [286]

Grupo formado por artistas de Portugal, Japão e Estado Unidos, que se autonomeou uTUTU/eARTH, participou nesta Bienal, com um espetáculo/ *performance* multimédia, em dois painéis. Um dos painéis, "Do Tempo e dos Lugares", decorreu a partir de um diretório no servidor R2001 (http://r2001.com/). O público presente desenhava imagens que os membros do grupo projetavam em tempo real, utilizando um sistema de videoconferência com ligação direta a S. Francisco, possibilitando sincronizar as ações dos dois lados dos continentes.

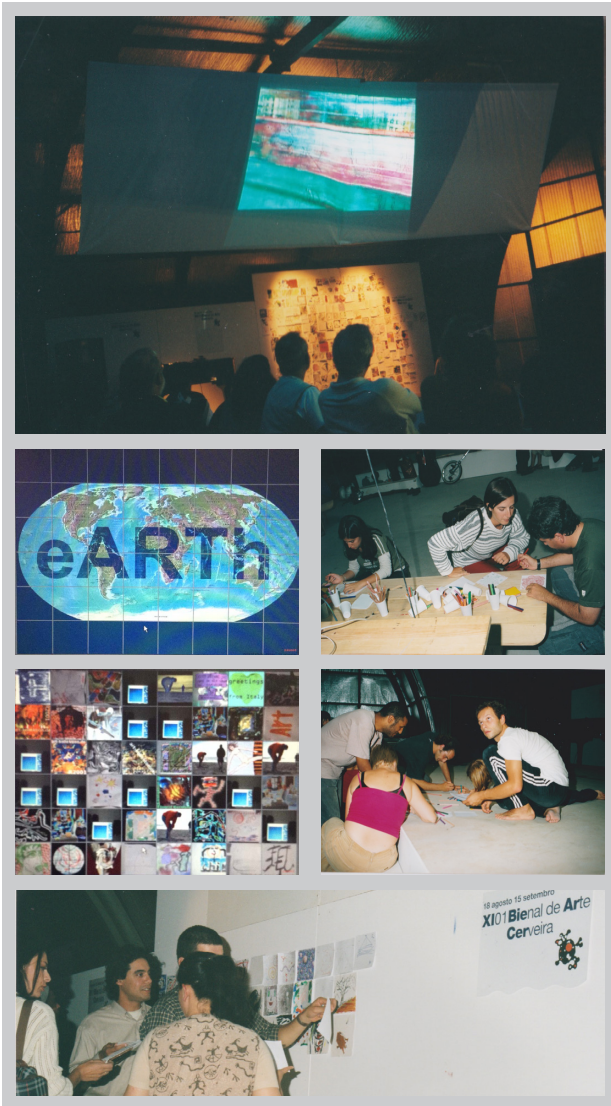


Figura 342 - uTUTU/Earth
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[286] O grupo era formado por Teresa Torres (PT) , Hisao Unimo & Kaoru, Tsyoko Komura, Mitsuhiro Matsuda, Gonbe Nanashino, Dan Sheetz, Sali Harada, Toko Ueoka (JP) e Sharif Ezzat (USA), que estiveram presentes nesta BIAC. Em Anexo II Vol. III pp. 221-222, listagem dos intervenientes que estiveram *on-line* durante os dois painéis.



Figura 343 - uTUTU/eARTH
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O segundo painel constou de uma apresentação digital com a colaboração de Seiji Ueoka. No final destas apresentações, os artistas japoneses presentearam a assistência com uma "cerimónia do chá", tradicional no Japão.



Figura 344 - uTUTU/Earth – cerimónia do chá
Fonte: Arquivo Henrique Silva

VITRIOL[287] – Intervenção

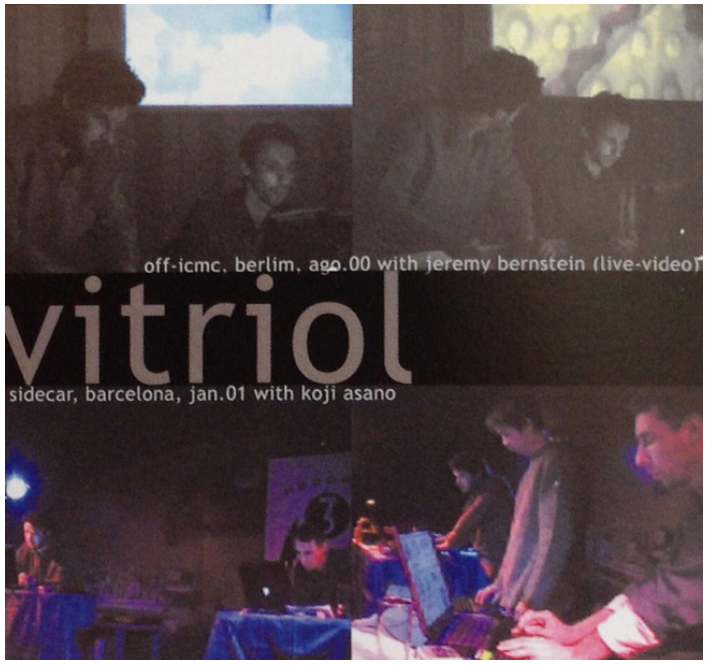


Figura 345 - VITRIOL
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Performance Art

UNAMA[288]



Figura 346 - UNAMA
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[287] Projeto sonoro intermedia formado por Paulo Raposo e Carlos Santos.

[288] "Este projeto consiste em desenvolver e pesquisar a tradução, sincronia e relação íntima Áudio/Visual em multi formas, acreditando neste meio de expressão e suporte como algo de sobrenatural que surge, neste início de século, indicando o caminho a seguir e a explorar." – excerto do texto do Catálogo da XI BIAC, p. 181.

Cantando Mantra e Grupo de Yoga



Figura 347 - Cantando Mantra e Grupo de Yoga
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Conspiração Solar do Padre Himalaya

Do programa constou ainda uma representação da história e obras do Padre Himalaya, cientista português, nascido no século XIX, com o título *"A Conspiração Solar"*[289], em colaboração com a Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas. A exposição esteve patente no centro da vila, na Galeria D. Dinis, e no Convento de S. Paio. A coordenação desta mostra foi de Jacinto Rodrigues e Helena Ricca. A parte da Arquitetura foi da responsabilidade de Agostinho Ricca e a coordenação técnica, de Juan Abia.

[289] "Esta exposição é itinerante e tem como público alvo, fundamentalmente, a população jovem. Com efeito, esta grande figura do norte, pioneiro da ecologia, pode tornar-se um estímulo para as novas gerações na busca de caminhos alternativos para a adequação das técnicas das energias renováveis". In p. 42 do Catálogo XIO1 Bienal.



Figura 348 - Conspiração Solar do Padre Himalaya
Galeria da Pousada D. Dinis e Convento de S. Paio
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A apresentação de "Arte Publicitária" – Coleção Adriano Ramos – Pinto (Vinhos), S.A. também despertou a atenção dos visitantes. Os cartazes expostos, datados do início do século XX, representavam figuras femininas desnudas, dos quais se destacam quatro, com títulos como: "Tentação de Santo Antão", "Adão e Eva no paraíso", "Presente de Reis" e "Farandole", marcando assim a paixão do Sr. Ramos Pinto pelas artes. Do texto do catálogo retira-se o seguinte excerto:

> *(...) Escolhemos, para figurarem nesta exposição, alguns daqueles que consideramos os nossos melhores cartazes, provando, desta forma, que o conceito de Arte Publicitária faz, afinal, todo o sentido.*



Figura 349 e Figura 350 – "Presente de Reis", original de 1911 Autor: Matteo Da Angelo Rossotti 120 x 80 cm – "Tentação de Santo Antão", original de 1908[290] Autor: Leopoldo Metlocowitz 130 x 95 cm
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 351 e Figura 352 – "Farandolle", original de 1926
Autor: Leonetto Capiello 160 x 110 cm –
"Adão e Eva no Paraíso" Original de 1911 – 104 x 58 cm. Autor: Leopoldo Metlicovitz
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[290] Este cartaz destinava-se à Exposição Internacional de 1908, no Rio de Janeiro.

No Catálogo desta BIAC, p. 47, referem-se alguns pormenores sobre as escolhas de Adriano Ramos Pinto, como por exemplo, no caso de "Presente de Reis":

> *(....) Ao ver o croquis do artista, Adriano Ramos Pinto solicita algumas alterações que dizem respeito sobretudo ao tipo e ao tamanho das letras utilizadas no futuro cartaz.*

Grupo "Intervenções de Rua"

O grupo, formado por quatro elementos com especialização em teatro de rua, um técnico de luz e som, um músico e um ator/programador de informática, atuou sobretudo no centro histórico e na feira de Vila Nova de Cerveira, com o objetivo de provocar a surpresa do momento, através de novas formas de linguagem e comunicação.



Figura 353 - Grupo "Intervenções de Rua"
Na feira e no lago junto da Galeria Projecto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O Salão dos Bombeiros foi utilizado para várias instalações, nomeadamente:

Eventos Secundários, de Vahida Ramujkic (YU) e Dionis Escorsa (SP);
Dentro da minha cabeça, de Hugo Santos (PT);
Jardim Interior – Fernando Batista (PT);
Putti Club – Augusto Canedo(PT);
Meteorito 3, de Silvestre Pestana (PT);
Povo da Beira – Água, de Clara Meneres (PT).

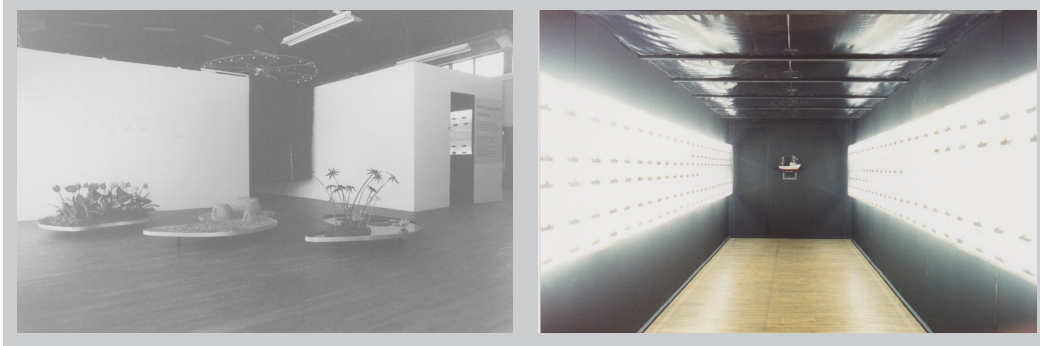


Figura 354 e Figura 355 - Jardim Interior – Povo da Beira – Água
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 356 e Figura 357 - Dentro da Minha Cabeça – Meteorito
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 358 - Putti Club e Eventos Secundários[291]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[291] Texto do autor publicado no Mini-Guia p. 20.

A instalação de Hugo Santos "Dentro da minha cabeça ou (o meu coração bate por ti)"[292] desafia o visitante para o significado de três palavras. Segundo o autor, *amor*, substantivo masculino, refere a "paixão, o afeto ou inclinação"; *bateria*, substantivo feminino, aponta para o ato de "bater, fortificação com peças assestadas, fração de um regimento de artilharia"; *coração*, substantivo masculino, é definido como "órgão central da circulação do sangue."

Fernando Batista, autor de "Jardim Interior",[293] apresentou um conjunto de três jardins, um de água, outro de pedra e um terceiro de flores. Segundo o autor, estava pensado para "recriar a vista no colorido, passear entre eles e inspirar paz e serenidade."

O projeto coletivo "Putti Club", com artistas ligados à Galeria Por Amor à Arte, do Porto, apresentou a simulação de um aposento, acompanhado por um texto de apresentação da autoria de Fátima Pombo, com o título "coração aos saltos". O visitante experiencia a permanência nesse espaço e é desafiado a despir-se de preconceitos. Do texto assinado por Fátima Pombo[294] transcreve-se a última frase: "Cada passeante reconhecer-se-á, com esta obra, mais próximo da arte ou mais próximo da vida".

Clara Menéres, através da sua obra "Povo da Beira-Água", alerta para o problema da redução de cotas na pesca, questionando: "... que Europa se quer sobre a destruição impune da cultura de um povo em nome da economia, da racionalidade e da defesa dos interesses comuns", como consequência da adesão ao mercado comum.

A instalação "Eventos Secundários" apresenta imagens projetadas, em duas séries, evocando duas janelas em espaço real, numa evocação de momentos do "dia" e da "noite".

Silvestre Pestana foi o responsável por "Meteorito", uma escultura de polígonos luminosos.

Instalação "EUROPA2"



Figura 359 - Fachada da Estação Caminhos Ferro
Fonte: Arquivo Henrique Silva

---

292 in Miniguia/a short guide XI01 BIENAL, p. 20.

293 in Miniguia/a short guide XI01 BIENAL, p. 20.

294 in Miniguia/a short guide XI01 BIENAL, p. 21.

A dupla João Baeta/Sílvia Carreira apresentou, nesta BIAC, uma instalação na estação de Caminhos de Ferro de Vila Nova de Cerveira. Transcreve-se de seguida parte do texto[295] de sua autoria:

> *(...) Europa2 é um espaço de transição e entrada numa realidade que apenas conhecemos nas nossas inquietações. Só temos medo daquilo que não conhecemos.*

Mostra "Águas do Minho e Lima"

Sendo um dos patrocinadores desta Bienal, a empresa Águas do Minho e Lima apresentou uma demonstração do tratamento de águas residuais citadinas, na Casa do Turismo, chamando a atenção para os problemas ecológicos que ameaçam a sobrevivência humana e sem a qual a vida neste planeta seria impossível.



Figura 360 - Mostra na Casa do Turismo
Fonte: Arquivo Henrique Silva

No encerramento desta Bienal e na sua presença, foi homenageado Salvador Caetano (1926-2011), grande patrocinador[296] das últimas Bienais. Foi descerrada uma lápide com o seu busto, numa sessão presidida por Luiz Braga da Cruz, Ministro da Economia, que ressaltou o caráter de militância e persistência dos organizadores e o espírito vanguardista verificado em cada edição.[297]

---

[295] in pag, 25 do Miniguia da XI01 BIENAL.

[296] Além dos Prémios Baviera/BMW, Salvador Caetano patrocinou com 10.000 contos uma estrutura metálica que permitiu ganhar mais um espaço expositivo no primeiro pavilhão do Fórum Cultural.

[297] In *Notícias de Viana* de 20 setembro 2001, Anexo I, Vol. III p. 108.



Figura 361 - Momentos da Homenagem a Salvador Caetano
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Chegou a ser lançado o Concurso Nacional de Escultura "Prémio Baviera – Século XXI", financiado pela Baviera S.A., para a colocação de uma escultura junto à fachada do novo pavilhão da Bienal de Cerveira, no entanto este não se realizou, apesar de ter sido noticiado pelo *Jornal de Noticias*[298] de 25 de fevereiro de 2001.

A Baviera/BMW entregou ainda uma C1/BMW a Eduardo Nery (1938-2013) para ser pintada por este artista plástico, tendo sido exposta nesta BIAC.

[298] Anexo I Vol. III p. 109.



Figura 362 - Intervenção plástica na C1/BMW por Eduardo Nery
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Visitas Guiadas

Sete universitários do Curso de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade do Porto integraram o Serviço Educativo, encarregando-se das visitas guiadas, conforme noticia o jornal *24 Horas*[299], de 28 de agosto s/p, citando-se:

> *(...) Sete alunos do curso de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e um estudante de Arquitectura, da mesma Universidade, formam um grupo de guias culturais da Bienal Internacional de Arte de Cerveira. Os guias tiveram como missão tornar mais clara aos olhos do público as diversas mostras que integram o certame.*



Figura 363 - Visita guiada à exposição Padre Himalaya
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[299] Anexo I Vol. III p.110.



Figura 364 - Visita guiada à exposição Homenagem a Artur Bual
Fonte: Arquivo Henrique Silva

14.6 DADOS ESTATÍSTICOS

Em comparação com os dados da Bienal anterior, o número de países participantes foi o mesmo, verificando-se, no entanto, um pequeno aumento na participação nacional (20,9 %) e na estrangeira (6,9 %).

Gráfico 20

PARTICIPANTES/PAÍSES

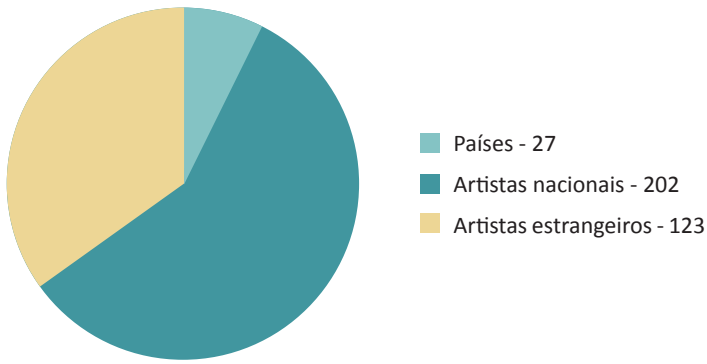


Figura 365 - Países e participantes

Nesta Bienal foram contabilizados 32.459 visitantes, distribuídos pelos nove espaços/polos existentes na vila, onde foi efetuado o registo das entradas. Em contrapartida, por funcionarem em espaços abertos, caso da Gravura/Cerâmica e da Serigrafia, e não ter sido destacado ninguém para fazer uma estatística de visitantes,

não existe registo do número de pessoas que passaram nos *ateliers*, onde podiam experimentar as técnicas, seguindo instruções dos orientadores.

Gráfico 21

VISITANTES

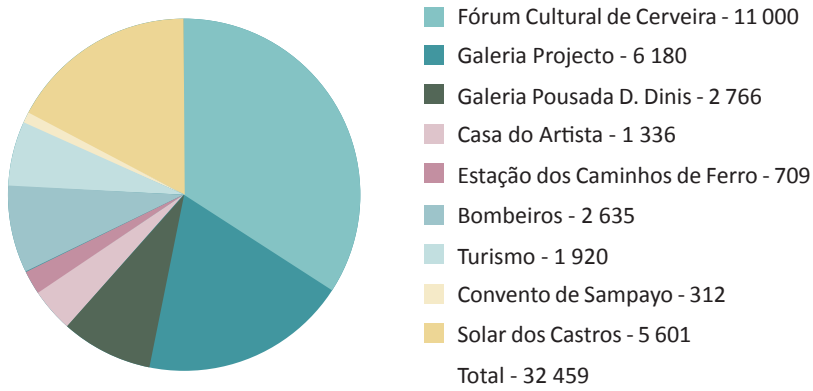


Figura 366 - Visitantes durante a XI BIAC

Gráfico 22

REFEIÇÕES

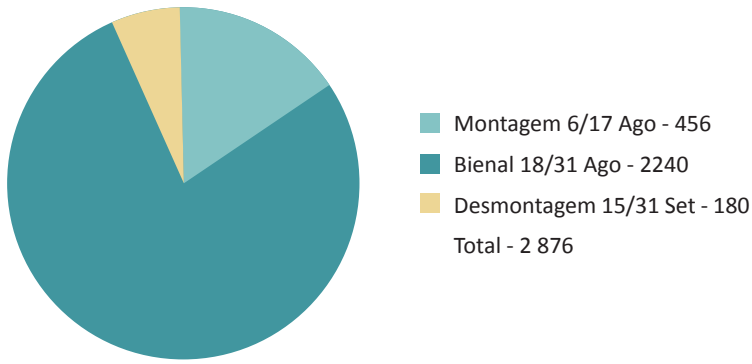


Figura 367 - Refeições distribuídas na XI BIAC

As refeições foram servidas no Bar/Cantina da Bienal, no Pavilhão 3 (Polivalente), à exceção do período de desmontagem da Bienal, que decorreu de 15 a 31 setembro, envolvendo seis pessoas, e que foram servidas num restaurante de Vila Nova de Cerveira.

Para confecionar as refeições na Bienal, foi contratada uma cozinheira da vila, Graça Pereira, que, com a ajuda de uma das filhas, também assegurava o serviço de Bar até que terminassem os espetáculos. O sistema funcionava através de senhas para almoço e jantar, no entanto, sempre que o menu tivesse terminado e surgissem convidados (artistas ou visitantes), à última hora, era servida uma refeição de recurso.

Sobre as senhas, os artistas e a vivência das BIAC, ficam as palavras de Né na entrevista nº5:

> *(...) Ah! Era diferente! Aqui fazia-se muito negócio. Sabe que atrás dos artistas, vinha sempre muita gente. E naquela altura, a nossa Câmara também ajudava muito. Dava umas senhas, eles vinham comer, depois a gente entregava as senhas na Câmara e aquilo tudo. Quer dizer, era diferente. Agora, claro, é tudo mais restrito. Agora também é diferente, a verdade. Porque antigamente, quando eram as primeiras Bienais, havia 3, ou 4 cafés, aqui em Cerveira, restaurantes. Agora também há montes deles! Eu também entendo isso. Mas era totalmente diferente. Trazia muito mais gente.*

As refeições foram sempre um momento de convívio e partilha de experiências entre todos, sendo este o propósito da Organização.



Figura 368 - A cantina da XI BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Gráfico 23

ALOJAMENTOS

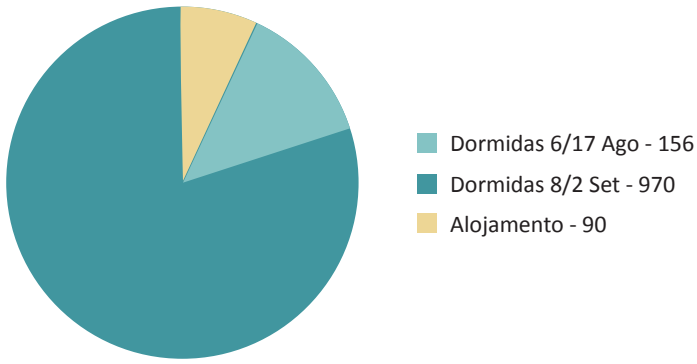


Figura 369 - Alojamentos durante a XI BIAC

Esta edição contou com a seguinte participação financeira:
Câmara Municipal de V.N.C. – 15,9%
Programa Operacional da Cultura – 37,1%
Instituto de Arte Contemporânea – 6,6%
Governo Civil – 0,3%
Grafislab (Subsídio Catálogo) – 5,3%
Empresas e Instituições Privadas – 34,8

14.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Segue o mapa com a localização das exposições e intervenções em Vila Nova de Cerveira.

Localização das exposições e intervenções em Vila Nova de Cerveira.

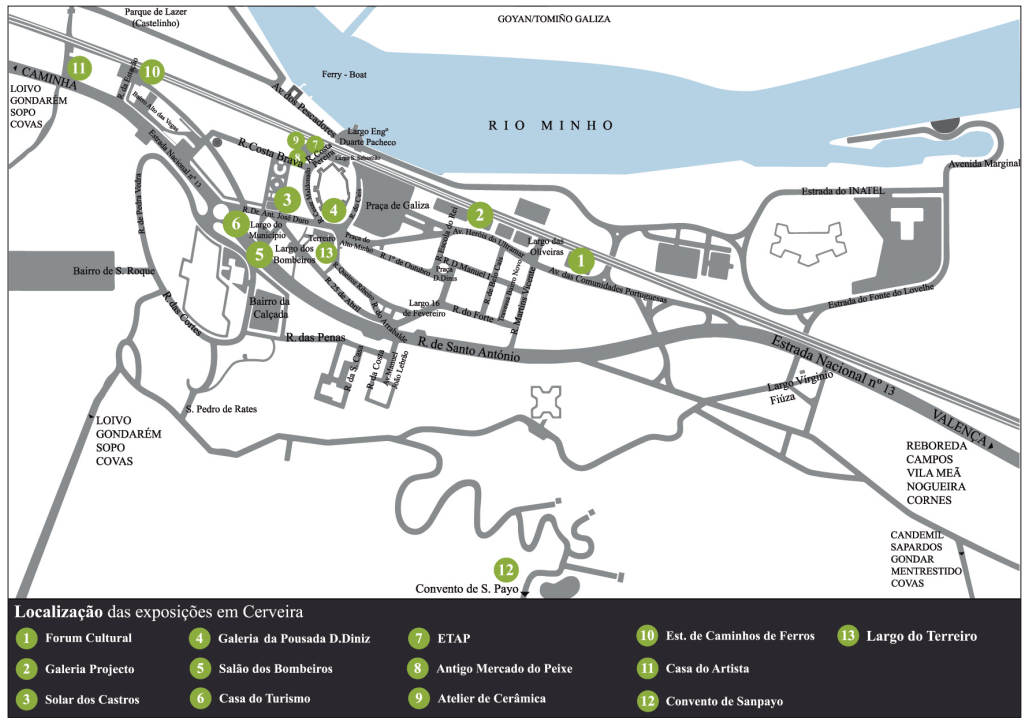


Figura 370 - Mapa dos locais da exposição

14.8 FLAGRANTES DA BIENAL

O conjunto seguinte representa imagens soltas selecionadas pela autora e revelam outros aspetos não previstos do funcionamento da Bienal.



Figura 371 - Imagens soltas de convívio, exposição, intervenção, cantina, bar.
Fonte: Arquivo Henrique Silva

14.9 SÍNTESE PARCIAL

Esta foi a Bienal da inauguração do Fórum Cultural de Cerveira conquistando um local próprio, local que acolheu a representação do Museu de Física da Universidade de Coimbra, artistas convidados e concorrentes, *atelier* de Arte Electrónica e um espaço multiuso onde funcionava o bar, cantina e um palco para espetáculos, conferências e convívio. Esta conquista de um espaço condigno permitiu que a entrega das obras a concurso passasse a ser unicamente no Fórum Cultural.

Finalmente, a Bienal dispunha de um local com condições que permitiam enriquecer a programação, proporcionando aos artistas, participantes no programa de animação e ao público, melhores condições para poder usufruir de um ambiente propício ao convívio, congregando artistas e público num lugar de encontro e debate de ideias.

Além deste novo espaço, dispôs também da Casa do Artista, inaugurada nesse ano, passando aí a funcionar os *ateliers* da gravura, serigrafia, resinas, escultura. Esta Casa permitia acolher, durante todo o ano, artistas vindos do estrangeiro ao abrigo de bolsas da UNESCO, em residências artísticas, os quais ficavam anteriormente alojados na Casa Rocha, um espaço alugado pela PNDC no centro de Vila Nova de Cerveira, e os artistas inscritos nos vários *ateliers* que decorriam durante a Bienal.

De salientar que o Grande Prémio Bienal de Cerveira foi atribuído a um artista estrangeiro, o escultor galego Xurxo Oro Claro, e que o valor total dos prémios foi o equivalente a 42.500 €, graças à contribuição de patrocinadores, entre os quais a Baviera S.A., Banco BCP, Clipóvoa, Águas do Minho e Lima e do Instituto Português da Juventude – IPJ (Prémio Jovem para a área da Arte Eletrónica). A partir desta BIAC os catálogos passaram a ser bilingue (português e inglês), resultando numa maior internacionalização.

Vila Nova de Cerveira
16 de agosto a 21 de setembro 2003

15.0

XII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

15.0 XII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE
Vila Nova de Cerveira
16 de agosto a 21 de setembro 2003

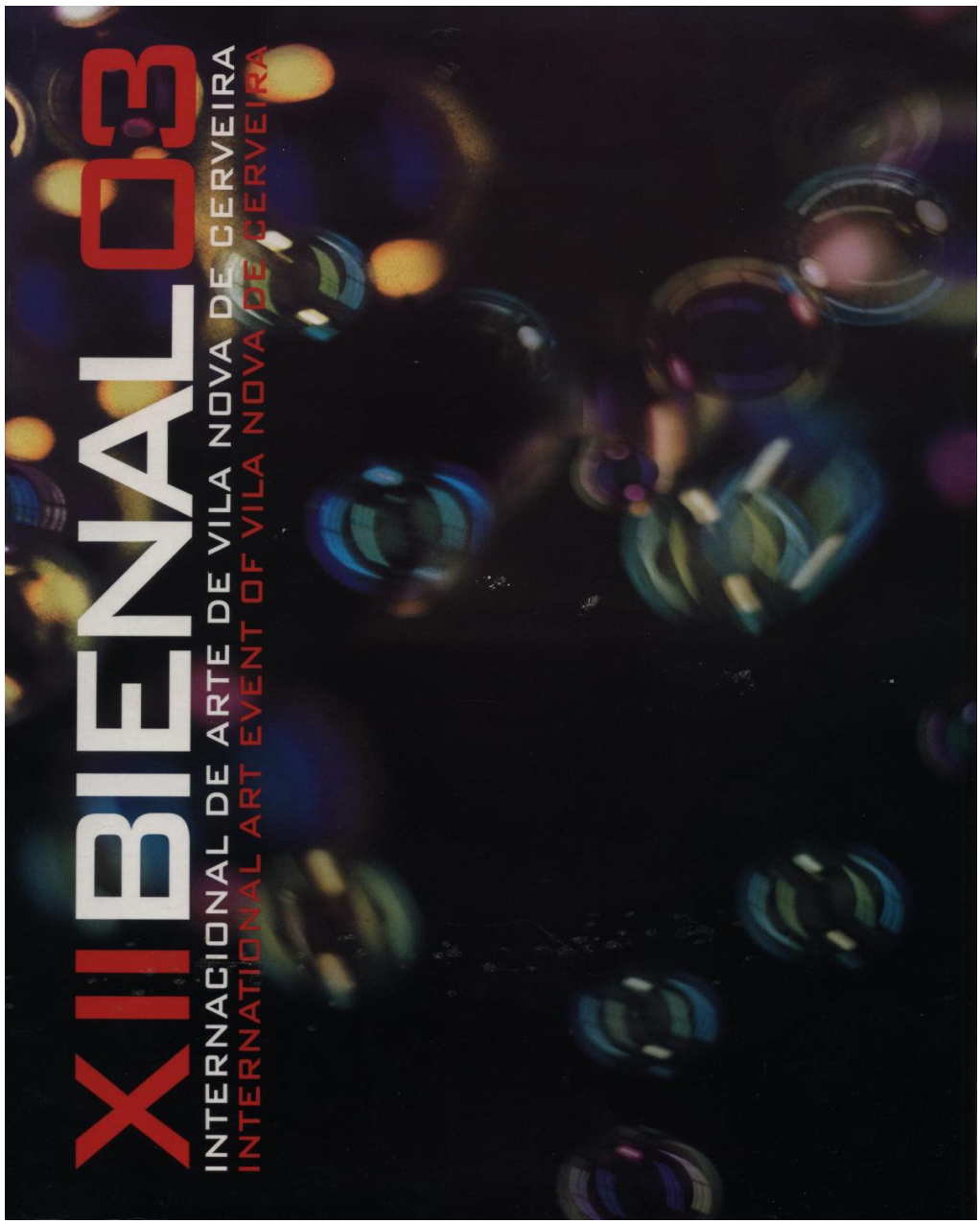


Figura 372 - Capa Catálogo[300] – *Design* da capa – Henrique Silva
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[300] *Design* do miolo do catálogo – *Atelier* RuiCunha.

15.1 NOTA INTRODUTÓRIA

No âmbito da comemoração dos 25 anos da BIAC, foi feito um selo comemorativo, pelo *Atelier* RuiCunha, e que passou a ser reproduzido em todo o material editado pela PNDC (envelopes, papel de carta, cartazes, catálogos).



Figura 373 - Selo comemorativo
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Sob o tema "O Artista e a Globalização – O Seu papel como Actor Social", numa tentativa de aproximação da literatura às artes plásticas, foi feito um apelo[301] aos artistas e intelectuais (escritores, músicos, atores e criadores em geral) e aos artistas concorrentes, para que, além de apresentarem a sua obra a concurso, elaborassem um texto sobre a sua posição como ator social, como relata o *Jornal de Letras* de 22 de janeiro desse ano:

> *(...) face ao movimento intelectual que se desenha a favor de uma justiça social mundial, lança o desafio aos artistas plásticos, escritores, músicos, actores, e a todos os criadores, para que tomem posição através de um texto, ou um texto e uma obra, que torne possível realizar um catálogo da XII Bienal de Cerveira que seja um verdadeiro manifesto da sua posição.*

O júri de seleção dos textos foi formado pelo escritor Manuel António Pina (1943-2012), o jornalista José Nogueira Gil e os artistas plásticos Álvaro Queirós, Henrique Silva e Margarida Leão, estes como representantes da Organização, que analisaram e selecionaram os textos dos concorrentes.

Da referida reunião, lavrou-se a correspondente ata[302] que se junta em anexo a esta Tese. Dos trezentos e cinquenta e dois textos apresentados pelos concorrentes, foram selecionados cinquenta e dois que se encontram publicados no catálogo da Bienal, na versão original e traduzidos para inglês.

---

[301] In *Jornal de Letras*, de 22 de janeiro, Anexo I Vol. III p. 111.

[302] Anexo II Vol. III ata do Júri p. 223.

À semelhança de edições anteriores, a imprensa deu visibilidade ao evento, publicando, com regularidade, artigos sobre a Bienal e as ações que iam decorrendo.

De realçar um artigo publicado na revista *Artes e Letras* de 3 de fevereiro, de Filipa Carvalho Leite, que encabeça o título:

> *(...) A Bienal de Cerveira sempre foi e será um lugar onde as dúvidas se tornam públicas, o diálogo das formas, eloquente, para que cada artista e cada espectador encontre a sua forma de comunicação sem ambiguidades. Enquanto assim for, a Bienal de Cerveira tem a sua razão de continuar.*[303]

Também o jornal *Faro de Vigo,* de 20 de junho, titula *"La Bienal de Vila Nova de Cerveira refuerza este año su colaboración artística con Galiza"*[304]*,* dando conta da participação de uma vintena de artistas galegos e colóquios a realizar sobre o futuro das indústrias culturais e artísticas em Portugal e Galiza. Esta colaboração concretizou-se através de uma aproximação programática de exposições com a Universidade de Vigo – Faculdade de Belas Artes de Pontevedra, o Centro Cultural de Ourense e o Museu de Pontevedra, como também relata o jornal *Cerveira Nova*, de 5 de fevereiro[305].

15.2 PREPARAÇÃO

No âmbito das comemorações dos 25 anos da BIAC, a PNDC desenvolveu, ao longo de todo o ano e até à realização de XII Bienal, um programa de exposições comemorativas deste aniversário no Fórum Cultural/Museu da Bienal:

Humberto Marçal – Gravura-litografia – técnicas mistas
18 janeiro – 15 fevereiro;
Rui Aguiar – Trabalhos de 1982 a 1988
1 a 29 de março;
Zadok Ben-David – "Evolution and Theory"
12 abril – 24 maio;
Fernando de Azevedo[306]
7 junho – 5 julho.

---

[303] In *Artes e Letras*, de 3 fevereiro 2003, Anexo I Vol. III p. 112.

[304] Anexo I Vol. III p.113.

[305] Anexo I Vol. III p.114.

[306] Esta exposição comissariada por Américo Silva, fez depois itenerância no Museu de Pontevedra, Galiza, e Sociedade Nacional de Belas Artes – SNBA, Lisboa.

Para as quatro exposições comemorativas dos 25 Anos da BIAC, foram editados catálogos ou desdobráveis pela PNDC.

A primeira exposição comemorativa foi a de Rui Aguiar[307] com trabalhos de pintura de 1982 a 1988. Laura Castro escreveu o texto que divide em três momentos: *1. Deriva da matéria*, numa abordagem aos materiais utilizados por Rui Aguiar; *2. Deriva da crítica*, com citações de Mário Cláudio, Fernando Pernes, Eduardo Paz Barroso e Joaquim Matos Chaves; *3. Deriva da obra,* numa referência à experimentação de materiais.

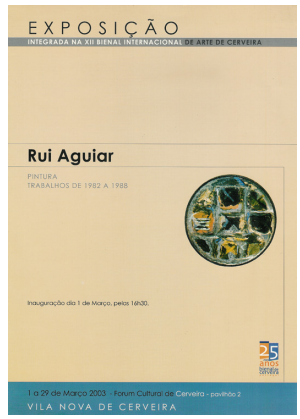


Figura 374 - Capa Desdobrável – Design *Atelier* RuiCunha
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A segunda exposição coube a Humberto Marçal e dedicada aos *ateliers* de gravura e litografia, prensas e utensílios. Incluiu uma palestra sobre as técnicas de impressão, orientada pelo autor.

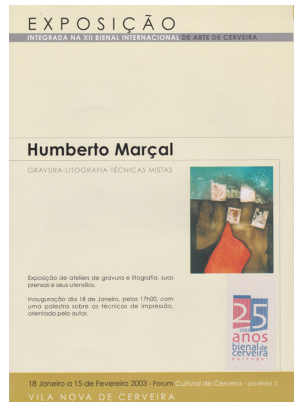


Figura 375 - Capa do desdobrável
Design *Atelier* RuiCunha
Fonte: Arquivo Henrique Silva

307 In *Correio de Cerveira*, de 27 fevereiro, p. 10.

A instalação "Evolution and Theory", de Zadok Ben-David, inaugurou a 12 de abril e contou com a presença do seu galerista Paul Hedge, da Hales Gallery, e do crítico de Arte, Vitor de Sircasia, vindos expressamente de Londres.

Integraram esta mostra 200 esculturas, que iam dos 30 cm aos 3 metros de altura. Para a montagem, que durou uma semana, o escultor contou com a ajuda da sua assistente pessoal em Londres, Cláudia Leão, e de cinco estudantes do curso de Gestão Artística e Cultural da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo – ESE-IPVC, bem como do pessoal da PNDC. As peças foram instaladas num piso coberto com cerca de seis toneladas de areia de sílica branca.

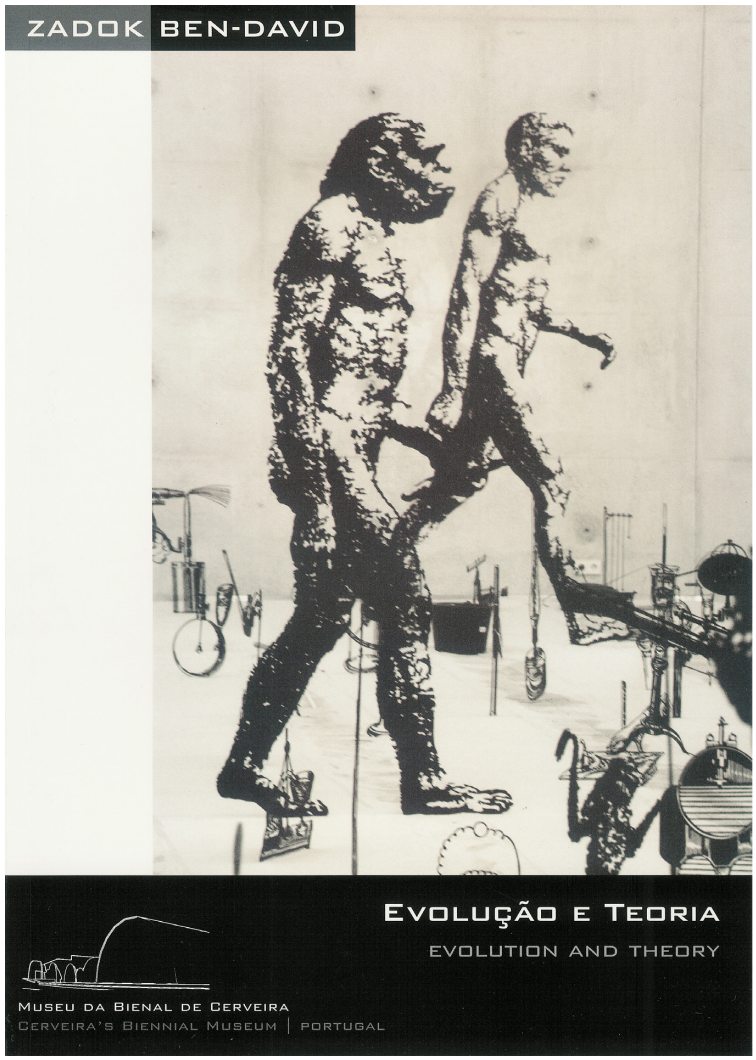


Figura 376 - Capa Catálogo Evolution and Theory
Design *Atelier* RuiCunha
Fonte: Arquivo Henrique Silva

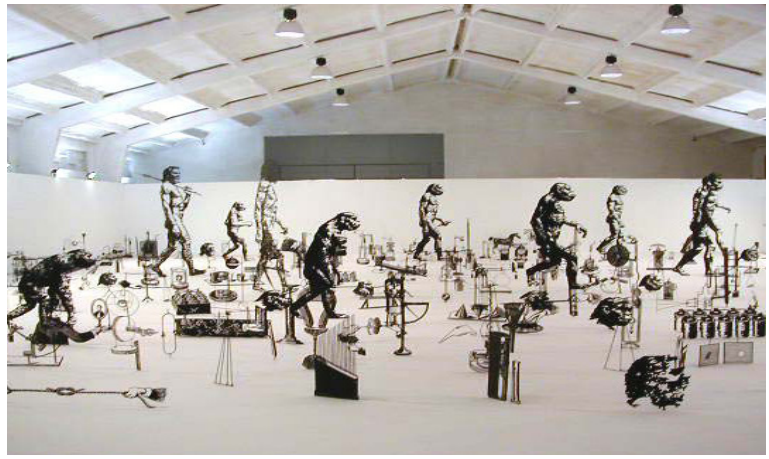


Figura 377 - Pormenor da exposição
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 378 - Pormenores dos trabalhos de montagem
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A última destas exposições comemorativas foi uma homenagem ao pintor Fernando de Azevedo, que inaugurou no dia 7 de junho, no Museu da Bienal. Esta exposição, comissariada por Américo Silva, foi organizada em conjunto com a PNDC, a SNBA e o Museu de Pontevedra[308], reunindo obras de colecionadores e entidades, entre pintura, desenhos, colagens e serigrafias.

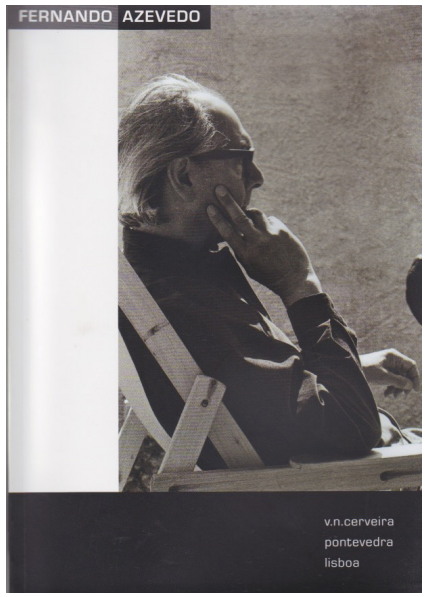


Figura 379 - Capa do Catálogo – Design RuiCunha
Design do miolo do catálogo, Américo Silva
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O Catálogo inclui textos de Américo Silva, Cristina Azevedo Tavares, Emília Nadal, Fernando de Azevedo, Jaime Isidoro, António Barahona, Xosé Carlos Valle Pérez e numerosos testemunhos, entre os quais de Ana Galvão, António Cardoso, António Silva, António Viana, Carlos Batista da Silva, Carlos Tavares Ribeiro, Ema Berta, Fernando Lemos, Fernando Pernes, Germano do Carmo, Henrique Silva, Irene Ribeiro, Isabel Coutinho Cabral, Jaime de Azevedo, João Bénard da Costa, João Oom, João Pinharanda, Jorge A. Paulus Bruno, José António Flores, José Augusto França, José Aurélio, José de Guimarães, José João de Brito e Ana Brito, José Pinto Carmona, José Rodrigues, José Sommer Ribeiro, Júlio Pomar, Manuel de Brito, Maria Gabriel, Nikias Skapinakis, Nuno San-Payo, Ricardo Cruz-Filipe, Rui Mário Gonçalves, Pedro Lapa e Pedro Tamen.

[308] Foi ainda realizada em novembro do mesmo ano outra homenagem póstuma a Fernando de Azevedo, comissariada por Américo Silva, no Museu de Pontevedra, não só pela sua obra como artista surrealista, mas também pela sua participação e entusiasmo desde as primeiras Bienais e como apoiante e membro de vários júris em Vila Nova de Cerveira.

15.3 ORGANIZAÇÃO

Neste item, referem-se os aspetos gerais desta Bienal, nomeadamente a estrutura, a distribuição das atividades pelos diversos locais, inauguração, júris e prémios.

Quadro nº 57

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[309]

ORGANIZAÇÃO	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
PNDC	Henrique Silva	Cesaltina Costinha Nuno Correia	*Atelier* RuiCunha	José Manuel Vaz Carpinteira Henrique Silva Jaime Isidoro José Rodrigues Alberto A. Abreu Tarso Genro[310]	José Rodrigues Nadir Afonso Guy Weelen

O Quadro nº 58 sintetiza a organização dos locais de distribuição de exposições e atividades.

Quadro nº 58

DISTRIBUIÇÃO DAS EXPOSIÇÕES EM DIVERSOS ESPAÇOS

LOCAIS DA XII BIAC	CONTEÚDOS / ATIVIDADES
Fórum Cultural	Pavilhão 1: Homenagem José Rodrigues; Convidados Faculdade Belas Artes de Pontevedra; Convidados Centro Cultural de Ourense; Convidados da Organização Pavilhão 2: Obras a Concurso Pavilhão 3: Arte eletrónica/ Espetáculos / Cafetaria Pavilhão 4: Homenagem a Nadir Afonso Jardim Interior: *Workshop* Cerâmica / Esculturas
Biblioteca Municipal	Centro de Acolhimento / Livros de autor – Alain de la Bourdonnaye
Galeria Projecto	Homenagem ao crítico e ensaísta Guy Weelen
Salão dos Bombeiros	Instalações
Pousada D. Dinis	Exposição de cerâmica e desenhos de Josá Rodrigues
Casa do Artista	*Workshops* Resina / Serigrafia / Gravura
Centro de Camionagem	*Atelier* Livre de Pintura
Estação Caminhos de Ferro	Escultura / instalação
Escola Superior Gallaecia	Exposição de Arquitetura e ambiente
Jardim dos Marrecas	Pintura da empena do Banco Português do Atlântico
Praça do Alto Minho	*Atelier* de crianças

309 Listagem completa em Apêndice XIII Vol. III pp. 367-377.

310 Ministro da Secretaria Especial Conselho Desenvolvimento Económico e Social – Brasília.

A Organização decidiu homenagear três artistas que, pela sua participação e ação nas Bienais de Cerveira se destacaram, quer pelo seu contributo, quer pelo entusiasmo que sempre demonstraram por esta iniciativa.

No pavilhão da Bienal de Cerveira, foi montada a exposição do escultor José Rodrigues, simultaneamente com a do pintor Nadir Afonso.

Foi ainda realizada a homenagem póstuma na Galeria Projecto, a Guy Weelen, crítico de arte, que tinha sido júri na X BIAC, falecido no aeroporto de Pedras Rubras quando regressava a Paris, como já se mencionou na p. 322 desta Tese.

Inauguração

Manuel da Cruz Roseta, Ministro da Cultura, presidiu à inauguração desta edição da BIAC.



Figura 380 - Pormenores da inauguração
Fonte: Arquivo Henrique Silva

No dia da inauguração foi assinado um protocolo[311] com o Instituto Português da Juventude e Desporto – IPDJ – para Voluntariado Jovem, abrangendo 54 voluntários e 22 jovens do programa Ocupação dos Tempos Livres – OTL. Além de uma récita musical contemporânea por Henrique Rodrigues (flauta) e Olga Amaro (piano), da Academia de Música Fernandes Fão, a inauguração contou ainda com um Verde de Honra.

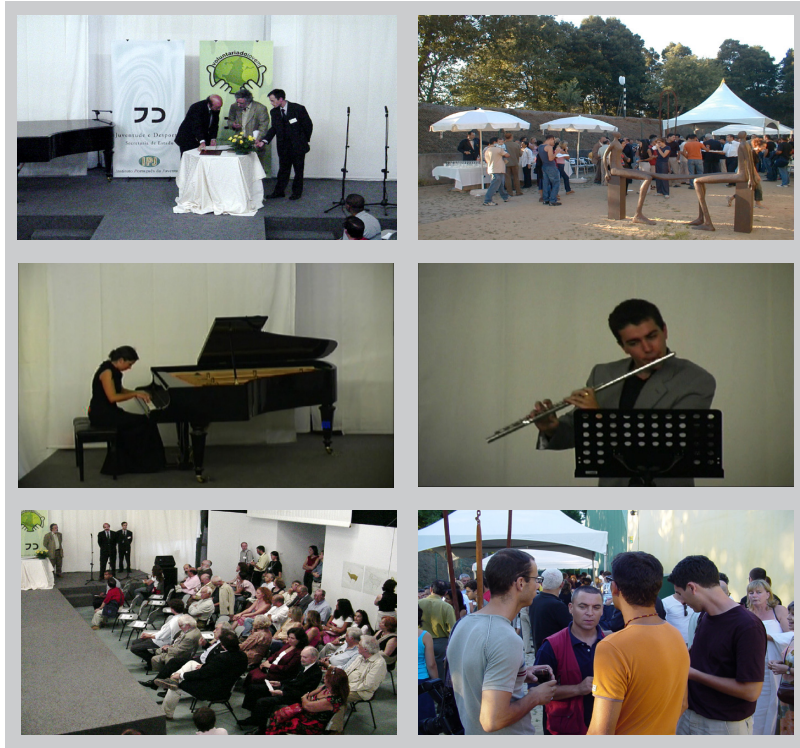


Figura 381 - Assinatura do Protocolo com o IPDJ[312], recital e verde de honra
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Os Jovens na Bienal



Figura 382 - Grupo de voluntários
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[311] Todos estes jovens tiveram formação dada por elementos da organização da Bienal, semanas antes da sua inauguração.

[312] Instituto Português da Juventude e Desporto.

Ainda nesse dia, pelas 22h00, Helena Cardoso apresentou a sua coleção *"Tecer a Natureza"* com um desfile de modelos, alguns em tecelagem tradicional, o burel e o linho. Para o efeito, foi construído um estrado próprio (*passerelle*) que foi conservado durante toda a Bienal, servindo mais adiante na programação para a intervenção do grupo *UTUTU/eaRTh/2003*.

Helena Cardoso participou num programa de apoio à mulher rural, através de uma organização nórdica; dedicou-se à recuperação da tradição do uso do burel e da lã, "que transformou pastoras em artesãs"[313] e para tal, desenvolveu um trabalho com as aldeias do interior, desafiando as artesãs a trabalharem consigo, segundo novos moldes adaptados ao *design* das suas peças. Foram mulheres da serra de Montemuro, Marão, Arga e Alto Minho que, a par do trabalho da terra, queriam ter também um emprego e que, graças à organização nórdica e a Helena Cardoso, conseguiram impor-se no mercado da moda.

De referir alguns excertos do texto do catálogo da autoria de Helena Cardoso, intitulado "Num tempo sem Tempo"[314], que apontam para o saber das tecedeiras aproveitado para inovar nas suas coleções de lã e linho:

> *(...) Não é de admirar que parecendo adormecidas, essas pequenas comunidades do interior, a Mulher, pela sua importância no núcleo familiar, foi acumulando, saberes do tecer e do fiar linho e lã, preservando-os assim até aos dias de hoje (...)*

e conclui:

> *(...) Reconverter e inovar saberes quase perdidos na memória dos mais velhos foi uma aposta. Juntos descobrimos pontos possíveis, desejáveis e realizáveis, entre o mundo rural e o mundo citadino. Recuperar teares, reaprender artes, dar vidas às escolas sem crianças, rememorar utilidades tem sido muito gratificante para mim.*

---

[313] in http://www.noticiasmagazine.pt/2015/portugueses-extraordinarios-6/ (acesso jan. 2016).

[314] In Catálogo da XII BIAC, p. 276.

O Desfile



Figura 383 - Desfile de Helena Cardoso – Tecer a Natureza
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Júri de Premiação

O Júri de Premiação, reunido na véspera da abertura da Bienal, e no qual estiveram presentes, além do presidente da Câmara José Manuel Vaz Carpinteira; o pintor Jaime Isidoro; o escultor José Rodrigues; o crítico de arte Eurico Gonçalves; o diretor da Bienal, Henrique Silva, e uma representante da empresa Águas do Minho e Lima, atribuiu os seguintes prémios:

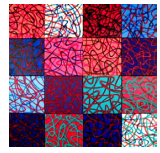
Grande Prémio Bienal de Cerveira – 10.000 €
Prémio Revelação – 2.500 €
Prémio "Fernando Azevedo" – 5.000 €
Prémio "Baviera" – 5.000 €
Prémio Aquisição "Águas do Minho e Lima" – 5.000 €
Prémio Jovem "I.P.J." (Artes Digitais) – 2.500 €



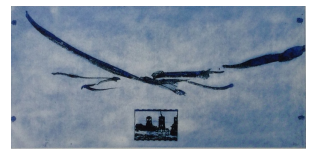
Figura 384 - O Júri de Premiação
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Quadro nº 59

ARTISTAS GALARDOADOS, PRÉMIOS E OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA[315]
Silvestre Pestana	Grande Prémio Bienal "Águas Vivas" Neon	
Pedro Figueiredo	Prémio Revelação "Repouso" Escultura	
Catarina Machado	Prémio Fernando de Azevedo Ex-Aequo "Floater multi colour" Pintura	
Cristina Guise	Prémio Fernando de Azevedo Ex-Aequo "Sonhos magníficos" Pintura	
Alberto Vieira	Prémio Aquisição Baviera/BMW "Casa Tanque" Escultura	
Benedita Kendall	Prémio Aquisição "Águas do Minho e Lima"[316] "Sem Título" Pintura	

[315] In http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all

Ana Maria	Prémio Aquisição "Águas do Minho e Lima"[317] "Meg" Pintura	
Dacos (Bélgica)	Prémio Aquisição "Águas do Minho e Lima"[318] "II Meuse" –pormenor Gravura	
Luísa Menano	Prémio IPJ (Artes Digitais) – Ex-Aequo "InterActing" Vídeo	
Xosé Lois Vásquez (Espanha)	Prémio IPJ (Artes Digitais) – Ex-Aequo "Soedade e Conflito: a noite" "Soedade e Conflito: o bunker" DVD	
Charly Rood (Holanda)	Prémio IPJ (Artes Digitais) – Ex-Aequo "Glass 3.4 ED" – Vídeo Clip 13,5 MB "2 clips final" – Vídeo Clip – 52 MB	
Rita Pessanha	Prémio IPJ (Artes Digitais) – Ex-Aequo "Globalização" Vídeo	

Pelo quadro anterior, verifica-se que, para além de vários artistas portugueses, também foram galardoados alguns artistas estrangeiros.



Figura 385 - Aspeto geral do 2.º Pavilhão – Obras do Concurso
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[316] Esta obra premiada ficou propriedade da empresa patrocinadora do prémio, não fazendo parte do espólio Museu da Bienal.

[317] Esta obra premiada ficou propriedade da empresa patrocinadora do prémio, não fazendo parte do espólio do Museu da Bienal.

[318] Esta obra premiada ficou propriedade da empresa patrocinadora do prémio, não fazendo parte do espólio do Museu da Bienal.

15.4 CONTEÚDOS

Inicia-se este item com homenagens e respetivas imagens.

Homenagem a José Rodrigues



Figura 386 - Pormenor da exposição de homenagem a José Rodrigues no Pavilhão 1 da Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Transcreve-se, de seguida, um texto da autoria de José Rodrigues[319] a propósito desta exposição e que está reproduzido no Catálogo desta Bienal:

> *(...) Há dois mil anos, um "certo" Homem era pregado com quatro pregos numa cruz. Antes de morrer ainda encontrou força para gritar: – Senhor, Senhor, porque me abandonaste? Não conheço na história da humanidade momento de maior solidão, e duvido que o possa vir a descobrir (...)*

e prossegue o seu testemunho:

> *(...) O que aqui se mostra são tentativas para encontrar um rosto para esse grito – grito que encheu o meu atelier durante dois anos. Foi uma grande viagem comigo e com outros.*

[319] In Catálogo da XII BIAC, p. 39.

Homenagem a Nadir Afonso



Figura 387 - Pormenor da exposição de homenagem a Nadir Afonso no Pavilhão 1 da Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Esta exposição de homenagem a Nadir Afonso esteve patente em novembro nesse mesmo ano no Centro Cultural de Ourense, Galiza, com o apoio do programa transfronteiriço Interreg IIIA.

Do catálogo desta Bienal extrai-se um excerto de um texto de Henrique Silva[320], onde este afirma:

> *(...) A escolha mútua para este primeiro evento comum recaiu sobre o pintor Nadir Afonso, pela sua relevância no panorama da arte portuguesa contemporânea e ainda, como originário e residente de uma região transfronteiriça (Chaves), com a própria província de Ourense.*

Homenagem a Guy Weelen



Figura 388 - Pormenores da exposição de homenagem Guy Weelen
Galeria Projecto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[320] In Catálogo da XII BIAC, p. 47.

A este propósito, no texto do Catálogo, Henrique Silva refere: [321]

(...) A Bienal de Cerveira presta-lhe hoje esta pequena homenagem, não só pela sua participação como membro do júri na sua 10ª Edição, como pelo exemplo que deixou de integridade profissional e humanidade, com que sempre tratou todos os artistas, velhos ou novos (...)

e prossegue:

(...) deixando uma obra sobretudo literária, que é uma referência para os estudiosos da arte contemporânea. Pessoalmente, foi certamente o amigo a quem muito devo pelo que com ele aprendi, ao longo dos vinte anos que convivemos.

Apresenta-se, de seguida, um quadro com as atividades realizadas nesta edição da BIAC: *Ateliers* Livres (várias modalidades), *Performance Art*, Espetáculos, Colóquios, Mesa Redonda, Visitas Guiadas, Música, *Workshops* e respetivos intervenientes.

Quadro nº 60

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Ateliers Coordenação Geral: Dacos, Álvaro Queirós	Arte Eletrónica/Orientado por: Fernando Correia, Henrique Richard, Tiago Assis Participantes:Tiago Assis, João Carqueijeiro, Cristina Leal, Pedro Lopes, José Alberto, Mariana, Seiji Ueoka, Nana Oriishi, Fumio Umino, Sawako Nakano, Kyoko Nishida, Sharif Ezzat, Catherine Ezzat, Dan Sheetz, Teresa Torres (TT) Cerâmica / Orientado por: João Carqueijeiro Participantes: Conceição Conde, Milú Sardinha, Lise Lobato, Margarida Leão, Paula Cardoso, Maria João Lemos, E. Lacerda Crianças / Orientado por: Conceição Conde Resinas /Orientado por: Albano Martins, Alice Tavares, José Calisto Participantes: Artur Moreira, Catarina Neto, Pedro Figueiredo, Catarina Eufémia, Paulo Marujo, Pedro Serrenho, Pedro Baptista Artes Gráficas / Orientado por: Joana Paradinha, Natacha Antão Participantes: Álvaro Queirós, Dacos, Aurora Brochado, C. Thyssen, Chantal Dejace, Flabat Brigitte Luís Ribeiro, Mari Takino, Max Fernandes Pintura / Orientado por: Susana Bravo Participantes: Ana Filipa Oliveira, Ana Margarida Pacheco, Edmundo Paz, Eurico Gonçalves, Henrique do Vale, Jaime Isidoro, Margarida Leão, Acácio Carvalho, Ana Maria, Edmundo Paz, Henrique Silva

[321] In Catálogo da XII BIAC, p. 33.

Colóquios	Geografia e Globalização – Prof. Francisco Fomega (Escola Superior Gallaecia) "O Megalitismo como fenómeno Universal" – Prof. Antón Rodríguez Casal (convidado Esc. Superior Gallaecia) Arquitetura, ambiente e topologia estrutural – Mestre Arq. Luís Paulo Pacheco (Escola Superior Gallaecia) Virtual Reality – Prof. Adérito Marcos Arte e Formigas – Implicações da vida artificial na arte, arquitetura e sociedade – Leonel Moura Comunicação com projeção de diapositivos – Infância da Arte – Arte da Infância – Dalila D'Alte Jornadas de debate sobre a situação da arte na Galiza e em Portugal – possibilidades para novos artistas – Mediação: D. Francisco González (Centro Cultural Ourense) Mesa Redonda – O percurso da Bienal de Cerveira nos seus 25 anos – Intervenientes: Jaime Isidoro, José Rodrigues, Eurico Gonçalves, Silvestre Pestana, Manuel Vitorino, José Manuel Carpinteira, Henrique Silva
Música	Academia de Música Fernandes Fão – Récita de música contemporânea – Henrique Rodrigues: Flauta transversal, Olga Amaro: Piano Maestro Vitorino de Almeida – Concerto de piano
*Performance Art/*Espetáculos	*Grupo UTUTU/eaRTh/2003*– Show com música, contadores de histórias e arte eletrónica (grupo do Japão, USA, Irlanda e Portugal) Tetectu/Palolo – Concerto Multimédia e Interarte – música, instalação, vídeo, diaporama, dança e *performance* (Jorge Lima Barreto, Vitor Rua e Raquel Rua) Andre Sier e Catarina Herdeiro – Instalação interativa Galeriaquadrum.com I o-a-m.com – "Propaganda" Branca Novoneyra – Dança Contemporânea *Performances* –" Desdobramento – Caos" – Beatriz Albuquerque; "Silêncio Azul" – Ruben Verdadeiro (multimédia) In Her Space – Concerto intervenção digital Helena Cardoso – "Tecer a natureza" – desfile de modelos (tecelagem tradicional portuguesa) Oficina de Arte Eletrónica
Livros de Arte de Autor	Alain de la Bourdonnaye
Visitas Guiadas	Pintor Eurico Gonçalves

15.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Livros de Arte de Autor

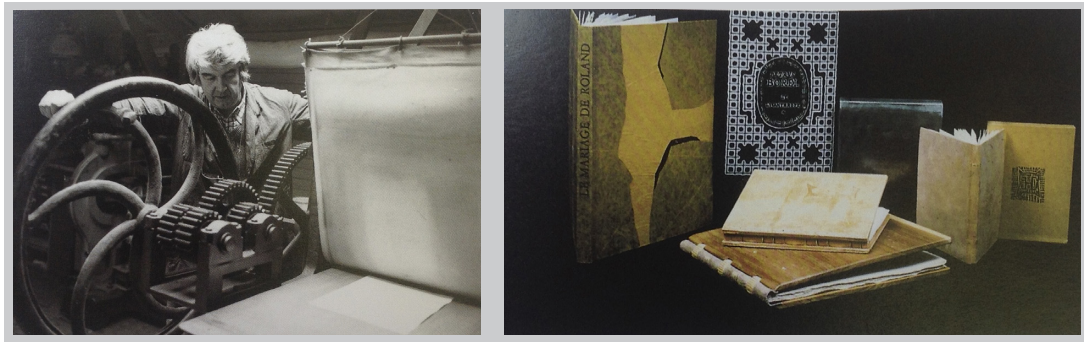


Figura 389 - Alain de la Bourdonnaye
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Arte Eletrónica



Figura 390 - Pormenores do *atelier*
Orientação de Fernando Correia, Henrique Richard e Tiago Assis
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Este *atelier*, além de proporcionar um espaço de experimentação para os artistas, graças aos técnicos permanentes, assegurava todos os espetáculos que necessitassem do suporte informático.

Atelier de Cerâmica
"As Gárgulas"

João Carqueijeiro lançou aos dez participantes a seguinte proposta: cada um fazia três gárgulas, de dimensões pré-determinadas (50 x 25 cm ø), para serem colocadas na fachada do edifício dos Bombeiros. Tal acabou por não ser viável, devido ao escasso tempo disponível. No entanto, desta ação resultaram dez exemplares, que, posteriormente, foram vendidos em conjunto a um colecionador, revertendo o produto da venda a favor da associação Projecto, permitindo, desse modo, investir em equipamento e materiais para ações futuras, aliás, como era habitual em casos semelhantes.

Isto é, o acordado com os participantes foi que uma das gárgulas ficaria para a PNDC e as restantes para cada um dos autores. Era uma maneira de a associação se autofinanciar, dados os parcos recursos, constituindo-se em mais uma singularidade da Bienal de Cerveira. Só assim foi possível desenvolver muitas outras atividades nos anos de não-bienal, recorrendo a obras produzidas nos vários *ateliers,* oferecidas pelos artistas participantes, que usufruíam dos materiais, alimentação e alojamento.



Figura 391 - *Atelier* de cerâmica orientado por João Carqueijeiro
Exterior do Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Resinas



Figura 392 - *Atelier* de Resinas na Casa do Artista
Orientação de Alice Tavares, Albano Martins e José Calisto
Artista convidado: o escultor Artur Moreira
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 393 - Painel realizado no atelier de resinas na XI BIAC [322] – Artur Moreira
Parque do Castelinho
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[322] Este painel, da autoria do escultor Artur Moreira, foi realizado no atelier de resinas na XI BIAC, mas só foi colocado na fachada traseira do edifício dos balneários públicos, no Parque do Castelinho, durante a realização da XII BIAC.

Atelier de Pintura



Figura 394 - *Atelier* de Pintura
Orientação de Susana Bravo – Centro de Camionagem
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Crianças



Figura 395 - *Atelier* de Crianças[323]
Orientação Conceição Conde – Praça do Alto Minho
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[323] O jornal *Diário de Notícias*, de 30 agosto noticia *Bienal de Arte de Cerveira acolheu 70 "pequenos pintores"*, Anexo I Vol. III p. 115.

Nesta Bienal, este *atelier* funcionou no espaço público, uma vez que, no Pavilhão 3 do Fórum Cultural, estiveram em exposição vídeos do concurso e também parte da oficina de Arte Eletrónica. Este *atelier* funcionava por inscrições prévias, no entanto, sempre que uma criança não inscrita viesse acompanhada pelos pais, era-lhe dada a possibilidade de participar.

***Workshop* de Serigrafia**

Este *workshop*, realizado na Casa do Artista, foi orientado por Joana Paradinha e Natacha Antão. Todos os materiais consumíveis eram fornecidos graciosamente aos participantes pela Organização da Bienal, uma vez que tinham siso oferecidos por empresas patrocinadoras.



Figura 396 - *Workshop* de Serigrafia
Casa do Artista
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Gravura



Figura 397 - *Atelier* de Gravura
Orientação – Dacos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

As gravuras, de grande formato e impressas a vermelho em papel Kraft, foram amarradas às árvores existentes num terreno em frente ao Fórum e ao gradeamento da "Casa dos Marrecas", também conhecida, na altura, pela "casa verde".

Conferências / Debates / Colóquios / Mesa Redonda



Figura 398 - Os Colóquios da Escola Superior Gallaecia – ESG
Imagem do catálogo XII BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A Escola Superior Gallaecia – ESG, sediada em Vila Nova de Cerveira, promoveu, nas suas instalações, três colóquios sobre os seguintes temas:

"Geografia e Globalização", com a moderação do Prof. Francisco Fumega;
"O Megalitismo como fenómeno universal", com a moderação do Prof. Antón Rodriguez Casal;
"Arquitetura, ambiente e topologia estrutural", com a moderação do Arq. Luís Paulo Pacheco.

A Figura 398, refere "O papel da arquitetura na globalização" com o seguinte texto:

(...) Na nossa era não temos castelos, ou pirâmides para construir, o nosso grande monumento é o planeta "terra". Os meios que dispomos permitem interferir (para o bem e para o mal) à escala do planeta, um dos sectores da indústria que mais o afecta com destruição e poluição é o da construção.

Infância da Arte – Arte da Infância[324]
Comunicação com projeção de diapositivos
Dalila D'Alte Rodrigues

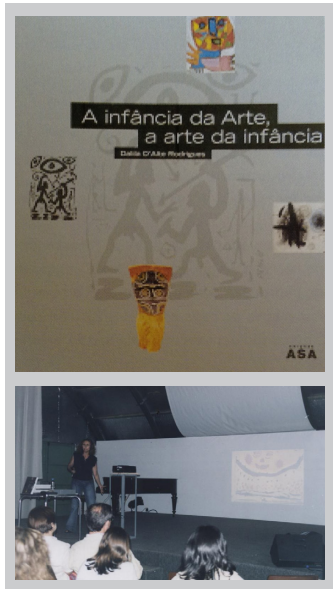


Figura 399 - Lançamento do livro – Dalila D'Alte Rodrigues
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[324] Lançamento do livro "Infância da Arte – Arte da Infância", de Dalila D'Alte Rodrigues, 1ª Edição. Uma 2ª edição foi lançada em 2016.

Segundo a autora da publicação, esta ação destinava-se a *"Pais, Educadores, Professores, Jovens, Estudantes de Belas-Artes, Estudantes de Escolas Superiores de Educação, Artistas e todos aqueles que se preocupam com a Educação Artística*".

No dia 17 de agosto, o Prof. Adérito Marcos proferiu uma conferência subordinada ao tema "Virtual Reality", da qual não existe registo fotográfico.

Comunicação / Projeção
Arte e Formigas
Leonel Moura

Implicações da vida artificial na arte, arquitetura e sociedade



Figura 400 - Comunicação de Leonel Moura
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Para o artista plástico Leonel Moura:

(…) as formigas e computadores ajudam a demonstrar como a partir de mecanismos muito simples e básicos se atinge uma enorme complexidade.[325]

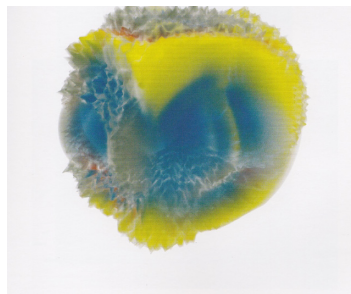


Figura 401 - Projeção de Leonel Moura
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[325] In Catálogo XII Bienal p. 281.

Debate
"Situação da arte na Galiza e em Portugal
Possibilidades para novos artistas"



Figura 402 - Debate moderado por Francisco Gonzalez
Diretor do Centro Cultural de Orense
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Mesa Redonda
"O percurso da Bienal de Cerveira nos seus 25 anos"

No último dia do mês de agosto, realizou-se, no Pavilhão 3 do Fórum Cultural, a Mesa Redonda "O percurso da Bienal de Cerveira nos seus 25 anos – Resumo das atividades das oficinas da XII Bienal", sendo intervenientes Jaime Isidoro, José Rodrigues, Eurico Gonçalves, Francisco Gonzalez, Silvestre Pestana, Manuel Vitorino, José M. Vaz Carpinteira e Henrique Silva.

Teve como objetivo discutir o percurso dos 25 anos da Bienal, mas sobretudo traçar um plano estratégico de consolidação no futuro. Foi opinião generalizada que a Bienal de Cerveira muito contribuiu para o desenvolvimento económico e cultural da região e afirmação da arte contemporânea, tendo Jaime Isidoro referido que "a desconfiança das primeiras edições deram lugar à certeza e credibilidade dos nossos dias"[326], numa alusão às reações da população cerveirense às primeiras Bienais, olhando com desconfiança para o que vinha de fora.

---

[326] In *Correio do Minho*, de 3 setembro 2003, p. 16.

Tanto a autarquia, representada pelo seu presidente, José M. Vaz Carpinteira, como os artistas intervenientes e o jornalista Manuel Vitorino, apontaram como principais necessidades para o futuro da Bienal um maior apoio financeiro das entidades governamentais, além da criação de um espaço criado de raiz para albergar o Museu da Bienal e o próprio evento, em suma, um Centro de Artes, apontando ainda para a criação de uma fundação que assegurasse a organização e promoção do certame. Surgia assim a primeira ideia para a criação de uma Fundação, apoiada por Paulo Dias, então presidente do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho e do então presidente da Região de Turismo do Alto Minho, Francisco Sampaio, cujos fundamentos seriam uma maior aproximação entre os artistas e o poder central e autárquico.

Justamente nesse ano de 2003, começaram a verificar-se, por parte do poder político autárquico e da própria associação PNDC, insuficiências do modelo de gestão encontrado em 1994, por um lado pelos constrangimentos financeiros resultantes de uma conjuntura económica nacional debilitada, forçando as instituições culturais a reavaliarem a sua estrutura de financiamento, e, por outro, pelo património histórico e artístico que tinha vindo a ser herdado desde 1978, com um espólio em obras de arte com um valor muito significativo.

Nesse sentido, após as análises de diferentes modelos jurídicos, que tiveram em conta padrões comparativos de vantagens e desvantagens, chegou-se à conclusão que a criação da Fundação da Bienal Internacional de Arte de Cerveira permitiria dar continuidade a um projeto com um cariz enraizado ao nível nacional, o qual pretendia valorizar a produção artística nacional, face aos grandes centros culturais da Galiza, promover a formação artística através das novas tecnologias e incentivar o turismo cultural da região na Europa e no Mundo.

Enquanto decorria o debate, foram projetadas, nos três ecrãs do Pavilhão 3, imagens das obras produzidas nos vários *ateliers* desta edição da BIAC e expostas as obras nesse mesmo espaço. Desta ação não existem registos fotográficos em arquivo.

Sobre este assunto, a avaliação de Henrique Silva na entrevista nº10 torna-se essencial, pois o seu envolvimento com a BIAC era intenso e a ideia original de uma fundação acabou por não corresponder ao que inicialmente tinha sido proposto à Câmara:

> *(...) Foi uma época muito, muito interessante, mesmo. Mas como era muito pesada a fatura(...) Então, a primeira coisa antes da fundação, eu propus ao Carpinteira, que a Câmara fosse sócia da Projecto, para entrar para a Projecto. Mas também em colaboração com a Câmara, realmente fazer o programa,*

já com o apoio dentro da Bienal. Não uma empresa de serviços, mas uma colaboração com a Câmara. Ele chegou à conclusão, lá com os advogados, que não interessava. Pronto. Então, foi aí que surgiu a ideia da Fundação(...)

e prossegue:

(...) E essa Fundação, em princípio deveria ter sido, e isso está numa ata duma assembleia da Projecto, a Projecto transformar-se em Fundação com a Câmara. Em vez de ser a associação Projecto e a Câmara dentro, ser uma Fundação com a Câmara. Os sócios da Projecto fazerem parte dessa Fundação. É claro que depois o Carpinteira, como aquilo já tinha realmente bastante prestígio, já era uma imagem de marca para a terra e etc. deu a volta aos estatutos, e acabou por ser só a Câmara a mandar.

Performance Art / Espetáculos
Grupo _UTUTU/eaRTh/2003_



Figura 403 - *Show* com música, contadores de histórias e Arte electrónica
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A atuação deste grupo visava estabelecer uma experiência interativa entre os artistas e o público, através de uma colaboração telemática. Foi apresentado por artistas japoneses, americanos e portugueses, em colaboração com o Grupo Renaissance 2001, um trabalho multimédia "/eaRTh/2003", abordando o tema "Conflitos". No texto do Catálogo desta Bienal[327], numa referência ao grupo, lê-se:

[327] In Catálogo XII Bienal pp. 278-279.

(...) O projecto UTUTU/eaRTh/2003 inclui três partes: a apresentação: UTUTU, o workshop eaRTh, e live performances com Birgitta Jonsdóttir (poemas); Marc Rosenberg (live electronic music), coL (guitarra e voz) incluindo também uma cerimónia do chá como símbolo de partilha e harmonia.



Figura 404 - Painel coletivo de desenhos individuais
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 405 - Atuação do grupo UTUTU/EaRTh/2003
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 406 - Pormenores da cerimónia do chá
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Concerto Multimédia e Interarte
Telectu – Palolo
Música, instalação, vídeo, diaporama, dança e *performance art*



Figura 407 - Jorge Lima Barreto, Victor Rua e Raquel Rua
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Instalação Interativa
André Sirer e Catarina Herdeiro



Figura 408 - Intervenção de André Sier, Catarina Herdeiro
"Raios de poemas lapisados lazulicamente na luz"
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Dança Contemporânea
Branca Novoneyra
Antón Lopo

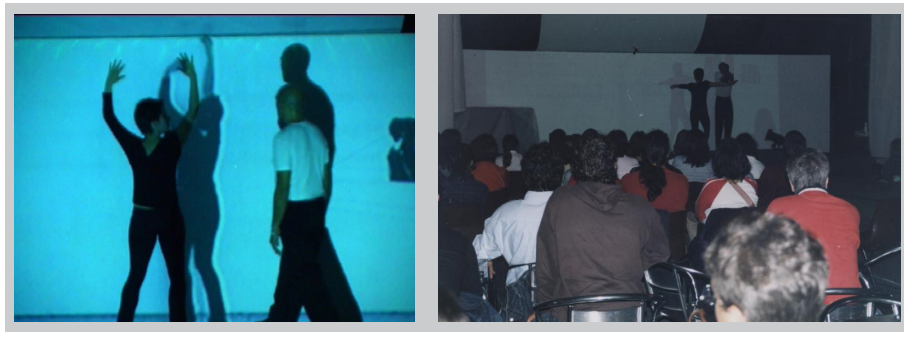


Figura 409 - Exercício nº 1 (A FLOR DE PEDRA)
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Branca Novoneyra coreografou este número de dança, acompanhada pelo *performer* Antón Lopo, que idealizou a projeção da cena, com música do grupo Massive Attak. O Exercício nº 1 tinha sido apresentado em 2002 na galeria Trinta, de Santiago de Compostela.

Do texto do Catálogo p. 290, destaca-se o seguinte excerto:

(...) The key of the work is the action of re-living: It is told as the flower that lives on the walls of old buildings in Santiago, between the cracks of their stones, it only needs water to grow roots and flourish. During the winter it shrivels, but in the Spring it regrows.[328]

Intervenção Digital – Concerto
"In Her Space"



Figura 410 - (+) + In her space + How to be a millionaire + 40'
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Este coletivo apresentou uma instalação / intervenção sonoro/visual, inspirada no discurso do filósofo economicista de Jim Rohn[329].

[328] (...) A chave do trabalho é a ação de re-viver: conta-se como a flor que vive nas paredes dos velhos edifícios de Santiago, entre as fendas das suas pedras, só precisa de água para criar raízes e crescer. Durante o inverno seca, mas na primavera volta a crescer. Tradução livre da autora.

[329] Jim Rohn (1930-2009), figura conhecida pelo seu envolvimento com as causas do desenvolvimento pessoal.

Do texto do Catálogo desta BIAC, retira-se o seguinte extrato:

(...) O projecto assenta na intenção de estabelecer uma sinergia de antagonistas entre a oratória rohniana que eleva a postura de auto-aperfeiçoamento votado ao empreendimento económico e financeiro, e a frase melódica simples, suportada por um tempo irregular que serve de ponto de partida a percursos de incerteza.[330]

Concerto
Vitorino D'Almeida e Virtual *Graffiti*

O *Virtual Graffiti* era um cenário que permitia ao utilizador desenhar *graffiti* numa parede virtual, utilizando uma lata de spray, também virtual, surgindo, de imediato, o desenho num écran, disponível na *web* para toda a comunidade internauta. Foram convidados artistas e visitantes a experimentarem esta tecnologia, como foi o caso do Ministro Manuel da Cruz Roseta, aquando da inauguração.

À semelhança do que tinha acontecido na XI BIAC com Jaime Isidoro, o maestro António Vitorino D'Almeida improvisava ao piano à medida que iam sendo criadas pinturas virtuais. Em sala separada do público, alguns artistas pintavam com um *spray* virtual telas também elas virtuais; estas imagens eram transmitidas, via vídeo, em três ecrãs, sendo visíveis pelo maestro e o público.



Figura 411 - Concerto de Vitorino D'Almeida e *Graffiti* virtual
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[330] In Catalógo XII BIAC, p. 293.

O emocionante testemunho de Ana Maria na entrevista nº6 torna quase palpável o poder de comunicação desta *performance*:

(...) E essas pinturas, que nós estávamos a fazer, estavam a ser projetadas na tela, onde estava o grande auditório, naquele espaço, onde está o Vitorino D'Almeida a improvisar, a partir das imagens que nós desenhávamos, e que as pessoas não nos viam a nós, viam nascer as imagens. Por sua vez, nós estávamos a ouvir a música. E no meu caso, adorei(…)! Porque eu estava a sentir, que eu própria estava a improvisar, a partir da música que o Vitorino D'Almeida estava também a construir.

***Performance Art* – Desdobramento**
Beatriz Albuquerque



Figura 412 - *Performance* Desdobramento
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Beatriz Albuquerque, em texto publicado no Catálogo, refere:

(...) esta performance questiona todo o desdobramento humano, seja kármico, real, seja o de uma mulher e das suas tarefas, exorcizando e dando uma síntese conclusiva. As cordas simbolizam tanto o que nos une, como o que nos separa. A dimensão do próximo e distante. Uma dualidade do corpo, alma, sociedade.[331]

[331] in p. 289 – Catálogo da XII BIAC.

Performance – Caos
Beatriz Albuquerque

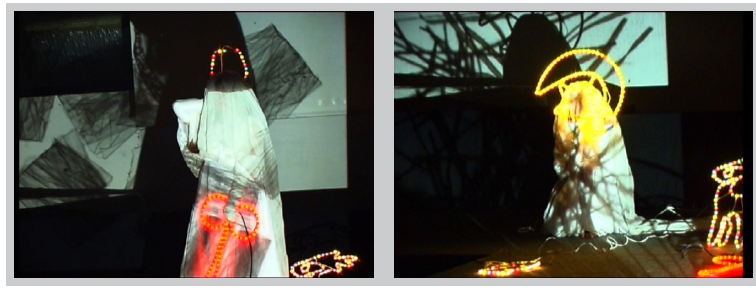


Figura 413 - *Performance Caos* – 29 agosto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Performance – Silêncio Azul
Ruben Verdadeiro

Esta *performance* de Ruben Verdadeiro, intitulada "Silêncio Azul", englobava vários meios de comunicação, tais como o vídeo, som, *performance* teatral e contava uma história dividida em quatro momentos: Tempestade, Mergulho, Imersão e Evaporação.

Inspirado em Marc de Smedt e no apelo à meditação, Ruben Verdadeiro também cita George Moore: *"O poder do visível reside no invisível"*, rematando o seu texto:

> *(...) Procuro a simplicidade, a matéria viva, a comunicação mais rica e profunda caracterizada por uma fusão orgânica de múltiplos elementos. E assim, criar condições que possibilitam o receptor de escolher direcções, lugares do seu ser mais íntimo, da sua própria busca interior.*[332]

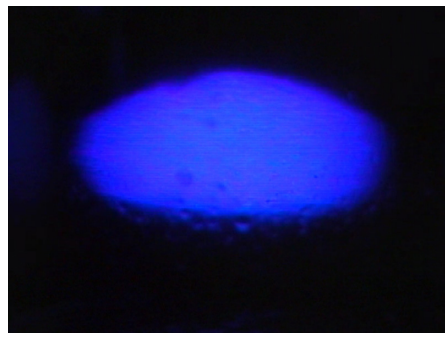
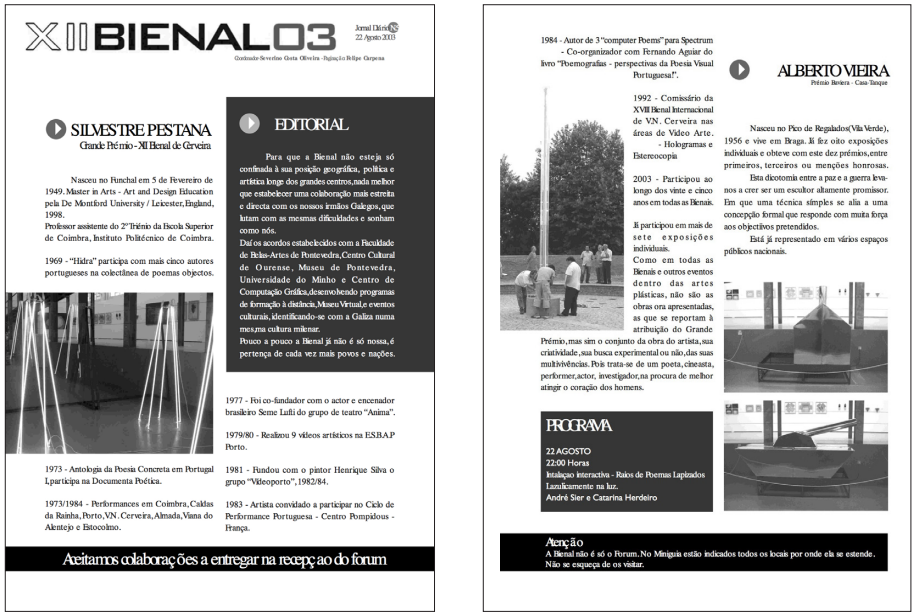


Figura 414 - "Silêncio Azul"
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[332] in Catálogo XII Bienal, p. 291.

Nesta Bienal foi publicado um jornal,[333] coordenado por Severino Oliveira, do qual saíram seis números entre o dia 18 e 26 de agosto desse ano, nos quais se relatavam as atividades que decorriam nesses dias e se comentavam os acontecimentos paralelos.



XII BIENAL 03

Jornal Diário 22 Agosto 2003

Coordenador Severino Costa Oliveira - Fugiação Felipe Carpena

SILVESTRE PESTANA
Grande Prémio - XII Bienal de Cerveira

Nasceu no Funchal em 5 de Fevereiro de 1949. Master in Arts - Art and Design Education pela De Montford University / Leicester, England, 1998.
Professor assistente do 2º Triénio da Escola Superior de Coimbra, Instituto Politécnico de Coimbra.

1969 - "Hidra" participa com mais cinco autores portugueses na colectânea de poemas objectos.

1973 - Antologia da Poesia Concreta em Portugal I, participa na Documenta Poética.

1973/1984 - Performances em Coimbra, Caldas da Rainha, Porto, VN. Cerveira, Almada, Viana do Alentejo e Estocolmo.

EDITORIAL

Para que a Bienal não esteja só confinada à sua posição geográfica, política e artística longe dos grandes centros, nada melhor que estabelecer uma colaboração mais estreita e directa com os nossos irmãos Galegos, que lutam com as mesmas dificuldades e sonham como nós.
Daí os acordos estabelecidos com a Faculdade de Belas-Artes de Pontevedra, Centro Cultural de Ourense, Museu de Pontevedra, Universidade do Minho e Centro de Computação Gráfica, desenvolvendo programas de formação à distância, Museu Virtual, e eventos culturais, identificando-se com a Galiza numa mesma cultura milenar.
Pouco a pouco a Bienal já não é só nossa, é pertença de cada vez mais povos e nações.

1977 - Foi co-fundador com o actor e encenador brasileiro Seme Lufti do grupo de teatro "Anima".

1979/80 - Realizou 9 vídeos artísticos na E.S.B.A.P Porto.

1981 - Fundou com o pintor Henrique Silva o grupo "Videoporto", 1982/84.

1983 - Artista convidado a participar no Ciclo de Performance Portuguesa - Centro Pompidous - França.

Aceitamos colaborações a entregar na recepçao do forum

1984 - Autor de 3 "computer Poems" para Spectrum - Co-organizador com Fernando Aguiar do livro "Poemografias - perspectivas da Poesia Visual Portuguesa!".

1992 - Comissário da XVIII Bienal Internacional de V.N. Cerveira nas áreas de Vídeo Arte. - Hologramas e Estereocopia

2003 - Participou ao longo dos vinte e cinco anos em todas as Bienais.

Já participou em mais de sete exposições individuais.
Como em todas as Bienais e outros eventos dentro das artes plásticas, não são as obras ora apresentadas, as que se reportam à atribuição do Grande Prémio, mas sim o conjunto da obra do artista, sua criatividade, sua busca experimental ou não, das suas multivivências. Pois trata-se de um poeta, cineasta, performer, actor, investigador, na procura de melhor atingir o coração dos homens.

PROGRAMA

22 AGOSTO
22:00 Horas
Intalaçao interactiva - Raios de Poemas Lapizados
Lazulicamente na luz.
André Sier e Catarina Herdeiro

ALBERTO VIEIRA
Prémio Baviera - Casa-Tanque

Nasceu no Pico de Regalados (Vila Verde), 1956 e vive em Braga. Já fez oito exposições individuais e obteve com este dez prémios, entre primeiros, terceiros ou menções honrosas.
Esta dicotomia entre a paz e a guerra leva-nos a crer ser um escultor altamente promissor. Em que uma técnica simples se alia a uma concepção formal que responde com muita força aos objectivos pretendidos.
Está já representado em vários espaços públicos nacionais.

Atenção
A Bienal não é só o Forum. No Miniguia estão indicados todos os locais por onde ela se estende. Não se esqueça de os visitar.

Figura 415 - Exemplar do jornal de 22 de agosto
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 416 - Severino Oliveira, preparando o jornal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Ainda no âmbito das comemorações dos 25 anos da BIAC, a organização convidou o artista plástico Acácio de Carvalho para pintar a empena do Banco Comercial Português. A pintura foi realizada durante a Bienal, com a colaboração de Rui Ferreira e Ana Maria Pintora.

[333] In *Jornal Diário*, de 18 a 26 agosto 2003 s/p, Anexo II Vol. III pp. 224-235.



Figura 417 - Maqueta e imagem dos trabalhos de pintura da empena
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Foi também colocada uma escultura luminosa da autoria de Silvestre Pestana, intitulada "Rio, Água e Sangue", na Praça da Galiza, no centro de um lago que, na altura, ali existia. Posteriormente, esta foi destruída pela autarquia, aquando da demolição do prédio onde existiu a Galeria Projecto e o lago, para a construção de um imóvel camarário que continua por acabar ainda hoje, tal como a escultura que permanece por restaurar, apesar dos insistentes pedidos do seu autor junto da Autarquia.



Figura 418 - Colocação da escultura de Silvestre Pestana
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Visitas Guiadas

De 17 a 21 de agosto, realizaram-se várias visitas guiadas, orientadas por Eurico Gonçalves. Colaboraram nestas visitas estudantes do curso de Guias Turísticos da Gabigerh, Lda., acompanhando e interagindo com o público. De referir que estes alunos beneficiaram de formação dada por Eurico Gonçalves, antes da abertura da Bienal e com a exposição já montada. As visitas guiadas abrangiam todos os locais onde estavam exposições da Bienal.



Figura 419 - Visita guiada por Eurico Gonçalves
Fonte: Arquivo Henrique Silva

15.6 DADOS ESTATÍSTICOS

Em relação aos dados estatísticos da edição anterior, verificam-se as seguintes alterações: os participantes nacionais diminuíram 25,7%, assim como os estrangeiros 33,3% e os países representados 37,4%.

Gráfico 24

PARTICIPANTES/PAÍSES

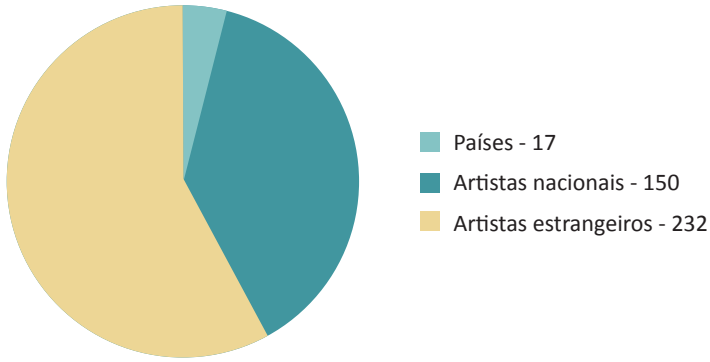


Figura 420 - Países e participantes

Gráfico 25

VISITANTES

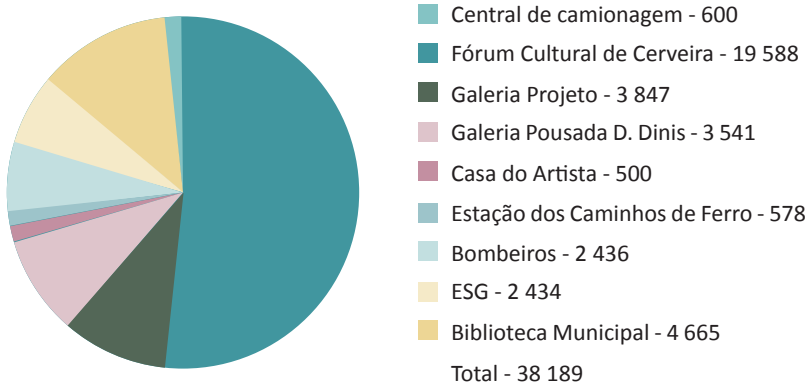


Figura 421 - Visitantes durante a XI BIAC

Gráfico 26

ALOJAMENTOS

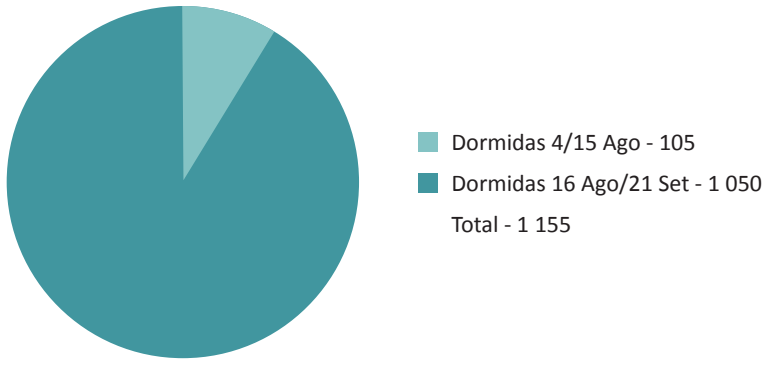


Figura 422 - Alojamentos durante a XII BIAC

Gráfico 27

REFEIÇÕES

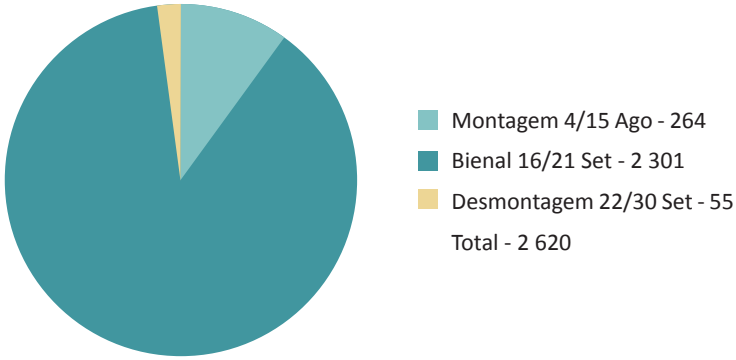


Figura 423 - Refeições durante a XII BIAC

Esta edição contou com a participação financeira das seguintes instituições:

Ministério da Cultura – 12%
Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira – 23,5%
Baviera – 42,2%
Outras entidades – 10%

15.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Localização das exposições e intervenções em Vila Nova de Cerveira.

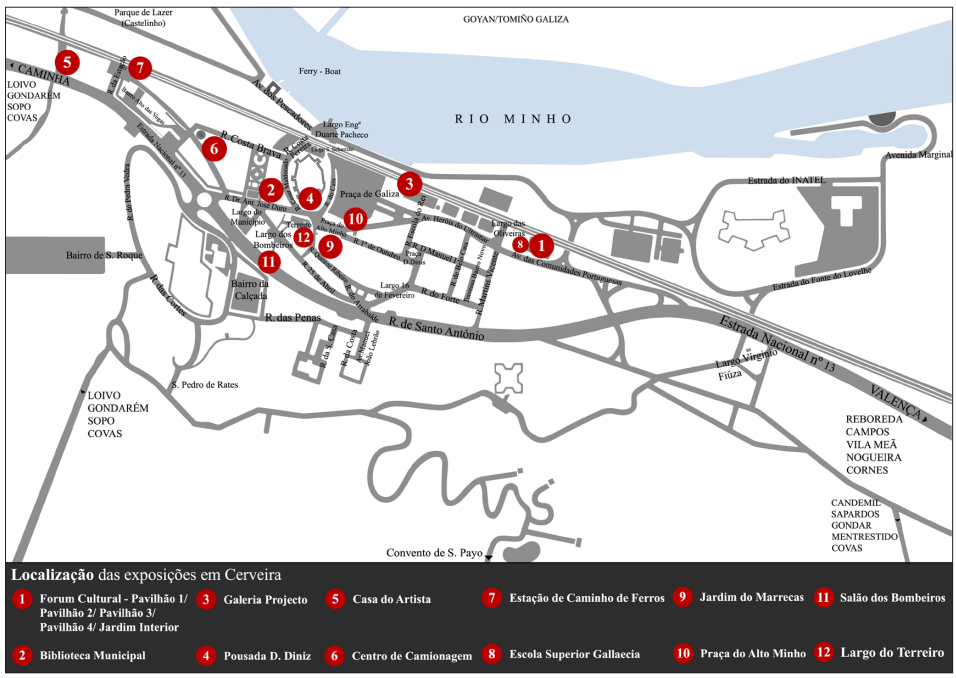


Figura 424 - Mapa dos locais de exposição

15.8 FLAGRANTES DA BIENAL

Como se pode observar, o conjunto de imagens "soltas" são o resultado de pormenores ocasionais selecionados pela investigadora.



Figura 425 - Pormenores
Fonte: Arquivo Henrique Silva

15.9 SÍNTESE PARCIAL

A Bienal consolida-se como um evento de referência a nível nacional e internacional, com o reconhecimento por parte dos artistas a nível nacional e europeu como um evento de referência.

O tema "O artista e a globalização" aborda para o papel dos artistas como atores sociais: o que significa ser autor das suas posições e quais as suas perspetivas a nível do global, um passo dado no sentido da sua intervenção no mundo, e, por consequência, na defesa de causas.

Comemorando os 25 anos da BIAC, realizaram-se, ao longo do ano e até à abertura da Bienal, exposições de Humberto Marçal, Rui Aguiar, Zadok Ben-David e Fernando de Azevedo, no Fórum Cultural.

Como novidade, salienta-se a atribuição do Prémio Fernando de Azevedo, a publicação de um jornal durante a Bienal (seis números) e a pintura de um mural por Acácio de Carvalho assinalando o 25º aniversário da BIAC.

Ainda integrado nas comemorações realizou-se um debate sobre o futuro da Bienal, começando a surgir aí a ideia da criação de uma Fundação Bienal de Arte de Cerveira.

Vila Nova de Cerveira
20 de agosto a 17 de setembro 2005

16.0

XIII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

16.0 XIII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

Vila Nova de Cerveira

20 de agosto a 17 de setembro 2005

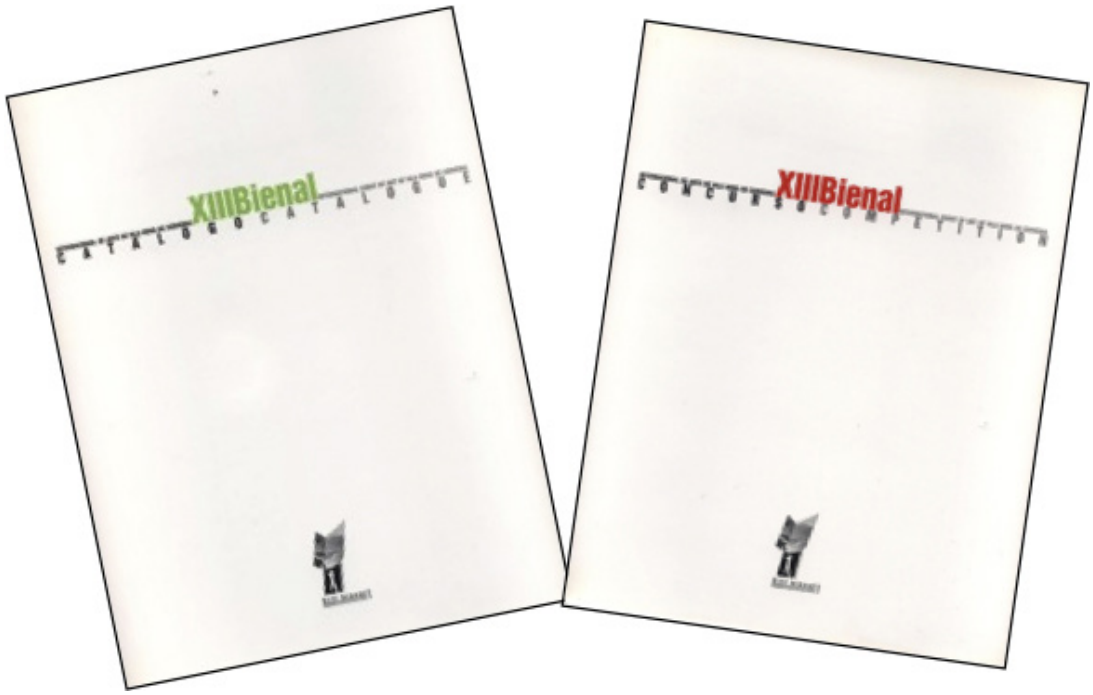


Figura 426 – Capas dos Catálogos "Geral e Concurso" – designSA

Fonte: Arquivo Henrique Silva

16.1 NOTA INTRODUTÓRIA

Subordinada ao tema "Relação da Arte com a Academia no Século XXI – Criatividade-Academismo", esta edição da Bienal, além da presença nos espaços de Vila Nova de Cerveira, foi alargada a vários concelhos do Alto Minho e Galiza, nomeadamente Tui, Tomiño, Paredes de Coura, Valença, Monção e Melgaço, no intuito de promover a arte e a cultura por toda a região, num espírito de descentralização, cativando novos públicos, mas também com o intuito de interessar as respetivas autarquias na programação e financiamento do futuro deste evento, o que verdadeiramente nunca viria a acontecer.

Os custos tiveram uma comparticipação avultada da Direção Geral das Artes, pela mão do seu diretor, Fernando Calhau, e da empresa DST que tinha sido convidada para o Conselho de Administração da futura Fundação Bienal de Arte de Cerveira.

Para a Comissão de Programa, foram convidados Américo Silva, em representação da SNBA; Lúcia Matos, em representação da FBAUP; Miguel von Hafe Pérez, na qualidade de Comissário da Bienal de Pontevedra, e Margarida Leão, como representante da PNDC.

Foram convidados a participar nesta Bienal os artistas:
António Quadros Ferreira;
Carlos Barreira;
Leonel Moura;
Lola Dopico;
Jorge Pinheiro;
Demée (1929- 2014);
Rogério Ribeiro;
Rui Anahory;
Xurxo Oro Claro.

De referir que o artista plástico Leonel Moura, também convidado, se prontificou a transportar para a Bienal a sua instalação de robots desenhadores, mas não compareceu (por esquecimento, segundo o próprio), ficando a pista onde deveriam atuar esses robots, vazia, como marca da sua presença virtual.

Significativa foi a presença do Mednarodni Graficni Likovni Center[334], da Eslovénia, onde se realiza uma das mais antigas bienais de Artes Gráficas na Europa,

[334] *The Ljubljana Biennial of Graphic Arts is one of the oldest biennials in the world. Its emergence in 1955 pinpointed Ljubljana and the visual art of Slovenia on the world map.*
In https://www.mglc-lj.si/eng/the_biennial/about_the_biennial - (acesso fev. 2016).

com uma representação de obra gráfica e que trouxe a Vila Nova de Cerveira alguns artistas e a própria Diretora dessa Bienal.

Nesta edição, a associação PNDC recebeu um pedido da Bienal de São Paulo solicitando o envio de todos os catálogos da BIAC publicados até à data a fim de serem incluídos na Bienal "Em Vivo Contacto", no 3.º pavilhão, onde estiveram expostos catálogos das mais variadas bienais de todo o mundo. Foram reunidos todos os catálogos e enviados para a Fundação Bienal de São Paulo que se encarregou do transporte.

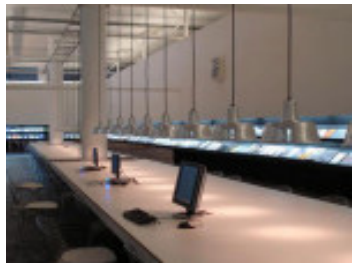


Figura 427 - Vista da "Biblioteca" – 28.ª Bienal de São Paulo "Em vivo contato" (2008).
Imagem: Mônica Shiroma/ Arquivo Histórico Wanda Svevo/ Fundação Bienal de São Paulo.[335]

Transcreve-se, em seguida, excerto sobre a proposta de Ivo Mesquita para a 28ª Bienal de São Paulo:

> *(…) A Biblioteca se constituirá de documentos, livros e depoimentos (de artistas, críticos, intelectuais e ex-curadores) selecionados e organizados com a colaboração de artistas convidados, e propostos ao público como possíveis entradas para a história das Bienais de São Paulo, assim como de outras Bienais, e as economias e culturas que elas representam. Será um espaço de pesquisa e reflexão, aberto ao público, e que deverá prover subsídios para o conhecimento e a compreensão da instituição e do modelo cultural que representa*.[336]

16.2 PREPARAÇÃO

A imprensa, como já vem sendo hábito, deu larga cobertura ao evento e, em 7 março, no *Jornal de Notícias*, num artigo assinado por Carla Alexandre Vieira refere: *" Bienal com Falta de apoios – CRISE – Autarquia garante realização do evento, nem*

[335] In https://atelie397.com/uma-Bienal-por-seus-leitores/ (acesso jun. 2017).

[336] In http://www.artecapital.net/perspetiva-71-ivo-mesquita-28ª-Bienal-de-sao-paulo (acesso jul. 2013).

que tenha de recorrer a crédito bancário..."[337], enquanto que o *Diário de Notícias* de 9 de março, num artigo assinado por Paulo Julião, titulava "*Bienal de Cerveira está sem dinheiro – Crédito bancário pode ser o último recurso para a escassez de patrocínios este ano"*[338].

A 13 de maio, o jornal *Faro de Vigo* noticiava "*Las obras de um centenar de artistas estarán a concurso en la Bienal de Cerveira"* e, no texto: *"Um total de 139 obras de 96 artistas portugueses e extranjeros han sido escolhidas por el jurado..."*[339]

O *Cerveira Semanário*, de 22 de julho, p. 15, publica o programa desta Bienal e outro artigo assinado por Tino Vale Costa, pp. 16-18, com o título "Memórias Cerveirenses – Bienais de Arte de Vila Nova de Cerveira".

No *Primeiro de Janeiro* de 28 de julho[340], na secção de Cultura-Espetáculos, num artigo assinado por Sandra Fernandes, e em que se noticia a apresentação desta Bienal no Hotel Meridien, no Porto, são referidas umas declarações do diretor da Bienal quanto a esta edição: "*Até agora, só nos deram apoio moral"* e "*Voluntários do* IPJ *colmatam falta de recursos humanos"*.

O Semanário *Alto Minho*[341], na sua edição de 5 de agosto, referia uma das iniciativas inovadoras, o Concurso MMS. Os visitantes que possuíssem um telemóvel com câmara fotográfica incorporada foram convidados a fazerem um registo fotográfico e a enviarem essas imagens por SMS para sms@Bienaldecerveira.org, sendo posteriormente visualizadas pelo público durante o evento.

O *Jornal de Notícias*, num artigo de 12 de janeiro, assinado por Carla Vieira, titula: "Bienal de Cerveira alarga formato – Descentralização de eventos é a principal novidade de um programa que arranca no dia 20."[342]

O Jornal *Público* anuncia em primeira mão "Bienal de Cerveira vai ter Fundação associada" num artigo publicado no dia 12 de agosto, assinado por Ana Peixoto Fernandes, completando o título com "Edição deste ano inicia-se em 20 de agosto e prolonga-se até 17 de setembro. Iniciativa já em défice de 100 mil euros"[343].

---

337 Anexo I Vol. III p.116.

338 Anexo I Vol. III p.117.

339 Anexo I Vol. III p.118.

340 Anexo I Vol. III p. 119.

341 Anexo I Vol. III p. 120.

342 Anexo I Vol. III p. 121.

343 Anexo I Vol. III p. 122.

Também o *Público* de 19 de agosto, no artigo assinado por Joana Lopes Marques, titula *"*XIII Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira alarga-se à Galiza*"*[344].

Referindo uma entrevista ao diretor da Bienal, Henrique Silva, o *Jornal de Notícias*[345] de 20 de agosto, num artigo assinado por Carla Alexandre Vieira, titula "A Arte não tem que ser rentável" e subtitula uma fotografia: "Henrique Silva – No início a Bienal tinha poucos custos e muita tertúlia. Hoje já não é assim e há até alguns artistas que fazem muitas exigências.".

O *Diário de Notícias*[346] do mesmo dia publica três artigos assinados, um por Sofia Garcia, outro com a menção *Direitos Reservados* e o terceiro *Arquivo DN – Hernani Pereira*, titulados respetivamente "Artes digitais em foco na Bienal"*, "*Será que qualquer um pode ser artista?" e "História de um evento aberto a ideias".

Ainda o *Jornal de Notícias*[347] de 21 de agosto, em artigo assinado por Carla Alexandre Vieira, é noticiada a inauguração pela Ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, que referiu o estreitamento de relações entre vários países e no qual afirma "A Bienal é um projeto exemplar".

De referir que esta foi a primeira Bienal com uma presença significativa de Escolas Superiores de Arte e Universidades, cujo objetivo era aproximar as fontes de formação de artistas e as respetivas entidades formadoras, de forma a que num futuro que se desejava próximo, se encontrassem novas formas de participação e comunicação para as Bienais futuras, sabendo-se que, qualquer iniciativa de cariz inovador, deverá encontrar meios de renovação e empreendedorismo, sob pena de se tornar caduca.

Com efeito, foram convidadas a participar nesta Bienal as seguintes Escolas Superiores de Artes:

Escola Universitária das Artes de Coimbra – ARCA-EUAC;
Escola Superior de Artes e Design – ESAD – Caldas da Rainha;
Escola Superior de Artes e Design – ESAD –Matosinhos;
Escola Superior Artística do Porto – ESAP;
Escola Superior Gallaecia – ESG – Vila Nova Cerveira;
Faculdade de Belas Artes de Pontevedra – FBAPV;

---

[344] Anexo I Vol. III p. 123.

[345] Anexo I Vol. III p. 124.

[346] Anexo I Vol. III p. 125.

[347] Anexo I Vol. III p. 126.

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto – FBAUP;
Universidade Católica – Porto;
Universidade de Évora.

Da Comissão de Programa da XIII BIAC , fizeram parte:

José Manuel Vaz Carpinteira, presidente da Câmara e da Comissão;
Américo Silva, delegado da Sociedade Nacional de Belas Artes;
Henrique Silva, Diretor da Bienal;
Margarida Leão, delegada da PNDC;
Miguel von Hafe Pérez, comissário da Bienal de Pontevedra;
Silvestre Pestana, artista convidado.

16.3 ORGANIZAÇÃO

Neste item são referidos os aspetos organizativos gerais desta Bienal, como os prémios, as exposições por espaço, a inauguração, as galerias e instituições presentes.

Quadro nº 61

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[348]

ORGANIZAÇÃO	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
PNDC	Henrique Silva	Nuno Correia	*Design SA*	José Manuel Vaz Carpinteira Henrique Silva Jaime Isidoro Maria Emília Sá	António Bronze António Cruz

Regressando ao núcleo central da XIII BIAC, o Fórum Cultural, incluem-se algumas imagens das exposições em que estiveram representados artistas convidados, conforme se descreve na NOTA INTRODUTÓRIA, a Homenagem a António Cruz, a exposição “Doble Sentido” (no Pavilhão 1) e o Concurso (Pavilhão 2).

[348] Listagem completa em Apêndice XIV Vol. III pp.378-388.

Exposições



Figura 428 - Pormenores das exposições no Pavilhão 1 e 2 – Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O Júri de Premiação, reunido no dia 17 de agosto, no Fórum Cultural, e do qual fizeram parte José Manuel Vaz Carpinteira, presidente da Câmara Municipal; Joaquim Lens Tuero, crítico de arte; Albuquerque Mendes, artista plástico; Jaime Isidoro, pintor e Henrique Silva, Diretor da Bienal, atribuiu os seguintes prémios, num montante total de 27.500 €:

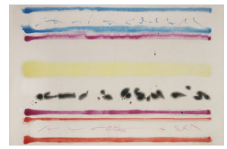
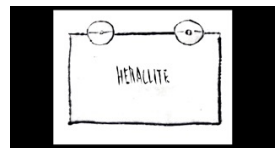
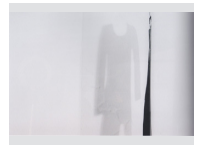
Grande Prémio Bienal de Cerveira – 10.000 €
Prémio Revelação – 2.500 €
Prémio Aquisição – Águas do Minho e Lima – 5.000 €
Prémio Aquisição Crédito Agrícola – Alto Minho – 5.000 €
Prémio Aquisição Domingos da Silva Teixeira S.A. – DST 2.500 €
Prémio IPJ (Artes Digitais) – 2.500 €

Na reunião deste Júri, foi estabelecido o percurso para a visita aos vários locais: em primeiro lugar, as exposições patentes no Fórum Cultural; seguindo-se a exposição da Universidade Católica, no edifício dos Bombeiros; da ARCA-EUAC, na Casa do Artesão; prosseguindo a visita à representação da Faculdade de Belas Artes de Pontevedra, patente no Convento de S. Paio; da ESAD-CR, em Paredes de Coura; da Faculdade de Belas Artes do Porto, em Tui; da Universidade de Évora, em Monção, e da Escola Superior Artística do Porto – ESAP, em Melgaço e ESAD em Tomiño.

Pela ocasião, o Júri congratulou-se pelos 27 anos da existência da BIAC e pelo esforço da diversidade de exposições, espalhadas pelos sete concelhos, incluindo dois na vizinha Galiza, bem como com o elevado número de participações estrangeiras, dos vários continentes (151 artistas). Da reunião do Júri não existem registos fotográficos em arquivo.

Quadro nº 62

ARTISTAS GALARDOADOS, PRÉMIOS E OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA[349]
Eurico Gonçalves	Grande Prémio Bienal "Desdobragem" Pintura	
Rute Rosas	Prémio Revelação "Da Terra ao Céu..." Instalação	
Corbisier	Prémio IPJ – Artes Digitais Ex-Aequo "Heraclite" Vídeo	
Jusa	Prémio IPJ – Artes Digitais Ex-Aequo "Descomposición" Vídeo	
Paulo Neves	Aquisição Águas Minho e Lima[350] "Marca" Escultura	
Ana Soler	Aquisição Crédito Agrícola[351] Alto Minho – Cerveira "Tacones para no pisar" Escultura	
Joana Ratão	Aquisição Crédito Agrícola Alto Minho – Cerveira "Aparentemente não ser" Fotografia	

[349] In http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all

[350] O prémio atribuído ficou propriedade da empresa patrocinadora.

[351] Todos os prémios aquisição atribuídos ficaram propriedade da instituição patrocinadora.

José Paz	Aquisição Crédito Agrícola Alto Minho – Cerveira “La Piedad” Fotografia	
Alírio	Aquisição Crédito Agrícola Alto Minho – Cerveira “Pintura”	
Anne Heyvaert	Aquisição Crédito Agrícola Alto Minho – Cerveira “Mapa peglado” Litografia	
Fischer	Aquisição Crédito Agrícola Alto Minho – Cerveira “Nude” Técnica mista	
João Gonçalves	Aquisição Domingos da Silva Teixeira – DST “Pas de Deux” Instalação gesso	

O Quadro nº 63 representa a distribuição das diferentes atividades pelos espaços expositivos.

Quadro nº 63

DISTRIBUIÇÃO DAS EXPOSIÇÕES EM DIVERSOS ESPAÇOS

LOCAIS DA XIII BIAC	CONTEÚDOS / ATIVIDADES
Fórum Cultural	Homenagem António Cruz, Convidados, Concurso, Doble Sentido (Ay-amonte, Espanha).
Galeria Projecto	Homenagem a António Bronze
Galeria Pousada D.Dinis	Escola Superior Gallaecia
ETAP	Linha Imaginária – Brasil
Casa do Artesão	Escola Universitária das Artes de Coimbra – ARCA-EUAC
Antiga Escola Primária	Desenhar Discurso– Digressão sobre uma urbanidade disruptiva
Salão dos Bombeiros	Universidade Católica
Convento de S. Paio	Faculdade de Belas Artes de Pontevedra
Centro Cultural de Campos	Casa do Olhar, Santo André, São Paulo, Brasil
Biblioteca Municipal	Centro de Acolhimento, Exposição Coletiva e Loja
Tui – Área Panorâmica	Faculdade Belas Artes Universidade do Porto – FBAUP
Tomiño – Casa da Cultura	Escola Superior de Artes e Design – Matosinhos – ESAD
Valença – Ex-Alfândega	Arte y Naturaleza, Madrid
Monção – Casa Museu	Universidade de Évora
Melgaço – Casa da Cultura	Escola Superior Artística do Porto – ESAP
Paredes de Coura – Centro Cultural	Escola Superior Artes e Design – Caldas Rainha – ESAD – CR

Pré-Inaugurações

Retomando o que se escreveu na NOTA INTRODUTÓRIA, esta BIAC estendeu-se aos concelhos vizinhos do Alto Minho e Galiza (Tomiño e Tui), tendo sido feita a inauguração destes espaços no dia 19 de agosto, véspera da inauguração oficial do núcleo central da Bienal, em Vila Nova de Cerveira. Nesse dia, a Câmara Municipal colocou à disposição da Organização e dos artistas um autocarro para todo o percurso. O presidente da Câmara, José Manuel Vaz Carpinteira acompanhou a comitiva.

Centro Cultural Paredes de Coura



Figura 429 - Aspetos da inauguração da exposição da ESAD-CR[352]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[352] Escola Superior de Artes e Design – Caldas Da Rainha.

Valença



Figura 430 - Aspetos da inauguração da exposição "Art y Naturaleza"
Edifício antiga Alfândega de Valença
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Casa Museu de Monção



Figura 431 - Aspetos da inauguração da mostra da Universidade de Évora
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Casa da Cultura de Melgaço



Figura 432 - Aspetos da inauguração da exposição da ESAP [353]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[353] Escola Superior Artística do Porto.

Área Panorâmica Tui



Figura 433 - Aspetos da inauguração da exposição da FBAUP[354]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[354] Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Casa da Cultura Tomiño



Figura 434 - Aspetos da inauguração da exposição da ESAD[355]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[355] Escola Superior de Artes e Design – ESAD (Matosinhos).

Inauguração
Vila Nova de Cerveira

Isabel Pires de Lima, Ministra da Cultura, presidiu à inauguração[356] oficial do núcleo central desta BIAC, em Vila Nova de Cerveira, procedendo-se também à entrega dos diplomas aos artistas galardoados, como já era habitual nas edições anteriores.



Figura 435 - Momentos da inauguração no Fórum Cultural e da escultura de Alberto Vieira[357]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[356] Minuto 18:05 do vídeo Resenha BIAC.

[357] Escultura de Alberto Vieira "Abel e Caim", colocada no espaço público e patrocinada pela Domingos da Silva Teixeira S.A. – DST (sócio fundador da Fundação Bienal de Arte de Cerveira).

Exposições em Vila Nova de Cerveira
Casa do Artesão
ARCA-EUAC



Figura 436 - Exposição da Escola Universitária das Artes de Coimbra
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A propósito desta representação da Escola de Artes, retira-se da p. 66 do Catálogo, o seguinte trecho do texto de Armando Azevedo:

> *(...) São trabalhos tão diversos que nós, se desatentos, seríamos tentados a não ver Escola, por não vermos academismo. Se atentos, vemos afinal um "ismo": o Pluralismo. Nascido no pós-impressionismo, o pluralismo é a verdadeira essência do pós-modernismo (...) pela liberdade que requer, pelo acto voluntário que a criação exige.*

Biblioteca Municipal
Exposição Coletiva da PNDC



Figura 437 - Exposição coletiva da PNDC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Uma vez que o Centro de Acolhimento funcionava na Biblioteca Municipal, a organização da Bienal aproveitou o espaço disponível para montar uma exposição coletiva. Esta exposição incluiu obras não só de associados da PNDC, mas também do seu espólio, que foi sendo construído com ofertas dos artistas participantes em exposições organizadas nos anos não-Bienal, como contribuição para os custos da produção de um catálogo que sempre acompanhava essas mostras. Aí funcionou também uma loja da Bienal onde se vendiam os ingressos para o evento e *merchandising.*

Antiga Escola Primária[358]
Exposição Desenho

Miguel von Hafe Pérez comissariou a mostra intitulada *Desenhar Discurso – Digressões sobre uma Urbanidade Disruptiva.*



Figura 438 - "Desenhar Discurso – Digressão sobre uma urbanidade disruptiva
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Sobre esta mostra, Miguel von Hafe Pérez, no Catálogo (p.69), refere:

(...) Numa época em que nas artes visuais se confunde com leviandade meios de expressão com a capacidade de geração de um discurso crítico, pareceu-me interessante ancorar esta proposta expositiva num contexto essencialmente vinculado à prática do desenho, se bem que de forma não exclusiva.

[358] O edifício da antiga Escola Primária de Vila Nova de Cerveira, na altura já desativado, foi a escolha do comissário para esta mostra.

Galeria Pousada D. Dinis
Escola Superior Gallaecia – ESG

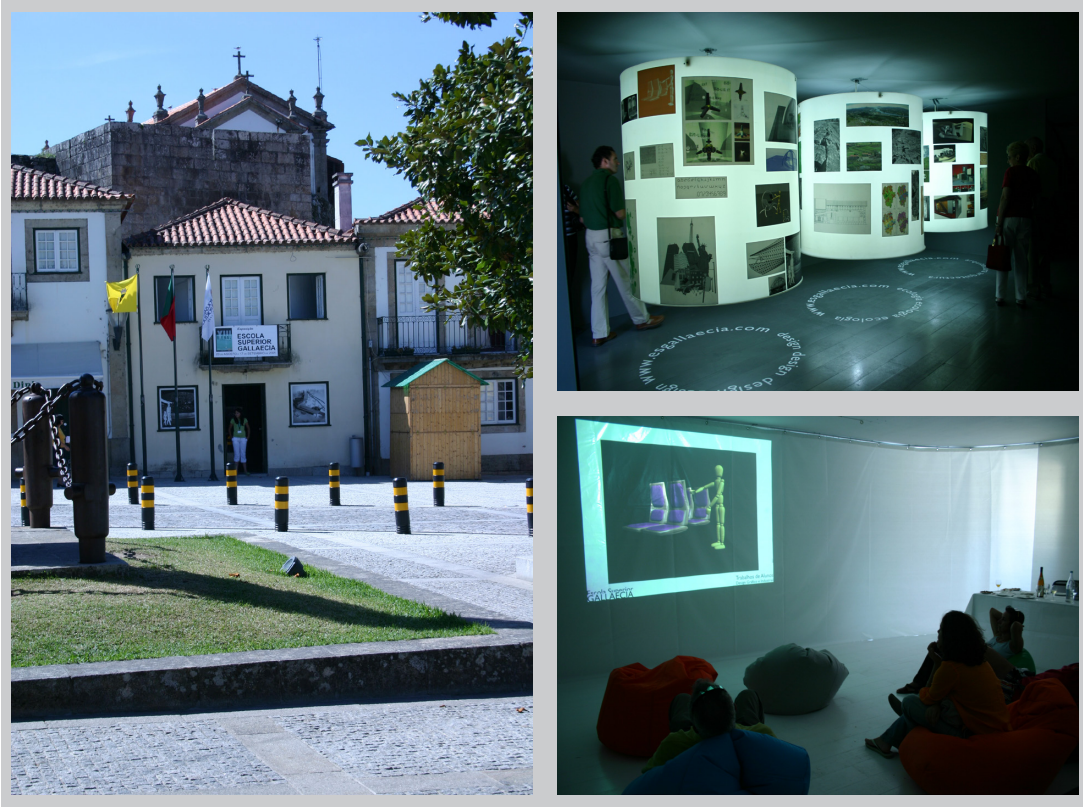


Figura 439 - Mostra da Escola Superior Gallaecia
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Esta mostra apresentou de uma forma singular trabalhos dos alunos e de eventos culturais promovidos pela Escola, ao longo do ano letivo, e foi comissariada pelo Arq. Nuno Pereira da Silva.

Do texto do Catálogo, p. 114, retira-se o seguinte excerto:

(...) Pela triangulação entre arte, património e ambiente, a ESG *tem revelado um sólido intercâmbio entre os distintos ramos do saber, destacando o conhecimento e difusão da ciência, cultura e tecnologia, exercidas nos domínios do estudo, da docência e da investigação.*

Convento de S. Paio
Faculdade de Belas Artes de Pontevedra



Figura 440 - Mostra da Faculdade de Belas Artes de Pontevedra
Inter(medios)_Instabilidad, créacion y cultura digital
Inter(médios)_la matriz intangibile
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A exposição da FBAPV[359] apresentou trabalhos de alunos espanhóis e portugueses que frequentaram uma Pós-graduação, em maio e junho de 2004, ao abrigo do programa Interreg, do qual fizeram parte também a associação PNDC, o Centro de Computação Gráfica de Guimarães, a Universidade do Minho, o Centro Cultural de Ourense e a Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. Integraram a participação portuguesa Celeste Cerqueira, Silvestre Pestana, Henrique Richard e Margarida Leão.

Esta experiência formativa foi concebida "*no âmbito da cultura digital, dos novos processos de criação, pensamento e produção artística*".[360]

[359] Faculdade de Belas Artes de Pontevedra.

[360] In p. 118 do Catálogo da XIII BIAC.

Salão dos Bombeiros
Universidade Católica



Figura 441 - Pormenor da exposição – Universidade Católica do Porto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Hélder Dias foi o comissário da exposição da Universidade Católica e, a propósito do título "Manual de instruções", transcreve-se a seguinte passagem retirada do Catálogo, p. 136:

> *(...) A proposta é geral e permite todo o tipo de jogos. A junção cibernética de corpos, de informação e de sensações, permite recobrir o dispositivo com uma capa de ilusão estética que afasta o plano do questionamento.*

Linha Imaginária
Todos os Sonhos do Mundo
Escola Profissional – ETAP



Figura 442 - Pormenor da exposição – Linha Imaginária
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Mónica Rubinho[361] e Sidney Philocreon (São Paulo), ambos artistas plásticos e produtores/coordenadores, trouxeram à Bienal 12 artistas no âmbito do projeto de intercâmbio cultural denominado Linha Imaginária, patente nas instalações da ETAP, no polo de Vila Nova de Cerveira.

[361] É coorganizadora e produtora, em conjunto com o artista plástico Sidney Philocreon, do Projeto de Intercâmbio Cultural Linha Imaginária, desde 1997.

Centro Cultural de Campos
Casa do Olhar[362]



Figura 443 - Pormenor da exposição de gravura
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Paula Caetano, coordenadora da Casa do Olhar e da Bienal de Gravura de Santo André, comissariou esta exposição de gravura, todas elas premiadas na I e II Bienal de Gravura de Santo André. Transcreve-se o seguinte extrato do texto do catálogo:

> *(...) São, em sua maioria, produzidas por jovens gravadores que provam a fascinação que esta técnica ainda exerce. Penso que apresentam um pouco o repertório imagético da produção jovem brasileira.*

Esta representação na XIII BIAC foi possível graças a um intercâmbio com a Bienal de Gravura de Santo André e a PNDC, que, em 2004, levou à Bienal de Gravura de Santo André, São Paulo, uma exposição de gravura portuguesa, numa oportunidade de internacionalização da BIAC.

[362] A *Casa do Olhar* pertence à Prefeitura de Santo André, São Paulo, Brasil, responsável pela Bienal de Gravura de Santo André.

16.4 CONTEÚDOS

Neste item, são apresentadas as homenagens e as diversas atividades desenvolvidas.

Homenagens

A Comissão de Programa decidiu homenagear António Cruz (1907-1983), aguarelista exímio e frequentador assíduo das primeiras Bienais de Cerveira, e o pintor António Bronze, falecido inesperadamente nesse ano da realização desta XIII edição da BIAC.

O piso superior do pavilhão 1 do Fórum Cultural acolheu a exposição de homenagem a António Cruz, comissariada por Jaime Isidoro, incluindo uma obra da coleção da Bienal.



Figura 444 - Pormenor da exposição de Homenagem a António Cruz[363]
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 445 - Pormenor da exposição de Homenagem a António Cruz
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[363] O desenho a carvão da Figura 444 pertence ao espólio da Bienal de Cerveira. Os outros desenhos a carvão, na sua maioria, são desenhos de paisagens de Vila Nova de Cerveira, feitos aquando da sua estadia nesta vila em 1982, uns cedidos por cerveirenses, outros da coleção de Jaime Isidoro.

No texto do Catálogo desta BIAC, p. 31, Jaime Isidoro refere: "*António Cruz viveu e pintou em Vila Nova de Cerveira em 1982.",* pelo que se depreende que a estadia do pintor ocorreu durante a III BIAC, e a convite de Jaime Isidoro, como se pode ler nesse mesmo texto:

> *(...) Convidei-o a fazer parte da III Bienal de Cerveira, em 1982, para realizar uma série de aguarelas sobre a Vila (...) muitas vezes lhe pedia para aguarelar (...) teve para mim uma rara confissão: "Jaime Isidoro, eu perdi a mão para a aguarela, agora só desenho (...)*

terminando com as seguinte palavras

> *(...) Há artistas que mantêm pujança criativa até morrer, outros falta-lhes em tempo próprio consciência das suas limitações. Esta frase de António Cruz –"Perdi a mão para a aguarela" – é de uma honestidade de artista. Jamais a esquecerei.*

António Cruz passou longas temporadas em Vila Nova de Cerveira, desenhando a carvão paisagens, edifícios, ruas, o rio Minho, razão pela qual alguns cerveirenses possuem obras suas, que eram, por vezes, trocadas por refeições com os donos de cafés e restaurantes da vila. Referindo-se a António Cruz, Né, na entrevista nº5, relata esse aspeto de forma bem assertiva. A relação dos artistas com a população é um traço único e distintivo que confere originalidade às diferentes edições da BIAC[364]:

> *(…) Porque eu por acaso tenho dois quadros dele, que é um cavalo e o retrato da minha filha quando era pequena. A miúda andava por aqui, e era com carvão. Ele fazia aquilo, às vezes queimava uma rolha, às vezes bebia uma garrafinha de vinho e queimava a rolha e depois fazia um desenho. Mas não era com pontas de cigarros, era com rolhas queimadas.(…) Mas era, eu recordo-me, porque ele desenhava aqui muitas vezes, sentado nestas mesas. Não eram estas, mas eram outras. E até tinha assim um cavalete, andava*

[364] Mais tarde, o mesmo aconteceu com o pintor Miguel D'Alte, que também viveu muito tempo em Vila Nova de Cerveira, sobretudo nos últimos anos da sua breve vida, e que vendia trabalhos a gente da terra para poder suportar as suas despesas.
Miguel D'Alte é uma figura marcante da arte nacional e mais uma vez o testemunho de Né na entrevista nº 5 sobre ele, demonstra bem a aproximação da população com os seus artistas:
(…) Claro. É porque ele diz, quer dizer "Eu não vou fazer aquilo que me mandam, mas o caminho a alma dita. Quer dizer, não posso estar ali a fazer uma coisa, só porque sei que me vão pagar por ela."
Então, ele fazia o que ele queria. E a verdade é que ele nunca ganhou muito dinheiro. Nunca. Porque, olhe, eu dei-lhe de comer montes de vezes de graça. Também tenho bastantes coisas dele. Mas a verdade, é que ultimamente ele até andava a vender azulejos pintados. E é porque ele queria. Porque ele era um bom artista. A última coisa que eu tenho dele, é a caneta que ele fazia os desenhos. Tenho-a ali.

assim com o cavalete. A minha ideia dele, sempre era com uma bata branca até cá baixo, comprida, sempre e sempre com o cavalete debaixo do braço. Ele já era velhote também nesse tempo.

A exposição de homenagem a António Bronze, comissariada por Manuela Bronze, esteve patente na Galeria Projecto, e incluía desenho, pintura e cerâmica.



Figura 446 - Pormenores da exposição de homenagem a António Bronze
Galeria Projecto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Na p. 19 do Catálogo desta Bienal, pode ler-se um poema de Maria Emília Sá (1938-1982), do qual se passa a transcrever o seguinte extrato:

(...) Escrevi o teu nome em letras grandes
em letras nítidas
para ver a impressão que me causava.
O teu nome sorriu no papel
Sorriu, saiu do papel(…)

enquanto que, na p. 21, Teresa Rita Lopes, numa breve nota biográfica, escreve:

(…) Maria Emília da Cunha e Sá nasceu em Goa. Veio para Lisboa estudar (liceu e Faculdade de Letras, curso Românicas). Em 1964 foi viver para Paris com o pintor António Bronze, com quem entretanto se tinha casado(…)

e conclui:

(…) Lecionou em Portimão e depois em Sintra onde, com 44 anos, desistiu de viver. Nunca publicou nenhum poema seu.

Também Henrique Silva, "companheiro de estrada" em Portugal e em Paris, escreveu sobre António Bronze algumas palavras, das quais se destaca a seguinte passagem:

(...) Esta simbólica homenagem pretende relatar alguns aspectos da obra de António Bronze, e recordar a sua passagem pelas Bienais de Cerveira. A História dar-lhe-á o lugar que merece.[365]

Em seguida, apresenta-se o Quadro nº 64 respeitante às atividades desenvolvidas nesta BIAC e que respeitam os vários *ateliers* livres, conferências, um congresso, vários espetáculos, nomeadamente concertos, música, vídeo-arte, desfile de moda e visitas guiadas.

[365] In Catálogo XIII Bienal p.25.

Quadro nº 64

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADES	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Ateliers	Arte Digital – Coordenação: Centro Computação Gráfica Assistência Técnica: Henrique Richard, Joel Ribeiro Crianças – Coordenação: Conceição Conde Gravura – Coordenação: Dacos, Álvaro Queirós Pintura – Coordenação: Henrique do Vale, Susana Bravo
Conferências, Congresso	Dada Zen – Moderador: Eurico Gonçalves Congresso Artech – Moderador: Adérito Marcos – Centro Computação Gráfica Criatividade/Academismo – Moderador: Nuno Pereira da Silva – Escola Superior Gallaecia
Espetáculos	Concerto de Piano (Inauguração) – Domingos António Concurso AI-MMS – Comissário: Alexandre Oliveira Displax – Interactive Window – Comissário: CCG Colectivo @C – Pedro Tudela e Miguel Carvalhais Festival Time-Line – Vídeo Arte – João Soares Intervenção Digital – Pedro Oliver, Rotok vj, Vax 12 CyberLider – Luís Miguel Girão, Paulo Maria Rodrigues, Rolf Gehlhaar Intervenção – Francisco Fanhais Sons de Saxo – Rui Azul Concerto de Piano – Vitorino D'Almeida Concerto de Piano – Olga Prats Joalharia e a Moda – Associação de Moda de Valença
Performance Art	Interferências – Intervenções de rua pelos alunos da FBAUP Ana Elsa Santos, Cláudia Lopes, Dalila Gonçalves, Ernesto Ferreira, Joana Folhadela, Joana Mendonça, Maria Sottomayor, Jorge Marques Comissária: Lúcia Matos CERVO – Pegadas de Cervo pelas ruas de Vila Nova de Cerveira – ILYA NOÉ – México
Visitas Guiadas	Eurico Gonçalves / Silvestre Pestana

16.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Atelier Arte Digital

Coordenado pelo Centro de Computação Gráfica da Universidade do Minho, e com assistência técnica de Henrique Richard e Joel Ribeiro, este *atelier* funcionou desde a inauguração da BIAC até 31 de agosto.



Figura 447 - Pormenores do *atelier*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Crianças

Este *atelier* que funcionou no jardim do Solar dos Castros, orientado por Conceição Conde, acolhia todas as crianças que quisessem participar, em grupos de 15, no máximo.



Figura 448 - Detalhes do *Atelier* nos jardins do Solar dos Castros
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Gravura/Litografia

Este *atelier* funcionou na Casa do Artista, orientado pelo gravador belga DACOS.



Figura 449 - Pormenores do *atelier* de gravura/litografia
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Pintura

Henrique do Vale e Susana Bravo orientaram este *atelier*, nos cláustros do Solar dos Castros.



Figura 450 - Pormenores do *atelier* – Claustro do Solar dos Castros
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Conferências: DADA-ZEN – Pintura Escrita
Eurico Gonçalves

A propósito do tema desta conferência, Rui Mário Gonçalves, no Catálogo Geral desta Bienal, p. 156, explica:

(…) DADA-ZEN expressão proposta por Eurico Gonçalves, para evidenciar relações entre a sageza do budismo Zen e vitalismo do Dadaísmo (…)



Figura 451 - Eurico Gonçalves – DADA-ZEN – Pintura Escrita[366]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[366] Em simultâneo, foi lançado o livro *DADA ZEN* da autoria de Eurico Gonçalves.

Criatividade / Academismo

Esta conferência foi proferida pelo Arq. Nuno Pereira da Silva, docente da Escola Superior Gallaecia e responsável pela representação desta escola nesta Bienal.



Figura 452 - Arq. Nuno Pereira da Silva e audiência
Fonte: Arquivo Henrique Silva

.

Intervenções / Espetáculos
Concurso Ai-MMS



Figura 453 - Exemplo imagem de telemóvel
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Comissariado por Alexandre Oliveira, este concurso, inserido na programação da XIII BIAC, tinha como objetivo:

> *(…) desafia todos os que têm telemóvel com câmara, a transformar a mais poética, divertida, caótica, difusa,(…) ou simplesmente natural e pura fotografia, numa forma de expressão artística, a exibir numa exposição(…)*[367]

D I S P L A X©

Utilizando uma tecnologia "*finger tracking*", desenvolvida pelo Centro de Computação Gráfica da Universidade do Minho, é possível interagir com um écran transparente através de qualquer aplicação multimédia.

Os visitantes que o desejassem desenhavam com os dedos nesse écran; os registos ficavam armazenados na página electrónica da Bienal e, posteriormente, podiam ser consultados e descarregados por qualquer pessoa.



Figura 454 - Exemplo imagem no Displax
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[367] In Catálogo XIII BIAC, p. 149.

C O L E C T I V O @ C

Pedro Tudela, Miguel Carvalhais



Figura 455 - Concerto multimédia
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Festival Timeline

Neste Festival apresentado por João Soares e Ana Santiago, foram projetadas curtas-metragens – documentários, ficção-científica, *vídeo-art*. *performance art*, instalação, vídeo dança, animação, música experimental, ação, envolvendo diversos países, tais como Brasil, França, Japão, Inglaterra, México, Portugal, República Checa, Sérvia e Montenegro.



Figura 456 - Projeção e assistência
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Intervenção Digital
Pedro Oliver, Rotok Vj. Vax 12

Esta intervenção foi da responsabilidade de um coletivo, promotor de jornadas mensais de experimentação audiovisual em direto, e que conjugava várias disciplinas – música, vídeo arte, dança, *performance art*, interação, tecnologia documental, visando projetos emergentes que envolvessem "*aplicações e reflexões sobre as tecnologias da comunicação audiovisual".*[368]



Figura 457 - Espetáculo VAX 12 audiovisuais – sessões 2005
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[368] In Catálogo XIII BIAC, p. 153.

CIBERLIEDER

Luís Miguel Girão, Paulo Maria Rodrigues, Rolf Gehlhaar

O espetáculo Ciberlieder prolongou-se por uma hora, durante a qual o *performer* Rolf Gehlhaart, através de sensores presos ao seu fato, interagia com o computador (Luís Miguel Girão).

No Catálogo desta BIAC, p. 154, pode ler-se:

(…) A performance baseia-se na transformação da tradicional jaqueta do cantor clássico num interface de controle em comunicação com um computador. Ao manipula-lo um cantor/actor processa em tempo real o seu discurso musical.



Figura 458 - Detalhes da improvisação
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Intervenção Musical
Francisco Fanhais

A propósito do tema desta Bienal "Criatividade – Academismo", a organização convidou o intérprete de música de intervenção, Francisco Fanhais, em contraponto com os músicos de cariz digital que intervieram também nos serões do evento. Fanhais interagiu com o público ao qual foi distribuída a letra de uma das canções por forma a cantarem também.



Figura 459 - Canções de intervenção
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Sons de Saxo
Rui Azul

Rui Azul atuou de novo nesta Bienal, desta vez "dialogando" com Alex, músico cubano.



Figura 460 - Rui Azul e Alex
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Concertos de Piano
Maestro Vitorino D'Almeida

Os concertos de piano contaram com uma grande afluência de público, quer de cerveirenses, quer de veraneantes de férias no Minho.



Figura 461 - Vitorino D'Almeida
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Olga Prats



Figura 462 - Olga Prats
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Associação Moda Valença

Esta associação, formada por um grupo de jovens valencianos que se dedicam a organizar eventos ligado à moda, apresentou, nesta Bienal, uma coleção de joias. No Catálogo, p. 158, é referido:

> *(…) A Vila das Artes inspira um quadro subtil, no qual a natureza desempenha um papel preponderante; as Terras de Cervaria dão o mote para uma encenação simples, onde as jóias de Torcato Santos darão um toque subtil, de extraordinária leveza espiritual.*



Figura 463 - Cartaz do evento Associação Moda Valença
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Intervenção: Pintura ao Vivo
Eurico Gonçalves

Nesta intervenção, Eurico Gonçalves utilizou a técnica da "desdobragem", isto é, dobrando em primeiro lugar o pano em várias tiras, pintava as tiras que tinham ficado à mostra, e no final, desdobrava o pano, ficando o resultado como se pode ver na imagem.



Figura 464 - Eurico Gonçalves – pintando ao vivo – com assistência de público
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Performance: O regresso daquele que sempre esteve aqui esteve
Ilya Noé

Destaca-se o trabalho da mexicana Ilya Noé, bolseira da UNESCO. Ao longo de uma noite, calçada com umas socas com o formato da pata de um cervo, feitas por encomenda em Paredes de Coura, percorreu as ruas da vila, deixando pegadas similares às do cervo.

A ideia desta intervenção surgiu-lhe em 2003, quando, ao chegar a Vila Nova de Cerveira, deparou com uma placa, na estrada de acesso à vila, indicativa da existência de veados. No entanto, o projeto foi apenas realizado em 2005.



Figura 465 - Pormenores da intervenção
"O regresso daquele que sempre esteve aqui"
Fonte: http://www.ilyanoe.com/deerwalk/

Interferências: Grupo de Intervenção (FBAUP)

A intervenção foi comissariada por Lúcia Matos e o grupo constituído por: Ana Elsa Santos, Cláudia Lopes, Dalila Gonçalves, Ernesto Ferreira, Joana Folhadela, Joana Mendonça e Maria Sottomayor, todos alunos da FBAUP. Durante os primeiros 15 dias da Bienal, residiram em Vila Nova de Cerveira, na Casa do Artista. As intervenções, preparadas de véspera em segredo, surpreendiam os cerveirenses no dia seguinte.

O objetivo era a interação com a população local, motivando-a a aproximar-se novamente deste acontecimento cultural, do qual se tinha afastado há algum tempo.

E conseguiram, pelo menos, a indignação de alguns quando, uma manhã, se depararam com vestígios de "sem-abrigos" espalhados à porta de um banco ou noutros locais menos visíveis. Os cerveirenses sentiram-se ofendidos no seu orgulho por não haver sem-abrigos na sua vila. Consideravam que "*era coisa dos artistas...*" e que o responsável só podia ser o diretor da Bienal.

Para além desta intervenção, foram montados balcões, em diversos locais da vila, onde se oferecia "amor autêntico"; foram feitas colagens em fachadas de casas; foi carregado um barco de pescadores com caixas de bebidas a simular contrabando, numa alusão a práticas antigas de gentes da terra; nas passadeiras, durante a noite, foram pintadas as frases: "não é uma promoção – no sítio do costume" e venderam sacos na feira de sábado. Sempre com o objetivo de trazer mais visitantes às exposições, eram tiradas fotografias aos transeuntes, num cenário alusivo ao Fórum com a frase: "Estive na Bienal".

Publicaram ainda um jornal intitulado *Cerveira Ontem* que foi distribuído pelas esplanadas da vila.



Figura 466 - Painel de fundo para fotografias
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 467 - Intervenções – Grupo FBAUP
Fonte: Arquivo Henrique Silva

***Outdoor* Digital**

Nesta Bienal foi também novidade a implantação de dois dispositivos urbanos (400 x 100 cm), *design* de Silvestre Pestana (estrutura em metal), cravados no solo, e que serviram de suporte (frente e verso) a produções artísticas digitais de convidados.



Figura 468 - *Outdoor* – Luís Monforte (Brasil)
colocado no jardim em frente à Câmara Municipal
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 469 - Outdoor – Liina Siib (Estónia)
colocado no jardim em frente ao edifício dos CTT[369]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Segundo Silvestre Pestana[370], comissário desta representação:

(…) O dispositivo urbano apresenta uma versão de dupla vista A e B com as dimensões (100 x 400 cm), e deverá servir de suporte às produções por convite de quatro artistas internacionais na área das estampas grande formato.

[369] Correios, Telégrafos, Telefones.

[370] In p. 89 do Catálogo da XIII Bienal.

Congresso ARTECH

Realizou-se o 2.º Congresso Artech, sob o título "Nas Fronteiras do Imaginário", graças ao financiamento do programa Interreg, do qual a associação PNDC foi chefe de fila.

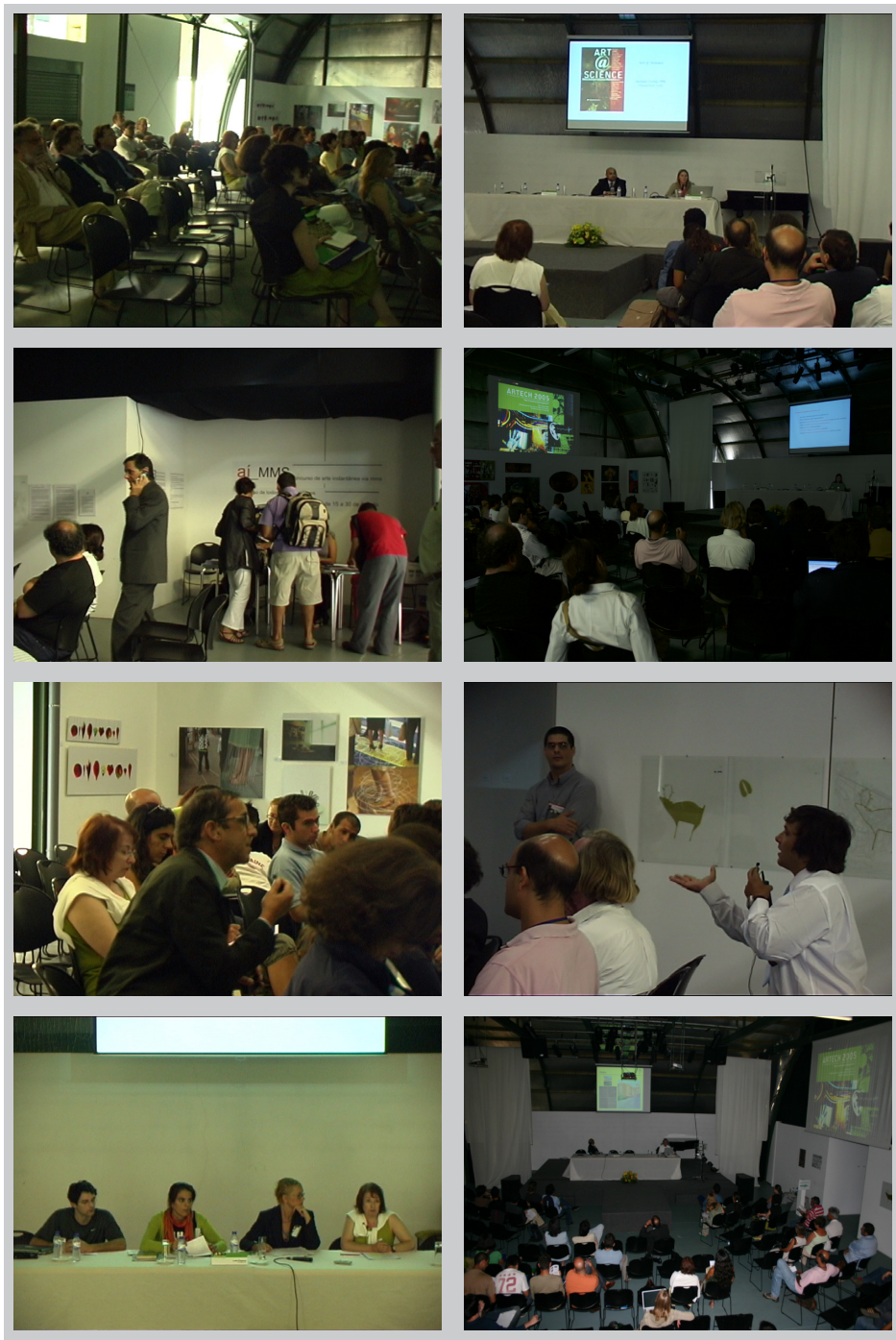


Figura 470 - Aspetos do Congresso ARTECH – Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Visitas Guiadas

Eurico Gonçalves fazia as Visitas Guiadas às exposições patentes em Vila Nova de Cerveira, e Silvestre Pestana encarregou-se das exposições nos outros municípios.



Figura 471 - Eurico Gonçalves – Visita guiada Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 472 - Silvestre Pestana – Exposição FBAUP – Tui
Fonte: Arquivo Henrique Silva

16.6 DADOS ESTATÍSTICOS

Em relação à BIAC anterior, verifica-se um aumento de 19,3% de participantes nacionais, 84,15% estrangeiros e 35,9% de países representados.

Gráfico 28

PARTICIPANTES/PAÍSES

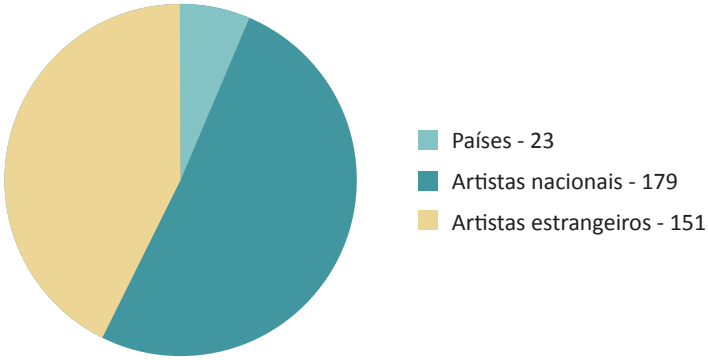


Figura 473 - Países e participantes

Gráfico 29

VISITANTES

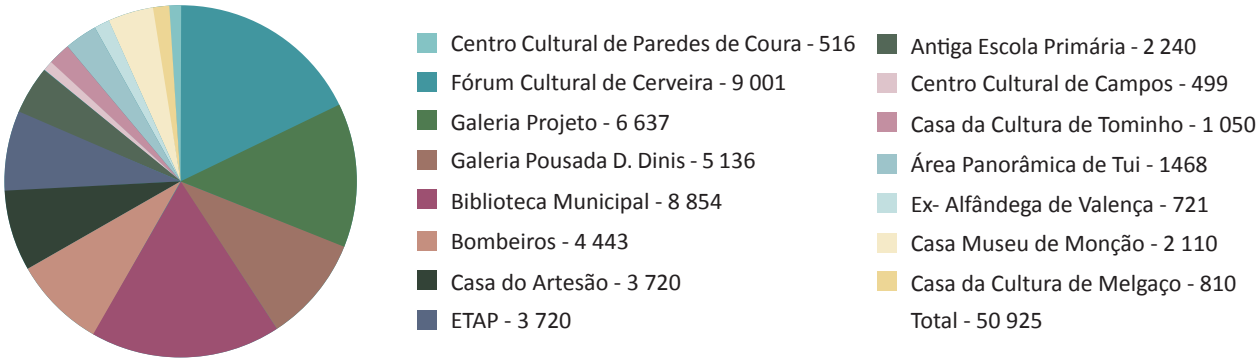


Figura 474 - Número de visitantes nos vários espaços

Gráfico 30

ALOJAMENTO

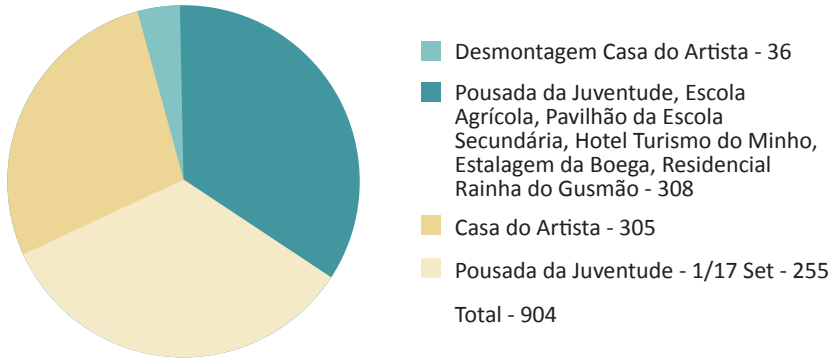


Figura 475 - Alojamentos durante a XIII Bienal

Gráfico 31

REFEIÇÕES

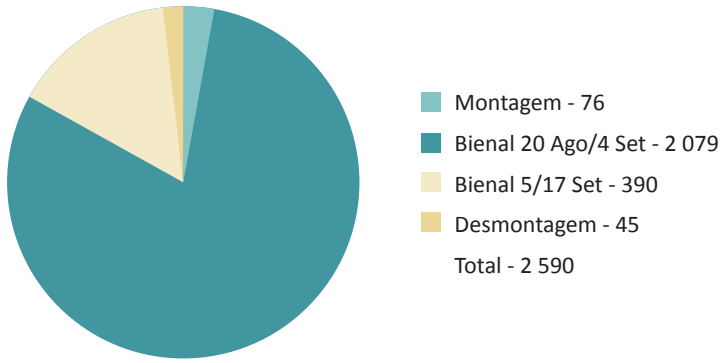


Figura 476 - Número de refeições servidas

Esta edição contou com a participação financeira das seguintes instituições:

Câmara Municipal – 50,6%
Ministério da Cultura – 8,4%
DST – 28,1%
Aguas do Minho e Lima – 2,8%
IPJ – 1,4%
BPI – 2,8%
Caixa Geral de Depósitos – 0,2%
Caixa Crédito Agrícola – 5,6%

16.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Apresenta-se de seguida o mapa com a localização das exposições e intervenções em Vila Nova de Cerveira, Concelhos do Alto Minho e Galiza.

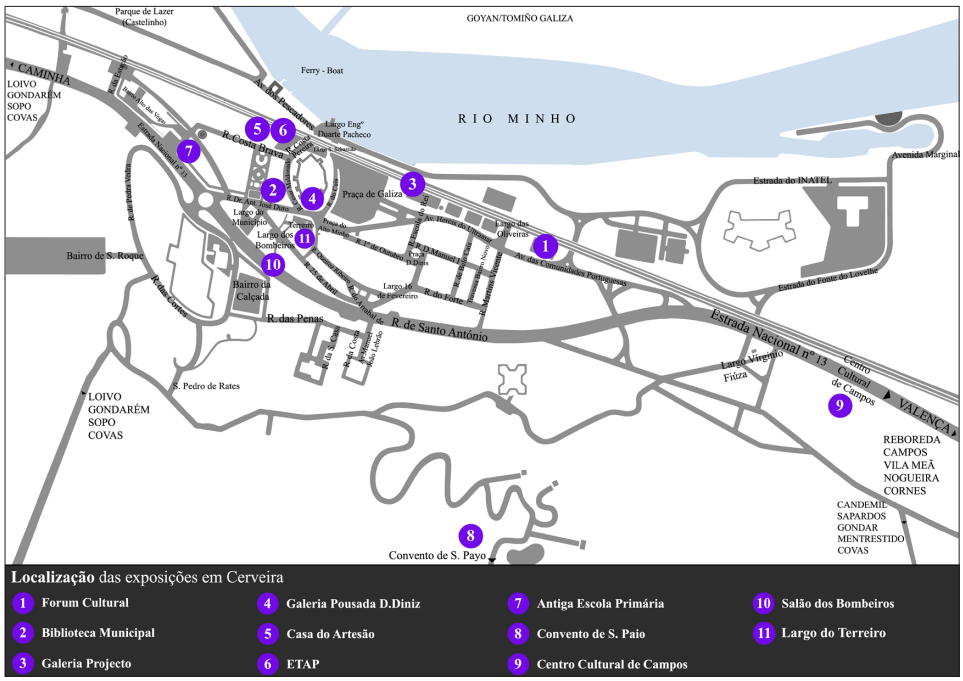


Figura 477 - Mapa de locais de exposição – Vila Nova de Cerveira

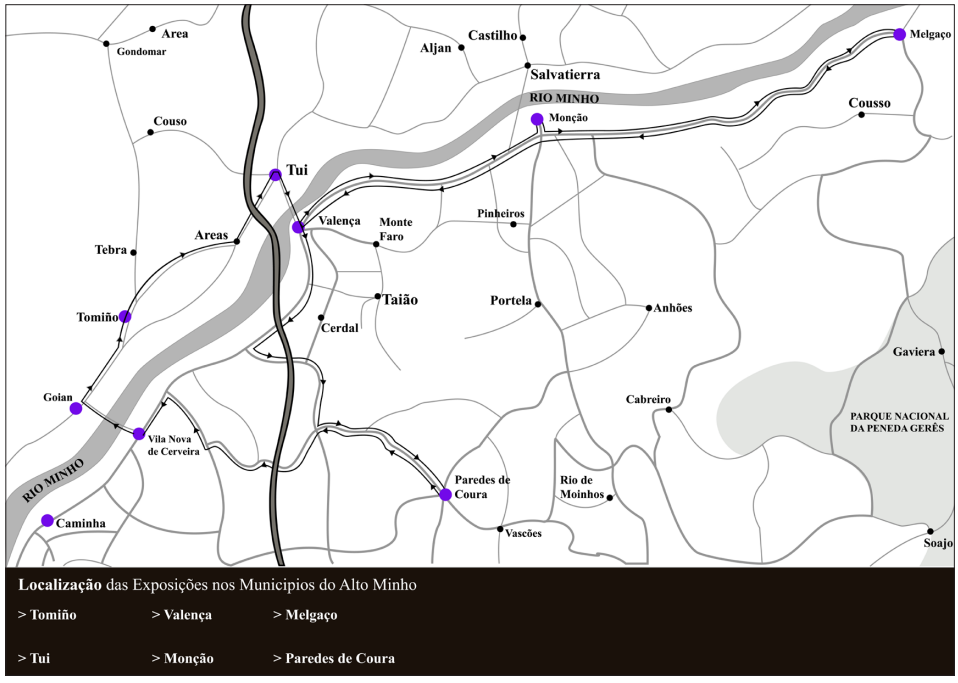


Figura 478 - Mapa de locais de exposição nos concelhos do Alto Minho e Galiza

16.8 FLAGRANTES DA BIENAL

Como se pode observar o conjunto de imagens "soltas" são resultado de pormenores ocasionais selecionados pela autora.



Figura 479 - Flagrantes da XIII BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

16.9 SÍNTESE PARCIAL

Esta Bienal foi marcada inicialmente pelos problemas financeiros decorrentes do corte substancial do apoio concedido pelo programa Lider e que levaram a que a organização cancelasse compromissos previamente assumidos. Para colmatar estas dificuldades, salienta-se o préstimo das universidades participantes que se encarregaram do transporte e montagem das suas exposições nos diversos concelhos, quer em Portugal, quer na Galiza.

Esta edição contou à partida com uma comissão de programa, incluindo representantes de instituições ligadas ao ensino das artes e da Bienal de Pontevedra e, pela primeira vez, participaram universidades e escolas superiores de arte, constituindo este facto como mais uma singularidade da BIAC.

Outro aspeto inovador foi a implantação de estruturas metálicas para impressões digitais que ainda hoje permanecem na vila, bem como a descentralização da Bienal, expandindo a sua área expositiva até aos outros municípios do Alto Minho, incluindo dois na Galiza – Tui e Tomiño.

Decerto que o sucesso, não só desta Bienal como a maioria delas, dependeu sobretudo da disponibilidade e boa vontade de muitos intervenientes e de uma planificação rigorosa e atempada por parte de organização.

Estava em curso a legalização de uma fundação que iria responsabilizar os seus fundadores na criação de meios para a dignificação do evento, um sonho da direção da PNDC, mas que, como se veio a verificar mais tarde, não passou de isso mesmo.

Vila Nova de Cerveira
18 de agosto a 29 de setembro 2007

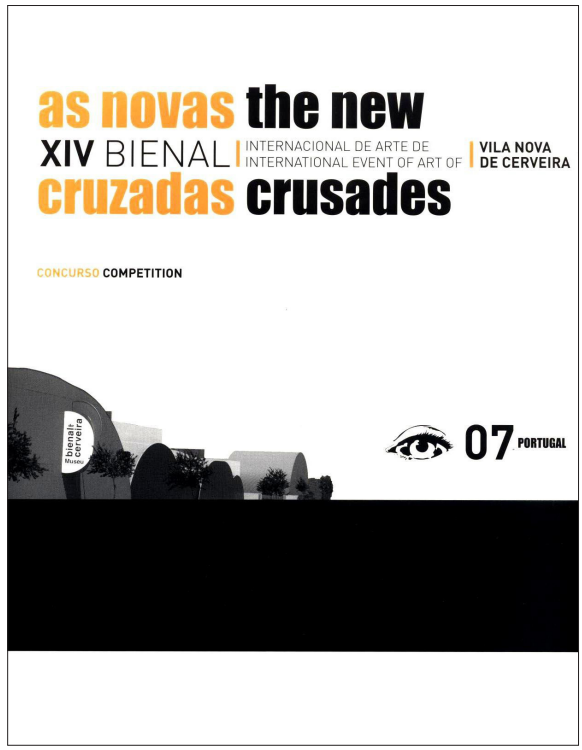
17.0

XIV BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

17.0 XIV BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE

Vila Nova de Cerveira

18 de agosto a 29 de setembro 2007



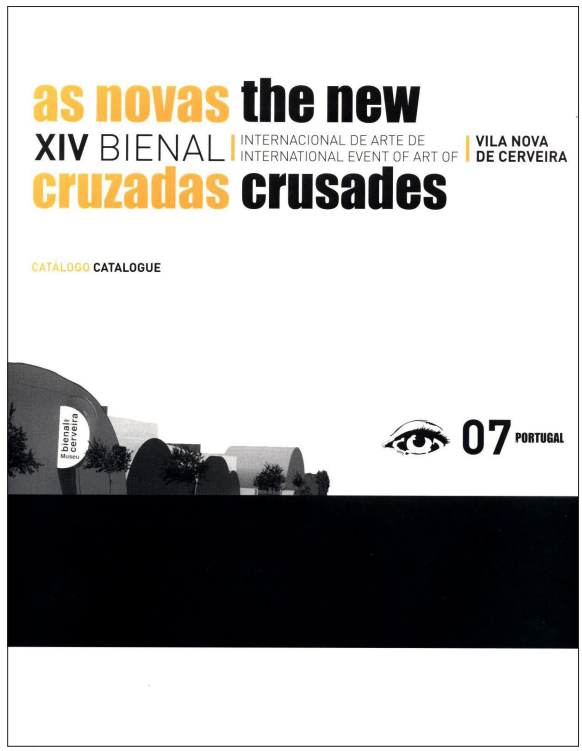


Figura 480 - Capas Catálogos Concurso e Geral
Fonte: Arquivo Henrique Silva

17.1 NOTA INTRODUTÓRIA

"As Novas Cruzadas" foi o tema desta edição e anunciado no *Jornal de Notícias*, de 12 janeiro 2007, p. 57, em artigo intitulado "Cruzadas dominam Bienal de Cerveira", artigo esse que cita Henrique Silva *"a Bienal continuará a afirmar a sua identidade sem preconceitos ou lobbies, reflectindo as preocupações dos criadores da sua época"*. Ainda nesse artigo é referido que estão previstos, para esta edição, os seguintes prémios: Aquisição, prémio IPJ para Artes Digitais, Grande Prémio e Prémio Revelação, estes da responsabilidade da Câmara Municipal.

Quanto ao tema "As Novas Cruzadas", segundo o diretor da Bienal, Henrique Silva, em texto publicado no semanário *Notícias de Viana* de 18 de janeiro, seria:

> *(...) um desafio aos artistas a fazerem uma analogia entre as antigas cruzadas (movimentos militares de caráter parcialmente cristão), e as guerras dos dias de hoje, no Afeganistão, Iraque, Palestina, Líbano e outros pontos do mundo.*[371]

A XIV BIAC teve a sua maior expansão a nível de divulgação no estrangeiro, nomeadamente na Revista Internacional de Arte *LAPIS* 236[372], publicada em Madrid e onde estão referenciadas as principais Bienais Mundiais desse ano, e ainda na revista *ARTES – International_Contemporary_art*, nº 21, de junho, onde, a par da referência que faz sobre a Bienal de Veneza, tem uma página dedicada à Bienal de Cerveira. Também a revista *Flash Art The World's Leading Art Magazine*, nº 255 de julho desse ano, publicou uma página sobre o programa da Bienal.

De salientar o financiamento do ITP – Instituto Turismo de Portugal, da Domingos da Silva Teixeira S.A. – DST e de receitas próprias, que só por si suportaram mais de 50% das despesas, tornando possível uma das melhores Bienais de Cerveira de sempre, não só sob o ponto de vista das representações, como da sua própria organização.

17.2 PREPARAÇÃO

Tal como nas Bienais anteriores desde 1995, a planificação foi elaborada com rigor, incluindo a calendarização do trabalho a desenvolver em 2006 e 2007[373].

Cedo se divulgou o evento, sobretudo na sua página eletrónica www.bienaldecerveira.org, entretanto extinta. No relatório final desta Bienal apresentado

---

[371] Anexo I Vol. III p. 127.

[372] Anexo I Vol. III p. 128.

[373] Anexo II pp. 236-237.

à Câmara Municipal pela PNDC, foi anexado todo o material publicado na referida página, a saber: a divulgação do evento, com indicação do programa e participações; as atividades na Casa do Artista, Galeria Projecto e Laboratório de Artes Digitais; bolsas; edições e publicações, num amplo panorama em português, inglês, castelhano e galego, num total de cerca de 500 páginas.

O concurso foi lançado em janeiro e estipulado o prazo de envio dos portefólios dos concorrentes: 3 de fevereiro a 30 de março. O júri de seleção reuniu no dia 25 de abril, aproveitando a disponibilidade dos seus elementos nesse feriado. A seleção das obras através do portefólio enviado pelos concorrentes evitava os custos inerentes ao transporte das respetivas obras quer para os autores, quer para a organização, aquando da devolução das obras não selecionadas.

Em abril, decorreu um *workshop* de gravura grande formato, sob o tema "AS NOVAS CRUZADAS", orientado pelo gravador Dacos, e com a participação de 14 artistas oriundos de Espanha, China, Bélgica e Portugal. Os trabalhos foram apresentados posteriormente nesta Bienal, na Casa da Cultura de Melgaço.

Relativamente à escolha do tema, o *Jornal de Notícias*, de 2 de abril, p. 20, noticia:

> *(...) a Bienal de Cerveira lança o desafio à irreverência dos artistas para exprimirem a sua visão sobre a similitude entre a época das cruzadas e a época actual, face aos direitos e liberdades de opção, religiosa ou política, nas novas guerras (cruzadas) no Afeganistão, Iraque, Palestina, Líbano.*

Do texto "Filosofia da XIV BIENAL", [374]retira-se o seguinte extrato:

> *(...) Esta XIV Bienal, por isso mesmo, ambiciona ser interventiva e polémica, razão pela qual, a par de grandes artistas da Escola de Paris, sobretudo do pós--guerra, lança o desafio a novos criadores com um tema actual: as diferenças culturais entre o ocidente e o médio oriente, e as implicações sociais, políticas, religiosas e económicas que isso representa para os países ricos.*

Foram ainda definidas as homenagens a Júlio Resende, Marguerite (1909-1977) e Aimé Maegt (1906-1981) e a Maria Marcelina.

[374] Anexo II Vol. III p. 238.

À semelhança da Bienal anterior, foram convidadas as Escolas Superiores de Arte e Universidades:

Escola Universitária das Artes de Coimbra – ARCA-EUAC
Comissário: João Dixo;
Escola Superior de Artes e Design – ESAD – Matosinhos
Comissário: José Manuel Bártolo;
Escola Superior de Artes e Design – ESAD – Caldas da Rainha
Comissários: Isabel Baraona, Sérgio Taborda;
Escola Superior Gallaecia – ESG – Vila Nova de Cerveira
Comissários: Teresa Correia, Luís P. Pacheco, Nuno Pereira da Silva;
Faculdade de Belas Artes de Bucareste[375] – FBAB
Comissário: Alexandra Croitoru;
Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa[376] – FBAUL
Comissário: Lima de Carvalho;
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto – FBAUP
Comissários: Emanuel Rinaldi, Alain Bonadei;
UNIVERSIDADE DE AVEIRO – Comissário: João Mota;
UNIVERSIDADE CATÓLICA – Comissário: Hélder Dias.

Como noticia o jornal *Público*[377] de 27 de agosto, de 24 de agosto a 30 de setembro, a par da Bienal, esteve patente na Galeria Municipal de Matosinhos, uma exposição com 50 obras do espólio da Bienal de Cerveira, de Álvaro Lapa, Américo Silva, Ana Hatherly, Ana Vidigal, Ângelo de Sousa, António Dacosta, Arcadi Blasco, Artur Bual, Augusto Canedo, Bartolomeu dos Santos, Cabrita Reis, Carlos Barreira, Clara Meneres, Dimas Macedo, Din Matamoro, Eduardo Nery, Eurico Gonçalves, Fátima Mendonça, Francisco Trabulo, Gerardo Burmester, Helena Abreu, Helena Almeida, Henrique Silva, Isabel Cabral/Rodrigo Cabral, Jaime Isidoro, Jiri Kolár, Joana Rego, Jorge Humberto Marques, José Rodrigues, Justino Alves, Luís Melo, Manuel Baptista, Maria José Aguiar, Marília Torres, Mário Américo, Pedro Calapez, Pedro Casqueiro, Rocha Pinto, Rui Pimentel, Scoditi, Virgínio Moutinho, Zadok Ben-David e Zulmiro de Carvalho.

---

[375] Faculdade de Belas Artes de Bucareste.

[376] Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

[377] Anexo I Vol. III p. 129.

No texto do Catálogo[378] que acompanhou esta mostra, Henrique Silva explica:

(...) Há 29 anos que um grupo de artistas descobriu Vila Nova de Cerveira pela mão do pintor Jaime Isidoro, e aí instalou a Bienal de Cerveira, com o apoio da Autarquia, na sequência dos Encontros Internacionais de Arte. Desde então tem-se constituído um espólio representativo da evolução da Arte Contemporânea Portuguesa, através de prémios, doações, aquisições, que somam actualmente mais de 300 obras.



Figura 481 - Capa do Catálogo da exposição
Fonte: Arquivo Henrique Silva

17.3 ORGANIZAÇÃO

Apresenta-se de seguida, o Quadro nº 65 com as linhas gerais desta Bienal, seguindo-se o Quadro nº 66, no qual estão referenciados os locais onde decorreram exposições.

[378] In p. 7, Catálogo "Bienal Internacional de Arte – Espólio | Vila Nova de Cerveira".

Quadro nº 65

ESTRUTURA ORGANIZATIVA[379]

ORGANIZAÇÃO	DIREÇÃO ARTÍSTICA	COMUNICAÇÃO	ORIENTAÇÃO GRÁFICA	TEXTOS	HOMENAGEM
PNDC	Henrique Silva	Nuno Correia	Susana Leão Machado Miguel Vilaça Carneiro	José Manuel Vaz Carpinteira Henrique Silva Júlio Resende Yoyo Maeght Agustina Bessa-Luís Um admirador	Júlio Resende Marguerite e Aimé Maeght Maria Marcelina

Quadro nº 66

LOCALIZAÇÃO DAS EXPOSIÇÕES NOS VÁRIOS ESPAÇOS

LOCAIS DA XIV BIAC	CONTEÚDOS / ATIVIDADES
Fórum Cultural	Homenagem Júlio Resende, Marguerite e Aimé Maeght. Artistas Convidados, Mostra Vídeos Grafos & Matemas, Concurso Internacional, Fábrica Lápis Viarco, *Atelier* Crianças, Arte Digital, Vídeos, Instalações, Programa de Animação
Galeria Projecto	Escola Universitária das Artes de Coimbra – ARCA-EUAC
Pousada D.Dinis	RED-Line – instalação de Catarina Machado
Casa do Artesão	Arquitetura à Margem
Salão dos Bombeiros	"L'Ésprit des Lieux", instalação de Pascal Nordmann
Convento de S. Paio	Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
Centro Cultural de Campos	Novas Simbologias
Largo do Terreiro	Universidade Católica e Centro de Acolhimento / Loja Bienal
Biblioteca Municipal	Centro de acolhimento e Loja da Bienal
Escola Superior Gallaecia	"Uma Escola Aberta ao Mundo"
Tui – Área Panorâmica	Escola Superior de Artes e Design – ESAD – Matosinhos
Goian – Auditório Municipal	Escola Superior Gallaecia – ESG
Valença – Casa Mata das Portas da Coroada	Instalação de Gonzalo Sallés Lenard
Monção – Casa Museu	Escola Superior Artes e Design – Caldas Rainha – ESAD-CR
Melgaço – Casa da Cultura	*Workshop* Internacional de Gravura Grande Formato
Paredes de Coura – Centro Cultural	Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto – FBAUP
Caminha – Museu Municipal	Instalação "Black Fields" – Zadok Ben-David

[379] Em Apêndice XV Vol. III pp. 389-402, junta-se a esta Tese a tabela mais completa, sobre as variadas ações e participantes, tais como artistas, conferencistas, músicos, entre outros dados que foram compilados dos relatórios que todos os anos eram elaborados pela PNDC.

Inauguração

Luís Amado, Ministro dos Negócios Estrangeiros, presidiu à inauguração[380], tendo estado presente, embora a título pessoal, Fernando Teixeira dos Santos, Ministro das Finanças. Por essa ocasião, o presidente da Câmara, em entrevista à revista *Pórtico de Cerveira*, páginas 13 e 14, setembro desse ano, afirmou:

> *(...) Na verdade, cada vez que se começa a organizar a Bienal, a sensação que temos é que estamos a fazê-lo pela primeira vez. Daí o entusiasmo e o carinho que sinto estar a ser colocado por quem trabalha na construção deste (novo edifício).*



Figura 482 - Inauguração Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[380] Minuto 19:44 vídeo Resenha BIAC.

Pré-Inaugurações
Concelhos Alto Minho
Tui e Goyan/Tomiño

A 17 de agosto, decorreram as inaugurações patentes nos diferentes concelhos, exceto em Vila Nova de Cerveira. Assim, a comitiva que integrou entidades oficiais, artistas e público, partiu em autocarro cedido pela Câmara Municipal,[381] em primeiro lugar para Caminha, seguindo para Paredes de Coura, Valença, Monção, Melgaço, Tui e Goyan/Tomiño.

Caminha



Figura 483 - Museu Municipal de Caminha
Inauguração da exposição/instalação "Black Field" de Zadok Ben-David
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[381] In *Revista VIVA +*, de 17 agosto, p. 55.

Paredes de Coura



Figura 484 - Centro Cultural
Exposição estudantes da FBAUP[382]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[382] Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, da responsabilidade da Associação de Estudantes.

Valença



Figura 485 - Casa Mata das Portas da Coroada
Instalação de Gonzalo Sellés Lenard
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Monção



Figura 486 - Casa Museu de Monção
Mostra da ESAD-CR[383]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[383] Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha.

Melgaço



Figura 487 - Casa da Cultura de Melgaço
Workshop Internacional de Gravura Grande Formato
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Tui – Galiza

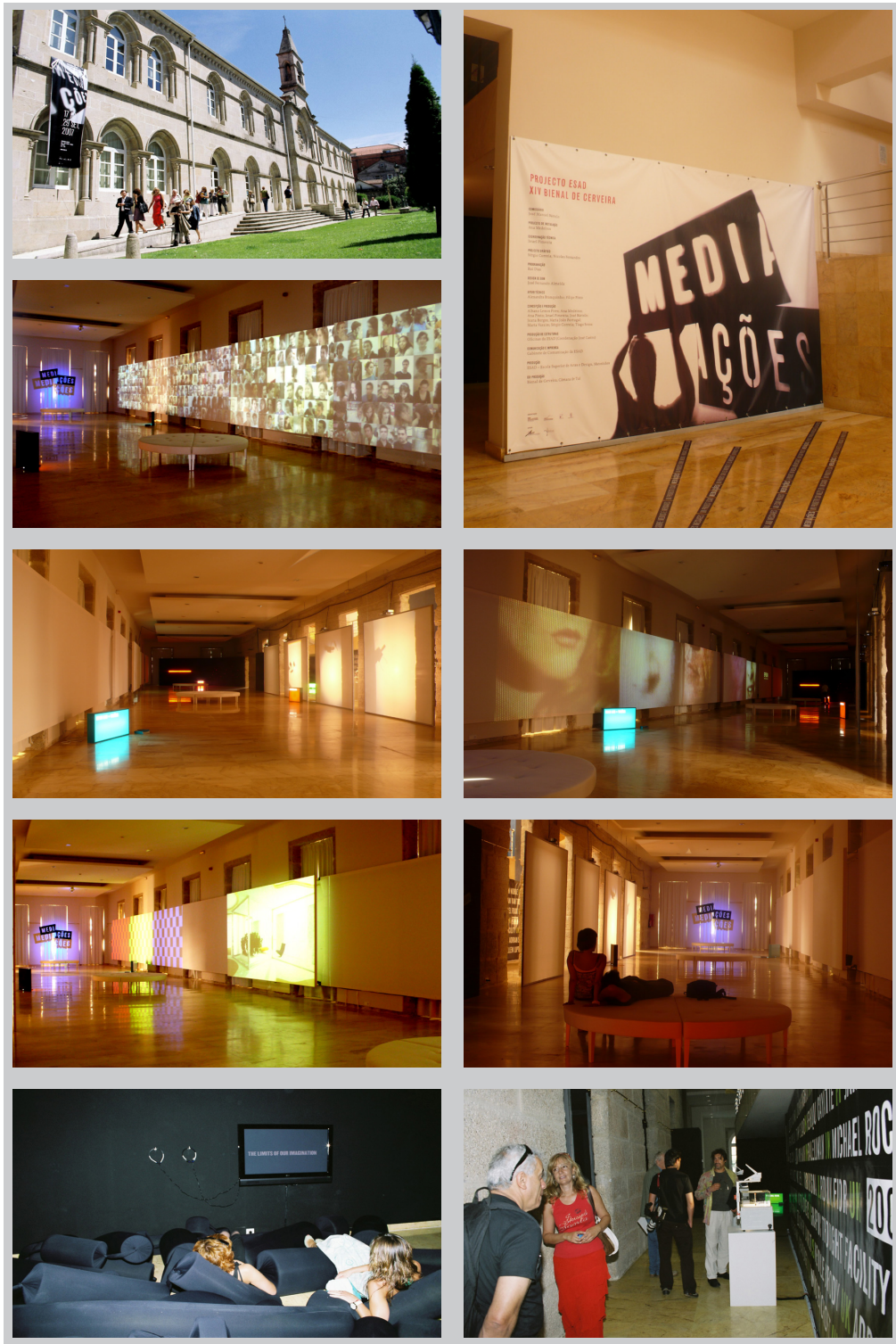


Figura 488 - Área Panorâmica
Mostra da ESAD[384]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

384 Escola Superior de Artes e Design – Matosinhos.

Goian/Tomiño – Galiza



Figura 489 - Auditório Municipal de Goian/Tomiño
Mostra da Escola Superior Gallaecia – ESG
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Júri de Premiação

O Júri de Premiação, constituído por José Manuel Vaz Carpinteira, Presidente da Câmara Municipal, Alberto Gonzalez Alegre – crítico de arte, Henrique Silva, diretor da Bienal, Jaime Isidoro, artista plástico e Joaquín Lens Tuero, professor da Faculdade de Belas Artes da Coruña, reuniu, a 16 de agosto, no Fórum Cultural, e, após visita aos espaços expositivos da XIV BIAC, atribuiu os seguintes prémios:

Grande Prémio Bienal de Cerveira – € 10.000
Prémio Revelação – € 2.500
Prémio IPJ (Artes Digitais) – € 2.500

Prémios de Aquisição:

Domingos da Silva Teixeira, S.A. – DST – € 5.000
Águas do Minho e Lima – € 5.000
Caixa de Crédito Agrícola Alto Minho – €5.000

no valor total de 30.000 €, conforme Quadro n.º 67.

Os prémios de Aquisição Águas do Minho e Lima e Caixa de Crédito Agrícola Alto Minho ficaram propriedade dos patrocinadores, mas a empresa Domingos da Silva Teixeira, S.A. – DST [385] ofereceu a escultura de Paulo Neves à Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, a qual se encontra implantada no Parque do Castelinho, junto ao rio Minho.

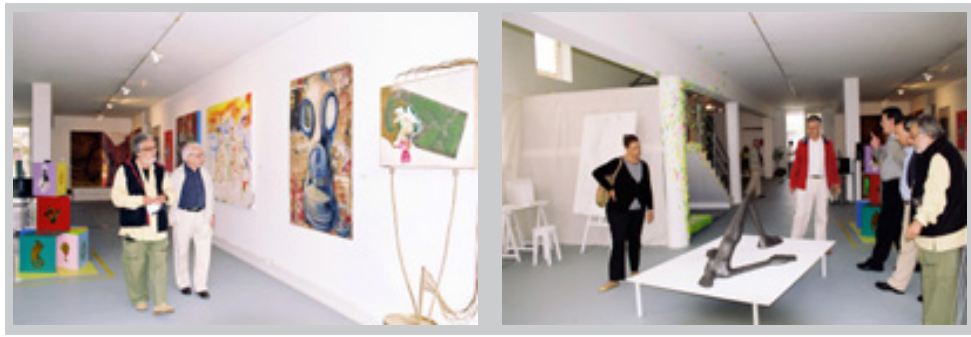
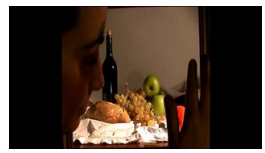
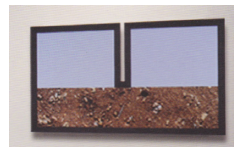
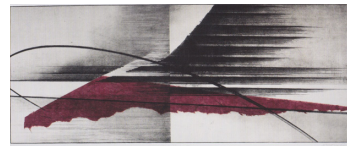


Figura 490 - O Júri de Premiação no espaço da Galeria Projecto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[385] Sócio Fundador da Fundação Bienal de Arte de Cerveira, F.P.

Quadro nº 67

ARTISTAS GALARDOADOS, PRÉMIOS, OBRAS

ARTISTA	PRÉMIO	OBRA[386]
Zadok Ben-David	Grande Prémio Bienal de Cerveira "Black Fields" Instalação (pormenor)	
Pascal Nordmann	Prémio Revelação "L'Esprit des Lieux à Vila Nova de Cerveira" Instalação	
Saray Garcia Rua e Ana Eiriz	Prémio IPJ – Artes Digitais "ÓXYMORON" Vídeo 00.04':20''	
Pedro Serrenho	Aquisição "Águas do Minho e Lima" "A Natureza Cíclica da História – Inevitável Declínio e Queda" Técnica Mista	
Augusto Canedo	Aquisição "Caixa de Crédito Agrícola Alto Minho" "As minhas Fatuchas" Técnica mista	
Liang Chen	Aquisição "Caixa de Crédito Agrícola Alto Minho" "Entre Ciel et Terre 1" "Entre Ciel et Terre 2" Água Forte	
Sejma Prodanovic	Aquisição "Caixa de Crédito Agrícola Alto Minho" "Mer" "Noon" Colagem	
Yun-Jung	"Black Rainbow I" Ponta seca, água tinta	
Paulo Neves	Prémio – Domingos da Silva Teixeira S.A. – DST "Roda" Escultura	

[386] In http://catalogo.Bienaldecerveira.pt/community/#all

O Grande Prémio Bienal de Cerveira atribuído a Zadok Ben-David, no valor de 10.000 €, mereceu da parte do Júri de Premiação um comentário:

> *(...) O Júri, entre outros valores, destaca a inclusão do tempo do espectador como parte transformadora da obra, dentro de um clima de jogos combinatórios côr/não cor, primavera/Inverno, perspectiva horizontal/vista aérea, tudo um universo de pormenores, trabalhado com precisão quase impossível.* [387]

Quando o escultor Zadok Ben-David foi chamado ao palco, para receber simbolicamente o prémio no valor de 10.000 €, anunciou que prescindia do valor do prémio, doando o mesmo à associação PNDC/Bienal de Cerveira para a criação de uma bolsa que intitulou "Bolsa de Viagem Henrique Silva"[388], a atribuir a jovens artistas portugueses. Posteriormente, foi decidido em reunião de Direção da PNDC a atribuição de quatro bolsas de viagem[389], no valor de 2.500 € cada.



Figura 491 - Zadok Ben-David na inauguração e Ana Maria traduzindo
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Ainda a propósito dos artistas galardoados Zadok Ben-David e Pascal Nordmann, recorda-se o artigo da revista *VISÃO 7*, de 30 de agosto, p. 27, intitulado "XIV Bienal Internacional de Cerveira, Linguagens Cruzadas – Do Minho à Galiza, da autoria de Helena Osório, onde se lê:

---

[387] Ata do Júri de Premiação, Anexo II Vol. III pp. 239-241.

[388] Anexo II Vol. III p. 242.

[389] Em 2008, foi aberto concurso para atribuição de Bolsa de Viagem e dada a profusão de propostas interessantes, foram atribuídas três bolsas a: Bruno Côrte, ao Japão, Engrácia Cardoso, à Índia e Mariana Carvalho, à Turquia.
Em 2010, foi atribuída a última Bolsa de Viagem a Bruno Marques, desta vez ao México.

(...) o israelita que tem participado regularmente no concurso internacional, apresentou uma instalação 'Black Fields' – à imagem de um "éden" que nos faz viajar a Primavera e o Inverno, o terrestre e o aéreo, o sonho e a realidade, a utopia e a verdade de um tempo que transforma. Sempre com duas faces, duas visões.



Figura 492 - "Black Field" – Grande Prémio Bienal de Cerveira (pormenores)
Fonte: Fonte: Arquivo Henrique Silva

e a propósito do artista suíço Pascal Nordmann, Helena Osório comenta:

(...) Surpreendente é a escultura sonora, em movimento, do suíço Pascal Nordmann, L'Ésprit des Lieux, que mereceu o Prémio Revelação. Esta obra é sentida como símbolo da memória registada em apontamentos de viagem, trabalho artístico, quotidiano. Remete à 'casa' compartimentada do nosso cérebro repleta de 'objectos falantes' que definem cada escolha na vida.



Figura 493 - L'Esprit des Lieux à Vila Nova de Cerveira
Fonte: Arquivo Henrique Silva

17.4 CONTEÚDOS

Inicia-se este item com homenagens, seguido das diversas atividades desenvolvidas.

Homenagens

Em Assembleia Geral da Associação PNDC, foi proposto e aprovado homenagear, conforme já referido anteriormente nesta Tese, Júlio Resende que, em 2017, faria 100 anos; Marguerite e Aimé Maeght e Maria Marcelina.

A primeira nota da imprensa que refere a homenagem a Júlio Resende foi publicada no jornal local *Cerveira Nova*, de 5 de abril, p. 8, em artigo intitulado *"Bienal de Cerveira homenageia Mestre Júlio Resende"*, dando nota de que a organização já tinha entrado em contacto com a Câmara do Porto para a cedência da obra Ribeira Negra.

A obra encontrava-se no arquivo da Câmara Municipal do Porto, devidamente acondicionada em caixas de madeira, sem nunca ter sido exposta ao público. Já depois de acordado com a Câmara Municipal do Porto o empréstimo da obra à Bienal de Cerveira, no *Diário de Notícias* de 19 de agosto, p. 43, no artigo intitulado *"Júlio Resende triste por ver a sua "Ribeira Negra" encaixotada"*, o artista declara: *"Tenho pena que a obra não esteja à mostra (...) Talvez esta seja a última vez que posso ver este trabalho exposto".*

A Bienal propôs à Câmara Municipal do Porto a cedência da obra, com caráter temporário, com a possibilidade de ser a título definitivo. No entanto, ficou-se só pela cedência temporária e, em 2010, finalmente a obra foi exposta em permanência no Museu dos Transportes e Comunicações – MTC, Porto.



Figura 494 - Ribeira Negra – Museu dos Transportes – Porto
Fonte: © Fátima Carvalho

Homenagem a Júlio Resende[390]
"Ribeira Negra"

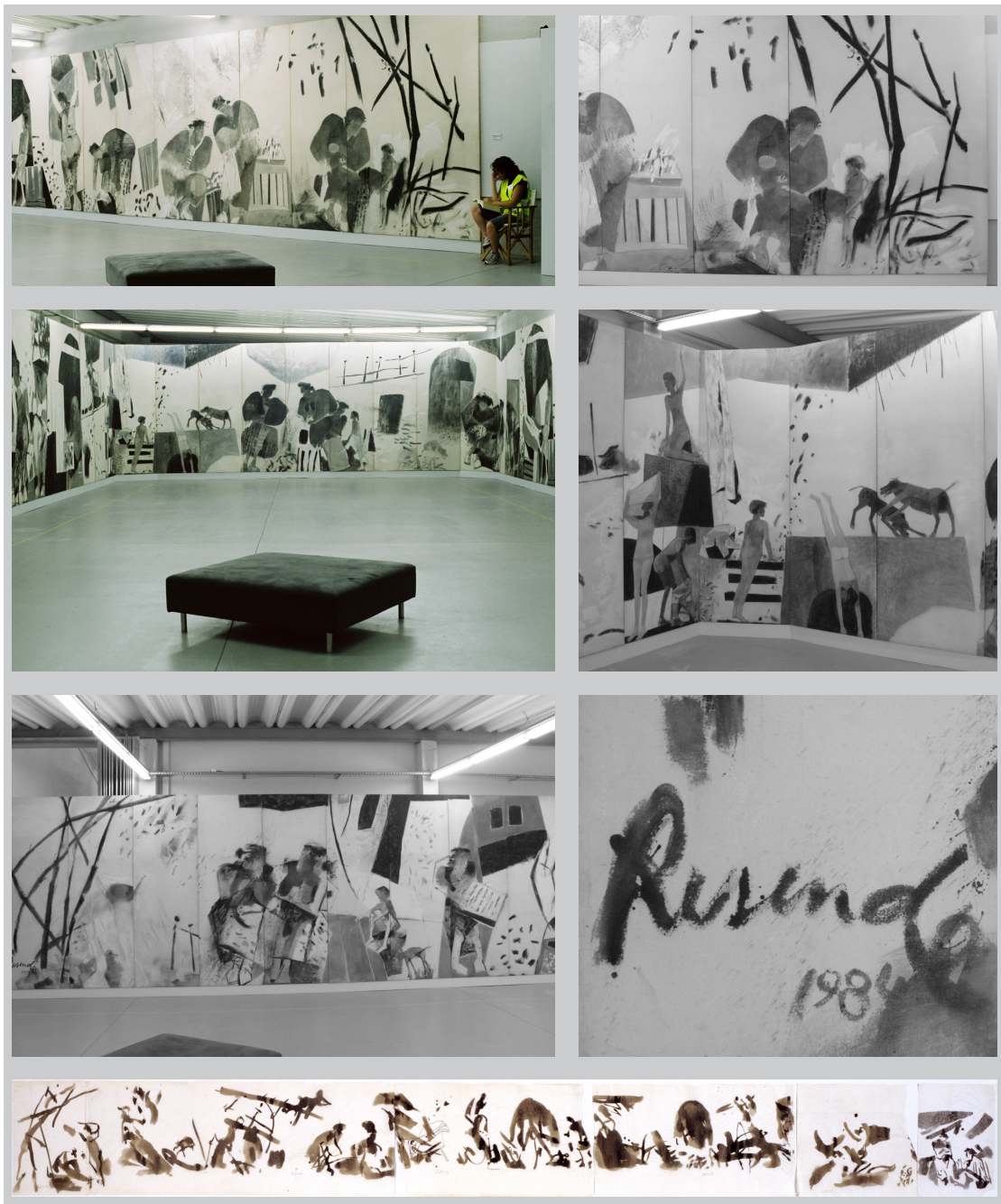


Figura 495 - Pormenores da exposição de homenagem a Júlio Resende[391]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[390] Minuto19:46 vídeo Resenha BIAC.

[391] S.L. Machado (Comunicação pessoal, 21 de setembro, 2011) refere que *segundo o mestre Júlio Resende, foi em 2007, com a slmdesign, que pela primeira vez se executou graficamente a montagem da totalidade do painel da Ribeira Negra (Técnica mista s/ tela, 3 x 40 m), para publicação no Catálogo da XIV Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira – "As Novas Cruzadas"*).

Homenagem a Marguerite e Aimé Maeght
Fundação Maeght

Esta mostra foi comissariada pela neta de Aimé Maeght, Yoyo Maeght, que se deslocou a Vila Nova de Cerveira, a convite da organização da Bienal, e trouxe uma exposição a que chamou "Diálogos Contínuos", com litografias e gravuras originais do acervo da Galeria Maeght, Paris.

Yoyo, no texto que escreveu para o Catálogo, recorda a vivência com a família, afirmando a dada altura:

> *(...) De repente vem à memória as imagens da vida que a minha família compartilhou com as grandes figuras do mundo das artes. Com as minhas irmãs e meu irmão, tivemos a mais bela das infâncias, a mais bela das juventudes. Fomos educados entre os artistas, os poetas, os criadores. Desse modo, o nosso olhar está impregnado da sua visão.*

A coleção que trouxe à Bienal incluiu obras de Jean Bazaine, Georges Braque, Alexander Calder, Marc Chagall, Eduardo Chilida, Alberto Giacometti, Joan Miró, Jean-Paul Riopelle, Antoni Tapies e Bram Van Velde.



Figura 496 - Yoyo Maaeght e o Ministro dos Negócios Estrangeiros
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Fundação Maeght



Figura 497 - Detalhes da exposição da Fundação Maeght
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A propósito da homenagem a Marguerite e Aimé Maeght, na sua apresentação no texto do Catálogo, p. 29, Henrique Silva afirma:

> *(...) Durante e depois da segunda guerra mundial, Paris foi palco da revolução do conceito estético da arte contemporânea, onde nasceram as grandes correntes que ainda hoje são modelo conceptual das novas gerações (...)*

prosseguindo mais adiante:

> *(...) A razão desse modelo tornou indispensável a presença da Fundação Maeght nesta Bienal, cujos Fundadores Marguerite e Aimé Maeght foram pioneiros na promoção e divulgação daqueles que viriam a ser os marcos da Arte Contemporânea Internacional.*

Homenagem
Maria Marcelina



Figura 498 - Imagem do livro POEMAS DE "NINGUÉM" – PINTURAS DE JAIME ISIDORO
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Maria Marcelina, grande impulsionadora, na sombra, da obra de Jaime Isidoro e da Bienal de Cerveira, mereceu à organização uma justa homenagem com a execução de um banco cerâmico com imagens serigrafadas dos Bifrost e poemas seus, colocado na Casa do Artista. Em simultâneo, foi lançado o livro da autoria de Jaime Isidoro, intitulado POEMAS DE "NINGUÉM" – PINTURAS DE JAIME ISIDORO, com poemas inéditos de Maria Marcelina e ilustrações de Jaime Isidoro, uma edição da PNDC.

A propósito desta homenagem, Henrique Silva, no Catálogo da Bienal[392], justifica esta decisão:

> *(...) Lembrar o que foi a intervenção de Maria Marcelina nas primeiras Bienais de Cerveira junto das crianças com o seu grupo "Bifrostes", e como braço direito do criador da Bienal, Jaime Isidoro, é uma obrigação deste Evento e dos jovens que com ela desenvolveram acções criativas e educativas que permitiram a interacção da população de Cerveira com a Bienal.*

[392] in Catálogo XIV Bienal, p. 43.



Figura 499 - Grupo Bifrost
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Para Agustina Bessa-Luís, Maria Marcelina era "uma pessoa rara", de acordo com o texto publicado na p. 44 do Catálogo da Bienal:

> *(...) Com isto de se ser imprevisível ganha-se terreno sobre os inimigos. Todos temos inimigos, são os que nos consolam de sermos verdadeiros. O elemento surpresa vale muito nas relações humanas e nas guerras de opinião, que são todas as guerras. A Maria Marcelina foi uma pessoa rara.*



Figura 500 - Um arco-íris de fitas coloridas foi colocado na árvore que Marcelina e os Bifrost tinham plantado numa Bienal anterior.
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 501 - Pormenores do banco[393] de homenagem a Maria Marcelina
Casa do Artista
Fonte: Leonardo Silva

Ainda a respeito do grupo formado por Maria Marcelina "Bifrost", recorda-se uma passagem do artigo assinado por *"Um admirador"* no Jornal *Cerveira Nova*, de 20 setembro 2005, p. 9, onde se lê:

> *(...) Cerveira deve-lhe extraordinária dedicação. Foi cerveirense por espírito, por amor à vila e às pessoas. Companheira de Jaime Isidoro, deixa-nos aos 84 anos. Os amigos queriam-lhe muito. Fica a lembrança de uma mulher artista, a escrever os seus poemas à mesa do café e de invulgar cultura.*

[393] Os azulejos do banco estão serigrafados com imagens dos "Bifrost" e poemas de Maria Marcelina.

Em seguida, apresenta-se o Quadro nº 68 respeitante às atividades desenvolvidas nesta BIAC e que inclui os vários *ateliers* livres, conferência, debates, mesas redondas, espetáculos, nomeadamente concertos, música, vídeoarte e visitas guiadas.

Quadro nº 68

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADES	GRUPOS DE ATUAÇÃO
Ateliers	Arte Eletrónica – Coordenação: Leonel Valbom *Workshops*: Arte através de software livre – Responsável técnico: Ricardo Lobo Programação visual – Responsável técnico: Pedro Ângelo Visão por computador – Responsável técnico: Eduardo Marques Eletrónica de sensores – Responsável técnico : Filipe Valpereiro Modelo e animação 3D – Responsável técnico: Luís Belerique Sistemas Interativos para vídeo – Responsável técnico: João Beira Som tridimensional, desenho de som e síntese sonora"– Responsável Técnico: Leonel Valbom Cerâmica / Coordenação: Álvaro Queirós Artistas convidados: Luísa Soares, Pedro Raposo, Rosário Matos Crianças / Coordenação – Riva Rapopor, artista brasileira *Atelier* de Gravura / Coordenação: Dacos, gravador belga Artistas convidados: Álvaro Queirós, Ana Maria(Pintora), Carlos Gonzalez Villar, Colette Schenk,Caroline Perin, Emmanuelle Raes, Lauro Soriano, Li Yi, Liang Chen, Lobianco Andrey, Maelle, Margarida Leão, Miguel d'Alte, Xosé Poldras Pintura / Coordenação: Susana Bravo Artistas convidados: Ana Maria Pintora, Jaime Isidoro, Júlia Pintão, Mário Silva, Miguel D'Alte
Conferências, Colóquios, Debates, Mesas Redondas	Debate – "A Cerâmica Contemporânea na Aquitectura"– Moderador: João Carqueijeiro Mesa Redonda – "Os *Ateliers* da Bienal de Cerveira" – Moderador: Álvaro Queirós Mesa Redonda – "Arquitectura à Margem – Moderador: Nuno Pereira da Silva Colóquio – "As Culturas das Novas Cruzadas" – Moderador: Henrique Silva Conferência – "Delfim Santos em Diálogo com José Marinho" – Moderador: Cristiana de Soveral Colóquio "Qual a Participação da Escolas Superiores de Arte Portuguesas nas Bienais de Cerveira" – Moderador: Henrique Silva
Música/ *Performance Art*/ Espetáculos	Grupo de Percussão Academia de Música de Espinho Concerto Low Budget Research Kitchen-Zappa Recital de piano – Nuno Sampaio Pereira Intervenções Arte Digital Recital – Irmãos Pereira Intervenção Audio Visual . *Visual poETICart Grup* Concerto – Edgar Zimm Freedom Experience Concerto – Carlos Azevedo Trio Concerto – António Olaio & João Taborda Concerto – The Legendary Tiger Man – Masquerade
Visitas Guiadas	Eurico Gonçalves Silvestre Pestana

17.5 NARRATIVA VISUAL DE ALGUMAS ATIVIDADES

Seguem-se algumas imagens das atividades elencadas no Quadro nº 68.

Atelier Arte Eletrónica

Leonel Valbom coordenou este *atelier* que funcionou no Pavilhão 3 do Fórum Cultural, designado na altura como "Open Space", tendo como assistentes técnicos Ricardo Lobo, Pedro Ângelo, Eduardo Marques, Filipe Valpereiro, Luís Belerique e João Beira.



Figura 502 - Alguns momentos do *atelier*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Cerâmica

Álvaro Queirós coordenou este *atelier*, no qual participaram Luísa Soares, Pedro Raposo, Rosário Matos. Também foi convidado o ceramista Ossama Mahamoud Eman Aly, mas devido à burocracia do Ministério dos Negócios Estrangeiros na concessão do visto, não chegou a participar neste *atelier*, que funcionou numa oficina cedida pela Câmara Municipal, junto à ETAP, com o patrocínio da firma galega "Arte & Ceramica", de Vigo.



Figura 503 - Pormenores do *atelier*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Atelier de Crianças

Riva Rapopor, artista brasileira, foi a responsável por este *atelier* que funcionou numa tenda anexa ao Pavilhão 2 do Fórum Cultural, com o patrocínio da Fábrica de Lápis VIARCO[394], que, nesse ano, comemorou 100 anos da produção de lápis em Portugal.



Figura 504 - Pormenores do *atelier*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[394] Vieira Araújo e Companhia.

Atelier de Gravura

DACOS, gravador belga, coordenou este *atelier/workshop*, que se realizou em abril, na Casa do Artista, e que foi integrado na XIV BIAC, com a exposição dos trabalhos finais na Casa da Cultura de Melgaço. Participaram Álvaro Queirós, Ana Maria Pintora, Carlos Gonzalez Villar, Colette Schenk, Caroline Perin, Emmanuelle Raes, Laura Soriano, Li Yi, Liang Chen, Lobianco Audrey, Maelle, Margarida Leão, Miguel D'Alte e Xosé Poldras.



Figura 505 - Pormenores do *atelier*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Das palavras de Henrique Silva no texto do Catálogo[395], retira-se o seguinte excerto:

> *(...) Este workshop propõe-se ser um simpósio de experimentação e trabalho, onde as várias técnicas utilizadas pelos artistas presentes serão um meio de diálogo e troca de informações que permitam acompanhar a evolução desta técnica ancestral.*

E a confirmar esta ideia, transcreve-se um excerto da entrevista nº6 a Ana Maria, em que ela afirma justamente o caráter de intercâmbio de ideias, quando alude a "pessoas à nossa volta", à Casa do Artista e ao ambiente de troca de ideias e experiências com os outros artistas, bem como as possibilidades de trabalhar nas várias oficinas da Bienal, com acesso a programas informáticos inovadores:

> *(...) Ficávamos na casa aliás, penso que estávamos todos na casa do artista, e partilhávamos as refeições, conversávamos e trocávamos experiência ao ponto de se conseguir criar estas empatias (...)*

prosseguindo:

> *(...) Uma parte da minha vida de artista, destes últimos 15 anos, também se constrói muito aqui, com todas essas possibilidades que me foram dadas, tanto do ponto de vista multimédia, como do ponto de vista de termos equipamentos, porque não os temos. Nem aquelas pessoas à nossa volta.*

395 in Catálogo XIV BIAC, As Novas Cruzadas, p. 110.

Atelier de Pintura

Susana Bravo coordenou este *atelier* que funcionou nas traseiras do Solar dos Castros, junto ao jardim, com artistas convidados: Ana Maria Pintora, Jaime Isidoro, Júlia Pintão, Mário Silva e Miguel D'Alte.



Figura 506 - Pormenores do *atelier*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Debates – Mesas Redondas – Conferências – Colóquios

Debate

"A Cerâmica Contemporânea na Arquitetura"

Mário Ferreira da Silva e João Carqueijeiro, além dos Arq. Sandro Lopes e Nuno Pereira da Silva, ambos docentes da Escola Superior Gallaecia – ESG, participaram neste debate, no Pavilhão Polivalente do Fórum Cultural.



Figura 507 - Pormenores do debate
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Mesa Redonda
"Arquitectura à Margem"

O Arquiteto Nuno Pereira da Silva, da Escola Superior Gallaecia, coordenou esta Mesa Redonda onde se discutiu o tema da exposição – Arquitectura à Margem – patente na Casa do Artesão, e integrada nesta BIAC e na qual participaram Gabinetes de Arquitetura de vários países:

Arquitetura sem Fronteiras Internacional – ASF- INT; [396]
Crimson Architectural Historians, Holanda;
Jan Korbes, Holanda;
John Wardle, Áustria;
Marin Rauch, Áustria;
Plano B, Portugal.

Na p. 66 do Catálogo, a propósito do tema desta curadoria, é referido:

(...) Arquitectura à Margem surge como vontade de dar a conhecer exemplos dispersos de abordagens transversais da arquitectura, valorizando as experiências multidisciplinares, onde as obras se deixam 'contaminar' por outras áreas de conhecimento e da sociedade, que não os frequentes nos conceitos padrões onde a arquitectura se move.

[396] ASF INT tem como principal objectivo estabelecer uma rede entre organizações, instituições e pessoas com preocupações no âmbito do Habitat, o que individualmente cada um dos membros tem vindo a implementar através do desenvolvimento de projetos para comunidades deprimidas por questões sociais ou naturais, e da educação e consciencialização da responsabilidade social do Arquiteto.



Figura 508 - Mesa Redonda "Arquitetura à Margem" – Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Em seguida, apresentam-se imagens dos vários gabinetes de arquitetura que se fizeram representar nesta edição da Bienal e que foram objeto de discussão na Mesa Redonda "Arquitectura à Margem".

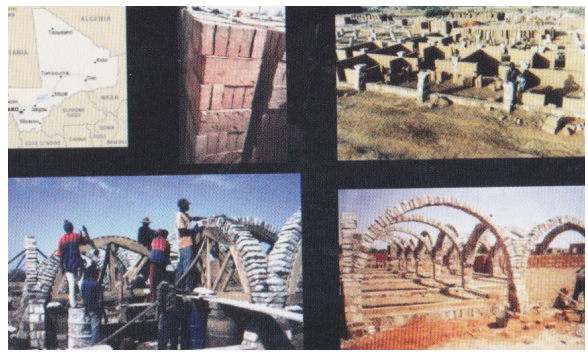


Figura 509 - Arquitectos Sem Fronteiras
Fonte: Arquivo Henrique Silva

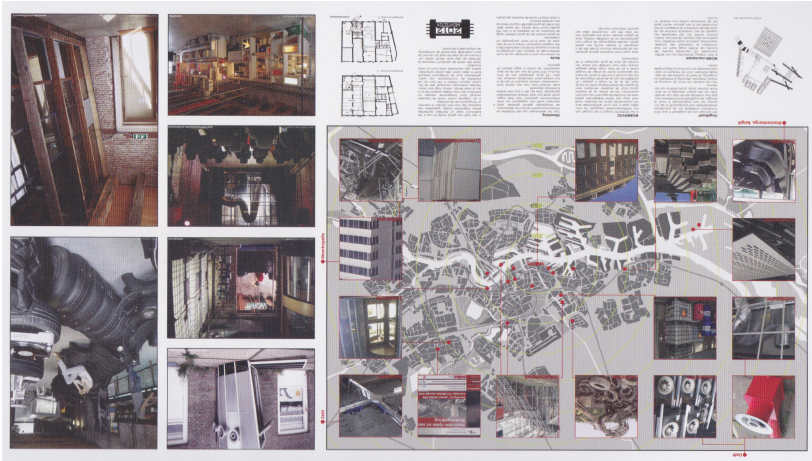


Figura 510 - Crimson Architectural Historians – Oogstkartworn
2012 Archiekten – Holanda
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 511 - Jan Korbes – Holanda
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 512 - Surf Coast – John Wardle Architects – Austrália
Fonte: Arquivo Henrique Silva

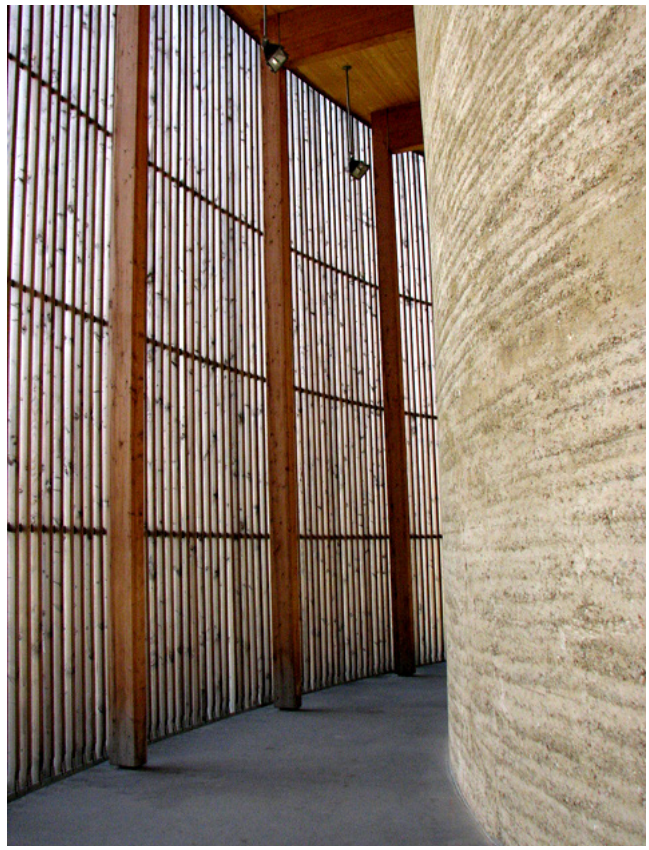


Figura 513 - Versoehungskirche Berlin – Martin Rauch – Áustria
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 514 - Arruda 2005 – Plano B – Portugal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Mesa Redonda
"Os *Ateliers* da Bienal de Cerveira"

Desde a primeira Bienal (1978), os *ateliers* livres, abertos à população, tinham o intuito de levar a arte a todos, sensibilizando os mais novos e chamando a atenção das gerações mais velhas para a importância da partilha de saberes e do trabalho colaborativo entre os participantes. Foi essa a conclusão deste debate, isto é, que os *atelier* deviam continuar e ser uma presença constante nas Bienais futuras.

Jaime Isidoro, no decorrer deste debate, lembrou os *ateliers* que já existiam na Academia Alvarez, no Porto, com essa mesma finalidade: a transmissão de conhecimento artístico e das várias técnicas associadas a cada *atelier*. Contavam com o patrocínio de firmas especializadas, com a oferta de tintas, pincéis, grafites, papel, barro e até de pedra. De referir que alguns trabalhos resultantes dos vários *ateliers* ficavam para a organização, integrando ainda hoje o espólio da Bienal de Cerveira.



Figura 515 - Mesa Redonda "Os *Ateliers* da Bienal de Cerveira" – Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Colóquio

"As Culturas das Novas Cruzadas"



Figura 516 - Pormenor da mesa e assistência
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Conferência

"Delfim Santos em Diálogo com José Marinho"
Delfim Santos (1907-1966)



Figura 517 - Delfim Santos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Incluída no Ciclo de Conferências comemorativas do centenário do nascimento do filósofo, o Prof. Doutor Renato Epifânio proferiu uma conferência, no Fórum Cultural, com moderação de Cristiana de Soveral, sobre o pensamento filosófico e pedagógico de Delfim Santos[397] (1907-1966). No Catálogo desta Bienal, p. 120, lê-se:

> *(...) A importância e a riqueza do pensamento do filósofo nortenho vem despertando interesse crescente no meio académico, como nos mostra o número elevado de Teses de mestrado e doutoramento que sobre ele se debruçam. Divulgar o pensamento de Delfim Santos, e mostrar a sua originalidade e actualidade quer no domínio da reflexão filosófica quer do domínio das ideias pedagógicas, é um dos objectivos do ciclo de conferências que agora propomos.*

Esta conferência foi promovida pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD, pelo Instituto de Filosofia Luso-Brasileira e Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

[397] Nasceu no Porto em 6 de novembro 1907, licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras do Porto, foi bolseiro da Junta de Educação Nacional em Viena, passando depois por Berlim, Londres regressando a Portugal em 1942. Doutorou-se na Universidade de Coimbra com a Tese "Conhecimento e Realidade". (fonte: http://www.delfimsantos.net/bio/ – (acesso mai. 2016).

Concertos – Intervenções – *Performance Art*
Grupo de Percussão
Academia de Música de Espinho

Este grupo de alunos da Academia de Música de Espinho teve uma intervenção musical no momento da inauguração desta Bienal e realizou um espetáculo nessa mesma noite. Vieram gratuitamente, só foi solicitado o transporte à Câmara Municipal de Cerveira e alimentação na cantina da Bienal.



Figura 518 - Pormenores dos dois concertos
Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Concerto

Low Budget Research Kitchen – Zappa

"Projeto dedicado exclusivamente à música de Frank Zappa, cuja obra além de invulgarmente extensa e extraordinariamente multifacetada, possuiu ainda várias outras características que a tornam única no panorama musical da segunda metade do séc. XX..." – in p. 162 do catálogo da XIV Bienal de Cerveira.



Figura 519 - Pormenor do concerto versão 01 do universo musical Zappiano
Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Recital de Piano
Nuno Sampaio Pereira

Foram tocadas as peças "Fantasia Cromática" de Johann Sebastian Bach; "Quadros de uma Exposição" de Modest Mussorgsky e "Sonata Nº 3" de Serge Prokofiev.



Figura 520 - Pormenores do concerto de piano e assistência
Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Intervenção
poETICart GRUP[398]

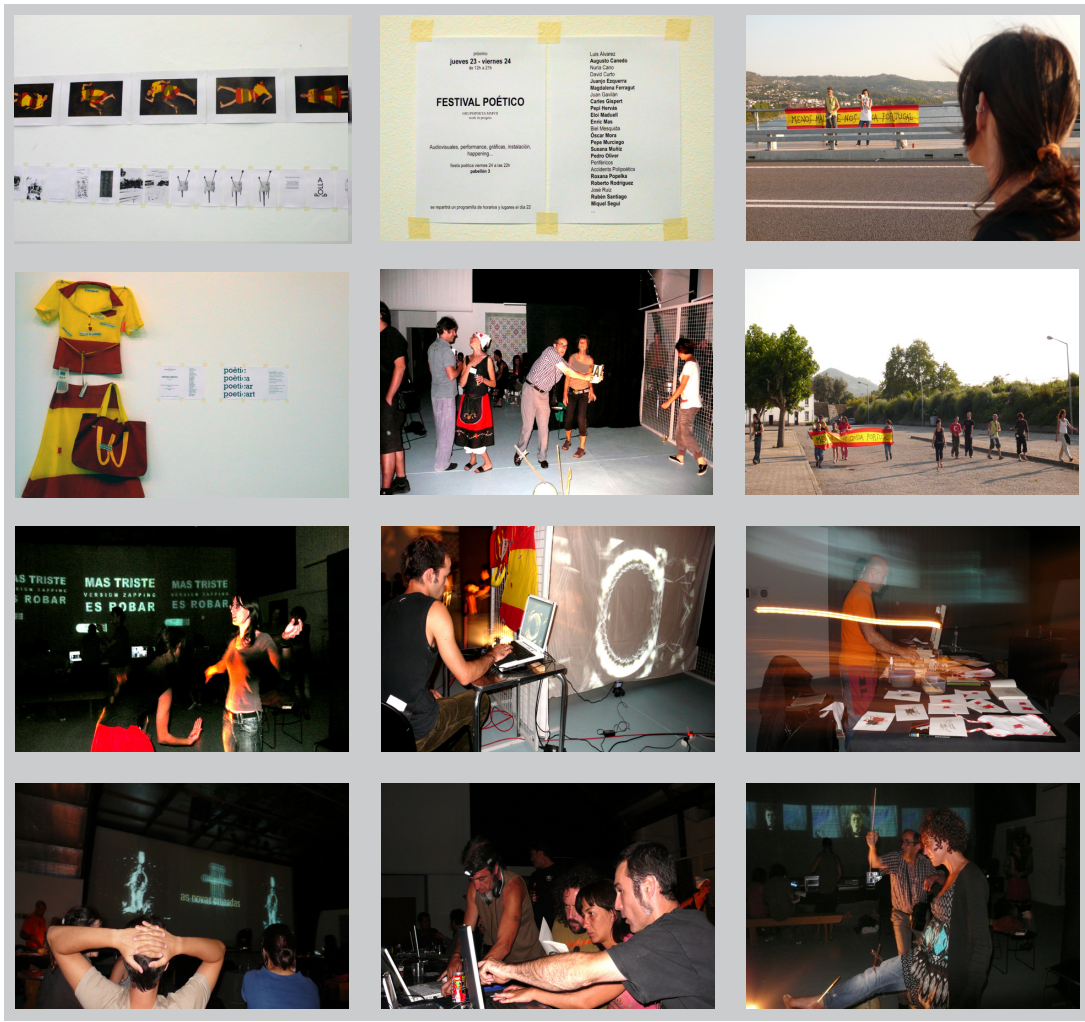


Figura 521 - Pormenores da intervenção
Fórum Cultural e Ponte da Amizade
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[398] Curador: Pedro Oliver.
"poETICart Grup é um encontro de estrategas artísticos que implementam táticas poéticas para atingir os seus objetivos comuns: desarmar as Cruzadas ideológicas e económicas que transformam este mundo num campo de batalha. Cada um no seu posto, armados de imaginação, conquistam com a imagem, com a letra. Ocupando o imaginário coletivo, libertam os espaços que ocupam. Combatem, amparados na mais razoável irracionalidade, o pensamento único, o seu verdadeiro inimigo.
Embora não falte quem afirme que isto tudo não é senão um (pre)texto, e que na realidade gostam é de festa. Que se deleitam com a demência do século. Que gostam, definitivamente, da luta pela luta. E que, no entanto, não são mercenários. Que não se movem por trinta moedas, mas sim pelo fragor da batalha e da fanfarra. Seja de uma maneira ou de outra, o espírito é, pois, poesia de trincheira, verso de barricada, arte de comando. As suas Ações Polipoéticas são na realidade Poesia de Ação e em ação, que acionam, nunca melhor dito, as pegadas da alma mais entorpecidas pela não ação. Ação contra a Reação, reação contra a inação." – tradução livre de Carina Sieira de excerto de texto, p. 169 do Catálogo As Novas Cruzadas.

Concerto
Quarteto "Três mais um"



Figura 522 - Pormenores do concerto no Fórum Cultural
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Este Quarteto, formado por quatro irmãos:

José Pereira | Violino
Ana Pereira | Violino
Márcio Pereira | Clarinete
Marco Pereira | Violoncelo

tocou três peças:

Mozart – Quarteto em Ré Menor (4 and.)
Mozart – Quarteto em Dó Maior (4 and.)
Mozart – Divertimento (3 and.)

Todos os irmãos, naturais de Lanhelas, concelho de Caminha, estão dedicados à música e mantêm a sua atividade, quer como solistas, quer integrados em diversas orquestras e agrupamentos de Música de Câmara.

Concerto
Edgar Zimm Freedom Experience

Hugo Raro foi mentor deste projeto de jazz, onde o improviso e a experimentação são determinantes para a sonoridade do grupo.



Figura 523 - Hugo Raro | piano, Main Well | baixo, António Torres Pinto | bateria
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Concerto
Carlos Azevedo Trio[399]



Figura 524 - Pormenores do concerto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[399] "Professor de Análise na ESMAE, Carlos Azevedo exerceu aí funções diretivas como vice-presidente entre 2002 e 2011. Por outro lado, continua a codirigir a OJM, para a qual escreve composições e arranjos originais e onde se apresenta frequentemente como pianista. Integrou o júri dos Concursos de Composição Lopes-Graça, Cláudio Carneyro, da Póvoa do Varzim e Brussels Jazz Orchestra." In http://www.casadamusica.com/pt/artistas-e-obras/compositores/a/azevedo-carlos/?lang=pt#tab=0 – (acesso mai. 2016).

Concerto
António Olaio e João Taborda

Da pág. 164 do Catálogo, transcreve-se o seguinte excerto:

(...) António Olaio & João Taborda, exploram as potencialidades das canções na criação de diferentes atmosferas ficcionais. Sendo João Taborda, músico e António Olaio, músico e artista plástico, as suas actuações podem ser vistas como concertos ou como performances.



Figura 525 - Pormenores do concerto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Concerto

The Legendary Tiger Man

"Masquerade"[400]



Figura 526 - Pormenores do concerto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[400] "Depois da estreia com "Naked Blues" e do regresso com "Fuck Christmas I got the Blues", The Legendary Tiger Man apresentou em 2006 o seu terceiro álbum "masquerade". Gravado e produzido por Mário Barreiros e Paulo Furtado, "Masquerade" é um disco que quando apresentado ao vivo se transforma num momento completo de espectáculo em que a luz, a música e a imagem trazem novos blues ao mundo." – In p.164 do Catálogo As Novas Cruzadas.

Performance Art
Equipa dos *Workshops* Digitais da XIV Bienal



Figura 527 - Pormenores da *performance* multimédia
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A XIV BIAC, além do polo principal expositivo que se encontrava no Fórum Cultural, contou com outros espaços em Vila Nova de Cerveira para as suas exposições, conforme se segue:

Galeria Projecto
ARCA – EUAC
Escola Universitária das Artes de Coimbra

Em referência a esta exposição, Armando Azevedo no texto "Formas de Fazer Voluntário (Pequeno fragmento de texto anunciador de uma das exposições da EUAC)"[401], escreve:

> *(...) Temos diante de nós alguns trabalhos de alunos das licenciaturas e de mestrado da Escola Universitária das Artes de Coimbra. Por isso, à primeira vista, achá-la-emos estranha. Não há, pelo menos aparentemente, nenhum "ismo" (nenhum maneirismo, nenhum seguidismo...) a ligar as obras. São trabalhos tão diversos que nós, se desatentos, seríamos tentados a não ver Escola, por não vermos academismo.*



Figura 528 - Pormenores da exposição
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[401] In p. 122 do Catálogo As Novas Cruzadas.

Pousada D. Dinis
Red-Line[402]

(...) A intervenção de artistas plásticos, arquitectos e estilistas, na criação de cada uma das cadeiras da instalação Red Line, tem como objectivo a integração – no ambiente todo vermelho – de propostas com linguagens que, pela originalidade individual, seguiram a linha estabelecida no conceito Red Line.[403]



Figura 529 - Pormenores da exposição[404]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[402] Catarina Machado foi a curadora desta instalação, na qual participaram, além da própria, Adriana, António Brandão, Beatriz Albuquerque, Benedita Kendal, Cristina Poppe, Eduarda Centeno, Henrique do Vale, Henrique Silva, Isabel Lhano, Isabel Monteiro, Isaura Machado, Joana Rego, João Monteiro, Jaime Isidoro, Júlia Pintão, Luísa Cunha, Luís Melo, Luís Machado, Marcela de Navascués, Margarida Leão, Nazaré Alvares, Nuno Cabral, Paula Ruas, Paulo Ramuni, Pedro Belo, Rui Pedro Fonseca, Sandra Palhares, Seara e Sobral Centeno.

[403] Texto da autoria de Catarina Machado, in Catálogo As Novas Cruzadas, p.94.

[404] Minuto 19:58 vídeo Resenha BIAC.

Casa do Artesão
"Arquitectura à Margem"

Nuno Pereira da Silva foi o curador desta exposição/instalação para a qual convidou Gabinetes de Arquitetura, e coordenou uma Mesa Redonda sobre o tema, no Fórum Cultural, no dia 31 de agosto, conforme referido anteriormente.

Arquitetura sem Fronteiras Internacional – ASF- INT;
Crimson Architectural Historians, Holanda;
Jan Korbes, Holanda;
John Wardle, Áustria;
Marin Rauch, Áustria;
Plano B, Portugal.



Figura 530 - Pormenores da exposição
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Salão dos Bombeiros
Instalação de Pascal Nordmann

Em 2006, Pascal Nordmann foi o responsável por uma instalação no Centro de Arte Contemporânea de S. João da Madeira, patrocinada pela VIARCO e que Henrique Silva visitou. Na sequência dessa visita e aliado ao facto de a VIARCO celebrar 100 anos de produção do lápis em Portugal, Henrique Silva decidiu endereçar o convite ao artista, para se fazer representar nesta edição da Bienal. Assim, Pascal Nordmann trouxe da Suiça esta instalação[405] que ocupou o primeiro andar do antigo quartel dos Bombeiros. Luísa Soares de Oliveira, autora do texto que acompanha a obra e intitulado "A engrenagem partida"[406], refere:

> *(...) Um lápis desenha sozinho numa parede branca. Sozinho, é uma maneira de dizer: há um motor de brinquedo ligado, um arame ligado a esse motor, e o lápis atado ao arame. O motor trabalha, o lápis desenha. Desenha na parede. Ou noutro sítio qualquer, como por exemplo, uma folha de papel.*



Figura 531 - Pormenor da instalação "L'Esprit des Lieux à Vila Nova de Cerveira"
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[405] No ano seguinte, a convite de Augusto Canedo, esta mesma exposição foi apresentada no Porto, Galeria Por Amor à Arte.

[406] In p. 57 do Catálogo As Novas Cruzadas.

Convento de S. Paio
Faculdade de Belas Artes
Universidade de Lisboa

Lima de Carvalho foi o comissário desta exposição e selecionou obras de 14 estudantes desta instituição, nomeadamente Ana Catarina Fragoso Costa, Ana Cintra, Ana Rocha de Sousa, Cármen Direitinho, Diana Marques, Inês Rebelo de Andrade, Isabel Guedes Pereira, Joana Barros, João Caldeira, Raquel Santos, Rui Filipe Lopes, Sandra Piçarra, Sara Trigó e Susana Diogo.



Figura 532 - Pormenores da exposição
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Centro Cultural de Campos
Novas Simbologias I Atuação e Limites

Jaime Silva foi o comissário desta mostra vinda da Galeria Municipal do Montijo, da qual era diretor, que inclui obras na área da pintura, desenho, fotografia e vídeo de: Albertina Mântua, Américo Silva, Ana Rosário Nunes, Andreia Neves Nunes, Catarina Araújo, Catarina Cabral, D'Aguiam (Miguel Silveira), Francisco Janes, Gonçalo Ruivo, Jaime Silva, João Menéres, Lúcia Vasconcelos, Mário Cabrita Gil, Paiva Raposo, Paula Nobre, Ricardo Castro, Rute Rosas, Tânia Araújo e Vasco Azevedo e Silva.

Segundo Jaime Silva:

> *(...) Pintura e Fotografia analógica, constituem pólo de esclarecimento desta exposição. Olhares cruzados e interrogações várias, são pois o núcleo que fundamenta estas exposições, das quais se extrairão ilações várias.* [407]



Figura 533 - Pormenores da exposição
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[407] In Catálogo As Novas Cruzadas, p.76.

Escola Superior Gallaecia[408]
"Uma Escola Aberta ao Mundo"

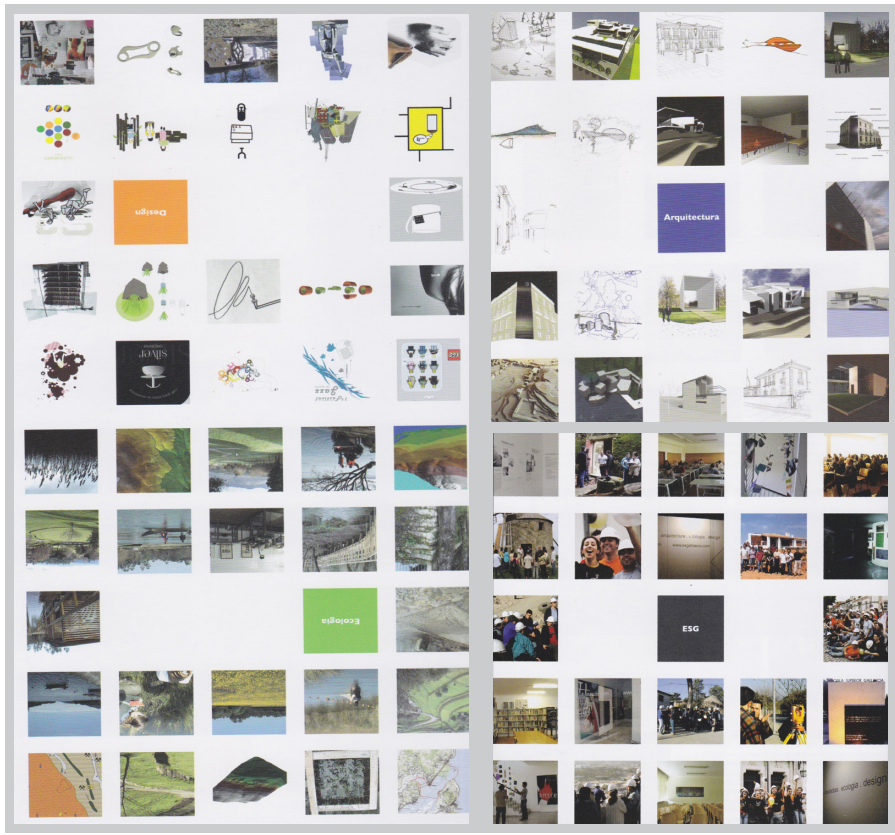


Figura 534 - Pormenores da instalação
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Projeto de Instalação – Luís Paulo Pacheco
Projeto de Comunicação – Teresa Correia

No edifício da Escola, estiveram expostos *posters* com trabalhos dos estudantes dos Cursos de Licenciatura em Arquitetura e Urbanismo, Licenciatura em Ecologia e Paisagismo, Licenciatura em Design Gráfico e Industrial.

408 "A Escola Superior Gallaecia (ESG) é uma escola universitária, localizada em Vila Nova de Cerveira, tendo como entidade titular a Fundação Convento da Orada, Fundação para a Reabilitação e Salvaguarda do Património Arquitectónico. Reconhecida como instituição de exigência, qualidade e rigor no Ensino Universitário, a ESG tem contribuído no desenvolvimento de cursos de pós-formação, no apoio às populações, na prestação de serviços à comunidade, na produção e difusão de investigação, na publicação de carácter científico, na cooperação de pesquisa internacional, no intercâmbio europeu de estudantes e docentes, e na organização activa de eventos culturais." In Catalogo As Novas Cruzadas, p.131.

Largo do Terreiro
Universidade Católica – Porto
"Show Dot Some Love"



Figura 535 - Pormenores da instalação
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Hélder Dias foi o comissário desta representação da Universidade Católica e Jorge Coutinho o autor do projeto. Segundo o texto[409] que acompanha esta representação, *"Show Dot Some Love" é uma instalação interativa que se baseia na representação gráfica das interações entre o personagem principal – Dot – e os participantes*. Através dos telemóveis e ligação Bluetooth, qualquer pessoa podia interagir e criar imagens diferentes que eram projetadas na parede da Igreja Matriz. Esta experiência interativa só funcionava de noite.

[409] In Catálogo As Novas Cruzadas, p.159. A Organização solicitou licença ao pároco de Vila Nova de Cerveira, para, a partir de uma janela de uma casa próxima se poder projetar as imagens na parede da Igreja Matriz.

Centro de Acolhimento
Loja da Bienal

O Centro de Acolhimento ao visitante funcionou no Solar dos Castros (Biblioteca Municipal) para informações, venda de bilhetes de ingresso e catálogos, com Loja de produção própria da associação PNDC, como gravuras, serigrafias, cerâmicas, mas também de objetos cedidos por artistas, como foi o caso das joias e pratas da autoria da escultora Ana Fernandes, cartazes da Fundação Maeght além do *merchandising* desta Bienal.



Figura 536 - Alguns aspetos da Loja e Centro de acolhimento
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Galeria Pública para Artes Digitais

Silvestre Pestana iniciou este projeto em 2005, na XIII BIAC, dando assim origem a uma "Galeria pública para artes digitais". Do texto de sua autoria recorda-se o seguinte excerto[410]:

> *(...) A pertinência deste projecto centraliza-se numa participação artística à distância, em que se relativiza as distâncias físicas, e se promove as diferenciações culturais. A participação à distância de artistas provenientes de contextos culturais distintos acentua e ironiza a situação geográfica de uma região periférica num país também ele periférico no contexto da globalização.*



Figura 537 - Os três *outdoors* digitais presentes na XIV BIAC
Ana Soler – Espanha, Kako Castro – Espanha e Mineo Aayamaguchi – Japão
Fonte: Arquivo Henrique Silva

410 "(...) O marco teórico do projecto "Galeria pública para artes digitais" remete para a importância atribuída ao espaço público como meio difusor da expressão artística contemporânea, recorrendo-se a técnicas de comunicação, normalmente veiculadas à promoção publicitária. Deste modo, valoriza-se o encontro casual do público com a obra de arte efémera (tempo da obra), uma vez que, esta ao ser exposta diretamente no espaço público furta-se à clássica legitimação museológica. É neste sentido que se procede à recontextualização dos espaços expositivos da obra de arte, criando-se para esse efeito expositores urbanos." in Catálogo As Novas Cruzadas, p. 88.

Seguem imagens de *outdoors* de outros artistas que, desde 2005 e até 2006, foram convidados por Silvestre Pestana a apresentarem o seu trabalho na Galeria Pública para Artes Digitais e que estão reproduzidas na p. 92 do catálogo XIV BIAC.



Figura 538 - *Outdoors* digitais
De cima para baixo, da esquerda para a direita:
Celeste Cerqueira – Portugal, Liina Siib – Estónia, Luís Monford – Brasil,
Margarida Leão – Portugal, Patrícia V. Echeverría – USA / Nicarágua, Silvestre Pestana – Portugal,
Son Da – Eslovénia e Steve Bruntlett – Inglaterra
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Espaço Público de Vila Nova de Cerveira
Universidade de Aveiro

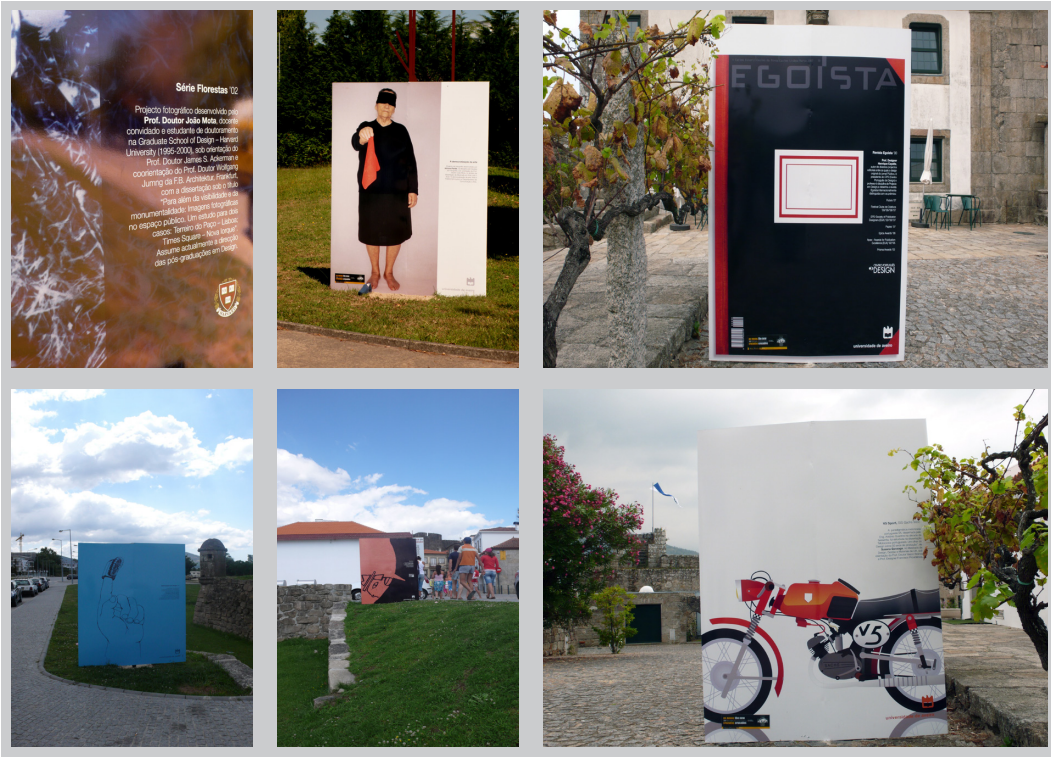


Figura 539 - Imagens dos plinto-posters espalhados por Vila Nova de Cerveira
Fonte: Arquivo Henrique Silva

João Mota, Professor de Pós-Graduação em Design, na Universidade de Aveiro, foi o comissário da representação desta Universidade, expondo "plinto-posters", com projetos de design de alunos e professores. Num desses equipamentos, pode-se ler a seguinte explicação:

> *(...) Série Florestas '02 – Projecto fotográfico desenvolvido pelo Prof. Doutor João Mota, docente convidado e estudante de doutoramento na Graduate School of Design – Harvard University (1995-2000).* [411]

[411] Da sua Tese de doutoramento sob o tema "Para além da visibilidade e da monumentalidade: Imagens fotográficas no espaço público. Um estudo para dois casos: Terreiro do Paço – Lisboa; Time-Square – Nova Iorque".

What Is Watt?

Celeste Cerqueira foi a comissária desta exposição, que incluiu trabalhos de António Barros, António Dantas, Carlos Caíres, Catarina Pestana, Catarina Rocha, Celeste Cerqueira, Evangelina Salgado, Hugo Olim, Nidia Freitas, Pedro Pestana[412], Pedro Ruiz, Silvestre Pestana e Vmagal e que esteve patente no Fórum Cultural.[413]

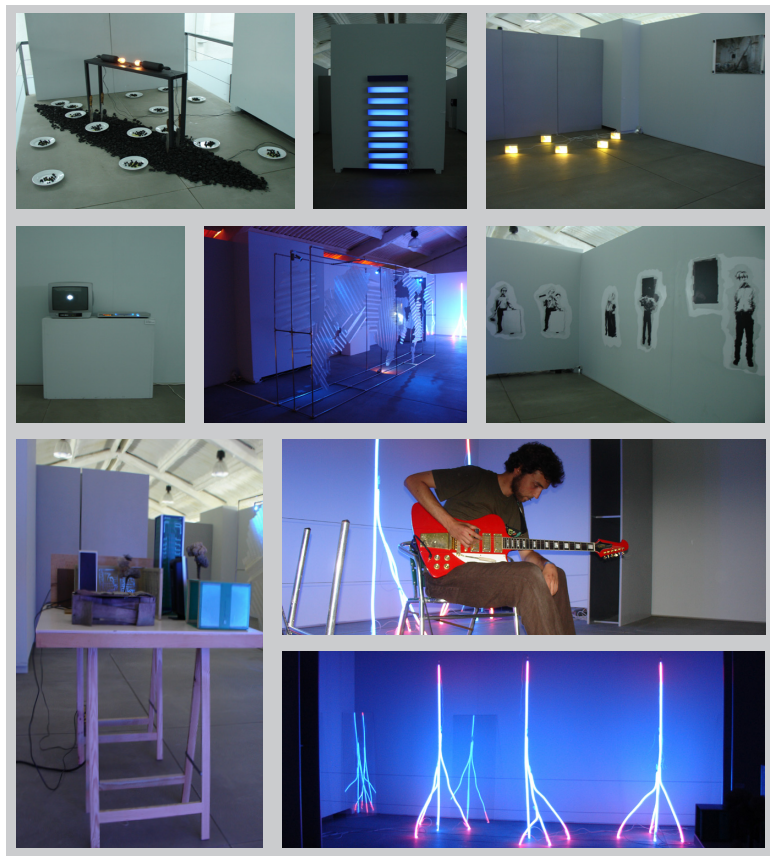


Figura 540 - Pormenores da mostra What is What?
Fonte: Arquivo Celeste Cerqueira

(...) "What is Watt?", questiona a contínua emergência dos meios de produção da obra de arte e assinala a interdependência da experiência artística que lhe está conectada. Deste modo, trata-se de promover produções artísticas inter mediáticas, em que a electricidade é assumida como um fluxo energético vital da operacionalidade do social e do acto artístico contemporâneo.[414]

---

[412] Segundo testemunho de Celeste Cerqueira, comissária deste projeto, "O Pedro apresentou nas exposições anteriores do What is Watt? diversas instalações sonoras. Mas no caso específico da sua presença em Vila Nova de Cerveira, devido às características do espaço e do modo como iria interferir nas obras do próprio fórum, optou-se por uma sessão performativa no dia da inauguração da Bienal e assim aconteceu".

[413] As obras dos 13 autores representados na mostra *What is Watt?,* estão todas reproduzidas no Catálogo As Novas Cruzadas, pp. 103-108.

[414] Excerto do texto de Celeste Cerqueira no Catálogo As Novas Cruzadas, p.102.

VIARCO
Loja Portuguesa de Lápis

José Vieira, administrador da empresa Viarco, trouxe, até esta Bienal, o lápis, na comemoração do centenário do seu fabrico em Portugal. Foi em 1907 que o Conselheiro Figueiredo Faria e o seu sócio Francês Jules Cacheux construíram uma unidade fabril em Vila do Conde dedicada ao fabrico do lápis, a Faria, Cacheux & Cª, também conhecida por Portugália. No entanto, com a entrada de Portugal na Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão 1929/31, a fábrica colapsou. Como conta Vieira, na p. 97 do catálogo desta BIAC:

> *(...) A viragem dá-se em 1931, quando Manoel Vieira Araújo, industrial experiente da chapelaria e figura proeminente de S. João da Madeira, decide diversificar o ramo de actividade da Vieira Araújo & Cª Ldª, e adquire a Fábrica Portuguesa de Lápis. No ano de 1936 é registada a marca que acompanharia gerações de portugueses até aos dias de hoje – a VIARCO* [415].



Figura 541 - Pormenores da presença da VIARCO na Bienal
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[415] Minuto 19:50 vídeo Resenha BIAC.

Grafos y Matemas

Sol Alonso, comissária da mostra de videoarte, constituída por obras de alunos da Faculdade de Belas Artes de Pontevedra, Universidade de Vigo. Participaram Alice Vazquez/Estfânia Rodriguez/Marta Verde (um coletivo, com o vídeo "Offmakingoff"), Andrea Blasco e Paula Costas (vídeo "Silêncio"), Cris Carvalho (vídeo Blue Children), David Crespo Varela/Juan Conde Fernández (vídeo "Síndrome De Stendhal"), Ernesto Gonzalez Torterolo (vídeo "Dolly – série Insomnios rururbanos), Isaac Cordal (vídeo "Dictomia"), Pablo Otero Huertas (vídeo "Glitch 77"), José Manuel Moriño (vídeo "La Isla"), Nela Quesada (vídeo "Eu son ti") e Saray Garcia Rua/Ana Eiriz (vídeo "Óximiron " – Prémio IPJ para Artes Digitais). [416]



Figura 542 - Pormenores da mostra de vídeos "Grafos e Matemas"[417]
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[416] "10 Obras doadas como GRAFOS Y MATEMAS pela generosidade dos seus jovens autores (os que tive sorte de conhecer nos espaços da Faculdade de Belas Artes de Pontevedra por um motivo ou outro, todos importantes): jovens e ao mesmo tempo autores que olham para as suas imagens para ver outras coisas que eles mesmo olham e nos deixam olhar; que ouvem as vozes das suas imagens – que são a sua própria voz – para ouvir outras coisas além do que eles dizem e que nos deixam ouvir." – Texto da autoria de Sol Alonso, in p.70 do Catálogo As Novas Cruzadas . Tradução livre de Carina Sieira.

[417] Minuto 19:55 vídeo Resenha BIAC.

Visitas Guiadas

As visitas guiadas estiveram a cargo de Eurico Gonçalves e Silvestre Pestana. No Fórum Cultural e espaços expositivos em Vila Nova de Cerveira, as visitas guiadas foram conduzidas por Eurico Gonçalves. As exposições patentes nos outros municípios e na Galiza estiveram a cargo de Silvestre Pestana. Tal como nas Bienais anteriores, após prévia inscrição para as visitas, a Câmara Municipal colocou à disposição dos interessados um autocarro com partida do Fórum Cultural.



Figura 543 - Eurico Gonçalves e Silvestre Pestana – visitas guiadas
Fonte: Arquivo Henrique Silva

17.6 DADOS ESTATÍSTICOS

Em relação à BIAC anterior, verifica-se um aumento de 12,8% de participantes nacionais, uma diminuição de 6,6% de participação estrangeira e um aumento de 43,5% de países representados.

Gráfico 32

PARTICIPANTES/PAÍSES

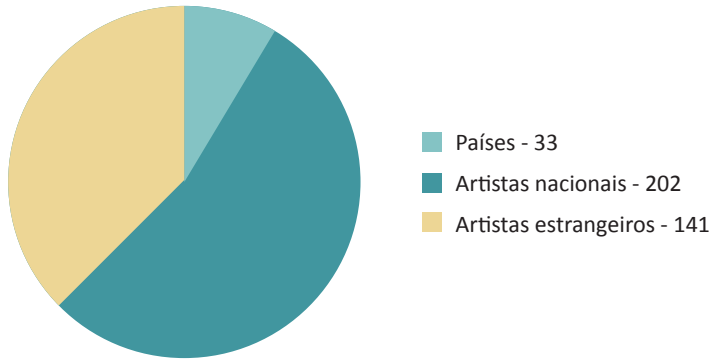


Figura 544 - Gráfico dos países representados na XIV BIAC

Gráfico 33

VISITANTES POR LOCAIS

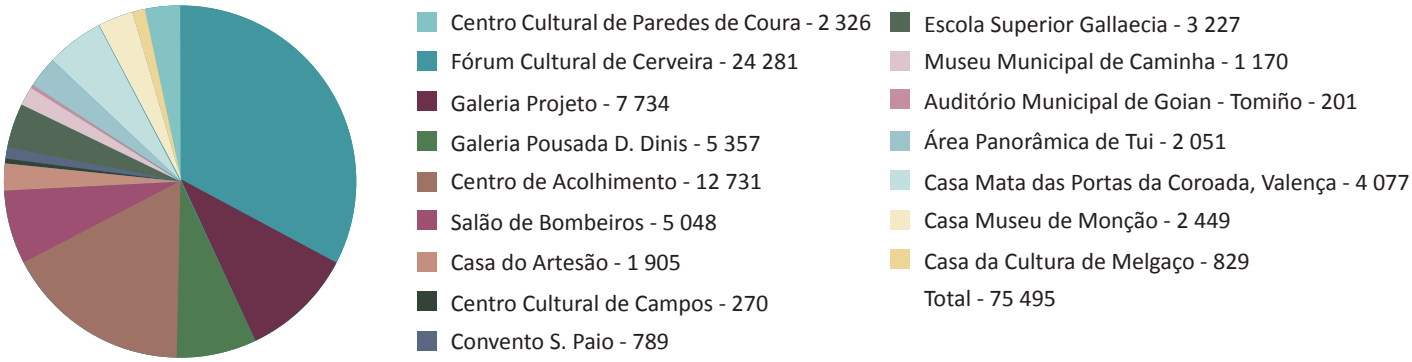


Figura 545 - Gráfico dos visitantes por locais

Gráfico 34

VISITANTES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

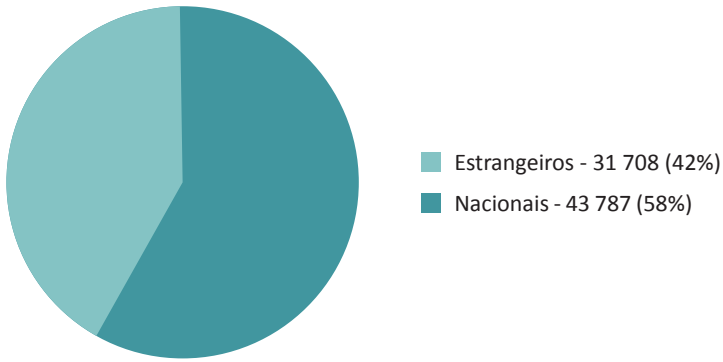


Figura 546 - Gráfico dos visitantes nacionais e estrangeiros

Gráfico 35

ALOJAMENTO – DORMIDAS

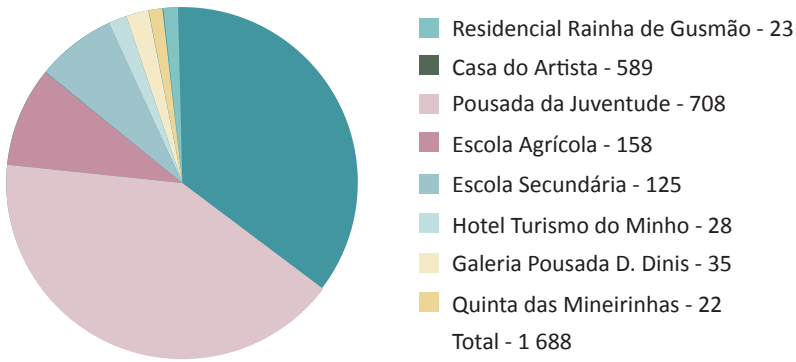


Figura 547 - Gráfico dos alojamentos durante a XIV BIAC

Gráfico 36

REFEIÇÕES

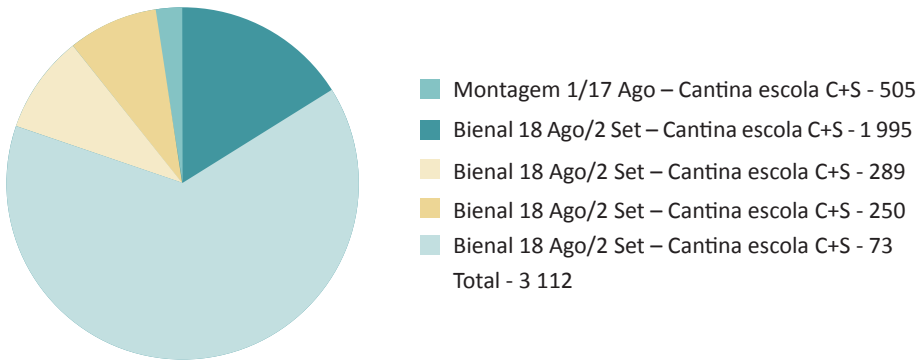


Figura 548 - Gráfico das refeições servidas em vários locais

Esta edição contou com a participação financeira das seguintes instituições:

Câmara Municipal – 27%
Ministério da Cultura – 6,7%
Domingos da Silva Teixeira, sa – DST – 27%
Turismo de Portugal – 27%
Fundação Bienal de Cerveira – 5,4%
Crédito Agrícola – 2,7%
BPI – 1,3%
Águas do Minho e Lima – 1,3%
IPJ – 0,7%
Secil – 0,5%
Caixa Geral de Depósitos – 0,3%

17.7 LOCAIS DE INTERVENÇÃO

Segue o mapa com a localização das exposições e intervenções em Vila Nova de Cerveira, concelhos do Alto Minho e Galiza.

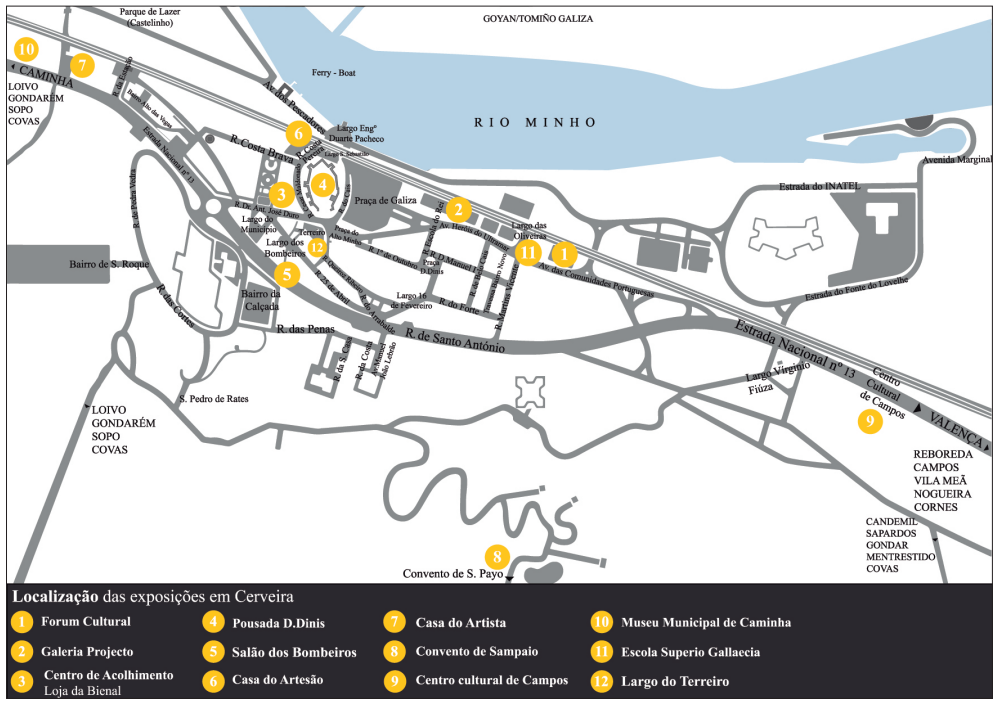


Figura 549 - Mapa dos locais de exposição e intervenções – Vila Nova de Cerveira

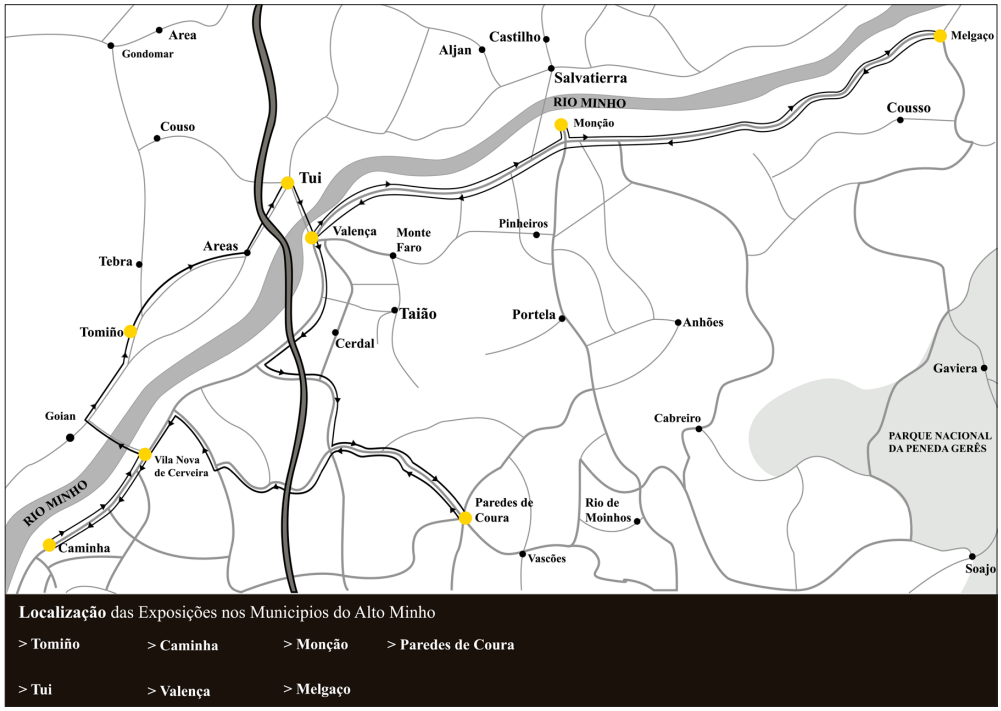


Figura 550 - Mapa de locais de exposição nos outros municípios Alto Minho e Galiza

17.8 FLAGRANTES DA BIENAL

O conjunto de imagens "soltas" é resultado de pormenores ocasionais selecionados pela autora.



Figura 551 - Alguns registos fotográficos desta BIAC
Fonte: Arquivo Henrique Silva

17.9 SÍNTESE PARCIAL

Esta Bienal caracteriza-se pela sua versatilidade artística. Foi o espaço em que foi apresentada, na sua totalidade e em espaço condigno, e pela primeira vez, a obra que Henrique Silva considerou a "Guernica" portuguesa, isto é, a "Ribeira Negra" de Júlio Resende, que retrata as condições sociais em que viviam os habitantes desse lugar, e que, graças à sua qualidade pictórica, cria uma atmosfera dramática que mexe com o espetador.

O acesso à coleção de gravuras e litografias originais da Galeria Maeght, que permitiu ver obras daqueles que foram os percursores da Arte Moderna e que representam a grande viragem dos conceitos de obra de arte no pós-guerra, foi com certeza também um marco desta Bienal, além da participação voluntariosa de inúmeros artistas de áreas diversas como a música, a *performance art*, as conferências, os *ateliers*, o convívio e a discussão.

Para o sucesso desta edição muito contribuiu o financiamento do Instituto do Turismo de Portugal – ITP e da empresa Domingos da Silva Teixeira – DST, permitindo que a oferta fosse mais rica e diversificada.

Também nesta edição foi galardoado um artista estrangeiro, o escultor israelita Zadok Ben-David e instituída por ele a "Bolsa de Viagem Henrique Silva", constituindo-se como mais uma singularidade da BIAC.

A área expositiva desta edição estendeu-se por dezassete espaços, entre Vila Nova de Cerveira e concelhos do Alto Minho e Galiza, desta vez incluindo também o concelho de Caminha.

PARTE III

18.0

UM OLHAR SOBRE OS WORKSHOPS E SIMPÓSIOS

18.0 UM OLHAR SOBRE OS *WORKSHOPS* E SIMPÓSIOS

Ação singular, impacto no contexto local, impacto cultural, memória e trabalho colaborativo

18.1 NOTA INTRODUTÓRIA

A partir de 1996, a associação PNDC, na qualidade de responsável pela organização das Bienais de Cerveira, assim como de um programa cultural para a vila nos anos de não-Bienal, conforme consta dos respetivos estatutos,[418] inicia um ciclo de atividades até 2007, nomeadamente *workshops* e simpósios, num contexto de articulação com a comunidade, tirando partido dos períodos de férias escolares, e convidando artistas nacionais e estrangeiros para trabalharem sempre num espírito colaborativo e, em alguns casos, cujas obras estão atualmente implantadas no espaço público de Vila Nova de Cerveira, caso de esculturas, ou integram o espólio da Bienal.

Entende-se por "simpósio" um encontro de especialistas, neste caso, na área da escultura, partilhando experiências, enfrentando novas técnicas e materiais, convivendo durante determinado período de tempo, enquanto solicitados pelo público para esclarecimentos sobre o seu trabalho. Ou, como define o escultor Neal Barab[419], na *Sculpture Magazine* April 1998, Vol. 17 Nº 4:

> *(...) Simpósio de escultura pode ser definido pelos seguintes elementos: as esculturas são criadas em público durante determinado período de tempo por artistas selecionados por júri; as esculturas ficam normalmente para o patrocinador; os escultores são pagos e normalmente é-lhes concedido transporte, alojamento e alimentação.*

Nesta Parte III, abordam-se dois simpósios, nas modalidades da escultura em granito e em cerâmica e sete *workshops*.

Por sua vez, entende-se por *workshop* uma reunião de pessoas com interesses comuns que, durante determinado tempo, realizam tarefas para as quais podem ou não ter experiência, abertos ao diálogo e trocando saberes e experiências. No caso presente, são referidas as modalidades de desenho, gravura, litografia, modelo vivo, fotografia, gravura tradicional e digital.

---

[418] Anexo II Vol. III pp. 243-244.

[419] In http://www.sculpture.org/documents/scmag98/sympos/sm-sympo.shtml (acesso dez. 2017).

As ações referidas nesta Parte III decorreram entre 1996 e 2006, e são abordadas aquelas cujo registo está em arquivo e que representam características formativas, de investigação e interação com a comunidade e também como promoção da BIAC na região do Douro (caso do *workshop* Taylors) e que se apresentam por ordem cronológica:

Workshop de Desenho, 1996;
Workshop Gravura / Litografia, 1996;
Simpósio "Encontro com o Granito", 1996;
Simpósio Escultura Cerâmica, 1998;
Workshop "Taylors", 2001;
Workshop Desenho Modelo Vivo, 2002;
Workshop de Fotografia, 2002;
Workshop Gravura Tradicional e Gravura Digital, 2004;
Workshop de Resinas, 2006.

18.2 *WORKSHOP* DE DESENHO

11-19 abril de1996
Orientação Elsa César

Galeria Projecto

Ainda em 1996, realizaram-se na Galeria Projecto, em Vila Nova de Cerveira, dois *workshops*, um de Desenho, orientado pela escultora Elsa César e outro de Gravura/litografia, orientado pelo gravador belga DACOS.

Imagens do aspeto da sala onde decorreu o *workshop* de Desenho



Figura 552 - Galeria Projecto – *Workshop* de Desenho
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Este *Workshop* de Desenho decorreu, durante uma semana, no piso superior da galeria. Foi aberto à comunidade, aproveitando o período das férias da Páscoa, e contou com a participação de oito pessoas.

18.3 *WORKSHOP* GRAVURA / LITOGRAFIA

11-19 abril de 1996
Orientação DACOS
Galeria Projecto

Em simultâneo ao *Workshop* de Desenho, decorreu um *Workshop* de Gravura e Litografia, no rés-do-chão da galeria, desta vez dirigido a artistas, onde foram trabalhadas novas técnicas trazidas pelo orientador, como testemunha Henrique do Vale, no seu depoimento na entrevista nº1 de 11/11/2017:

(...) Nos workshops de gravura, com a presença constante da orientação do Dacos, em que participava, intensifiquei os meus conhecimentos. Com ele aprendi novas técnicas, a colo-grafia, a lito-offset e gravura/offset. Estas técnicas fizeram-me repensar o desenho e a pintura.

Detalhes dos *workshops*



Figura 553 - *Workshop* de gravura/litografia
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Participaram nesse *workshop* artistas de Angola, Bélgica, Itália e Portugal, nomeadamente: Dacos (BE), Luigi (IT), Henrique do Vale (AO), Henrique Silva (PT), Margarida Leão (PT), Miguel D'Alte (PT).

A imagem reflete fases do trabalho entre Luigi e Henrique Silva.



Figura 554 - Galeria Projecto
Fonte: Arquivo Henrique Silva

A imagem seguinte mostra a fachada da Galeria Projecto.



Figura 555 - Outra perspetiva da Galeria Projecto
Rua Queiroz Ribeiro – Vila Nova de Cerveira
Fonte: Arquivo Henrique Silva

18.4 SIMPÓSIO "ENCONTRO COM O GRANITO"

1-30 agosto de 1996
Coordenação Henrique Silva
Antigo Mercado do Peixe

A 2 de dezembro de 1995, a direção da PNDC enviou uma proposta à Câmara Municipal para a realização de um simpósio de escultura e, na introdução desse dossier, pode ler-se:

> *(...) Sendo o Granito uma das maiores riquezas da região do Alto Minho, onde existem já empresas de tratamento da pedra com altas tecnologias, torna-se necessário não esquecer que o desenvolvimento do projecto "CERVEIRA – VILA DAS ARTES" passa forçosamente pela utilização e aplicação deste material nos projectos artísticos.* [420]

A proposta foi aceite e, em agosto de 1996, seis escultores participaram no simpósio "Encontro com o Granito", um marco histórico de Arte Pública em Vila Nova de Cerveira, uma vez que, nessa altura, só existiam três esculturas de José Rodrigues. Com a participação de entidades e empresas da especialidade, patrocinadoras do evento, foi feita uma planificação rigorosa da intervenção, a saber: definição do local de implantação de cada obra; reuniões de preparação; estudo de formas e tecnologias a aplicar. A cada escultor foi destinado um abrigo de trabalho individual, com cobertura em chapa, ferramentas, além de alimentação, alojamento e "dinheiro de bolso".

Relativamente aos patrocínios, a organização contou com várias empresas, nomeadamente, Atlas Copco, que forneceu o equipamento de ar comprimido; Hilti, que disponibilizou rebarbadoras e outras ferramentas adequadas para o trabalho em granito; Granitos Monteiro Ribas, que ofereceu toda a pedra proveniente da pedreira localizada em Monção; Curso de Artes em Granito da Cooperativa dos Pedreiros, através da colaboração dos seus alunos como assistentes dos escultores, e Salvador Caetano, que cedeu o monta-cargas. Todas as empresas patrocinadoras puderam usufruir das respetivas deduções fiscais, uma vez que o Ministério da Cultura concedeu a este Simpósio o estatuto de "manifesto interesse cultural"[421].

---

[420] Anexo II Vol. III pp. 245-252.

[421] In Artigo do autor, Associação PROJECTO– Núcleo de Desenvolvimento Cultural – Um Estudo de Caso – Biografia como uma visão singular – Apêndice VIII Vol.III p. 321.

Foram convidados seis escultores, entre portugueses e galegos: Carlos Barreira (PT), Jaime Azinheira (PT), Manuel Patinha (PT), Rui Anahory (PT), Silverio Rivas (SP), Xurxo Oro Claro (SP).

No entanto, aquando do início do Simpósio, e, sem que tal tenha sido acordado anteriormente, a escultora Maria José Caramez, professora e acompanhante dos alunos do curso de Artes em Granito da Cooperativa dos Pedreiros, do Porto, manifestou vontade de também participar na atividade, o que acabou por acontecer.

A imagem representa o conjunto de escultores convidados/participantes.



Figura 556 - Da esquerda para a direita: Carlos Barreira, Manuel Patinha, Rui Anahory, Xurxo Oro Claro, Silverio Rivas e Jaime Azinheira
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Apresentam-se algumas imagens de momentos do trabalho dos escultores e assistentes.



Figura 557 - Alguns registos do Simpósio
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Deste Simpósio resultaram não só sete esculturas de grande porte, implantadas em Vila Nova de Cerveira, mas também uma exposição de obras de menor porte na Galeria Projecto/Gabinete da Bienal, na altura com instalações na Casa do Brasão, no centro da Vila, cedida por Flávio de Amorim, proprietário também da Casa da Boega.

A imagem representa um pormenor da exposição.



Figura 558 - Pormenor da exposição na Casa do Brasão
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Posteriormente, foi editado um catálogo com imagens do decorrer do Simpósio e das obras já implantadas na Vila, bem como depoimentos dos escultores. A abrir o catálogo, encontra-se um texto do presidente da Câmara, do qual se retira o seguinte excerto:

> *(...) A consolidação do objectivo a que nos propusemos, ou seja, de fazer de Vila Nova de Cerveira um concelho de referência em termos culturais e artísticos, está cada vez mais próximo.*[422]

[422] In Catálogo Encontro com o Granito – Simpósio p.1.

Henrique Silva, por seu lado, no texto do Catálogo do Simpósio[423] salientou o caráter colaborativo dos participantes, isto é, a troca de experiências entre os participantes e destes com a população:

> *(...) Se por um lado um simpósio pressupõe um resultado oficial que traz benefícios às entidades promotoras, por outro lado serve de meio de confronto de ideias e experiência de trabalho para os artistas predispostos a um enriquecimento de conhecimentos e espírito de camaradagem com os colegas e com a população.*[424]

Imagens da capa Catálogo Simpósio e capa Catálogo exposição



Figura 559 - Catálogos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[423] A título de informação, de referir que, em 1997, e na sequência do Simpósio "Encontro com o Granito", realizado em Vila Nova de Cerveira, a associação PNDC foi convidada a organizar o "Simpósio de Escultura em Granito e Ferro – encontro com a Póvoa de Varzim", que decorreu na Praça de Touros, da cidade, de 22 de junho a 12 de julho, com a participação dos escultores Alípio Pinto, Antonino Mendes, Carlos Barreira, Carlos Marques, Manuel Patinha, Rui Anahory e Xurxo Oro Claro.

[424] In Catálogo Encontro com o Granito – Simpósio p.1.

18.5 SIMPÓSIO ESCULTURA CERÂMICA

15 julho-15 agosto de 1998
Orientação Arcadio Blasco

Antigo Mercado do Peixe

Em 1998, e com a participação e patrocínio do Seminário de Sargadelos (Galiza), onde decorreram reuniões preliminares, foi organizado um Simpósio de Escultura Cerâmica, cuja organização também previa o local de implantação da obra a realizar.

Nessa ocasião e na sequência de uma visita de Henrique Silva ao seu *atelier* em Alicante, foi convidado o escultor ceramista Arcadio Blasco (1928-2013), que, nas suas esculturas, utilizava o grés de Sargadelos. A finalidade era a realização de uma escultura cerâmica de grande porte, razão pela qual foram também convidados a apresentarem as suas maquetas os artistas Álvaro Queiros, Armando Correia, Dacos, Henrique do Vale, João Carqueijeiro, Rui Ferro e Marta Lima. Posteriormente, em reunião[425] prévia conjunta a 15 de julho, por votação de todos os participantes, foi decidida a realização da escultura "Ponte da Amizade", da autoria de Arcadio Blasco, que se encontra implantada no Largo das Oliveiras, em Vila Nova de Cerveira.



Figura 560 - Reunião com Arcadio Blasco e participantes
Fonte: Arquivo Henrique Silva

[425] Ata da reunião dos Ceramistas de 25 de abril 1998, Anexo II Vol. III p. 253.

Também foi realizada uma exposição das maquetas dos intervenientes, além de seis colóquios que decorreram entre julho e agosto desse ano, como consta no respetivo cartaz.

Exposição de maquetas 15 de julho 1998



Figura 561 - Maquetas
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Durante um mês, no antigo Mercado do Peixe, equipado com forno a gás, madeiras, andaime, grés patrocinado por Sargadelos, trabalharam o autor da maqueta selecionada, Arcadio Blasco, e os artistas assistentes.

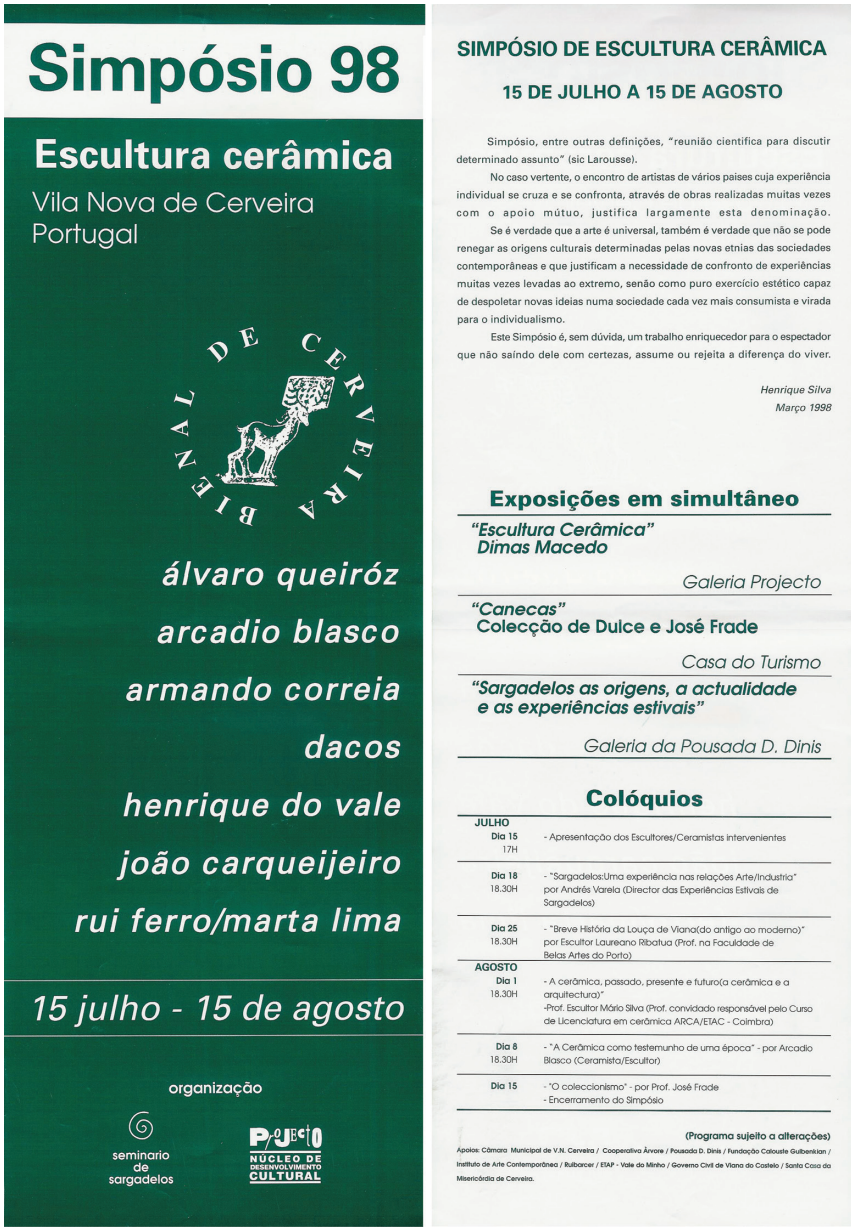


Figura 562 - *Flyer* do Simpósio de Cerâmica
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Pormenores dos trabalhos, equipa de trabalho e detalhes das instalações.



Figura 563 - Antigo Mercado do Peixe
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Continuação de pormenores da execução da escultura.



Figura 564 - Antigo Mercado do Peixe
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Aspetos gerais da montagem provisória da escultura.



Figura 565 - Montagem da escultura
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Imagens referentes aos trabalhos de montagem final da escultura.



Figura 566 - "Ponte da Amizade"
implantação no Largo das Oliveiras
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Final dos trabalhos e convívio em Gondar.



Figura 567 - A equipa e convívio em Gondar
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Em simultâneo a este Simpósio, foram realizados os seguintes colóquios:

"Sargadelos: Uma experiência nas relações Arte/Indústria", por Andrès Varela –Diretor das Experiências Estivais de Sargadelos;
"Breve História da Louça de Viana (do antigo ao atual)", pelo Escultor Laureano Ribatua (Professor na Faculdade Belas Artes Universidade do Porto);
"A Cerâmica, passado, presente e futuro (a cerâmica e a arquitetura", pelo Escultor Mário Ferreira da Silva (1934-2017) (Professor convidado-responsável pelo Curso de Licenciatura da Escola ARCA/EUAC – Coimbra).

Exposição Dimas Macedo
15 junho-31 agosto 1998
Curadoria Henrique Silva
Galeria Projecto

Paralelamente a este Simpósio, esteve patente na Galeria Projecto uma exposição do ceramista Dimas Macedo (1928-2009), na altura ainda residente em Paris.



Figura 568 - Momentos da inauguração da exposição "Percurso Escultural"
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Exposição Escultura Cerâmica
15 agosto-20 setembro de 1998
Curadoria Henrique Silva
Galeria Projecto

Todos os participantes deste simpósio produziram as suas próprias peças em cerâmica que foram expostas na Galeria Projecto, no encerramento do simpósio.



Figura 569 - Cartaz para divulgação da exposição
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Na Revista *24 HORAS* do dia 29 de julho 1998, o artigo publicado com o título "Cerâmica rainha na vila das Artes", refere:

> *(...) Numa oficina ao ar livre, em plena vila das Artes, Vila Nova de Cerveira, nove artistas dão asas à imaginação com criatividade, carinho e sensibilidade e das suas mãos vão surgindo obras de grande valor. São nove escultores que das oito horas da manhã às oito da noite, trabalham sem parar no Simpósio de Cerâmica.*[426]

No *Jornal de Notícias* de 17 de julho 1998, num artigo de Abílio Faria, pode ler-se:

> *(...) Escultura cerâmica ao vivo em Vila Nova de Cerveira" – Repetindo a experiência do "Simpósio da Pedra", consagrados artistas dão vida a um projeto de animação e pedagogia.* [427]

Finalmente, a escultura da autoria de Arcadio Blasco foi colocada no dia 15 de agosto de 1998, no Largo das Oliveiras, com cerimónia oficial a que presidiu o presidente da Câmara Municipal, José Manuel Vaz Carpinteira.

18.6 *WORKSHOP* DE PINTURA TAYLORS

18 agosto-2 setembro de 2001
Orientação Acácio de Carvalho
Quinta de Vargellas

Integrado na XI BIAC (2001) e patrocinado pela TAYLORS, foi realizado um *workshop* de pintura na Quinta de Vargellas, no Douro, em que participaram, a convite da organização da Bienal, os artistas Acácio de Carvalho, Henrique do Vale, Rita Pessanha e Susana Bravo. Os artistas estiveram em residência artística durante 15 dias, com alojamento, alimentação e materiais cedidos pelo patrocinador.

Os trabalhos foram depois expostos no *atelier* livre de pintura da XI BIAC, no Fórum Cultural.

---

[426] In Artigo da autora – Associação PROJECTO – Núcleo de Desenvolvimento Cultural – Um Estudo de Caso – Biografia como uma visão singular – Apêndice VIII Vol.III p. 329.

[427] In Artigo da autora – Associação PROJECTO – Nucleo de Desenvolviemtno Cultural – Um Estudo de Caso – Biografia como uma visão singular – Apêndice VIII Vol.III p. 330.

Pormenores da estadia e trabalho



Figura 570 - Quinta de Vargellas – Douro
Fonte: Arquivo Henrique Silva

18.7 *WORKSHOP* DESENHO MODELO VIVO

10-11 agosto de 2002
Orientação Susana Bravo
Casa do Artista

Capa e contracapa do desdobrável para divulgação.

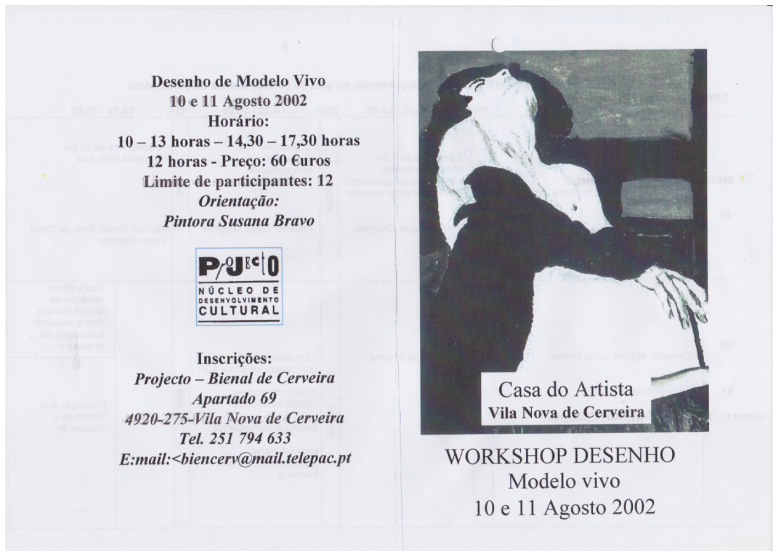


Figura 571 - Desdobrável
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Em 2002, teve lugar um *workshop* de Desenho de Modelo Vivo (estudo anatómico), na Casa do Artista, sob orientação de Susana Bravo e dirigido a artistas e ao público em geral, aproveitando também uma época de férias.



Figura 572 - Desenho de Modelo
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Júlia Pintão na entrevista nº2, apresenta o seu testemunho sobre este *workshop*:

> *(...) Tanto quanto me lembro um dos primeiros ateliers/workshops que frequentei foi em 2002, orientado pela Susana Bravo. O tempo passava sem se dar conta, numa total partilha de prazer pelo desenho e aproveitamento da facilidade que nos era oferecida pela disponibilidade dos meios: modelo vivo, organização do trabalho, objetivos propostos, aconselhamento e troca de opiniões e experiência.*



Figura 573 - Detalhes dos trabalhos
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Neste workshop, participaram: os artistas Acácio de Carvalho, Manuela Bronze, Henrique do Vale, Júlia Pintão, Agostinho Santos e membros de comunidade cerveirense, como Maria Melo, Maria da Glória Sá e Luísa Manso. Henrique do Vale na entrevista nº 1 deu o seu testemunho:

(...) Em desenho de modelo, com a orientação de Susana Bravo, conquistei dinâmicas de representação, o jogo dos contrastes que hoje me são úteis. Ainda acrescentar que, embora não participasse, nos outros ateliers, de resinas, escultura, arte digital, tirei conclusões, e acima de tudo, fiz amizades que ainda hoje perduram.

18.8 *WORKSHOP* DE FOTOGRAFIA
para as Artes – Laboratório de Ampliação

24-31 março de 2002
Orientação Jorge Coelho
Casa do Artista

Ainda em 2002, nas férias da Páscoa, com o patrocínio da firma Jorge Coelho Unipessoal, Lda., Porto, foi realizado um *workshop* de fotografia, orientado por Jorge Coelho, para o tratamento de suportes para ampliação de grandes formatos, e que resultou em ampliações de um metro quadrado. Participaram, para além de Jorge Coelho, Álvaro Queirós, Henrique Silva, Edmundo Paz (SP) e Célio Silva.



Figura 574 - *Workshop* de fotografia
Fonte: Arquivo Henrique Silva

18.9 *WORKSHOP* GRAVURA DIGITAL GRAVURA TRADICIONAL

21-30 agosto de 2004
Coordenação Henrique Silva
Fórum Cultural de Cerveira



Figura 575 - Cartaz
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Em 2004 foi realizado um *Workshop* de Gravura Digital e Gravura Tradicional, cujo objetivo consistiu em confrontar as tecnologias tradicionais nas suas várias vertentes, desde os vernizes moles ao tratamento direto na chapa de cobre, com as novas tecnologias, com recurso à informática e impressão em *plotter* de um metro de largo.

Este *workshop* realizou-se no Fórum Cultural, onde foram construídos para cada participante espaços de trabalho individuais.



Figura 576 - Vista geral do espaço
Fonte: Arquivo Henrique Silva

No catálogo editado no final do *workshop*, Henrique Silva faz referência ao conceito de cyber-arte, como forma de desafiar os espaços geográficos da produção da obra e da sua representação nos cinco continentes do mundo, sem menosprezar as técnicas ancestrais que deram lugar à reprodução múltipla da obra:

> *(...) Esta experiência vivida por 12 artistas, experimentando tecnologias tradicionais e digitais, além da realidade física das obras produzidas, é ainda uma memória depositada em computador, e capaz de estar presente na China ou Japão, Estados Unidos e Europa, ou outros locais, simultaneamente, desafiando todas as leis espaciais físicas.*[428]

[428] In Catálogo Workshop Gravura, p. 4.

Os trabalhos resultantes do *workshop* e que integram o espólio da Bienal de Cerveira, servem ainda hoje para o estudo das técnicas utilizadas. Este *workshop*, visitável pelo público em geral, contou com a participação de artistas já consagrados, tendo todos eles deixado um texto individual sobre as suas motivações nesta oficina, textos estes que se encontram no referido catálogo.

Estiveram presentes artistas de instituições nacionais e estrangeiras, tais como Associação de Gravadores de Amadora (Américo Silva e Irene Ribeiro), Associação Arte Ver (José Mourão), Associação de Artistas de Vila Franca Xira (Vera Gonçalves), Cooperativa Árvore – Porto (Acácio de Carvalho), The University of Surrey – Londres (James Hall), Faculdade de Belas Artes de Pontevedra – Espanha (Ana Soler e Antón Castro), Academia de Belas Artes de Liège – Bélgica (Dacos) e associação PNDC, Vila Nova de Cerveira (Henrique do Vale, Henrique Silva e Margarida Leão).



Figura 577 - Visitantes do *workshop*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

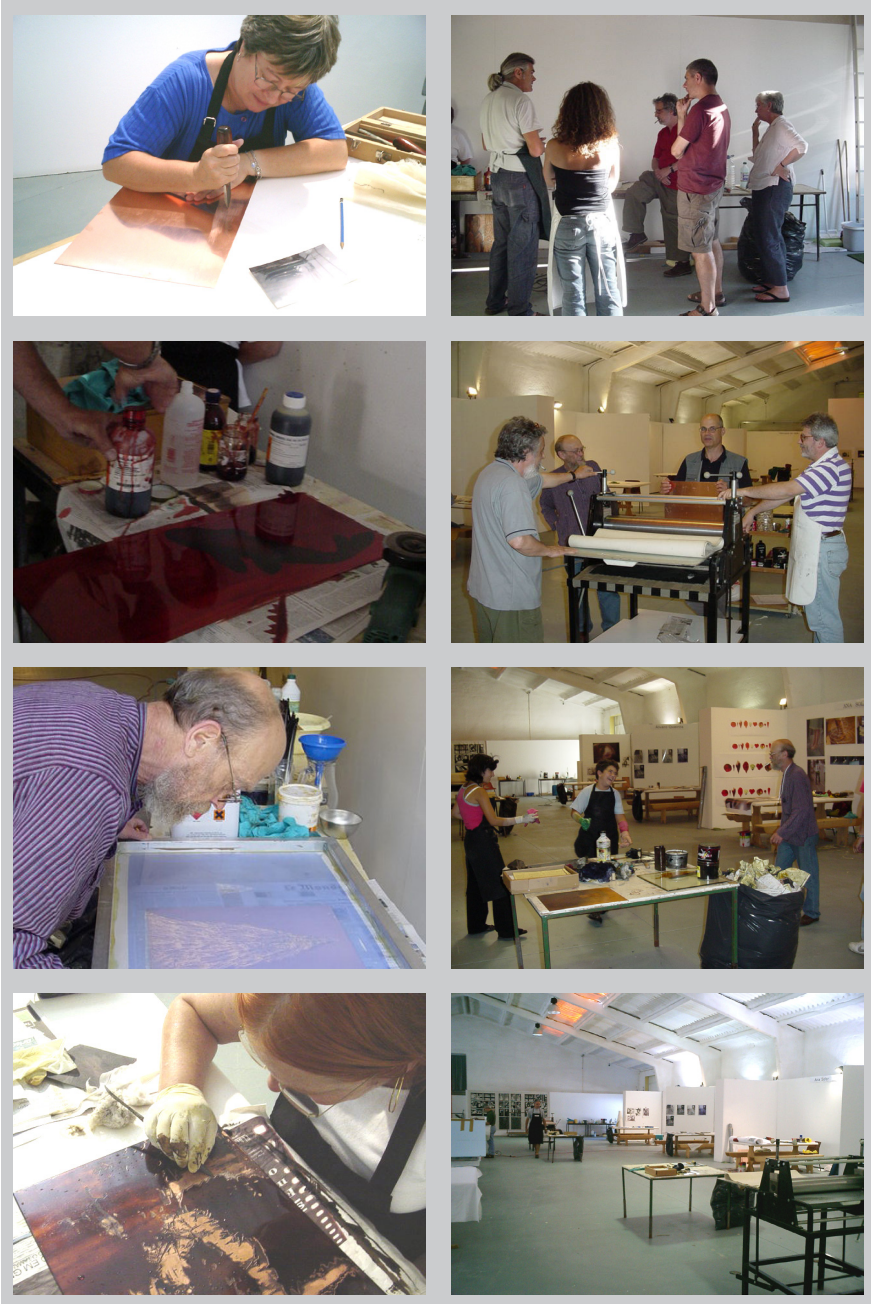


Figura 578 - Detalhes do *workshop*
Fonte: Arquivo Henrique Silva

O espaço de trabalho foi equipado com quatro prensas de gravura, cedidas respetivamente por Álvaro Queirós, Henrique do Vale, *Atelier* Gondar e associação PNDC. A organização contou com o patrocínio do Moinho da Carvalha Gorda, que cedeu papel artesanal de algodão, para impressão das gravuras tradicionais.

18.10 WORKSHOP DE RESINAS – em Cerveira as vacas são cervos

14-28 agosto de 2006
Coordenação Henrique Silva
Casa do Artista e Fórum Cultural

De 14 a 28 de agosto de 2006, também em período de férias, incentivada pela onda da criação de vacas em resina pintadas por artistas, a "Cow Parade", que decorreu em Nova York, S. Paulo e Lisboa, entre outras cidades, a direção da PNDC não deixou sem resposta este desafio, promovendo um *workshop* em resinas com o tema "Em Cerveira as Vacas são Cervos" .



Figura 579 - Cartaz promocional do evento
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Os trabalhos iniciaram-se na Casa do Artista, no entanto, atendendo à dimensão das obras, foi necessário mudar para o exterior do Fórum Cultural.

Este *workshop* contou com o patrocínio da firma Starfisher, sediada em Vila Nova de Cerveira, para a resina e do Hotel Turismo do Minho para as refeições.

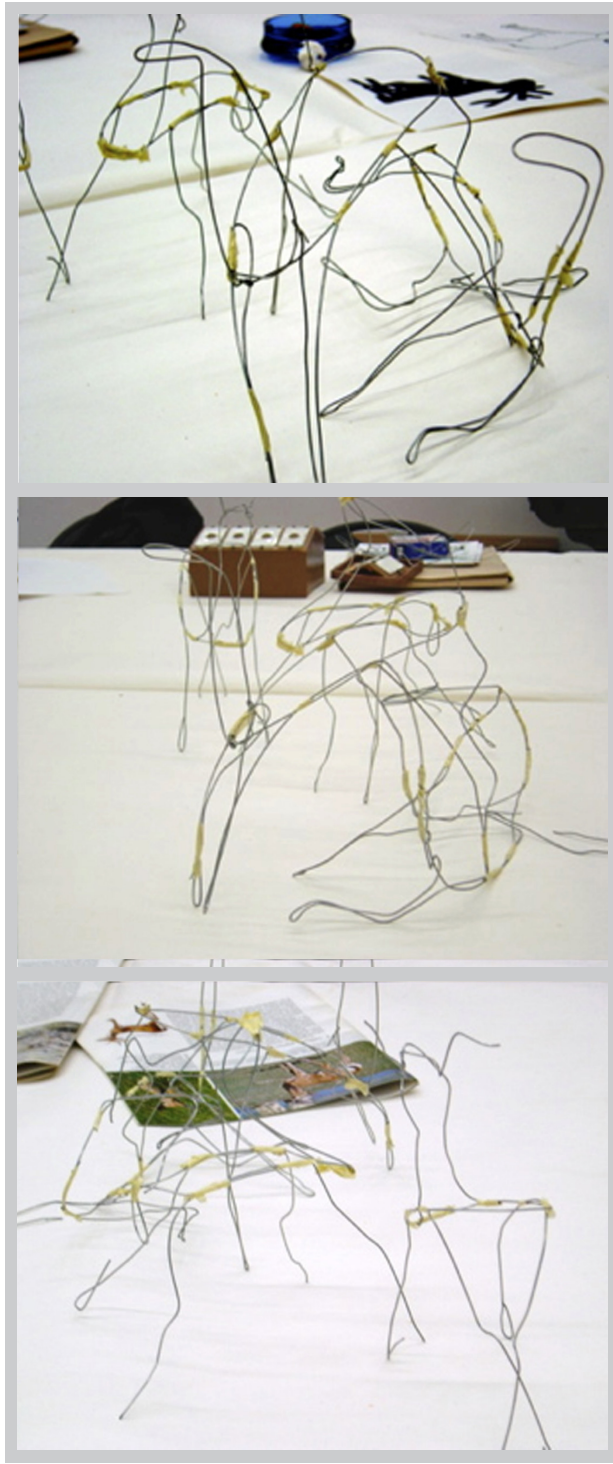


Figura 580 - Estudos de volumetria
Fonte: Arquivo Henrique Silva

As esculturas em resina foram colocadas no espaço público de Vila Nova de Cerveira, nomeadamente no Jardim de Chagny, frente à Câmara Municipal.



Figura 581 - Jardim de Chagny, frente à Câmara Municipal
Fonte: Arquivo Henrique Silva



Figura 582 - As esculturas em resina no Jardim de Chagny
Fonte: Arquivo Henrique Silva

Após este *workshop,* foi editado o desdobrável " Em Cerveira as vacas são cervos", com imagens das esculturas individuais, ficando assim como testemunho desta ação singular em Vila Nova de Cerveira.



Figura 583 - "Em Cerveira as Vacas são Cervos"
Fonte: Arquivo Henrique Silva

18.11 SÍNTESE PARCIAL

Pode-se concluir que o conjunto de atividades referenciadas nesta parte teve um papel enriquecedor do ponto de vista da investigação de materiais, forma e conteúdos das linguagens inerentes a cada tecnologia, proporcionado pela troca de experiências entre os vários participantes de áreas e zonas diversas.

É de referir o diálogo entre os artistas, população local e visitantes, bem como o trabalho em equipa multidisciplinar e multiprofissional e a colaboração entre os diversos participantes.

Tanto a dimensão da valorização do local, como a dimensão de colaboração, foram aspetos relevantes e contínuos nestas atividades.

De salientar as particularidades das técnicas do trabalho desenvolvido e a inovação patente na diversidade dos eventos, assim como o resultado das produções.

E como projeto é projétil, algumas das atividades foram sequenciais de projetos anteriores, como foi o caso do Simpósio de Escultura em Pedra e Ferro na Póvoa de Varzim.

As produções resultantes destas atividades deixaram um testemunho público físico em Vila Nova de Cerveira, projetando a arte no presente e no futuro.

PARTE IV

19.0

CONSIDERAÇÕES FINAIS

19.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande ambiguidade desta Bienal é a sua relação com as populações onde está inserida.

Por um lado, existe uma manifestação que, tornando-se um lugar de investigação e de debate entre especialistas, com mostras do resultado dessas pesquisas a nível plástico, tecnológico e científico; por outro lado, há a necessidade do beneplácito das suas fontes de financiamento, que são essencialmente político-partidárias, e que, pela sua natureza, estão dependentes da aceitação de um público que está a grande distância da compreensão do que pode resultar dessa investigação feita por especialistas, que é como se de um laboratório farmacológico se tratasse; ou seja, uma maior cultura, que se traduziria forçosamente numa melhor qualidade de vida e relação sociocultural, só visível a médio e longo prazo. Chama-se a isto estar virado para fora, contrariamente aos hábitos de uma tradição virada para dentro.

Que trajetória permitiu que as Bienais de Cerveira se mantivessem até hoje? Primeiro, é necessário dividir o seu percurso em quatro fases distintas:

I – A primeira fase de 1978 a 1986, sob a direção artística de Jaime Isidoro, muito embora das duas últimas também acompanhado por José Rodrigues, onde predominavam, sobretudo nas três primeiras, uma forte participação da cultura local sobretudo com a presença da Bienal de Artesanato e das bandas de música.

II – A segunda fase de duração curta, entre 1988 e 1990, sob a égide da Associação Regional de Cultura e Arte – ARCA, com a realização da VI Bienal exclusivamente para o Design e sem grande atividade além da exposição. A VI Bienal marcou um fim das Bienais com um projeto para a VII, que a ARCA não soube levar ao fim.

III – A terceira fase, já com o mandato do novo presidente da Câmara, José Carpinteira e com um interregno de dois anos (1990-1992) teve lugar, também de duração curta, a VII Bienal, sob a direção artística de Jaime Isidoro que, de seguida, passou o testemunho para Henrique Silva.

IV – A quarta fase, sob a direção artística de Henrique Silva na Associação Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural e que passou a gerir as atividades artísticas para além das Bienais, com gabinete permanente e Galeria de Arte em Vila Nova de Cerveira, até 2007, data em que termina este estudo investigativo.

De referir, no entanto, os vários aspetos que, para além das respetivas direções, contribuíram para o sucesso de cada evento que decorreu em cada Bienal, tais como a identificação dos colaboradores, das comissões executivas, do design gráfico, do secretariado, das direções dos *ateliers* livres, da participação das galerias, dos júris de seleção e premiação, dos artistas, entre outros.

Abordando a colaboração, de notar que, além das instituições locais, desde a I Bienal, onde se evidenciou a coleção particular do Jaime Isidoro com a colaboração de Henrique Silva na gestão dos *ateliers* de arte, já na II Bienal colaborou a Sociedade Nacional de Belas Artes, o escultor Carlos Barreira, o pintor Henrique Silva e o escultor José Rodrigues; na III Bienal figura o Instituto Alemão; na IV Bienal, a Fundação Gulbenkian; na V Bienal, a Associação Industrial Portuense, a Região de Turismo do Alto Minho – RTAM, cujo presidente era Francisco Sampaio, o Ministério da Cultura e da Justiça; na VI Bienal, uma lista muito variada de colaboradores, entre os quais se destaca a Cinca – C.ª Industrial de Cerâmica, as Edições ASA, a Enatur e a Conselleria Geral de Cultura da Galiza; na VII Bienal, o Arq. Luís Cerqueira e o Eng. José Rebelo, este em representação da Câmara de Cerveira; na VIII Bienal, aparece o nome do Eng. Raul Gonçalves, então chefe de secção da Câmara Municipal e a quem se deve o apoio técnico do Simpósio de Artes em Granito, realizado em 1996; na IX Bienal uma referência a António Silva, executivo da SNBA, de Lisboa.

A partir de VIII Bienal e até à XIV edição é a associação PNDC a responsável pelo evento que surge na comissão organizadora, sendo que na edição de 2007 (XIV BIAC) nessa comissão, constam os nomes de Augusto Canedo, Henrique Silva, Francisco Gonçalves, Nuno Correia, Paula Leão, Rute Silva e Margarida Leão.

A ilação que se pode tirar é que a riqueza e sucesso destas Bienais, se deve também, para além das comissões organizativas e direções executivas que tiveram períodos mais extensos de mandatos, a todo um *staff* que, embora variando de evento para evento, era composto sempre por pessoas ou entidades especialistas nas áreas das artes e produção de eventos.

O papel da autarquia, certamente essencial pelo apoio financeiro e logístico, teve o mérito de saber associar-se de forma quase invisível sob o plano politico, e muito menos partidário, durante esses períodos, primeiro tomando a Bienal nas suas primeiras manifestações, como uma festa popular, com toda a controvérsia que provocou no choque cultural resultante das manifestações artísticas mais ousadas, e depois, aproveitando a imagem que se foi criando a nível nacional, continuando o seu apoio institucional, mesmo sem compreender o que se passava já como evento erudito no panorama internacional das artes plásticas, mas sem questionar o porquê dos seus conteúdos.

Esta posição deixou de ser evidente com a criação da Fundação Bienal de Arte de Cerveira que, institucionalizando um evento originariamente produzido por artistas, se tornou numa parceria pública, sem qualquer relação com uma possível participação privada, que, no entanto, era o objetivo inicial desta Fundação.

Ao relembrar a BIAC através de relatos daqueles que a viveram, incluindo a população local, conclui-se como a arte lhes transmitiu conhecimento em relação à sua vivência (memória/conhecimento), quer na sua condição de espetadores, quer como intervenientes.

Desta convivência, destaca-se sobretudo a necessidade de comunicação presente em todos os atos praticados pelos membros da organização e a afirmação do contexto subsequente ao objetivo que presidiu à criação desta Bienal, ou seja, uma Bienal feita por artistas.

Como principais contributos desta investigação considerem-se:

O reconhecimento futuro da importância do papel da BIAC no panorama das Artes Plásticas em Portugal:

Vem a propósito citar Miguel von Hafe Pérez*:*

No nosso país o que não faltam são Bienais. Todas as instituições as querem organizar, todas as cidades as procuram promover. Mas quando falta um verdadeiro sentido de empenhamento cultural e uma vontade teimosa de partilhar com terceiros aquilo que a arte nos pode oferecer, então fica-se pelo meramente superficial, e as iniciativas caem, porque o brilho das inaugurações acaba por não compensar o investimento humano e material imprescindível nestas ocasiões. A Bienal de Cerveira é um exemplo de persistência e de empenhamento que só pode resultar do respeito que os seus organizadores têm vindo a demonstrar perante os criadores, do mais conceituado ao mais desconhecido. E esse é um exemplo que para o qual muitos deveriam olhar.[429]

e ainda Alexandre Melo, na sua obra "Arte e Artistas em Portugal"[430] (anos 70):

(...) Em 1978 realizou-se a I Bienal Internacional de Artes Plásticas de Vila Nova de Cerveira, iniciativa que, privilegiando a contemporaneidade durante as primeiras edições, promoveu a descentralização artística, revelando curiosas assimetrias culturais, numa temporária coexistência entre a tradição da expressão regional própria da localidade e a novidade das formas artísticas apresentadas (...)

O reconhecimento do desenvolvimento cultural de uma região, pela disseminação dos vários projetos artísticos que a própria BIAC propunha no âmbito das suas atividades paralelas:

Destacam-se os *Ateliers* Livres, os *Workshops* e os Simpósios, bem como as Residências Artísticas através do protocolo com a UNESCO, permitindo a vinda de artistas de vários cantos do mundo, desde o México, Chile, Polónia, Roménia, Togo,

---

[429] Pérez, M. in Catálogo Geral X Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira, p.8.

[430] in http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-70.html - .W1sxnNhKjaY (acesso em mar. 2013)

Bélgica, entre outros, os quais se tornaram verdadeiros embaixadores da BIAC nos seus países. De referir também os debates, conferências, colóquios, espetáculos e visitas guiadas, de acesso livre a todo o público.

O reconhecimento do valor da memória como forma estruturante para os desafios na atualidade da arte contemporânea:

Além dos registos videográficos de entrevistas a artistas participantes nas Bienais de Cerveira bem como a membros da comunidade cerveirense que recordaram fases do passado da BIAC, procedeu-se a um mapeamento das ações de cada edição da Bienal através de uma narrativa escrita e visual, que configura uma mais-valia para as gerações futuras que não vivenciaram esses acontecimentos.

Esta narrativa documental inclui também um arquivo resumido em suporte digital sobre os *workshops* e simpósios que acompanharam as diversas Bienais realizadas entre 1995 e 2007, apresentando-se como uma memória dessas vivências, onde as técnicas e as tecnologias de diferentes práticas artísticas se expunham, tanto à experiência de outros artistas e à sua divulgação, como ao público visitante da mostra.[431]

Esta é, definitivamente, uma característica distintiva do espírito da Bienal de Cerveira. Se, por norma, as Bienais, nacionais ou internacionais, patenteiam objetos artísticos como pintura, escultura, performance, gravuras, instalações, vídeos, enquanto produto acabado, em Vila Nova de Cerveira a intenção dos *ateliers*, dos simpósios e dos *workshops,* vislumbrava uma outra aproximação, tanto dos artistas, como da investigação, como do espetador, ao fazer/pensar de algumas práticas artísticas.

Ao longo desta Tese foram incluídas em notas de rodapé, chamadas de atenção para passagens do vídeo "Resenha BIAC" (Vol. III, Apêndices), assinalando a relevância de registos como uma mais valia para o conhecimento de como decorriam diversos momentos singulares da cada Bienal. As entrevistas realizadas pela autora que testemunham a visão pessoal dos artistas entrevistados, apresentam-se em suporte vídeo e estão também inseridas, em pequenos excertos, no vídeo "resenha BIAC", assim como as que foram feitas pelos Serviços Educativos da Fundação Bienal de Arte de Cerveira – FBAC e integram igualmente o Volume III, Anexo III.

As primeiras duas edições da BIAC em vídeo, foram gravadas em bobines a preto e branco e a introdução do vídeo VHS surge na III Bienal (1982). à exceção da VI Bienal, dirigida pela ARCA, em que a gravação digital foi feita através de fotografias, montadas em diaporama.[432]

---

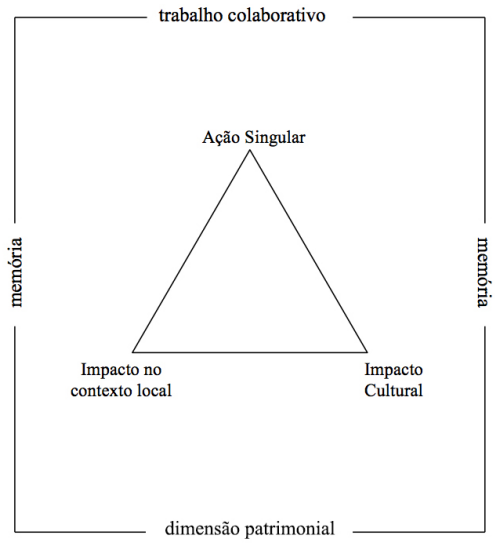
[431] Vol. III, Anexo III, Apêndices.

[432] No vídeo que vai em anexo a esta Tese "Resenha das BIAC", o vídeo da I Bienal já está transferido para o sistema digital pela Galeria Alvarez; a II Bienal, ainda em bobine V60H, surge no vídeo atrás referenciado,

Ao longo destes 13 anos de vivência pessoal da autora, pôde-se acompanhar e participar numa grande maioria dos *ateliers*, simpósios e *workshops* realizados, quer como artista, quer como membro da sua organização, e, como tal, também testemunha de um ciclo e de uma experiência diferente que se reputa como válida e que se quer transmitir.

Apresentam-se de seguida os contributos para o esclarecimento conceptual desenvolvido em torno dos eixos centrais de pesquisa, nomeadamente ação singular, implicação no contexto local, impacto cultural nas artes a nível local e nacional e, ainda, o trabalho colaborativo e a memória que acompanham em simultâneo todo o processo investigativo.

Quadro nº 69



Três eixos centrais de pesquisa suportam esta Tese: ação singular, impacto no contexto local, impacto cultural (nas artes, a nível local e nacional), acompanhado dos aspetos: trabalho colaborativo e memória.

Ação singular

Os aspetos específicos de cada caso individual, pessoal, grupo, acontecimento ou processo social, instituição ou sociedade, designam-se por configurações singulares que correspondem a fenómenos sociais no espaço e no tempo. Saliente-se a inesgotável diversidade de contextos sociais em que as singularidades se produzem. Poder-se-á falar de uma tripla singularidade social: singularidade biográfica individual (no singular); singularidade que analisa um tipo social, o artista plástico, enquanto

com imagens fixas, em diaporama.

campo artístico e, por fim, singularidade social inesperada enquanto casos singulares no meio artístico da época (Costa, 1992, pp. 39-40).

O facto de se estar em interação com outros condiciona valores e comportamentos, mas também realça a individualidade, ou seja, a capacidade de pensar de modo independente e singular (Giddens, 2002, p. 63).

Impacto no contexto local

Todo o sistema político local, como o perfil social dos residentes são de considerar neste trabalho investigativo. Para compreender as dinâmicas sociais locais, tanto nacionais como internacionais, salienta-se a figura dos presidentes da Câmara com os respetivos modelos de liderança, ou seja, as formas da sua política na autarquia. O seu papel no desenvolvimento local e o seu o relacionamento, em geral, com os grupos de influência locais, ou o tecido social onde se inserem, são de destacar. (Costa, 1992, 39-42). O local é encarado como lugar de intercâmbios culturais, simbólicos e espirituais, que se transforma em lugar em construção.

Na pluralidade de diversas formas de agir entre o local e o global, o social e a cultura, surge a possibilidade de diversas formas culturais, opostas possivelmente entre si, mas presentes simultaneamente no mesmo contexto social, possibilitando processos de transformação das formas culturais locais (Crespi, 1997, pp.29-29, 45-46).

Impacto cultural

As sociedades de pequenas dimensões tendem a ser culturalmente uniformes, podendo dizer-se que as experiências comunitárias "anti-universidades", o teatro, os livros, o cinema, as *performances*, os colóquios, a música, são como a imprensa *underground* as principais manifestações de contra cultura.

Para a comunidade, a "festa" é a ocasião, no local, de franquear os limites do seu espaço quotidiano. Numerosas obras tiveram por objetivo não abranger as "instituições" ou uma determinada "linha de costumes", mas descobrir que representações se faz delas este meio social e consequentemente a opinião pública (Favrod, 1980, pp. 84-91).

Todas as culturas apresentam padrões de comportamento próprios que se apresentam estranhos a pessoas de outros contextos culturais. Embora se manifestem processos de mudança devido a influências externas, os padrões tradicionais de vida sociais são óbvios. Uma vez que as culturas humanas variam, não surpreende que as pessoas oriundas de uma outra cultura achem difícil aceitar ideias e modos de comportamento de pessoas de uma cultura diferente da sua (Giddens, 2002, p. 43).

Memória

O impacto cultural traduz-se numa existência de um património de experiências, representações e valores transmitidos através de linguagens, textos, monumentos, artes diversas, que estão na base da memória individual e coletiva (Favrod, 1980 pp. 84, 90-91).

Admite-se que os conteúdos de memória são conjuntos de imagem do passado referentes a um determinado grupo social e que conservam e reconhecem os elementos significativos da "sua" história. São, por isso, resultado de um trabalho de seleção e reconstrução do próprio passado, advindo das experiências do presente (Crespi, 1997, 28).

Desta forma, a memória pode ser encarada como chamar o passado de volta ao presente. A memória e a perceção estão intimamente articuladas. A perceção tende a dividir-se entre o subjetivismo e o objetivismo. Encarada a perceção como um conjunto de dispositivos de arranjo temporal, realça-se a importância da atenção seletiva nos comportamentos de vida social quotidiana. Esta seleção, porque dá conta do envolvimento ativo de agentes com os respetivos ambientes, é um processo mais positivo do que negativo. A consciência e a recordação em que a memória é a sua constituição temporal, surgem como meio de recapitular experiências passadas e focalizá-las na continuidade da ação (Giddens, 1989, pp. 36-39).

Trabalho colaborativo

Estudos recentes provenientes de diversas fontes e autores associam a inovação a equipas de trabalho. São entidades em que se introduzem novos valores, com necessidade de aproximar diferentes intervenientes numa rede de relações horizontais.

Estas equipas constituem "novas forças" potenciadoras de "respostas a novas situações e criadoras de novas ideias sobre a situação que lhes deram origem" (Garcia, 1994, pp. 39-42).

Estes protagonistas concebem e constroem o agir quotidiano, num processo de mudança e inovação, em que o nível de decisão (sem excluir outro) para pensar e decidir a mudança, é territorial, local e próprio.

Aos grupos é atribuída a capacidade de impulsionar as mudanças. Mais do que participar em atividades de inovação e mudança, procura-se nestas equipas, encontrar sentido, através de entendimentos e vontades comuns, num trabalho de natureza claramente colaborativo.

Num primeiro momento, **Parte I**, abordou-se o conceito "Bienal", com recurso às influências das bienais históricas, caso de Veneza e São Paulo. Seguiu-se uma referência à situação das Artes Plásticas em Portugal, abordando as décadas de 50, 60 a 70, a importância da Revolução de Abril na mudança das mentalidades, possibilitando a realização dos Encontros Internacionais de Arte, como percursores da criação da Bienal de Cerveira.

Num segundo momento, **Parte II**, procurou-se identificar e caracterizar as diferentes edições da BIAC, recorrendo à memória, à sua singularidade em relação a eventos congéneres, nomeadamente àquilo que se designou por trabalho colaborativo. Recorreu-se a uma estrutura que facilitasse a leitura dos acontecimentos de cada edição da BIAC, e que inclui os seguinte itens: preparação, organização, conteúdos, narrativa visual de algumas atividades, dados estatísticos, locais de intervenção e, sempre que possível, imagens de momentos mais ou menos "ocultos" de cada bienal.

Num terceiro momento, **Parte III,** fez-se referência às atividades desenvolvidas em anos de não-bienal, nomeadamente *workshops* e simpósios, desenvolvidos pela PNDC, como mais um testemunho do impacto no meio local e resultante de um trabalho colaborativo.

O desenvolvimento social e económico das populações depende do desenvolvimento cultural, que, por si só, necessita de meios de divulgação e formação, cujo papel preponderante poderia caber aos órgãos de comunicação social, infelizmente mais vocacionados para responder às solicitações do grande público, do que questionar o seu saber e alargar os seus horizontes.

A Bienal de Cerveira tem trazido ao longo dos anos da sua existência, experiências e vivências, que, de algum modo, têm contribuído para esse desenvolvimento, levando inclusivé à fixação de vários artistas na região, o que levou este Município a determinar que a vila se denominaria também "Vila das Artes".

Este projeto investigativo procurou acrescentar o relançar de problemáticas das Bienais de Arte de Cerveira e a disponibilização de uma base de dados inserida num arquivo documental do qual constam: informações relevantes, plasmadas num arquivo documental e de imagens, aberto à comunidade científica/académica, que permita expor indicadores orçamentais e artísticos.

Ao analisar a perspetiva singular da formatação desta Bienal que revela um modelo muito particular, gerido por artistas e desenvolvido em trabalho colaborativo, acrescenta-se algo mais ao que outros autores já concluíram noutros estudos sobre outras bienais e lançam-se dados para futuras investigações mais exaustivas sobre a BIAC.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS IMPRESSOS
CATÁLOGOS
TESES E DISSERTAÇÃO
JORNAIS DIÁRIOS E SEMANÁRIOS
REVISTAS
WEBGRAFIA

LIVROS IMPRESSOS

Agamben, G. (2009). *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos Editora.

Albarello, L., Digneffe F., Hiernaux C., Ruquoy D., Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Ajuda: Gradiva.

Arnheim, R. (2002). *Art and Visual Perception – A Psychology of the Creative Eye.* Berkely, Los Angeles, London: University of California Press.

Augé, M. (1995). *Non-Places: Introduction to an anthropology of supermodernity* (trans. J. Howe). London and New York: Verso.Basualdo.

Barão, A. (n. d.). Egídio Álvaro: O Crítico Como Comissário. In *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, Porto: Faculdade de Letras Universidade do Porto, Vol. 2, pp. 284-299.

Barthes, R. (1980). *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70.

Baudelaire, C. (1996) *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra.

Benjamin, W. (1992). *Sobre arte, técnica linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'Água.

Benjamin, W. (1993). *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.

Bilken, R. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação.* Porto: Porto Editora.

Bourdieu, P. (1999). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.

Conde, I. (1984). O sentido do desentendimento: nas Bienais de Cerveira: Arte, Artistas e Público. In *IV Jornadas de Comunicação do ISCTE*, Lisboa:Cies-Iscte / Celta.

Costa, A. (1992). *O que é Sociologia.* Lisboa: Difusão Cultural.

Couceiro, G. (2004). *Artes e Revolução 1974-1979*. Lisboa: Livros Horizonte.

Crespi, F. (1997). *Manual de Sociologia da Cultura.* Lisboa: Editorial Estampa.

Dancyger, K. (2007). *Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo.* Rio de Janeiro: Editora Campus.

Deleuze, G. (2006). *Imagem tempo*. Lisboa: Assírio & Alvim. Trad. Rafael Godinho.

Derrida, J. (1978). *La verité en peinture*. Paris: Flammarion.

Di Martino, E. (2005). *The history of the Venice Biennale 1895-2005*. Veneza: Papiro Arte.

Diderot, D. (1967). *Écrit sur l'art et les artistes*. Paris: Hermann.

Favrod, C-H. (1980). *A sociologia.* Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Fernandes, J. (1997). "*Alternativa Zero – Vinte Anos Depois"* – in Catalogo da Exposição *Perspectiva: Alternativa Zero* – Coordenação João Fernandes e Maria Ramos, Porto: Fundação de Serralves.

França, J-A. (2009). *A Arte em Portugal no século XX 1911-1961.* Lisboa: Livros Horizonte.

Ghiglione, R. (1997). *O Inquérito – Teoria e Prática.* Oeiras: Celta Editora.

Gonçalves, R. (1998). *O que há de Português na Arte Moderna Portuguesa*. Lisboa; Palácio Foz.

_____Ibidem (2004). *Vontade de Mudança: cinco décadas de artes plásticas.* Alfragide: Editorial Caminho.

Le Goff, J. (1992). *História e memória* (2ª ed.). Campinas: UNICAMP. Tradução Bernardo Leitão, et all.

Lima, J. (2002). As culturas colaborativas nas escolas. Porto: Porto Editora, p. 46.

Santos, M. (2012). XXI TER OPINIÃO, vol. 1 pp.140-147.

Matos, L. (2009). *Carlos Barreira: uma questão de matéria*. Porto: Câmara Municipal de Matosinhos; Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
Mendes, J. (2001). *Porquê tantas histórias*. Coimbra: Minerva.

Michaud, Y. (1998). *La crise de l'art contemporain*. Paris: PUF.

Millet, C. (1997). *A Arte Contemporânea.* Lisboa: Instituto Piaget.

Nogueira, I. (2007). *Do Pós-Modernismo à Exposição Alternativa Zero.* Lisboa: Assírio e Bacelar.

Nogueira, L. (2010). *Manuais de cinema: III planificação e montagem*. Covilhã: Livros LabCom.

Pedrosa, M. (1995). *A Bienal de cá para lá*. *apud* Arantes, O. (org) 1995. *A política das Artes*. São Paulo: Edusp.

Penafria, M. (2009). *O paradigma do documentário: António Campos cineasta*. Covilhã: Livros Labcom.

PHAIDON. (2008). Salon to Biennial – *Exhibitions That Made Art History*, Volume I: 1863 – 1959.

PHAIDON. (2013). Biennials and Beyond – Exhibitions That Made Art History, 1962 – 2002.

Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993) .

Ramos, F. (2008). *Mas afinal… o que é mesmo documentário?*. São Paulo: Senac.

Renov, M. (1993). *Theorizing documentary*. New York: Routledge.

Santos. B. (2001). *Globalização – Fatalidade ou Utopia?*. Porto: Edições Afrontamento.

Sousa, E. (1998). *Esclarecimento acerca de um dos meus 'projectos' de 1968/1969*, in Catálogo da Exposição Ernesto de Sousa – *Revolution My Body*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Valéry, P. (1995). *Discurso sobre estética: poesia e pensamento abstracto*. Lisboa: Vega.
Walther, I. (2012). *Arte do Século XX*. Colónia: Taschen.

Xavier, J. (2012). *As artes e a cultura no fio da navalha*. Lisboa: Fundação Francisco.

Yin, R. (2003). *Case Study Research.* Londres: Sage Publications.

CATÁLOGOS

Associação Industrial Portuguesa. (1994). *1ª Bienal de Arte AIP – Tendências Anos 90.* (Ed.) Porto .

Bial. (1995). *Jaime Isidoro.* (Ed.) Porto.

Câmara Municipal de Matosinhos. (2008). *Ângelo de Sousa. Escultura + 100 Desenhos.* (Ed.) Galeria Municipal de Matosinhos.

Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. (1980). *II Bienal de Vila Nova de Cerveira.* (Ed.). Vila Nova de Cerveira.

Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. (1982). *III Bienal Internacional de Arte de Cerveira.* (Ed.). Vila Nova de Cerveira.

Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. (1984). *IV Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira*. (Ed.). Vila Nova de Cerveira.

Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. (1986). *V Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira*. (Ed). Vila Nova de Cerveira.

Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. (1988). *VI Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira – Design Gráfico*. (Ed). Vila Nova de Cerveira.

Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. (1992). *Espólio – Seis Bienais de Arte em Vila Nova de Cerveira.* (Ed). Vila Nova de Cerveira.

Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. (1992). *VII Bienal Internacional de Arte de Cerveira.* (Ed.). Vila Nova de Cerveira.

Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. (1994). *Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira – 16 Anos.* (Ed.). Vila Nova de Cerveira.

Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. (2008). *30 Anos Bienal de Cerveira – 1978-2008.* (Ed.) Vila Nova de Cerveira.

Centro Cultural de Orense. (2004). *Obras do Museu da Bienal de Cerveira: Uma seleção.* (Ed.) Orense.

Centro de Artes das Caldas da Rainha. (2004). *Carlos Barreira "Apenas Escultura".* (Ed.) Caldas da Rainha.

Fundação Calouste Gulbenkian. (1998). *Exposição Ernesto de Sousa – Revolution My Body*. (Ed.) Lisboa.

Fundação Serralves, Árvore – Cooperativa de Actividades Artisticas. (2001). *Porto 60/70: Os Artistas e a Cidade.* (Ed.) ASA.

Galeria do palácio Porto. (2001). *[+ de] 20 grupos e episódios no porto do século.* XX, Vols. 1-2. (Ed.) Porto.

Grupo Alvarez. (1978*). I Bienal de Arte de Cerveira*. (Não editado). Vila Nova de Cerveira.

I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. (1951) São Paulo. Recuperado em 3 de junho, 2016, de https://issuu.com/bienal/docs/namec311d4

II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. (1953). São Paulo. Recuperado em 5 de junho, 2016, de https://issuu.com/bienal/docs/name24c514

III Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. (1955). São Paulo. Edição: EDIAM, Edições Americana de Arte e Arquitetura. Recuperado em 7 de julho, 2016, de https://issuu.com/bienal/docs/named27014/1

Projecto, Núcleo Desenvolvimentos Cultural. (1995). *VIII Bienal Internacional de Arte de Cerveira – encontro 95*. (Ed.). Vila Nova de Cerveira.

Projecto, Núcleo Desenvolvimentos Cultural. (1996*). Simpósio Encontro com o Granito.* (Ed.) Vila Nova de Cerveira.

Projecto, Núcleo Desenvolvimentos Cultural. (1997). *1001 Imagens da IX Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira.* (Ed.) Vila Nova de Cerveira.

Projecto, Núcleo Desenvolvimentos Cultural. (1997). *IX Bienal Internacional de Arte de Cerveira.* Vols. 1-3. (Ed.). Vila Nova de Cerveira.

Projecto, Núcleo Desenvolvimentos Cultural. (1999). *X Bienal Internacional de Arte de Cerveira*. Vols. 1-5. (Ed.). Vila Nova de Cerveira.

Projecto, Núcleo Desenvolvimentos Cultural. (2001). *XI01 Bienal – Arte, Tecnologia. e Ciência.* (Ed.) Vila Nova de Cerveira.

Projecto, Núcleo Desenvolvimentos Cultural. (2003). *XII Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira* 03. (Ed.) Vila Nova de Cerveira.

Projecto, Núcleo Desenvolvimentos Cultural. (2004). *Workshop de Gravura.* (Ed.) Vila Nova de Cerveira.

Projecto, Núcleo Desenvolvimentos Cultural. (2005). *XIII Bienal Internacional de Arte de Cerveira.* Vols.1-2. (Ed.) Vila Nova de Cerveira.

Projecto, Núcleo Desenvolvimentos Cultural. (2006). *Workshop de Resinas – "em Cerveira as vacas são cervos".* (Ed.) Vila Nova de Cerveira.

Projecto, Núcleo Desenvolvimentos Cultural. (2007). *XIV Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira – As Novas Cruzadas.* Vols.1-2. (Ed.) Vila Nova de Cerveira.

Serralves. (1998). *Burmester.* (Ed.) Porto.

Ulrich Loock. (2007). *Anos 80, uma Topologia.* (Ed.) Porto.

V Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. (1959). São Paulo. Recuperado em 12 de julho, 2016, de https://issuu.com/bienal/docs/named458a4

XII Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. (1973). São Paulo. Recuperado em 15 de junho, 2016, de https://issuu.com/bienal/docs/namee1bdf4

XVII Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. (1983). São Paulo. Recuperado em 3 de agosto, 2016, de https://issuu.com/bienal/docs/namea77ef4

XVIII Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. (1985). São Paulo. Edição: Claudia Scatamacchia. Recuperado em 3 agosto, 2016, de https://issuu.com/bienal/docs/namee40bd4

TESES DE DOUTORAMENTO E DISSERTAÇÃO

Hoffmann, A. (2001). *Crítica de arte e Bienais: as contribuições de Geraldo Ferraz*. (Tese de Doutoramento). Recuperado em 25 maio, 2013, de http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-05072009-193304/pt-br.php

Motta, G. (2005). *Entre olhares e leituras: Uma abordagem da Bienal do Mercosul 1997-2003.* (Dissertação de Mestrado). Recuperado em 20 abril, 2013, de https://www.ufrgs.br/napead/repositorio/objetos/abarca/textos/DISSERT-gabriela-MOTTA-_-bienais-mercosul.pdf

Nogueira, I. (2009). *As Artes Plásticas e o Pensamento Critico em Portugal nos anos 70 e 80: o problemática de operacionalidade dos conceitos de vanguarda e pós-modernismo* (Tese de Doutoramento). Recuperado em 30 maio, 2013, de http://repositorio.ul.pt/handle/10451/658

JORNAIS DIÁRIOS E SEMANÁRIOS

21 ANOS depois da primeira edição – Arte, Tecnologia e Ciência, aliam-se na Bienal de Cerveira, *Vida Económica,* Lisboa, 3 ago. 2001, s/p.

A.F. (2003 junho 2003). La Bienal de Vila Nova de Cerveira refuerza este año su colaboración artística con Galiza. *Faro de Vigo*, s/p.

A.G. (1991, dezembro 28). Bienal regressa em Agosto. *Público,* s/p.

ACONTECIMENTO de Arte insólito e polémico no coração do Minho. *Correio da Manhã*, Lisboa, 14 ago. 1980. s/p.

Affreixo, R. (1995, julho 29). Uma espécie de confronto. *Diário de Notícias*, s/p.

Allison, B. (1994). Professional art education. *Journal of the NSEAD,* 1 (1), pp.3-9.

Almeida, B. (1982, novembro 25). É proibido não ver a exposição na "Dois". *Diário de Lisboa,* s/p.

APELO aos artistas e intelectuais. *Jornal de Letras*, Lisboa, 22 jan. 2003, p. 20.

Araújo, D. (1997, agosto 19). Não há progresso em arte. *Comércio do Porto*, s/p.
ARCA: Ponto final ao amadorismo, *Comércio do Porto*, Porto, 21 ago. 19867. s/p.

Archer, B. (1995). The nature of research. *Co-design, interdisciplinary journal of design*, pp 6-13.

ASSOCIAÇÃO Projecto e Henrique Silva, *Correio de Cerveira,* Vila Nova de Cerveira, 16 ago. 2001, p.20.

AUTARQUIA e artistas sugerem criação de fundação*, Correio do Minho*, Braga, 3 set. 2003, p. 16.

Barroco, L. (1988, maio 29). A pintura esta em crise. Comércio do Porto, s/p.

Barroso, P. (1984, agosto 17). Um retrato da arte no presente. *Jornal de Notícias,* s/p.

Bastos, E. (1999, setembro 3). Norte faz contas a prejuízos da tempestade. *Correio da Manhã*, s/p.

BIENAL de Cerveira lama concurso de MMS, *Semanário Alto Minho*,, 5 ago. 2005, s/p.

BIENAL de Arte de Cerveira acolheu 70 "pequenos pintores", *Diário de Notícias,* Lisboa, 30 ago. 2003, s/p.

BIENAL de arte na V edição, *Comércio do Porto,* Porto, 13 mai. 1986, s/p.

Bienal de Arte sob o tema "As Novas Cruzadas". *Notícias de Viana*, Viana do Castelo, 18 jan. 2007, p.5.

BIENAL de Cerveira – A Arte Comanda a Rua. *Correio da Manhã*, Lisboa, 25 ago. 1980. s/p.

BIENAL de Cerveira acaba mais cedo, *Jornal de Matosinhos,* Matosinhos, 10 set. 199, s/p.

BIENAL de Cerveira apresenta propostas para o novo milénio, *Correio da Manhã*, 18 ago. 1999, s/p.

BIENAL de Cerveira atravessa fronteiras, *Correio da Manhã,* Lisboa*,* 29 jul. 1992, s/p.

BIENAL de Cerveira deve ser repensada, *Jornal de Notícias*, Lisboa, 26 set. 1999, s/p.

BIENAL de Cerveira faz uma advertência ao sexo socializado. *Correio da Manhã,* Lisboa, 27 ago. 1982. s/p.

BIENAL Internacional de Arte, *O Primeiro de Janeiro,* Porto, 16 abr. 1986, s/p.

BREVE balanço na Bienal de Vila Nova de Cerveira, *Diário Popular*, Lisboa, 5 ago. 1982. p. 16.

C.S. (2001, agosto 15). Arte e ciência de mãos dadas no Minho. *Diário de Coimbra,* s/p.

Cabral, F. (1982, Agosto 27). Tentativa de acertar passo com o que se faz lá fora. *O Primeiro de Janeiro,* s/p.

Cabral, F. (1984, agosto 2). IV BIENAL: Homenageado Amadeo de Sousa Cardoso. *O Comércio do Porto*, p.9.

Capôto, V. (1999, setembro 3). Vento e chuva encerram encontro de artes em Cerveira. *Comércio do Porto*, s/p.

Carvalho, M. J. (1980, agosto 14). Vila Nova de Cerveira: viagem a uma Bienal pretexto, *Jornal Expresso*, pp. 18-19R.

CASA do artesão no antigo mercado da vila, Cerveira Nova, Vila Nova de Cerveira, 5 fev. 2003, p.5.

CERVEIRA quiere ser la meca de las artes, *Atlántico Diario,* Vigo, 7 jul. 1995, s/p.

CERVEIRA, terra da arte, Comércio do Porto, Porto, 30 jul. 1995, s/p.

CERVEIRA, Vila de todas as Artes, Diário Económico, Lisboa, 7 ago. 1997, s/p.

Chicó, S. (1983, janeiro 4). 1982, de Cerveira a Lagos. *Jornal de Letras Artes e Ideias,* p.53.

Chicó, S. (1984, agosto 14-20). Cerveira Bienal para todos os gostos. *Jornal de Letras,* s/p.

CONCURSO Nacional de Escultura Prémio Baviera – Século XXI, Jornal de Notícias, Lisboa, 23 fev. 2001, p.51

Cordeiro, M. (2001, agosto 24). Artur Bual Homenageada na Bienal de Cerveira. *Semanário Economico,* s/p.

Costa T. (2005 julho 25). Memórias Cerveirenses – Bienais de Arte de Vila Nova de Cerveira. *Cerveira Semanário,* pp. 16-18.

Cramerotti, A. (2006). *Mediating spaces: some considerations on the spaces of large-scale art exhibitions*. In International Journal of Media and Cultural Politics, Volume 2, Number 1.

Cruzadas dominam Bienal de Cerveira. *Jornal de Notícias*, Lisboa, 12 jan. 2007, p.57.

CULTURA, Turismo e Descentralização. *Diário Popular,* Lisboa, 28 ago. 1980. s/p.

DEPOIS do Insólito e do Polémico surge a Serenidade e a Reflexão. *Jornal de Notícias*, Porto, 13 ago. 1980. s/p.

DESAFIO à paisagem. *Expresso,* Lisboa, 28 ago. 1982. p. 30-R. Gonçalves, E. (1982, setembro 10). Acção-video, diaporama, multimédia, performances e espaços animados. *Jornal (O),* s/p.

DIFERENTES Maneiras de olhar um encontro de cultura descentralizado – Cepticismo e optimismo, Diário de Notícias, Lisboa, 29 jul. 1995, s/p.

ENTREGA de Prémios da Bienal de Arte. *Cerveira Nova,* Vila Nova de Cerveira, 5 jun. 1983. s/p.

EQUIPA da Bienal vai estar em S. Francisco, *Correio do Minho,* Braga, 2 set. 2001, s/p.

ESTATUTO de Instituição de Utilidade Pública à Associação "Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural", *Cerveira Nova,* Vila Nova de Cerveira, 5 abr. 1997, p.8.

Fallorca, J. (1990, julho 13). O vira do Minho. *Diário de Lisboa,* s/p.

Fallorca, J. (1990, julho 31). O que eles pensam. *Diário de Lisboa*, p.16.

Fallorca, J. (1990, julho 31). O sabor do dinheiro. *Diário de Lisboa*, p. 17.

Faria, Ó. (1997, agosto 15). Cerveira Tradicional. *Público*, p.16.

Fernandes, A. (2015, janeiro 18). Lugar do Espírito Santo é morada de artistas. *Jornal de Noticias,* p.42.

Fernandes, A. (2005 agosto 12). Bienal de Cerveira vai ter Fundação associada. *Público,* p.53.

Fernandes, S. (2005 julho 28). Até agora, só nos deram apoio moral. *Primeiro de Janeiro, Lisboa,* s/p.

Ferreira, J. (1980, n.d.). Lima de Freitas critica o júri. *Diário Popular*, s/p.

Ferreira, J. (1984, setembro 5). A presença das Artes Plásticas na Bienal de Cerveira. *Comércio do Porto*, p.21.

Furtado, D. (1997, agosto 9). Vários mundos, uma arte. *Capital*, s/p.

Garcia, S. (2005 agosto 26). Artes digitais em coto na Bienal, Será que qualquer um pode ser artista? e História de um evento aberto a ideias. *Diário de Notícias,* p. 47.

Gil, N. (1995, julho 27). Entre a esperança e a incerteza. *Público,* s/p.

Gilbert & George (2008, agosto 14). *Público,* P2, p. 2.

Gonçalves, E. (1980, setembro 4). Quantidade versus qualidade, *Diário Popular*, p.10.

Gonçalves, L. (n.d.). Jaime Isidoro ("Pai" das Bienais). Cerveira Nova, s/p.

GOVERNO decide comemorar dez anos de poder local, *A Capital,* Lisboa, 27 feb. 1986. s/p.

GRANDE afluência à Bienal de Cerveira. *Diário de Notícias,* Lisboa, 21 ago. 1980. s/p.

GRANDES Painéis Estão a Surgir no "Atelier Livre" de Cerveira. *Jornal de Notícias*, Porto, 20 ago. 1980. s/p.

GRUPO de Intervenção Infantil "domina" a Bienal de Cerveira. *Jornal de Notícias,* Lisboa, 24 ago. 1980. s/p.

Guimarães, J. (1990, julho 21). Aventuras e Desventuras da Bienal de Cerveira. *O Primeiro de Janeiro,* s/p.

Guimarães, P. (1999, Agosto 12). Cerveira virada para o ano 2000. *24 Horas,* p.33.

HOMENAGEM a Salvado Caetano, Notícias de Viana, Viana do Castelo, 10 set. 2001, s/p.

IMPORTANTES inovações na III Bienal de Arte, *Primeiro de Janeiro,* Porto, 26 mai. 1982. s/p.

Julião, P. (2005 março 9). Bienal de Cerveira está sem dinheiro. *Diário de Notícias,* s/p.
LAS obras de un centenar de artistas estarán a concurso en la Bienal de Cerveira, *Faro de Vigo,* Vigo, 13 mai. 2005, p.22.

Leite, F. (2003 fevereiro 2). 25 anos a promover a cultura. *Artes e Letras,* p.26.

LIMA de Freitas fala do épico Camoniano. *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 23 ago. 1980. s/p.

M. F. (1999, agosto 18). Cinco galerias galegas, en la Bienal Internacional De Arte. La Voz de Galícia, p. 25.

Marques, J. (2005 agosto 19). XIII Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira alarga-se à Galiza. *Público,* p.38.

Martins, C. (2001, julho 23). Um retiro para artistas no coração do Minho. *Comercio do Porto,* s/p.

MAU tempo encerra Bienal de Cerveira, *Diário do Minho,* Braga, 3 set. 1999, s/p.

MECA"das Artes, *Jornal de Notícias*, Lisboa , 14 jul. 1995, s/p.

Morais, F. (1999, setembro 4). Será a ultima Bienal realizada em tendas. *Jornal de Notícias,* s/p.

Mourão, S. (1992, janeiro 10). A Arte contemporânea esta num impasse gritante... O Comércio do Porto, p.30.

Moutinho, V. (1980, Setembro 1). Uma bienal à procura de sentido. *Diário de Noticias,* s/p.

Moutinho, V. (1984, agosto 14). É preciso reinventar a Bienal. *Diário de Noticias*, s/p.

Nazaré, L. (1992, agosto 22). Artes de Verão. *Expresso,* p.42-R.

Nime, C. (1999, Setembro 7). A chuva pecha a arte em Cerveira. *La voz de Galicia*, p. 33.

OBRAS já foram retiradas da Bienal de Cerveira, *Diário do Minho,* Braga, 4 set. 1999, s/p.

OBRAS por Catálogo – Bienal nos Bombeiros, *Comércio do Porto*, 5 set. 1999, s/p.

Oliveira, M. (1980, Setembro 26). Bienal de Cerveira – Exemplo a seguir. *País (O)*, s/p.

Oliveira, M. J. (2001, agosto 9). Nova casa acolhe Bienal de Cerveira – Tendas dão lugar a Fórum Cultural. *Público,* s/p.

Pacheco, L. (1978, setembro 14). Descentralização Cultural e da Boa, *Diário Popular,* s/p.

Pedrosa, I. (1984, agosto 14-20). IV Bienal de Cerveira: uma ilha no tecto das artes. *Jornal Expresso,* s/p.

Pereira, V. (2001, agosto 1). Casa do Artista Abre Portas. *Primeiro de Janeiro,* s/p.

Pernes, F. (1980, outubro 21). Bienal de Vila Nova de Cerveira, *Jornal de Notícias*, s/p.

Pinharanda, J. (1992, agosto 17). VII Bienal, quatro anos depois – Cerveira, as águas correm para o mar. *O Público,* p.26

Pinharanda, J. (1992, agosto 21). O destino da descentralização Artística. *O Público,* s/p.

PINTO Balsemão em Vila Nova de Cerveira. *Povo Livre,* Lisboa, 22 set. 1982. s/p.

Gonçalves, J. (1982, n.d.). Pela primeira vez um Primeiro-Ministro visita Vila Nova de Cerveira, *Cerveira Nova*, p.3.

Pomar, A. (1997, agosto 23). Um pólo a Norte. *Jornal Expresso*, p.10.

Príncipe, C. (1997, setembro 28). Bienal de Cerveira – Fronteira de Futuro. *Jornal de Notícias,* p.38.

Ramos, L. (2007 agosto 27). Em Circulação. *Público,* p.8.

Reis, B. (1997, agosto 8). Baluarte de Cultura Vivo e Dinâmico. *Correio da Manhã,* p.30.

Rocha, A. (1978, setembro 9). Esquerda-Direita, Esquerda-Direita, Este Portugal que estamos, *O Primeiro de Janeiro,* p.41.

Rocha, A. (1978, setembro 12). Encontros em 3º Grau..., *O Primeiro de Janeiro*, s/p.

Rodrigues D. (1990, abril 25). Bienal de Cerveira à descoberta de apoios. Diário de Notícias, p. 26.

Rodrigues, H. (1992, setembro 27). Entre o balanço e as desavenças do pintor. *O Primeiro de Janeiro,* p.17.

Santos, A. (2001, fevereiro 12). Desafiar os criadores para a ciência na Arte. *Jornal de Notícias*, p.38.

SENDO uma clara solução de recurso, o "design gráfico" domina a VI Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira, procurando clarificar dúvidas e cimentar posições, Expresso, n.d. s/p.

Silva, F. (1978, setembro 5). Aquilo parece um manicómio, *Jornal Voz do Povo,* s/p.

Silva, F. (1999, setembro 3). Temporal acaba com Bienal de Arte em Cerveira. *Correio do Minho*, p.11.

SIMÕES J. (1997, agosto 8). A meca das artes e dos artistas. *Jornal de Notícias,* p.8.

Skapinakis, N. (1980, Outubro 9). Em torno da expressão do artista aproximando-se o final do século. *Diário de Notícias*, p.17.

Subtil, C. (1984, agosto 17). O Centro Cultural do Alto Minho e a IV Bienal de Cerveira. *A Aurora do Lima*, s/p.

Teixeira, C. (1999, agosto 14). Cruzamento de Culturas em Cerveira – Bienal arranca hoje e rende homenagem ao pintor Jaime Isidoro, seu fundador. *Jornal de Notícias,* s/p.

TEMPORAL causa danos em três obras de arte, *Correio do Minho,* 5 set. 1999, s/p.

Tomás, C. (1999, setembro 2). Tempestade leva a destruição ao norte do país. *Correio da Manhã, s/p.*

ÚLTIMA Bienal no Parque do Castelinho, *Jornal de Notícias,* Lisboa, 12 ago. 1999, s/p.

V.P. (1999, setembro 3). Temporal acaba com a Bienal de Cerveira. *Primeiro de Janeiro*, s/p.

Vieira, C. (2005 agosto 20). A Arte não tem que ser rentável. *Jornal de Notícias*, p.2.

Vieira, C. (2005 agosto 21). Maior Bienal de sempre abriu portas. *Jornal de Notícias*, p. 35.

Vieira, C. (2005 janeiro 12). Bienal de Cerveira alarga formato. *Jornal de Notícias,* p.29.

Vieira, C. (2005 março 7). Bienal com Falta de apoios. *Jornal de Notícias,* p.20.
VISITAS Guiadas na bienal de arte. *24 Horas,* Lisboa, 28 ago. 2001, s/p.

Xavier, E. (1978, outubro n.d.). 1 Bienal de Arte, Vila Nova de Cerveira, *Suplemento Cerveira Nova,* s/p.

REVISTAS

A arte está na rua. *Revista Visão*, 1999.
Álvaro, E. (1976). Artes Plásticas: exposições portuguesas no estrangeiro: uma absoluta ausência de critérios. *Vida Mundial,* 42-46.

Carvalho, M. J. (1980). História de uma Bienal. *Espaço Magazine*, 1.
Fabrini, R. (2001-2002). Para uma história da Bienal de São Paulo*. Revista USP*, 52, 46-55.

Flash Art. (July-September 2007) Vol. XL, no. 255, pp. 25

Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, (10), *Revista Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, 10, 7-28.

O arco-íris do Minho. *Revista Visão*, 1999.

Revista Artes Plásticas, Vol. 4 (junho 1974).

Revista Artes Plásticas, Vol. 5 (setembro 1974).

Revista Artes Plásticas, Vol. 1 (outubro 1973).

Revista Artes Plásticas, Vol. 2 (janeiro 1974).

Revista Artes Plásticas, Vol. 3 (fevereiro 1974).

Revista Artes Plásticas, Vol. 6 (janeiro 1975).

Revista Artes Plásticas, Vol. 7-8 (dezembro/janeiro 1977).
Revista Bombart. (2009). 1,2,3,4,5,6.

Revista Bombart. (2010). 7,8,9,10.

Simões, J. M. (1995) . Aqui ninguém se mascara de intelectual. *Revista Magazine*.

XIV edicion de la Bienal de Cerveira. *Revista Internacional de Arte LAPIS 236,* (2007).

WEBGRAFIA

13ª Bienal de São Paulo. Recuperado em 12 junho, 2016, de http://www.bienal.org.br/exposicao.php?i=2330

1ª Bienal de São Paulo. Recuperado em 7 de maio, 2013, de http://www.bienal.org.br/exposicao.php?i=2266

2ª Bienal de São Paulo. Recuperado em 11 de maio, 2013, de http://www.bienal.org.br/exposicoes_fotos.php?i=2315

Ângelo de Sousa Biografia e Obra. Recuperado em 12 junho, 2016, de https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%82ngelo_de_Sousa

Ansart, P. (n.d.) *Mémoire Collective* – Encyclopædia Universalis. Recuperado em 17 de maio, 2016, de http://www.universalis.fr/encyclopedie/memoire-collective/

Barab, N. (1998) *Stone Sculpture Symposia.* Recuperado em 12 de dezembro, 2017, de http://www.sculpture.org/documents/scmag98/sympos/sm-sympo.shtml

Barão, A. (2009). *Egídio Álvaro – O Crítico como Comissário.* Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume 2, p. 284-299. Recuperado em 13 de maio, 2013, de http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8175.pdf

Bergson, H. (1939). *Matière et mémoire – Essai sur la relation du corps à l'esprit*. Recuperado em 14 de maio, 2016, de http://classiques.uqac.ca/classiques/bergson_henri/matiere_et_memoire/matiere_et_memoire.pdf

Biennale de Paris. (n.d.). Recuperado em 14 abril, 2013, de http://www.biennialfoundation.org/biennials/biennale-de-paris/

Birfrost. Recuperado em 15 de maio, 2013, de http://jesulink.com/fanwiki/index.php?title=Bifrost

Cabeça, Santa-Rita Pintor. Recuperado em 14 de maio, 2016, de https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabe%C3%A7a_(Santa-Rita)

Cacilheiro "vai mostrar vitalidade do país" na Bienal de Veneza (2013). Jornal Publico, recuperado em 3 de junho, 2013, de http://www.publico.pt/cultura/noticia/cacilheiro-vai-mostrar-vitalidade-do-pais-na-bienal-de-veneza-1596090

Carlos Azevedo (n.d.). Recuperado em 15 de maio, 2017, de http://www.casadamusica.com/pt/artistas-e-obras/compositores/a/azevedo-carlos/?lang=pt#tab=0

Conde, I. (1985). "*Bienais e Artistas em Cerveira",* apresentação pública da sua pesquisa no Seminário de Ciências Sociais da Faculdade de Economia do Porto. Recuperado em 15 junho, 2013, de https://repositorio.iscteiul.pt/bitstream/10071/968/1/4.pdf

Croft, J. (2017). *Medida incerta.* Recuperado em 15 de setembro, 2017, de https://static.globalnoticias.pt/storage/DN/2017/medium/ng8501026.jpg

D'Agostino, F. (2012). *Uma bienal por seus leitores.* Recuperado em 15 de junho, 2017, de https://atelie397.com/uma-bienal-por-seus-leitores/

Danto, A. (2010). *Después Del Fin del Arte.* Recuperado em 19 de maio, 2016, de http://www.felsemiotica.org/site/wp-content/uploads/2014/10/Danto-Arthur-C.-Después-del-fin-del-arte.-El-arte-contemporáneo-y-el-linde-de-la-historia.pdf

Documenta. (n.d.). Recuperado em 14 abril, 2013, de http://es.wikipedia.org/wiki/Documenta

Fernando Lanhas. Recuperado em 10 de junho, 2016, de http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/52/artists

Fundação Bienal de Arte de Cerveira, Catalogo. Recuperado em 17 de agosto, 2014, de http://catalogo.bienaldecerveira.pt/community/#all

Gonçalves, E. (2011) *Bienal de Cerveira – 33 Anos de existência (1978-2011) Exemplo de Descentralização Cultural.* Recuperado em 20 de junho, 2013, de http://bienaldecerveira.org/historia-da-bienal-de-cerveira/33-anos-de-existencia-1978-2011/

Ler Delfim Santos (n.d.). Recuperado em 16 de maio, 2017, de http://www.delfimsantos.net/bio/

Louro, J. (2015). *I will be your mirror/poems and problems.* Recuperado em 10 de maio, 2016, de http://joaolouro.com/i-will-be-your-mirror-poems-and-problems/

Luís Noronha da Costa. Recuperado em 10 de junho, 2016, de http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/119/artists

Mednarodni Graficni Lokovinc Center. Recuperado em 15 de fevereiro, 2016, de https://www.mglc-lj.si/eng/the_biennial/about_the_biennial

Melo, A. (2007). *Anos 70.* Instituto Camões. Recuperado em 9 de março, 2013, de http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-70.html#.VrS9g2SLTm0

Mesquita, I. (2008). *28ª Bienal de São Paulo.* Revista Artecapital. Recuperado em 2 de julho, 2013, de http://www.artecapital.net/perspetiva-71-ivo-mesquita-28ª-bienal-de-sao-paulo

Oliveira, R. (2001). Bienal de São Paulo – Impacto na cultura brasileira. São Paulo em Perspectiva. Versão online ISSN 1806-9452. (em linha), recuperado em 10 de junho, 2016, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300004

Paysant, M. (2001). *Maison des artistes: un sattut privilégié?*. Recuperado em 15 de abril, 2013, de https://lentreprise.lexpress.fr/creation-entreprise/statuts/maison-des-artistes-un-statut-privilegie_1509077.html

Peixoto, I. (2015). *Helena, a mulher que de pastoras fez artesãs*. Recuperado em 12 de janeiro, 2016, de https://www.noticiasmagazine.pt/2015/portugueses-extraordinarios-6/

Revista Prosa e Arte (n.d.). 95 anos de Arte Moderna de 1922. Recuperado em 7 de maio, 2013, de https://www.revistaprosaversoearte.com/95-anos-da-semana-de-arte-moderna-de-1922/

Rosas, F. (2001). *O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo.* Revista Análise Social. vol. XXXV (157), pp.1031-1054, recuperado em 2 de março, 2017, de http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218725377D6jFO4wy1Oi67NG6.pdf

Sarah Afonso Biografia e Obra. Recuperado em 17 de maio, 2016, de https://pt.wikipedia.org/wiki/Sarah_Afonso

Schilling, V. (n.d.). *A Semana de Arte Moderna de 1922. R*ecuperado em 30 de maio, 2013, de https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/a-semana-de-arte-moderna-de-1922,200823d6c76da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html

Spinelli, J. (2012). *Wolfgang Pfeiffer – 100 Anos: 1912-2012.* Jornal da abca. Recuperado em 15 de maio, 2013, de http://abca.art.br/n26/memoriadacritica.html

Vieira da Silva. Recuperado em 10 de junho, 2016, de https://www.escritoriodearte.com/artista/maria-helena-vieira-da-silva

Vieira, M. (2005) *Educação e Sociedade da Informação – Uma perspectiva crítica sobre as TIC num contexto escolar* (Dissertação de mestrado), recuperado em 17 de maio, 2016, de http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3276/1/Tese_Educacao_Sociedade_Informacao_AV.pdf-

What is Life-Writing?. (n.d.). In Wolfson College University of Oxford. Recuperado em 13 de fevereiro, 2015, de https://www.wolfson.ox.ac.uk/what-life-writing

ÍNDÍCE DE ABREVIATURAS

Arq.	Arquiteto(a)
Dr.	Doutor(a)
Eng.	Engenheiro(a)
min.	Minutos
n.d.	sem data
PB	Preto e Branco
Prof.	Professor(a)
s	Segundos
s/p	sem página

ÍNDÍCE DE ABREVIATURAS DE PAÍSES

AO	Angola
AZ	Azerbaijão
BE	Bélgica
DE	Alemanha
FI	Finlândia
FR	França
IE	Irlanda
IT	Itália
JP	Japão
PT	Portugal
SP	Espanha
UK	Reino Unido
USA	Estados Unidos da América
YU	Jugoslávia

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa das regiões de Portugal 22
Figura 2 - Salvador Dali "Persistance de la mémoire, 1931" 32
Figura 3 e Figura 4 - Cartaz da I Bienal de Veneza – Edifício Giardini 42
Figura 5 - Giacomo Grosso, *Supremo convegno. Óleo sobre tela* 43
Figura 6 - Trafaria Praia, de Joana Vasconcelos 43
Figura 7 - Pormenor da exposição de João Louro na 56.ª Bienal de Veneza 44
Figura 8 - "Medida Incerta" de José Pedro Croft 44
Figura 9 e Figura 10 - Cartazes Semana Arte Moderna 45
Figura 11 – Cartaz 1.ª Bienal São Paulo 46
Figura 12 - Pavilhão da I Bienal – Esplanada do Trianon – Av. Paulista 47
Figura 13 - Capa catálogo I Bienal 47
Figura 14 - Obra "Unidade Tripartida" do suíço Max Bill 48
Figura 15 - "Guernica", de Pablo Picasso, na II Bienal de São Paulo 49
Figura 16 - Mural de Rosário Félix e Teresa Faria 51
Figura 17 - Clara Menéres, Mulher-terra-vida, 1977 52
Figura 18 - O Almoço do Trolha – 120 x 150 cm, 1947-1950 55
Figura 19 - Pintura de painel coletivo (III Encontros Internacionais de Arte) 59
Figura 20 - Capa 59
Figura 21 - Cartazes 65
Figura 22 - Carimbos 66
Figura 23 - Primeiros Encontros – Valadares – Casa da Carruagem – 1974 66
Figura 24 - Segundos Encontros em Viana do Castelo – 1975 67
Figura 25 - Terceiros Encontros em Póvoa de Varzim – 1976 67
Figura 26 - Quartos Encontros nas Caldas da Rainha – 1977 68
Figura 27 - Desdobrável Quintos Encontros Internacionais de Arte 69
Figura 28 - Os Quatro Vintes e Jaime Isidoro 72
Figura 29 - Capa do catálogo – autoria Henrique Silva 79
Figura 30 - Datas de realização das BIAC de 1978 a 2007 80
Figura 31 - Programa V Encontros e I Bienal 82
Figura 32 - "O Casamento" , Sarah Affonso 83
Figura 33 - Sarah Affonso e Almada Negreiros 83
Figura 34 - Vista geral da exposição 84
Figura 35 - *Performance* de Gracinda Candeias 87
Figura 36 - Grupo 42 – Homenagem a Sarah Affonso 87
Figura 37 - Artur Bual e Eurico Gonçalves 88
Figura 38 - Riuko Ishida e as crianças 88

Figura 39 - O Ventolão – O maior Intelectual do Mundo 89
Figura 40 - Intervenções do grupo de teatro Anima (Expressão corporal) 89
Figura 41 - Clara Menéres – Implantação da escultura "Granito-Ritmo" 90
Figura 42 - *Atelier* de Serigrafia – Henrique Silva 90
Figura 43 - Máquina de bater palmas, de Carlos Barreira 91
Figura 44 - *Atelier* de Cerâmica – José Rodrigues e *Atelier* de Crianças 91
Figura 45 e Figura 46 - *Atelier* de crianças – *Performance* Michel Roubaix 92
Figura 47- *Workshop* de papagaios – *Atelier* de crianças 92
Figura 48 - *Atelier* de Pintura – Riuko Ishida 93
Figura 49 - Teatro no Largo do Terreiro 93
Figura 50 - Joaquim Matos Chaves 94
Figura 51 - Artistas e países representados 98
Figura 52 - Mapa dos locais de intervenção da I BIAC 98
Figura 53 - Capa de catálogo – Grafismo de Carlos Barreira 103
Figura 54/1-2 - *Performance* de Carlos Nogueira 107
Figura 55/1-2 - Carlos Nogueira no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo 107
Figura 56 - Pormenor da exposição 109
Figura 57 e Figura 58 - Barata Feyo e escultura "Mulher e Árvore" 109
Figura 59 e Figura 60 - Sala de Homenagem a Barata Feyo 110
Figura 61 - *Performance* de Michel Roubaix pintado por Gracinda Candeias 111
Figura 62 - Audiência popular 112
Figura 63 - Grupo de dança 114
Figura 64 - "Bifrost" 115
Figura 65 - *Performance* de Manoel Barbosa 116
Figura 66 - *Performance* de Silvestre Pestana 117
Figura 67 - Painel Coletivo – Cadavre Esquis 117
Figura 68 - Grupo Diapositivos 118
Figura 69 - Lima de Freitas 118
Figura 70 - Capa de um dos jornais *Calibre 33* 119
Figura 71 - Rui Reininho – Grupo ANAR BAND 119
Figura 72 - Antigo Quartel do Bombeiros, na Praça do Terreiro 120
Figura 73 - O Caminho Marítimo para a Índia 122
Figura 74 - Penélope 122
Figura 75 - Artistas e países representados 122
Figura 76 - Mapa dos locais de intervenção da II BIAC 123

Figura 77 - Capa do catálogo – Autoria de Armando Alves 127
Figura 78 - Francisco Lucas Pires na exposição 129
Figura 79 - Pormenor da homenagem a Vieira da Silva 132
Figura 80 - Elisabeth Morcelet – *Performance* 136
Figura 81 - Clara Menéres – Preparando a instalação das esculturas 137
Figura 82 - Intervenção na paisagem, pintura de pedras, por Miguel D'Alte 138
Figura 83 - Grupo Diapositivos 139
Figura 84 - Michel Roubaix 139
Figura 85 - Rosa Ramalho de visita à Bienal 140
Figura 86 e Figura 87 - *"O Diabo, o Doutor e o Louco"* 140
Figura 88 - Países e artistas representados 142
Figura 89 - Mapa dos locais de intervenção da III BIAC 142
Figura 90 - Capa do Catálogo – autoria João Nunes 147
Figura 91 - Fotografia de Amadeo, publicada no catálogo da IV BIAC 155
Figura 92 - Reprodução no catálogo da IV BIAC 155
Figura 93 - "Máscara do olho verde", 1915 156
Figura 94 - Pintura de Júlio Pomar 156
Figura 95 - José Falcão e Silva 158
Figura 96 - António Barros 159
Figura 97 - Jorge Lima Barreto ,Vítor Rua 159
Figura 98 - António Bronze (1935-2003) e João Nunes 160
Figura 99 - "Bio-Virtual" – Silvestre Pestana 160
Figura 100 - "Trilogia Portuguesa" – Fernando Aguiar 161
Figura 101 - Grupo de Dança Atitudes e Movimento – "Hífen – Ou traço de União" 161
Figura 102 - Gráfico de países e artistas participantes 162
Figura 103 - Mapa dos locais de intervenção da IV BIAC 162
Figura 104 - Capa do catálogo – João Machado 167
Figura 105 - "Casa do Artista Pintor Jaime Isidoro" – reabilitação do Matadouro 168
Figura 106 - O Pavilhão da Bienal 170
Figura 107 - Mário Soares de visita à V Bienal 170
Figura 108 - Valente de Oliveira de visita à V Bienal 171
Figura 109 - Embaixador da Zâmbia de visita à V Bienal 171
Figura 110 - Casal Ramalho Eanes 171
Figura 111 - Projeto do Arq. Viana de Lima para o Centro Cultural 173
Figura 112 - Vista da exposição de homenagem 175
Figura 113 - "Cabeça" 176

Figura 114 - "Olympia" e "Retrato de camponesa" 176
Figura 115 - Colóquio sobre a obra de Santa Rita Pintor – Fernando Pernes 177
Figura 116 - Pedro Calapez 1987 177
Figura 117 - José Pedro Croft 1986 177
Figura 118 - Teresa Magalhães Sem Título 178
Figura 119 - Rui Sanches Q.B. Escultura em madeira 178
Figura 120 - Joaquim Bravo Sem Título, 1987 178
Figura 121 - Medalha V Bienal – autoria de José Rodrigues 180
Figura 122 - *Performance* de Isabel Valverde "After de White Shower" 181
Figura 123 - *Performance* de Sérgio 181
Figura 124 - Atuação da Companhia Nacional de Dança 182
Figura 125 - Gráfico de países e artistas participantes 182
Figura 126 - Mapa dos locais de intervenção da V BIAC 183
Figura 127 - Capa catálogo – Design de João Machado / João Nunes 187
Figura 128 - Abraham Moles – Fotografia reproduzida no catálogo 193
Figura 129 - Gráfico de países e artistas representados 196
Figura 130 - Mapa dos locais de intervenção da VI BIAC 197
Figura 131 - Capa catálogo ESPÓLIO Seis Bienais – Design João Nunes 201
Figura 132 - *Flyer* de divulgação ao ciclo de conferências 205
Figura 133 - Capa do catálogo da autoria de Carlos Barreira 211
Figura 134 - Capa do catálogo da exposição 217
Figura 135 - Robert Filliou – artista homenageado 219
Figura 136 - Jaime Isidoro e exposição Robert Filliou 219
Figura 137 - *Performance* "A noiva" – Adelaide Teixeira 223
Figura 138 - Cartaz/Manifesto e imagens da "Noiva" e árvore enfeitada 223
Figura 139 - Exposição escultura cerâmica no exterior do Pavilhão Central 226
Figura 140 - Pintura coletiva – *Atelier* livre pintura 227
Figura 141 - *Atelier* Livre Pintura 227
Figura 142 - *Performance* António Olaio 228
Figura 143 - *Performance* Grupo 3ª Ordem 228
Figura 144 - Dança – Isabel Valverde 229
Figura 145 - Cena de teatro – Paulo Castro 229
Figura 146 - Concerto Jorge Lima Barreto e Vítor Rua 230
Figura 147 - Países e artistas representados 230
Figura 148 - Mapa dos locais de intervenção da VII BIAC 231
Figura 149 - Capa catálogo Exposição Premiados . Espólio . História 235
Figura 150 - Aspeto de uma sala do Solar dos Castros com obras do espólio 236
Figura 151 - Registo na ficha de espólio elaborada pela ocasião 237

Figura 152 - Ficha do espólio 237
Figura 153 e Figura 154 - Jaime Isidoro: restauro obra Ângelo de Sousa 238
Figura 155 e Figura 156 - Daniel Isidoro e Henrique Silva 238
Figura 157 e Figura 158 - Pormenor Exposição Sala 1 e Sala 2 239
Figura 159 e Figura 160 - Pormenor Exposição Sala 3 e Sala 4 239
Figura 161 - Pormenor exposição – jardim Solar dos Castros 239
Figura 162 - Conjunto de pormenores da exposição documental 240
Figura 163 - Intervenção de Jaime Isidoro (1924-2009) 241
Figura 164 - Aspeto da assistência 241
Figura 165 - Assembleia Geral – Salão Paroquial de Gondar 242
Figura 166 - Capa do catálogo – *design* de Jaime Azinheira 247
Figura 167 - Montagem das duas lonas no Castelinho 248
Figura 168 - Vista geral do pavilhão central 248
Figura 169 - Pormenor da mostra no edifício do mercado 249
Figura 170 - Henrique Silva e a autora nos preparativos da VIII BIAC 249
Figura 171 - Pormenores da inauguração 251
Figura 172 - Jorge Sampaio, em visita à VIII BIAC 252
Figura 173 - Pormenor da visita de Francisco Lucas Pires 253
Figura 174 - Reunião do júri na SNBA 253
Figura 175 - Reunião do júri no Porto 254
Figura 176 - Júri de premiação 255
Figura 177 - Detalhes da entrega de Prémios no Solar dos Castros 256
Figura 178 - Página da VIII Bienal 260
Figura 179 - Exposição Homenagem António Sampaio – Solar dos Castros 260
Figura 180 - Pormenor da exposição 261
Figura 181 - Aspeto geral *Atelier* Livre 262
Figura 182 - *Atelier* de Gravura orientado por Dacos 263
Figura 183 - *Atelier* escultura – Zadok Ben-David 263
Figura 184 - Vista geral *Atelier* de Gravura 263
Figura 185 - Gravador belga que orientou o *atelier* de gravura 264
Figura 186 - *Atelier* de Litografia – orientado por Carlos Cancelinha 264
Figura 187 - Ação "*Art Car*" 264
Figura 188 - *Atelier* de papel – Orientado por Elsa César 265
Figura 189 - *Atelier* de crianças – Orientado por Dalila D'Alte e Elsa César 265
Figura 190 - Intervenção de Fátima Martins 265
Figura 191 - Instalação de Vítor Belém (1938-2015) – edifício do mercado 266
Figura 192 - Concerto "Lixo Luxo Poético 95" – João Ricardo 266
Figura 193 - Concerto piano – Francisco Monteiro 267

Figura 194 - Visita guiada por Maria de Fátima Lambert 267
Figura 195 - Visita guiada por Eurico Gonçalves 268
Figura 196 - Gráfico dos participantes da VIII BIAC 268
Figura 197 - Alojamentos/dormidas durante a VIII Bienal 269
Figura 198 - Refeições servidas na VIII BIAC 269
Figura 199 - Visitantes durante a VIII BIAC 269
Figura 200 - Mapa dos locais de intervenção da VIII BIAC 270
Figura 201 - Flagrantes de uma Bienal 271
Figura 202 - Capa dos catálogos – *Design* ABC e SLM 275
Figura 203 - Capa livro *1001 Imagens* e *flyer* para pedido de aquisição do mesmo 276
Figura 204 - Recepção ao Presidente da República 280
Figura 205 - Aspetos da cerimónia da inauguração e visita à IX BIAC 280
Figura 206 - Marcelo Rebelo de Sousa de visita exposição e *atelier* livre da Bienal 281
Figura 207 - Reunião na SNBA – Lisboa 282
Figura 208 - Reunião no Porto 282
Figura 209 - Reunião do Júri de Premiação (Vila Nova de Cerveira) 283
Figura 210 - Pormenor da sala com exposição de gravura – Prémio da Urtiga 285
Figura 211 - Galeria Baumgarten – Freiburg – Alemanha 287
Figura 212 - Galeria Ad Hoc – Vigo – Espanha 287
Figura 213 - Galeria Sargadelos – Santiago de Compostela – Espanha 287
Figura 214 - Pormenor da galeria Árvore 288
Figura 215 - Duas jovens do programa OTL 288
Figura 216 - Detalhe exposição Homenagem a Domingos Alvarez 289
Figura 217 - Conferência – Lauro António 291
Figura 218 - Debate numa das sessões de cinema/vídeo de Lauro António 292
Figura 219 - Zadok Ben-David – assistentes Marta Lima e Rui Ferro 292
Figura 220 - *Workshop* de Gravura orientado por DACOS 293
Figura 221 -*Workshop* Arte Eletrónica – orientado por Rui Marques 294
Figura 222 - *Workshop* Cerâmica – orientado por João Carqueijeiro 295
Figura 223 - Medalha IX BIAC – em cerâmica 295
Figura 224 - *Workshop/Atelier* Pintura 296
Figura 225 - *Workshop* de Raku – orientação João Carqueijeiro 297
Figura 226 - "Arte-Gelatina" 298
Figura 227 - *Atelier* Livre no Bar/Cantina da Bienal 298
Figura 228 - Pormenor da assistência ao concerto de Vitorino D'Almeida 299
Figura 229 - Concerto Grupo CAPIO 299

Figura 230 - Paulo Raposo – Concerto de Música Electrónica – Insula Dulcamara 300
Figura 231 - Concerto de encerramento 300
Figura 232 - Concerto Musical Multimédia – Rui Azul Index 301
Figura 233 - *Workshop* de música de câmara 301
Figura 234 - Francisco Monteiro – Som – Depois da Vanguarda 302
Figura 235 - *Atelier* De Crianças – Orientação Dalila D'Alte Rodrigues 302
Figura 236 - Ação Direta – Pedro Resende Leão e participação de público 303
Figura 237 - *Performance* de Rui Anahory no bar da Bienal 304
Figura 238 - *Performance* de Pavel Schmidt – Largo do Terreiro 305
Figura 239 - Debate sobre Arte Electrónica 306
Figura 240 - Debate sobre cinema – Lauro António 306
Figura 241 - Debate encerramento da IX BIAC 306
Figura 242 - Sessões de esclarecimento para jovens 307
Figura 243 - Ação *ART-CAR* – Patrocínio BAVIERA – BMW Portugal 308
Figura 244 - BMW pintado por Carlos Carreiro nas oficinas da Baviera S.A. 309
Figura 245 - Miniaturas em resina fornecidas pela Baviera S.A. 310
Figura 246 - A viatura MEGA cedida pela Baviera S.A. 311
Figura 247 - Visita guiada – Fátima Lambert 312
Figura 248 - Visita guiada – Eurico Gonçalves 313
Figura 249 - Gráfico de Países e Artistas participantes 314
Figura 250 - Gráfico de Visitantes da IX BIAC 314
Figura 251 - Gráfico dos alojamentos da IX BIAC 315
Figura 252 - Gráfico das refeições servidas no bar da IX BIAC 315
Figura 253 - Mapa dos locais de intervenção da IX BIAC 316
Figura 254 - Flagrantes da IX BIAC 317
Figura 255 - Cinco catálogos 321
Figura 256 - Visita relâmpago à X Bienal 323
Figura 257 - 1.ª travessia em balões de ar quente de Portugal 323
Figura 258 - Catálogo 324
Figura 259 - Proposta de intervenção sob o muro 324
Figura 260 - Outras propostas para a zona ribeirinha 324
Figura 261 - Participantes no *workshop* 325
Figura 262 - Algumas imagens do resultado da tempestade 332
Figura 263 - Pormenores da caminhada e exterior do recinto da Bienal 334
Figura 264 - Inauguração – Visita à Bienal 334
Figura 265 - Pormenor da Galeria Árvore 335
Figura 266 - Júri de Premiação 336

Figura 267 - Carlos Barreira, Hélder Mendes e Renné Gagnon 338
Figura 268 - Inauguração da Homenagem a Jaime Isidoro – Solar dos Castros 339
Figura 269 - Hortas ecológicas e escultura ambiente 340
Figura 270 - Exposição, apresentação propostas "Estratégias grande escala" 341
Figura 271 - Mesa Redonda sobre Arquitetura – Planeamento urbano 341
Figura 272 - Disposição das tendas 341
Figura 273 - "Un spectacle de qualité" Holograma – Pierrik Sorin 342
Figura 274 - Serigrafia, colagem – Artur Bárrio (PT) 342
Figura 275 - Serigrafias de Roberto Magalhães (BR) 343
Figura 276 - Maqueta do futuro Aquamuseu 344
Figura 277 - *Art-Baby Racer* – Casa do Turismo/ Ação Baviera/BMW 347
Figura 278 - Ação Pintura Monumental/Ação Baviera/BMW 348
Figura 279 - "Catedral", "Por cada árvore interrompida..." 349
Figura 280 - *Atelier* Arte Eletrónica – Galeria Projecto 349
Figura 281 - *Atelier* Resinas / Compósitos – Antigo Mercado do peixe 350
Figura 282 - Gravura em pasta cerâmica e escultura 351
Figura 283 - *Atelier* de pintura – Miguel D'Alte e Jaime Isidoro 352
Figura 284 - *Atelier* de Crianças orientado por Dalila D'Alte 352
Figura 285 - Debate sobre a Bienal de Cerveira, moderado por Eurico Gonçalves 353
Figura 286 - "Como es arriba, es abajo" de Paz de la Calzada – Lavadouro público 354
Figura 287 - Pormenores de instalações no salão dos Bombeiros Municipais 354
Figura 288 - Algumas instalações no salão dos Bombeiros Municipais 355
Figura 289 - "Jardim urbano" – Marta Babel 355
Figura 290 - Fotografias de Rua – Manuela Lopes 356
Figura 291 - Intervenção de Maria Marcelina – pavilhão multiusos 356
Figura 292 - AL'VESH RHYTHM MACHINE – Pavilhão multiusos 357
Figura 293 - Grupo Calentura – Pavilhão multiusos 357
Figura 294 - Grupo Capoeira de Lagoa de Saldanha – frente ao Solar dos Castros 358
Figura 295 - Concerto Maestro Vitorino D'Almeida – Pavilhão multiusos 358
Figura 296 - Orquestra de Jazz de Matosinhos – Pavilhão multiusos 359
Figura 297 - Quarteto de Jazz FeeFIFoFum – pavilhão multiusos 359
Figura 298 - Trio Carlos Azevedo – Pavilhão multiusos 360
Figura 299 - Trio LOV – Pavilhão multiusos 360
Figura 300 - Vítor Joaquim – wORLD PATTERNS – Música 361
Figura 301 - João Bragança – Fotografia / Heliografia 361

Figura 302 - "A Cerimónia do Elefante Dourado" 362
Figura 303 - Representação da Escola Superior Gallaecia 363
Figura 304 - Visita guiada por Fátima Lambert no pavilhão central 364
Figura 305 - Visita guiada por Eurico Gonçalves – Pavilhão das Galerias 364
Figura 306 - Programa para distribuição gratuita aos visitantes 364
Figura 307 - Países e artistas participantes 365
Figura 308 - Refeições distribuídas na X BIAC 365
Figura 309 - Alojamentos durante a X BIAC 366
Figura 310 - Numero de visitantes na X BIAC 366
Figura 311 - Mapa dos locais da exposição da X BIAC 367
Figura 312 - Flagrantes de uma Bienal 368
Figura 313 - Capa do catálogo 373
Figura 314 - Pormenor da fachada do Fórum Cultural 374
Figura 315 - Croquis do novo espaço, publicado na brochura 375
Figura 316 - O percurso da inauguração pelos espaços da Bienal 379
Figura 317 - Inauguração Casa do Artista e Homenagem a Maria Marcelina 380
Figura 318 - Exposição de homenagem a Bual – Galeria Projecto 380
Figura 319 - Brochura da exposição Museu de Física 381
Figura 320 - Pormenores da exposição do Museu de Física 382
Figura 321 - C1/BMW cedida pela Baviera/BMW 384
Figura 322 - Trabalho no *atelier* – preparação espetáculo 386
Figura 323 - Cerâmica 386
Figura 324 - Pormenores do *atelier* a funcionar no Pavilhão 3/ Polivalente 387
Figura 325 - Detalhes do *atelier* de Resinas 388
Figura 326 - Carlos Marques, Carlos Barreira e ajudante 388
Figura 327 - Escultura de Carlos Marques – Doação do artista 389
Figura 328/Figura 329 - Zadok Ben-David – *atelier* Casa do Artista – "Figura" 389
Figura 330 - Pormenor do *Atelier* de Gravura a funcionar na ETAP 390
Figura 331 - Pormenores do *atelier* de pintura 391
Figura 332 - *Atelier* de Serigrafia a funcionar nas instalações da ETAP 391
Figura 333 - Conferência de Armando P.L.Policarpo 392
Figura 334 - Conferência de Adília Alarcão 393
Figura 335 - Vista geral da mostra Arq.º *Designers* Alessi na XI BIAC 393
Figura 336 - Arq. Nuno Ladeiro "A Fábrica dos Sonhos" 394
Figura 337 - "O papel da Bienal na cultura portuguesa" 395
Figura 338 - Intervenção de Jaime Isidoro e Vitorino D'Almeida 396
Figura 339 - Concerto Grupo de Música Contemporânea de Lisboa 397
Figura 340 - Concerto Rui Azul Index 398

Figura 341 - Concerto Rui Azul Index 398
Figura 342 - uTUTU/Earth 399
Figura 343 - uTUTU/eARTH 400
Figura 344 - uTUTU/Earth – cerimónia do chá 400
Figura 345 - VITRIOL 401
Figura 346 - UNAMA 401
Figura 347 - Cantando Mantra e Grupo de Yoga 402
Figura 348 - Conspiração Solar do Padre Himalaya 403
Figura 349 e Figura 350 - "Presente de Reis" e "Tentação de Santo Antão" 404
Figura 351 e Figura 352 - "Farandolle" e "Adão e Eva no Paraíso" 404
Figura 353 - Grupo Intervenções de Rua 405
Figura 354 e Figura 355 - Jardim Interior – Povo da Beira – Água 406
Figura 356 e Figura 357 - Dentro da Minha Cabeça – Meteorito 406
Figura 358 - Putti Club e Eventos Secundários 406
Figura 359 - Fachada da Estação Caminhos Ferro 407
Figura 360 - Mostra na Casa do Turismo 408
Figura 361 - Momentos da Homenagem a Salvador Caetano 409
Figura 362 - Projeto intervenção plástica
– C1/BMW e pormenor da pintura final 410
Figura 363 - Visita guiada à exposição Padre Himalaya 410
Figura 364 - Visita guiada à exposição Homenagem a Artur Bual 411
Figura 365 - Países e participantes 411
Figura 366 - Visitantes durante a XI BIAC 412
Figura 367 - Refeições distribuídas na XI BIAC 412
Figura 368 - A cantina da XI BIAC 413
Figura 369 - Alojamentos durante a XI Bienal 413
Figura 370 - Mapa dos locais da exposição 414
Figura 371 - Imagens soltas de convívio, exposição, intervenção, cantina, bar. 415
Figura 372 - Capa catálogo – *Design* da capa – Henrique Silva 419
Figura 373 - Selo comemorativo 420
Figura 374 - Capa Desdobrável – Design *Atelier* RuiCunha 422
Figura 375 - Capa do desdobrável 422
Figura 376 - Capa Catálogo Evolution and Theory 423
Figura 377 - Pormenor da exposição 424
Figura 378 - Pormenores da instalação 424
Figura 379 - Capa do Catálogo – Design RuiCunha 425
Figura 380 - Pormenores da inauguração 427
Figura 381 - Assinatura do Protocolo com o IPDJ, recital e verde de honra 428

Figura 382 - Grupo de voluntários 428
Figura 383 - Desfile de Helena Cardoso – Tecer a Natureza 430
Figura 384 - O Júri de Premiação 431
Figura 385 - Aspeto geral do 2.º Pavilhão – Obras do Concurso 432
Figura 386 - Pormenor da exposição de homenagem a José Rodrigues 433
Figura 387 - Pormenor da exposição de homenagem a Nadir Afonso 434
Figura 388 - Pormenores da exposição de homenagem Guy Weelen 434
Figura 389 - Alain de la Bourdonnaye 436
Figura 390 - Pormenores do *atelier* 437
Figura 391 - *Atelier* de cerâmica orientado por João Carqueijeiro 438
Figura 392 - *Atelier* de Resinas na Casa do Artista 439
Figura 393 - Painel realizado no *atelier* de resinas na XI BIAC – Artur Moreira 439
Figura 394 - *Atelier* de Pintura 440
Figura 395 - *Atelier* de Crianças 440
Figura 396 - *Workshop* de Serigrafia 441
Figura 397 - *Atelier* de Gravura 442
Figura 398 - Os Colóquios da Escola Superior Gallaecia – ESG 442
Figura 399 - Lançamento do livro – Dalila D'Alte Rodrigues 443
Figura 400 - Comunicação de Leonel Moura 444
Figura 401 - Projeção de Leonel Moura 444
Figura 402 - Debate moderado por Francisco Gonzalez 445
Figura 403 - *Show* com música, contadores de histórias e arte eletrónica 447
Figura 404 - Painel coletivo de desenhos individuais 448
Figura 405 - Atuação do grupo UTUTU/EaRTh/2003 448
Figura 406 - Pormenores da cerimónia do chá 449
Figura 407 - Jorge Lima Barreto, Victor Rua e Raquel Rua 449
Figura 408 - Intervenção de André Sier, Catarina Herdeiro 450
Figura 409 - Exercício nº 1 (A FLOR DE PEDRA) 450
Figura 410 - (+) + In her space + How to be a millionaire + 40' 451
Figura 411 - Concerto de Vitorino D'Almeida e *Graffiti* virtual 452
Figura 412 - *Performance Desdobramento* 453
Figura 413 - *Performance* Caos – 29 agosto 454
Figura 414 - "Silêncio Azul" 454
Figura 415 - Exemplar do jornal de 22 de agosto 455
Figura 416 - Severino Oliveira, preparando o jornal 455
Figura 417 - Maqueta e imagem dos trabalhos de pintura da empena 456
Figura 418 - Colocação da escultura de Silvestre Pestana 456
Figura 419 - Visita guiada por Eurico Gonçalves 457

Figura 420 - Países e participantes 458
Figura 421 - Visitantes durante a XII BIAC 458
Figura 422 - Alojamentos durante a XII BIAC 458
Figura 423 - Refeições servidas durante a Bienal 459
Figura 424 - Mapa dos locais de exposição 459
Figura 425 - Pormenores 460
Figura 426 - Capas dos Catálogos "Geral e Concurso" – designSA 465
Figura 427 - Vista da "Biblioteca" – 28.ª Bienal de São Paulo 467
Figura 428 - Pormenores das exposições no Pavilhão 1 e 2 – Fórum Cultural 471
Figura 429 - Aspetos da inauguração da exposição da ESAD-CR 474
Figura 430 - Aspetos da inauguração da exposição "Art y Naturaleza" 475
Figura 431 - Aspetos da inauguração da mostra da Universidade de Évora 475
Figura 432 - Aspetos da inauguração da exposição da ESAP 476
F**igura 433** - Aspetos da inauguração da exposição da FBAUP 477
Figura 434 - Aspetos da inauguração da exposição da ESAD 478
Figura 435 - Momentos da inauguração no Fórum Cultural 479
Figura 436 - Exposição da Escola Universitária das Artes de Coimbra 480
Figura 437 - Exposição coletiva da PNDC 481
Figura 438 - "Desenhar Discurso – Digressão sobre uma urbanidade disruptiva 482
Figura 439 - Mostra da Escola Superior Gallaecia 483
Figura 440 - Mostra da Faculdade de Belas Artes de Pontevedra 484
Figura 441 - Pormenor da exposição – Universidade Católica do Porto 485
Figura 442 - Pormenor da exposição – Linha Imaginária 486
Figura 443 - Pormenor da exposição de gravura 487
Figura 444 - Pormenor da exposição de Homenagem a António Cruz 488
Figura 445 - Pormenor da exposição de Homenagem a António Cruz 488
Figura 446 - Pormenores da exposição de Homenagem a António Bronze 490
Figura 447 - Pormenores do *atelier* 493
Figura 448 - Detalhes do *Atelier* nos jardins do Solar dos Castros 493
Figura 449 - Pormenores do *atelier* de gravura/litografia 494
Figura 450 - Pormenores do *atelier* – Claustro do Solar dos Castros 495
Figura 451 - Eurico Gonçalves – DADA-ZEN – Pintura Escrita 496
Figura 452 - Arq. Nuno Pereira da Silva e audiência 497
Figura 453 - Exemplo imagem de telemóvel 497
Figura 454 - Exemplo imagem no Displax 498
Figura 455 - Concerto multimédia 499
Figura 456 - Projeção e assistência 499
Figura 457 - Espetáculo VAX 12 audiovisuais – sessões 2005 500

Figura 458 - Detalhes da improvisação 501
Figura 459 - Canções de intervenção 502
Figura 460 - Rui Azul e Alex 503
Figura 461 - Vitorino D'Almeida 504
Figura 462 - Olga Prats 504
Figura 463 - Cartaz do evento Associação Moda Valença 505
Figura 464 - Eurico Gonçalves – pintando ao vivo – com assistência de público 506
Figura 465 - Pormenores da intervenção 507
Figura 466 - Painel de fundo para fotografias 508
Figura 467 - Intervenções – Grupo FBAUP 509
Figura 468 - *Outdoor* – Luís Monforte (Brasil) 510
Figura 469 - *Outdoor* – Liina Siib (Estónia) 510
Figura 470 - Aspetos do Congresso ARTECH – Fórum Cultural 511
Figura 471 - Eurico Gonçalves – Visita guiada Fórum Cultural 512
Figura 472 - Silvestre Pestana – Exposição FBAUP – Tui 512
Figura 473 - Países e participantes 513
Figura 474 - Número de visitantes nos vários espaço 513
Figura 475 - Alojamentos durante a XIII Bienal 514
Figura 476 - Número de refeições servidas 514
Figura 477 - Mapa de locais de exposição – Vila Nova de Cerveira 515
Figura 478 - Mapa de locais de exposição nos concelhos do Alto Minho e Galiza 515
Figura 479 - Flagrantes da XIII BIAC 516
Figura 480 - Símbolo e capas Catálogos Concurso e Geral 521
Figura 481 - Capa do Catálogo da exposição 525
Figura 482 - Inauguração Fórum Cultural 527
Figura 483 - Museu Municipal de Caminha 528
Figura 484 - Centro Cultural 529
Figura 485 - Casa Mata das Portas da Coroada 530
Figura 486 - Casa Museu de Monção 531
Figura 487 - Casa da Cultura de Melgaço 532
Figura 488 - Área Panorâmica 533
Figura 489 - Auditório Municipal de Goian – Tomiño 534
Figura 490 - O Júri de Premiação no espaço da Galeria Projecto 535
Figura 491 - Zadok Ben-David na inauguração e Ana Maria traduzindo 537
Figura 492 - "Black Field" – Grande Prémio Bienal de Cerveira 538
Figura 493 - L'Esprit des Lieux à Vila Nova de Cerveira 538
Figura 494 - Ribeira Negra – Museu dos Transportes – Porto 540

Figura 495 - Pormenores da exposição de homenagem a Júlio Resende 541
Figura 496 - Yoyo Maaeght e o Ministro dos Negócios Estrangeiros 542
Figura 497 - Detalhes da exposição da Fundação Maeght 543
Figura 498 - POEMAS DE "NINGUÉM" – PINTURAS DE JAIME ISIDORO 544
Figura 499 - Grupo Bifrost 545
Figura 500 - Um arco-íris de fitas coloridas foi colocado na árvore 545
Figura 501 - Pormenores do banco de homenagem a Maria Marcelina 546
Figura 502 - Alguns momentos do *atelier* 548
Figura 503 - Pormenores do *atelier* 549
Figura 504 - Pormenores do *atelier* 550
Figura 505 - Pormenores do *atelier* 551
Figura 506 - Pormenores do *atelier* 553
Figura 507 - Pormenores do debate 554
Figura 508 - Mesa Redonda "Arquitetura à Margem" – Fórum Cultural 556
Figura 509 - Arq. Sem Fronteiras 556
Figura 510 - Crimson Architectural Historians – Oogstkartworn 557
Figura 511 - Jan Korbes – Holanda 557
Figura 512 - Surf Coast – John Wardle Architects – Austrália 557
Figura 513 - Versoehungskirche Berlin – Martin Rauch – Áustria 558
Figura 514 - Arruda 2005 – Plano B – Portugal 558
Figura 515 - Mesa Redonda "Os *Ateliers* da Bienal de Cerveira" – Fórum Cultural 559
Figura 516 - Pormenor da mesa e assistência 560
Figura 517 - Delfim Santos 561
Figura 518 - Pormenores dos dois concertos 562
Figura 519 - Pormenor do concerto versão 01 do universo musical Zappiano 563
Figura 520 - Pormenores do concerto de piano e assistência 564
Figura 521 - Pormenores da intervenção 565
Figura 522 - Pormenores do concerto no Fórum Cultural 566
Figura 523 - Hugo Raro | Main Well | António Torres Pinto 567
Figura 524 - Pormenores do concerto 568
Figura 525 - Pormenores do concerto 569
Figura 526 - Pormenores do concerto 570
Figura 527 - Pormenores da *performance* multimédia 571
Figura 528 - Pormenores da exposição 572
Figura 529 - Pormenores da exposição 573
Figura 530 - Pormenores da exposição 574
Figura 531 - Pormenor da instalação "L'Esprit des Lieux ..." 575

Figura 532 - Pormenor da exposição 576
Figura 533 - Pormenores da exposição 577
Figura 534 - Pormenores da instalação 578
Figura 535 - Pormenores da instalação 579
Figura 536 - Alguns aspetos da Loja e Centro de acolhimento 580
Figura 537 - Os três *outdoors* digitais presentes na XIV BIAC 581
Figura 538 - *Outdoors* digitais 582
Figura 539 - Imagens dos plinto-posters espalhados por Vila Nova de Cerveira 583
Figura 540 - Pormenores da mostra What is What? 584
Figura 541 - Pormenores da presença da *VIARCO* na Bienal 585
Figura 542 - Pormenores da mostra de vídeos "Grafos e Matemas" 586
Figura 543 - Eurico Gonçalves e Silvestre Pestana –visitas guiadas 587
Figura 544 - Gráfico dos países representados na XIV BIAC 588
Figura 545 - Gráfico dos visitantes por locais 588
Figura 546 - Gráfico dos visitantes nacionais e estrangeiros 589
Figura 547 - Gráfico dos alojamentos durante a XIV BIAC 589
Figura 548 - Gráfico das refeições servidas em vários locais 589
Figura 549 - Mapa dos locais de exposição e intervenções – Vila Nova de Cerveira 590
Figura 550 - Mapa locais exposição outros municípios – Alto Minho e Galiza 591
Figura 551 - Alguns registos fotográficos desta BIAC 591
Figura 552 - Galeria Projecto 599
Figura 553 - *Workshop de Gravura/Litografia* 600
Figura 554 - Galeria Projecto 601
Figura 555 - Outra perspetiva da Galeria 601
Figura 556 - Da esquerda: Carlos Barreira, Manuel Patinha, Rui Anahory 603
Figura 557 - Alguns registos do Simpósio 604
Figura 558 - Pormenor da exposição na Casa do Brasão 605
Figura 559 - Catálogos 606
Figura 560 - Reunião com Arcadio Blasco e participantes 607
Figura 561 - Maquetas 608
Figura 562 - *Flyer* do Simpósio de Cerâmica 609
Figura 563 - Antigo Mercado do Peixe 610
Figura 564 - Antigo Mercado do Peixe 611
Figura 565 - Escultura – montagem 612
Figura 566 - "Ponte da Amizade" 613
Figura 567 - A equipa e convívio em Gondar 614
Figura 568 - Momentos da inauguração da exposição "Percurso Escultural" 615

Figura 569 - Cartaz para divulgação da exposição 616
Figura 570 - Quinta de Vargellas – Douro 618
Figura 571 - Desdobrável 619
Figura 572 - Desenho de Modelo 619
Figura 573 - Detalhes dos trabalhos 620
Figura 574 - *Workshop* de fotografia 621
Figura 575 - Cartaz 622
Figura 576 - Vista geral do espaço 623
Figura 577 - Visitas do Público 624
Figura 578 - Detalhes do *workshop* 625
Figura 579 - Cartaz promocional do evento 626
Figura 580 - Estudos de volumetria 627
Figura 581 - Jardim de Chagny, frente à Câmara Municipal 628
Figura 582 - As esculturas em resina no Jardim de Chagny 628
Figura 583 - "Em Cerveira as Vacas são Cervos" 629

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 98
Gráfico 2 122
Gráfico 3 142
Gráfico 4 162
Gráfico 5 182
Gráfico 6 196
Gráfico 7 230
Gráfico 8 268
Gráfico 9 269
Gráfico 10 269
Gráfico 11 269
Gráfico 12 314
Gráfico 13 314
Gráfico 14 315
Gráfico 15 315
Gráfico 16 365
Gráfico 17 365
Gráfico 18 366
Gráfico 19 366
Gráfico 20 411
Gráfico 21 412
Gráfico 22 412
Gráfico 23 413
Gráfico 24 458
Gráfico 25 458
Gráfico 26 458
Gráfico 27 459
Gráfico 28 513
Gráfico 29 513
Gráfico 30 514
Gráfico 31 514
Gráfico 32 588
Gráfico 33 588
Gráfico 34 589
Gráfico 35 589
Gráfico 36 589

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1 20
Quadro nº 2 29
Quadro nº 3 30
Quadro nº 4 82
Quadro nº 5 85
Quadro nº 6 97
Quadro nº 7 105
Quadro nº 8 106
Quadro nº 9 108
Quadro nº 10 113
Quadro nº 11 128
Quadro nº 12 130
Quadro nº 13 131
Quadro nº 14 133
Quadro nº 15 141
Quadro nº 16 150
Quadro nº 17 150
Quadro nº 18 151
Quadro nº 19 152
Quadro nº 20 157
Quadro nº 21 169
Quadro nº 22 173
Quadro nº 23 175
Quadro nº 24 179
Quadro nº 25 189
Quadro nº 26 191
Quadro nº 27 194
Quadro nº 28 215
Quadro nº 29 215
Quadro nº 30 216
Quadro nº 31 218
Quadro nº 32 218
Quadro nº 33 218
Quadro nº 34 219
Quadro nº 35 224
Quadro nº 36 250
Quadro nº 37 251

Quadro nº 38 255
Quadro nº 39 257
Quadro nº 40 258
Quadro nº 41 261
Quadro nº 42 279
Quadro nº 43 284
Quadro nº 44 286
Quadro nº 45 286
Quadro nº 46 286
Quadro nº 47 290
Quadro nº 48 331
Quadro nº 49 335
Quadro nº 50 335
Quadro nº 51 337
Quadro nº 52 344
Quadro nº 53 377
Quadro nº 54 378
Quadro nº 55 382
Quadro nº 56 385
Quadro nº 57 426
Quadro nº 58 426
Quadro nº 59 431
Quadro nº 60 435
Quadro nº 61 470
Quadro nº 62 472
Quadro nº 63 473
Quadro nº 64 492
Quadro nº 65 526
Quadro nº 66 526
Quadro nº 67 536
Quadro nº 68 547
Quadro nº 69 639